UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Andréa Regina Marques Chamon

"ENTÃO PARA MIM SE EXISTE O AMOR ELE É PARA MULHER BRANCA, ELE NÃO É PARA MIM NÃO": significados e práticas de amor para mulheres negras que viveram relacionamentos interraciais.

Belo Horizonte

2024

Andréa Regina Marques Chamon

"ENTÃO PARA MIM SE EXISTE O AMOR ELE É PARA MULHER BRANCA, ELE NÃO É PARA MIM NÃO": significados e práticas de amor para mulheres negras que viveram relacionamentos interraciais.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Psicologia de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Social Linha de Pesquisa: Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento.
Coorientadora: Prof.ª Drª. Ana Cláudia Lemos Pacheco

Belo Horizonte
2024

Ficha Catalográfica

150
C488e
2024

Chamon, Andréa Regina Marques.

"Então para mim se existe o amor ele é para mulher branca, ele não é para mim não" [manuscrito] : significados e práticas de amor para mulheres negras que viveram relacionamentos interraciais. / Andréa Regina Marques Chamon. - 2024.

368 f. : il.

Orientador: Adriano Roberto Afonso do Nascimento.
Coorientadora: Ana Cláudia Lemos Pacheco.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Psicologia – Teses. 2. Interseccionalidade (Sociologia) - Teses. 3 Negras – Teses. 4. Amor - Teses. I. Nascimento, Adriano Roberto Afonso do. II. Pacheco, Ana Cláudia Lemos. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

Folha de Aprovação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TESE DE ANDRÉA REGINA MARQUES CHAMON

Realizou-se, no dia 27 de junho de 2024, às 14:00 horas, google meet, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *"ENTÃO PARA MIM SE EXISTE O AMOR ELE É PARA MULHER BRANCA, ELE NÃO É PARA MIM NÃO": significados e práticas de amor para mulheres negras que viveram relacionamentos interraciais.*, apresentada por ANDRÉA REGINA MARQUES CHAMON, número de registro 2018650895, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Adriano Roberto Afonso do Nascimento - Orientador (UFMG), Prof(a). Jaíza Pollyanna Dias da Cruz Rocha (PUC/MG), Prof(a). Larissa Amorim Borges (UFMG), Prof(a). Maria Conceição Costa (ANPSINEP), Prof(a). Sara Angélica Teixeira da Cruz Silva (Fundação Hospital Santa Terezinha).

A Comissão considerou a tese:

(x) Aprovada

( ) Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Documento assinado eletronicamente por **Adriano Roberto Afonso do Nascimento**, **Coordenador(a)**, em 05/07/2024, às 13:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Jaíza Pollyanna Dias da Cruz Rocha**, **Usuária Externa**, em 05/07/2024, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Larissa Amorim Borges**, **Usuária Externa**, em 09/07/2024, às 08:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Sara Angélica Teixeira da Cruz Silva**, **Usuária Externa**, em 09/07/2024, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Conceição Costa**, **Usuário Externo**, em 17/07/2024, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Dedicatória

Eu dedico esta tese à todas as minhas ancestrais que foram privadas de vivenciarem o amor e que sofreram e ainda sofrem as consequências do colonialismo.
De maneira especial dedico com todo o amor e gratidão à minha vó Florentina da Conceição Carneiro (in memoriam) e à minha mãe Alexandrina Regina Marques.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço com todo o meu amor à *Carolina de Jesus; Lélia Gonzales; Conceição Evaristo; Izildinha Baptista; Maria Firmina dos Reis; Maria Beatriz do Nascimento; Sueli Carneiro e Cidinha da Silva.* Por serem mulheres negras e partilharem suas histórias de amor com todas nós.

Às intelectuais negras e indígenas subversivas que desafiam a academia eurocêntrica e produzem conhecimento a partir de suas próprias vivências e que nos ensinam que podemos ocupar os espaços sem perdermos nossas identidades.

Ao meu orientador Adriano Roberto Afonso do Nascimento, por me permitir assumir, juntamente com minhas coirmãs o protagonismo desta escrita, me sinto honrada em poder caminhar contigo ao longo dos seis anos de muito trabalho.

À minha coorientadora Ana Cláudia Lemos Pacheco, primeiramente por sua coragem em nos lançar nas discussões sobre mulheres negras, solidão e afeto e por ter me chamado para um café na lanchonete da FAFICH e posteriormente ter topado segurar minha mão com afeto neste processo.

Às professoras Mariana Bonomo e Lisandra Moreira por suas contribuições ainda no processo de qualificação, quando esta tese ainda era apenas uma ideia.

Às professoras Sara Angélica da Cruz Silva; Jaíza Pollyanna Dias da Cruz; Larissa Amorim Borges e Maria Conceição Costa por aceitarem o convite para composição da banca de defesa e por desbravarem a academia branca eurocêntrica preparando o terreno para outras mulheres subversivas como eu.

Ao amigo e colega de núcleo de pesquisa Pablo Ferreira Bastos pelas discussões calorosas no período de estudos nas disciplinas obrigatórias e pelo afeto disponível nos momentos em que quase desisti.

Aos participantes do Grupo de Pesquisa Memórias, Representações e Práticas Sociais, pelo acolhimento, apoio e experiências compartilhados.

À minha filha Cecília Regina Marques Reis e ao meu companheiro Daniel Augusto Fonseca Chamon, por me fortalecerem com o cantinho para chamar de lar e a família que nós formamos com nossos gatinhos Salem T'chala e Agatha.

Às mulheres negras da minha família em especialmente minha mãe Alexandrina Regina Marques e minha irmã Andressa Regina Marques que me amam do jeito que sou.

Agradeço também à minha mãe Nádia Chamon que a vida me presenteou e que com toda a certeza do mundo ficou muito feliz com minha conquista.

Ao meu trabalho de docência que mesmo sendo um desafio, muitas vezes carregado de dor, me faz querer seguir no propósito de contribuir com uma academia antirracista, feminista negra e decolonial.

À minha amiga e Vice presidenta do Conselho Federal de Psicologia Ivani Oliveira e meu amigo Cláudio Brites por me oferecerem muito amor desde minha chegada na cidade de São Paulo para ser docente pelos copos cheios, pelas praias, risadas e muitas e longas conversas de Whatsapp.

À minha amiga e mãe Maria José por suas bençãos e por suas palavras que sempre me confortaram.

À CAPES, pela concessão de bolsa de doutorado, que viabilizou o apoio financeiro para realização desta pesquisa.

Aos amores que conheci, aos que vivi e aos que não vivi.

Às minhas mães Nanã Saluba – minha mãe e Iemanjá Odoya – minha mãe por serem minhas Oris.

Mulheres Negras

Enquanto o couro do chicote cortava a carne
A dor metabolizada fortificava o caráter
A colônia produziu muito mais que cativos
Fez heroínas que pra não gerar escravos, matavam os filhos
Não fomos vencidas pela anulação social
Sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial
O sistema pode até me transformar em empregada
Mas não pode me fazer raciocinar como criada
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo
As negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo
Lutam pra reverter o processo de aniquilação
Que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão
Não existe lei maria da penha que nos proteja
Da violência de nos submeter aos cargos de limpeza
De ler nos banheiros das faculdades hitleristas
Fora macacos cotistas
Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão
Mas na lei dos justos sou a personificação da determinação
Navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador
Falharam na missão de me dar complexo de inferior
Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu
Meu lugar não é nos calvários do Brasil
Se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do morro
É porque a lei áurea não passa de um texto morto
Não precisa se esconder, segurança
Sei que cê tá me seguindo, pela minha feição, a minha trança
Sei que no seu curso de protetor de dono praia
Ensinaram que as negras saem do mercado com produtos embaixo da saia
Não quero um pote de manteiga ou de xampu
Quero frear o maquinário que me dá rodo e uru
Fazer o meu povo entender que é inadmissível
Se contentar com as bolsas estudantis do péssimo ensino
Cansei de ver a minha gente nas estatísticas
Das mães solteiras, detentas, diaristas
O aço das novas correntes não aprisiona minha mente
Não me compra e não me faz mostrar os dentes
Mulher negra não se acostume com termo depreciativo
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino
Nossos traços faciais são como letras de um documento
Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos
Fique de pé pelos que no mar foram jogados
Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados
Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria
É atrair gringo turista interpretando mulata
Podem pagar menos pelos mesmos serviços

Atacar nossas religiões, acusar de feitiços
Menosprezar a nossa contribuição para a cultura brasileira
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra
Mulheres negras são como mantas kevlar
Preparadas pela vida para suportar
O racismo, os tiros, o eurocentrismo
Abalam mais não deixam nossos neurônios cativos

Canção de Yzalú

do álbum Minha Bossa É Treta

Resumo

Chamon, A. R. M. (2024). *"ENTÃO PARA MIM SE EXISTE O AMOR ELE É PARA MULHER BRANCA, ELE NÃO É PARA MIM NÃO":* significados e práticas de amor para mulheres negras que viveram relacionamentos interraciais. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil.

Seguindo o que é pautado e defendido pelas intelectuais negras que se posicionam em suas produções acadêmicas, literárias, artísticas, assim como Akotirene (2019) me posiciono do mesmo lugar, da Afrodiáspora Latino-Americana propondo o uso da interseccionalidade como instrumentalidade conceitual de raça, classe, gênero, sexualidade, nação e outras categorias, com o olhar analítico e interpretativo sobre os efeitos identitários e atenção para a matriz colonial, com intuito de evitar desvios analíticos que priorizem apenas um eixo de subordinação. Por isso, a alternância da escrita em primeira pessoa e terceira pessoa no percurso deste texto. Em alguns momentos venho e me apresento enquanto a intelectual negra que propôs este trabalho, em outros momentos estarei juntamente com todas(os) autoras(os), que aqui se fazem presentes, mas haverá também o momento em que o nós seremos nós, as mulheres negras e nossas narrativas. Esta tese explora as concepções de amor de mulheres negras, examinando suas interseções com raça, gênero, classe e sexualidade. Considerando os saberes socialmente construídos e compartilhados pelas (os) sujeitas (os) e a "encruzilhada" de marcadores sociais interpostos, na qual a mulher negra encontra-se centralizada, pretendeu-se identificar e analisar os significados e as práticas de amor para mulheres negras que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo-sexual com homens e/ou mulheres brancas. Especificamente buscou-se retomar e discutir a noção de amor enquanto uma construção histórica, social e psicossocial a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas; compreender como gênero, raça, classe, afetividade e sexualidade impactam as noções de amor dessas mulheres. As narrativas coletadas destacam uma realidade já apresentada na revisão da literatura: o amor romântico, enquanto ideal amplamente celebrado, muitas vezes se revela inacessível ou distorcido quando filtrado pelas lentes de raça e gênero, o que fica explicito é que ao se tratar das mulheres negras, na maioria das vezes restará o celibato compulsório, a dedicação quase que exclusiva ao amor materno/fraterno, a dificuldade em se manterem em relacionamentos formais, o abandono do genitor de seus filhos, a violência perpetrada pelos próprios companheiros. Foi possível também identificar a importância do letramento racial, de gênero de classe para as mulheres negras que narraram suas histórias, inclusive para desenvolverem estratégias para o enfrentamento do racismo na vida cotidiana, inclusive nas situações que se apresentam dentro das suas relações familiares em suas próprias casas, no espaço educacional, no trabalho. Na perspectiva das nossas interlocutoras, o amor foi apresentado principalmente enquanto amor romântico, amor cuidado, amor construído e amor como ato político.

Palavras Chaves: mulheres negras; amor; afetividade; interseccionalidade; feminismo negro; racismo; raça; gênero; classe; sexualidade

Abstract

Chamon, A. R. M. (2024). “SO FOR ME, IF THERE IS LOVE, IT IS FOR WHITE WOMEN, IT IS NOT FOR ME”: Meanings and Practices of Love for Black Women Who Experienced Interracial Relationships. Doctoral Thesis. Postgraduate Program in Psychology. Faculty of Philosophy and Human Sciences. Federal University of Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brazil.

In line with what is guided and defender by black women intellectuals who express themselves through their academic, literary, and artistic works, such as Akotirene (2019), I align myself with the Latin American Afrodiaspora. I advocate for the adoption of intersectionality as a conceptual tool that considers race, class, gender, sexuality, nation, and other categories. This approach provides an analytical and interpretative lens to examine the impacts on identity and highlights the colonial framework. The objective is to prevent analytical biases that focus solely on one aspect of oppression. Hence, this text will interchange between first-person and third-person narratives. I sometimes present myself as the black intellectual who initiated this work, while at other times, I include myself among all the authors present here. There will be instances where we collectively are represented as black women sharing our narratives. This thesis delves into the perspectives of black women regarding love, exploring its intersections with race, gender, class, and sexuality. By considering the socially constructed knowledge shared by individuals and the complexities of intersecting social identities where black women are positioned at the center, the aim was to uncover and scrutinize the meanings and practices of love among black women who have been in or are currently in intimate relationships with white partners. Specifically, this research sought to reassess and discuss the concept of love as a historical, social, and psychosocial construct from the viewpoints of the women interviewed. It aimed to examine how gender, race, class, affectivity, and sexuality influence the perceptions of love among these women. The narratives collected shed light on a reality already acknowledged in the existing literature: the portrayal of romantic love as an ideal often proves to be unattainable or distorted when viewed through the lenses of race and gender. It becomes evident that for black women, experiences often involve obligatory celibacy, a predominant focus on parental love, challenges in sustaining formal relationships, abandonment by their partners, and experiencing violence within such relationships. Furthermore, the significance of racial and class gender awareness was evident among the black women sharing their stories. This awareness empowered them to devise strategies to combat racism in their daily lives, including addressing instances within family dynamics, households, educational environments, and workplaces. According to our participants, love manifested mainly as romantic affection, nurturing care, constructed emotions, and as a form of political engagement.

Keywords: black women; love; affectivity; intersectionality; black feminism; racism; race; gender; class; sexuality.

Resumen

Chamon, A. R. M. (2024). “ENTONCES PARA MÍ, SI EXISTE EL AMOR, ES PARA LAS MUJERES BLANCAS, NO ES PARA MÍ”: Significados y Prácticas del Amor para Mujeres Negras que Experimentaron Relaciones Interraciales. Tesis Doctoral. Programa de Posgrado en Psicología. Facultad de Filosofía y Ciencias Humanas. Universidad Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil.

Siguiendo la orientación y la defensa de intelectuales negras en sus producciones académicas, literarias y artísticas, al igual que Akotirene (2019), me posiciono desde la misma perspectiva, desde la afrodiáspora latinoamericana, proponiendo el uso de la interseccionalidad como herramienta conceptual. Esta abarca raza, clase, género, sexualidad, nación y otras categorías, con una mirada analítica e interpretativa sobre los efectos identitarios y con atención a la matriz colonial. El objetivo es evitar desviaciones analíticas que prioricen un solo eje de subordinación. Por ello, a lo largo de este texto, alterno la escritura en primera y tercera persona. or momentos, me presento como la intelectual negra que propuso este trabajo; en otros, estaré junto a todos los autores aquí presentes. Sin embargo, también habrá momentos en los que seremos nosotras, las mujeres negras, y nuestras narrativas. Esta tesis explora las concepciones del amor de las mujeres negras, examinando sus intersecciones con la raza, el género, la clase y la sexualidad. Considerando los conocimientos socialmente construidos y compartidos por los sujetos y el "cruce" de marcadores sociales interpuestos, en los que la mujer negra está centralizada, el objetivo fue identificar y analizar los significados y prácticas de amor para las mujeres negras que están o han estado en una relación afectivo-sexual con hombres y/o mujeres blancas. Específicamente, buscamos revisitar y discutir la noción de amor como construcción histórica, social y psicosocial desde la perspectiva de las mujeres entrevistadas; comprender cómo el género, la raza, la clase, la afectividad y la sexualidad impactan las nociones de amor de estas mujeres. Las narrativas recopiladas resaltan una realidad ya presentada en la revisión de la literatura: el amor romántico, como ideal ampliamente celebrado, a menudo se revela inaccesible o distorsionado cuando se filtra a través de los lentes de la raza y el género. Queda claro que, para las mujeres negras, la mayor parte del tiempo habrá celibato obligatorio, dedicación casi exclusiva al amor maternal/fraterno, dificultad para mantener relaciones formales, abandono por parte de los padres de sus hijos y violencia perpetrada por sus propias parejas. También fue posible identificar la importancia de la alfabetización de género, racial y de clase para las mujeres negras que narraron sus historias, incluso para desarrollar estrategias para enfrentar el racismo en la vida cotidiana, ya sea en situaciones que surgen dentro de sus relaciones familiares, en sus propios hogares, en el espacio educativo o en el trabajo. Desde la perspectiva de nuestras interlocutoras, el amor se presentó principalmente como amor romántico, amor solidario, amor construido y amor como acto político.

Palabras Clave: mujeres negras; amor; afectividad; interseccionalidad; feminismo negro; racismo; raza; género; clase; sexualidad.

Lista de Ilustrações

Figura – 1 Carolina de Jesus 104

Figura – 2 Lélia Gonzales 133

Figura – 3 Conceição Evaristo 155

Figura – 4 Izildinha Baptista Nogueira 172

Figura – 5 Maria Firmina dos Reis 199

Figura – 6 Maria Beatriz do Nascimento 235

Figura – 7 Sueli Carneiro 262

Figura – 8 Cidinha da Silva 300

Lista de tabelas

Dados Sociodemográficos 99

Lista de Abreviaturas e Siglas

DER – Departamento de Estradas de Rodagem

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e mais

PPGPsi – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TRS – Teoria das Representações Sociais

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

Sumário

APRESENTAÇÃO: SOU EU, DE ONDE EU VENHO, EU NÃO CAMINHO SÓ 17
INTRODUÇÃO 25
1 MAS AFINAL, O QUE É O AMOR? 38
1.1 Construindo a ideia de amor romântico 40
1.2 Os amores 48
2 O FEMINISMO NEGRO INTERSECCIONAL E SUA PRÁXIS. 59
3 SOBRE O RACISMO 68
3.1 Mestiçagem e identidade negra 73
4 CAMINHOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS 81
4.1 Entrevistas narrativas 88
4.2 Sobre o uso das entrevistas online 92
5 NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, AMORES E RESISTÊNCIAS 98
5.1 *Carolina Maria de Jesus*: de "onde" eu vim: raça/ pertencimento/identidade 101
5.1.1 A inserção tardia no "mercado afetivo" 107
5.1.2 Mas e o amor... O que é? 113
5.1.3 Os relacionamentos interraciais e cenas de racismos 119
5.2 *Lélia Gonzáles*: meu primeiro amor: "eu não tenho uma vida amorosa de sucesso 131
5.2.1 "Eu acho que não estava pronta para meu primeiro amor" 140
5.2.2 A cor, o gênero, a classe do meu amor 142
5.3 *Conceição Evaristo*: me reconhecendo enquanto mulher negra 153
5.3.1 Meus relacionamentos: "o começo das minhas relações amorosas foram todos meio fracassadas" 158
5.3.2 O amor é cuidado: acho que eu chamaria muito de cuidado. 164
5.4 *Izildinha Baptista Nogueira*: sua origem e a origem do seu amor 170
5.4.1 Izildinha e seu par branco 179
5.4.2 Izildinha e seus outros "amores" 188
5.4.3 "O meu ideal de amor.... é a minha menina." 192
5.5 *Maria Firmina dos Reis*: "Aí que mais sobre mim? 197
5.5.1 Compromisso: o amor e o seu casamento 204
5.5.2 Não, ele não foi meu primeiro namorado 214
5.5.3 O amor é construção? E a tal da palmitagem 220
5.6 "Ah então tá bom então, é, acho que eu vou começar mesmo assim: que meu nome é" *Maria Beatriz do Nascimento.* 233
5.6.1 "Então, o que acontece, não é nem um namoro, não é nem um casamento": Maria Beatriz e os relacionamentos. 237

5.6.2 “Às vezes quando eu falo que eu quero ser tratada como uma mulher branca, não é que eu quero ser uma mulher branca, mas é que eu quero ter os mesmos direitos que uma mulher branca tem”: Maria Beatriz e o amor. 247
5.7 "Raízes de Resistência: A História de Sueli Carneiro, Entre Quilombos e Favelas" 259
5.7.1 Amor em Trânsito: relacionamentos, migração e a busca por pertencimento na narrativa de Sueli 266
5.7.2 O amor para Sueli: sua cor, sua classe, seu gênero. 287
5.8 "Amores Ocultos: A Luta de Cidinha da Silva por Reconhecimento e Visibilidade" 297
6 O AMOR E SUAS ENCRUZILHADAS 317
6.1 Pai preto, mãe preta; mãe branca, pai negro; mãe negra, pai branco. 318
6.2 Mãe negra, pai branco. 324
6.3 No final das contas: todo amar é amor, todo amor é amar 325
6.4 Amor romântico 327
6.5 Amor como ato político 330
6.6 Amor como cuidado 331
6.7 Os relacionamentos 334
7 CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SE PROPÕEM SEREM FINAIS 347
REFERÊNCIAS 353
ANEXO A 360
ANEXO B 363
ANEXO C 364

APRESENTAÇÃO: SOU EU, DE ONDE EU VENHO, EU NÃO CAMINHO SÓ

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico,
as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho
sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as
realidades pessoais e sociais - não através da retórica,
mas com sangue, pus e suor.

(Glória Anzaldúa, 2000, p. 235).

Ao finalizar a defesa da minha dissertação, em abril de 2017, saí da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde minha permanência como pesquisadora havia durado dois anos, com duas certezas. A primeira e a melhor delas era a de que eu havia finalmente me tornado Mestra em Psicologia em "uma das melhores universidades públicas deste país". A segunda era a de que eu retornaria para aquele mesmo lugar, por um período maior para realizar o Doutorado em Psicologia, dando continuidade à pesquisa que desenvolvi. Eu não tinha dúvidas de que daria sequência à minha pesquisa sobre as "mulatas" de Di Cavalcanti e que, portanto, já teria meio caminho andado. Mal sabia eu que muitas coisas ainda estavam por vir.

Meu retorno para a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se deu no ano de 2018 e inicialmente mantive a ideia de prosseguir com meu tema de pesquisa do mestrado, uma vez que havia bastante material que poderia ser analisado a partir de outra perspectiva. Mas o percurso não seguiu como eu imaginava. Para ser verdadeira, fico muito feliz por ter tido tempo e principalmente espaço e incentivo, que me foi proporcionado nos momentos de orientação, para direcionar minhas energias para outro lugar, o que me impulsionou a mudança de tema.

O processo seletivo do qual fiz parte foi o primeiro em que o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG (PPGPsi/UFMG) adotou o sistema de cotas para pessoas negras, indígenas e com deficiência. Participar desta primeira turma de ingressantes pelo sistema de cotas, estabelecido pela Resolução 02/2017, de 04 de abril de 2017 (UFMG, 2017), foi de extrema relevância não apenas para minha entrada, mas também para minha permanência.

O perfil das e dos discentes ingressantes no PPGPsi/UFMG começou a se modificar. Agora fazem parte do programa pessoas negras pobres que dependem da bolsa de pesquisa,

única fonte de renda para sobreviver, e trabalhadoras e trabalhadores que precisam conciliar o trabalho para seu sustento com as aulas e outras atividades acadêmicas. Eu faço parte desse processo em que se reconhece a necessidade de reparação histórica à população afrodescendente brasileira e isso tem desdobramentos importantes, inclusive na pesquisa que estou propondo e realizando. De acordo com Djamila Ribeiro (2017), esse processo é urgente:

> Mulheres negras, por exemplo, possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores – materialidade – e, sendo assim, nada mais ético do que pensar em saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições. Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (p. 43)

Nesse sentido, não tenho como deixar de referenciar um dos autores que me ajudaram e ainda ajudam a entender os mecanismos que mantêm instituições que deveriam assumir uma postura antirracista e de inclusão, mas que, na maioria das vezes, só assumem isso no discurso. Trata-se do professor Silvio Almeida (2018), que, por meio de seu conceito de *racismo estrutural,* nos ensina que o racismo penetra todas as relações e interações sociais e que a branquitude[1] goza de seus privilégios advindos desta estrutura que coloca a população negra sempre em desvantagem. Além disso, enfatiza o quanto o racismo possui elementos de normalização advindos do processo de dominação e controle, configurando uma necropolítica[2].

> Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele, que fazem alguém negro. A cor da pele ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas. (Silvio Almeida 2018, p.62)

---

[1] "As pesquisas e os artigos de Maria Aparecida da Silva Bento e Edith Piza abriram novas cartas de navegação para os estudos de branquitude no Brasil – um continente a ser explorado e conhecido por aqueles que reconhecem a importância política de se focalizar cientificamente o preconceito e a discriminação raciais nas relações sociais" (Iray Carone, 2014, p. 22).

[2] "Pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder" (Achille Mbembe, 2018, p. 5).

Dessa forma, por entender que ter o meu corpo negro presente nesta instituição pública de ensino superior não seria o suficiente para que eu me sentisse em um processo que, além de formação acadêmica, também reverberasse como um ato político em defesa não só do meu próprio corpo negro, mas também de todos os corpos negros que já passaram por ali e outros que ainda estão por vir, decidi que esta pesquisa, apresentada na escrita desta tese, deveria transmitir minha experiência como pesquisadora negra, a partir dos desafios e desvantagens a mim impostos e das potencialidades de minha trajetória discente. Portanto, escolhi assumir um *locus* que possa imprimir em minha história de vida e na de cada pessoa que, de alguma forma, contribuiu para que eu alcançasse a coragem necessária para seguir em frente, a esperança de que um dia as estruturas não serão mais como são e a ocupação de espaços públicos, como uma universidade, por muitos corpos pretos será a regra e não mais a exceção.

Enquanto isso não se faz realidade, avanço na direção oposta do que muitas vezes é tido como regra. Esperavam de mim o mesmo que a maioria das mulheres negras afrodescendentes brasileiras são forçadas a exercer: a vida subalterna do trabalho doméstico, que apesar de hoje ter alcançado um status de trabalho formal e, portanto, com alguns direitos garantidos, não deixou de ser o mesmo trabalho desenvolvido por minhas ancestrais nas casas grandes. O trabalho doméstico ganhou roupagem nova para manter mulheres negras nos mesmos lugares que lhes foram reservados desde o período da escravização (Ângela Davis, 2016). E foi por ver a história se repetindo em minha família que decidi que o conhecimento seria minha arma e que esta arma seria empunhada com muita força e resistência.

Minha vida foi marcada por uma frase que ecoava muito e que era refletida em minhas escolhas: “A universidade não foi feita para você, termine o ensino médio e arranje um trabalho de caixa que já está bom ou trabalhe com faxina, que é um trabalho digno!”. Mas fui teimosa e, embora tenha entrado na universidade tardiamente em comparação com outras pessoas, isso não se tornou um impeditivo para que eu sonhasse com outro trabalho. Eu tinha certeza de que queria ser professora no ensino superior, queria pesquisar, queria escrever e fazer tudo aquilo que um dia disseram que não era para mim. Cá estou eu.

Já na academia, escutava outras afirmações: “As pesquisas de pessoas negras são pesquisas identitárias” (*Mas o que não é identitário?* Eu me perguntava.); “Não tem como conciliar vida social e a academia”; “O que você faz não é pesquisa acadêmica”; “Isso não é pesquisa de Psicologia Social”. Enfim, eram muitas as questões a serem enfrentadas e desmanteladas. A única certeza que eu tinha era a de questionar a norma de como as pesquisas devem ser realizadas: por quem devem ser realizadas, os temas que precisam ser privilegiados e, principalmente, a impossibilidade de ocupar não só o lugar do *objeto* de estudo, mas ser

também a pesquisadora deste *objeto.* A grande questão é que "mulheres negras que se dedicam a reivindicar e construir conhecimentos sobre mulheres negras costumam chamar a atenção para a política de supressão que seus projetos enfrentam" (Patricia Hill Collins, 2019, p.32).

Não estou, de maneira alguma, estabelecendo que mulheres negras só podem escrever sobre vidas e trajetórias de outras mulheres negras. Muito pelo contrário. Somos múltiplas, diversas e temos condições de produzir conhecimentos sobre inúmeros temas. No entanto, quando uma de nós se coloca neste lugar de pesquisar temas que, de alguma forma, também falam sobre nós, ela enfrenta questionamentos em relação à escolha de seu *objeto de pesquisa*. Esse tipo de questionamento, por outro lado, não chega às pessoas brancas que decidem dissertar sobre qualquer tema que, de alguma forma, perpassa por sua trajetória de vida. Inclusive a palavra *objeto* não me parece a mais adequada para ser utilizada em minha pesquisa, por isso ela está em itálico e certamente mudará ao longo desse processo.

Os corpos das mulheres negras sempre foram tratados como *objetos.* Tratadas, retratadas e objetificadas como um pedaço de carne (Andréa Regina Marques Chamon, 2017). Conforme a canção, "a carne mais barata do mercado" (Marcelo Yuka, Seu Jorge & Wilson Cappellette, 1998), para ser consumida e descartada como um *objeto* sem nenhum valor. Nós, mulheres negras intelectuais afrodescendentes, sejam as estadunidenses como pontua Patricia Hill Collins (2019), ou as brasileiras, ocupamos um lugar de dialética no qual estão colocadas duas questões: a vivência da opressão e a potência do nosso ativismo. Nossos corpos e nossas ideias estão e são localizados nessa encruzilhada que nos leva à resistência.

Isso não é de agora. Nossas histórias começaram a ser desenhadas, escritas e contadas no momento que nossos ancestrais foram raptadas, retiradas de suas terras e levadas a um outro lugar que não lhes pertencia. Essas mulheres tiveram todos os seus direitos retirados, dentre tantos, o mais importante: a humanidade. Mulheres negras escravizadas que ocupavam o lugar de *objeto* manipulado, violado, mutilado pelo homem branco, mão de obra barata que ainda servia de *objeto* sexual (Ângela Davis, 2016).

As trajetórias das mulheres negras escravizadas no Brasil me trouxeram até aqui. Fui lançada neste espaço em que não encontro muitas iguais a mim, pois ainda somos poucas a tencionar a relação dialética entre opressão e ativismo dentro das universidades. Vejo poucas dessas mulheres na Psicologia, mas elas se tornaram referências também para mim. Dentre as pessoas que assumiram os lugares de docência, não tive nenhum encontro com uma das minhas iguais. Muitas vezes era extremamente violento para mim o fato de sempre ver uma pessoa branca no lugar do poder que o conhecimento dá. Eram sempre os mesmos sujeitos privilegiados. Às vezes, o sonho de que um dia eu também estaria ali na frente falando para

discentes me deslocava da sala de aula e isso tornava esse espaço um pouco mais confortável. Mas neste caminho encontrei pessoas que também lançaram mão de lugares de privilégio para me possibilitar continuar.

Lembro que na minha defesa de mestrado, recebi algumas sugestões de uma das professoras da banca que me fizeram refletir muito. Talvez, aquele momento tenha sido um dos que me convocaram a construir uma proposta bem diferente para a pesquisa de doutorado. A professora destacou a importância do meu texto de apresentação e a forma como eu, Andréa, uma mulher negra, me colocava no texto, mas que isso não aparecia de maneira tão explícita no restante da escrita. Algo que, sem dúvidas, não conseguimos fazer de forma segura em qualquer momento de nossas vidas ou de nossas trajetórias acadêmicas, mas que espero construir neste trabalho de doutorado.

A oportunidade conquistada por mim foi incentivada, tanto no mestrado como no doutorado, o que facilitou o meu caminho das pedras. A orientação fez toda a diferença para mim. Estabeleci verdadeiramente uma parceria com meu orientador, que abriu o espaço que eu precisava para seguir com minha ideia fixa de ser professora e pesquisadora. Hoje sou uma intelectual negra que deixou de ser *objeto* e passou a ser parceira das outras mulheres negras na produção de conhecimento localizado, conhecimento que perpassa também por nossas próprias experiências (Djamila Ribeiro, 2017; Carla Akotirene, 2019; Grada Kilomba, 2019). Nós viemos das bordas, das periferias, e estamos nos aproximando cada vez mais do centro para provocar transformações. Conforme bell hooks (2019),

> Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de "erguer a voz", não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito –a voz liberta. (p. 38-39)

Escrevendo vejo o quanto foi difícil chegar até aqui. Me refiro à dificuldade que tenho com o ato de escrever, a maneira como me sinto ao trazer para o papel os meus pensamentos, meus conhecimentos, minha história de vida, minha própria experiência como mulher negra. Ao fazê-lo, tive em mim mesma uma sensação que muitas mulheres negras, como eu, também possuem: a certeza de que sou uma impostora. Eu não escrevo e nem penso o mundo da mesma maneira que as pessoas *brancas* que dominam a arte da escrita acadêmica. Eu não tive acesso às ferramentas necessárias na infância, na adolescência e nem na vida adulta para isso. Ao

contrário, o meu percurso foi marcado pela falta. Hoje entendo que minha dificuldade em escrever de forma *culta* não tem a ver com o fato de eu não saber escrever, mas sim com as exigências da escrita *branca* que arrancaram das minhas ancestrais o direito de existir. Enquanto as pessoas acessavam o material necessário para desenvolver a habilidade de escrita, eu tinha que trabalhar para não morrer de fome. Escrever não era prioridade, o mais importante era ter o que comer para manter-me viva. Deu certo, pois cá estou, hoje com a certeza de que "o perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão" (Gloria Evangelina Anzaldúa, 2000, p. 233).

Agora que já rompi o silêncio, posso dizer sobre o meu tema e como se deu sua escolha. As questões referentes ao afeto sempre me interessaram de alguma forma, sempre quis entender melhor sobre a maneira como nos aproximamos e nos afetamos por alguém, nos enamoramos. Porém, nunca me imaginei pesquisando sobre afeto, amor. Talvez porque sempre tive dúvidas se eu realmente já havia experienciado, de maneira verdadeira, tais sentimentos.

Em março de 2018 acontecia na Praça de Serviços da UFMG a feira de livros e lá estava eu, procurando alguns que me ajudassem com meu projeto de pesquisa de Doutorado, sendo que até aquele momento eu estava certa de que continuaria a pesquisar sobre racismo nas obras de arte de Di Cavalcanti e havia decidido que trabalharia com a TRS (Serge Moscovici, 2012; Denise Jodelet, 2015). Encontrei alguns livros interessantes, que haviam sido indicados por um professor da Escola de Belas Artes, com quem eu estava fazendo uma disciplina, e comprei outros livros. Dentre todos, um me chamou muito a atenção: *A cor do amor: características raciais, estigmas e socialização em famílias negras brasileiras,* de Elizabeth Hordge-Freeman (2018).

O semestre continuou, apresentei meu esboço de projeto na disciplina na Escola de Belas Artes e recebi boas críticas. Mas de alguma forma as coisas que eu falava enquanto apresentava o projeto não faziam mais sentido, era como se eu não conhecesse nada do que estava sendo exposto ali. Todavia, segui com aquele esboço, comecei a ler o livro sobre *a cor do amor* e fiquei realmente tomada pelas discussões apresentadas pela autora. O tempo foi passando e cada vez que eu falava do meu projeto, ele fazia menos sentido para mim. Finalizei todas as disciplinas naquele ano com a certeza de que queria mudar o tema da pesquisa, mas ainda não fazia ideia sobre qual seria a minha escolha.

Em março de 2019 encontrei outro livro que seria decisivo para que eu pudesse definitivamente pensar na mudança do tema da pesquisa e, mais ainda, algumas ideias começaram a surgir. Tratou-se do livro da autora Lia Vainer Schucman, intitulado *Famílias*

inter-raciais: tensões entre amor e cor (2018). A leitura foi rápida e eu havia decidido que queria pesquisar sobre amor inter-racial. Ainda não tinha nada concreto sobre o tema, mas era isso: eu queria pesquisar sobre o amor estabelecido ou vivenciado por casais inter-raciais.

Agora vinha a tarefa que eu considerava mais complexa, levar a ideia para o meu orientador e tentar manter a decisão. Eu sabia que não seria uma tarefa fácil, mas quem foi que disse que pesquisar é? Durante a conversa, falei sobre minha decisão de mudar de tema e que gostaria muito de pesquisar sobre amor em relacionamentos inter-raciais. Eu congelei por alguns segundos, quando fui questionada se o fato de eu querer trabalhar com este tema não seria uma tentativa de responder algo relacionado a minha própria experiência, uma vez que eu vivo um relacionamento inter-racial. Mas, de certa forma, eu já estava preparada para este questionamento. Havia levado o livro da Lia Schucman (2018) e na mesma hora o tirei da mochila e o coloquei sobre a mesa. A autora do livro mencionado é uma mulher branca que vive um relacionamento inter-racial com um homem negro. Minha argumentação foi a seguinte: se uma mulher branca em um relacionamento inter-racial pode falar deste tema, por que eu, mulher negra vivenciando uma relação com um homem branco, não poderia pesquisar sobre? Como eu já disse em algum momento desta apresentação, tenho espaço e incentivo, com aquela necessária dose de desafio, na relação estabelecida com meu orientador desde o mestrado. Talvez também tenha sido por isso que meu argumento deu certo e saí daquele encontro com a tarefa de realizar uma revisão sobre relacionamentos inter-raciais.

Aceitei o desafio e durante o levantamento de referências sobre o tema encontrei muitas dificuldades para localizar materiais nas plataformas de pesquisa que geralmente utilizamos. Então, em conversa com meu orientador, optamos pela pesquisa realizada por meio do Google Acadêmico, este procedimento realizado será mais detalhado no texto que apresenta os caminhos metodológicos. Mas enfim eu decidi meu tema de pesquisa e já tinha até mesmo um título provisório: *Representação social do amor para mulheres negras em relacionamentos inter-raciais.* Digo provisório, porque no meu entendimento somente o encontro genuíno com meu tema e com minhas companheiras, seria possível escolher um título que representasse minimamente o que seria escrito, falado por nós e foi exatamente o que aconteceu.

O *grupo* escolhido para compor a pesquisa seria composto por mulheres negras que já estiveram ou estão em um relacionamento amoroso/afetivo-sexual com homens brancos ou mulheres brancas.

Aqui eu destaco algo extremamente importante, quando escolhi meu tema, e quem seriam as pessoas que fariam parte do que chamamos de *grupo (*O *grupo* escolhido para compor a pesquisa seria composto por mulheres negras que já estiveram ou estão em um relacionamento

amoroso/afetivo-sexual com homens brancos ou mulheres brancas), sabia que não seria um trabalho escrito apenas por mim, não seriam apenas as minhas mãos, minhas palavras, minhas histórias, além das intelectuais negras que me acompanharam neste processo, também poderia contar com as mulheres negras que aceitassem o convite para participarem do desafio que era falar de uma questão tão delicada para nós mulheres negras o "amor". Como aproveitei o momento inicial para me apresentar, achei que seria importante também apresentar as oito mulheres que estarão presentes nesta tese, as oito intelectuais negras que não só narraram suas histórias, mas que construíram comigo o que segue em todo o texto.

Suas apresentações individuais se encontram no capítulo cinco no início de cada narrativa.

INTRODUÇÃO

Me ancoro completamente à teoria do ponto de vista feminista negro. Metodologicamente, adoto atitude decolonial, transdisciplinar ensinando a teoria transgredir como bell hooks, cartografando o pensamento de mulheres negras e terceiro-mundistas.

(Carla Akotirene, 2019, p. 26)

Seguindo o que é pautado e defendido pelas intelectuais negras que se posicionam em suas produções acadêmicas, literárias, artísticas, assim como Carla Akotirene (2019) me posiciono do mesmo lugar, da Afrodiáspora Latino-Americana propondo o uso da interseccionalidade como instrumentalidade conceitual de raça, classe, gênero, sexualidade, nação e outras categorias, com o olhar analítico e interpretativo sobre os efeitos identitários e atenção para a matriz colonial, com intuito de evitar desvios analíticos que priorizem apenas um eixo de subordinação. Por isso, a alternância da escrita em primeira pessoa e terceira pessoa no percurso deste texto. Em alguns momentos venho e me apresento enquanto a intelectual negra que propôs este trabalho, em outros momentos estarei juntamente com todas(os) autoras(os), que aqui se fazem presentes, mas haverá também o momento em que o nós seremos nós, as mulheres negras e nossas narrativas.

> Numa atitude subversiva, as jovens feministas negras optam por citar a releitura de temas considerados clássicos, tal como a o conceito de conhecimento situado, de Donna Haraway (2004), ou mesmo de Gayatri Spivak (2010), em "Pode o subalterno falar?", mas que ficou popularmente conhecido nos últimos dois anos como "Lugar de Fala", de Djamila Ribeiro (2019), (Angela Figueiredo, 2020, p. 6).

Ser subversiva é também escolher a temática que versa sobre o amor a partir da ótica das mulheres negras que saem das margens dos estudos em que são apenas consideradas enquanto *objeto de estudo,* para assumirem a posição centralizada para narrarem suas trajetórias de amor e seus respectivos significados.

Considerando os saberes socialmente construídos e compartilhados pelas (os) sujeitas (os) e a "encruzilhada" de marcadores sociais interpostos, na qual a mulher negra encontra-se centralizada, pretendeu-se identificar e analisar os significados e as práticas de amor para

mulheres negras que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo-sexual com homens e/ou mulheres brancas. A partir disso, tomando como referência conceitos sobre o amor que são propostos sobretudo em uma perspectiva colonial e retomando o processo histórico escravista brasileiro que excluiu e ainda exclui a mulher negra do circuito do afeto e do amor, questiona-se: Esse processo sócio-histórico interfere na construção e percepção do que é amor para estas mulheres? Como a realidade imposta por nossa sociedade estruturalmente racista afeta as subjetividades das mulheres negras e de que forma, ou lançando mão de quais estratégias, estas mulheres subvertem a lógica racista excludente para vivenciarem relações amorosas?

As principais personagens desta história que se propõe a narração das relações de mulheres negras com o amor, exigiu uma perspectiva que levasse em consideração o fato dessas mulheres serem negras e se encontrarem em uma encruzilhada de marcadores sociais (Kimberlé Crenshaw, 2002; Carla Akotirene, 2018), como: raça, gênero, classe social, sexualidade, afetividade etc. As mulheres que participaram desta pesquisa me convocam a tomar uma postura epistêmica de um saber localizado na minha própria e nas experiências delas. Portanto, o feminismo negro e, mais precisamente, a interseccionalidade, se insere na pesquisa como teoria central na construção deste trabalho.

A proposta desta pesquisa nasce, como vimos na apresentação, na junção de várias questões que atravessam a trajetória de vida pessoal e acadêmica da pesquisadora. Tais questões, portanto, se apresentam durante toda a escrita da tese.

A revisão bibliográfica inicial realizada entre 2018 e 2019 indicou como promissora a proposta de seguir com nossa temática, devido à escassez de produções e por alguns apontamentos que serão discutidos agora. Para a busca dos trabalhos publicados, utilizamos a plataforma Google Acadêmico e utilizamos os indexadores de busca: Relacionamentos interraciais; amor interracial; mulher negra e amor; sexualidade e mulher negra; afetividade e mulher negra. As primeiras tentativas foram frustradas, em um primeiro momento fizemos a busca em duas plataformas, SciELO e Periódico Capes e não tivemos nenhum retorno de produções na temática que buscávamos com os indexadores utilizados.

Como já havia uma expectativa de que não existiam muitos trabalhos que abordavam o que nos interessava, criamos uma segunda estratégia que seria realizar a busca no Google Acadêmico, pela diversidade de materiais em todos os formatos como artigos, livros, teses e dissertações. Inicialmente a busca nos retornou um volume enorme de materiais e por isso estabelecemos um período de publicação de 10 anos no intervalo de 2008 e 2018. Dessa maneira

conseguimos selecionar 34 materiais, dentre eles 26 artigos, duas Teses, um livro, duas dissertações, uma resenha de livro e dois trabalhos publicados em anais de evento acadêmico.

Após separarmos os materiais, iniciamos uma primeira leitura para escolha daqueles que teriam relação direta com nosso tema, a escolha inicial se deu pela leitura dos resumos dos textos e posteriormente após a seleção alguns foram lidos na integra.

A literatura indicou maior número de casamentos formais inter-raciais entre homens "negros" e mulheres "brancas" do que mulheres "negras" e homens "brancos" (Berquó, 1987 citado por Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2008). Outro conteúdo importante encontrado foi que os relacionamentos inter-raciais em que o homem é o parceiro de pele escura são mais bem aceitos socialmente (Laura Moutinho, 2004). Já os relacionamentos em que os homens são brancos são mais bem aceitos quando as mulheres são mestiças ou "mulatas"[3].

Os relacionamentos entre homens brancos e mulheres "negras" enfrentam dificuldades em relação à aceitação social (Laura Moutinho, 2004; Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2013). No que tange ao mercado matrimonial, existe um preterimento em relação à mulher negra tanto para homens "brancos", como para homens "negros", o que acarreta um fenômeno de celibato compulsório de mulheres negras por falta de parceiros ou parceiras (Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2013; Laura Moutinho, 2004). As discussões a respeito da mestiçagem e os efeitos desta sobre as relações no Brasil também aparecem na revisão, principalmente nas discussões que abordam as relações inter-raciais (Cunha, 2017; Wesley Pereira Grijó, 2016; Lopes, 2014; Teresa Cristina Furtado Matos, 2013; Priscila Martins Medeiros & Paulo Albert dos Santos Vieira, 2015).

Outro aspecto encontrado é a relação direta entre relacionamento inter-racial e o desenvolvimento de estratégias para lutar contra o racismo, seja em casa, com seus familiares, seja em outros espaços de socialização, como a escola e o trabalho (Zelinda Barros, 2003; Laura Moutinho, 2004; 2006; Djamila Ribeiro, 2012).

O amor não aparece na revisão da literatura como um elemento central nas discussões. Fala-se em relações afetivas-sexuais, e aqui duas obras se destacam: o livro *Razão, "cor" e desejo*, de Laura Moutinho (2004) e o livro *Mulher negra: afetividade e solidão*, de autoria de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), dos quais trataremos a seguir.

[3] "O termo mulata surge como uma maneira de identificar as filhas nascidas da relação entre homens brancos portugueses e as negras escravas e foi utilizado inicialmente de forma pejorativa em alusão ao termo "mula", que designa os animais híbridos nascidos do cruzamento entre um jumento e uma égua" (Andréa Regina Marques Chamon, 2017, p. 9).

Em *Razão, "cor" e desejo*, Laura Moutinho (2004) inaugura suas discussões apresentando o resultado das sondagens nos estudos demográficos sobre as relações inter-raciais e conjugalidade, realizadas no Brasil entre os anos de 1980 e 1990. A maior parte dos relacionamentos são constituídos por pares endógamos e homógamos (casais formados por suas igualdades sociais, de classe, de localização geográfica, de raça e cor). Conforme indicamos anteriormente, em relação aos casamentos formais inter-raciais, Laura Moutinho (2004) identifica que os pares são formados em sua maioria por homens negros ou mestiços e mulheres brancas. Nesse sentido, uma questão central, discutida por essa autora a partir dos achados, diz respeito à confrontação do imaginário social que celebra a mestiçagem como uma suposta exogamia (casamentos entre membros de grupos sociais, raciais diferentes).

São múltiplos os elementos levantados por Laura Moutinho (2004) ao longo do seu trabalho, que foi composto por estudos demográficos sobre conjugalidade e uniões inter-raciais no país. A autora apresenta discussões acerca de cinco obras brasileiras que, de alguma maneira, discutiram a miscigenação. Posteriormente, analisa o universo da literatura brasileira com o intuito de questionar a maneira como são representados neste universo a miscigenação e os relacionamentos inter-raciais. Nesta análise a autora destaca um ponto em comum encontrado nas obras: o desejo e o erotismo não têm espaço para serem vivenciados nos casamentos, ou seja, resta o espaço exterior à relação.

Já em suas análises socioantropológicas, o ponto em comum encontrado é a troca da utilização do conceito *raça* enquanto *biológico*, por uma percepção sociológica. Neste sentido, Laura Moutinho (2004) considera que tais estudos buscam localizar os indivíduos em um espaço social, tendo a *raça* como termo *social*. Os pesquisadores citados pela autora interpretam que a relação inter-racial, a miscigenação e o manejo utilizado pelos indivíduos sociais no que tange aos atributos como classe, gênero, cor e desejo, "no mercado afetivo" dependerá da maneira como estes atores compreendem a noção de classe social e o que se faz deste conceito.

Laura Moutinho (2004) apresenta ainda o resultado das análises e os principais elementos constituintes de cerca de 30 entrevistas realizadas na cidade do Rio de Janeiro, com sujeitos e sujeitas[4] que tiveram algum relacionamento inter-racial, desde aqueles nomeados como "rolo" até os casamentos. A autora revela que pessoas negras e mestiças buscam reverter o estigma perpetrado aos sujeitos e sujeitas de pele mais escura, o que extrapola o espaço dos

[4] A utilização de "sujeitas" está em concordância com a proposta de Ângela Figueiredo, em seu texto *Epistemologia insubmissa negra decolonial*: "Destaquei a palavra sujeita, visto que essa atitude tem sido mais do que uma reinvindicação, é uma prática política voltada para feminilizar e enegrecer a linguagem nos textos produzidos por autoras e autores negros neste novo milênio" (Angela Figueiredo, 2020, p. 8).

relacionamentos amorosos e sexuais, pontuando que em sua análise não encontrou relação direta entre a negritude e referenciais de prestígio e ascensão social.

Por fim, Laura Moutinho (2004) aborda a maneira como os relacionamentos inter-raciais são vistos na África do Sul, país onde a autora ficou durante um mês realizando seus estudos. O *apartheid* neste país trouxe para as relações inter-raciais diversas leis com o intuito de proibir e punir estas relações em defesa da preservação da pureza das mulheres brancas sul-africanas e seus ventres. Pós *apartheid*, o que restou, segundo a autora, foram conflitos internos que tornaram questões que envolviam raça e racismo um grande tabu.

Outra obra importantíssima, da qual destacaremos alguns pontos, é o livro *Mulher negra: afetividade e solidão*, da autora Ana Lemos Cláudia Pacheco (2013), produto de sua Tese de Doutorado (Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2008). Traremos para nosso texto alguns aspectos abordados no livro e outros na tese, pois, como ela mesma aponta, em seu livro não é abordado de forma mais detalhada o percurso metodológico da pesquisa. No início de sua obra (2013), a autora já anuncia o quão complexo é trabalhar com os aspectos emocionais e sentimentais na perspectiva das Ciências Sociais, assinalando também a dificuldade de trabalhar especificamente com o conceito de amor em nossa cultura ocidental, já que seus significados são múltiplos, principalmente quando está em pauta a diversidade cultural. Ao mesmo tempo, a autora enfatiza a importância de trabalhos que abordem temáticas relacionadas aos sentimentos, pela importância que possuem na construção do mundo.

Em uma entrevista concedida à Editora Edufba, a autora expressa o que a levou a discutir esse tema em seu livro, fruto de sua tese de doutoramento intitulada *"Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar": escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*:

> A motivação/inspiração do tema da pesquisa doutoral foi a minha participação política no MNU e no Movimento social negro e de mulheres negras da Bahia e do cenário nacional. Os meus desafios foram muitos. Primeiro, foi tornar esta discussão de cunho afetivo e político numa abordagem científica sócio-antropológica. Segundo, foi investigar sobre um tema considerado polêmico em sua essência e questionável devido a sua problematização em torno de categorias contestatórias de gênero-raça, identidade nacional, cultura brasileira, mitos, relações de poder e sociedade (Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2013, s.p.).

Ainda sobre seu trabalho, Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) enfatiza as dificuldades encontradas na realização de sua pesquisa, dentre elas, duas se destacam. Primeiro, a dificuldade em transformar uma temática afetiva e política em uma pesquisa socioantropológica. E segundo enfrentar e pesquisar um tema considerado polêmico em sua essência e questionável, por ter em seu cerne a problematização de categorias como raça e gênero, identidade nacional, cultura brasileira, mitos etc.

Buscando compreender as especificidades da vida afetiva da mulher negra, a autora realiza uma revisão bibliográfica sobre as questões raciais no Brasil, desde as conhecidas teorias do embranquecimento do século XX, ressaltando o mito da democracia racial concretizado na obra de Gilberto Freyre e em obras de intelectuais da Universidade de São Paulo (USP) que constatam a existência do preconceito racial no Brasil, até desembocar nos estudos demográficos da década de 1980, os precursores em relacionar raça e afetividade.

O percurso histórico construído pela autora possibilitou uma compreensão a respeito da maneira como a comunidade negra foi desenhada no imaginário social, sobretudo as mulheres negras, que eram vistas, na maioria das vezes, como “a mulata” ou “a doméstica” ou “a baiana do acarajé”.

Mulheres associadas à hipersexualização, à subalternidade e à agressividade, estereótipos utilizados até hoje para descrever mulheres negras e mestiças. Tendo como ponto de partida as questões destacas anteriormente, Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) se propôs a pensar sobre as seguintes questões: “como raça, gênero e outros marcadores sociais operam nas escolhas afetivas das mulheres negras investigadas? Como percebem as experiências da solidão?” (p. 6).

Sua pesquisa foi do tipo qualitativa, por meio de entrevistas em profundidade, observações, análise de trajetórias e narrativas, além de usar também como material analítico filmes, relatórios, revistas, dados demográficos e históricos, referências bibliográficas e literárias. As entrevistas foram realizadas com 25 mulheres que se dividiram em dois grupos, o primeiro de mulheres negras ativistas e o segundo de mulheres negras não ativistas. A proposta da autora foi justamente discutir os aspectos que se relacionavam com as escolhas afetivas de mulheres negras de Salvador, Bahia.

Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) constata em sua pesquisa que, para as mulheres entrevistas, as categorias raça, gênero e classe se apresentam como estruturantes de suas escolhas afetivas:

> A articulação entre essas três categorias foi observada a partir da origem social e familiar das mulheres analisadas: Seus pais eram negros e pobres, os homens exerciam trabalhos braçais de baixa remuneração, como operários da construção civil, trabalhadores rurais e outras ocupações que exigiam força física. Suas mães, tias e avós, todas negras e pobres, exerciam o trabalho doméstico remunerado ou eram trabalhadoras rurais (p. 291).

Seus achados articulam-se com dados estatísticos brasileiros que indicam que essas hierarquias localizam as mulheres negras como mulheres para trabalhar e servir ou como mulheres extremamente sexualizadas em suas relações afetivas e sociais. Nesse sentido, a autora ressalta o fato de que essas mulheres, de alguma maneira, tentam "driblar" (Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2008, p. 292) tais situações marcadas pelas hierarquias sociais, sendo que, em seu estudo, identificou que o acesso à educação pública de qualidade tem potencialidade de transformação. Se as mães e as avós, muitas vezes ocuparam o lugar de doméstica, foi por meio do estudo que algumas entrevistadas conseguiram se deslocar dessa função laboral destinada à mulher negra, alcançando espaços e outras trajetórias de trabalho, "galgando novos degraus na estrutura social baiana" (p. 292).

Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) destaca que as domésticas foram as mulheres que mais encontraram dificuldades para obtenção de capital cultural e econômico, por terem que iniciar suas trajetórias de trabalho muito cedo, na maioria das vezes ainda crianças, "imersas no trabalho 'mal pago', rotativo e baseado nas relações de exploração" (p. 292). Com esse histórico, as mulheres não conseguiram seguir com os estudos, justamente pela dificuldade de conciliar as duas tarefas, estudo e trabalho doméstico, ou ainda mantinham-se estudando em escolas públicas noturnas, com ensino de péssima qualidade. No entanto, ainda que com diferenças, quando comparados, ambos os grupos de mulheres negras entrevistadas (as ativistas e as não ativistas), de alguma maneira se mobilizam e desafiam as prescrições históricas de hierarquização: "as ativistas, através da política e as não-ativistas, recriando novas relações sociais construídas em outros contextos" (Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2008, p. 292).

Destacamos a seguir dois excertos importantes para vislumbrarmos a maneira específica como ativistas e não ativistas trazem para dentro das discussões o corpo como uma categoria de extrema importância para compreendermos como as informantes pensam suas relações afetivas ou a ausência de parceiros. Segundo Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008), é no corpo que as mulheres "perceberam, sentiram e ressignificaram a solidão" (p. 293).

> Nos relatos das ativistas políticas, percebi que os sentidos atribuídos às escolhas de parceiros estavam relacionados com categorias de raça, gênero, política e outras categorias. A raça foi acionada por meio de elaborações corpóreas de diferenciações raciais, simbolizadas pela "cor", traços fenotípicos, estética e cabelo, desdobrando-se em práticas de discriminação racial vivenciadas pelos corpos femininos negros em seu percurso social e afetivo. Na afetividade, a raça é, recorrentemente, acionada como um signo de preferência afetiva por um "outro" corpo, não-negro, cujas marcas raciais se dividiram entre mulher negra x mulher branca: "eles preferem as loiras."(Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2008, p. 293).

> No relato das mulheres não-ativistas, os sentidos atribuídos às escolhas afetivas se deram em outros contextos sociais, corporificados pelas hierarquias sociais, evidenciando-se no redimensionamento das relações de gênero e no seu dinamismo com as relações de classe e de raça. A dimensão do gênero e suas relações foram acionadas nos relatos das informantes desse grupo em dois momentos distintos. Primeiro, na relação entre mulheres e homens negros pobres; segundo, na relação entre mulheres negras de camada média com parceiros negros pobres e com parceiros (homens) brancos estrangeiros (Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2008, p. 293).

O que é exposto por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008; 2013) nos remete ao que já foi discutido também em minha dissertação, defendida em 2017, que retrata o processo histórico ao qual a mulher negra/mestiça foi submetida à desumanização e colocada como sujeita preterida para as relações que envolvam sentimentos, ocupando dois lugares distintos como a mãe preta ou como a "mulata" (Andréa Regina Marques Chamon, 2017).

Vemos também que, para as mulheres negras entrevistadas por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008; 2013), a mulher branca ou socialmente embranquecida é vista como aquela que eleva o *status* de quem relaciona-se com ela, tornando então o relacionamento inter-racial desta com o homem de cor melhor aceito socialmente do que quando a pessoa de pele escura é a mulher. O estudo da autora, considerando as narrativas produzidas tanto por mulheres negras ativistas e não ativistas, demonstra a impossibilidade de se dissociar gênero, raça, classe, sexualidade dentre outras categorias. Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008; 2013) apresentou um texto primoroso, que possibilitou que as vozes das ativistas e não ativistas rompessem os silêncios impostos a nós, mulheres negras, que sempre somos tratadas como objetos e nunca como protagonistas das nossas próprias histórias.

Tanto a obra de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008, 2013) quanto o estudo realizado por mim Chamon (2017) possibilitaram uma ampliação, tanto dos achados em nossa revisão bibliográfica, como da compreensão a respeito daquilo que mobilizou esta mulher preta, ativista, militante e casada com um homem branco a se propor discutir sobre o amor. E não apenas sobre amor em um sentido geral, mas especificamente sobre o amor construído ou não por mulheres negras como eu, que em seus relacionamentos inter-raciais puderam ou não experimentar os sentimentos que balizam o conceito de amor para cada uma das mulheres entrevistadas e, quem sabe, para o grupo, para o coletivo.

Outros pontos relevantes que abordaremos, agora apontados por outras(os) autoras(es) que compuseram nossa revisão bibliográfica, reforçam a importância da proposta aqui colocada. Como, por exemplo, o fato da maioria dos materiais lidos não abordarem o amor em relacionamentos inter-raciais como ponto central da discussão, mesmo o livro *A cor do amor: características raciais, estigmas e socialização em famílias negras brasileiras,* de Elizabeth Hordge-Freeman (2018) ou a obra de Lia Vainer Schucman (2018), *Famílias inter-raciais: tensões entre amor e cor*. Tais obras abordam questões como violência racista dentro de casa, racismo intrafamiliar e construção de identidade racial, o aspecto do cabelo como rito de passagem do sofrimento ao reconhecimento identitário, o mito da democracia racial, manutenção familiar, alteridade como possibilidade de consciência ou desalienação racial, educação antirracista, estigma e racialização etc.

O livro de Hordge-Freeman (2018) é resultado de sua tese desenvolvida em Salvador, em área nomeada como Cidade Baixa, com famílias que apresentam diversidade em seus traços fenotípicos. A autora estadunidense realizou observações etnográficas com dez famílias e um total de 116 pessoas participaram de entrevistas semiestruturadas. Em sua obra, a autora reconhece o Brasil enquanto uma Diáspora Africana, localizando questões em comparação aos Estados Unidos, principalmente o fato de que, mesmo sendo localidades diferentes, os dois países apresentam estruturas raciais muito parecidas.

A autora pontua como a branquitude vista como hegemônica molda as relações afetivas no Brasil, ao passo que a negritude é inferiorizada. Como consequência desses dois polos, o corpo é acionado como objeto de manipulação, com o objetivo do embranquecimento, uma vez que recursos e privilégios são destinados de forma normativa aos brancos.

Hordge-Freeman (2018) demostra como a categoria raça, enquanto uma hierarquia marcada pela supremacia branca, influência e molda o *capital afetivo*, interferindo diretamente na vida das pessoas. Na primeira parte do seu livro, intitulada *Ela tem o meu (fenó)tipo! Barganhas raciais e amor romântico*, a autora apresenta e analisa algumas falas das pessoas

entrevistadas, discutindo como a raça e os seus fenótipos se apresentam enquanto barganha nos relacionamentos. No entanto, embora a autora não apresente uma conceituação sobre o "amor romântico", ela afirma: "Durante o tempo em que estive em Salvador, a questão do amor romântico e dos pares sexuais foi o tema sobre o qual homens e mulheres afro-brasileiros falaram com mais paixão, convicção e relativa facilidade" (p. 78). A seguir, transcrevemos outro trecho em que a palavra amor é utilizada, a partir da colocação de um dos entrevistados:

> Na opinião de Dilson, os negros radicais, racistas, são aqueles que interrogam outros negros sobre suas escolhas por parceiros não negros. De fato, considerando que as relações românticas entre pessoas negras têm sido enquadradas como um atraso para a civilização e modernidade do Brasil, o movimento negro incentiva o "amor negro" para reforçar a afirmação racial e criticar o branqueamento (Hordge-Freeman, 2018, p. 90).

O amor não se apresenta na obra como um conceito que deve ser desenvolvido e, ainda que a palavra seja citada na obra, não é discutida de maneira aprofundada. Outros termos mais utilizados são: *afetivo, afeto, afetividade.* Como apontaremos adiante, o amor, ou melhor, a ideia de "amor" será um ponto central das nossas discussões.

O livro de Schucman (2018), *Famílias inter-raciais: tensões entre amor e cor*, é fruto de seu pós-doutoramento. Após seu percurso com os estudos sobre branquitude, a autora decidiu investir em uma pesquisa para abordar questões referentes às famílias inter-raciais, partindo da premissa "de que a intimidade inter-racial seria um lugar privilegiado para contribuir na compreensão qualitativa das relações raciais brasileiras" (p. 22).

O objetivo da autora era "entender como membros de famílias inter-raciais compostas por negros e brancos negociam, formulam, reformulam, e produzem sentidos de raça e racismo dentro do contexto familiar" (Lia Vainer Schucman, 2018, p. 133). Ao final de seu trabalho, ela ressalta as diferentes maneiras que indivíduos e coletivos respondem às hierarquias sociais que compõem e estruturam nossa sociedade. Aponta o espaço familiar como o lugar no qual as pessoas podem desenvolver estratégias para enfrentarem, acolherem e ressignificarem a violência racista que vivem de maneira ampla, ao mesmo tempo que esse mesmo espaço é entendido como "o *locus* de legitimação e vivência racistas" (p. 133).

Seguindo, lançamos nosso olhar para as contribuições da autora Zelinda Barros (2003), em sua dissertação *Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça*. Esta obra nos interessa pela perspectiva interseccional apresentada pela autora. Ela, porém, lança mão do

termo *simultaneidade entre categorias* como raça, gênero e classe, na construção de sujeitos. Em seu estudo, o objeto representacional analisado é raça.

Vemos que, a partir dos seus objetivos, a autora se propõe a abordar as representações sociais de raça para casais inter-raciais. Tais representações, como a própria autora pontua, se atualizam constantemente pelos indivíduos que compõem os relacionamentos inter-raciais, sendo que muitas vezes reproduzem a assimetria entre "negro" e "brancos". No entanto, Zelinda Barros (2003) também observa que a diversidade das representações que fazem parte do universo simbólico dos casais não pode ser compreendida como um padrão de relacionamento único. Dessa forma, a autora sugere que o nosso olhar sobre o fenômeno deve sempre evitar as dicotomias que reduzem algumas das possíveis análises a respeito dos relacionamentos inter-raciais.

Zelinda Barros (2003) destaca que para o estudo sobre casais inter-raciais é necessário o conhecimento do fenômeno mestiçagem e do conceito de raça, não como marcador biológico, mas destacando a maneira como foi socialmente construído. Por isso, a autora opta por não utilizar aspas na palavra durante sua dissertação.

A autora aponta que, a partir das mudanças que ocorreram na sociedade como um todo, a representação de casamentos inter-raciais como aqueles demonstrados por Laura Moutinho (2001) não se aplicaria mais, levando em consideração que o número de casamentos entre mulheres negras com homens brancos não difere de forma significativa dos casamentos com a composição oposta mulher branca/homem negro.

Zelinda Barros (2017) propõe uma análise em que afirma ser necessário vencer as dicotomias colocadas nos estudos que sempre localizam o branco como superior e o negro como inferior, sendo que este último buscaria o relacionamento inter-racial apenas como possibilidades de ascensão social. Isso porque esse tipo de compreensão não estaria levando em consideração a característica relacional do ser humano e o fato de que as escolhas relacionais também se baseiam em elementos valorizados nas pessoas com as quais nos relacionamos, o que se diferencia da perspectiva em que o sujeito inferiorizado sempre teria como meta a ascensão. "E isto vale tanto para o 'negro' em relação ao 'branco' como para o 'branco' em relação ao 'negro'", ressalta Zelinda Barros (2003, p.28).

Nesta perspectiva é impossível negar as especificidades de cada sujeita e sujeito, pois, ainda que estejam mergulhados no mesmo campo social, possuem suas maneiras de agenciarem suas próprias vidas e subjetividades.

Destacamos a importância desse trabalho produzido por Zelinda Barros para corroborar com nossa proposta por seu tema e pela maneira como a autora se posiciona diante de seu *objeto*

de estudo. Assim como em minha experiência, a pesquisadora e intelectual negra assume seu "lugar de fala"[5].

No que diz respeito ao posicionamento de Zelinda Barros (2003) em relação ao *objeto* de estudo, somos parte daquilo que nós estudamos. Vemos seu posicionamento desde o início de seu percurso metodológico, quando a autora começa situando-se como pesquisadora e sujeito próximo às questões debatidas em seu trabalho, uma vez que ela é uma mulher-negra-feminista e está em um casamento inter-racial. "O que seria um problema para um antropólogo que investiga uma cultura estrangeira, a meu ver ajuda a suprir as deficiências de maior tempo para observação, pois compartilho com os meus informantes uma esfera simbólica comum" (Zelinda Barros, 2003, p.74).

Pelas informações que conseguimos compilar, podemos afirmar que a ausência das discussões sobre o conceito de amor na produção científica, especificamente quando se trata do amor para as mulheres negras, mostra o quanto o tema é relevante e o quanto esta lacuna ou silenciamento pode nos direcionar para um caminho de construção produtiva e de abertura de campo para esta temática, tanto na Psicologia como nas Ciências Sociais.

Vimos que a maioria dos trabalhos que compõe nossa revisão, embora discutam de alguma maneira relações afetivas, casamentos e/ou namoro inter-racial, não elegem o conceito amor como discussão central. Ana Lemos Cláudia Pacheco (2013) pontua, inclusive, a importância de se falar sobre o amor nas relações inter-raciais, embora reconheça a dificuldade de trabalhar com tal conceito, dada a sua complexidade, nas Ciências Sociais.

Agora convido minhas leitoras (es) para seguirem com o exercício de contato com aquilo que se pretendeu desde o início desta tese – imergir nas histórias narradas de nossas oito interlocutoras que já foram devidamente apresentadas e que se propuseram dividir com cada uma de nós mulheres negras, os significados e as práticas de amor que foram construindo ao longo de suas histórias. Acreditando que as produções apresentadas nesta tese foram construídas, narradas e escritas por intelectuais negras e que suas narrativas também se localizam no campo de disputa do que é considerado academicamente produção científica.

Tentamos organizar o texto para que as (os) leitoras (es) pudessem acessar o máximo possível do material produzido pelas nossas coirmãs. Mesmo não trazendo todas as narrativas completas, preservamos os trechos selecionados para a análise na maior parte na íntegra.

---

[5] Esse conceito é apresentado por Djamila Ribeiro (2019) em seu livro *Lugar de fala*, que discute como são designados os lugares de privilégio de fala em nossa sociedade. A autora reúne a discussão de várias intelectuais não brancas exatamente para explicitar que o questionamento sobre o lugar de fala já vinha sendo construído por diversas mulheres.

Sendo assim a partir do que nos propusemos no objetivo geral de nossa investigação em que pretendeu-se identificar e analisar os significados e as práticas de amor para mulheres negras que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo-sexual com homens e/ou mulheres brancas. Na direção desse objetivo circunscrevem-se os objetivos específicos 1. Retomar e discutir a noção de amor enquanto uma construção histórica, social e psicossocial a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas. 2. Compreender como gênero, raça, classe, afetividade e sexualidade impactam os significados e práticas de amor dessas mulheres. 3. Analisar se as práticas e os significados de amor presentes nas relações inter-raciais demarcam aspectos da identidade racial do grupo.

Partindo dos objetivos dividimos o texto em sete capítulos, dos quais o primeiro se propõe apresentar e discutir as noções de amor que foram sendo construídas ao longo da nossa história; o segundo capítulo ocupa-se da apresentação do Feminismo Negro Interseccional enquanto nossa bússola norteadora utilizada na análise das narrativas. No terceiro capítulo apresento uma reflexão importante sobre o racismo e como este fenômeno atravessa a vida de pessoas negras, discuto também pontos importantes como a mestiçagem e a identidade negra, imprescindíveis para a compreensão das narrativas. No quarto capítulo traço os caminhos e as estratégias metodológicas elencadas para a construção da tese. No quinto capítulo apresento e analiso as narrativas das mulheres negras, suas trajetórias de vida seus amores e suas resistências. No sexto e penúltimo capítulo discuto alguns pontos de convergência das narrativas de nossas interlocutoras que mostram o amor e suas encruzilhadas e por fim narro um pouco como foi o processo não como ponto final de chegada, mas como reticências que podem e dever ser completadas em outros momentos.

1 MAS AFINAL, O QUE É O AMOR?

> *Definido pela monogamia e pela crença de que uma pessoa é suficiente para nos completar e satisfazer nossos desejos – sejam eles sexuais, econômicos ou afetivos.*
>
> (Noguera, 2020, p. 124)

Estudos que se interessam pelo entendimento do que é o amor estão disseminados nas diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, incluindo a Psicologia Social (Adriano Roberto Afonso do Nascimento et al., 2015). No entanto, como já mencionamos anteriormente, parece existir um silenciamento ou lacuna quando se trata do *objeto* amor inter-racial. As pesquisas que versam sobre relacionamentos inter-raciais, em sua grande maioria, enfatizam questões relacionadas à mestiçagem, à raça, seus conflitos e desdobramentos (Ana Cláudia Pacheco, 2013; Laura Moutinho, 2004; Zelinda Barros, 2003). Por isso, o interesse em abordar essa temática a partir do elemento "amor" nos parece relevante.

Sobre o amor, consideramos importante resgatar um pouco de sua história na humanidade, principalmente aquilo que se compreende como "amor romântico", entendendo este conceito como produção cultural, social e histórica na perspectiva da visão ocidental. Para contextualizar minimamente esse processo de construção, recorremos a alguns autores e a algumas autoras, como Mary del Priore (2015), Anthony Giddens (1993), Zygmunt Bauman (2004) e Carlos Yela García (2002).

Partindo da análise das relações amorosas no Brasil, podemos trazer alguns pontos importantes para esta discussão. Ainda no Brasil colônia, o que se apresenta enquanto realidade é a relação de dominação do homem em relação à mulher, marcada pela mentalidade patriarcal da época. Mary Del Priore (2015) pontua que se tratava de relações de poderes já estabelecidas no processo de escravismo.

Naquele período as relações se dividiam entre o que acontecia entre esposo e esposa e o que acontecia entre o senhor e suas negras escravizadas, às quais era garantido o lugar de servidão para manterem suas sobrevivências. Comprada ou vendida como um objeto, a mulher negra era usada para satisfazer os desejos dos homens brancos. Assim, os corpos dessas mulheres eram tratados como mercadorias e este lugar era reafirmado muitas vezes por meio de ataques e estupros violentos. Conforme Manoel Pinto Ribeiro (2007),

> A mulher negra, além de sua função no sistema de produção escravista, desempenhava também um papel sexual. Assim, sua reificação se faz ainda mais clara na medida em que ela funciona como objeto sexual de seu senhor. O fruto desse envolvimento produz tensões culturais e sociais, pois gerou o mulato, cujo lugar aquela sociedade ainda estava por determinar (p. 105).

Enquanto a mulher negra era utilizada como mercadoria de satisfação sexual, a mulher branca reproduzia os filhos como forma de garantir a continuidade do nome da família. Após o período de abolição, à mulher branca restou a vida doméstica, de cuidado com a casa e com os filhos, com o intuito de servir ao homem, figura de poder naquela relação.

Inicialmente o amor-paixão[6] era visto como algo ruim e perigoso pela Igreja Católica e, portanto, deveria ser veemente combatido. O que era incentivado como prática aceita por Deus era o casamento, a união de duas pessoas, especificamente homem e mulher, para a construção de uma sólida família. O casamento cumpria importante papel no processo de transmissão e manutenção de bens (Antony Giddens, 1993; Mary Del Priore, 2015; Renato Noguera, 2020).

Muitas vezes a intimidade afetivo-sexual se limitava às relações constituídas fora do casamento, logo as escolhas pelos parceiros ideais não passavam pelo amor-paixão, pelo desejo, mas sim como fruto dos contratos estabelecidos entre famílias. E aqui mais uma vez a Igreja Católica se coloca como importante agente regulador da vida conjugal, criando leis e regras que mantivessem os casais sobre constante obediência. "Na visão da Igreja, não era por amor que os cônjuges deviam se unir, mas sim por dever; para pagar o débito conjugal, procriar e, finalmente lutar contra a tentação do adultério" (Mary Del Priore, 2015, p. 329).

No Brasil, "durante mais de quatro séculos os casamentos não se faziam com a atração sexual recíproca" (Mary Del Priore, 2015, p. 319). O que realmente importava era a situação financeira-econômica e a família, ou ainda como maneira de organização e divisão do trabalho ou pelas simples sobrevivências. Naquele período, as intimidades como beijos e carícias quase não aconteciam. Mas aos homens era dado o direito de obtenção de prazer nas relações extraconjugais.

---

[6] "Embora o uso secular da palavra 'paixão' – distinto de sua utilização mais antiga, significando paixão religiosa – seja relativamente moderno, faz sentido considerar-se o amor apaixonado, *amour passion* como a expressão de uma conexão genérica entre o amor e a ligação sexual" (Antony Giddens, 1993, p. 48).

1.1 Construindo a ideia de amor romântico

O amor precisa estar presente na vida de todas
as mulheres negras, em todas as nossas casas.
É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades
em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos
amamos, desejamos viver plenamente.

(bell hooks, 2010, p. 5)

Daqui para frente falaremos da construção da ideia do amor romântico e o quanto essa ideia se fez e ainda se faz presente nas relações amorosas. O que entendemos hoje por amor romântico nos remete ao século XIX, à junção entre uma idealização temporária característica do amor-paixão ao que é característico do amor, ou seja, de que algo é duradouro. Dessa conexão surge o amor romântico. Para Mary Del Priore (2015), esse fenômeno passar a existir juntamente com os romances, ambos se tocam no ponto de uma nova narrativa em que "duas pessoas são a alma da história, sem referência necessária a processos sociais que existam em torno delas" (Mary Del Priore, 2012, p. 320).

A ideia do amor romântico se vincula à liberdade aclamada em canções, à libertação do amor louco, do amor paixão, à possibilidade de quebrar as rotinas, invertendo os deveres, apontando para outra perspectiva: o enlaçamento entre a realização pessoal e uma liberdade (Mary Del Priore, 2012). Não são mudanças isoladas na história do Brasil, nesse período também ocorrem uma urbanização no país o tornando mais moderno.

Outros autores também se posicionam em relação a esta construção do amor romântico que consideramos importante trazer para este debate. *Em a transformação da intimidade*, Anthony Giddens (2012) também aborda esse conceito e traz alguns pontos interessantes para alinharmos com o que já foi dito até aqui.

Para o autor (2012), a centralidade do surgimento do amor romântico estaria na figura da mulher e nas maneiras como tiveram suas vidas modificadas a partir do fim do século XVIII. Nesse sentido, três pontos seriam cruciais: a criação do que se entende por lar, as mudanças nas relações estabelecidas entre pais e filhos e a "invenção da maternidade". Estas mudanças trouxeram outras formas de relação, com o poder do homem na vida doméstica diminuindo principalmente nos fins do século XIX, com a distinção e separação entre lar e trabalho e,

sobretudo com o controle que as mulheres assumiram sobre a criação dos filhos, com as famílias cada vez menores e com uma atenção totalmente voltada para as fragilidades da criança (vulneráveis), necessitando cada vez mais de apoio emocional, viu-se o deslocamento "da autoridade patriarcal para a afeição maternal" (Ryan, 1982, p. 102 citado por Antony Giddens, 1993, p. 53).

Aqui se idealiza o papel da maternidade, que, segundo o autor, foi crucial para o amor romântico, por suas influências aos valores que foram amalgamados no amor romântico. A figura atrelada a esta ideia, ou seja, a de mãe e esposa, reforçou o binarismo de "dois sexos" no que tangem às atividades e sentimentos. A mulher já era vista como distinta dos homens, mas aqui acontece uma mudança, pois a maternidade é então atrelada à feminilidade, que será compreendida como qualidade da personalidade da mulher.

Citando Cancian (1987), Antony Guiddens (1993) afirma que o amor em sua essência era feminilizado. A subordinação feminina e sua dedicação ao lar e, consequentemente, seu isolamento do mundo público se associavam diretamente à ideia de amor-romântico. Se às mulheres cabia o cuidado com o lar, com os filhos e com o esposo, aos homens era nítida a separação entre o ambiente doméstico sagrado que mantinha com sua esposa e a vivência da sua sexualidade com suas amantes e prostitutas (Antony Giddens, 1993). Mas o autor pontua que, por outro lado, isto trouxe para as mulheres, poder e certa autonomia, o que se contradiz à sua situação de privação. Antony Giddens enfatiza que o comportamento dos homens para lidarem com esta divisão de ambientes e vivências se tornou regra amparada na ideia da feminilização do amor "respeitável". Este direito fora reservado apenas para os homens e às mulheres não restava outra saída senão desenvolverem o domínio de intimidade. Surge a possibilidade de outros laços afetivos, mulheres estabelecem amizades com outras mulheres. Estas relações proporcionam a elas uma espécie de condição de igualdade no campo pessoal, mas também social, levando aqui os diversos espectros de diferentes classes sociais.

Outra característica importante apontada pelo autor é o fato de que as mulheres neste período passam a consumir literaturas e novelas de romance e nestes livros ela pode ser uma heroína. Experimentando relações com outros tipos de homens ela descobre muitas virtudes de alguém que seja íntegro, confiável, que se torna um parceiro. Aqui importa para estas mulheres o herói com características de aventureiro, não apegado às convenções sociais, mas que busca viver uma vida como nômade.

Lendo atentamente tais descrições, me pergunto o quanto disso perdura ainda hoje. Outra questão que já me perturba há algum tempo desde que comecei a ler sobre o conceito de amor romântico é o fato de praticamente não conseguir visualizar mulheres negras, senão por

seu papel como reprodutora e servidora sexual. Isto já aponta para algum lugar? Trata-se de uma construção social colonial e ainda é preciso explicitar: trata-se de amor branco. Talvez mais um excerto do texto de Antony Giddens (1993) possa contribuir um pouco com estas questões:

> Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade. Ela é incompatível com a luxúria, não tanto porque o ser amado é idealizado – embora esta seja parte da história -, mas porque presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O Outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com autoidentidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro (p. 56).

Tanto Antony Giddens (1993) como Mary Del Priore (2015) trazem um ponto pertinente para pensarmos sobre construção social de amor romântico: a relação que se estabeleceu entre o amor verdadeiro, o casamento e a maternidade, construindo então uma relação amorosa perene. Para o autor, esta associação conseguiu durante muito tempo frear a característica subversiva do amor. Enquanto tudo ainda estava sob controle, a parceria entre amor romântico e o casamento parecia estar resolvida por estar bem planeja. Mas esta ligação entre amor e casamento e as expectativas posteriores pelo desenvolvimento desta conjunção, vista pelo autor como uma frágil conexão, pode ter significado a infelicidade para muitos. Antony Giddens (1993) pontua que os espaços e as divisões de trabalho entre homens e mulheres, entre *mundo público e privado*, (grifo nosso) trouxeram o confinamento da sexualidade das mulheres ao casamento, um aspecto importantíssimo para simbolizar este lugar como próprio da mulher "respeitável", mantendo o "casamento como um objetivo primário das mulheres" (p. 58).

Seguindo ainda no caminho do amor romântico, retomamos a imagem de um casal, Romeu e Julieta, de Shakespeare, que certamente permeia até hoje o imaginário social popular acerca do amor. Para tanto, trazemos as contribuições de Renato Noguera (2020). Esses dois conhecidos personagens da peça de Shakespeare, produzida na Europa no final do século XVIII, durante período entendido como Romantismo, inspirou tantas outras histórias de amor veiculadas em poemas, filmes, esculturas e séries que vemos, ouvimos e assistimos até hoje, ou seja, o amor romântico.

Renato Noguera (2020) questiona se realmente conhecemos a definição ou o significado da expressão *amor romântico* e relembra alguns títulos de filmes que retrataram grandes romances, como *Titanic; Uma linda mulher* e tantas comédias com esta temática que já assistimos: "será que conhecemos o verdadeiro conceito por trás dessa expressão?" (p. 116).

Ao mesmo tempo que se questiona, o autor assume que tratamos o amor romântico como uma relação monogâmica e temos uma concepção idealista da vida. Afirma que supostamente a essência do amor romântico estaria na realização de algo próprio da condição humana, ou seja, o entrelaçamento do amor com o casamento, as exigências capitalísticas de divisão de compromisso financeiro e a aquisição de bens materiais, atrelados ainda a valores morais geralmente judaico-cristãos que permitem apenas a união de duas pessoas de sexo oposto, uma relação heteronormativa, composta por homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais. Nessa perspectiva, os papéis de cada um já estão determinados, carregados de história. A reflexão de Renato Noguera (2020) corrobora com a discussão de Antony Giddens (1993) apresentada anteriormente, a respeito dos aspectos de homens e de mulheres que os tornariam aptos para uma relação.

Os homens mais valorizados seriam aqueles com autonomia financeira, bem situados no mundo público. Já as mulheres deveriam apresentar características que as ligariam ao papel do ambiente privado doméstico, jovialidade e quadris largos como símbolo de fertilidade, que atrelam sua imagem à mãe e à doméstica. Segundo o autor, essas características se apresentam até hoje como um ideal de relacionamento amoroso, afirmando que "ainda somos assombrados pela noção de que o amor romântico continua a visar ao acúmulo de patrimônio e à procriação" (Renato Noguera, 2020, p. 119).

A seguir trabalharemos com uma obra de grande relevância para os estudos sobre o amor em Psicologia Social. *El amor desde la Psicologia Social: ni tan libres, ni tan racionales*, de Carlos Yela García (2002). Nesse livro, que já está para completar 20 anos de sua publicação, ainda podemos encontrar discussões extremamente importantes para nossa pesquisa, principalmente por se alocar no campo das Psicologia Social.

O autor traça um caminho desde a evolução do amor e as construções biológicas em relação aos nossos sentimentos amorosos, seguindo pela explanação sobre o amor e suas construções culturais, o amor e a sociedade, o amor e o indivíduo em suas relações interpessoais e conclui questionando sobre a aplicabilidade do estudo científico-social do amor e para que tais estudos serviriam.

Carlos Yela García (2002) destaca que o amor é visto como um tema de menor valor para ser tratado, estudado a partir da ciência, existindo uma resistência inclusive por parte dos

próprios psicólogos. De acordo com ele, existe um medo de que, na medida em que os cientistas sociais avancem nesta pesquisa e descubram os mecanismos que sustentam nossos sentimentos, nós deixaríamos de sentir o amor e as sensações associadas a ele. Em contrapartida, assume que a maioria das teorias psicológicas que abordam a temática felicidade, de alguma maneira incorporam o amor como parte fundamental deste sentimento.

Segundo Carlos Yela García (2002), apenas no ano de 1964 a Psicologia Social incorporou a discussão sobre o amor em um manual; em um capítulo que discutia atração interpessoal, o amor surge em breves considerações. Mas é a partir do ano de 1965 que a Psicologia Social passa a publicar material consistente sobre amor e relações amorosas. Em meados dos anos de 1970, cresce consideravelmente a produção a respeito do amor na Psicologia Social, com uma "explosão de investigações" (Carlos Yela García, 2002, p. 29).

Sobre o amor romântico, o autor vai destacar o cuidado que devemos ter ao utilizarmos a expressão. Carlos Yela García (2002) aponta que um erro é cometido quando utilizamos a expressão amor romântico como um sinônimo de amor de casais, parceiros, lembrando que amor também surge para outros sujeitos, situações e objetos, como por exemplo: o amor fraterno, o amor paternal, amor pela natureza, um amor a um deus. Embora abra estes parênteses para nos chamar atenção, o autor (2002) assume a perspectiva de amor romântico de casais, ainda que sejam múltiplas definições possíveis. Este amor de casal, segundo o autor, é "*generalmente, aunque no necesariamente, relación íntima entre dos adultos de distinto sexo que incluye relaciones sexuales*" (p. 33). O autor assume também o quanto é difícil apreender em que realmente consiste no amor, justamente pela enorme variedade de componentes que influenciam as relações entre os casais, onde se manifesta este amor.

Carlos Yela García (2002) apresenta os níveis que são necessários para o entendimento do fenômeno amoroso. Por se tratar de algo tão complexo, precisa ser analisado a partir de diversas questões. A primeira delas seria aquilo que é específico da espécie, ou seja, do ser humano (a importância da genética, contingências etc.). Outra seria a cultural: a cultural atual e a história. E ainda teria a social: analisando a sociedade e causas básicas das condutas, normas sociais, costumes etc. O interpessoal: aqui a análise realizada a partir do grupo e suas interações. A Psicologia Social se localizaria aqui para pensar causas básicas das condutas, do aprendizado e interação social, os reforços, a cognição social, a influência social etc. e, por último, a individual, para pensar causas básicas de conduta incluindo também processos psico-biológicos (personalidade, as atitudes, processos fisiológicos neurológicos e químicos). O autor ainda pontua que não se trata de uma escolha entre o que é verdade e o que não é, mas sim sobre aquilo que é útil ou não para o trabalho.

O autor segue abordando essas especificidades ao longo da construção e do desenvolvimento da compreensão sobre o amor, ou das relações amorosas, seguindo a própria evolução humana. Destaca que o que nos distingue das outras espécies animais não seriam nossos sentimentos, mas sim nossa linguagem. Apresenta o desenvolvimento do amor desde a Idade Média até a contemporaneidade. Na obra de Carlos Yela García (2012) é possível ver a complexidade do fenômeno amor que envolve características físicas, químicas e biológicas, processos básicos de comportamento humano, que vão depender de um conjunto de diversos sentimentos, sensações, crenças, expectativas, pensamentos, fatores evolutivos, cognitivos, bioquímicos, sociais, culturais, interpessoais, sociodemográficos etc. Todo este conjunto nós nomeamos como amor. Todas estas características podem colaborar com as análises psicossociais (Carlos Yela García, 2012), se estas forem desenvolvidas de forma sistemática e rigorosa.

Seguindo, trazemos para nossas reflexões as contribuições de Zygmunt Bauman, a partir do seu livro *Amor Líquido*: *sobre a fragilidade dos laços humanos*, que busca esclarecer, registrar e apreender "a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos" (Zygmunt Bauman, 2014, p.8).

Abordar esta obra no final desta discussão, antes de passarmos para o próximo ponto que chamamos de *Os amores*, *me* parece um bom caminho para pensarmos o quão próximo do amor cotidiano que vivemos hoje estaria a discussão proposta pelo autor a partir dos relacionamentos amorosos, afetivos e sociais que se encontram na pós-modernidade, ou como nomeia Zygmunt Bauman (2014), na *modernidade líquida.*

Para compor esse percurso, o autor preparou quatro capítulos: "Apaixonar-se e desapaixonar-se"; "Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade"; "Sobre a dificuldade de amar o próximo" e "Convívio destruído" (Zygmunt Bauman, 2014). A partir dos títulos já podemos dizer que a discussão empreendida pelo autor é bem diferente do que trouxemos até aqui. O autor nos convida a refletir sobretudo a respeito das fragilidades dos laços humanos.

Vale a pena resgatar que Bauman já discute a fragilidade humana a partir de outros títulos importantes em sua coleção de livros, dentre eles a Modernidade Líquida, no qual o autor já abordava as fragilidades não apenas das relações e interações sociais, mas também as relações econômicas e produção se encontram neste mesmo espectro da fragilidade. No período após a segunda guerra mundial, especialmente após a década de 1960, houve, segundo Zygmunt Bauman (2001), uma sobreposição das relações econômicas sobre as relações humanas, o que

fragilizou os laços desenvolvidos entre seres humanos e destes com as instituições, resultando na passagem de uma modernidade vista como sólida para o que o autor nomeava como uma modernidade líquida.

O amor líquido apresentado por Zygmunt Bauman (2014) está completamente mergulhado nesta modernidade líquida, em que o consumo se tornou sua principal premissa, consumo não somente de objetos, mas também de relações, em um ambiente em que as pessoas passam a ser valorizadas pelo que possuem e podem comprar.

Em sua obra, Zygmunt Bauman (2014) aponta em um primeiro momento para a maneira como naturalizamos a condição de nos apaixonarmos por alguém, quase que como uma condição já dada, algo que poderia acontecer de maneira recorrente. Se antes existia a crença pela procura de um único amor, hoje as pessoas passam então a nomear mais de uma experiência de suas vidas como sendo experiência de amor, havendo, inclusive, uma expectativa de que futuramente outras relações pudessem acontecer (Zygmunt Bauman, 2014). Para o autor, definimos como amor coisas que anteriormente não eram definidas como tal e o conceito se expandiu para outras experiências da vida.

Para Zygmunt Bauman (2014), o ato de consumir se tornou muito mais intenso na modernidade líquida, porque o sujeito também é consumido enquanto objeto que se pode descartar para se obter outro. Juntamente com a facilidade de consumir atrela-se à ausência de responsabilidade mútua, não existe mais a prisão, a obrigação de se fixar em alguém, sempre haverá outro. Nestas múltiplas experiências amorosas a qualidade não está presente, o que corrobora a busca desenfreada pela quantidade de parceiros e parceiras.

Na tentativa de pormenorizar ou explicitar a relação amorosa discutida em seu livro, Bauman (2014) diferencia duas categorias importantes para a compreensão da sua perspectiva. De um lado a categoria *parentesco,* que estaria ligada aos laços de sangue, este sendo indestrutível, o que não nos possibilita uma escolha principalmente por sua significação cultural. O parentesco nos é imposto desde o nascimento e prescreve comportamentos culturalmente esperados, aqui se destaca a rigidez nos deveres e nos direitos.

Já algumas possibilita a escolha, sempre se pode voltar atrás, não há a imposição rígida como no parentesco. A afinidade é, ao contrário do parentesco, eletiva. A afinidade é escolhida, passa por um processo de escolha que pode resultar na firmação da afinidade ou na rejeição. Porém, e isso é importante, o objetivo da afinidade é ser como o parentesco. No entanto, o autor nos alerta que mesmo a afinidade não leva o sujeito a manter relações fixas. A questão para o Zygmunt Bauman (2014) é que não existe nas pessoas o desejo de fixidez em uma relação, estaria relacionada ao parentesco. Neste sentido, não há um arriscar por parte dos parceiros no

sentido de uma entrega real. As relações se baseiam naquilo que já se tem e não na união de um desejo comum de construção de algo.

Outro ponto importante desenvolvido pelo autor é a construção de que para se obter o amor-próprio ou amor a si mesmo é preciso passar pela experiência de ser amado. É na relação estabelecida com o outro, ao ser ouvida, ao se sentir importante na sua presença e que esta será realmente percebida, nos percebemos especiais, únicos. É o outro quem diz e que classifica se somos ou não dignos de sermos amados, o que fazemos é apenas o reconhecimento desta condição classificada pelo outro.

Esta relação estabelecida no reconhecimento pelo outro é chamada de “amar ao próximo como ama a ti mesmo” (Zygmunt Bauman, 2014, p.99) e compreendida pelo autor como a regra máxima da moralidade. A sobrevivência precisa de algo além do instinto de preservação. Uma atuação moral que possa garantir mais do que uma relação entre animais, esta moralidade atuante na definição do eu e do outro é o que possibilita uma relação humana.

> Se é isso que nos torna objetos legítimos e adequados do amor-próprio, então a exortação a "amar o próximo como a si mesmo" (ou seja, ter a expectativa de que o próximo desejará ser amado pelas mesmas razões que estimulam nosso amor-próprio) evoca o desejo do próximo de ter reconhecida, admitida e confirmada a sua dignidade de portar um valor singular, insubstituível e não-descartável. A exortação nos leva a pressupor que o próximo de fato representa esses valores — ao menos até prova em contrário. Amar o próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a singularidade de cada um — o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia de suas promessas (Zygmunt Bauman, 2014, p. 103).

Zygmunt Bauman (2014) ainda continua sua discussão nos alertando sobre o resultado da globalização da modernidade e pós-modernidade nas relações humanas. Para o autor as relações estariam marcadas principalmente pela falta de compromisso e pelo prazer momentâneo, o que teria se agravado com os relacionamentos virtuais que ocupam mais espaço e importância do que os relacionamentos presenciais. O autor ainda aponta para as consequências para a humanidade que busca de maneira desenfreada a individualidade e a liberdade em detrimento de um laço afetivo estável e saudável.

Vimos até aqui algumas leituras sobre o amor que já foram apresentadas por áreas de conhecimento distintas e que nos ajuda a entender o quanto que ainda há para se dizer sobre o

assunto. Cabe também aqui pensar: mas estas perspectivas sobre o amor contemplam as mulheres negras? Estas leituras são suficientes para falar sobre o amor tendo como sujeitas as mulheres negras?

Afirmo que não, estas leituras não são suficientes para compreendermos o que cada uma das oito mulheres que relataram suas histórias, estão dizendo sobre o amor. Por isso a necessidade de ir além. A seguir apresento os amores, na tentativa de aproximar a leitora(o) do conhecimento produzido por estas mulheres a partir de suas próprias experiências.

1.2 Os amores

> *Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso.*
>
> (bell hooks, 2010, p. 1)

Aqui debruço-me sobre o que está sendo produzido, principalmente por autoras negras, no que diz respeito aos afetos e aí se circunscreve a palavra *amor* e como este termo socialmente construído se configura para as mulheres negras enquanto subjetividades atravessadas por raça, gênero, sexualidade e classe social. A partir daqui abordo a temática do amor para mulheres negras na tentativa de se circunscrever caminhos e possibilidades reflexivas, das experiências em que estas mulheres se inserem a partir da produção de autoras que discutem amor, afeto, solidão das mulheres negras. A tentativa é a de minimamente apresentar uma discussão que terá como foco a vida afetiva- sexual das mulheres negras.

Compreendemos o quão difícil é abordar o tema do amor, estando este no campo das emoções, como já foi apontado pela autora Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008), inclusive, tomamos de empréstimo o que postulou a autora e afirmamos que também em nossa pesquisa, os princípios fundamentais desta investigação são moldados pela compreensão de que as emoções e afetos carregam a expressão de sentidos públicos, como se fossem fios tecidos na complexa malha das relações sociais que compõem uma cultura. Essa visão, contudo, não reduz os significados individuais que cada um atribui às suas ações, nem os submete à tirania das estruturas normativas. Pois a escolha de alguém ou algo não se desvincula daquilo que uma

cultura específica válida ou repudia. No entanto, abre possibilidades para que os indivíduos renovem, adaptem e deem novos significados às suas experiências emocionais, afetivas e sociais. É inclusive importante pontuar que estas possibilidades são marcadas pelo direito de agenciamento de seus afetos, no nosso caso das mulheres negras que se relacionam com pessoas brancas.

A proposta de se discutir o amor para mulheres negras surge como parte do processo de construção do projeto de tese. Pretendeu-se aqui compreender o objeto amor dentro da perspectiva de construção social do que se trata o conceito e de como ele se tornou o que conhecemos hoje. Por isso, desenhar um caminho que nos ajude a compreender a dinâmica do amor para estas mulheres será de grande relevância para o que se propôs esta pesquisa.

Neste momento interessa pensar o amor para mulheres negras, entendendo o contexto no qual estas mulheres vivenciam e estabelecem relações dentro de uma dinâmica marcada pelo racismo e por todas as consequências deste fenômeno para a vida destas mulheres. O sistema escravocrata impossibilitou às pessoas negras viverem o amor. E por isso entende-se que a opressão, a violência e exploração incidiram na capacidade da mulher negra amar (hooks, 2010). Pensar o amor como construção social em que o modelo de sujeito desse amor é o homem branco eurocêntrico, de alguma forma nos faz questionar se nós mulheres negras então, vivemos a experiência de um amor. Se fomos excluídas de tantas pautas e se foram nos tirado tantos direitos básicos de sobrevivência, estaríamos incluídas enquanto subjetividades aptas para amarem e serem amadas? Se partimos da compreensão que no Brasil o racismo é estrutural, e que, portanto, atinge todas as esferas da vida da população negra, como as esferas políticas, familiares e econômicas (Silvio Almeida, 2018) "e de que o racismo tem a desumanização como uma de suas marcas mais brutais (Ana Luiz Pinheiro Flauzina, 2016, p.64)", nos parece complexo e extremamente relevante discutirmos sobre a possibilidade do amor para pessoas negras e aqui especificamente para mulheres negras.

Em um sistema escravagista no qual famílias inteiras eram separadas, filhos, amantes e companheiros sendo vendidos como animais, sujeitos que foram submetidos à extrema miséria, sendo arrancadas dos seus lares, não poderiam entender o significado da palavra amor (hooks, 2010). Então, o que resta para as mulheres negras de África e das Diásporas Africanas? Seria o ódio e a dor?

Para tanto, partimos de um conceito que vem sendo utilizado pelas ciências humanas e sociais e que se mostrou importante para esta discussão. O conceito de racismo estrutural, como postulou Silvio Almeida (2018), pela compreensão de que assim como afirma o autor que todas as relações humanas serão permeadas pelo racismo, pensar como ele afetou e ainda afeta a

afetividade de mulheres negras no Brasil foi de grande relevância. Me refiro aqui principalmente aos séculos de dor, castigos, da negação da capacidade e do direito à humanidade, e, portanto, do direito ao amor. Conforme Silvio Almeida (2018), "o que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática" (p. 39).

Falar de amor, ódio e dor para as mulheres negras parece necessário ainda que o assunto não seja dos mais fáceis. Cotidianamente ouço mulheres negras dizerem de suas experiências com o amor ou da falta da experiência com algo que para boa parte das pessoas parece ser um assunto naturalmente tranquilo. Poderíamos afirmar que mulheres negras experimentam o amor tal qual pessoas não negras experimentam? Segundo bell hooks (2010), "se considerarmos a experiência do povo negro a partir dessa definição, é possível entender porque historicamente muitos se sentiram frustrados como amantes" (p.1). Portanto, interessa-nos pensar o amor para mulheres negras, no nosso contexto estruturalmente racista e entender como subjetividades marcadas pela violência, pelo ódio e pela dor se refazem cotidianamente, na tentativa de se sentirem "aptas" ao amor. Não podemos falar de amor inter-racial, sem antes entendermos a construção social do que seria entendido como amor.

O processo de escravização criou uma atmosfera em que, para as pessoas negras, a impossibilidade de se manterem com seus ou suas companheiras proporcionou a ideia de que a intimidade estaria relacionada completamente à sua realidade cotidiana, e que, portanto, as relações estabelecidas seriam transitórias. Com isso, os sentimentos e emoções eram reprimidos como forma de garantir sua sobrevivência, uma vez que dessa forma diminuiria suas fragilidades (bell hooks, 2010). Conforme bell hooks, "precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar" (2010, p. 1).

> Imagino que, após o término da escravidão, muitos negros estivessem ansiosos para experimentar relações de intimidade, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados para praticar a arte de amar. Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação. Estavam assim se utilizando dos mesmos métodos brutais que os senhores de engenho usaram contra eles. Sabemos que

> sua vida não era fácil; que com a abolição da escravatura os negros não ficaram imediatamente livres para amar (bell hooks, 2010, p. 2).

Em relação à realidade escancarada por bell hooks (2010), ainda que ela não esteja falando do nosso contexto brasileiro, a característica escravagista nos coloca sob uma mesma perspectiva. Aqui no Brasil, o processo não aconteceu de forma muito diferente e, além de lidar com todas estas questões apontadas pela autora, vivemos a celebração da mestiçagem, que deixou de ser produto de estupro colonizador e passou a fazer parte das relações amorosas possíveis de serem vividas. Nosso imaginário está repleto de ambiguidades. Se por um lado nossas ancestrais foram estupradas e açoitadas por homens brancos, castigadas pelas esposas brancas destes homens, hoje nós produzimos ou reproduzimos as relações interraciais, que estão sobrecarregadas deste imaginário.

Desde muito cedo mulheres negras aprenderam que deveriam negar suas necessidades íntimas, pois o contexto exigia destas mulheres alta capacidade de enfrentar os desafios impostos pela vida pública e política (bell hooks, 2010; Maria Beatriz do Nascimento, 1990). "Levantaria ela a proposta de parcerias nas relações sexuais que, por fim, se distribuiria nas relações sociais mais amplas" (Maria Beatriz do Nascimento, 1990, p.3).

Ainda que muitas mulheres desejem viver relações afetivo-sexuais, na maioria das vezes acabam sozinhas (Patricia Hill Collins, 2019; Laura Moutinho, 2004), precisam lidar com a falta de amor, ou melhor, com a impossibilidade de viver um amor, com a rejeição, ou ainda, com a objetificação do seu corpo que será usado e descartado como mercadoria barata.

As mulheres negras e mestiças não seriam dignas para o afeto. À estas mulheres caberiam apenas o lugar do sexo, da erotização e hipersexualização, do trabalho doméstico, o mesmo lugar destinado a elas no período de escravização. Já para as mulheres brancas o mercado do afeto, das relações formais como o casamento, o namoro e a união estável estariam totalmente à disposição (Ana Lemos Cláudia Pacheco, 2008). São representações naturalizadas dos lugares que devem ser ocupados por mulheres negras e mulheres não negras em uma sociedade marcada pelo período escravagista e por todas as consequências advindas desse processo.

Maria Beatriz do Nascimento (1990) afirma que, para mudar este contexto, a mulher negra precisa desmistificar o conceito de amor, transformando-o em movimento cultural e social, que nos coloque na atividade política, por exemplo. Lutar pela igualdade entre os sexos e não uma "igualdade iluminista" (Maria Beatriz do Nascimento, 1990, p. 3). A autora nos orienta ainda a rejeitarmos a fantasia que nos é imposta de submissão amorosa, para surgir uma

mulher negra que participe, que assuma sua postura crítica de autonomia e agência de sua vida e de sua própria história, sem reproduzir o comportamento de autoritarismo masculino.

Sendo muitas vezes excluída do circuito das relações afetivas, a mulher negra foi obrigada a lidar muito cedo com a dor e com a raiva. Raiva esta que por muitas vezes foi e ainda é estigmatizada, mas que no cotidiano proporcionou a estas mulheres possibilidades de lidar com o racismo e toda sua crueldade.

Angela Davis, em sua passagem pelo Brasil em outubro do ano de 2019, foi questionada sobre diversos assuntos, um deles de maneira muito enfática, tratava exatamente da raiva das mulheres negras. Com um grande sorriso a ativista pelos direitos de mulheres e homens negros respondeu: “Tenho problemas com a raiva quando é mal direcionada, mas a raiva quando é bem direcionada, nos ajuda a progredir. Mulheres negras têm a reputação de serem raivosas e isso é bom” (Angela Davis, 19 de outubro de 2019).

Como aponta Angela Davis (2019), o grande problema da raiva é quando ela é direcionada de maneira errada. bell hooks (2019) e Audre Lorde (2018) enfatizam o problema da raiva das mulheres negras, quando esta raiva é direcionada a si mesma e/ou para outra mulher negra. Não viver o amor primeiro, que é amar a si mesma, impossibilita as mulheres negras de amarem suas iguais. Ver outra mulher negra é como se ver espelhada em um espelho. Como amar então aquela que eu odeio em mim mesma? Mas parece haver um outro lado, uma outra oportunidade apontada por bell hooks (2018). Para esta autora, ainda que sejam minoria, existem mulheres negras que mesmo vivenciando a raiva direcionada cotidianamente a si mesmas, não dirigem o sentimento de ódio para suas iguais. Nesse sentido, bell hooks (2018) enfatiza a importância de se pensar as experiências individuais, para não homogeneizar as vidas e as experiências das mulheres negras, exterminando assim as diversas possibilidades de se reinventarem como mulheres negras. Podemos ver, no excerto a seguir, o pensamento de hooks e seu incômodo em relação ao movimento de se generalizar as vivências negras:

> Eu não esqueci essa “fúria” coletiva das mulheres negras diante da diferença, uma raiva direcionada a qualquer mulher negra que ousasse, individualmente, falar como se nós fôssemos mais do que nossas dores, mais do que a dor coletiva que as mulheres negras experimentaram historicamente (bell hooks, 2018, p. 104).

Parece existir uma linha tênue entre o amor e o ódio para mulheres negras, uma relação extremamente polarizada na qual, ou você ocupa o lugar daquela que cumpre com certos requisitos racistas estruturais para manter uma relação amorosa, ou você sucumbe à prática

solitária da experiência e, a partir daí, cria outros caminhos para lidar com o desejo. Mas, ainda que a situação nos pareça difícil e meio que sem saída, temos na fala de diversas autoras negras, como bell hooks, Angela Davis, Patricia Hill Collins, Ana Cláudia Lemos Pacheco, Audre Lorde e Lélia Gonzales, um fio condutor que nos leva para o outro lado, o lado das resistências e das possíveis subjetividades, a existência das subjetividades individuais nas lutas coletivas. Não podemos esquecer que nesse contexto de tentativas de experiências de amor, os marcadores sociais, raça, gênero, sexualidade e classe social se intercruzam, tornando o fenômeno ainda mais complexo. Poderíamos nos perguntar, então: há uma saída? bell hooks (2010) nos aponta um caminho.

O primeiro passo apontado pela autora vai em direção ao amor da mulher negra por ela mesma. Todavia, este não é um processo fácil, porque quando nos olhamos no espelho, o que vemos é a imagem de uma mulher com a pele escura, cabelos crespos, gorda, feia, indigna para o amor. O que vejo é a dor perpetrada por séculos por aqueles que se diziam meus donos. Esta imagem nos foi imposta pela colonização e, portanto, precisaríamos descolonizar nossa própria imagem para que, amando a nós mesmas em primeiro plano, possamos nos permitir viver o amor em sua plenitude. Nos amando teremos uma escolha:

> As mulheres negras que escolhem (e aqui enfatizo a palavra "escolhem") praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor (bell hooks, 2010, p. 10).

No caso do amor para mulheres negras em relacionamentos interraciais, alguns outros fatores precisam ser levados em consideração. Assim, como bem apontam Laura Moutinho (2004) e Patricia Hill Collins (2019), é preciso entender as lógicas das sujeições combinadas que irão conjugar diferentes marcadores. Pensar, por exemplo, na imagem retratada por hooks (2010), da mulher negra no espelho, e ainda lidar com a imagem que remete ao sujeito ou sujeita branca colonizadora(o), traz para estas mulheres lugares para serem ocupados que são marcados socialmente pela violência e pela subordinação. Escolher amar um homem branco ou uma mulher branca lhe trará consequências. Acreditamos que inclusive o silenciamento desta última escolha, a do amor lésbico, na produção de material científico, se mostra como algo extremamente relevante a ser tratado em nossa pesquisa.

Revisando as referências bibliográficas vimos que nas pesquisas, o que são considerados para as análises são os relacionamentos heterossexuais entre mulheres negras e homens brancos. Não encontramos em nossa leitura menção aos relacionamentos inter-raciais lésbicos no momento que realizamos a revisão. Por isso, destacamos a importância da obra da autora Audre Lorde, *Irmã outsider*, lançada no Brasil em 2020, uma fonte que nos aponta uma direção para a discussão do amor entre mulheres, especificamente para as mulheres negras.

A autora negra se reconhecia enquanto uma mulher negra, lésbica e mãe. Ela nos provoca no sentido de enfrentarmos imposições que nos foram feitas há séculos, uma delas a impossibilidade do amor entre iguais. No caso, o amor entre duas mulheres negras, que em grande medida é visto como ameaça para os homens negros. O caminho de enfrentamento apontado por Audre Lorde (2020) está na autodefinição das mulheres negras para si mesmas e para seus desejos e objetivos, para além do que se refere às relações sexuais. Com isso, cada mulher negra será dotada de integridade e empoderamento.

Audre Lorde (2020) reconhece que, ao longo do tempo, mulheres negras passaram por violências que homens negros não vivenciaram como: não ser obrigados a terem filhos que não queriam ter, sofrer esterilização compulsória, o estupro, nunca passaram pela impossibilidade de aborto, ferramenta de opressão utilizada apenas em mulheres negras. A autorrealização das mulheres negras e os vínculos que estas estabelecem entre si muitas vezes são vistos como avanços extremamente ameaçadores para eles, homens negros. Aqui a autora chama a atenção para a maneira como as mulheres negras lésbicas são vistas: “As lésbicas são, hoje, usadas como isca de uma falsa ameaça na comunidade negra, numa manobra cuja intenção é nos distrair da verdadeira face do racismo/machismo” (Audre Lorde, 2020, p. 59).

Esta falsa ameaça pontuada pela autora seria uma manobra de distração do objetivo primordial de luta contra a “verdadeira face do racismo/machismo” (p. 59). O risco apontado aqui é que o fato de as mulheres negras terem laços estreitos fazem com que sejam vistas e apontadas por alguns homens como inimigas. Dessa forma, se defendem desta ameaça, utilizando-se do medo para dominar tais mulheres que não são inimigas de homens negros, pelo contrário, essas mulheres seriam suas aliadas. Aqui cabe transcrever um exemplo dado por Audre Lorde (2020) para demonstrar como mulheres negras que se juntavam, inclusive com mulheres brancas, para legitimar suas lutas, eram muitas vezes ameaçadas por homens negros:

> No campus da State University of New York no final da década de 1970, quando mulheres negras foram perseguidas por se reunirem para debater questões de seu interesse. As mulheres negras que ousaram explorar as possibilidades de uma conexão

> feminista com mulheres não negras receberam ligações com ameaças de violência. Algumas dessas mulheres, intimidadas pelas ameaças e pela perda da aprovação dos homens negros, se viraram contra suas irmãs. As ameaças, no entanto, não conseguiram evitar a tentativa de união entre as feministas, a histeria que isso provocou no campus fez com que algumas mulheres negras fossem espancadas e estupradas. Pouco importa se as ameaças dos homens negros realmente desencadearam os ataques ou se apenas estimularam o clima de hostilidade que os favoreceu; as consequências para essas mulheres foram as mesmas (Audre Lorde, 2020, p. 60).

Esta situação de violência relatada pela autora ocorreu em Nova York, mas poderia também ser relatada aqui no Brasil. Não queremos com este excerto afirmar que todos os homens negros são violentos ou que são contra as mulheres negras, estamos apontando o quanto os fenômenos que envolvem relações humanas marcadas por raça, gênero, classe, sexualidade, demografia são complexos e precisam ser observados com cuidado. Ainda sobre o tema, podemos lembrar a violência com que os homens negros são tratados no Brasil pela polícia.

O que importa aqui é dizer que os amores, sejam eles quais forem, precisam ser olhados a partir da intersecção das categorias que nas relações se apresentam, seja uma relação amorosa sexual, seja uma relação amorosa política, conforme bell hooks (2010). A defesa aqui é a de que o amor para mulheres negras não é um ato simples de se bancar, não se trata de escolher estar ou não estar com alguém, mas sim do fato de que o amor para nós, mulheres negras, em toda sua complexidade é mais um direito que estamos tentando acessar. A dificuldade desse acesso se mostra nas diversas formas de violência que nos colocam como mulheres perigosas, vilãs, traidoras contra os nossos iguais, quando por exemplo fugimos das regras heteronormativas da maneira de amar, como bem é apontado por Audre Lorde (2020).

Levando em consideração que o resultado preliminar anteriormente mencionado nos aponta para um preterimento afetivo no que diz respeito às mulheres negras em relacionamentos afetivo-sexuais com homens, seria interessante entender como se dá o universo das relações afetivas-sexuais interraciais de mulheres com outras mulheres.

Destaco também outra realidade vivida pelas mulheres negras que é apontada por Patricia Hill Collins (2019), o histórico de abuso sexual pelo qual estas mulheres foram submetidas por séculos e que terá grande peso nas dinâmicas afetivas-sexuais das mulheres negras. Ainda que a autora esteja localizando vidas de mulheres afro-americanas, podemos entender que o que se passou aqui no Brasil não foi muito diferente. Os relacionamentos interraciais em que a mulher é negra e o homem é branco sofrerão uma dura crítica por parte

do movimento negro e o peso da crítica recai em sua grande maioria sobre os ombros das mulheres negras, que são frequentemente acusadas de traírem a raça de terem perdido suas identidades, ou ainda de se prostituírem ou de se rebaixarem, pois, estas relações também eram vistam como um meio que as mulheres negras encontravam para ter ganhos financeiros e/ou sociais.

Como ressaltado por Patricia Hill Collins (2019), ainda que seja difícil e doloroso abordar a temática do amor em relacionamentos interraciais, esta é uma discussão necessária. Não há aqui, portanto, a negação de que exista uma relação de poder pré-estabelecida entre o homem branco e a mulher negra, mas o reconhecimento da genuinidade de afeto em algumas relações sexuais nas quais a configuração do par era uma mulher negra e um homem branco. As histórias individuais de mulheres negras que se relacionam com homens brancos abrem feridas coletivas, lembranças violentas entre senhores e escravizadas. Mas também somos chamadas a refletir sobre o papel das mulheres negras nestas relações pois, "caracterizar o sexo inter-racial puramente em termos da vitimização das mulheres negras seria uma distorção, porque essa representação priva as mulheres negras de agência (Patricia Hill Collins, 2019, p.276)."

Ainda sobre a realidade da mulher negra, é importante retomar o que foi apresentado no início deste capítulo, quando apresentamos algumas obras que consideramos de extrema relevância para nosso estudo. As mulheres negras experimentam um maior preterimento matrimonial, tanto para relações com homens e mulheres "brancas", quanto para com homens negros. Por conta da escassez de parceiros e parceiras, a mulher negra experimenta em sua dinâmica amorosa uma espécie de celibato compulsório e, nesse sentido, o amor será compreendido como um fenômeno que articula prazer e dor (Laura Moutinho, 2004). Nas narrativas produzidas por nossas coirmãs foi possível encontrar a realidade tanto do preterimento matrimonial e do celibato compulsório, o que poderá ser conferido no capítulo dedicado à estas narrativas.

Quando afirmamos que mulheres negras sofrem com as sobreposições de marcadores sociais como raça, gênero, classe e sexualidade, isso também se apresenta nas experiências dessas mulheres com o que chamamos de amor, ou seja, o racismo estrutural também se apresenta de maneira perversa quando falamos de amor. Os corpos das mulheres negras que foram dominados no período escravagista carregam o peso de não poderem amar e serem amados, na maioria das vezes. A raiva e o ódio se apresentam como possibilidades de expressão de sentimentos e, em muitos casos, serão os maiores componentes na vida afetiva das mulheres negras.

As poucas palavras aqui escritas mostram apenas a ponta do grande *iceberg* que são as relações amorosas nas quais mulheres negras se encontram envolvidas. É difícil pensar, imaginar e reviver na própria pele a dor, a raiva e a ausência do amor. Acredito que radicalizar identidades e subjetividades que possam transgredir a norma (bell hooks, 2018) é um caminho possível para lidar com essa realidade impostas às mulheres negras. Devemos entender a importância de visualizar o fenômeno como um todo, mas sem homogeneizar as histórias de vidas das mulheres negras. É preciso reconhecer as múltiplas identidades dessas mulheres e aceitar que, desde o período escravagista até hoje, elas e nós nos reinventamos.

A obra: Tudo sobre o amor novas perspectivas – escrita por bell hooks em 1952 e traduzida para o português e publicada no Brasil em 2021, nos ajuda a compreender melhor a complexidade da temática amor, para mulheres negras e colabora com a perspectiva de que pessoas negras buscam recriar e/ou ressignificar o amor em suas vidas. bell hooks propõe uma nova definição para o amor, que ela chama de “amor real”. Segundo hooks, o amor real não é apenas um sentimento, mas uma ação que envolve carinho, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta. bell hooks mergulha na intrincada tapeçaria do amor, questionando a natureza das nossas compreensões culturais e pessoais sobre esse sentimento profundo. hooks argumenta que vivemos numa cultura do amor desprovida, onde noções equivocadas e imagens românticas frequentemente eclipsam a verdadeira essência do amor – um ato de vontade, um gesto que se estende além da emoção.

O amor real é um amor ativo e consciente que busca o crescimento e a transformação tanto do indivíduo quanto do outro. É um amor que se manifesta em nossas ações e interações diárias com os outros. Portanto, o “amor real” vai além do amor romântico ou da afeição; é um amor que se manifesta em nossas ações e interações diárias com os outros. O amor proposto pela autora enquanto uma ação em que a proposta principal é o caminho da justiça social.

Ao refletir sobre o amor no âmbito teórico, bell hooks destaca o número limitado de mulheres que abordam este tema no segmento não-ficcional. Mesmo quando as mulheres são ávidas leitoras deste gênero, elas frequentemente se deparam com perspectivas masculinas sobre o amor. Nesse contexto, Zygmunt Bauman se destaca com seu livro "Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos", lançado no Brasil em 2003. O autor, enquanto um homem branco, europeu e acadêmico, tem uma posição privilegiada que informa sua análise. Em contraste, bell hooks traz um olhar distinto, baseado em sua vivência como mulher negra, feminista e defensora dos direitos civis. Embora seja dos Estados Unidos, sua obra ressoa com as reflexões e preocupações de mulheres ocidentais contemporâneas em relação ao amor.

Nos interessa profundamente o que a autora discute a respeito das primeiras relações de afeto e amor em que somos inseridas que estão presentes nas relações familiares, eixo central das suas discussões. hooks afirma que na infância, na maioria das vezes, somos apresentadas à forma nociva do amor que está recheada à abusos, descasos e displicências. Amor e desvalorização do outro e de si mesmo, coexistem nesta instituição chamada família. A própria autora relata sua experiência para melhor entendimento dizendo: “recebia o que estava acostumada a receber – carinho e afeição, geralmente misturados com algum grau de grosseria, negligência e, em algumas ocasiões, franca crueldade” (bell hooks, 2020, p. 52).

Nestas experiências familiares somos apresentadas a uma noção deformada e deturpada do amor. O abuso enquanto ferramenta presente nestas relações banaliza o amor, pois se expressa em práticas violentas se escondem no excesso de sentimentalismo “eu te bati para seu bem” “te corrigi porque te amo muito”. A família em suas práticas punitivas duras, naturaliza o amor enquanto violência. A primeira escola do amor, cria sentimentos confusos em suas crianças, apresenta uma versão do amor oscilante entre a recompensa e a punição, amor e violência, presença e ausência, que permeiam e acompanham a vida desde a infância até a vida adulta. O pano de fundo apresentado por hooks reitera a noção de solidão e ausência de amor nas relações familiares. Hooks também questiona a maneira como somos inseridas no circuito do amor e afeto pelas literaturas românticas, que em sua maioria segundo a autora: “encoraja todo mundo a se adaptar às circunstâncias em que falta amor” (bell hooks, 2020, p. 52).

Seguindo o caminho é importante retomar que a escrita desta tese não segue os padrões estabelecidos tradicionalmente. Esta decisão já havia sido tomada no início da pesquisa, quando esta, ainda era uma ideia, um rascunho. Após a leitura da tese de doutoramento da autora Paula Rita Bacellar Gonzaga intitulada: "A GENTE É MUITO MAIOR, A GENTE É UM CORPO COLETIVO": Produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais, fez ainda mais sentido manter a linha de raciocínio da escrita que faça sentido para mim e minhas interlocutoras que possibilitaram a realização deste trabalho.

A seguir, mostro o percurso que fiz para produzir este texto, que não é uma conclusão, mas um começo de um trabalho. É uma colaboração para uma área de pesquisa ainda pouco explorada, que se revelou relevante e proveitosa.

2 O FEMINISMO NEGRO INTERSECCIONAL E SUA PRÁXIS.

É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade.

(Carla Akotirene, 2019, p. 17)

Após trinta anos de sua sistematização, o conceito de interseccionalidade como o proposto por Kimberlé Crenshaw, advogada negra estadunidense, defensora dos direitos civis, reconhecida como uma figura extremamente importante para os estudos da teoria crítica da raça. Sua preocupação estava atrelada principalmente com a maneira como as mulheres negras, tinham seus direitos violados em decisões jurídicas nos Estados Unidos. Enquanto uma ferramenta anticolonial está longe de ter seu uso esgotado. Ao contrário, a interseccionalidade ganha ainda mais força ao ter o seu olhar voltado especificamente para a mulher negra brasileira. Na figura de Carla Akotirene, a teoria ganha um livro que não só explicita o que se entende por interseccionalidade, como também propõe algumas revisões do conceito.

Segundo Kimberlé Crenshaw (2002), a interseccionalidade pode ser entendida como uma analogia em que raça, etnia, gênero e classe são compreendidas como "as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos" (p.7). Nessa perspectiva, esses elementos possuem poderes distintos e importantes que, ao se encontrarem, irão se sobrepor e se cruzarem, efetivando intersecções complexas.

Aqui cabe mencionar o que tem sido este movimento de utilização de teorias, conceitos, movimentos feitos por mulheres negras e especificamente as mulheres negras brasileiras. Nossas pautas não foram representadas pelo feminismo branco como pontuam Sueli Carneiro (2003), Carla Akotirene (2019) e Djamila Ribeiro (2019), assim, foi necessário criar espaços e movimentos que pensassem as mulheres negras como sujeitas atravessadas pela raça, gênero, classe, sexualidade, nacionalidade etc. Foi necessário "enegrecer o feminismo", conforme Sueli Carneiro (2003):

> a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se

> engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil (p.118).

Ainda que as mulheres brancas fossem reconhecidas como as grandes precursoras nas lutas de gênero, na construção de conceituação que desse conta das especificidades da categoria mulher, não se discutia aspectos específicos de outras mulheres, como as indígenas e as negras. Como relembra Carla Akotirene (2019), a história privilegiou a ciência produzida pela filósofa francesa Simone de Beauvoir, que em 1949 publicou sua obra *Segundo Sexo*, mas esqueceu por muito tempo de mencionar que já em 1851, mais precisamente no dia 29 de maio, em Akron, no estado estadunidense Ohio, Sojourner Truth proferiu de maneira improvisada um forte discurso questionando se ela mesma não era uma mulher? tão forte quanto ela mesma era. Mulher negra, feminista e abolicionista, que lutava e defendia (também) os direitos das mulheres.

Quando tomei a decisão de estudar o amor que se apresenta na vida das mulheres negras que se relacionam ou se relacionaram com pessoas brancas, o grande desafio já se mostrava como uma longa estrada a ser percorrida. Eu segui em frente e me lancei na encruzilhada epistemológica em que O Feminismo Negro em sua perspectiva interseccional. Como já mencionado em algum momento anterior, esta pesquisa está fundamentada e localizada no feminismo negro e busca compreender o os significados e as práticas de amor para estas mulheres a partir das suas narrativas.

Por isso entendemos que será importante trazermos para o texto uma discussão sobre epistemologia-metodologia e paradigmas a partir do olhar das feministas negras. É importante explicitar que meu pensamento se alinha ao das demais feministas negras intelectuais que questionam saberes eurocêntricos produzidos na perspectiva do cisheteropatriarcado Carla Akotirene (2019) e que, portanto, exclui mulheres negras das produções acadêmicas ou ainda, quando aceitas, são subordinadas às regras estabelecidas a favor do poder patriarcal eurocêntrico. Mais uma vez, é importante reafirmar que esta é uma proposta de pesquisa feminista negra interseccional em sua essência, não se trata de maneira alguma de uma subordinação teórica ou ainda de um "modismo" no uso da interseccionalidade, como bem critica Carla Akotirene (2019). De acordo com a autora, por vezes, "abordagens eurocêntricas" chegam "na contramão para dar socorro epistemológico, ignorando o contexto do acidente e

causando, por consequência, mais fluxos no cruzamento de raça, gênero e classe... É o modismo acadêmico da interseccionalidade!" (Carla Akotirene, 2019, p. 16).

Aproveito o ensejo para apresentar um pouco da importante contribuição do trabalho de Carla Akotirene que no ano de 2018 lançou seu livro: *Interseccionalidade* relançado no ano de 2019. Carla Akotirene é uma intelectual e ativista negra brasileira, que tem contribuído significativamente para o entendimento da interseccionalidade em nosso contexto. Sua obra é uma referência central para estudiosas (os) e ativistas interessadas (os) em compreender como as opressões se entrelaçam na "encruzilhada" de forma específica no Brasil. Akotirene argumenta que a interseccionalidade deve ser entendida não apenas como uma ferramenta analítica, mas também como uma prática de resistência e transformação social enquanto ferramenta intelectual ancestral.

A autora utiliza a interseccionalidade para analisar como políticas públicas e práticas sociais frequentemente demonstram falta de zelo quando se trata das necessidades das mulheres negras. Ela argumenta que as políticas que não consideram a interseccionalidade tendem a perpetuar desigualdades, pois não reconhecem as múltiplas camadas de opressão que afetam diferentes grupos de pessoas. Por exemplo, uma política de igualdade de gênero que não aborda o racismo pode não beneficiar plenamente as mulheres negras, que enfrentam discriminação tanto por seu gênero quanto por sua raça.

Além de teorizar sobre a interseccionalidade, Akotirene também propõe metodologias e práticas interseccionais para a pesquisa e o ativismo social. Ela sugere que os pesquisadores devem adotar uma abordagem que considere as múltiplas identidades e experiências dos sujeitos de estudo. Defendo o posicionamento político da autora ao enfatizar a importância da solidariedade entre diversos grupos oprimidos pelo poder de eixos subordinadores no que se refere a luta por justiça social. Assim sendo vale destacar que assim como os movimentos feministas e as produções de gênero precisam incorporar questões de raça e classe em suas agendas, bem como os movimentos antirracistas devem reconhecer as dimensões de gênero e sexualidade e tantas outras categorias sociais, que nos permitam compreender processos em que grupos específicos sofrem violências que se intercruzam, produzindo e reproduzindo espaços discriminatórios.

A interseccionalidade evidencia o quanto que a interação e/ou sobreposição de eixos que colocam sujeitas – e no nosso caso mulheres negras que já se relacionaram com pessoas brancas – em situações de subordinações em que o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classes, a sexualidade e tantos outros marcadores sociais, discriminam as mulheres negras produzindo e reproduzindo as desigualdades sociais, inclusive o que tange o campo do afeto do

amor e das relações sexuais. Dito isso podemos afirmar que a interseccionalidade enquanto práxis – epistêmica – metodológica produz rachaduras nos discursos que focalizam apenas uma categoria social de diferenciação, a classe (Raquel da Silva Silveira & Henrique Caetano Nardi, 2014).

Logo, decidimos nos aventurar nesta encruzilhada epistêmica, a partir da voz que ecoava dentro do coração. Uma voz de outra mulher negra que nos faz pensar na nossa responsabilidade enquanto mulheres negras acadêmicas que tentamos romper com a produção de saber eurocêntrico:

> Aquelas de nós que estão fora do círculo do que essa sociedade define como mulheres aceitáveis, aquelas de nós que foram forjadas nos caldeirões da diferença – aquelas de nós que somos pobres, que somos lésbicas, que somos Negras, que somos velhas – sabemos que sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender a estar sozinha, impopular e às vezes insultada, e a fazer causa comum com aquelas outras identificadas como externas às estruturas, para definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender a tomar nossas diferenças e torná-las forças. Pois as ferramentas do senhor nunca vão desmantelar a casa-grande. Elas podem nos permitir a temporariamente vencê-lo no seu próprio jogo, mas elas nunca nos permitirão trazer à tona mudança genuína. E esse fato só é uma ameaça àquelas mulheres que ainda definem a casa-grande como sua única fonte de suporte (Audre Lorde, 2020, p.137).

Aproveito o ensejo para acionar o que pontua Patricia Hill Collins & Sirma Bilge (2021) em seu livro: *Interseccionalidade*. As autoras nos apresentam uma crítica ao entendimento que se tem hoje, quando autoras e autores referenciam o trabalho de Kimberlé Crenshaw. As autoras sinalizam que ao utilizar o termo "cunhagem" para relacionar a autoria do termo interseccionalidade à autora apaga-se das histórias todos os outros trabalhos que já haviam sido elaborados anteriormente por outras mulheres negras. Outro erro apontado por Patricia Hill Collins & Sirma Bilge (2021) – diz respeito ao arcabouço teórico produzido posteriormente por Kimberlé Crenshaw em que a interseccionalidade assume sua forma de investigação e práxis que se propõem críticas.

As autoras também nos apresentam o trabalho realizado pela autora Frances Beal no ano de 1969 intitulado – *Risco duplo: ser mulher e negra* que já interseccionava racismo, patriarcado e capitalismo e posteriormente em 1977 a Declaração Feminista Negra escrita pelo

CRC (Combahee River Collective). Neste último, além do enfoque já dado pelo trabalho de Frances Beal o CRC incluiu heterossexismo como outra categoria sistêmica opressiva enfatizando a homofobia. Importa destacar este último trabalho, já que segundo Patricia Hill Collins & Sirma Bilge (2021) foi a partir dele que Crenshaw desenvolveu suas ideias:

> não apenas para nomear a interseccionalidade, mas também para 1) estabelecer vínculos entre identidade individual e identidade coletiva; 2) manter o foco nas estruturas sociais; 3) teorizar as relações de poder na violência contra as mulheres de cor a fim de destacar a dinâmica estrutural, política e representacional do poder; e 4) lembrar que o objetivo dos estudos interseccionais é contribuir para iniciativas de justiça social. Crenshaw está defendendo a interseccionalidade abertamente como um constructo de justiça social, não como uma teoria da verdade desconectada das preocupações com a justiça. No entanto, esse aspecto de seu trabalho é cada vez mais ignorado (p.111).

De acordo com Patricia Hill Collins & Sirma Bilge (2021), o trabalho de Crenshaw oferece uma análise crítica de uma fase importante de transição para a formação dos cânones contemporâneos, caracterizada pela adoção da interseccionalidade, um conceito relativamente novo na época, no âmbito acadêmico e sua adaptação necessária ao contexto social existente. De forma paradoxal, enquanto os aspectos estruturais das políticas dos movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970 começavam a se perder no passado, a incorporação da interseccionalidade no meio acadêmico durante a década de 1990 parece ter afrouxado seus vínculos originais com a justiça social, reduzindo sua nitidez em relação à práxis crítica. A interseccionalidade, como metodologia de pesquisa e prática crítica, mudou os paradigmas de conhecimento de orientação ascendente, que se apoiavam nas políticas de base evidenciadas pelo trabalho de Crenshaw, para uma abordagem de cima para baixo, na qual os contornos estruturais passaram a ser mais definidos pelas normas teóricas e práticas do ambiente acadêmico.

Ainda seguindo com o pensamento das autoras quando o conceito de "interseccionalidade" é “inaugurado” na década de 1990, adequava-se à nova forma de pesquisa e prática crítica que se desenvolvia nas fronteiras entre movimentos sociais e o meio acadêmico. No entanto, sua nomeação trouxe desafios, especialmente ao corrigir sua história. As interpretações modernas frequentemente demonstram certo desleixo a diversidade de formas que a interseccionalidade adotou nos auge dos movimentos sociais, confinando seu início

erroneamente aos anos 90 e frequentemente atribuindo a Crenshaw a fundação desse conceito, criando uma narrativa linear. Esse processo omitiu muitas pessoas que foram cruciais para o desenvolvimento inicial da interseccionalidade, resultando em uma espécie de amnésia institucional que distorce a verdadeira origem e evolução do conceito no cânone interseccional.

Como apontam Patricia Hill Collins & Sirma Bilge (2021) a interseccionalidade tem sido uma presença constante nas políticas públicas globais, associando-se estreitamente com a agenda dos direitos humanos desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Além disso, a interseccionalidade tem um papel importante em projetos globais de justiça reprodutiva e saúde, abordando como fatores como classe, raça e sexualidade impactam o acesso a serviços de saúde, com um foco particular nas questões que afetam mulheres e meninas. Com o avanço da tecnologia da informação e comunicação, a interseccionalidade também ganhou espaço na mídia digital, influenciando o debate público e as ações políticas online, embora isso também tenha trazido desafios como a disseminação de desinformação e interferências em processos democráticos.

Ainda com o olhar voltado para as produções importantes de mulheres negras que romperam com o saber eurocêntrico a partir da encruzilhada em que interseccionalidade propõe a produção do saber, devemos destacar o papel das mulheres negras brasileiras que se colocaram na estrada tortuosa da produção acadêmica, questionando a maneira como o academicismo branco europeu, produziu equivocadamente saberes sobre os nossos corpos negros, sobre nossas histórias, nossas identidades e nossas histórias de vida.

No caso desta presente tese a escolha pela interseccionalidade enquanto epistemе-práxis converge com não só com o que se objetivou desde o início desta proposta, mas com o que se compreende enquanto postura ética e política diante o que está posto enquanto saber formal acadêmico que ao longo da história tratou pessoas negras apenas como *objeto de estudo* para manutenção do status quo da produção cientificista eurocêntrica que invisibiliza vozes e corpos de sujeitas dissidentes. O intuito desde o começo foi o de corroborar com as produções que se fazem dentro de uma perspectiva que se propõe descolonizadora.

Sobre o descolonizar saberes científicos, localizando-nos nas discussões aqui na América Latina, podemos afirmar que essa tentativa já se faz presente há muitos, anos como mostra Carla Akotirene (2019): de Lélia Gonzales, no Brasil na década de 1980, com sua proposta de amefricanidade, passando por Maria Lugones, pensadora Argentina, com a consolidação da abordagem decolonial e chegando até os dias de hoje com tantas produções de intelectuais negras brasileiras e latino-americanas que se lançam na desconstrução do lugar hegemônico do conhecimento, mantido durante tanto tempo nas mãos dos homens brancos.

Para a realização desta empreitada, também revisitamos o que diz Collins. Em *Epistemologia feminista negra,* a autora abre algumas feridas do conhecimento que precisam também aparecer neste texto. Tratamos aqui de uma pesquisa que se localiza dentro de uma teoria social crítica que é o Feminismo Negro e que em sua proposta busca a descolonização dos saberes científicos.

Patricia Hill Collins (2019) conceitua epistemologia como uma teoria abrangente do conhecimento que determina quem é o "sujeito do conhecimento". Segundo Patricia Hill Collins (2019), a epistemologia "investiga os padrões usados para avaliar o conhecimento ou o motivo pelo qual acreditamos que aquilo em que acreditamos é verdade" (p. 402). Não se trata aqui de dizer de política da verdade, mas sim de reconhecer que a epistemologia assinala como, por meio de relações de poder, são determinadas as coisas que são verdades e porque o são. Nas palavras da autora "a epistemologia é importante porque determina quais perguntas merecem investigação, quais referenciais interpretativos serão usados para analisar as descobertas e para que fim serão destinados os conhecimentos decorrentes desse processo" (Patricia Hill Collins, 2019, p. 403).

Logo, discutir e diferenciar o que estamos chamando de epistemologia, metodologia e paradigmas pode nos ser útil no enfrentamento de questões como as que são elencadas por Sandra Harding (1998), ao falar sobre as críticas que os trabalhos feministas recebem por se apresentarem como "novos métodos feministas de investigação". Empregar a discussão sobre uso de nova metodologia é, como aponta Sandra Harding (1998), reduzir e subestimar as transformações e a profundidade que são exigidas em análises feministas. "A metodologia se refere aos princípios gerais que indicam como conduzir pesquisas e como aplicar paradigmas interpretativos" (Patricia Hill Collins, 2019, p. 403).

Aqui vale a pena também trazer a contribuição de Ângela Figueiredo, que firma que constantemente ainda somos representadas como pessoas inabilitadas ou pouco habilidosas no que tange às reflexões acadêmicas. Ainda que a entrada de jovens negras e negros nas Universidades vem cada vez mais aumentando os casos de sucesso destas e destes estudantes e pesquisadoras, o êxito pessoal não altera o que é representado de forma coletiva. No máximo o êxito destas jovens é considerado como uma exceção à regra. Mas "assim como as perspectivas teóricas de colonialidade do poder, estamos criando novas perspectivas epistemológicas, teóricas e metodológicas" (Ângela Figueiredo, 2020, p. 11).

Dito tudo isso, assumo novamente que a proposta então é a do diálogo, que "implica uma conversa entre dois sujeitos, não um discurso de sujeito e objeto", mas "um discurso humanizador, que confronta e resiste à dominação" (bell hooks, 1989, p. 131 citada por Patricia

Hill Collins, 2019, p. 416). Utilizar o diálogo como, ferramenta de reivindicação de reconhecimento (Patricia Hill Collins, 2019). Contudo, espero que este diálogo de forma alguma seja confundido ou comparado como um debate de ideias que se contradizem. Esta proposta "tem raízes profundas nas tradições orais de matriz africana" (Patricia Hill Collins, 2019, p. 416).

Na verdade, nenhuma teoria deveria ser utilizada como verdade única. Devemos fazer o exercício contínuo de sempre reavaliar nossas escolhas epistemológicas, se realmente acreditamos que sujeitas e sujeitos modificam e são modificados pelo contexto sócio-histórico. Nessa mirada, as escolhas também não devem ser estáticas.

A perspectiva localizada traz consigo uma marca importante, a de se assumir caminhos muitas vezes desconsiderados como um "conhecimento subjugado" (Patricia Hill Collins,2019, p. 402). Como já dito anteriormente tomamos como ponto nodal a discussão sobre o racismo. Almeida (2018) nos alerta sobre a forma como o racismo penetra em todas as relações e interações sociais. Portanto, entendemos que os relacionamentos amorosos também fazem parte deste universo, daí a importância de discutirmos sobre o racismo e os efeitos deste em todas as relações que as pessoas negras estabelecem. Por isso, entendemos a importância de se pensar mecanismos que possam não só detectar as facetas dos "racismos", bem como novas formas de combatê-lo.

Assim como pontua Donna Haraway (1995), é preciso ver a partir da perspectiva dos subjugados, mas com bastante atenção para não correr o risco de romantização dessas visões. A pesquisadora nesta perspectiva precisa se posicionar, uma vez que se, a totalização da visão (que vê de cima e crê ser a única perspectiva) não é desejada, a relativização desta (que crê tratar de modo igualitário todas as perspectivas, sem se posicionar) tampouco o é.

Donna Haraway (1995) crítica a ciência apolítica que não se posiciona. Para a autora, os sujeitos são alinhavados de maneiras complexas e paradoxais e são as diferenças entre as subjetividades que cunham localizações diferentes, permitindo a conexão parcial e o distanciamento apaixonado entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Neste sentido o feminismo privilegia a resistência à fixidez e simplificação dos fatos. Admite-se a explicação parcial, a interpretação sem perder de vista o criticismo, o engajamento político em prol da heterogeneidade e da responsabilidade pelo que se vê e se traduz.

Nos propusemos, assim como Donna Haraway (1995) a apostar em uma responsabilidade ético-política para aprendermos a admitir o olhar parcialmente, assumindo as limitações diante dos objetos do mundo que não se deixam controlar e colonizar. Buscamos assim, a partir de um saber científico localizado, contribuir com as propostas que estimulam

uma conversa sobre diferentes significados e modos de construir um mundo novo, pautado na liberdade. E embora as críticas à ciência dominante se façam presentes no texto, principalmente no que tange ao convite à autocrítica, o que embasa a escrita da autora é a esperança em uma ciência com responsabilidade política.

Por isto esta proposta também se justifica como contribuição para questionarmos saberes científicos que historicamente apagam sujeitas e sujeitos de cor. Estas (es) só aparecem como *objeto* de pesquisa quando de alguma forma servem para positivar pensamentos eurocêntricos. Pessoas negras não são objetos e nós já afirmamos isto, pessoas negras produzem saberes localizados em sus experiências que na maioria das vezes não é visto como importante. Pergunto-me aqui: "E não sou eu uma mulher?", referindo-me a Sojourner Truth que fez esta pergunta no ano de 1851 (Angela Davis, 2016; Giovana Xavier; 2017). Não sou eu uma mulher que ama e deseja? Acredito que esta pergunta permeie a vidas de todas as minhas irmãs de cor. O feminismo negro em sua perspectiva interseccional surge aqui como a teoria que me permite questionar de dentro para fora, como intelectual negra da Afrodiáspora e psicóloga social atenta aos efeitos do colonialismo na produção intelectual no Brasil.

Quando me encontrei com cada uma das nossas interlocutoras e me foi dado o privilégio de escutar narrativas inteiras que discorriam sobre famílias, namoros, amores e tantos outros temas que surgiam a cada interação, foi imprescindível estar atenta aos relatos em que o racismo se apresentava não só nos ambientes de escolarização, na família, no trabalho, mas também nos relacionamentos amorosos entre elas – as mulheres negras – e as pessoas brancas. Logo considero importante apresentar para as (os) leitoras (es) um pouco dessa discussão sobre o racismo, já que este se faz presente na vida do grupo das oito mulheres negras que narraram suas trajetórias.

> Como grupo, as mulheres negras estão numa posição peculiar na sociedade, não apenas porque, em termos coletivos, estamos na base da pirâmide ocupacional, mas também porque o nosso status social é inferior ao de qualquer outro grupo. Isso significa que carregamos o fardo da opressão sexista, racista e de classe (bell hooks, 2019, p. 26).

Fecho por enquanto estas discussões com a contribuição de bell hooks, para tomar fôlego e seguir adiante, com a temática do racismo. Junto com minhas iguais, que já foram aqui mencionadas, ressalto a importância de discutirmos o racismo quando falamos de qualquer vivência que abarque a população negra e aqui, de modo específico, nós, as mulheres negras brasileiras afrodiaspóricas.

3 SOBRE O RACISMO

Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.

(Lélia Gonzalez, 1984, p.224)

A discussão sobre o Brasil ser a maior diáspora africana do mundo é central para entender as dinâmicas sociais, culturais e políticas do nosso país. Com cerca de 4,9 milhões de africanos trazidos como escravizados para o Brasil durante o período colonial, o país se tornou o maior receptor de africanos fora de África Luiz Felipe de Alencastro (2000). Este triste legado resultou em uma população afro-brasileira significativa, responsável por uma grande parte da formação da identidade cultural e social brasileira. No entanto, este fato histórico também está intrinsecamente ligado às persistentes desigualdades raciais e sociais. A diáspora africana no Brasil é marcada pela resistência e pela luta contínua por reconhecimento, direitos e justiça social, evidenciando a necessidade de políticas públicas e debates que abordem as questões de raça e identidade de forma interseccional.

Segundo o último censo do IBGE realizado no ano de 2022 temos atualmente a seguinte configuração populacional no Brasil:

> O Censo Demográfico 2022 confirma as tendências de alteração do pertencimento étnico-racial da população residente no Brasil apontadas pelas pesquisas domiciliares do IBGE no que tange às populações branca, preta e parda2. Assim, verifica-se a ampliação do peso da população de cor ou raça parda, passando de 43,1%, em 2010, para 45,3%, em 2022; da população de cor ou raça preta, de 7,6%, em 2010, para 10,2%, em 2022; e da população de cor ou raça indígena, de 0,4%, em 2010, para 0,6%, em 2022. Por outro lado, a diminuição do peso das categorias de cor ou raça branca ou amarela também se confirma nos dados censitários: a primeira passando de 47,7% para 43,5%, e a segunda, de 1,1% para 0,4% no período considerado (IBGE, 2023, p.7).

O Brasil, durante muito tempo, não se considerou um país racista, predominando a ideia de uma democracia racial que se baseava nas relações raciais pacíficas e harmônicas, um

discurso que se firmou pela miscigenação. Um país vendido como um paraíso com as mulheres mais lindas, nascidas das misturas das raças, branca e negra, país das "mulatas", mulheres que, de figuras animalescas híbridas, como a "mula", passaram e ser identificadas como a representação icônica da identidade nacional (Andréa Regina Marques Chamon, 2017; Mariza Corrêa, 1996; Marcos Eugênio de Oliveira Lima, 2013).

O racismo no Brasil se constitui na hierarquização e na desumanização (Kabenguele Munanga, 2005; 2006; Marcos Eugênio de Oliveira Lima & Jorge Vala, 2004), uma redução do cultural ao biológico (Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, 1995; 2002). Nesse sentido, a discriminação e a exclusão não são direcionadas apenas a um indivíduo, mas também à toda uma categoria ou grupo social que se difere em suas características físicas perceptíveis ou imaginadas, como, por exemplo, a maneira como a cor da pele negra de uma pessoa ou de um grupo é relacionada com sujeira, preguiça e agressividade (Marcos Eugênio de Oliveira Lima & Jorge Vala, 2004).

Segundo Marcos Eugênio de Oliveira Lima (2011), o racismo no Brasil só passou a ser alvo de estudos sistemáticos na Psicologia Social a partir dos anos de 1990.

> A partir de 1990 a psicologia social nacional começa timidamente a pesquisar o preconceito. Em 1995 surge o livro Preconceito, Indivíduo e Cultura, de Leon Crochik; em 2002 a Editora Vozes publica a coletânea "Psicologia Social do Racismo", organizada por Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento; em 2004 sai o livro Estereótipos, Preconceitos e Discriminação: Perspectivas Teóricas e Metodológicas, organizado por Marcus Eugênio O. Lima e Marcos Emanuel Pereira. Esses três livros, juntamente com o capítulo do Manual de Aroldo Rodrigues e colaboradores, e mais alguns artigos, são quase tudo que a psicologia social produziu acerca do tema até o final da primeira década do século XXI (p. 590).

Ainda que identifiquemos um aumento na produção científica da Psicologia, alocando o racismo e sua dinâmica no campo dos fenômenos sociais complexos em estudos como os produzidos por Marcos Eugênio de Oliveira Lima (2003, 2013), Marcos Eugênio de Oliveira Lima & Vala (2002, 2004), observamos a carência de estudos que verifiquem as nuances do racismo direcionado especificamente para mulheres negras/mestiças no Brasil e que apresentem um diálogo entre uma abordagem psicossociológica e a perspectiva feminista negra. Neste sentido a Teoria das Representações Sociais nos ajuda a entender os processos dinâmicos que circundam o racismo e como este fenômeno permeia as relações amorosas (Jorge Vala, 2015).

> Como se referiu, pensar o racismo no quadro das Teoria das Representações Sociais facilita não só questionar a sua redução ao preconceito racial, como pensá-lo no quadro do conceito de objetivação e do conceito de ancoragem numa perspectiva sócio-histórica e contextual (p. 160).

Pensar o racismo enquanto uma representação social, como afirma Vala (2015), permite estabelecer conexões entre sua institucionalização, as modalidades e os conceitos que o sustentam. Vala argumenta que o racismo precisa ser analisado como uma teoria social inscrita nas instituições sociais e no pensamento social e não como um simples traço da personalidade do sujeito que o pratica, por exemplo. Reconhece que muitas vezes em seus próprios trabalhos o racismo foi reduzido ao preconceito racial e que o primeiro é algo muito mais complexo que o segundo. Enquanto uma representação social, o autor identifica que o racismo se deslocou do plano da representação biológica, passando para o campo da cultura. Isso faz com que o racismo permaneça de uma forma que não seja ameaçada pela norma antirracista, ou seja, mesmo com a criação da lei que tipifica o racismo como crime inafiançável, isso não faz com que ele deixe de existir.

Segundo Jorge Vala (2015), a pressão normativa e a força dos movimentos sociais vêm alterando sistematicamente a maneira como o racismo se apresenta. Ele passou a se manifestar de forma mais implícita do que explicita. O autor pontua ainda que, com o deslocamento do racismo do plano biológico para o plano cultural, ao racismo foi permitido a permanência e existência sem ser ameaçado pela norma antirracista. Sendo assim, o racismo se transforma e se adapta constantemente, mantendo os seus aspectos fundamentais das crenças raciais tradicionais, sem que as instituições democráticas sejam postas em xeque.

Compartilhamos do pensamento de Jorge Vala (2015) sobre o Racismo, quando o autor classifica o mesmo como um "vírus em evolução" que se adapta às pressões sofridas pelo meio externo, às pressões que são impostas pelas normas antirracistas. Este vírus se mobiliza cotidianamente e mantém sua permanência difusa e socialmente eficaz. Ainda que os grupos se mobilizem e se fortaleçam, o racismo tem encontrado sempre uma forma de se transformar e se adaptar e é por isso que, enquanto pesquisadoras e pesquisadores, precisamos estar atentas, buscando sempre a melhor maneira de compreender esse fenômeno chamado racismo.

O racismo não reconhece determinados sujeitos como humanos e os coloca em categorias cujas fronteiras e significados têm mudado historicamente (Jorge Vala, 2015). Mas a desumanização imposta pelo racismo a estes sujeitos sempre esteve e sempre estará lá. Desde o período escravagista, assim como aponta Angela Davis (2016), o negro foi tratado como

propriedade, portanto, sendo submetido às mais diversas formas de violência e coerção, domínio e controle, tratados muitas vezes como animais em um sistema de desumanização cotidiana caracterizado por atos de tortura, estupro, espancamento, entre outros. Mas nada disse ocorreu sem resistência. Segundo a autora, as estratégias de resistências e de luta da população negra, suas revoltas, fugas e sabotagens, permitiram e permitem ainda hoje o resgate de figuras histórias importantes como a feminista e abolicionista Sojouner Truth.

Por conta do lugar social ocupado pelas mulheres negras: pretas e pardas durante séculos como objeto sexual, estas se tornaram vulneráveis às mais diversas formas de violência, sendo apontadas como alvos de homicídios e estupros, segundo o Mapa da Violência[7] publicado em 2015 (Julio Jacobo Waiselfisz, 2015). No período compreendido entre 2003 e 2013 houve um aumento de 54,4% dos homicídios cometidos contra estas mulheres, o que justifica a importância de pensar na dinâmica do racismo e seus impactos na vida desta população. E não para por aqui, ao analisar o Mapa da Violência publicado no ano de 2012, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras, ou seja, enquanto a taxa de homicídio não negras foi de 2,5, contra as mulheres negras essa taxa foi de 4,1. O risco de uma mulher negra ser assassinada no Brasil é de 1,7 vezes maior do que de uma mulher não negra.

Em 10 anos de análise proposta pelo mapa, entre os anos de 2009 e 2019 a taxa de mortalidade de mulheres negras era de 48,5% superior a mortalidade de mulheres não negras. Já em 2020 esse número não se manteve, a taxa de mortalidade de mulheres negras em relação às mulheres não negras aumentou para 65,8%. O mapa também mostra disparidade entre o declínio de mortes: enquanto a morte de mulheres negras apresentou um aumento de 2%, de 2419 vítimas em 2009 para 2468 em 2019. O mesmo não ocorreu em relação às mulheres não negras, ao contrário houve uma diminuição de 26,9% no número de assassinatos cometidos contra este grupo.

Estas diferenças nos índices apresentados, nos revela que raça e gênero são categorias que se intercruzam e colocam mulheres negras em situação de maior risco de vida. Corpos historicamente subalternizados, discriminados e que estão estrategicamente a serviço da sociedade racista, sexista e machista.

---

[7] Enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%. Em números absolutos a diferença é ainda mais brutal, já que entre não negras o crescimento é de 1,7% e entre mulheres negras de 60,5%. Considerando apenas o último ano disponível, a taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 3,2 a cada 100 mil mulheres não negras, ao passo que entre as mulheres negras a taxa foi de 5,6 para cada 100 mil mulheres neste grupo. (Atlas da violência 2019, p. 38)

As imagens disseminadas de mulheres negras/mestiças durante séculos vêm mostrando um reforçamento da sustentação nos processos de discriminação e exclusão social deste grupo, o que compõem a dinâmica do racismo no Brasil, tendo em vista ambientes sociais, culturais e históricos e as relações racializadas, próprias do nosso país (Marcos Eugênio de Oliveira Lima e Jorge Vala, 2004). Isso nos faz pensar nos efeitos destas categorias sobrepostas na subjetividade das mulheres negras e na construção do conceito e da vivência do amor.

Ângela Davis (2016) nos revela o cenário do racismo nos Estados Unidos e como as mulheres negras tiveram que se organizar na luta pelo direito à existência a uma vida digna. Ainda que a realidade social apresentada pela autora não seja a mesma do Brasil, vemos em sua escrita um cenário muito próximo do que temos e, portanto, seus estudos se tornam de grande relevância para as nossas produções sobre o racismo. Se nos Estados Unidos a declaração explícita da segregação inclusive proibia as relações interraciais, aqui no Brasil o Mito da Democracia Racial fez o oposto. Mas não devemos esquecer que, apesar da mestiçagem ter sido celebrada inclusive como identidade da nossa nação, trouxe para este país a dificuldade de identificação da dinâmica do racismo.

Levando em consideração a importância de se pensar o racismo nesse estudo, trazemos para a discussão Frantz Fanon, que, em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008), apresenta as análises psicológicas como parte de um projeto sócio diagnóstico, que entende a alienação do sujeito negro, não como algo apenas de sua individualidade, mas sim de um fenômeno socialmente construído. O que o autor apresenta em seu texto se alinha ao que é proposto pela interseccionalidade, quando ela assume a importância de se pensar as sobreposições de categorias de poder como raça, gênero, classe social, sexualidade e outras, dentro de um contexto histórico, social, cultural, assumindo também que a questão do racismo é de ordem social e não uma questão do indivíduo.

Frantz Fanon (2008) destaca que seu livro provavelmente contemplaria outras sociedades que estivessem para além dos limites coloniais franceses. E por isso acreditamos que esta obra será de extrema importância para pensarmos nosso objeto na tentativa de respondermos à questão proposta. Interessa-nos especificamente a discussão estabelecida pelo autor no segundo e no terceiro capítulos do livro *Pele negra, máscaras brancas:* "A mulher de cor e o branco", "O homem de cor e a branca". Verifiquemos o excerto a seguir e o que o autor enfatiza sobre a relação estabelecida entre pessoas brancas e pessoas de cor:

> Compreendemos agora porque o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Donde a preocupação

> permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entrar na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção (p. 60).

Para Frantz Fanon (2008), os relacionamentos entre brancos e negras ou entre negros e brancas mantinham em si a tentativa de branquear e melhorar e salvar a raça, assegurando assim a brancura. Ainda que a mulher negra estivesse ciente dos riscos de não se casar com um homem negro, ela ainda sim buscava a qualquer custo estar nos braços de um homem branco, buscando não só tê-lo como amante, mas como seu marido porque necessita da brancura a qualquer preço. Frantz Fanon (2008) destaca ainda que essa tentativa de branqueamento acontece por conta de um complexo de inferioridade da pessoa de cor colonizada em relação ao seu colonizador. Para o autor, haveria o desejo de manutenção deste complexo na relação estabelecida entre pessoas de cor e pessoas brancas.

Nos dois capítulos de *Pele negra máscaras brancas,* Frantz Fanon (2008) analisa o processo de embranquecimento como uma tentativa de aceitação dos negros e negras no mundo do colonizador através da união conjugal e ou das relações sexuais. Frantz Fanon (2008) aponta que, mesmo com o processo de miscigenação e com a união matrimonial inter-racial, o racismo não acaba. Vemos nestes dois capítulos como que o complexo de inferioridade que é introjetado na psique negra influencia a percepção de que apenas o branco é visto como ideal de relacionamento, tanto pela estética branca, entendida como superior e, portanto, como modelo, quanto pela questão material, uma vez que a cor estabelece a distribuição de privilégios que coloca o sujeito branco no topo da pirâmide social.

3.1 Mestiçagem e identidade negra

Depois de fazer as análises das narrativas que nossas interlocutoras produziram, achamos importante incluir esta discussão sobre a identidade racial negra a partir do fenômeno da mestiçagem no Brasil, pois foi possível perceber os desafios que se colocam nas trajetórias das mulheres negras, filhas de relações interraciais, quando elas se depararam com a discussão

sobre a identidade racial. Desafios estes presentes também nas narrativas que falam sobre as filhas e filhos das suas próprias relações com homens brancos.

Devemos considerar que no caso da nossa pesquisa a discussão sobre a mestiçagem se dá especificamente a partir das relações que se constituíram no par pessoa negra/pessoa branca. Tanto pelos objetivos propostos para o presente trabalho, quanto pela própria limitação de tempo/espaço não nos propusemos mergulhar na análise da mestiçagem que se apresenta na formatação de outros pares, como por exemplo negras (os) com indígenas; indígenas com brancos e assim sucessivamente.

A mestiçagem, como apresentada no Brasil, é frequentemente romantizada como uma fusão harmoniosa de raças que cria uma única identidade nacional inclusiva. No entanto, esta perspectiva encobre questões macro e microssociais intrínsecas relacionadas às questões de raça e identidade. A obra de Kabengele Munanga (2019), "Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra", serve como um importante aporte de discussão ao desvelar como essa mestiçagem, longe de ser um simples encontro de culturas, é um fenômeno carregado de intencionalidades políticas e sociais que, muitas vezes, marginaliza e dilui a identidade negra em favor de uma branquitude idealizada.

Manoel Pinto Ribeiro (2007) ao mencionar o fenômeno da mestiçagem no Brasil nos mobiliza a pensar a respeito do famigerado mito da democracia racial, que segundo o autor trata-se de um conjunto sistemático de valores, crenças, atitudes e comportamentos que foram capazes de criar a imagem do Brasil, como sendo um país com ausência de discriminação e preconceitos raciais, dotado de uma grande harmonia exatamente pela mistura das diversas raças. Segundo o autor a ideia de mito racial surge no início do século XX, sendo difundida por intelectuais brasileiros nos anos entre 1937 e 1944, na tentativa de introduzir o Brasil em um cenário democrático e de liberdade, em oposição à imagem viva do nazismo racista e totalitarista que havia sido derrotado na Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Skidmore (1976), na década de 1960, o mito da democracia racial começou a perder força devido às várias mudanças que ocorreram durante esse período, incluindo novos pensamentos e contribuições acadêmicas que desafiaram essa noção. No Brasil, prevalecia a crença de que a escravidão tinha sido mais benigna comparada a outros lugares, uma percepção amplamente promovida através da valorização da miscigenação e da figura da "mulata", que se tornou um símbolo da identidade nacional e da suposta cordialidade do povo brasileiro.

Kabengele Munanga (2019) argumenta que, historicamente, o conceito de mestiçagem foi empregado como uma estratégia de "embranquecimento", uma tentativa de eliminar as

características fenotípicas e culturais negras da sociedade brasileira em prol de uma identidade mais próxima aos ideais eurocêntricos. Essa estratégia não apenas falha em reconhecer as contribuições específicas dos negros à cultura brasileira, mas também perpetua o racismo e sustenta as hierarquias raciais. Processos que desumaniza a população negra afrodiaspórica brasileira até os dias atuais.

Segundo Kabengele Munanga (2019) na discussão sobre mestiçagem no final do século XIX, intelectuais brasileiros se basearam significativamente no quadro teórico estabelecido por cientistas ocidentais daquela época e de períodos anteriores, tanto europeus quanto americanos. Alguns pensadores iluministas debateram a natureza dual da mestiçagem, alguns a utilizando para afirmar a unidade da espécie humana, como Buffon e Diderot, enquanto outros, como Voltaire, a usavam para negar essa unidade. A mestiçagem era vista por vezes como um processo que poderia degradar uma raça superior, e outras vezes como um método para restaurar características originais da espécie humana. Essas ideias sobre a degeneração através da mestiçagem e outros conceitos pseudocientíficos originados no pensamento ocidental reverberaram, com suas várias contradições, na formação do pensamento brasileiro sobre o tema.

Para Kabengele Munanga (2019) a identidade racial negra no Brasil, por outro lado, é frequentemente vivenciada em contraste com essa mestiçagem idealizada. Enquanto a mestiçagem é promovida em discursos oficiais e imagens populares, a realidade vivida pela população negra afrodescendente é marcada pela exclusão, violência, marginalização e por seu contínuo genocídio. Essa dissonância entre a narrativa de uma nação racialmente misturada e a realidade das práticas racistas e da desigualdade revela a face da mestiçagem como uma ferramenta de identidade nacional que pode, paradoxalmente, apagar e/ou negar a existência e as experiências dos povos negros.

Diante dessas análises, a discussão sobre mestiçagem e identidade negra se aprofunda quando consideramos a necessidade de uma rearticulação do conceito de mestiçagem que não apenas reconheça, mas celebre a identidade negra como parte integrante e inalienável do mosaico cultural brasileiro. Isso implica uma crítica ao racismo institucionalizado e uma revisão das políticas públicas que buscam homogeneizar a diversidade racial em nome de uma identidade nacional unificada.

Ao pensarmos a identidade racial dos povos negros afrodescendentes brasileiros – considerando pretos e pardos como composição do que nomeamos enquanto raça negra em nosso contexto – precisamos nos ater às nuances que permeiam o status de identidade em que o reconhecimento de quem se realmente é será definido pelo olhar do outro e esse outro é o

branco. No cerne das discussões sobre raça no Brasil encontramos a dificuldade que pessoas negras foram encontrando ao longo do tempo de se nomearem a partir de seu pertencimento racial. Como já apresentado no estudo que apresentei em minha dissertação de mestrado o sujeito "mulato" considerado nem preto nem branco vive a dificuldade de se sentir pertencente e muitas vezes sofrerá consequências danosas tanto física como psíquicas Chamon (2017).

Por conseguinte, podemos também mencionar o paradoxo que se apresenta para as pessoas negras retintas e as negras de pele clara quando são acionadas por suas negritudes distintas, uma que destaca a pele escura e a aparência mais próxima do africano que foi sequestrado de sua terra e explorado e outra que mostra uma pele bem mais clara que absorveu algumas características do ancestral colonizador e que se aproxima um pouco do ideal da brancura eurocêntrica. Muitas vezes estes dois grupos são colocados em um lugar perigoso de disputa de narrativas em que se desvia o olhar do nosso verdadeiro inimigo: o racismo estrutural que rouba o direito de afrodescendentes de se nomearem a partir de sua nação ancestral – África, para as diferenças fenotípicas advindas das mestiçagens entre povos que muitas vezes questiona identidades individuais e coletivas como nos aponta Kabengele Munanga (2019).

> A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o "passing" que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indisfarçáveis. Estes, por sua vez, interiorizaram os preconceitos negativos contra eles forjados e projetam sua salvação na assimilação dos valores culturais do mundo branco dominante. Daí a alienação que dificulta a formação do sentimento de solidariedade necessário em qualquer processo de identificação e de identidade coletivas. Tanto os mulatos quanto os chamados negros "puros" caíram na armadilha de um branqueamento ao qual não terão todos acesso, abrindo mão da formação de sua identidade de "excluídos" (p.84).

Como já foi apontado no excerto da minha dissertação – o tipo de racimo que temos no Brasil é produto direto da miscigenação enquanto projeto de branqueamento. Temos em nossa realidade a exploração ainda em curso não só da mão de obra barata negra, mas da nossa incapacidade muitas vezes de nos nomearmos e nos reconhecermos enquanto seres humanos dotados de inteligência, capacidade crítica, capazes de produção das mais diversas formas de conhecimento. Fomos alienados pela dúvida de quem realmente somos, já que para muitos de nós mestiços, reconhecer-se negro não é uma tarefa fácil. Uma identidade muitas vezes

ambígua, nem branca nem negra Andréa Regina Marques Chamon (2017). Não podemos esquecer, portanto o importante papel da mestiçagem no projeto de branqueamento do Brasil:

> Os defensores do branqueamento progressivo da população brasileira viam na mestiçagem o primeiro degrau nessa escala. Concentraram nela as esperanças de conjurar a "ameaça racial" representada pelos negros. Viram-na como marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil (Kabengele Munanga, 2019, 89).

Já sabemos que o racismo no Brasil tem sido moldado profundamente pela mestiçagem, que foi empregada como uma ferramenta estratégica de branqueamento racial. Conforme discutido em outro estudo a miscigenação não serviu apenas para diluir características raciais indesejadas; ela também perpetuou a exploração da mão de obra negra e instigou dúvidas profundas sobre a identidade, especialmente entre os mestiços, que frequentemente lutam com o reconhecimento e a aceitação de sua negritude Andréa Regina Marques Chamon (2017), Essa alienação identitária complica a capacidade de autoafirmação e de reconhecimento enquanto indivíduos humanos.

Kabengele Munanga (2019) amplia esse entendimento ao explicar como a mestiçagem foi vista historicamente como uma etapa essencial para o branqueamento da população brasileira. Os defensores desse processo depositavam na miscigenação a esperança de eliminar progressivamente a presença negra, considerada uma "ameaça racial". Assim, a mestiçagem, longe de ser um mero fenômeno natural ou uma celebração da diversidade, foi estrategicamente utilizada para promover uma agenda de branqueamento que visa a diluição da identidade negra no Brasil.

Vimos como as políticas de mestiçagem e branqueamento têm sido instrumentais na formação do racismo estrutural no Brasil, marcando as interações sociais e raciais até hoje. Essas dinâmicas complicam ainda mais a busca por reconhecimento e igualdade racial em uma sociedade que continua a valorizar a proximidade com a brancura em detrimento da afirmação da identidade negra.

Essa tentativa de aniquilação da população negra com o projeto de branqueamento, falhou inegavelmente. Somando autodeclarados pretos e pardos que compõem o grupo de raça negra no último senso do IBGE de 2022 somos 55,5% da população deste, mas infelizmente este número que escancara a realidade de uma nação que sobreviveu e ainda continua na luta pela sua existência, não mostra o quanto os efeitos da mestiçagem, do projeto de branqueamento e consequentemente do racismo, na vida da população negra brasileira principalmente na

dificuldade de reconhecimento de sua identidade negra e de como isso interfere em sua saúde e mobilidade social.

Neusa Santos Souza (2008) em seu livro Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, nos apresenta um panorama de como o racismo e a dificuldade de acionar de maneira positiva a identidade racial negra, contribuem para o sofrimento psíquico deste grupo racial. Vale ressaltar que a referida obra publicada inicialmente no ano de 1983 se faz ainda atual e necessária.

O prefácio da primeira edição da obra citada, escrito por Jurandir Freire Costa com o título: Da cor ao corpo: a violência do racismo, traz ao leitor um prenúncio da difícil discussão que será apresentada durante toda a escrita do livro. Na apresentação feita pelo autor ele destaca a maneira como a análise da autora Neusa Santos Souza escancara a dinâmica da violência presente no racismo:

> A violência racista do branco exerce-se, antes de mais, nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o Ego e seu Ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, às custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico. (Jurandir Freire Costa, 2008-1982, p.2).
>
> O segundo traço da violência racista, não duvidamos, é o de estabelecer, por meio do preconceito de cor, uma relação persecutória entre o sujeito negro e seu corpo. O corpo ou a imagem corporal eroticamente investida é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo. A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar (Jurandir Freire Costa, 2008-1982, p.6).

As reflexões de Jurandir Freire Costa já nos mostram como a violência do racismo afeta tanto a identidade quanto a relação do indivíduo negro com seu próprio corpo. Essa dinâmica impacta subjetividades e mostra o aspecto adoecedor do racismo e como este atravessa corpos, identidades e saúde mental de pessoas negras. Identificar-se enquanto sujeito negro em uma sociedade formatada pela violência do processo colonizador, que desumanizou por séculos os

africanos e seus descendentes traz à população desafios que muitas vezes colocam não só a vida física em risco, mas inclusive a vida psíquica como aponta Neusa Santos Souza (2008).

Já parafraseando Neusa Santos Souza (2008) o sujeito negro é marcado pela diferença como a brasa que o marca e o distingue do sujeito branco, esta marca não se apresenta apenas nas diferenças em seu corpo e em seu comportamento externo. Essa desigualdade, internalizada em seu psíquico, se apresenta quando na presença de seu semelhante – outra pessoa negra, reproduzindo muitas vezes o ritual de separação de forma caricata.

Nas narrativas que lhes serão apresentadas à frente, as (os) leitoras (es) poderão acessar também a maneira como algumas de nossas interlocutoras acionam em suas trajetórias de vida as nuances e dificuldades de identificarem enquanto mulheres negras, vale destacar que das oito participantes apenas uma nasceu de uma relação mono-racial composta por pai e mãe – ambos pessoas pretas, todas outras nasceram de pares inter-raciais. Outro ponto é que do grupo participante quatro interlocutoras tiveram filhos com um homem branco, vivenciado situações que implicam nesta relação entre as dificuldades em nomear identidades raciais que se encontram no limite entre negritude e branquitude e como estes atravessadores afetam a saúde mental tanto das mulheres negras mães, quanto de seus filhos mestiços.

Cabe mencionar que a dificuldade em nomear a identidade racial ao qual se pertence, não é uma dificuldade apenas dos mestiços nascidos do par preto/branco, mas o próprio sujeito preto pode ter dificuldades em se nomear deste lugar, uma vez que ser negro no Brasil aciona em nosso imaginário social, imagens, palavras, situações etc. que nos remete ao feio, ao desumano, ao escravizado, ao negro estuprador e tantas outras que foram sendo criadas e jogadas para a população negra como verdades definidas e imutáveis. No Brasil não nascemos negros, nos tornamos, como aponta Neusa Santos Souza (2008):

> Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.
>
> Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tomar-se negro (p. 88).

Corroborando com Neusa Santos Souza (2008), Sueli Carneiro (2023) ao falar sobre o dispositivo de racialidade enfatiza o efeito da imagem negativa que o sujeito negro tem de si mesmo:

> O resultado é a subjetividade fragmentada, construída no entroncamento de uma herança cultural esfacelada pela violência colonial com a imposição dos valores ocidentais, via aculturação, que dificulta engendrar coletivamente as condições que conduzam à superação dos estigmas e resgate da plena humanidade (p.283).

Durante os encontros com minhas coirmãs e posteriormente no reencontro no momento das análises das narrativas foi possível fazer contato com suas histórias carregadas de emoção que muitas vezes descreviam diversas situações de racismo que afetaram o psiquismo e a maneira de lidar com o mundo interno e externo. Vale mencionar que as nossas interlocutoras possuem um conhecimento aprofundado a respeito das relações raciais no Brasil, pela ótica da História, da Psicologia, da Geografia, da Ciência Política, do Feminismo Negro, enquanto seus campos de formação acadêmica intelectual além da vivência de suas identidades na realidade distinta de cada uma delas. O que também poderá ser lido em suas histórias narradas a diante.

As poucas palavras apresentadas aqui buscaram minimamente contextualizar um aspecto importante das nossas discussões, já que ao lidarmos com as diversas questões apresentadas nas narrativas das mulheres negras que participaram desta pesquisa também acessamos intersecções que em um primeiro momento não havíamos pensado. Mas ressaltamos que o entrelaçamento entre relacionamentos interraciais, as identidades e a saúde mental podem se tornar tema para um próximo desafio. Por aqui o intuito, foi o de situar as (os) leitoras (es) de maneira suscinta o que consideramos primordial para o entendimento do que se seguirá no texto.

4 CAMINHOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A interseccionalidade impede reducionismos da política de identidade – elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais.

(Carla Akotirene, 2019, p. 35)

Na escrita do projeto de qualificação foi feito um esboço do que seria o caminho metodológico que orientaria a pesquisa ou como escrito naquele momento "uma tentativa". Já havia sido indicado a necessidade de assumir uma postura flexível para construir o processo, tanto pelas particularidades do "grupo" escolhido que iria compor a pesquisa, quanto pela fundamentação epistemológica assumida na empreitada, que coloca o saber localizado (Donna Haraway, 1995) e subalternizado (Gayatri Chakravorty Spivak, 2014) da experiência da mulher negra sobre o construto amor em evidência, estando a pesquisadora imbuída da sua relação direta com seu *objeto* e com as mulheres que participaram da construção deste trabalho. A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG e recebeu aprovação (CAAE: 42913421.0.0000.5149) em vinte e cinco de maio de 2021.

Aqui abro um espaço para contextualizar o momento histórico em que a tese foi desenvolvida. Nas leituras de teses e dissertações que fiz ao longo dos anos, na maioria das vezes ficava uma sensação de que tudo sempre dava certo, que a escrita sempre acontecia de maneira linear e que os resultados apresentados sempre se tratava do encontro da (o) pesquisadora (o) com seu *objeto* de estudo, hoje sei que não é assim que as coisas funcionam.

Ler autoras e autores negras e negros que escrevem deslocados do saber eurocêntrico e que se posicionam e se localizam em suas escritas me mostrou o quanto o caminho é sinuoso, não mágico e não linear. Por isso acredito ser importante descrever minimamente o caminho percorrido por esta pesquisadora, os encontros e desencontros que fazem parte desta pesquisa.

Tendo em vista que minha qualificação aconteceu no mês de outubro de anos de 2020, sabíamos que um dos desafios que enfrentaríamos seria a pandemia da COVID-19 e suas consequências, mas não imaginávamos o quanto seria difícil cumprir com a agenda prevista para a realização da pesquisa e os efeitos disso em nossas vidas. Escrever uma tese de doutorado

enquanto não existia a certeza de que o amanhã existiria não foi uma tarefa fácil. Como o projeto de qualificação já foi escrito no início da pandemia, algumas previsões foram feitas na tentativa de minimizar os problemas que poderiam surgir.

Existia um desenho inicial que se orientava pelo objetivo geral e os objetivos específicos. Retomo os aqui para circunscrever a trajetória proposta e seus percalços, primeiro de forma geral. Considerando os saberes socialmente construídos e compartilhados pelas sujeitas e a "encruzilhada" de marcadores sociais interpostos, na qual a mulher negra encontra-se centralizada (Kimberlé Crenshaw, 2002; Carla Akotirene, 2018), pretendeu-se identificar e analisar a os significados e as práticas relacionadas ao amor para mulheres negras que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo-sexual com homens ou mulheres brancas e especificamente: retomar e discutir a noção de amor enquanto uma construção histórica, social e psicossocial a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas; compreender como gênero, raça, classe, afetividade e sexualidade impactam as noções de amor dessas mulheres.

Levando em conta os objetivos desta pesquisa, em consonância com meu orientador decidi inicialmente que seria relevante trabalharmos com dois grupos[8]. O primeiro seria formado por seis mulheres negras que se reconheciam como mulheres negras heterossexuais, e o segundo, composto por seis mulheres que também se reconheciam como mulheres negras, mas diferentemente do outro grupo, se identificassem como mulheres não heterossexuais. Ou seja, iriam compor o estudo, mulheres negras heterossexuais e não heterossexuais, com a idade a partir de 18 anos, que estariam ou já estiveram em relacionamento amoroso com homens e/ou mulheres brancas por, pelo menos, seis meses. residentes em Belo Horizonte e na região metropolitana.

Naquele momento não existia previsão de quando seria possível retomar o contato presencial com as pessoas, nos encontrávamos isoladas e isolados do mundo exterior e por isso seria impossível realizar entrevistas pessoalmente com as mulheres que se dispusessem participar. Por isso decidiu-se que para a realização das entrevistas, utilizaríamos uma das plataformas como Skype, Google Meet ou qualquer outra da preferência da participante.

A autora Audre Lorde (2020) em seu texto: "Para começo de conversa: alguns apontamentos sobre as barreiras entre mulheres e o amor", capítulo que compõe seu livro *Irmã Outsider*, inicia sua discussão apresentando quatro "formas de cegueira humana":

[8] A nomeação de grupo aqui foi dada por nós, uma vez que as mulheres que participaram da pesquisa não pertencem a um grupo específico. Nomeamos os dois grupos pelas características elencadas por nós para a composição deles, como, por exemplo, serem mulheres negras, heterossexuais e não heterossexuais e, portanto, compartilharem singularidades que podem ser agrupadas.

> Racismo: A crença na superioridade inerente a uma raça sobre todas as outras, o que implicaria seu direito à dominância. Machismo: A crença na superioridade inerente a um sexo, o que implicaria seu direito à dominância. Heteronormatividade: A crença na superioridade inerente a um padrão de amor, o que implicaria seu direito a dominância. Homofobia: O medo de sentimentos amorosos por membros do próprio sexo, o que se reflete em ódio por esses sentimentos em outras pessoas (Audre Lorde, 2020, p. 57).

Este apontamento da autora nos colocou em perspectiva, nos levando a tomar a decisão de nomear os dois grupos, declarando abertamente que trabalharíamos com duas orientações sexuais distintas: um grupo de mulheres negras heterossexuais e o outro de mulheres negras não heterossexuais. Havia o entendimento que esta escolha não abarcaria todas as possibilidades de orientações sexuais possíveis já conhecidas e retratadas de alguma maneira na literatura, mas tomamos as duas como forma de representar, de alguma maneira, a diversidade. Ainda que na figura social de vivências amorosas que, de certa maneira, podem ser colocadas como uma escolha pautada naquilo que entendemos por binarismo, ou seja, nas discussões limitadas que estão atreladas ainda às distinções de seres humanos apenas como masculino e feminino, macho e fêmea, nossa escolha se deu pela tentativa de se alcançar alguma diversidade, ainda que de maneira limitada.

Como dito anteriormente pelo contexto social no momento do desenvolvimento da pesquisa, algumas mudanças precisaram acontecer para viabilizar a nossa proposta. Se inicialmente havíamos optado por trabalhar com dois grupos, posteriormente constatei que não seria tão simples assim encontrar mulheres negras que estivessem dispostas a participarem da empreitada em que o amor seria tema central das nossas discussões. Antes do início da pandemia, algumas mulheres já haviam confirmado a participação enquanto interlocutora da pesquisa, mas a medida em que o mundo se viu envolto por incertezas e tudo o que se pensava era na possibilidade da morte, parecia não mais fazer sentido falar sobre o amor.

Após a qualificação entrei em contato com aquelas irmãs que já haviam dito que participariam, mas infelizmente muitas desistências aconteceram. Um dos motivos relatados por mais de uma das participantes, era o fim do relacionamento amoroso que ocorreu durante a pandemia. Compreendo que falar sobre amor quando milhares de pessoas morriam por conta de uma doença desconhecida e ainda no fim de uma relação amorosa terminava, não seria confortável para ninguém, principalmente para mulheres negras. Por conta desta dificuldade, a saída foi dar uma pausa, até porque enquanto sujeita, naquele momento eu também estava

imersa na dor. Perdi três pessoas muito próximas a mim para a COVID-19 e lidar com as dores, com as incertezas, com a raiva, com a indignação por termos na direção do nosso país um sujeito que se mostrava contra a vida, contra a ciência, contra a vacina me fez adoecer.

Após um longo período de distanciamento com minha pesquisa, fui retomando aos poucos a escrita, na medida em que a vida voltava a ter sentido, quando finalmente a vacinação trazia esperança e falar sobre amor era novamente possível. Assim como de início, ao retomar o trabalho, estabeleceu-se a continuidade do uso do critério "bola de neve" ou "cadeia de informantes" (Nelma Baldin & Elzira M. Bagatin Munhoz, 2011; Janice Penrod et al., 2003), para acessar as participantes. A referida técnica, muito utilizada em pesquisas sociais, tem por característica a indicação de novos participantes para a pesquisa por aqueles considerados como participantes iniciais, assim sucessivamente até que se alcance o objetivo desejado. *Carolina de Jesus*, que já havia confirmado sua participação desde o início, manteve o desejo em participar e foi a primeira das oito mulheres, que narraram suas histórias de amor e de vida.

Infelizmente a técnica bola de neve, parecia não estar funcionando naquele momento e por isso foi necessário pensar outra estratégia. Formulei um convite em formato de postagem para o *Instagram,* já que eu estava bem ativa naquela rede social e já vinha de alguma forma discutindo alguns temas que de alguma forma se articulavam com minha pesquisa. Após a criação da postagem, passei a receber algumas mensagens no privado, de mulheres que queriam participar da pesquisa. Assim, foi possível darmos continuidade às entrevistas que possibilitaram a escrita desta tese.

Foram mantidos os critérios que minimamente estabeleciam quem poderia participar da pesquisa: Ser mulher negra, com mais de 18 anos de idade, residente em Belo Horizonte ou na região metropolitana, que estivesse em um relacionamento afetivo-sexual com homem ou mulher branca, ou que já tivesse experienciado esta relação por um período mínimo de seis meses. Foi pedido então que as mulheres que se encaixassem nestas características e quisessem participar entrassem em contato comigo via Instagram ou WhatsApp. Dessa maneira, além de *Carolina de Jesus,* outras sete mulheres me contactaram e se dispuseram a se tornarem nossas interlocutoras.

Dito isso, afirmo que esta proposta metodológica se localiza nos estudos exploratórios pelo entendimento de que, no que tange à temática do amor para mulheres negras em relacionamentos interraciais, não se encontra muito material produzido. Esta ainda é uma discussão incipiente, o que nos alerta sobre sua relevância para o campo dos estudos nas Ciências Humanas e Sociais. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa exploratória. Tal perspectiva de abordagem não se apresenta como algo estruturado e engessado. Ao contrário,

apresenta-se como uma possibilidade do emprego da imaginação e da criatividade necessárias para que sejam possíveis novas propostas, novos caminhos e enfoques a serem percorridos, ampliando as possibilidades do uso da pesquisa qualitativa (Andréa Regina Marques Chamon, 2017; Arilda Schmid Godoy, 1995). O que configura o rigor da pesquisa qualitativa relaciona-se com a explicitação sobre o que foi encontrado com fundamentação no material empírico, a escolha metodológica adequada, assim como sua utilização e a relevância do que foi descoberto, bem como a reflexividade a respeito dos procedimentos utilizados (Uwe Flick, 2009).

A abordagem de pesquisa qualitativa preza por uma compreensão em detalhes dos significados e das situações que são apresentadas na realidade enquanto se investiga. Aqui também se insere uma discussão importantíssima sobre a postura ética da pesquisadora desde a construção de seu projeto de pesquisa, até a finalização de todo o trabalho que se propõe. Trata-se de uma pesquisa em uma perspectiva psicossocial e que, portanto, precisa estar alinhada aos pressupostos éticos desse campo de conhecimento. Nesse sentido, "as próprias escolhas do investigador relativas às modalidades de entrevista, ao referencial teórico, e assim por diante devem estar pautadas pela reflexão/postura ética" (Stella Narita, 2006, p. 30).

As pesquisas qualitativas nas Ciências Humanas e Sociais utilizam com frequência o uso das entrevistas para acessar as informações necessárias para o estudo de um determinado fenômeno. Por tratar-se de uma ferramenta econômica e de fácil acesso (Kaufmann, 2018), o uso das entrevistas nas Ciência Humanas e Sociais disseminou-se em múltiplas possibilidades, desde sua utilização nas pesquisas sociais do século XX, até às entrevistas clínicas aplicadas na Psicologia, porém, utilizadas muitas vezes apenas como complemento de estudos quantitativos. Ao longo do tempo, pesquisadores e pesquisadoras foram se atentando para a importância da fala do sujeito, e as entrevistas acabaram deixando de ser apenas ferramentas de apoio para tornarem-se um importante meio de coleta de *dados* (Jean-Claude Kaufmann, 2018).

Aqui abro espaço para uma questão importante a respeito da perspectiva epistemo-metodológica escolhida para a pesquisa. Seguindo o caminho das intelectuais negras que vieram antes de mim, busquei desde o início desta proposta romper com o silêncio e com o que Carla Akotirene (2020) nomeia como "racismo epistêmico". Assim como Akotirene e tantas outras pesquisadoras negras (os), estou em um caminho de construção, em busca de contribuir de maneira ativa com as pesquisas produzidas por intelectuais negras, que se deslocam do saber naturalmente colocado como universal, o saber eurocêntrico hegemônico que se apresenta também nos métodos de pesquisa no qual nós mulheres negras somos apenas o *objeto de estudo* Carla Akotirene (2020).

Seguindo o caminho que já foi trilhado pelas (os) minhas (os) ancestrais assumo, que esta pesquisa buscou também se fazer valer a partir da proposta de Henrique Cunha Junior (2006) que propôs uma nova metodologia, nomeada como metodologia de pesquisa afrodescendente, modelo também utilizado por Carla Akotirene em sua pesquisa de mestrado, que posteriormente foi lançado como livro: *Ó Pa í, prezada! Racismo e sexismo institucionais tomando bonde nas penitenciárias femininas.*

Carla Akotirene (2020) em acordo com Henrique Cunha Junior (2006):

> a metodologia afrodescendente é uma readequação, uma atualização, podemos assim dizer, dos métodos interpretativos (observação participante, pesquisa participante e as abordagens de pesquisa sócio-históricas), a partir da rejeição do branconcêntrismo eurocêntrico da ciência (p.31).

A Metodologia da Pesquisa Afrodescendente, com sua natureza subversiva, refaz os caminhos para o conhecimento, procurando de maneira reflexiva e crítica trazer à tona esse saber marginalizado. Ela desmonta os pilares de uma suposta neutralidade e objetividade científicas que, há muito tempo, têm sido os padrões incontestáveis de produção do conhecimento. É importante salientar que nossa perspectiva se opõe ao discurso que sustenta os métodos tradicionais, os quais perpetuam o saber branco eurocêntrico. Discurso esse performático, que alega ser neutro, objetivo e não identitário. Dito isso, nosso olhar é voltado para a reinterpretação da realidade, em que sujeitos e sujeitos marginalizados estruturalmente por uma ciência colonialista, possam acessar e produzir o conhecimento, com sistematização, reflexividade e o saber localizado em suas experiências, como pontua bell hooks (2019), saindo da "margem para o centro" da produção sobre si mesmos. Afinal, a ciência, longe de ser uma entidade neutra, é um espaço de poder e de disputa Carla Akotirene (2020), e é através desta metodologia que buscamos romper com os moldes tradicionais de pesquisa, trazendo uma visão afrodescendente.

Nesse sentindo, não há que se falar em separação entre pesquisadora e pesquisada, nesta perspectiva de pesquisa qualitativa afrodescendente o encontro é importante para que haja diálogo e interpretação adequada da realidade. Pertencimento e compartilhamento entre sujeitas, mulheres negras que se reconhecem e assumem o compromisso ético, ainda que doloroso, em narrar suas histórias mais profundas que nunca haviam sido narradas, sendo eu mesma uma mulher negra que está em um relacionamento formal com um homem branco e que anseia por entender melhor as nuances daquilo que nomeio como amor.

Acrescentar esta pequena, mas importante discussão só foi possível após os encontros estabelecidos entre a pesquisadora e as outras oito mulheres, minhas interlocutoras. Compreendi que precisava explicitar o aspecto subversivo desta proposta, inclusive na descrição do percurso metodológico que só foi desenhado, só tomou corpo e forma, a medida em que revisitava as narrativas produzidas por minhas irmãs, ao longo desse processo não linear de escrita. Assim, encontrei conforto para continuar subvertendo o que sempre me foi colocado como lógica, seguindo o que postulou Carla Akotirene (2020):

> Nesta filiação a metodologia afrodescendente proposta pelo professor Cunha, verifica-se o percurso metodológico produzido de forma a possibilitar as participantes interagirem com a pesquisadora, fazendo desta, de certa maneira, parte do que está sendo investigado. Em associação distinta, na pesquisa ação, por exemplo, os objetivos explícitos da pesquisa preveem uma ação que produza efeito imediato sobre o ambiente pesquisado, diferente da metodologia afrodescendente, que não pensa na necessidade da ação porque existe uma diferença de postura desta pesquisadora em termos éticos-políticos (p.32).

Segundo Henrique Cunha Junior (2006); Carla Akotirene (2020) a pesquisadora não irá adquirir conhecimento acerca de uma cultura ou estilo de vida que não lhe é conhecido ou com o qual ela não tinha prévia interação, visto que a pesquisa é permeada por valores sociais. Nesta investigação, a pesquisadora não obtém informações em relação à cultura "do outro". Ao contrário, ela atua dentro da própria cultura e com problemas que tocam sua própria existência. Aqui, portanto, o processo de aprendizagem é intensamente pessoal e íntimo, refletindo os embates sociais e culturais que a pesquisadora vivencia. Portanto, a investigação é uma extensão do eu, um mergulho na autorreflexão e na própria cultura, em vez de um olhar etnográfico sobre o "outro".

No entanto escolher um caminho metodológico que se propõe o contato, a não neutralidade, a não objetividade e sim o encontro, o contato, o engajamento e principalmente um posicionamento político, não facilita o trabalho da pesquisadora, em minha experiência foi possível compreender que se trata exatamente do oposto. Ser sujeita e pesquisadora em um mesmo estudo traz grandes responsabilidades e nosso cuidado ético deve ser ainda maior.

A cada um dos encontros que tive com as irmãs que compartilharam suas vidas, precisei de pausas. Para seguir em frente com a proposta desta tese, fui aos poucos permitindo que a

dinâmica que se apresentava em cada uma das conversas me desse ferramentas para fazer escolhas que estivesse de acordo com a vida delas e com a minha própria. Em alguns momentos o maior desejo era o de desistir de tudo, não seguir com a pesquisa, já que eu me encontrava em cada um dos relatos pessoais, mas também coletivos. Mas como eu mesma afirmei que não se trata apenas de mim, enquanto pesquisadora, mas se tratava ainda mais de nós, delas e das histórias que precisavam ser contadas.

Por isso acrescentar a discussão sobre a perspectiva metodológica afrodescendente, me pareceu necessária. Por se tratar de uma pesquisa assumidamente feminista negra e que desde sua proposta inicial se apresenta enquanto construção de diálogos, buscar ancoragens nas práticas discursivas das minhas ancestrais, faz todo o sentido.

No campo do feminismo e aqui especialmente do feminismo negro, existe um consenso de que não há uma metodologia específica, utilizada por todas as pesquisadoras. Segundo Carla Akotirene (2020) o que está em evidência "é um posicionamento político; a nossa percepção do mundo vista por um olhar situado de pesquisadora, consoante a um ideário de projeto político para as mulheres" (p.33).

Neste sentido compreendi que o interesse na entrevista enquanto ferramenta utilizada na pesquisa qualitativa afrodescendente, foi a fala construída pelas sujeitas e atoras sociais. Nesse sentido, o intuito foi o de entrar em contato com a maneira como essas atoras compreendem suas realidades humanas, acessando de maneira direta ou indireta crenças, valores, conhecimentos, signos, significados que as pessoas atribuem a si mesmas ou ainda nas relações e interações com o mundo (Márcia Tourinho Dantas Fraser & Sônia Maria Guedes Gondim, 2004).

Foi decidido então que seria interessante o uso das entrevistas narrativas, dentre uma gama de possibilidades de se apreender experiências narradas, histórias de vida que escancaram temas tão ricos e complexos como o amor, houve um consentimento que a entrevista narrativa se mostrava uma ferramenta interessante para compor nossa pesquisa.

4.1 Entrevistas narrativas

Como herdeiras desse patrimônio ancestral, temos em mãos o compromisso de conferir visibilidade às histórias de glória e criatividade que carregamos.

(Giovana Xavier, 2017, s.p.)

As entrevistas narrativas (EN) vêm se destacando muito nos últimos anos e sendo utilizadas por teóricos da psicologia, da filosofia, da história, da antropologia, da literatura e da linguística. O ato de contar histórias é de extrema relevância para a formação e para o conhecimento de fenômenos sociais (Marlova Jovchelovitch & Martin Bauer, 2015; Stella Narita, 2006). Especialmente na psicologia, a entrevista narrativa tem sido cada vez mais utilizada na tentativa de reconstrução, da perspectiva das informantes, os modelos de conhecimento e das experiências de vida de sujeitos e de grupos (Uwe Flick, 2009). Utilizada principalmente nas pesquisas (auto)biográficas para apreender conhecimento e apresentação e representação de experiências, sendo, portanto, cada vez mais utilizadas nas pesquisas realizadas em psicologia (Uwe Flick, 2009; Marlova Jovchelovitch & Martin Bauer, 2002).

A escolha pelo uso desta ferramenta metodológica nos faz pensar no quanto as narrativas são múltiplas e infinitamente diversificadas. A narrativa está presente em todos os lugares, nas fábulas, nas declarações de amor, nos ensaios jornalísticos, nas lendas, nos mitos, na história, no drama ou na tragédia. De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2015), "contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal" (p. 91). Cada sujeita, em diferentes momentos de sua vida, seja na infância, na adolescência ou vida adulta, e nas diferentes sociedades, terá suas histórias para contar (Roland Barthes, 1993; Castro & Mayorga, 2019; Jovchelovitch & Bauer, 2015). Nesse sentido, "as narrativas nos permitem potencializar, portanto, as análises das relações entre sujeito, sociedade e historicidade" (Ricardo Dias de Castro & Claudia Mayorga, 2019, p. 9).

Uwe Flick (2009) e Marlova Jovchelovitch & Martin Bauer (2015) enfatizam a importância do tópico central que será o disparador da narrativa e que terá como o foco o tópico de estudo que envolve a pesquisa. No momento do desenho do projeto ansiava por conseguir a conexão necessária com minhas interlocutoras para que o tema pudesse se desenvolver apenas com o disparador. Mas como foi dito anteriormente, não foi assim que se deu o processo. Veio a compreensão de que o centro das conversas seria o amor, mas para que fosse possível acessar tal conteúdo era necessário ter um pequeno guia, com perguntas que preparasse o território.

O intuito não foi o de engessar ou seguir à risca as perguntas que previamente escolhidas, mas sim o de preparar o território arenoso que é o campo do amor, principalmente se tratando de mulheres negras que tiveram experiências distintas de relações e que a partir destas foram construindo a noção de amor.

A ideia era que, que com questões gerativas bem elaboradas, seria possível que as mulheres negras participantes acessem situações e vivências cotidianas do passado e do presente que as possibilitaram a construção de suas histórias, de suas narrativas inseridas em suas vidas pessoais, suas subjetividades e os processos sócio-históricos. Com a ajuda desta ferramenta, podemos acessar aspectos da vida individual de cada mulher negra que participou desta pesquisa, mas também dos aspectos do coletivo. Conforme Stella Narita (2006):

> não necessitamos confrontar os discursos, porque não se trata de obter uma verdade totalizadora, mas sim compreender a pluralidade que compõe o conjunto de histórias. Compreendendo-se por dentro a história de cada um, percebemos parâmetros (compartilhados pelo grupo) por onde o sujeito constrói sua realidade e sua identidade (p. 26).

Entendi que falar sobre amor é muito mais difícil e delicado do que havia imaginado. Em uma das conversas que tive com Adriano, meu orientador, ficou latente o quanto seria complexo abordar o tema com as minhas irmãs, o quanto seria delicado iniciar uma conversa a respeito do amor, que seria provavelmente assustador e constrangedor apenas lançar na conversa o tema disparador *amor e relacionamentos interraciais* e esperar que o processo de narração fosse fluído. Além disso estávamos vivendo um momento uma pandemia, que nos obrigava a mantermos o distanciamento social. Como seria a primeira vez que eu, enquanto pesquisadora realizaria entrevistas de maneira remota/virtual, tudo era muito novo, um grande desafio.

Já foi mencionado em algum momento no texto que pelas características singulares da nossa pesquisa, enquanto pesquisadora, manteria uma postura flexível durante o percurso, inclusive na escolha das ferramentas metodológicas e na maneira que se daria todo o processo de análise. Optamos então por criar um roteiro com questões que nortearam as narrativas, primeiramente para que fosse possível criar um ambiente, acolhedor que facilitasse o meu encontro[9] com cada uma das mulheres. Sendo eu mesma uma mulher negra, que vive um

[9] Sobre o encontro, tomo como referência o que postulou a intelectual negra Paula Rita Bacellar Gonzaga em sua tese de doutorado: Entendo como encontros o processo que dilui a dicotomia de pesquisador/objeto; ativo/passivo no processo de investigação. Visando esse objetivo, construí uma proposta de participação por meio de carta convite (Anexo A) que permitisse às mulheres interessarem-se e sinalizarem (ou não) desejo pela participação. Já tinha me valido desse instrumento na pesquisa de mestrado que desenvolvi entre 2014-2015 no Programa de Estudos Interdisciplinares de Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia sobre itinerários abortivos (Paula Rita Bacellar Gonzaga, 2015). Nesse momento construí essa carta convite para sanar a dificuldade de se pesquisar sobre abortamento no Brasil devido a criminalização da prática, aqui assumo

relacionamento interracial e acessando inúmeras dificuldades cotidianas para refletir e viver o amor, sabia que não seriam encontros fáceis e que dependeria muito da energia e da disponibilidade de cada uma de nós para que as coisas fluíssem.

Além das questões norteadoras, foi elaborado em roteiro com questões sociodemográficas que pudessem ajudar na caracterização das nossas irmãs interlocutoras. Levando em consideração as encruzilhadas em que raça, gênero, classe, sexualidade se apresentam para estas mulheres, foi importante também coletar informações mais objetivas a respeito de suas vidas.

Ressaltamos que a utilização da entrevista narrativa não se propõe a coletar verdades individuais e coletivas, mas sim possibilitar visibilidade para as falas que não são ouvidas como importantes, como produtoras de conhecimento. Por isso, destacamos a "importância de pautarmos como sujeitos as questões que são essenciais para o rompimento da narrativa dominante e não sermos tão somente capítulos em compêndios que ainda pensam a questão racial como recorte" (Djamila Ribeiro, 2017, p. 10).

Neste sentido, não entendemos as narrativas como se fossem apenas uma listagem de acontecimentos, mas a importância aqui é o enredo e a nossa tentativa de estudá-las tanto no espaço-tempo, quanto nos seus sentidos. A compreensão de acontecimentos narrados de maneira isolada pode reduzir a experiência em palavras ou expressões, mas quando estruturadas em uma história, sem perder de vista a maneira como são narradas e transmitidas, permitem a expressividade que fornece sentidos ao enredo como um todo.

A partir do exposto, a narrativa não se apresentou seu sentido apenas no fim. Ao contrário, ele se fez presente em toda a história. Dessa forma, não nos coube a compreensão de uma narrativa apenas seguindo a sequência linear dos fatos apresentados por quem contou a história, precisamos ir além, reconhecendo a dimensão não linear e aquilo que não estava expresso no sentido do enredo (Marlova Jovchelovitch & Martin Bauer, 2002).

Por se tratar de uma pesquisadora negra que escutou histórias contadas por outras mulheres negras, reconhecer aquilo que não é expresso foi um grande desafio. Assumimos no início deste texto que operaremos com as premissas do Feminismo Negro, assim o que postula Grada Kilomba foi de extrema relevância na escuta, na compreensão e análise das narrativas:

> Devido ao racismo, pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente.

---

essa estratégia como giro metodológico onde são as interlocutoras que constroem e definem meu campo, não o inverso (Paula Rita Bacellar Gonzaga 2019, p.40).

> Os temas, paradigmas e metodologias utilizadas para explicas tais realidades podem deferir dos temas, paradigmas e metodologias das/os dominantes. Essa "diferença, no entanto, é distorcida do que conta como conhecimento válido. Aqui, inevitavelmente tenho de perguntar, como eu, uma mulher negra, posso produzir conhecimento em uma arena que constrói, de modo sistemático, os discursos de intelectuais negras/os como menos válidos (Grada Kilomba, 2019, p. 55).

A pesquisadora negra que buscou dialogar com as narrativas, precisou se colocar no lugar de curiosidade e criatividade na construção dos enredos e seus sentidos, a partir da maneira como as mulheres se entendem como sujeitas, compreendendo as suas vicissitudes como produção de conhecimentos individuais e coletivos com seus dissensos, consensos e conflitos. Isso explicita o quanto tive que me reinventar, pois fui interpelada pelas histórias das mulheres negras, exatamente por se tratar de narrativas construídas por sujeitas que foram historicamente subalternizadas (Ricardo Dias de Castro & Claudia Mayorga, 2019; Donna Haraway, 1995; Gayatri Chakravorty Spivak, 2014).

O emprego das narrativas, conforme sua utilização na Psicologia Social, deve levar em conta as interseções entre o que compõe a subjetividade do sujeito e o contexto sócio-histórico, geográfico e cultural de sua existência. Nessa perspectiva, esteve em jogo a tarefa de compreender fenômenos sociais e de grupos, possibilitando às sujeitas que contaram suas próprias histórias, apresentar sua narrativa, sobre si e sobre os outros.

De acordo com Marlova Jovchelovitch & Martin Bauer (2002), "conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas" (p. 96). A entrevista narrativa então se propõe a ir para além do prescrito e da estrutura, propostos por outras ferramentas. A comunicação estabelecida entre nós baseou-se em encontros em que ambas tiveram responsabilidades, superando os esquemas de perguntas e respostas prontas, criando entre si uma comunicação que envolvesse o cotidiano a partir das histórias contadas, com o intuito, não só de se alcançar os objetivos sugeridos, mas também de fazer daquele momento a oportunidade de nos conhecermos e nos conectarmos com nossas dores, anseios, incertezas, expectativas para a construção de algo em conjunto.

4.2 Sobre o uso das entrevistas online

A única diferença entre uma entrevista online e uma entrevista face a face é que aquela ocorre com a mediação de algum aparelho tecnológico. O que, contudo, é uma grande diferença.

(Robert V. Kozinets, 2014, p. 49)

O uso da entrevista online no nosso caso não foi escolhido de maneira proposital como o que é descrito no livro *Netnografia: realizando pesquisa netnográfica online* (Robert V. Kozinets, 2014). A utilização do computador como ferramenta de coleta das narrativas ou, como aponta o autor, das entrevistas em profundidade, se dará por conta da dificuldade do contato face a face, que se apresenta por conta do contexto de distanciamento social que vivenciamos atualmente. Por isso, decidimos que a melhor maneira de dar sequência à nossa pesquisa seria utilizarmos as ferramentas online disponíveis para a realização das entrevistas narrativas.

No nosso caso, a escolha pelas entrevistas narrativas, já mencionada anteriormente, esbarraria na impossibilidade de efetivação caso não tivéssemos a oportunidade de realizarmos de maneira remota, mediada por um computador, celular ou tablet. Robert V. Kozinets (2014), citando Newhagen & Rafaeli (1997), enfatiza que a comunicação mediada pela internet produz ainda mais rastros do que qualquer outra forma ou contexto de coleta. Além disso, o conteúdo produzido é de fácil observação, podendo ser gravado e copiado, quando autorizado. Os comportamentos apresentados pelas participantes poderão ser registrados amplamente, o que facilita a trabalho da pesquisadora durante a análise do material. De acordo com Robert V. Kozinets (2014), "ter um registro quase completo de interações sociais online é muito mais fácil do que notas de campo sub-repticiamente registradas e recordações fragmentadas do etnógrafo em pessoa" (p. 72).

A experiência da pesquisadora com diversas plataformas de comunicação utilizadas no atendimento social psicoterápico às mulheres negras, desde o início do período de distanciamento social, mostra que esse tipo de tecnologia, quando utilizado com ética e de maneira adequada, pode contribuir não só com a psicologia clínica, mas também com nossas pesquisas, como ferramenta de interação e coleta de informações.

Como foi previsto no projeto, consegui realizar as entrevistas com as 8 participantes/interlocutoras desta tese utilizando a plataforma Zoom. Todos os encontros foram

gravados e posteriormente transcritos com a autorização de todas. Antes de cada encontro foi enviado por e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que fosse assinado e encaminhado antes da realização da entrevista. Os encontros ocorreram entre os meses de julho de 2021 a março de 2022, na seguinte ordem: *Carolina de Jesus; Lélia Gonzales; Conceição Evaristo; Izildinha Baptista; Maria Firmina dos Reis; Maria Beatriz do Nascimento; Sueli Carneiro; Cidinha da Silva.*

Os instrumentos e a gama de programas disponíveis para serem utilizados online, possibilitam um campo fértil para a apreensão de conteúdos produzidos pelas pessoas participantes das pesquisas. Seja por meio da análise de discursos, seja por meio da análise de conteúdo de textos e/ou imagens, a internet se torna um ambiente riquíssimo para a realização de pesquisas. Robert V. Kozinets (2014) acrescenta uma observação que nos parece interessante:

> As técnicas de análise de conteúdo estão usufruindo um renascimento em sua aplicação à análise de conversas online. O arquivamento instantâneo de comunicações sociais presente na esfera da internet torna este um contexto muito diferente para fazer pesquisa etnográfica comparado com o contexto da interação social face a face (p. 72).

Todo o processo foi orientado pela análise interseccional, acreditamos que desta forma foi possível se atentar aos intercruzamentos (Carla Akotirene, 2019; Kimberlé Crenshaw, 2002) que surgiram na trajetória de cada mulher negra e naquilo que entendemos fazer parte do "grupo". A (o) leitora (o) verá que cada uma das narrativas foi subdivida em tópicos. A escolha dos tópicos não foi realizada previamente. A medida em que fui me reconectando com as narrativas já transcritas, seguindo o processo de análise me permiti escutá-las novamente, uma a uma. Como optei por manter a maior parte dos trechos na íntegra, a medida em que seguia a história ia identificando o tema que era apresentado pela interlocutora. Desta forma, os títulos foram sendo escritos a medida em que as narrativas iam ganhando sentido e forma.

Alguns títulos dizem da especificidade de cada história, outros ainda que escritos com palavras e expressões distintas destacam narrativas que se convergem e que se tornam coletivas. Considerei importante escolher cada um dos títulos que de alguma forma anunciasse às (aos) leitoras (es) os temas que se seguiriam. Vale lembrar que durante os encontros foram feitas perguntas norteadoras que permitiram acessar conteúdos que pudessem nos levar ao

contato íntimo com cada uma das oito mulheres negras que se dispuseram e toparam o grande desafio de abrirem seus corações.

A seguir apresento uma pequena tabela com os dados sociodemográficos que caracterizam o grupo participante:

Tabela 1

Dados sociodemográficos

Nome	Idade	Raça/Cor	Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Classe (de acordo com renda) IBGE	Religião
Carolina Maria de Jesus	37	Preta	Mulher Cis	Bissexual	Classe C	Nenhuma
Lélia Gonzales	28	Preta	Mulher Cis	Lésbica	Classe C	Nenhuma
Conceição Evaristo	28	Preta/parda	Mulher Cis	Bissexual	Classe C	Nenhuma
Izildinha Baptista	43	Preta	Mulher Cis	Heterossexual	Classe C	Nenhuma
Maria Firmina dos Reis	41	Preta	Mulher Cis	Heterossexual	Classe C	Cristã
Maria Beatriz do Nascimento	40	Preta	Mulher Cis	Heterossexual	Classe C	Nenhuma
Sueli Carneiro	41	Preta	Mulher Cis	Heterossexual	Classe C	Candomblé
Cidinha da Silva	22	Negra	Mulher Cis	Heterossexual	Classe C	Nenhuma

A partir de agora vou descrever o passo a passo que foi utilizado para que as narrativas produzidas por nossas interlocutoras, pudessem ser analisadas na perspectiva do Feminismo Negro Interseccional.

Como já havia sido mencionado, a interseccionalidade campo fértil de produção de conhecimento anticolonial, se propõe estar aberta as múltiplas possibilidades de ferramentas metodológicas para analisar o material produzido em uma pesquisa. No início, considerei seguir à risca a estrutura analítica descrita na literatura, a respeito das entrevistas narrativas. Mas compreendi que não seria possível, tanto pelas características de uma pesquisa realizada no campo do feminismo negro, quanto pelas especificidades das histórias de vida narradas por cada uma das mulheres negras que participaram desta empreitada.

Por conseguinte, não pretendo apresentar às leitoras (es) uma receita de bolo, com um passo a passo para realização da análise de entrevistas narrativas, mas sim uma tentativa de lhes aproximar do trabalho realizado ao longo do processo.

Foram realizadas oito entrevistas/encontros, com oito mulheres que se autodeclararam negras/preta/parda. Os encontros aconteceram de maneira remota, sendo utilizada a plataforma ZOOM. Cada entrevista foi devidamente gravada e posteriormente transcrita (para este trabalho foi contratado um profissional com competências e habilidades, não somente para realizar a parte técnica, mas para se atentar para as questões singulares apresentadas por cada uma das histórias de vida narradas. Por esse motivou optei por um profissional do campo da psicologia e homem negro.

Após a transcrição de cada entrevista voltei as gravações, para corrigir possíveis erros e ruídos que pudessem mudar os sentidos produzidos em cada uma das narrativas e assim prejudicar a análise. Ao assistir novamente as gravações, fui me reencontrando com cada uma delas. Me fazendo valer da tecnologia, foi possível pausar as falas, chorar nos momentos que o choro delas também aparecia, olhar as feições e as linguagens corporais que se alteravam a depender do assunto que estávamos discutindo.

Posteriormente fiz uma primeira leitura de todo o material transcrito, li uma a uma das entrevistas, que agora já estavam em formato de texto. Aproveitando o que foi estabelecido por Bardin (2016), segui com a técnica de leitura flutuante. A leitura flutuante na análise de conteúdo, constitui uma etapa inicial e crucial do processo metodológico, funcionando como uma imersão preliminar no material a ser analisado. Essa técnica permite ao pesquisador uma familiarização com o texto, sem a busca por elementos específicos ou categorias pré-definidas, favorecendo a emergência de insights e a identificação de temas recorrentes de forma intuitiva. Durante a leitura flutuante, o analista procura absorver o conteúdo global, no nosso caso as narrativas, preparando o terreno para uma análise mais detalhada e sistemática. Este momento de familiarização é essencial para que a pesquisadora desenvolva uma sensibilidade analítica que orientará todo o processo subsequente de análise.

Embora eu não tenha aplicado a técnica da análise de conteúdo, usar a ferramenta, leitura flutuante, foi útil para me aproximar de todo o material gerado pelos encontros com minhas interlocutoras, pois foram mais de 160 páginas de transcrição de um conteúdo muito intenso e sensível. Esse processo de leitura foi lento, por vezes tive que parar, tomar fôlego e depois seguir. Após a leitura, dei um segundo passo, comecei o trabalho de buscar em cada uma das entrevistas, temas, assuntos recorrentes, situações importantes que pudessem trazer à tona não apenas o que estava ali descrito em palavras, mas também as emoções que foram sendo evocadas durante o encontro com as mulheres.

Para mim ainda não estava circunscrito de maneira objetiva, como eu faria para seguir com a análise, mas após algumas conversas com Adriano, que me disse para novamente me

encontrar individualmente com cada uma das participantes, com cada uma das narrativas, quantas vezes fosse necessário, as coisas começaram a tomar forma. Em acordo, decidimos que faria sentido então trazer para o nosso texto cada uma das histórias contadas por minhas irmãs de maneira a destacar as particularidades de suas experiências de amor, afeto e das dinâmicas cotidianas que as trouxeram até aquele momento que se encontravam.

Portanto, não foram estabelecidas categorias ou temáticas prévias, a medida em que eu avançava na leitura das entrevistas busquei manter suas narrativas o máximo possível, na tentativa de proporcionar às leitoras(es) uma experiência de contato real com a vida de cada uma destas mulheres, suas histórias, suas dores, seus sentimentos. Como verão posteriormente na análise os trechos das narrativas foram mantidos, mesmo quando muito longos, para apreender o máximo de cada encontro, de cada conversa, de cada história de vida.

Dito isso, no capítulo a seguir, em que apresento a análise das narrativas, vocês poderão em um primeiro momento conhecer individualmente cada uma das poderosas mulheres negras que se dispuseram a fazer parte desta empreitada. Busquei manter a conexão dos nossos encontros também no momento em que a pesquisadora volta para os seus objetivos iniciais e tenta desvelar o conteúdo que de alguma forma dê conta de apresentar às leitoras(es) um pouco do processo árduo, construído em conjunto com as oito coautoras desta tese.

Posteriormente apresento na discussão, os pontos de conexão entre as oito narrativas. Seguindo a proposta epistemológica e metodológica do Feminismo Negro Interseccional, busquei dar visibilidade à maneira como raça, gênero, classe e outras categorias hierárquicas se intercruzam na vida das mulheres negras e moldam suas experiências de amor.

5 NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS: TRAJETÓRIAS DE VIDA, AMORES E RESISTÊNCIAS

Um relacionamento sinérgico é um tipo especial de relacionalidade em que a interação de duas ou mais entidades produz um efeito combinado que é maior que as partes separadas. No caso da interseccionalidade, a sinergia entre investigação e práxis pode produzir novos conhecimentos e/ou práticas importantes.
(Patricia Hill Collins & Sirma Bilge, 53)

Neste capítulo serão apresentadas e discutidas as narrativas construídas por *Carolina de Jesus; Lélia Gonzales; Conceição Evaristo; Izildinha Baptista; Maria Firmina dos Reis, Maria Beatriz do Nascimento; Sueli Carneiro e Cidinha da Silva*. Considerando a nossa proposta de escrita decidimos que seria apropriado destacarmos as narrativas individuais de cada uma das nossas interlocutoras. Acreditamos que assim, teríamos maior espaço para que realmente cada uma falasse de si. Preservamos os relatos longos exatamente por priorizarmos o que foi produzido por elas, não só naquele momento dos encontros que ocorreram entre nós, mas também aquilo que consideraram importante de ser dito.

O intuito é o de destacar o caráter narrativo das ricas histórias de nossas interlocutoras, que expressam suas trajetórias de vida, de amores e de resistências em diferentes contextos e situações de suas vidas cotidianas. Nossa abordagem interseccional reconhece a pluralidade e singularidade das experiências destas mulheres negras, sem que haja redução a uma única forma de ser e de se viver.

Buscando ainda atender aos objetivos que foram inicialmente elencados para esta pesquisa, chegamos à compreensão de que seria necessário percorrer um percurso que descrevesse características, modos de pensar e agir das mulheres que participaram deste estudo com suas histórias de vida. Cabe ressaltar que, embora realizemos uma pesquisa qualitativa e que, portanto, não cabe aqui pensar em termos quantitativos, utilizamos a palavra "grupo" entendendo que as 8 mulheres negras que trouxeram suas narrativas que compõem esta pesquisa vivenciam e vivenciaram trajetórias distintas de vida, mas compartilham de saberes, experiências por serem mulheres, negras, de mesma classe social e que já estiveram ou estão em um relacionamento inter-racial. Por estas e outras características que apontaremos ao longo do texto, entendemos que estas 8 mulheres formam um grupo. Esta Análise de maneira a

destacar nos encontros destas histórias singulares, mas também coletivas serão apresentadas em outro capítulo que virá na sequência desta escrita.

O presente capítulo nasce a partir do interesse em explorar as interseções entre raça, gênero, classe social, sexualidade, com o objetivo de compreender a trajetória das mulheres na construção do amor, considerando o contexto social em que estão inseridas desde a infância até o momento em que narram suas histórias para enriquecer nossa pesquisa. Foi de nosso interesse identificar, na dinâmica das relações estabelecidas ao longo de suas vidas, as possíveis âncoras ou elementos fundamentais que influenciam e moldam suas experiências amorosas e relacionamentos ao longo de suas complexas trajetórias. os elementos fundamentais que influenciam e moldam suas experiências amorosas e relacionamentos ao longo de suas complexas trajetórias.

Essa abordagem interseccional e psicossocial[10], contribui para uma análise mais rica e complexa das histórias das mulheres, permitindo que suas experiências sejam compreendidas e respeitadas em sua totalidade sem reduzi-las a apenas um aspecto de sua identidade. Ao mesmo tempo ela destaca a importância de considerar as múltiplas dimensões que compõem as

[10]A abordagem interseccional e a perspectiva psicossocial oferecem lentes complementares para a análise de experiências humanas, especialmente em contextos de relações afetivas inter-raciais. A interseccionalidade, um conceito forjado nos trabalhos de teóricas feministas negras como Kimberlé Crenshaw(2002) Carla Akotirene (2019) Patricia Hill Collins (2021), enfoca a sobreposição de múltiplas identidades (raça, gênero, classe, entre outras), destacando como estas interações produzem experiências únicas de opressão e privilégio. Esta abordagem revela a complexidade das dinâmicas sociais e pessoais, mostrando que não se pode compreender plenamente as vivências individuais sem considerar a confluência desses fatores. Paralelamente, a abordagem psicossocial ressalta a interação entre os fatores internos, como crenças e emoções, e o ambiente social e cultural externo. Ela destaca como os contextos sociais e as estruturas de poder influenciam a saúde mental, a autoimagem e os padrões de comportamento. Ao aplicar essa perspectiva às relações afetivas, é possível explorar as maneiras pelas quais as experiências de discriminação, racismo e desigualdades sociais afetam as interações pessoais e a formação de identidade. Como aponta Sawaia (1999) em seu livro As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social, no qual a autora nos apresenta uma análise crítica das emoções e das subjetividades, ressaltando o sofrimento e a resistência em contextos de desigualdades sociais. Assim como a autora pensar a partir da ótica psicossocial é compreender como as experiências de exclusão e opressão impactam as subjetividades individuais e coletivas, formando identidades e práticas de resistências em grupos sociais em especial na população brasileira.

trajetórias de vida das mulheres a fim de promover a inclusão, a igualdade, reconhecimento de identidades etc. na construção de relacionamentos e na busca pelo amor.

O olhar analítico interseccional e psicossocial nos possibilitou uma compreensão mais profunda e contextualizada das vivências e desafios enfrentados pelas mulheres em sua busca pelo amor e na construção de relacionamentos saudáveis e significativos. Essa perspectiva também nos permite identificar e desafiar as desigualdades e estereótipos que podem afetar as experiências amorosas das mulheres, levando em conta o lugar social e o contexto em que vivem.

Após a realização das entrevistas, no momento de reencontro com cada uma das histórias narradas, algo chama a atenção. Em uma das perguntas, as mulheres deveriam falar de si, da sua vida, onde nasceu, sobre sua origem. Ainda que não houvesse uma pergunta específica sobre a declaração racial de seus pais, todas contaram de “onde” “quem” vieram. Das 8 entrevistadas uma relata ser filha de um casal mono-racial (Mãe negra, pai negro) 4 delas nascidas de um relacionamento inter-racial com a composição (Mãe branca, pai negro) e 3 nascidas também de relacionamentos inter-raciais com a composição (Mãe negra e pai branco). Considerar que o primeiro grupo social em que somos inseridas (os), a nossa família, nos ajuda a pensar como a presença/ausência de características que se aproximam e que se distanciam das nossas características individuais, nos leva a construir noções de pertencimento a um determinado grupo social. Aqui especificamente estamos falando sobre nós, mulheres negras, nascidas de relacionamentos mono-raciais ou interraciais.

Nessa Santos Souza, em sua obra Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social (1983), aborda a condição social e psicológica dos negros no Brasil. A autora utiliza o conceito de ascensão social juntamente com o que denomina de "emocionalidade" para discutir as trajetórias de indivíduos negros. Estes enfrentam prescrições normativas que os definem de maneiras específicas:

> econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social (p.46).

Para nós, importou saber os mecanismos acionados por nossas interlocutoras que se identificam enquanto mulheres negras para buscarem suas identidades raciais nas trajetórias de suas vidas. Vimos por exemplo, que identificar e reconhecer as diferenças raciais em suas

famílias, emerge como ferramenta importante para acessarem o que aqui estamos chamando de "pertencimento e identidade".

5.1 *Carolina Maria de Jesus*[11]: de "onde" eu vim: raça/ pertencimento/identidade

> *Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e criar-se em suas potencialidades. (Souza, 2021, p.46).*

Assim como destaquei anteriormente que o termo *objeto* provavelmente seria substituído por outra palavra, por acreditar que a palavra não comporta a proposta desta, entendi que o formato clássico de uma tese, também não seria o mais adequado. Logo dito isso, abro o espaço para que cada uma das oito mulheres negras/intelectuais negras que escrevem a tese junto comigo também se apresentem. Antes disso vale ressaltar que ao escolher o nome de autoras negras brasileiras que encarnaram as narrativas das nossas interlocutoras, busquei por nomes que já fazem parte da minha vida e trajetória acadêmica. Mulheres negras que dedicaram suas vidas à arte da escrita localizada, racializada e ética.

[11] Carolina de Jesus 37 anos, preta, solteira psicóloga, supervisora metodológica, bissexual, em um relacionamento interracial com um homem.

Figura 1

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus em 1963. | Foto: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Meu nome é Carolina Maria de Jesus: Eu sou natural de Belo Horizonte mesmo, os meus pais, o meu pai é Pernambucano, minha mãe é do interior de Minas Gerais e eu tenho uma irmã e um irmão, um sobrinho agora também, pequeno. Eu cresci e vivi até os 26 anos, mais ou menos, em uma favela de Belo Horizonte, pequena, distante do Centro, não é essas grandes favelas que todo mundo conhece, é um lugar bem menor assim, tem características diferentes inclusive por causa disso. Vivi lá até os 26, depois mudei com a minha família para Ribeirão das Neves, que também é periférico, mas também acaba sendo uma experiência muito diferente de morar onde eu morava, mas com a possibilidade de viver em um lugar maior porque a casa onde eu vivia, lá na favela era muito pequenininha. E aí eu fui viver em uma casa muito maior assim, fica parecendo coisa pouca, mas faz uma diferença relevante para a família isso. Eu me mudei 2 vezes em Ribeirão das Neves, 3 se for pensar: a primeira vez com a minha família, depois a gente se mudou para uma casa que a gente estava construindo e depois fui morar com a minha irmã e foi o tempo que eu também tentei o Mestrado, fiz o Mestrado e voltei a morar em Belo Horizonte para ficar mais próximo da universidade.

Meu pai e minha mãe moram juntos, um irmão e uma irmã, meu irmão vive no interior, porque ele foi criado pela minha vó. A minha mãe teve ela tinha 19 anos de

> idade e o pai dele não assumiu, então a minha avó ficou cuidando dele no tempo em que ela trabalhava em casa de família, minha mãe trabalha desde muito jovem.
> *Carolina Maria de Jesus- Aquela que veio antes de mim*

Nasceu na cidade de Sacramento- MG, no dia 14 de março de 1914, filha de pais negros. Assim como tantas outras brasileiras e brasileiros, é filha "ilegítima" de um homem que já era casado com outra mulher. Sofreu muito durante sua infância. Frequentou a escola até o segundo ano, quando a mulher do fazendeiro custeou suas despesas para estudar.

No ano de 1937 ao perder sua mãe, Carolina se muda para São Paulo, no qual construiu sua própria casa, utilizando materiais recicláveis como madeira, lata, papelão ou qualquer outra coisa que pudesse lhe servir.

Seu sustento vinha da coleta de papeis e todos os tipos de materiais recicláveis, sustentou seus três filhos com seu trabalho com sua sabedoria. Escrevia em um diário sua vida, seus sonhos, cotidiano e a vida da comunidade de onde morava. O que posteriormente se tornou um sucesso, publicado como livro no ano de 1960 "*Quarto de despejo"* vendeu mais de um milhão de exemplares, esgotando-se em uma semana. Carolina de Jesus foi lida e reconhecida mundialmente. Seu livro se tornou um dos mais lidos e conhecidos no exterior.

Meu encontro com *Carolina* ocorreu no dia 13 de julho de 2021, via plataforma Zoom. Naquele momento já nos sentíamos um pouco mais seguras em relação à infestação do Coronavírus, mas por prudência e cuidado com nossas vidas mantivemos o formato de entrevista a distância. É importante destacar que *Carolina* foi minha primeira interlocutora, nosso encontro possibilitou acessar não somente suas narrativas, mas também me serviu como uma bússola para que minha viagem rumo às outras narrativas e encontros que se seguiram, realmente fossem possíveis.

Nossa interlocutora já se apresentou no início, quando todas nós trouxemos um pouquinho de quem somos, mas acho importante destacar aqui quem é *Carolina de Jesus*. No dia do nosso encontro *Carolina* estava com 37 anos de idade, se declarou como "PRETA" solteira, sem filhos, bissexual, psicóloga, mestra em Psicologia e naquele momento se encontrava em um relacionamento interracial com um homem branco. Residente da cidade de Belo Horizonte. Filha de um pai pernambucano "que sê como homem branco e de mãe negra, nascida no interior de Minas Gerais." Além de *Carolina,* o casal teve mais dois filhos, irmão e irmã de *Carolina*.

Ainda sobre a composição e dinâmica familiar, *Carolina* destaca:

> Meu pai e minha mãe moram juntos, um irmão e uma irmã, meu irmão vive no interior, porque ele foi criado pela minha vó. A minha mãe teve ele ela tinha 19 anos de idade e o pai dele não assumiu, então a minha vó ficou cuidando dele no tempo que ela trabalhava em casa de família, minha mãe trabalha desde muito jovem.
> Em casas de família e também e trabalha de um lugar para o outro e o pessoal não aceita crianças pequenas né, então basicamente ele tem duas mães, que é minha vó e a minha mãe. Eu e minha mãe já cresceu junto com ela porque o meu pai seria essa segunda relação com que ela teve filhos, e meu irmão ficou no interior, eles vivem juntos até hoje assim. Não são casados legalmente, e nem chegaram a pegar essas coisas de união estável, mas eles vivem a 30... um ano a mais que eu, então a 38 anos juntos.

A partir do seu relato, podemos identificar as nuances de raça e leitura social, como mecanismos importantes para pensarmos pertencimentos. Carolina de Jesus apresenta seu pai como um "nordestino pernambucano, que se lê branco", enquanto a mãe é "uma mulher negra mineira". Esta descrição ilustra a dinâmica das categorias raciais no Brasil, onde a raça pode ser percebida de maneiras diferentes, dependendo da região, cultura local e experiências pessoais e sociais.

Destaca também uma realidade presente nas famílias negras/mestiças brasileiras, ao mencionar a relação entre sua mãe, avó e irmão: quando sua avó assume a responsabilidade pela vida de seu irmão, que nasceu quando sua mãe ainda era jovem e o pai da criança não o assumiu. Esta realidade intergeracional, mostra a condição de filhas e filhos de famílias brasileiras que muitas vezes são criadas e criados apenas pelas mulheres, a exemplo da mãe, da avó materna, da tia e assim por diante. As mulheres negras experimentam a vida adulta antes mesmo do amadurecimento do seu corpo, sendo muitas vezes forçadas a abandonarem suas filhas e filhos para cumprirem suas jornadas árduas de trabalho doméstico e muitas vezes cumprindo o papel de mães de crianças que não são suas, filhas e filhos dos seus patrões.

Uma realidade que se mantêm viva desde o Brasil colônia escravagista. Nesta dinâmica, o conceito de família ganha contornos diversos e se fará presente nas próximas gerações caso não surjam outras possibilidades. No caso de *Carolina* foi possível uma reconfiguração quando sua mãe se encontra com seu pai. Sua narrativa mostra que apesar das dificuldades inerentes ao seu papel de mulher negra em uma sociedade frequentemente marginalizada, que obriga mães a deixarem seus filhos para trabalharem, sua mãe segue lutando e ao encontrar um parceiro,

segue no caminho da resistência e persistência, ainda que a relação não seja formalizada. Os pais de *Carolina* seguem juntos como um casal há 38 anos.

Mas aqui, devemos destacar uma questão extremamente relevante. O relato traz à tona questões de reconhecimento legal e legitimação da união dos pais, onde, apesar da longevidade da relação, não há uma formalização legal da união. Ainda que em nossa cultura, na maioria das vezes importa o documento que registre e legitime o casamento, precisamos reconhecer que muitos relacionamentos longos que não estão registrados em cartório possuem as mesmas características que a norma social reconhece como união estável

Podemos pensar o quanto a imagem destas duas mulheres (sua mãe e sua avó), presentes na vida de Carolina de Jesus, permeiam sua própria experiência feminina. Em uma sociedade patriarcal, em que homens podem abandonar seus filhos e mulheres, precisam encontrar novas formas de configurações familiares, resistir e construir possibilidades de existência evidencia o quanto as diferenças de gênero, ainda revelam uma estrutura machista de poder. Mas apesar disso, podemos identificar o quanto os caminhos intrincados na narrativa de *Carolina* mostram como que amor e pertencimento, resistência e resiliência, moldam a identidade individual e coletiva. A consciência racial permeada pelas intersecções, cultura, família, gênero e outras categorias sociais, podem oferecer uma visão potencial de construção de identidade de mulheres negras brasileiras.

> Eu cresci e vivi até os 26 anos, mais ou menos, em uma favela de Belo Horizonte, pequena, distante do Centro, não é essas grandes favelas que todo mundo conhece, é um lugar bem menor assim, tem características diferente inclusive por causa disso. Vivi lá até os 26, depois mudei com a minha família para Ribeirão das Neves, que também é periférico, mas também acaba sendo uma experiência muito diferente de morar onde eu morava, mas com a possibilidade de viver em um lugar maior porque a casa onde eu vivia, lá na favela era muito pequenininha. E aí eu fui viver em uma casa muito maior assim, fica parecendo coisa pouca, mas faz uma diferença relevante para a família isso. Eu me mudei 2 vezes em Ribeirão das Neves, 3 se for pensar: a primeira vez com a minha família, depois a gente se mudou para uma casa que a gente estava construindo e depois fui morar com a minha irmã e foi o tempo que eu também tentei o Mestrado, fiz o Mestrado e voltei a morar em Belo Horizonte para ficar mais próximo da universidade.

No contexto da formação da identidade racial, ou como pontua Sueli Carneiro (2023), a racialidade[12], é fundamental considerar como os elementos raça e pertencimento se interconectam para criar uma tapeçaria rica e multifacetada, que não apenas reflete a individualidade da narradora, mas também ressoa com histórias coletivas mais amplas de resistência, resiliência e comunidade. A narrativa se torna, assim, um poderoso testemunho da interseccionalidade de experiências que moldam e redefinem continuamente o conceito de "lar" e "racialidade" em uma sociedade diversificada e em evolução.

O destaque da Narrativa de *Carolina* nos coloca em perspectiva e nos remete à vida da escritora brasileira *Carolina*, que também narrou em suas escritas sua vida nas favelas, especialmente enquanto uma mulher negra que enfrentou/enfrenta o racismo estrutural em nossa sociedade. Uma conexão entre duas mulheres negras, que viveram em tempos diferentes, mas que mostram o quanto nossa sociedade ainda tem que caminhar para se tornar mais justa e igualitária. Uma conexão que destaca a importância de reconhecer e valorizar as narrativas de mulheres negras que nasceram e foram criadas em contextos marginalizados. São experiências narradas que revelam as desigualdades raciais e de classes brasileiras, onde as favelas são frequentemente habitadas pela população negra.

A trajetória da nossa interlocutora *Carolina*, nascida em uma favela fora do grande centro da capital belorizontina, sua migração para outra favela em uma cidade metropolitana de Belo Horizonte e depois seu retorno à Belo Horizonte, sugere uma busca por pertencimento, ascensão social, seja por melhorias materiais, seja por proximidade com oportunidades educacionais. Esses deslocamentos, juntamente com as menções às mudanças no tamanho das residências e à busca por educação, nos remetem ao que estudou Neusa Santos Souza (2021) a respeito das vicissitudes de pessoas negras em ascensão, as mudanças e/ou alternâncias que de alguma maneira permitem à pessoa negra acessar determinados espaços sociais/geográficos que se diferem do seu lugar de origem. Mudanças estas, que não estão isentas de conflitos e tensões, por implicar expectativas individuais, coletivas de grupos sociais distintos como negros e brancos, o racismo e suas multifacetadas formas de expressão e as resistências que surgem nestas relações conflitivas.

[12] Importante grifar que dentro da Psicologia Social, identidade é um campo importantíssimo de estudo, inclusive na intersecção com as Teorias da Representação Social. No entanto o uso que estamos fazendo aqui, se conecta de maneira mais profunda com os estudos sobre identidade e racialidade propostos principalmente por autoras e autores negros como por exemplo Sueli Carneiro: “Preliminarmente a racialidade é aqui compreendida como uma noção relacional que corresponde a uma dimensão social, que emerge da interação de grupos racialmente demarcados sob os quais pesam concepções histórica e culturalmente construídas acerca da diversidade humana. Disso decorre que ser branco e ser negro são consideradas polaridades que encerram, respectivamente, valores culturais, privilégios e prejuízos decorrentes do pertencimento a cada um dos polos das racialidades” (2023, p.22).

Por outro lado, não se pode negar as potencialidades advindas das vivências nas comunidades brasileiras, as criatividades e estratégias, aqui especialmente, das mulheres negras na tentativa de construção de projetos de vidas, apesar das adversidades e limitações impostas por uma sociedade racista e patriarcal.

5.1.1 A inserção tardia no "mercado afetivo"13

Eu lembro perfeitamente do brilho molhado no olhar de Carolina de Jesus, quando iniciamos nossa conversa a respeito de suas vivências afetivo-sexuais. Uma mulher negra relembrando sua adolescência, seu primeiro beijo e suas aventuras no circuito amoroso, que para nós mulheres negras, que na maioria das vezes não se apresenta de maneira acolhedora, já anunciava o quanto que a troca a partir daquele momento seria extremamente delicada. Quando pedi para que ela me contasse um pouco de seus relacionamentos amorosos, independente de raça, cor etc. ela iniciou seu relato.

> É, inicialmente assim eu já, eu acho que assim, adolescente, quando eu estava começando a ficar com pessoas, o primeiro beijo eu lembro que foi um homem negro uma primeira pessoa. Mas acontece que eu tinha também uma lida sentimental bem de acordo com... infelizmente com coisas que a gente já sabe com estudos com mulheres negras, então na verdade eu passava muito mais tempo sem me relacionar com ninguém do que ficar com outras pessoas. E de maneira muito esporádica, então ficava uma vez com um sujeito, eventualmente depois ficava meses, ou anos sem ficar com ninguém. E aí, era uma coisa que eu não tinha parado para pensar, é... que com homens negros eu não cheguei a ter relacionamentos longos, foram muito curtos, foi tipo isso muito rápidos, muito curtos. Infelizmente assim também, adolescente eu acho que a gente é muito bombardeada com essas questões da Branquitude que eu, sabe aquelas coisas tipo Backstreet Boys da vida assim, aí você fica fã daquele monte de homem branco e você

[13]Utilizamos aqui a terminologia "mercado afetivo" Em um sentido mais amplo, o "mercado afetivo" refere-se ao conjunto de interações e relações onde valores afetivos são negociados, frequentemente moldados por estruturas de poder e desigualdades. Assim, Pacheco propõe uma análise das relações afetivas através de uma perspectiva que considera como as identidades são formadas e restringidas pelas hierarquias sociais, explorando como isso afeta a capacidade de certos indivíduos de formar laços e serem desejados ou aceitos. Bem como foi trabalhado por Ana Cláudia Lemos Pacheco para maiores informações recomenda-se a leitura de seu livro: Mulher negra: afetividade e solidão.

> fica idealizando rapazes brancos. Na adolescência eu funcionava dessa maneira, embora não tenha ficado com nenhum também, na adolescência.

Lendo, vendo, ouvindo a narrativa de Carolina é inevitável pensar nas dinâmicas de relacionamentos já descritas em nossa literatura, que aponta como que historicamente mulheres negras são relegadas ao acesso do afeto. Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) nos apresenta um panorama da vida afetiva de mulheres negras ativistas e não ativistas da cidade de Salvador, que não se difere muito do que narra *Carolina*. A dificuldade de inserção no campo do afeto e das relações amorosas, da dificuldade em se engatar uma relação formal e duradoura que muitas vezes empurram mulheres negras para um celibato compulsório, mas como uma realidade imposta socialmente através do preterimento desta mulher em relação às mulheres brancas, quando se trata das escolhas afetivas feitas por homens negros e brancos.

O silêncio afetivo que se expressa pelo longo intervalo sem qualquer relação amorosa (relatado por Carolina), escancara o desafio de mulheres negras, na luta pela inserção no mercado afetivo que, muitas vezes, parece fechar suas portas para mulheres como ela. Não se trata apenas de uma questão pessoal. É a manifestação palpável de um sistema que frequentemente marginaliza e desvaloriza as mulheres negras, a partir de um imaginário social, construído desde a colonização do Brasil e escravização dos povos africanos em que mulheres negras eram tratadas como objetos de uso sexual (Giacomini, 1988; Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2013) principalmente figura da "mulata", como aquelas pintadas pelo artista brasileiro Di Cavalcanti, ou então como mães pretas cuidadoras dos filhos dos "seus senhores" (Andréa Regina Marques Chamon, 2017).

Em sua narrativa, sentimos o peso das estruturas sociais e dos padrões de beleza que moldam nossa experiência de amor e desejo. A idealização da branquitude enquanto beleza universal que é reafirmada pelos mais diversos canais de comunicação e expressão cultural, como filmes, novelas, músicas e produções artísticas das mais variadas, que esculpiram durante séculos um modelo universal de amor e desejo em que pessoas não brancas não se encaixam. Por que ter como referência de beleza a banda "Backstreet Boys" e não o grupo dos "Jackson Five"[14] por exemplo, ou ainda porque não o grupo brasileiro Raça Negra, que se formou na zona leste da cidade de São Paulo, na década de 1990. Não se trata apenas de uma escolha por

[14]A menção aqui ao grupo Jackson Five ilustra apenas que assim como os Backstreet Boys, este outro grupo poderia estar para a nossa interlocutora registrada como um modelo de beleza, mas que a branquitude permeia inclusive os desejos de adolescentes quando o assunto é: definir um padrão para o que é visto como belo. Apesar de ter escolhido os Jackson Five para comparar, poderia ser qualquer outro grupo composto por jovens negros.

estilo de música, mas como imagem da brancura estadunidense, assim como a brancura europeia é tomada como modelo de beleza. O que nos mostra como pessoas negras terão suas "escolhas" atravessadas constantemente por algo que foi construído estruturalmente para que estes corpos não sejam dignos de receberem afeto ou de serem escolhidos. Uma realidade que distorce percepções e desejo e que pode gerar um conflito interno acerca da própria identidade e das aspirações amorosas.

Essa idealização da branquitude é menos uma escolha pessoal e mais uma consequência de uma sociedade que bombardeia todos nós com padrões de beleza esqueléticos e excludentes. Tal fenômeno não se descola das estruturas sociais e raciais vigentes e ressalta as barreiras invisíveis que se erguem diante das mulheres negras no campo afetivo. A inserção tardia e fragmentada no mercado afetivo é um reflexo cruel da marginalização e desvalorização constantemente impostas a estas mulheres.

Por isso a análise que se debruça sobre as interações entre raça e outras categorias sociais, pertencimento e amor, não é apenas uma teoria distante, mas uma realidade vivida que merece ser analisada, subvertida e desafiada. A partir disso é possível expor estruturas sociais e padrões estéticos dominantes que influenciam as experiências afetivas de pessoas negras, particularmente as mulheres negras.

> E quando eu fui ficando mais velha, e tendo contato..., mas era assim 19 anos, 18 anos, contado com o movimento Hip Hop, acaba sendo um acesso diferenciado, há um movimento né... Eu passei a entender que, eu entendia que politicamente não ia me relacionar com homens brancos, não só politicamente, mas na verdade é uma politização do amor na verdade né, da aquela ideia assim de como que a gente vai se dizer. Amar a si próprio também passa por amar essas pessoas que se parecem conosco, sabe, assim, então assim eu passei a direcionar isso, pensar assim, não vou... e tem muitas mulheres negras que permanecem assim e eu entendo suas razões perfeitamente. Querem evitar alguns desgostos, e eu estava com esse horizonte, só vou me relacionar com homens negros, não quero saber de homens brancos, e fiquei nesse tempo de exclusividade durante um tempo só que depois passado um certo período eu comecei a considerar que passaria a me relacionar com quem gostasse de mim, então que eu não ia ficar também.... Que a política é importante, que isso é um processo importante, mas que eu não ia me negar a possibilidade de vivenciar coisas com outras pessoas por isso assim, embora entenda que é desafiador me relacionar com homens brancos assim, existe uma... é um desafio sim. Dobrado com relação aos homens negros, pensando a questão de gênero

> existe um desafio dobrado, que é a dimensão da raça e de gênero juntas, mas fiquei aberta. Tudo isso não significa que eu estava me relacionando com pessoas, era um amadurecimento mental próprio, porque na verdade eu estava solitária nesse tempo todo também.

O que *Carolina de Jesus* narra no trecho acima nos indica a maneira como, ao longo de sua vida, outros processos importantes que aconteciam concomitantemente, foram moldando não só sua maneira de se enxergar enquanto uma mulher negra, mas também a maneira com passou a enxergar outras pessoas negras como ela. O que se apresenta em sua narrativa, nos demanda uma reflexão sobre como racialidade e escolhas amorosas são entrelaçadas com políticas de resistência e existência, construção de autoestima e fortalecimento do sentimento de pertença. A narrativa de Carolina desvela um processo de autoconhecimento e politização do amor que se inicia no contato com o movimento Hip Hop aos 18 ou 19 anos.

Esse encontro cultural e político sinaliza um ponto de virada, uma conscientização sobre a importância de se relacionar afetivamente com homens negros, como um ato político e de afirmação identitária e autoamor. Além disso, nos aponta para uma inversão importante em sua vida. Pensando que o movimento do Hip Hop, se entrelaça com estética negra e resistência, Carolina mostra em sua narrativa a importância de mudar olhar para o que consumimos como cultura, agora não é mais sobre os "Backstreet Boys", mas sim a cultura negra do Hip Hop.

Aqui vale ressaltar que não é um caminho simples, se reconhecer enquanto sujeita merecedora do amor, do afeto do encontro, da autoestima, quando se trata de pessoas negras.

O marco significativo narrado por *Carolina*, é uma festa, já na terceira década de sua vida, momento em que se sente percebida e reconhecida como alguém desejável, desencadeando uma nova fase em suas relações interpessoais, já que agora se vê no campo do desejo do outro.

> E aí depois de um tempo eu comecei a um... eu estava na festa, por exemplo, e eu entendo que é um marco para mim, de mudança nas relações afetivas porque foi a primeira vez que eu fui entendida como alguém como possível de se relacionar, e que eu já tinha mais de 30 anos.

Carolina reconhece a política do amor como um vetor de resistência, entretanto, ela também descreve uma mudança em seu pensamento quando analisa sua própria decisão inicial de se relacionar exclusivamente com homens negros que posteriormente se abre para a

possibilidade de estabelecer conexões afetivas para além das fronteiras mono-raciais. Ela passa a considerar a reciprocidade e o afeto genuíno como critérios mais substanciais para as relações amorosas, ampliando suas possibilidades.

Carolina demonstra compreender o potencial desafio que a intersecção de raça e gênero apresenta ao se relacionar com homens brancos, não se fecha para as experiências amorosas, embora reconheça que isso não implicou na alteração imediata das dinâmicas de acesso aos relacionamentos afetivos uma vez que o estado prolongado de solidão (celibato compulsório imposto pelas relações de raça, gênero, classe) ainda se manteve presente, o que aponta para uma discrepância entre seu amadurecimento mental e sua vida afetiva real.

No decorrer do nosso encontro, a narrativa de *Carolina* é marcada por manifestações visíveis de emoção. Ela é periodicamente tomada por lágrimas e longas pausas, indicando a dificuldade de acessar, reviver e articular vivências que tocam em aspectos delicados de sua história não só pessoal, mas também coletiva, inclusive para a pesquisadora que se vê no relato. Essas interrupções em seu discurso, carregam um peso comunicativo próprio, singular, coletivo e complexo. A lacuna na dinâmica, na qual a voz se cala, mas o olhar e todo o restante do corpo se comunicam, permite que o não-dito ressoe com força, sublinha a profundidade da experiência subjetiva/coletiva e a vulnerabilidade humana em face de memórias dolorosas.

> Eu entendo que teve algumas mudanças, mas muita coisa ainda é enraizada, e não atoa também eu faço terapia para quem... eu acho que é importante para tratar essas feridas todas. Eu tenho algumas dificuldades, até hoje, (aparente pranto na voz) relacionadas com isso assim. E... é um processo difícil, ser abandonada, e aí eu vou falar de um lugar de Psicanálise assim, difícil abandonar determinados sintomas porque as vezes eles ficam segurando sua onda. Ou você tem a ilusão que eles seguram sua onda, mas eu trabalho isso em terapia. Mas uma coisa que avançou muito é... mas a minha Psicóloga também quando eu falo isso para ela, ela fala que é uma característica boa minha, então assim... que eu morro de medo de me lançar nas relações, mas eu continuo fazendo (risos). Aí ela fala é ótimo, "ah é ótimo isso que você faz". Eu falo com ela que fico me sentindo doida, mas acontece que é isso, eu morro de medo, mas eu ainda vou sabe? Mas eu morro de medo.

Evidencia-se que a expressão da emoção, neste contexto, excede a narrativa verbal e se apresenta através de um repertório somático e afetivo, eloquente quanto às palavras pronunciadas. Este fenômeno emocional/psíquico, frequentemente referido na literatura

psicológica como uma resposta afetiva aguda, revela o impacto duradouro de experiências passadas e a luta contínua pela resiliência e pelo entendimento do passado para a experiência do aqui e agora.

Outro ponto de destaque é que em sua fala a consciência e vivência tardia de relações afetivas escancara a marginalização imposta para mulheres negras no espectro afetivo e sexual que em sua maioria não serão inseridas no circuito de “disputa” igualitária por um ou uma companheira, marcando a luta contínua contra as barreiras invisíveis impostas pela sociedade racista e patriarcal. Carolina demonstra desafiar narrativas convencionais de amor e desejabilidade em que o corpo branco foi socializado como corpo de desejo para as relações formais e de amor. Seu relato demonstra autodefinição e da recusa em permitir que a opressão racial e de gênero delimite as fronteiras de suas escolhas. Ainda assim mostra sua vulnerabilidade e medo real em sofrer o abandono:

> É muito numa perspectiva de abandono, então assim, eu já penso o início considerando o fim, na verdade. E aí independe da cor do parceiro, isso não é, isso não tem a ver com que eu tenho medo de perder parceiros brancos, ou perder parceiros negros. Eu não acredito que nenhum vai ficar, é mais isso assim na verdade. (choro) Então eu já começo meio, que é o que ela tenta trabalhar comigo, tentando dosar por exemplo, eu não me apegar rápido, tentando... eu já sou uma pessoa que tende a racionalizar então eu faço um esforço triplicado para a racionalização de todos os processos da relação, de uma maneira geral. E eu não entendo que é ruim racionalizar algumas coisas, acontece que não tem como racionalizar tudo, né, assim, não existe, mas acontece que são medidas que eu percebo que eu adoto com a ideia ilusória de me proteger.

Carolina de Jesus nos revela uma consciência antecipatória do término das relações, uma expectativa de abandono que transcende a cor dos parceiros. O sentimento de transitoriedade que se apresenta antes, durante e após suas relações amorosas e a subsequente tentativa de autoproteção por meio da racionalização.

A autodefesa emocional, que se apresenta na fala de *Carolina* como uma "medida ilusória de proteção", pode ser compreendida como uma importante ferramenta de sobrevivência desenvolvida em resposta a um mercado afetivo que muitas vezes as coloca em posição de vulnerabilidade. Carla Akotirene (2019) ressalta de forma incisiva que, ao longo da história, pessoas negras e em particular mulheres negras, desenvolveram ferramentas ancestrais,

como estratégias complexas, para enfrentar as diversas formas de violência do sistema Colonial e Patriarcal. Essas estratégias incluem a gestão e até a supressão de emoções como mecanismo de defesa contra um ciclo contínuo de desilusões amorosas e abandono. Esse fenômeno destaca como raça, gênero, classe e outras categorias sociais cruciais se entrelaçam na experiência de vida das mulheres negras, afetando também suas relações afetivo-sexuais, que se revelam campos de disputa de poder[15]

5.1.2 Mas e o amor... O que é?

No intuito de identificar, descrever e analisar os significados e práticas do amor que nossas interlocutoras narram em suas histórias (aqui em específico a narrativa de *Carolina de Jesus*), buscamos questões disparadoras que pudessem facilitar o acesso às informações necessárias e elucidadoras na direção do objetivo central desta pesquisa que buscou a maneira como mulheres negras representam socialmente o amor, tendo em vista que elas vivenciaram relações inter-raciais.

Na complexidade da existência, na intersecção das vivências e experiências multifacetadas de mulheres negras, nos deparamos com a força transformadora, ao mesmo tempo que escorregadia, do amor. Aqui, nos recusamos a circunscrevê-lo a simples estruturas, desconstruindo e desmantelando premissas antigas, convocando à cena narrativas que ressoam com poder e autenticidade.

No meu encontro com *Carolina de Jesus* foi possível notar uma tensão, as emoções estavam à flor da pele, mas mesmo pontuando por algumas vezes que poderíamos pausar, ou até mesmo pular as questões em que ela não se sentia confortável para dizer, *Carolina* seguiu narrando suas experiências, percepções e construções intelectuais que ela foi desenvolvendo durante sua trajetória de vida. O amor romântico também aparece em sua fala, mas não enquanto uma idealização, mas enquanto senso crítico:

> Eu não curto muito a discussão de amor romântico, então eu não acho que amor romântico é emancipatório para as mulheres negras, porque ele não foi vendido, inclusive não é porque ele não foi vendido para a gente isso não, então eu penso o amor

[15]Utilizaremos aqui a dimensão do poder na mesma perspectiva de Sueli Carneiro (2023) e sua releitura da obra Foucaultiana que analisa o poder enquanto um dispositivo para pensar a sexualidade, a autora se propõe a pensar a racialidade enquanto dispositivo de poder.

> de outra forma. Eu penso que o amor é compartilhamento, inclusive eu não penso que eu tenho que compartilhar com uma pessoa só, porque eu tenho uma lógica de necessariamente não monogâmica, então na minha cabeça é possível a gente inclusive compartilhar amor com mais de uma pessoa. Não só amor, mas compartilhar a vida também, então compartilhar aspectos com as nossas vidas, que é o que a gente faz com nossos amigos, mas no caso eu entendo as relações com os amigos como algo muito fraternal, e as relações com parceiros amorosos elas envolvem paixão né, assim. Então não vai ser erotismo para todo o mundo, porque tem o pessoal que é Assexual, mas acontece que para mim vai envolver elementos de desejo, mas também isso, de compartilhar. Amor para mim envolve compartilhar, que a pessoa compartilhe a vida dela comigo, e eu com ela, que seja angústia, diálogo sobre um monte de coisa né, assim, de aspectos da vida, que minimamente seja possível contar com essa pessoa para as coisas também.

Se afirmamos que o amor romântico surge a partir de uma construção sócio-histórica, marcada por uma trajetória em que pessoas negras sequer eram reconhecidas como seres humanos e tinham seus direitos básicos de acesso a vida negados, entendemos que esta trajetória impactou as vidas de afro-brasileiras, criadas fora do circuito de amor romântico, uma vez que para estas mulheres a objetificação e sexualização dos seus corpos se manteve enquanto ferramenta de poder e controle de suas vidas. Negar o amor romântico e buscar outras formas de amor se mostra como um caminho, não só de ressignificação, mas de criação de outras formas de se compreender e de se vivenciar o amor.

Carolina de Jesus identifica algumas características como: paixão e desejo, enquanto características presentes em sua maneira de amar, mas afirma existir outras possibilidades de amores que não terão estas características presentes, como o amor fraternal entre amigos e principalmente a ação de compartilhamento de vida, das angústias dos diálogos da vida cotidiana.

Podemos dizer que as concepções sobre o amor para *Carolina presentes* em suas narrativas seriam o amor como “ato político” e amor enquanto “compartilhamento”. Foi possível, a partir das narrativas das mulheres, encontrar representações do amor, em que o amor romântico se encontra centralizado nos significados. *Carolina*, assim como bell hooks (2020) apresentam outras formatações que se ancoram no ato político que transforma o amor em ação. O amor enquanto um ato político em que a consciência racial, de gênero, de classe de

sexualidade etc., se mostram ferramentas importantes para mulheres negras que buscam vivenciar o amor não só como prática individual romântica, mas também como força motriz de mudança social coletiva.

Ainda durante nosso encontro, após a pergunta sobre o que pra *Carolina* seria o amor, também perguntei se o amor para ela teria cor:

> Eu odeio essa... eu odeio quando as pessoas falam que amor não tem cor, então assim... porque tem. A pergunta da maneira como, desse jeito, porque tem gente que vai falar assim "ah amor não tem cor porque a gente ama quem a gente quiser", mas não é bem assim que a banda toca. Então por exemplo eu me relaciono com uma, me relacionei com uma porção de homens brancos assim, eu sou plenamente ciente dos desafios e inclusive eu sempre busco refletir e tomar cuidado para que não, para que eles não fiquem para mim em uma posição ilusória de que eles seriam melhores do que parceiros negros, por exemplo. Então, é uma coisa que eu sempre considero né, assim, porque no olhar eu não tenho uma preferência, na minha avaliação, uma preferência explícita, eu sempre prefiro brancos! (deu ênfase). Mas nas relações com eles, com brancos ou negros, eu sempre procuro ficar muito atenta para a maneira como eu lido com ambos, pensando em como a sociedade vê as pessoas brancas né. Teve uma amiga negra que disse para mim uma vez que era importante que mulheres negras avaliassem se a gente não é muito condescendente com homens brancos quando a gente se relaciona com eles, e muito dura com os homens negros quando a gente se relacionava com eles. Que isso era importante de... e isso é uma coisa que sempre fica na minha cabeça, quando eu estou me relacionando assim de não ser condescendente com homens brancos e não ser endurecida demais com homens negros na relação.

O relato de *Carolina* revela a complexidade das dinâmicas raciais no contexto do amor e dos relacionamentos íntimos. Ao repudiar a noção de que "o amor não tem cor", ela desafia um ideal romantizado que ignora as realidades sociais e políticas intrínsecas nas relações afetivas. Sua resposta foi dada depois que a perguntei se para ela o amor teria cor. Vale destacar que nesse momento sua voz tomou ainda mais amplitude, Carolina gesticulava (como se quisesse pontuar, explicar, se expressar com ênfase) enquanto narrava e demonstrava corporalmente, o quanto aquela questão suscitada naquele momento, era importante para ela.

Foi um relato de desabafo, que indicou sua preocupação com a afirmativa de que o "amor não tem cor" que poderia ser excessivamente simplista exatamente por não levar em consideração os desafios específicos que se apresentam nas relações interraciais e como o discurso de preferências amorosas podem ser moldados pelas estruturas sociais racistas.

Carolina demonstra em sua narrativa não somente sua consciência racial e das dinâmicas presentes nas discussões sobre raça, gênero, classe, afetividade, sexualidade etc. De maneira consciente ela destaca uma preocupação importantíssima para quem está inserida no campo dos estudos sobre as relações afetivas-sexuais na perspectiva interseccional. Carolina aponta uma realidade em que mulheres negras podem, em algumas situações, adotar posturas mais condescendentes em relacionamentos com homens brancos enquanto podem ser mais rigorosas com homens negros. Isso implica uma reflexão profunda sobre como as atitudes em um relacionamento podem ser inconscientemente influenciadas por narrativas raciais e pelo racismo estrutural, já que o racismo estrutural permeia todas as nossas relações (Almeida, 2019).

Outro trecho de sua narrativa que é possível identificar sua preocupação em relação às suas escolhas afetivas e as dinâmicas raciais pode ser lido a seguir:

> Ah, eu acho que sim, uma das coisas que eu falei um pouco assim, mas só de deixar mais.... Uma das coisas que eu tomei para mim como um aprendizado é porque eu ainda vou... considero isso: me envolver com quem gosta de mim. Entretanto, penso que é importante me relacionar com pessoas... se elas forem brancas, que elas tenham posturas antirracistas diante das coisas, ou se pretendam, tenham como meta, como ideal, de encarar isso como um horizonte. Porque você fala da família, por exemplo, um dos meus maiores medos é chegar em um ambiente desse, ser agredida e eu sempre ter que me defender sozinha (Carolina de Jesus 37 anos, preta, solteira psicóloga, supervisora metodológica, bissexual, em um relacionamento interracial com um homem).

A preocupação de *Carolina* em não perpetuar essas dinâmicas raciais em seus relacionamentos demonstra um esforço consciente para resistir a padrões de comportamento socialmente condicionados que perpetuam a desigualdade racial. Seu relato evidencia outro ponto importante, uma certa "vigilância afetiva" constante que se apresenta na dinâmica das relações amorosas interraciais, principalmente quando a mulher negra possuí letramento racial, há um esforço contínuo para manter um equilíbrio na maneira como ela interage com parceiros

de diferentes raças. Isso também revela um conflito interno em sua vivência amorosa: uma luta para não internalizar ou reforçar os estereótipos raciais e o racismo, mantendo-se fiel a seus próprios princípios de igualdade e justiça, mas também uma tentativa de resposta social, já que vimos que as relações amorosas não se encontram apenas no campo do privado, já que o amor é político e, portanto, será pressionado a dar respostas, principalmente àqueles grupos sociais aos quais a (o) sujeita (o) pertence.

O "conselho de sua amiga negra" sobre avaliar a própria conduta em relações interraciais é um indicativo de que essas preocupações não são isoladas, mas são saberes compartilhados por outras mulheres negras, e que a conscientização e reflexão sobre essas dinâmicas são partes vitais de uma luta coletiva contra o racismo que permeia também nossas relações pessoais mais íntimas. O relato oferece, portanto, um insight significativo sobre como o letramento racial, sentimento de pertença, identidade individual e coletiva e as cenas cotidianas de racismo podem afetar profundamente a experiência do amor de mulheres negras em sociedades estratificadas racialmente.

Seguindo a visão interseccional e nosso objetivo de compreender as intersecções entre amor, raça, gênero, classe e outras possíveis categorias sociais, seguimos nossa conversa e nesse momento foi perguntado: e o amor têm gênero; e amor têm classe? Sobre gênero a resposta de Carolina foi: "Acho que sim, também, eu acho que sim também, é claro que permite uma fluidez das pessoas, mas eu acho que sim também, uma maior inclinação para a gente. Uma maior inclinação para amar determinado gênero, em detrimento do outro."

A afirmativa da nossa interlocutora desencadeou outra questão que até então não havíamos conversado. Desde o início Carolina se autodeclarou bissexual, ainda que até o momento em sua narrativa relações com mulheres não se apresentavam na dinâmica das suas experiências afetivo-sexuais.

Como dito anteriormente, *Carolina* foi minha primeira interlocutora, foi no meu encontro com ela que percebi o quanto a tarefa que estava por vir não seria nada simples. As perguntas que foram feitas inicialmente de forma desajeitada, mostrava o quanto falar sobre amor é delicado (algo que já havia sido dito por meu orientador). *Carolina* foi extremamente cuidadosa com a minha experiência enquanto mulher negra, pesquisadora e aventureira, por me lançar em um terreno arenoso como o que se apresenta, quando o assunto é amor e mulheres negras. Hoje tenho a certeza de que foi a generosidade de *Carolina* que me permitiu respirar para seguir em frente.

Digo isso, por entender que minha inexperiência e receio em lidar com a temática, me fizeram vacilar em alguns momentos daquele encontro em que deveria ter ido um pouco além

na interação com as respostas dadas por ela. Por exemplo: quando perguntada a respeito sobre classe social e amor, sua resposta foi: Sobre classe ela afirmou: "*Ah com certeza. Com certeza"*. Com sua resposta curta e direta, não consegui seguir e tentar entender melhor *o "com certeza"*. Ainda que naquele momento fosse evidente que ela dizia exatamente do seu lugar de intelectual que também se debruça sobre as relações raciais e suas dinâmicas, eu poderia ter feito alguma pergunta que desse a *Carolina* a oportunidade de dizer mais.

Outra questão importante sobre a generosidade dela se apresenta na afirmativa da nossa interlocutora sobre gênero, que posteriormente desencadeou outra questão que até então não havíamos conversado.

No final de nossa conversa, quando seriam feitas perguntas mais específicas para preenchimento do perfil socioeconômico Carolina me interrompe e diz: *Eu posso fazer uma pergunta*? (Segue o diálogo, optei por não recuar o texto para dar ênfase a algo que considero extremante importante para as leitoras (os).

Prontamente eu respondi: Com certeza e assim ela seguiu:

> Porque você falou da dimensão da orientação sexual, eu me relaciono com mulheres também, mas acontece que eu majoritariamente me relaciono com homens, então... e na maioria das vezes esses, essas coisas e causas tem eles, então por isso eu falei mais deles entende assim? Tem uma coisa que, e aí eu não vou fazer, se é uma perspectiva equivocada, porque na verdade o número de relacionamentos com mulher são muito menores e o mais longo que eu já tive também ele tem pouco mais de... é, ele não tem tanto tempo assim. Tem mais de 6 meses, mas não é tanto tempo assim, de... deu entender que existem algumas facilidades, eu acho assim, pelo menos o que eu percebo um pouco. Mesmo a pessoa sendo branca. Mas tem isso que eu estou dizendo de uma certa dimensão de inalcançável da nossa experiência, que eles não conseguem aprender, mesmo uma mulher também, mas eu entendo elas mais abertas, mais dispostas, por exemplo, a poder brigar, se acontecer alguma coisa, né assim. É mais difícil, entendo que ser mais difícil, por exemplo, de acontecer alguma coisa complicada dessa comigo e a pessoa deixar passar batido, por exemplo, serem mais compreensivos e tal, mas eu estou falando de um universo muito mais reduzido, né Porque eu me relacionei com pouquíssimas mulheres, e só com essa que eu me relacionei com mais tempo, na maioria dos casos não.

Pergunto nesse momento se esta mulher com quem se relacionou também era uma pessoa branca.

> Era, era uma mulher branca, também. Mas eu considero empática assim, mas sempre tem uma dimensão de inalcançável que nem um deles consegue assim entender, nem as mulheres e nem os homens eu vejo que nenhum deles consegue tocar porque eles não são negros.
>
> "Mas tem, igual eu falei, o exemplo da empatia que é fundamental, e aí no caso, por exemplo, eu considero ela mais facilmente empática comigo do que os homens sabe."

Nesse momento pergunto se ela acreditava que isso teria a ver com a dimensão de gênero e ela me responde que: "Acho, acho."

Agradeci a iniciativa que ela teve em trazer esta questão à tona, já que em nosso objetivo entender as relações hetero e não heterossexuais já estava previsto, mas até aquele momento não havia percebido que não havia propiciado o momento para acessarmos este conteúdo tão relevante para a nossa pesquisa.

5.1.3 Os relacionamentos interraciais e cenas de racismos

Durante o encontro com *Carolina* conversamos a respeito de suas experiências afetivas acumuladas durante sua vida.

Neste momento, convidamos vocês para juntos explorarmos a complexa dinâmica dos relacionamentos interraciais através da narrativa pessoal e íntima de *Carolina*. Ao adentrarmos em sua experiência, nos deparamos com diversas camadas que constituem a realidade de estar em um relacionamento interracial, especialmente sob a perspectiva de uma mulher negra. *Carolina* compartilha não apenas suas vivências passadas, marcadas por uma intensa conscientização do olhar alheio, mas também sua evolução pessoal, que reflete uma mudança significativa em sua percepção e reação a essas experiências. Esta análise buscou desvendar não só os desafios enfrentados por *Carolina*, mas também as maneiras pelas quais ela navega e reconfigura seu entendimento e sua resposta às complexidades inerentes aos relacionamentos interraciais em uma sociedade que ainda está aprendendo a lidar com a diversidade de suas formas amorosas, na própria voz de Carolina:

> Hoje em dia é uma coisa mais tranquila para mim do que já foi antes, então... em momentos anteriores eu já entrei em restaurante com um cara branco e também porque é muito... ele tinha muito estereotipo associado ele era loiro, ele tinha olho claro, e eu era bem mais jovem, então tem mais anos isso, e quando ele me beijou no restaurante todo mundo olhou, e eu vi, e ele viu também. Só que as reações minha e a dele foram diferentes assim, e todo mundo olhou. Hoje em dia até que eu não percebo tanto esse tipo de olhar quase que fosse como um acontecimento, mas também eu não ia ligar muito não, eu ia ficar com raiva, mas eu ia falar assim "problema de vocês", né, não é o meu problema se vocês nunca viram um casal inter-racial na vida de vocês, não é problema meu. Então eu não me importo mais nesse caso.

Retomando a narrativa de *Carolina* sobre suas experiências em relacionamentos inter-raciais (em especial o último em que se encontrava no momento do nosso encontro) vemos como tais relações são percebidas e vivenciadas em um contexto social marcado por normas raciais enraizadas no imaginário social.

Inicialmente, *Carolina* descreve um evento: ao estar em um restaurante com seu parceiro branco, o ato de ser beijada por ele atrai olhares intensos e curiosos dos outros. A reação do público ao seu gesto de afeto não é neutra; pode ser sentida como olhar de acusação, de surpresa e certa incredulidade. Isso destaca como os relacionamentos interraciais podem ser percebidos, em sua maioria, como fora da norma ou até mesmo como "espetáculos" em determinados contextos sociais.

Interessante notar que *Carolina* aponta para a diferença nas reações entre ela e seu parceiro branco, o que pode indicar uma diferença na maneira como pessoas de diferentes raças percebem e processam o racismo e a "curiosidade" racial. A depender do grupo étnico-racial ao qual se faz parte, a leitura de episódios como este se mostrará diferente para cada pessoa.

Mas vale ressaltar em sua narrativa como suas ferramentas para lidar com situações como essa, se aprimoram ao longo do tempo. Enquanto inicialmente essas experiências eram mais perturbadoras, ela agora expressa uma postura mais reflexiva e menos reativa. *Carolina* afirma que, atualmente, ela não se importaria tanto com os olhares ou reações alheias, adotando uma atitude de "problema de vocês" em relação à surpresa ou preconceito de outras pessoas. Essa mudança reflete um amadurecimento pessoal e uma rejeição às narrativas opressivas que buscam definir ou limitar como relacionamentos interraciais devem ser percebidos ou vividos, como corpos negros dissidentes podem e devem se comportar.

Carolina nos oferece uma perspectiva valiosa sobre os desafios enfrentados por uma mulher negra que se envolve com um homem branco e vai além, nos apresenta uma resposta que foi sendo construída ao longo de sua vida, sua própria percepção a respeito dos relacionamentos interraciais e a mudança de comportamento diante uma situação em que aciona questões importantes sobre como reagimos diante o olhar do outro. Sua narrativa destaca tanto as dificuldades enfrentadas por casais interraciais em ambientes públicos quanto a capacidade e luta constante em desafiar as normas sociais que buscam enquadrar tais relacionamentos de maneira restritiva, elaborando ferramentas comportamentais e psíquicas para enfrentamento das cenas cotidianas.

Carolina segue com seu relato:

> Eu fiquei... o que teve de comum é que os dois ficaram meio assim né, surpresos com os olhares das pessoas, só que ele, a gente não conversou sobre isso, que eu era jovem também, ele parecia achar uma coisa... acho que se divertindo com isso... e eu não. Porque também isso, as pessoas estavam surpresas porque na minha cabeça muito provavelmente as pessoas estavam pensando: o que esse homem está fazendo com essa neguinha? Então eu não achava que o olhar deles era elogioso para mim sabe, era meio assustado pensando: o que esse cara está fazendo com essa preta?

Carolina observa que tanto ela quanto seu parceiro foram surpreendidos pelos olhares de outras pessoas no restaurante, mas as suas interpretações e reações a esses olhares foram distintas. Para *Carolina* os olhares voltados para os dois, "todo mundo olhou", mostra a surpresa que muitas vezes a presença de casais interraciais pode se apresentar em espaços públicos e/ou privados.

A percepção de *Carolina* de que os olhares eram mais críticos em relação a ela, questionando o motivo de um homem branco estar com uma "neguinha", "*porque também isso, as pessoas estavam surpresas porque na minha cabeça muito provavelmente as pessoas estavam pensando: o que esse homem está fazendo com essa neguinha?"* escancara a realidade de como o racismo se manifesta, mas profundamente impactantes também nas manifestações de afetos públicas de um casal interracial. Sua leitura da situação reflete uma consciência da racialização dos corpos e das relações interraciais, sugerindo que as pessoas estavam mais chocadas ou confusas com a ideia de um homem branco escolher estar com uma mulher negra.

Além disso, a relutância de *Carolina* em discutir a situação com seu parceiro naquele momento, possivelmente devido à sua juventude e à natureza delicada do tópico, aponta para a dificuldade em abordar questões de racismo dentro de relacionamentos interraciais. A narrativa dela ressalta a importância de reconhecer e abordar as dinâmicas raciais e os preconceitos que permeiam tais relacionamentos.

Podemos ver no relato de *Carolina* que o amadurecimento contribui para a percepção da importância do movimento de diálogo:

> Hoje em dia eu acho que foi o que eu falaria assim, eu era mais nova e tinha mais dificuldade ainda de falar algumas coisas, hoje eu tenho menos. Hoje em dia eu falaria, perguntaria: você percebeu? Eu iria perguntar: você percebeu que essas pessoas estão olhando para a gente de um jeito estranho? Para ouvir o que a gente pensava a respeito.

Ainda sobre as cenas que *Carolina* narra de sua experiência afetiva com homens brancos, vamos mergulhar agora em algo extremamente importante quando o assunto é a extensão da relação amorosa entre um casal para com as suas famílias e grupos afetivos de amizade, vejamos o que nos diz *Carolina*:

> Eu sei quem são os pais dele, porque ele já me mostrou, mas acontece que eu não cheguei a conhecer. Acho que a gente não chegou nesse nível ainda (risos), de apresentação de familiar e tal, ainda não, mas ele, por exemplo, já me mostrou foto do pai, da mãe, comenta coisas que ele conversa com ela, por exemplo, já sei inclusive que ela tem o mesmo nome que o meu (risos), ela é minha xará. Então eu sei algumas coisas, de amigos também eu sei, mas acontece que assim, ele praticamente ele não sai para nada, então mal vai na casa dos amigos também, quase que só trabalha, basicamente. Mas uma vez chegou a dizer, por exemplo, em uma vez que ele encontrou com amigos, que eram amigos que estavam no círculo muito restrito e aí não iam topar encontrar pessoas, mas ele tinha acontecido uma possibilidade se eles fossem, fossem mais abertos até podia ser encontrar esse casal. Mas eu sei de alguns amigos dele, ele narra muitas coisas da vida dele, então ele compartilha comigo coisas da vida dele, de familiar, de amigos, então eu sei o nome dessas pessoas, eu não as conheci ainda né, mas sei quem elas são, por exemplo, tem essas questões. E os meus amigos ele não conheceu ainda porque é isso, infelizmente os espaços de sociabilidade estão muito reduzidos, então eu

> não tive a oportunidade, por exemplo, de ir em uma festa, ou num bar, ou no encontro na casa de pessoas e levar ele, porque eu não vou assim.

Ainda que *Carolina* mencione o conhecimento que tem sobre os pais de seu parceiro e alguns de seus amigos, fica evidente que há uma certa distância ou uma etapa ainda não alcançada no que tange a integração plena e o conhecimento mútuo de seus círculos sociais e familiares. O fato de ela conhecer os pais dele apenas por fotos e relatos e não ter tido um encontro pessoal, sugere uma forma de relacionamento que ainda está navegando nas águas iniciais de envolvimento mais profundo e significativo. O fator interessante e presente no relato de *Carolina* que não está evidenciado no trecho é que ela conheceu seu parceiro durante o isolamento provocado pela COVID-19, o que prejudicou ainda mais os contatos sociais que poderiam ter se desenvolvido entre o casal, as respectivas famílias e rede de amigos.

Além disso, a menção de *Carolina* sobre a hesitação de seu parceiro em incluí-la em um círculo restrito de amigos levanta questões sobre as dinâmicas raciais em seu relacionamento. Pode-se questionar se a hesitação é uma questão de privacidade e personalidade do parceiro, da dificuldade imposta pelo momento histórico de saúde pública mundial ou se há fatores raciais subjacentes que influenciam essa dinâmica.

Portanto, a experiência compartilhada por *Carolina* nos alerta sobre as complexidades envolvidas nos relacionamentos interraciais, especialmente em relação à interação com círculos sociais e familiares e nos convida a ir além daquilo que pode ser considerado como óbvio (o efeito da pandemia nas relações): nos lança à maneira como esse relacionamento se estende, ou não, a essas áreas mais amplas , nos abre os olhos para uma melhor compreensão da natureza da relação, as expectativas de cada parceiro e as sutis dinâmicas raciais que podem estar em jogo.

Tudo acontece muito rápido durante nossa conversa, enquanto ainda tentava assimilar o que Carolina me narrava sobre as dificuldades que ela e o parceiro tiveram para se encontrarem com seus grupos de amigos e familiares por estarem no meio da pandemia, ela me aciona: *"Sim, é, é porque eu achei que... eu posso falar de maneira hipotética sobre uma coisa que..."?*

> Porque eu entendo que para muitas mulheres negras acontece muito isso ne, por exemplo, da gente começar a se relacionar com o homem e aí a gente não conhece nenhum amigo dele, né, assim, porque familiares em alguns casos eu acho que realmente demora um pouco mais, a depender da situação, mas eu acho que amigos é uma coisa um pouco mais fluida assim. Quando a gente não conhece nenhum assim, é uma coisa

> que também me faz ficar desconfiada sabe, assim, então eu começo a sentir que eu estou fazendo realmente parte do cotidiano da pessoa quando eu tenho a possibilidade de conhecer os amigos dele, inclusive amigos meus falam isso. Já teve relações minhas que foram longas e que não viraram namoro né, assim, mas os meus amigos falavam assim: ah *Carolina*, esse menino já conhece nós todos, assim, ele é seu namorado sim (risos). Entendo que essa questão é isso, porque tem algumas mulheres que, por exemplo, negras que... isso mais nova para mim era muito marcante, por exemplo também, que tinha um cara que zuava uma menina que era minha amiga, falando assim: ninguém nunca viu seu namorado. Quase dizendo, ela era uma mulher negra assim, então quase dizendo que se ninguém viu é porque não existe.
>
> Então eu entendo que, e é uma coisa que fica martelando muito, então é uma coisa que eu observo no homem quando ele está comigo assim, então eu estou a muito tempo com essa pessoa e não conheço ninguém que ela conhece? Nunca tive a oportunidade de ser apresentada, sempre fica parecendo que está escondido sabe? Então eu entendo o que você está dizendo, eu inclusive sinto que eu fico mais confortável com isso, que eu só sossego mentalmente uma parte também quando isso acontece, porque aí eu vejo que eu não vou estar escondida, né, assim. E no caso dele, por exemplo, eu não sinto isso, mas fiquei feliz, por exemplo, quando ele falou: ah a gente poderia fazer algo juntos, só não vamos porque esses amigos estão praticamente enclausurados também. Aí eu pensei: ah então não está me escondendo (risos), então não está me escondendo também.

Carolina aborda um aspecto crucial nas relações amorosas, especialmente no contexto de mulheres negras: a visibilidade e a inclusão em círculos sociais do parceiro. Ela destaca uma preocupação recorrente entre muitas mulheres negras sobre serem mantidas "escondidas" ou à margem dos círculos sociais e familiares de seus parceiros, um fenômeno que pode ser particularmente pronunciado em relacionamentos interraciais.

Carolina aponta que para ela e outras mulheres negras, conhecer os amigos do parceiro é um indicativo importante de integração e validação do relacionamento. Em contraste com a família, que pode levar mais tempo para ser introduzida devido a várias razões, os amigos são vistos como uma esfera mais acessível, flexível e "fluida" e que pode proporcionar maior ambiente de contatos nas relações interpessoais propiciadas pelos círculos de amizade. A ausência desse contato pode gerar desconfiança e a sensação de não fazer parte verdadeiramente da vida do parceiro.

Ela também menciona experiências passadas, na qual a invisibilidade social de um relacionamento era usada para zombar ou desacreditar a existência da sua relação, especialmente no caso de mulheres negras.

> Entendo que essa questão é isso, porque tem algumas mulheres que, por exemplo, negras que... isso mais nova para mim era muito marcante, por exemplo também, que tinha um cara que zuava uma menina que era minha amiga, falando assim: ninguém nunca viu seu namorado. Quase dizendo, ela era uma mulher negra assim, então quase dizendo que se ninguém viu é porque não existe.

Isso não apenas reflete as intersecções de racismo e machismo, mas também aponta para a maneira como os relacionamentos das mulheres negras são frequentemente deslegitimados ou subvalorizados. Seu relato sobre a percepção dos amigos a respeito de um de seus relacionamentos ilustra como a validação social, mesmo que informal, pode ser significativa. A afirmação dos amigos de que um parceiro que conhece o grupo social dela deveria ser considerado um namorado, ressalta a importância da visibilidade e reconhecimento social em relacionamentos amorosos.

No entanto, é interessante notar que, apesar das preocupações anteriores, *Carolina* expressa um certo alívio ao perceber que seu parceiro atual não a está escondendo, apesar de não terem se socializado com amigos devido às circunstâncias. Isso demonstra sua capacidade perceptiva para identificar uma maior segurança em sua relação atual.

Sua narrativa, destaca uma dimensão importante das relações amorosas para muitas mulheres negras: a luta por visibilidade, aceitação e integração nos espaços sociais de seus parceiros e parceiras.

Na sequência do diálogo, quis entender melhor a situação e perguntei se em alguma relação ela já havia se sentido dessa maneira: “escondida”? Convido às nossas leitoras e leitores a prestarem bastante atenção nas cenas que serão narradas a seguir, por nos ajudarem a entender um pouco melhor a maneira como o racismo atravessa as relações interraciais e como isso afeta a vida pessoal e social. *Carolina* seguiu:

> Teve uma vez que eu tive um investimento em relação a distância, que aconteceu isso assim, do rapaz verbalizar que seria uma coisa muito difícil eu ir na casa dos pais dele por causa do nível de racismo que o pai dele tem.

> Ele foi explícito, e é uma coisa que ele não teria coragem de se contrapor, essa parte ele não chegou a dizer de maneira explícita, mas acontece que se uma pessoa fala isso, "não quero levar você lá porque meu pai vai ser muito escroto e muito racista" e ele não fala nada para dizer que vai me defender significa que ele provavelmente não ia conseguir fazer. Então para evitar a situação ele prefere não levar.
>
> Isso aconteceu comigo uma vez assim, né, em outras situações não. Em outros casos eu ouvi dizer, e aí eu não tenho como confirmar, por exemplo, de que teria uma só... por exemplo eu estava me relacionando com um cara e aí se ele me levasse... a relação durou cerca de 10 meses e aí ele encerrou o relacionamento comigo e começou um relacionamento nomeado como namoro, com uma mulher branca. E uma das coisas que me disseram é que muito provavelmente, entre as várias coisas que poderiam influenciar nisso, é que eu não seria muito bem aceita pela sogra.
>
> Com essa moça que é minha amiga, que é branca, todo mundo sempre "é linda, é maravilhosa, é incrível, é não sei o que", essas coisas assim sabe. E essa minha amiga branca sabia que era racismo contra essa ex-namorada, ela sabia entender que essa situação que essa moça vivia era racista.

Carolina em sua narrativa amarra em um mesmo fio condutor suas experiências em relacionamentos interraciais e as cenas e situações de racismo que vivenciou. Ela traz à tona as dinâmicas raciais complexas e muitas vezes dolorosas que permeiam essas relações, especialmente quando estendidas às famílias e grupos afetivos de amizade.

A experiência de *Carolina*, em que um parceiro branco explicitamente reconhece o racismo em sua família como um obstáculo para a apresentação dela aos pais, é particularmente impactante e me toca particularmente em diversos pontos. Este episódio ilustra não apenas a realidade do preconceito racial dentro de famílias, mas também a impotência ou a falta de vontade do parceiro em confrontar e desafiar essas atitudes racistas. Ir para embate também significa renunciar aos seus privilégios brancos para estar com uma mulher negra. A escolha do parceiro de evitar o confronto, em vez de defender *Carolina* ou desafiar o racismo de sua família, reflete uma dinâmica de poder e privilégio racial, no qual o conforto e a manutenção do status quo são priorizados em detrimento da justiça e igualdade racial.

Carolina, conectando em sua narrativa às situações de racismo que se apresentaram em seu relacionamento, novamente nos remete ao ponto da discussão de que a depender da identidade racial a leitura dos fenômenos será feita de maneira distinta. Para uma mulher negra

consciente das dinâmicas raciais que se apresentam nas relações sociais afetivas, o que pode parecer implícito para grupos não racializados, para ela será manifestação direta do racismo, como veremos a seguir:

> Isso. E aí assim, eu nunca ia ter acesso, não tive acesso a uma comprovação, mas eu tive acesso de uma amiga dele que foi para a casa dele que iria ter uma festa e aí quando ela chega lá a mãe achava que os dois tinha um relacionamento. Enquanto ela achou que os dois tinham um relacionamento, essa moça foi destratada o tempo todo.
> Uma mulher negra, e ela só parou de ser destratada pela mãe dele quando ela descobriu que os dois eram só amigos, aí ela passou a tratar ela como se fosse uma princesa, mas antes disso não. Entende? Então me faz pensar que talvez não seja só um burburinho assim, porque como que acontece uma coisa dessas né, a mulher ficou hostilizando um pouco, aquela sensação meio hostil com essa pessoa, que é negra, e depois passou a tratar super bem quando ela sabia que não tinha relacionamento com o filho dele, com a filha dela.
> A essa altura a relação já tinha acabado né, assim, e eu sofri muito, com isso. É até porque eu acredito que nesse caso foi a primeira pessoa, o primeiro que eu me relacionei por um tempo maior, que a gente viveu né, um, por exemplo, a sogra não conhecia, mas os amigos eu encontrava frequentemente. Então a gente só via todo mundo juntos e todo mundo eles me viam também. E assim, então eu me senti escondida nessa parte, assim, mas de entender que, ou de perceber por exemplo, e isso foi complicado para mim assim, de que um rótulo de namorada depende de muitas coisas inclusive de sua raça?
> Eu estava com 31, ou 32 né. Aí é, não foi fácil não, eu fiquei mal durante um tempo considerável com isso assim, e depois fiquei sabendo, por exemplo, de desconfortos que ele tinha comigo e não verbalizava. Então, de dizer, por exemplo, que optou por essa... por esse namoro com essa pessoa porque o relacionamento era mais leve... é... eu me senti muito reduzida, por algumas falas posteriores que ele nunca chegou a falar para mim. E aí eu entendo que tem muito a ver, por exemplo, que é isso assim: ela além de ser uma pessoa branca, ela é uma pessoa que não ia trazer determinados debates para ele. A leveza que ele estava se referindo tinha a ver com isso.

Além disso, a narrativa sobre o término de um relacionamento com um homem branco e subsequente início de outro entre esse mesmo homem e com uma mulher branca suscita questões sobre a melhor aceitação social de relacionamentos mono-raciais. A sugestão de que

Carolina não seria bem aceita pela sogra e as experiências de racismo cotidiano, como ser seguida em lojas, são exemplos pungentes do racismo enraizado na sociedade. Essas experiências não apenas afetam a percepção individual de *Carolina* sobre si mesma e seus relacionamentos, mas também evidenciam as estruturas sociais mais amplas que perpetuam o racismo e a exclusão.

A preocupação de *Carolina* sobre a possibilidade de ser "escondida" ou menos valorizada em comparação com parceiras brancas é um reflexo angustiante da realidade de muitas mulheres negras em relacionamentos interraciais. A dúvida se a demora em ser apresentada às famílias dos parceiros é devido à cor de sua pele ou por outras razões é uma luta interna que evidencia a contínua negociação entre identidade pessoal e as percepções raciais impostas pela sociedade.

Em relação às experiências de outras mulheres negras, *Carolina* aponta para a complexidade adicional de navegar nessas relações, pelo qual até mesmo o parceiro pode expressar atitudes racistas, deixando a pessoa negra em uma posição vulnerável e frequentemente tendo que defender sua própria humanidade.

Carolina também destaca a diferença no tratamento recebido por uma amiga negra de seu ex-parceiro que sublinha a realidade do racismo nas relações íntimas e como ele é perpetuado e reforçado em ambientes sociais e familiares.

A experiência da amiga negra do ex-parceiro de *Carolina* que foi inicialmente maltratada pela mãe dele, por ser presumida como sua parceira e depois tratada com gentileza ao ser identificada apenas como amiga, destaca o racismo enraizado que determina que tipo de relação uma pessoa negra poderá estabelecer com uma pessoa branca. Esse episódio revela como o racismo não é apenas uma questão de preconceitos explícitos, mas também se manifesta em atitudes e tratamentos diferenciados baseados na distinção de raça. O fato de que a aceitação da mulher negra mudou drasticamente quando a mãe do rapaz percebeu que ela não era uma ameaça romântica, não se tratava de alguém com interesses românticos com seu filho, é a representação de como as relações interraciais são frequentemente vistas com desconfiança e discriminação.

No geral, a narrativa de *Carolina* oferece uma visão crítica sobre as complexidades dos relacionamentos interraciais, escancara os desafios específicos enfrentados por mulheres negras e a necessidade de um diálogo mais profundo e consciente sobre raça, racismo e relações afetivas.

E o relato de *Carolina* segue nos apresentando pontos importantes a serem discutidos. Ainda na linha de pensamento em que nossa interlocutora aciona suas lembranças sobre outros relacionamentos vividos ao longo de sua vida:

> Uma das questões assim, que é isso, que isso é uma questão: eu nunca cheguei a... eu não gosto da palavra evoluir porque significa e coloca como se fosse literal, mas acontece que... mais de certa maneira a maioria dessas relações não foi longa o suficiente, eu nunca cheguei a conhecer familiares para passar por esse tipo de teste
> Isso, é, com o sogro, com sogra, com primo do cara, tipo assim, são coisas que eu não tive oportunidade de conhecer familiares dessas pessoas assim. Pode ser relacionado... o que eu entendo assim, é uma coisa que sempre martela na minha cabeça também. Isso é uma coisa que eu sempre me pergunto, eu me pergunto se com mulheres brancas isso também acontece ou se eles levam elas na casa deles com maior facilidade e com mais rapidez. Isso é uma coisa, mas eu precisaria comparar e eu não tenho dispositivos para comparar. Em alguns dos casos, por exemplo, pelo que eu sei, do meu relacionamento mais longo, ele demorava mesmo, mas porque tinha a ver com questões individuais mesmo. Então independentemente da cor da mulher ele ia demorar mesmo para apresentar para os parentes, até porque não tinha uma relação muito próxima, agora dos outros eu sempre me perguntava se essa demora toda tinha a ver com ser comigo, ou se eles fazem isso com todas as mulheres, mas eu não tinha parâmetro comparativo.
> [...] Já tiveram amigas que falaram, por exemplo, das dificuldades com o próprio parceiro de questões raciais dele, de dele mesmo falar coisas que são racistas, e dela tentar discutir com ele e a pessoa ter dificuldade de aceitar. Os familiares também, as vezes falarem coisas complicadas e a pessoa esperar alguma posição do parceiro e ele também não dizer nada. É... assim, também já vi isso. A muitos anos atrás uma mulher, uma amiga que é branca, ela estava narrando sobre o namorado dela que é branco também, a namorada anterior era negra, e aí ela tinha ficado sabendo que tinha gente que falou com ele se ele não tinha uma pessoa melhor para namorar. E aí depois quando ele começa a namorar

Carolina traz à tona a vivência do racismo em espaços públicos e a discrepância nas reações e percepções dela e de seus parceiros brancos em relação a esses incidentes. Seu relato sobre a sensação de ser "escondida" ou não totalmente integrada na vida de seus parceiros

reflete um padrão recorrente de marginalização e invisibilidade. Por outro lado, destaca a importância da inclusão em círculos sociais como um indicativo de validação e aceitação em um relacionamento. Essas narrativas apontam para uma preocupação comum: a necessidade de reconhecimento, visibilidade e igualdade dentro das relações interraciais, em que o amor muitas vezes se encontra emaranhado em uma teia de preconceitos raciais e sociais. O amor, neste cenário, é frequentemente testado contra as realidades do racismo, tanto em nível pessoal quanto estrutural A visão de ser amada e desejada em um relacionamento interracial é, portanto, entrelaçada com questões de autoestima, reconhecimento e a luta contínua contra estereótipos raciais e sexuais.

Concluindo, esta narrativa revela que, embora os relacionamentos interraciais possam oferecer espaços para amor e entendimento, eles também são arenas onde as desigualdades raciais e de gênero se manifestam de maneiras complexas e, muitas vezes, dolorosas.

5.2 *Lélia Gonzáles*[16]: meu primeiro amor: “eu não tenho uma vida amorosa de sucesso

Para mulheres negras, assim como para os homens negros, é evidente que, se nós não nos definirmos, seremos definidos pelos outros – para proveito deles e do nosso prejuízo (Audre Lorde, 2019, p.56).

Figura 2

Lélia Gonzalez

Lélia Gonzales (https://wikifavelas.com.br/index.php/L%C3%A9lia_Gonzalez_(PT_-_PDT_-_RJ)_-_Favela_da_Praia_do_Pinto_-_RJ)

Meu nome é Lélia Gonzalez: Eu tenho 28 anos, sou natural de Pouso Alegre, sou de Minas, e em 2019 eu me matriculei na UFMG e me mudei para Belo Horizonte para estudar na UFMG. Então desde 2019 moro em Belo Horizonte, e... e sobre minha vida eu sou alegre, sou a filha mais velha de 2 irmãos, mães e pai vivos, presentes e trabalhando aí para sustentar a família preta, sempre estudei em escola pública, entrei

[16] Lélia Gonzales 28 anos, preta, solteira, historiadora, lésbica, não está em um relacionamento interracial.

em movimentos sociais, o Movimento Negro principalmente, o Movimento de Mulheres LGBT em 2015, em 2017 me identifiquei como uma mulher lésbica e é isso assim. Aí em 2019 indo para Belo Horizonte é... entrei em movimentos sociais dentro da UFMG. No primeiro ano eu cursei Ciências do Estado, e no segundo ano eu pedi transferência e agora estou cursando Gestão Pública, e no momento não estou em nenhum relacionamento sério afetivo-sexual com ninguém.

Lélia Gonzalez- Aquela que veio antes de mim

Lélia Gonzalez foi uma das figuras mais proeminentes no cenário intelectual e ativista do Brasil, marcando profundamente os campos do feminismo, dos estudos étnico-raciais e da sociologia. Nascida em 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, Minas Gerais, ela cresceu em uma família de origem humilde e foi a primeira de sua família a ingressar na universidade. Gonzalez se mudou para o Rio de Janeiro, onde cursou História e Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e mais tarde, fez pós-graduação em Comunicação Social.

Sua trajetória acadêmica foi apenas uma faceta de sua vida; Lélia também se destacou como militante incansável pelos direitos dos negros e das mulheres no Brasil. Ela foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e atuou em diversas organizações feministas, incluindo o Nzinga Coletivo de Mulheres Negras. Gonzalez criticava as intersecções do racismo, sexismo e classismo, abordando essas questões tanto em suas atividades militantes quanto em sua produção intelectual.

Como acadêmica, Lélia Gonzalez contribuiu significativamente para os estudos afro-brasileiros e de gênero, trazendo perspectivas que destacavam a importância de compreender as identidades culturais afro-brasileiras dentro de um contexto de diáspora africana. Sua obra mais conhecida, "Lugar de Negro", escrita em parceria com Carlos Hasenbalg, é um marco na literatura sociológica brasileira, oferecendo uma análise crítica das estruturas sociais e de poder e seu impacto sobre negros e negras no Brasil.

Lélia Gonzalez faleceu em 10 de julho de 1994, mas seu legado permanece vivo e influente. Ela é frequentemente citada e lembrada como uma das mais importantes pensadoras do Brasil no século XX, cujo trabalho continua a inspirar novas gerações de ativistas e acadêmicos interessados nas questões de raça, gênero e classe.

No dia 09 de agosto de 2021 acontecia o segundo encontro, agora a conversa aconteceu com Lélia e utilizamos a plataforma ZOOM. *Lélia Gonzales* é mulher preta, lésbica e que não estava naquele momento em um relacionamento. No momento do nosso encontro estava com 28 anos de idade, natural da cidade de Pouso Alegre e moradora da cidade de Belo Horizonte desde o ano de 2019. Neste período iniciou seus estudos, inicialmente em Ciências do Estado, mas seguiu no curso de Gestão Pública. Lélia se diz "eu sou alegre", filha mais velha de dois irmãos com pai e mãe vivos. Nasceu em uma família mono-racial, seus pais são negros. Participante de Movimentos Sociais como o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres LGBT, se identificou enquanto mulher lésbica no ano de 2017.

> Então, em fevereiro de 2019, assim que eu entrei, assim que eu cheguei em Belo Horizonte quero dizer, eu encontrei minha ex-namorada em um aplicativo de relacionamentos, e esse relacionamento durou de forma geral de fevereiro de 2019 até abril de 2021, até abril passado. E aí site de relacionamentos, a gente se encontrou pessoalmente no carnaval de 2019, foi um relacionamento que teve alguns términos e... e voltas, idas e vindas. A gente começou a namorar em... a gente deu o nome de namoro para o relacionamento em abril de 2019 e aí a gente terminou no final de abril, eu, todos os términos partiram de mim. Ai a gente... eu terminei em abril de 2019, reatamos em maio, terminamos em junho, reatamos em julho de 2019, e aí foi onde o namoro durou mais tempo, que foi de... começo de agosto de 2019 até março de 2020, enquanto namoradas. E aí terminei o relacionamento e aí foi o último término, e ai de maio de 2020 até agora, abril de 2021 a gente... se relacionou, conversou numa perspectiva de tentar criar alguma amizade, algum tipo de relação que não fosse o namoro, em decorrência dos sentimentos e afetos, mas enfim. Ai no final das contas em abril de 2020 decidimos essa vez não, esse término não partiu só de mim, mas também eu acho que foi uma coisa dela, foi uma coisa muito estranha que eu nem sei explicar direito como foi, mas no final das contas essa relação pós o namoro ela não estava sendo... ah sei lá, não estava sendo boa, enfim.

Já faz muito tempo que a internet e as redes sociais ampliaram as possibilidades de encontros, de amizade, mas também de namoro, amores, casamentos e encontros. Antes mesmo da pandemia da COVID-19 as pessoas utilizavam salas de bate-papo como Uol, Terra e outras. Mas é importante destacar que com a pandemia as coisas ganharam outras dimensões,

plataformas de encontros virtuais como o *Tinder* que foi criado no ano de 2012, se tornaram um importante espaço para que as pessoas conseguissem encontrar alguém, para que mesmo de maneira virtual poderiam se relacionar.[17]

Lélia conhece sua primeira namorada por um aplicativo de relacionamentos, o mundo ainda não havia se tornado um campo de guerra, marcado por tantas mortes. A COVID-19 não havia chegado em nossas vidas, mas a virtualização das relações, já se mostrava como um campo fértil e disponível para uso. O início do relacionamento através de um aplicativo de namoro foi se tornando cada vez mais presente em nossas vidas. Esses meios digitais podem facilitar conexões iniciais, mas também podem trazer desafios únicos, como a gestão das expectativas e a construção de uma conexão genuína além da tela.

Em seu relato *Lélia* nos conta um pouco de sua relação com o ambiente virtual e como através dele conseguiu se conectar com pessoas importantes em sua vida. Estando em contato mais íntimo com sua narrativa vemos que seu primeiro relacionamento foi com uma mulher branca. Uma relação marcada por términos e retornos. Vimos que na maioria das vezes quem terminou a relação foi *Lélia*. O padrão repetido de términos e reconciliações nos apresenta uma dinâmica instável, o que reflete muito a maneira como movimentos negros mais radicais não aceitam os relacionamentos interraciais e quem rompe com a norma, se sente desconfortável com seu par não negro.

Lélia segue me apresentando as características da sua experiência de amor/namoro com uma mulher branca:

> Que esse relacionamento esteve presente na minha vida. Foi um relacionamento sem violências físicas ou psicológicas né, eu acho que dentro de várias perspectivas e momentos foi um relacionamento saudável e feliz, alegre assim, a gente tinha várias coisas em comum, mas o fato dela ser uma pessoa branca me atravessava muito, e eu entendo agora que talvez eu não estava pronta dentro de tudo que eu me reconheço enquanto mulher preta, dentro do que eu acredito, dentro do que... eu... sei lá. Dentro do que eu quero ser vista, dentro do que eu prego fazer o que fala, pregar o que você fala, enfim, aí eu me vejo em um lugar que eu não estava pronta para ter essa... essa responsabilidade, essa maturidade eu acho que é a palavra, para ter esse relacionamento inter-racial. É, eu acho que é isso assim, talvez eu explique um pouco melhor em algum momento específico assim.

[17] Em uma matéria publicada no site da CNN Brasil no dia 13/05/2020 com o título: Quarentena movimentada

Em seu entendimento *Lélia* vê seu relacionamento como saudável, diz não ter vivenciado nenhuma situação de violência física ou psicológica, se sentia feliz. Ao mesmo tempo podemos nos atentar ao fato de que ela não se sentia preparada para uma relação interracial e por isso, foi tomada pelo sentimento de contradição por se ver em sua relação que refutava o que ela acreditava, sendo uma mulher negra, ativista, participante de movimento negro. Havia também o medo de ser vista pelas outras pessoas de uma maneira que ela não gostaria. A relação de uma mulher negra com uma pessoa branca, aciona imagens do nosso imaginário social que está marcado pela colonização de pessoas negras e a violência sexual perpetuada contra os corpos de mulheres negras. Os sentimentos de Lélia diz da maneira como ela, enquanto ser único, dotada de sua própria subjetividade, entra em conflito com o que coletivamente é construído, quando falamos de organização do povo preto para seguir a luta por sua sobrevivência. Nesse sentido as relações interraciais entre pessoas negras e pessoas não negras podem ser compreendidas como uma "traição" ao coletivo preto.

Lélia continua sua narrativa sobre sua relação, mas também a respeito de sua descoberta se assumindo lésbica:

> Então, esse foi o primeiro relacionamento que eu tive, com o nome de namoro né, relacionamento sério, dela vir aqui e conhecer minha família, conhecer a família e etc., e antes disso, antes de me entender como mulher lésbica com homens eu nunca tive nenhuma relação sexual com homens, nunca tive nenhuma relação amorosa, afetiva, mas obviamente eu tive relações que eu acredito hoje que estavam dentro dessa heterossexualidade compulsória, tipo, sempre buscando pares assim que eu me encaixasse e enfim. Então é isso assim, eu não sei muito o que dizer em relação aos homens, que eu já me interessei, ou que eu já beijei porque é uma coisa que como eu entendo que não era uma dinâmica espontânea, era uma dinâmica muito mais social, de ser aceita, e racial também eu meio que ignoro isso na minha vida sabe. E em relação as mulheres antes desse relacionamento com essa pessoa branca que eu tive eu tive um relacionamento com uma mulher negra que houve sentimentos da minha parte assim, mas foi um relacionamento assim que ficou... durou 2017, 2018, que foi a primeira mulher que eu me relacionei sexualmente inclusive, só que eu também não fui correspondida, do jeito que eu queria. Mas eu também demorei muito a entender os sentimentos que eu tive por ela, mas enfim. Mas aí nesse meio tempo em 2016,

> 2017,2018 né me relacionei brevemente, rapidamente com algumas mulheres, mas nada sentimental, eu acho que essa foi a única... no começo de 2019 também, antes de ir para Belo Horizonte eu encontrei dentro do aplicativo de relacionamento também uma menina, fui para a cidade dela, mas também... Eu acho que em 2019 eu já tinha passado na UFMG eu estava muito nessa perspectiva de ir embora então eu acho que eu e ela não demos brecha e abertura para se relacionar, porque também ela já não era de Pouso Alegre, ia ficar mais longe de Pouso Alegre ainda, enfim. Então é isso assim, com homens eu ignoro porque nenhum deles eu considero relevante, mas não que não tenham sido (risos), de alguma forma violentos e constrangedores, mas não relevantes hoje né (risos), talvez a *Lélia* de 18 achasse isso bem relevante, mas a *Lélia* de agora não acha (risos). E em relação a mulheres é essa a primeira mulher que eu me relacionei e esse último relacionamento assim. Eu acho que sempre, enquanto mulher negra, sempre me foi negado esse espaço né, de ser conquistada, de ser atraída, sempre indo atrás, indo atrás, tentando conquistar as pessoas ao contrário disso assim. E é isso assim, eu não tenho (risos), uma vida amorosa de sucesso (risos). Mas...

Neste trecho, *Lélia* generosamente nos oferece uma introspecção profunda sobre sua jornada de autoconhecimento em relação à sua identidade/orientação sexual e suas experiências amorosas. Apresenta a complexidade de navegar pelas normas heteronormativas e as dinâmicas de poder influenciadas por raça e gênero. A heterossexualidade compulsória muitas vezes limita as possibilidades que as pessoas teriam para realmente se entenderem como são. Assumir-se lésbica, em um país em que mulheres são vítimas de estupro "corretivo" por não se relacionarem ou não sentirem desejos por homens, estar no "armário" é uma questão de sobrevivência.

A reflexão sobre sua identidade como mulher lésbica e a menção à falta de relações amorosas ou sexuais com homens revela a luta interna e as pressões sociais enfrentadas ao se conformar com as expectativas heteronormativas. Este aspecto ressalta a dificuldade de se descobrir e aceitar em um contexto que frequentemente impõe padrões heterossexuais como norma.

Ela também aborda suas relações anteriores com mulheres, incluindo uma relação não correspondida com uma mulher negra e encontros breves com outras, mostrando um caminho de descobertas e entendimento das próprias necessidades e desejos em um relacionamento. Essas experiências anteriores parecem ter sido cruciais em seu processo de autoconhecimento e na compreensão de sua orientação sexual.

Além disso, ela toca em um ponto crucial: como mulher negra, sentiu que o espaço para ser conquistada e desejada foi frequentemente negado, que nos aponta a dinâmica entre raça e gênero em suas experiências amorosas. Este aspecto destaca como as características pessoais e/ou sociais podem influenciar profundamente as dinâmicas de namoro e a autopercepção em relações amorosas. Nos alerta para a importância de que pessoas negras e aqui no caso específico, mulheres negras, precisam se definir por si mesmas e não pelo outros. O movimento das mulheres negras de se nomearem e se definirem oferece a estas mulheres o poder dentro de suas comunidades. O poder necessário para a luta pela libertação das pessoas negras.

Por fim, menciona que não considera ter uma "vida amorosa de sucesso", e o que seria uma vida amorosa de sucesso? Devemos compreender que, assim como aparece na fala de *Lélia*, podemos encontrar em outras narrativas de vida, o quanto que as percepções e expectativas sociais e pessoais desempenham um papel significativo em como definimos o sucesso em nossos relacionamentos. Os modelos difundidos nas mídias sociais, nas novelas, filmes de romance, literatura etc. impossibilitam caminhos dissidentes, não é fácil romper com a norma, mas poder afirmar que a tomada de consciência do papel dos processos sociais em nossas vidas individuais subjetivas será um grande primeiro passo e Lélia demonstra essa consciência.

Sua narrativa, portanto, não apenas reflete sua jornada pessoal de compreensão. do caminho de encontro à sua orientação sexual, mas também ilustra as complexidades de ser uma mulher negra lésbica enfrentando as expectativas da sociedade, as dinâmicas de poder em relacionamentos e o processo contínuo de autoaceitação e crescimento pessoal.

> Não, não, foi antes, antes de... antes desse primeiro relacionamento que eu tive com uma eu já me identificava, na verdade eu já me identificava em 2016, eu comecei a me identificar como Bissexual, foi o começo que eu decidi que não era uma pessoa heterossexual né, mas ai depois eu vi que na verdade eu só queria amenizar né, os fatos de ser LGBT e me colocando dentro desse lugar de Bissexual, ai quando eu percebi que eu não ia ficar com homens, porque eu entendo minha sexualidade ela tem várias nuanças e, enfim. É uma sexualidade livre para quem é assim, mas no começo eu achava que “ah, posso só me relacionar sexualmente com homens e afetivamente, romanticamente com mulheres”. Mas depois eu fui vendo que eu tinha ranço e total desinteresse em relação a homens assim sabe, e principalmente na relação sexual assim, nunca imaginei, a partir desse momento, enquanto Bi né. Eu acho que enquanto hétera,

> enquanto eu me entendendo hétera eu ignorava essa parte sexual né, tipo assim "romance ameniza tudo assim, sexo é só uma consequência".

A narrativa de *Lélia* nos aponta para um caminho o trecho anterior apresenta parte de sua trajetória de "descoberta" de sua orientação sexual. Inicialmente, ela menciona que inicialmente, a partir de 2016 já se identificava enquanto mulher bissexual um reconhecimento que, a princípio, parecia representar uma tentativa de conciliar sua atração por homens e mulheres. No entanto, ela revela que essa autoidentificação era, em certo sentido, uma maneira de "amenizar" sua verdadeira identidade LGBTQIAPN+[18], mulher lésbica, sugerindo que havia uma hesitação ou insegurança em aceitar plenamente sua orientação sexual. Assumir-se lésbica em uma sociedade que valoriza as relações heteronormativas e que violenta corpos dissidentes que destoam da norma, não se trata de uma tarefa simples, mas que Lélia faz e destaca isso em sua narrativa.

Sua narrativa nos conecta com sua compreensão mais profunda de sua sexualidade, na qual ela reconhece um "ranço e total desinteresse" em relação aos homens, especialmente no aspecto sexual. Com isso Lélia se distancia da bissexualidade como forma de compromisso e se aproxima genuinamente de sua orientação sexual e de seus desejos. Já que inicialmente via a bissexualidade como uma maneira de manter uma conexão com a "heteroculturalidade" especialmente em termos de relacionamentos românticos com mulheres e sexuais com homens.

Esta mudança de perspectiva é significativa, pois marca uma transição da aceitação de uma identidade bissexual para a compreensão de que sua atração é predominantemente, senão exclusivamente, direcionada às mulheres. Esta realização destaca o processo contínuo e, muitas vezes, fluido de autoconhecimento e autoaceitação no campo da sexualidade.

A reflexão apresentada por ela, sobre sua experiência enquanto se entendia como heterossexual revela também como as noções de romance e sexualidade são frequentemente entrelaçadas de maneiras complexas e, às vezes, conflitantes. Ao mencionar que, enquanto se considerava heterossexual, via o sexo como "apenas uma consequência" do romance, ela aborda a maneira como a sociedade frequentemente estrutura as expectativas em torno dos relacionamentos heteronormativos. Sua experiência se apresenta enquanto pessoal, mas também social, no que tange a maneira como explorou as complexidades da sua orientação sexual e identidade. Ao mencionar sua jornada de no primeiro momento se identificar enquanto mulher bissexual para aos poucos ir se reconhecendo enquanto mulher lésbica, espelha a

[18] Optei por escrever a sigla como se conhece hoje, em outros momentos, no entanto ela poderá estar escrita da forma como foi falada por uma das interlocutoras, mantendo assim sua narrativa.

experiência de muitos dentro da comunidade LGBTQIAPN+, ressaltando a importância de nomear-se como realmente se é, como realmente se deseja ser.

> E isso me deixava bem apavorada, entendeu, eu acho que quando eu comecei a perceber que ficava realmente incomodada em pensar nisso... Eu vi depois que não queria aquele tipo de relação assim. Eu acho que hoje, obviamente, eu consigo tentar tirar todo esse tabu sobre órgãos genitais masculinos, porque eu entendo que pessoas não são sobre órgãos genitais assim, mas essa perspectiva que mudou assim, eu acho que a construção social de uma pessoa enquanto homem, uma pessoa que de qualquer forma, Trans ou Cis, que é lida e aceita socialmente e vive socialmente enquanto homem não é uma coisa que me atrai sabe? Tipo... eu estou falando isso porque tem muitas lésbicas que falam "aí eu fico com homem Trans, se for com homem Trans eu fico", aí eu: mas e aí, tipo, será que você não estava lidando com aquela pessoa só porque ela não tem a genitália dita masculina sabe? E aí eu fico... acho que é sobre a leitura social de uma pessoa que é homem assim sabe, enfim. Eu sei que não é todo mundo que tem essa lógica assim, pelo menos na minha cabeça isso não faria sentido, sabe, tipo... Eu acho que é sobre, enfim, não me sentir atraída por homens pelo corpo masculino, pelo que eu entendo como masculino também, o que eu também... são construções que não tem como tirar da minha cabeça do dia para a noite. Mas voltando (risos), fecha parênteses
> Abriu um parêntese enorme aqui. E aí é isso assim, tipo antes de me relacionar com essa primeira garota que eu já, dentro disso tudo eu falei: não, eu gosto só de mulher e é isso. E fiquei extremamente aliviada, confortável, mesmo não estando romanticamente envolvida com ninguém assim. Mas só de ter esse alívio da atração sexual fluir sabe, de me sentir atraída e não ficar "aí, o que está acontecendo, aí eu sou atraída muito por mulher, mas e pelos homens eu preciso porque eu sou Bi, que homens sabe?". Enfim, aí eu só entreguei e ok.

O relato apresentado segue o caminho de descobertas vivenciado por *Lélia*. Revela uma profunda reflexão pessoal sobre identidade sexual e atração, destacando as nuances complexas de sua jornada para entender e aceitar sua orientação sexual. Lélia aborda em sua fala a angústia e o desconforto em relação à atração por homens, tanto cis quanto trans, e a posterior aceitação de sua atração exclusiva por mulheres.

O sentimento de apreensão em relação à ideia de se relacionar com homens mostra um desconforto que vai além da questão física ou dos órgãos genitais. Ela faz uma distinção

importante entre a aversão aos órgãos genitais masculinos e a sua falta de atração pela "construção social de uma pessoa enquanto homem". Essa diferenciação é crucial, pois reflete um entendimento mais amplo de que a atração ou repulsa não está meramente na anatomia física, mas na identidade de gênero e no que socialmente é entendido como masculino.

Lélia também discute a ideia de que algumas lésbicas expressam disposição em se relacionar com homens trans, questionando se essa disposição está ligada à ausência de genitália masculina. Essa reflexão aponta para a complexidade das identidades de gênero e sexualidades e como a atração pode estar intrinsecamente ligada às percepções e às construções sociais do gênero.

O "alívio" que ela descreve ao reconhecer e aceitar sua atração exclusiva por mulheres nos chama a atenção para seus conflitos internos e a maneira como particularmente aceita sua identidade lésbica. A liberdade que ela experimenta ao abandonar a preocupação em se sentir atraída por homens, algo que ela associava anteriormente à sua identificação como bissexual.

5.2.1 “Eu acho que não estava pronta para meu primeiro amor”

Já vimos anteriormente o quanto a trajetória de *Lélia* foi marcada por caminhos sinuosos. Quando adentramos especificamente no amor, seguimos trilhando uma conversa que se apresentava desafiadora em cada trecho narrado por ela, busquei sempre ouvir sua história de vida, sabendo que sua experiência enquanto mulher preta retinta, lésbica traria inquietações para mim, me deslocando do lugar de pesquisadora, que muitas vezes pode se apresentar muito cômodo.

> Olha, é muito foda porque eu me identifico uma pessoa que conseguiu internalizar muito do amor romântico de novela de filmes, e talvez eu trouxe, alguns não, com certeza eu coloquei isso no meu último relacionamento, enfim. E aí quando todos esses afetos vieram né, são relacionamentos entre mulheres onde a violência está dada para a gente a qualquer momento na rua, você não pode andar de mão dada em paz, e por ela ser uma pessoa branca outro tipo de socialização, branca, magra, enfim. E aí eu acho que eu não estava pronta para o primeiro amor, para o primeiro namoro, ter sido atropelada por tantas coisas assim, eu acho que eu tenho essa frustração de várias expectativas que eu tinha e então, sabe? Eu acho que não querendo cair em nenhum romantismo barato assim, mas eu acho que amor tem que ser uma coisa com um número menor de turbulências e frustrações e expectativas sabe. Sabe, eu boto fé que pessoas se entendem,

> brigam igual, enfim, mas eu acho que é sobre ter essa certeza que você quer ficar com aquela pessoa, não sei. Nesse último relacionamento eu não tive essa certeza em mente assim, a todo momento me questionava, duvidava: será que eu estou fazendo certo, será que eu deveria estar aqui, será que eu deveria estar aqui? Então eu acho que tendo em perspectiva esse último relacionamento é não me questionar tanto, é não me colocar tanto em dúvida, sabe, é só, tipo, ficar à vontade, sentir... ah sei lá, mais... a internet ela tem um trem que chama emocionado, "aí você é muito emocionado", que é quando a pessoa se derrete etc. Eu sei que posso ser essa pessoa, eu sou essa pessoa, e talvez eu me controlava muito, isso vinha muito dela, ela era uma pessoa que se derramava, enfim, declarações de amor e tal, e era coisas que eu não sabia receber bem assim. Recebia muitas poucas coisas, e eu acho que o amor é sobre isso também, conseguir dar sem se questionar, só transbordar e ser emocionado e receber, e nossa eu te dou 10, você me dá 10, eu te dou 5 e você me dá 8 e está tudo bem, sabe? Sem ficar se comparando, eu acho que é isso assim, o menor número de turbulências possíveis (risos).

A narrativa apresentada na passagem oferece uma introspecção íntima sobre as expectativas de Lélia em torno do amor romântico e como essas expectativas se confrontam com a realidade dos relacionamentos, particularmente no contexto de um relacionamento entre duas mulheres, uma delas sendo negra e a outra branca. A internalização de ideais românticos, derivados de novelas e filmes, teve um papel significativo na forma como ela vivenciou seu último relacionamento, moldando suas expectativas e, por consequência, sua percepção das turbulências e frustrações que enfrentou.

Ao discutir a violência que os relacionamentos entre mulheres podem enfrentar em espaços públicos, como a impossibilidade de expressar afeto abertamente sem medo de agressões, ela toca em uma realidade dura que contrasta drasticamente com a noção idealizada do amor romântico. Para ela, a diferença de socialização decorrente da interseção entre raça e corporalidade da parceira adicionou uma camada extra de complexidade à experiência. Enquanto ela narrava, eu dizia para mim mesmo o quão perverso era esta realidade de contrários entre, o que se construiu ao longo das décadas sobre a noção de amor romântico e a história de *Lélia* que a coloca na contramão do imaginário social, ainda que ela admita o desejo de também experienciar aquele modelo de amor.

Ela reflete sobre a preparação emocional para o amor e questiona se estava pronta para enfrentar os desafios que surgiram em seu primeiro namoro sério. A frustração com as expectativas não atendidas se apresenta abertamente, e há uma busca por um amor com "menor

número de turbulências e frustrações", almejando uma relação em que haja menos dúvida e mais certeza e conforto na reciprocidade do afeto. Em uma relação que na encruzilhada das categorias sociais de gênero, raça e sexualidade ela articula a busca por uma relação menos turbulenta. Seriam modelos de amor que permitam as existências das diferenças e que desafiem os padrões do branco colonizador, que se coloca enquanto norma?

Ela também reflete sobre a capacidade de dar e receber afeto abertamente, sem restrições ou comparações. A descrição do que ela chama de ser "muito emocionado" aponta para um desejo de viver o amor de maneira mais autêntica e menos controlada, de maneira que as emoções possam fluir livremente. Apesar de suas experiências passadas, ela aspira a um relacionamento no qual o amor é vivido com reciprocidade e liberdade, sem a necessidade constante de equilibrar ou justificar o afeto dado ou recebido.

Conectando com a discussão sobre o conceito de amor romântico, a narrativa ressalta como as expectativas podem estar em desacordo com a realidade, especialmente quando fatores como identidade racial, sexualidade não heteronormativa e expressões públicas de afeto são ameaçadas por preconceitos sociais. Ela evidencia a luta para conciliar o desejo de um amor idealizado, livre de conflitos, com a realidade de amar em um mundo que nem sempre aceita e respeita o amor em todas as suas formas diversas.

Ao mesmo tempo que se localiza em uma relação vivenciada com outra mulher e esta relação estar permeada pela expectativa projetada nos conteúdos de romances fictícios como o "*amor romântico de novelas e filmes"* reconhece a impossibilidade de concretizar sua experiência de amor por conta dos atravessamentos presentes na relação estabelecida com uma mulher branca. Apesar de assumir esta relação como sua primeira experiência de amor, reconhece os limites e impossibilidades impostos pela brancura de sua parceira, pela violência de gênero que se apresenta socialmente para mulheres lésbicas que se amam e querem demonstrar publicamente seus afetos.

A experiência descrita por *Lélia* demonstra a necessidade de o amor ser aquele que incorpore as diversidades das identidades humanas. Que o amor possa ser espaço de afeto, de respeito, de construção e que a energia utilizada para se afirmar merecedor do amor, seja revertida para as lutas necessárias pessoais e coletivas.

5.2.2 A cor, o gênero, a classe do meu amor...

Já sabemos o quanto as relações interraciais são permeadas por desafios complexos para as pessoas que decidem vivenciá-lo. Ao conversar com *Lélia* sobre o amor e sua intersecção com raça e gênero foi importante perceber o quanto seu corpo, sua afetividade e sua concepção realista das relações, mostra o caminho que foi sendo construído a partir da tomada de consciência de aspectos importantes, tanto sociais quanto individuais. Conversando sobre a cor do amor por exemplo, se para ela o amor possuía cor ela me respondeu:

> Tem, tem né, não é... é essa perspectiva de filmes, sessões da tarde é uma perspectiva muito branca né, onde corpos brancos se encontram muito fáceis, se apaixonam muito fácil, o amor não é dinheiro e se dinheiro não é o problema o amor vale mais do que tudo etc. Mas tudo isso em cima de um privilégio branco absurdo né, que ninguém discute sobre isso. E aí a gente sem perceber procura isso, e eu acho que uma das coisas que eu me questionava no relacionamento era isso: será que eu estou aqui porque eu quero, tenho sentimentos reais, ou por que eu só fui conduzida pelo meio das condições do meio social que eu teria que ficar com uma pessoa branca sabe? E isso era uma grande turbulência (risos)
> E ai hoje eu penso assim que um relacionamento mono-racial seria, em vários pontos, mais confortável, mas eu entendo também que um relacionamento mono-racial traz feridas de dois corpos pretos e isso não ia ser fácil, mas eu fico mais confortável em pensar em um futuro relacionamento amoroso com uma pessoa preta do que com uma pessoa branca por ter todo esse relacionamento, de: será que eu coloco cor no meu amor, uma cor branca, nessa perspectiva de atuação, nessa perspectiva de ser aceita e etc., e talvez o relacionamento com uma pessoa preta seria mais confortável? Porque eu não ia estar vendo uma cor diferente da minha, seria mais uma questão de se ver refletida, me ver mais entendida, me ver mais compreendida, não precisar ficar falando coisas que me incomodam, tipo não abra esse chocolate no mercado, no meio do mercado, no meio do Carrefour, a pessoa abre e sai comendo. Isso tinha no meu relacionamento e eu ficava: como assim, eu nunca vou abrir um saco de salgadinho no corredor de supermercado (risos), porque eu não quero ser morta pelo segurança sabe. E aí, tipo assim, namorar alguém que sabe disso e que eu sei que é muito bizarro pensar nisso, mas uma pessoa que divide nossos medos com você sabe, todos esses medos, as mesmas inseguranças sabe. Porque eu acho que em qualquer relação racial, qualquer amor de cores diferentes, essa relação ela tem limites, a pessoa branca ela pode ser a mais antirracista que ela puder, a mais do corre, da militância, da movimentação racial, ela tem um limite assim, e aí a gente continua e ela para naquele lugar, e dali para a frente você vai só sumir sabe.

Lélia, ao refletir sobre a pergunta se o amor tem cor, revela uma conscientização sobre como as representações dominantes do amor são frequentemente filtradas através de uma lente branca. Ela critica a narrativa romantizada e simplista dos filmes de "sessão da tarde", no qual os relacionamentos amorosos são frequentemente retratados entre pessoas brancas, em cenários desprovidos das realidades do racismo e do privilégio branco. Essas representações, segundo ela, impõem um modelo de amor que ignora as complexidades e desigualdades raciais da sociedade.

Lélia expressa preocupação sobre a autenticidade de seus sentimentos em um relacionamento interracial, questionando se suas escolhas são genuínas ou moldadas por normas sociais que favorecem a brancura. Essa "grande turbulência" reflete o conflito interno enfrentado por muitas pessoas negras que se perguntam se a atração por parceiras(os) brancas(os) é uma preferência natural ou uma consequência de condicionamento social.

Ela também contempla a ideia de que um relacionamento mono-racial, ou seja, com outra pessoa negra, poderia oferecer um grau de conforto e identificação que um relacionamento interracial não pode fornecer. *Lélia* alude às "feridas de dois corpos pretos", reconhecendo que, embora um relacionamento mono-racial possa ter seus próprios desafios, há um nível de compreensão e compartilhamento de experiências que ela considera essencial. Ela anseia por um relacionamento em que não haja a necessidade constante de explicar as realidades e medos vividos como pessoa negra, como o medo de violência racial em situações cotidianas, exemplificado pela hesitação em abrir um pacote de alimentos em um supermercado.

O relacionamento interracial, de acordo com *Lélia*, atinge um limite intransponível quando se trata de empatia e entendimento completo. Ela sugere que, mesmo com um parceiro branco engajado na luta antirracista, sempre haverá barreiras à compreensão total, um ponto em que o parceiro branco não pode acompanhar, deixando a pessoa negra sozinha para enfrentar certas realidades. A limitação mencionada por Lélia é um testemunho de que a experiência vivida da negritude, com seus medos e inseguranças específicos, não pode ser plenamente compartilhada ou compreendida por parceiros brancos, independentemente de suas intenções ou esforços.

A análise do relato de *Lélia* oferece uma visão crítica sobre as especificidades das relações interraciais e a influência das perspectivas do amor romântico. Ela desafia as noções simplificadas do amor e destaca a importância de se ver refletido e compreendido em um relacionamento amoroso, ressaltando o desejo de uma conexão que transcenda a superficialidade das normas sociais e mergulhe nas profundezas da experiência compartilhada.

Relacionar-se com uma mulher branca deixou marcas profundas na vida de *Lélia*, feridas que mostram o quanto pensar relações entre pessoas de raças distintas pode ser violento e desafiador em diversos níveis. As diferenças que se apresentam a partir de um modelo de sujeito enquanto norma (branco, homem, magro, heterossexual, cristão, classe média) acabam por excluir possibilidades, novas formas de relações que busquem a liberdade e a fluidez. As histórias individuais de mulheres negras que se relacionam com pessoas brancas abrem feridas coletivas, lembranças violentas entre senhoras(es) e "escravas".

A narrativa de *Lélia* nos aponta para esta direção:

> Então eu acho que o amor tem cor e eu espero muito que no próximo relacionamento ele tenha a minha cor (risos), eu acho que é isso, eu quero que o amor tenha a minha cor assim.
>
> Não quero buscar perspectivas amorosas para pessoas brancas assim, por mais que eu tenha outros tipos de amores em relação as pessoas brancas, amigas e amigos por exemplo, e também sei lá, alguma crush, uma coisa casual, não descartaria assim. E eu tenho um lado muito racional, que eu penso assim, se eu tiver em um relacionamento casual com uma pessoa branca e algo, um sentimento acontecer, eu só pego e vou embora, porque no meu relacionamento várias vezes eu pensava: ai, vou embora sabe, nada a ver. Ai eu fui ficando, fui ficando sabe, tipo então... É isso. Eu acho que o amor tem cor (risos).

Lélia, ao abordar a questão da cor no contexto do amor, traz à tona uma reflexão sobre a busca consciente por relacionamentos que reflitam sua própria identidade racial. Ela expressa um desejo explícito de que seu próximo relacionamento amoroso seja com alguém que compartilhe sua cor, sua experiência vivida como pessoa negra. Essa aspiração é uma resposta direta às complexidades e às vezes ao desconforto encontrado em relacionamentos interraciais, refletindo uma vontade de encontrar um parceiro que entenda intrinsecamente as nuances de sua identidade racial.

No momento de sua narrativa *Lélia* ri bem alto, aliás durante nosso encontro o riso aparece algumas vezes, fiquei pensando o quanto a temática suscitava nela e em mim uma tensão e o riso, trazia leveza para continuarmos, uma forma de aliviar a gravidade do assunto, e uma expressão de alegria por poder verbalizar estas coisas. Ela consegue distinguir entre os diferentes tipos de amor possíveis que ela pode sentir por pessoas brancas, como amizades ou atrações passageiras e o amor que ela procura em uma parceira que compartilhe sua raça e cor.

O "lado muito racional" de *Lélia*, que ela menciona, revela uma abordagem prática aos relacionamentos. Ela considera até se relacionar casualmente com uma mulher branca novamente, mas não se vê vivendo uma relação mais profunda. Mesmo antes quando narrava sua relação de namoro, afirmou que sentia desconfortável em alguns momentos por estar em uma relação interracial informada por vezes se viu hesitante em deixar a relação em que estava, apesar de sentir que deveria. A repetição de "aí, vou embora" e "fui ficando" ilustra o conflito interno e a luta para permanecer fiel a seus princípios e o desejo de estar com alguém.

O amor para *Lélia* tem cor e essa cor é um aspecto fundamental do relacionamento que ela deseja ter. Sua narrativa é uma afirmação poderosa sobre a importância da identidade racial e da experiência compartilhada no amor romântico. Isso ressalta uma busca por relacionamentos em que raça não seja uma questão, um atravessamento conflitivo, mas sim espaço de compartilhamento de vivências semelhantes, particularmente em uma sociedade em que o racismo é estrutural e impacta a vida das pessoas negras em todos os aspectos, inclusive nas relações afetivas-sexuais. Repetindo o que ela já narrou anteriormente: "*Eu acho que não querendo cair em nenhum romantismo barato assim, mas eu acho que amor tem que ser uma coisa com um número menor de turbulências e frustrações e expectativas sabe."*

Nosso encontro seguiu intenso durante todo o tempo, chegamos no ponto em que me interessava saber de *Lélia* se para ela o amor, além de cor, também teria gênero. Não houve pausa para responder esta pergunta. Ela já havia demonstrado anteriormente que as discussões a respeito de gênero eram extremamente importantes para sua trajetória de acesso ao amor. Sua resposta foi dada de maneira intensa, com risos, de maneira muito firme e enfática. Eu senti naquele momento que *Lélia* queria gritar a sua história, dizer seus sentimentos e ela disse:

> Sim (risos), é, eu acho... é... eu acho que além de gênero, tipo porque pensar que o gênero masculino, homem branco consegue tudo o que ele quer com amor ou sem amor ele consegue, e o amor é facilmente dado para o homem branco eu acho que o amor ele tem orientação sexual né, o amor ele é feito para pessoas heterossexuais, para pessoas que tem uma leitura heterossexual de relacionamento. Tem mulheres Bis que ficam com homens que são vistas como hétero, o homem Bi que está com mulher é hétero, então tipo assim, se é homem ou mulher é hétero e não tem nenhuma brecha para discutir a sexualidade dessa pessoa assim, Então eu acho que tem gênero, porque o homem consegue muito mais fácil criar e romper relações amorosas, e tem sexualidades né, que eu acho que para casais héteros isso é facilmente mais dado né, tipo, que desde criança segura na mão, desde que era bebê, que tem esse... é forçado a dar selinho sabe, uma

> coisa bizarra. E aí você já cresce com aquela certeza, certeza, que é aquilo, então amor tem gênero e tem orientação sexual, e tem cor, e é capacitista também, enfim. Aí cabe a nós, além de tudo ressignificar e entender que você está dentro desse pântano, aí você tenta sair desse pântano e você sai desse pântano e não tem para onde ir e você pensa que tem que criar o seu próprio lado. Enfim, eu acho que é essa ressignificação que ela acontece, mas ela também não é fácil assim, não é fácil estar dizendo tudo isso que eu entendo sobre relacionamentos né. Não o que eu entendo é a verdade, o que eu entendo e faz sentido para mim também é muito caro para mim, entender e falar que o amor tem orientação sexual sim, é muito caro, porque não sou uma pessoa hétera então, uma pessoa hétero, então não queria dizer que o amor é heterossexual, mas ele é, entendeu? Aí eu tenho que ressignificar, criar um amor lésbico a custas muito caras assim, e aí não dá certo e você vai parar, e vamos de novo (risos). Então é isso assim, têm gênero.

Lélia, ao ponderar sobre a intersecção de gênero com o amor, aborda a questão com uma franqueza que desafia a percepção convencional de que o amor é universal e experienciado da mesma maneira por todos. Ela aponta para o privilégio que os homens brancos desfrutam, no qual o amor, tanto o recebido quanto o expresso, parece ser mais acessível e livre de questionamentos. Sabemos o quanto que os homens recebem, desde muito cedo, uma educação em que o coloca em lugar de privilégios. Enquanto os homens, muitas vezes são incentivados a iniciar a vida sexual nos prostíbulos, as mulheres precisam guardar a virgindade para o seu príncipe encantado. Homens são criados para serem livres, já as mulheres são educadas para se tornarem mães, esposas, cuidadoras.

Lélia vai além, aciona a intersecção de gênero, sexualidade, raça e capacitismo, para exprimir suas ideias, seu tom de voz muda, fica mais alto. Eu não só consigo ouvir o que ela disse, mas eu via a *Lélia*, com toda a sua expressão corporal sendo afetada por aquele tema tão caro e importante para ela.

Estas normas que marcam diferenças importantes dos papéis sociais de gênero mostra o quanto reforçamos, reproduzimos e difundimos uma heterossexualidade compulsória. Pensar então, o caminho que uma mulher negra percorre para amar outra mulher nos exige um deslocamento dos nossos próprios papéis de gênero e da nossa experiência subjetiva e coletiva do que é amar. Lélia destaca a realidade de que na sociedade contemporânea, o amor é frequentemente entendido e aceito em termos heteronormativos, privilegiando as relações

heterossexuais e marginalizando ou invisibilizando outras orientações sexuais e outras identidades de gênero.

Ao mencionar mulheres bissexuais e homens bissexuais em relacionamentos percebidos como heterossexuais, *Lélia* toca na "problemática" da bissexualidade sendo apagada ou ignorada em prol da narrativa dominante de heterossexualidade. Esse apagamento não apenas invalida a identidade bissexual, mas também reforça a noção de que a heterossexualidade é o padrão *default*.[19] A heteronormatividade é tão arraigada que desde a infância, comportamentos que reforçam essa norma, como segurar as mãos e dar selinhos, são incentivados e normalizados, perpetuando a crença de que o amor heterossexual é o único amor válido e aceito.

A ideia de que o amor tem gênero, orientação sexual, cor e é capacitista expande a discussão para incluir outras formas de discriminação e exclusão no contexto do amor. Lélia reconhece que, mesmo quando envolta em questões complexas de identidade, ela tem a responsabilidade de redefinir e criar entendimentos do amor que se alinhem com sua experiência como uma pessoa não heterossexual. Ela descreve essa jornada de redefinição e criação como desafiadora e "muito cara", implicando que há um custo emocional e social significativo associado a se desviar do caminho do amor heteronormativo.

A necessidade de "criar o seu próprio lado" e a contínua busca para ressignificar o amor apontam para o esforço e a resiliência necessários para cultivar relações amorosas que extrapolam os padrões heteronormativos. *Lélia* articula que, embora este processo seja custoso e muitas vezes marcado por tentativas e erros, é uma jornada essencial para aqueles que buscam viver e amar autenticamente.

Ainda trazendo para cena a questão da bissexualidade, *Lélia* me narra que em uma balada chegou a beijar um homem, tinha 16 anos naquela época. Ela descreve a experiência como "ridículo". Ela ficava pensando nos amigos, que sabiam que ela era Bi e por isso seria importante beijar um homem para mostrar que ela "curtia" homens e mulheres.

> Eu não considerei que primeiro eu tinha que querer né, não era sobre só beijar homens, então eu meio que foi um beijo bem jogado assim, tipo sem querer, mais para dizer

[19] Refere-se a configurações, normas ou comportamentos que são automaticamente adotados em um sistema, dispositivo, processo ou contexto social, a menos que sejam explicitamente alterados. Em tecnologia, por exemplo, um padrão default é a configuração predefinida de um software ou hardware que entra em vigor sem intervenção do usuário. Este conceito também é amplamente aplicado em diversos outros campos, incluindo psicologia, sociologia e design. No campo da psicologia, entender os padrões default é importante para analisar como as expectativas e o ambiente influenciam o comportamento humano. Na terapia, por exemplo, pode-se explorar como os padrões default de pensamento ou comportamento de um indivíduo contribuem para seus problemas ou como esses padrões podem ser alterados para melhorar o bem-estar.

> “olha, está vendo, eu sou muito Bissexual, olha só”. Mas no final das contas eu saía para essa balada LGBT para ficar com mulheres, então enquanto Bi essa foi a única experiência assim, que foi péssima, foi péssima.

A fala de *Lélia* revela uma reflexão crítica sobre a sua identidade sexual e as pressões para validar essa identidade dentro do espectro da bissexualidade. Ao mencionar que beijou homens para mostrar aos amigos que realmente era bissexual, já que não se interessava apenas por mulheres. Ela ilustra um comportamento motivado pelo desejo de provar ou afirmar sua bissexualidade para os outros, o que demonstra o quanto os desejos, as escolhas muitas vezes serão na direção da satisfação do bem-estar social e não na direção da experiência subjetiva

A experiência negativa que *Lélia* descreve, no qual o beijo não foi algo que ela quis verdadeiramente, mas algo que ela sentiu que precisava fazer para se encaixar em uma identidade bissexual, destaca a complexidade da expressão sexual e as dificuldades que as pessoas enfrentam ao navegar por identidades não que fogem a norma. Para Lélia, a necessidade de provar sua bissexualidade a levou a uma experiência que não foi autêntica ou satisfatória, refletindo a tensão entre viver de acordo com as expectativas sociais e seguir seus próprios desejos.

Sua conclusão de que, apesar de se identificar como bissexual, ela procurava experiências com mulheres nas baladas LGBTQAPN+, demonstra preferência pessoal que não se alinha completamente com a identidade que ela sentiu a necessidade de reivindicar externamente. A fala de Lélia, portanto, destaca a necessidade de um espaço seguro para as pessoas explorarem e expressarem sua sexualidade sem o peso das expectativas sociais, permitindo que cada um encontre e siga seu próprio caminho em termos de atração e relacionamento.

Ainda sobre o amor e seus atravessamentos, *Lélia* nos conduz no caminho trilhado por ela para compreender as nuances das intersecções raça, gênero, sexualidade e classe social, nas experiências amorosas vividas e não vividas por ela. Quando perguntei a respeito da relação entre classe social e o amor, sua articulação me chamou bastante a atenção. Primeiro uma longa pausa e suspiro preenchem o tempo e o espaço naquele momento, até que ela verbaliza o que pensa:

> Eu acho que... eu acho que... que sim e que não porque crescendo em família pobre e vendo outros relacionamentos mono-raciais de pessoas pobres que sempre foram

> casados, enfim, de pessoas que estão vivendo a vida delas, se eu falar que tipo... né. Pobre se ajeita, se encontra e tá, mas eu acho que é mais fácil quando você tem renda maior, quando você tem mais portas abertas, mais espaços para acessar, mais presentes para dar, mais coisas caras para comprar assim. Então eu acho que... tem, eu acho que o amor está em todas as classes, mas as pessoas que são de classe menor elas querem que o amor delas seja um pouco parecido ou igual a de classes superiores, só que nunca vai ser.

Lélia oferece uma perspectiva matizada sobre a intersecção entre amor e classe social. Por um lado, ela reconhece que o amor existe em todas as camadas da sociedade e que pessoas de origem humilde conseguem encontrar parcerias e cultivar relacionamentos significativos dentro de suas realidades. Isso reflete uma crença na universalidade do amor, que transcende barreiras econômicas e sociais, capaz de florescer mesmo em circunstâncias de escassez material.

Por outro lado, *Lélia* chama atenção para as facilidades que acompanham grupos que possuem uma maior renda, que podem enriquecer a experiência do amor romântico com mais oportunidades de lazer, presentes e experiências que o dinheiro pode proporcionar. Ela sugere que, embora o amor possa ser encontrado em qualquer classe social, as condições materiais têm um papel na forma como esse amor é expresso e vivenciado. A possibilidade de acessar espaços diversos, presentear e participar de atividades que requerem recursos financeiros pode criar uma experiência de amor que parece mais desejável ou valorizada socialmente.

Além disso, a fala de *Lélia* toca na aspiração de algumas pessoas de classes sociais mais baixas em simular as expressões de amor típicas das classes mais altas, cooptadas pelo capitalismo. Essa aspiração pode ser em parte alimentada pela mídia e pela cultura popular, que frequentemente glorificam as manifestações de amor associadas ao consumo e à riqueza. Podemos entender que as tentativas de replicar essas expressões de amor são muitas vezes limitadas pelas disparidades econômicas intransponíveis, o que pode gerar uma sensação de inadequação ou frustração.

Sua análise destaca que, embora o amor seja um sentimento que pode transcender a classe social, as formas como ele é vivenciado e expresso estão significativamente marcadas pelas realidades econômicas. Segundo *Lélia* o amor, pode ser o mesmo em todas as classes, mas as expectativas e pressões para que ele se assemelhe ao ideal romantizado da classe alta

podem criar desafios adicionais para aqueles em situações de menor poder aquisitivo. Sua fala a seguir deixa explicita ainda mais essa correlação feita por *Lélia*.

> Exatamente, e aí essas pessoas pobres têm muito disso de "aí o nosso amor", eu não sei, eu acho que o amor para as pessoas pobres é visto muito como uma coisa que faz as coisas funcionarem, tipo, eu só criei meus filhos com minha parceira, meu filho só vai na faculdade por causa deu e da minha parceira, ai meu marido, meu marido fez muita coisa, minha mulher me ajuda, sabe? Assim, não sei, eu acho que para as pessoas pobres o amor está ali como uma justificativa rápida para as conquistas delas, e eu acho que se elas estivessem sozinhas elas não iriam conseguir conquistar isso assim, sabe, também. Então... então isso assim, eu consigo ver o amor em todas as classes, em todas as classes não têm a classe alta e a classe baixa, ponto (risos), aí dentro da classe baixa tem várias outras classes de pessoas iludidas (risos). Não tem classe C, classe A.

A reflexão de *Lélia* sobre como o amor é percebido e vivenciado nas classes sociais mais baixas revela uma compreensão das realidades econômicas e sociais que moldam as experiências de amor e parceria. Ela sugere que, para muitas pessoas de origem humilde, o amor é visto como um elemento fundamental para a sobrevivência e o sucesso. Não é apenas uma questão de afeto ou companheirismo romântico, mas também uma força prática que ajuda a enfrentar desafios diários e alcançar objetivos conjuntos como a criação dos filhos ou o suporte mútuo para superar dificuldades financeiras.

Segundo *Lélia,* nessa perspectiva, o amor nas camadas mais pobres da sociedade é frequentemente associado à ideia de parceria e trabalho em equipe. Ele é percebido como um recurso valioso que contribui diretamente para a resiliência e a capacidade das pessoas de superarem as adversidades juntas. *Lélia* aponta que, nessas circunstâncias, o amor serve como uma "justificativa rápida para as conquistas" das pessoas, sugerindo que ele é uma parte crucial do suporte mútuo que permite a essas comunidades prosperarem apesar das limitações econômicas, impostas pelas injustiças sociais.

Além disso, *Lélia* toca na noção de que, sem o apoio de um parceiro, muitas dessas conquistas não seriam possíveis, enfatizando a importância do amor como uma rede de suporte em contextos de pobreza. Esta visão contrasta com a percepção de amor nas classes mais altas, em que as representações românticas tendem a se concentrar menos na sobrevivência e mais na realização pessoal e no capital.

Finalmente, ao mencionar "várias outras classes de pessoas iludidas" dentro da classe baixa e rir das classificações socioeconômicas, *Lélia* destaca a diversidade das experiências de vida dentro de qualquer estrato social. Ela reconhece que as categorias de classe social são multifacetadas e que as experiências individuais de amor e relacionamento podem variar significativamente, mesmo dentro do mesmo segmento econômico.

Finalizando, por enquanto, minha conversa com *Lélia,* quando já estávamos seguindo para finalizar, pedi para que se sentisse à vontade, poderia complementar sua narrativa com algo que considerava importante, mas que ainda não havia sido dito em nosso encontro. Mais uma vez o espaço foi preenchido pelos seus risos. Depois dos risos ela me diz: “Não namore pessoas brancas”, caímos no riso nesse momento. E *Lélia* seguiu dizendo:

> Não é, é que eu estou muito (risos)... esses dias um amigo me perguntou se eu tinha me arrependido e eu não tenho total certeza se eu me arrependi ou se eu tenho tantas frustrações e decepções que eu mesmo criei para mim e para ela e essas coisas se comparam ao redor de tudo sabe, essa certa. E é um relacionamento que mesmo depois de tudo que foi terminado ainda me coloca em dúvida sobre tudo, sobre todas essas decisões que eu tive sabe? E uma coisa que não só me atravessou, mas que deixa atravessada até hoje sabe, então é aquilo que eu não recomendo para ninguém, tudo que eu senti. E não é que eu não recomendo ter um relacionamento, mas é porque para mim ter esse relacionamento me custou várias coisas que eu não queria ter sentido sabe, tipo, aquela coisa... Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço né.

Sua reflexão sobre seu relacionamento passado, com uma mulher branca é marcada por uma introspecção e um reconhecimento das emoções que tal experiência despertou. Ela expressa sua incerteza sobre se seus sentimentos de arrependimento são de fato genuínos ou se são o resultado de frustrações e decepções que ela mesma construiu. Esse dilema destaca o papel crucial da autopercepção e da responsabilidade pessoal na maneira como interpretamos nossas experiências de relacionamento.

Lélia menciona que o relacionamento, mesmo após o seu término, continua a influenciar suas percepções e decisões atuais, indicando o impacto duradouro que as relações podem ter em nossa psique e no nosso entendimento sobre nós mesmos e sobre o amor. A experiência deixou marcas profundas e contribuiu para um estado de reflexão contínua sobre o amor e as escolhas feitas. Podemos pensar que, embora os relacionamentos possam terminar, as lições

aprendidas e os sentimentos experimentados podem persistir e moldar nossa visão de mundo e de futuros relacionamentos.

A conclusão de *Lélia*, em que ela aconselha cautela na experiência de relacionamentos como o que ela vivenciou, nos mostra algumas características de sua jornada pessoal de autoconhecimento e do custo emocional que alguns relacionamentos podem ter. Sua expressão "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço" demonstra uma consciência de que, embora ela possa oferecer conselhos baseados em sua própria experiência, cada indivíduo deve trilhar seu próprio caminho e aprender com suas próprias experiências.

Fechando a temática de amor, raça, gênero, sexualidade e classe social, a narrativa de *Lélia* oferece uma janela para a interseccionalidade destas identidades na formação de experiências românticas. Seu relato demonstra que o amor não é uma entidade isolada, mas é profundamente influenciado por questões sociais e pessoais, incluindo a identidade racial, o gênero, a orientação sexual e o status socioeconômico. Cada um desses elementos contribui para a maneira como experimentamos o amor e como navegamos nos relacionamentos. A partir das reflexões de *Lélia*, fica explicito que compreender essas interseções é fundamental para uma apreciação mais completa dos desafios, alegrias e complexidades do amor nas diversas camadas da experiência humana.

5.3 *Conceição Evaristo*[20]: me reconhecendo enquanto mulher negra

> *Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro (Jurandir Freire Costa,1982, p.25).*

Figura 3

Conceição Evaristo

[20] Mulher de 28 anos de idade que se autodeclara preta/parda, historiadora. Se declara bissexual apesar de não se ver ficando com homens novamente. No momento do nosso encontro estava em um relacionamento com uma mulher branca.

Conceição Evaristo (https://www.dmtpalestras.com.br/palestrante/concecao-evaristo/)

> *Meu nome é Conceição Evaristo: Tá, eu sou Conceição Evaristo, tenho 28 anos, eu fui criada pela minha mãe e pela minha avó, eu não conheci meu pai (homem negro). Minha mãe e minha avó eram brancos, bem brancos, e eu só conheci minha família materna né, que tudo bem branco também. Ai muitas questões ao longo da vida por essas relações. Fui fazer História primeiro na UFOP, depois da UFMG, e aí foi que eu fiquei mais surtada com essas questões raciais, comecei a fazer análise na época e a estudar mesmo, que era um tema que me interessava nessa época né. Aí eu comecei a estudar, a me identificar e tudo o mais, e a me reconhecer de fato enquanto mulher negra e foi isso, fiquei 5 ou 4 anos na faculdade de História, agora eu terminei o Mestrado em História também na UFMG, e eu trabalho com Educação Básica, pelo Estado. E aí nesse processo de descobrir tiveram várias relações e várias questões minhas também que fui elaborando, e agora eu estou em um relacionamento, tem 2 anos e meio, com uma mulher branca.*
>
> *Conceição Evaristo - Aquela que veio antes de mim*

Conceição Evaristo é uma das vozes literárias mais distintas e influentes do Brasil, conhecida por sua abordagem poética e poderosa na exploração das experiências afro-brasileiras, especialmente as de mulheres negras. Nascida em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais, em uma família de nove irmãos, sua trajetória é marcada por desafios e conquistas significativas.

Evaristo mudou-se para o Rio de Janeiro na adolescência, onde mais tarde concluiu o ensino superior, um feito notável considerando suas origens humildes. Ela graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e fez mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, seguido por um doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Sua dissertação de mestrado, mais tarde, transformou-se no romance "Ponciá Vicêncio", que aborda temas de memória, identidade e os efeitos da escravidão nas gerações subsequentes.

Antes de alcançar reconhecimento literário, Conceição trabalhou como professora de ensino fundamental, atividade que manteve por muitos anos. Sua carreira literária começou a ganhar destaque nos anos 90, quando suas obras passaram a ser incluídas em antologias de poesia e prosa. Ela é frequentemente associada ao grupo Quilombhoje, que tem desempenhado um papel crucial na promoção da literatura afro-brasileira desde os anos 80.

A escrita de Conceição Evaristo é profundamente enraizada na oralidade e nas tradições culturais afro-brasileiras, empregando uma linguagem que mescla o erudito e o popular. Seus romances e poemas frequentemente exploram as dimensões da violência, da discriminação, mas também da resistência e da esperança. "Becos da Memória" é outro de seus romances aclamados, que narra as histórias de uma comunidade marginalizada pela pobreza e pelo racismo.

Conceição Evaristo recebeu diversos prêmios e honrarias, e sua obra é estudada em universidades no Brasil e no exterior. Além de romances e poemas, ela também escreveu ensaios que discutem raça, gênero e classe, contribuindo com importantes reflexões para os estudos culturais e sociais.

Sua influência transcende a literatura; ela é uma figura inspiradora que simboliza a luta pela visibilidade e pelo reconhecimento das realidades afro-brasileiras, especialmente das mulheres negras. Conceição continua ativa, escrevendo, participando de eventos literários e inspirando novas gerações a contar suas próprias histórias.

Meu encontro com *Conceição* aconteceu no dia 16 de fevereiro de 2022, também pela plataforma Zoom. *Conceição* é uma mulher de 28 anos de idade que se autodeclara preta/parda, historiadora, criada por sua mãe e por sua avó materna e não conheceu seu pai. Se declara bissexual apesar de não se ver ficando com homens novamente. No momento do nosso encontro estava em um relacionamento com uma mulher branca. No primeiro momento me relata que sua família materna é composta apenas por pessoas brancas e que não conheceu sua família paterna, só sabe que ele é um homem negro. Ela que diz que foi entrando na universidade para

cursar História e que foi tomada pelas questões raciais. Reconhecer-se enquanto mulher negra foi um processo que se intensificou durante sua graduação entre 18 e 19 anos de idade. Nesse momento entendi que era importante escutar um pouco mais a respeito do seu processo de reconhecimento de sua identidade racial.

> Foi, foi na UFOP, enquanto eu estava estudando lá, que eu fiquei 1 ano na UFOP, depois eu voltei para cá e fiz o vestibular de novo para a UFMG. Foi esse período que eu estava na UFOP, principalmente que foi um momento que eu fiquei fritando muito na questão do cabelo, de estar com o cabelo liso e não querer, querer voltar para o cabelo natural e não mais lembrar mais como ele era. Aí foi muito pensando muito nessas questões que eu fui parar para refletir mesmo sobre isso. Então tem uns 10 anos.

A universidade, muitas vezes, serve como um espaço de exploração e crescimento pessoal, em se tratando de pessoas negras, o espaço acadêmico pode se tornar extremamente violento e desconfortável, já que ainda somos a minoria a circular neste espaço. Enquanto sujeitas e sujeitos em formação contínua, somos expostas a novas ideias, experiências, conhecimento etc. Para *Conceição*, foi nesse ambiente acadêmico que ela começou a refletir sobre sua identidade racial.

Isso ilustra como o contexto educacional, enquanto um espaço de produção de conhecimento, terá influências significativas na maneira como as pessoas entendem e se relacionam com sua própria raça e com a raça do outro. Especialmente no contexto brasileiro, no qual as relações raciais são tensionadas pelo processo sócio-histórico de colonização, escravização e miscigenação.

Conceição menciona que essas reflexões começaram há cerca de dez anos, indicando um processo de transformação e autoconhecimento que tem sido prolongado e, presumivelmente, contínuo. Esse processo de autoconsciência racial é um aspecto fundamental da jornada de muitas pessoas negras, envolvendo a desconstrução de normas racistas e a reafirmação de sua identidade e cultura de maneiras que valorizem sua herança e experiências vividas (Neusa Santos Souza, 2008; Kabengele Munanga, 2019).

Um ponto importante para nossa reflexão se conecta com a narrativa de *Conceição,* a dificuldade que pessoas negras, nascidas de relações interraciais, encontram no percurso de autodeclaração e autoidenticação racial. Vemos na literatura apresentada por pessoas pretas como Kabengele Munanga (2019), Neusa Santos Souza (2008) e Renato Nogueira (2021) a discussão sobre a condição das pessoas negras no Brasil em relação ao seu processo de

identificação racial, tendo como ponto de partida a miscigenação, o racismo, a construção da subjetividade etc.

O foco de *Conceição* no cabelo – sua hesitação em manter o cabelo alisado e o desejo de retornar ao cabelo natural apesar de não se lembrar exatamente de como era – simboliza um processo de reconexão com suas raízes e herança africana. O cabelo natural de pessoas negras tem sido historicamente estigmatizado e submetido a padrões de beleza eurocêntricos. A decisão de *Conceição* de reconsiderar como ela usa o cabelo reflete um questionamento mais amplo sobre sua identidade e a influência de normas sociais e raciais.

Em sua narrativa, *Conceição* nos mostra:

> Minha mãe e minha avó brancos, bem brancos, e eu só conheci minha família materna né, que tudo bem branco também. Ai muitas questões ao longo da vida por essas relações. Fui fazer História primeiro na UFOP, depois da UFMG, e aí foi que eu fiquei mais surtada com essas questões raciais, comecei a fazer análise na época e a estudar mesmo, que era um tema que me interessava nessa época né.

A narrativa de *Conceição* oferece uma perspectiva intrigante sobre a mestiçagem e como ela se relaciona com a construção da sua própria identidade racial. Sua descrição de ter uma mãe e uma avó brancas e de ser familiarizada principalmente com sua família materna "bem branca" sugere um contexto familiar onde a brancura é a norma. Esse contexto familiar pode ter influenciado significativamente a sua própria percepção de identidade racial, especialmente em um país como o Brasil, onde a mestiçagem e a diversidade das identidades raciais são questões centrais. Durante nosso encontro, enquanto gravava nossa conversa, *Conceição* pouco mencionou o pai, disse apenas que ele era um homem negro e que não o conhecia. Posteriormente, em um momento mais informal, me disse que gostaria muito de conhecê-lo para entender melhor sua história e que a única coisa que sabia é que ele morava em São Paulo.

Sua decisão de estudar História na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e depois na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e o fato de que isso a levou a uma "surtada com essas questões raciais", indica um processo de despertar e conscientização acerca da raça e da identidade. O estudo da História, especialmente em um contexto acadêmico, muitas vezes fornece uma nova compreensão das dinâmicas sociais e históricas que moldam as questões raciais

A realização de que havia questões raciais significativas a serem exploradas em sua própria vida, a ponto de buscar análise e dedicar-se ao estudo dessas questões, nos apresenta parte de sua jornada de autodescoberta, entrelaçada com a experiência da mestiçagem e a ausência de seu pai preto. Sua experiência ilustra a importância do tema e nos mostra a necessidade de discutirmos a respeito, de maneira crítica e responsável, já que se trata da vida de milhares de pessoas que se encontram neste mesmo lugar.

5.3.1 Meus relacionamentos: "o começo das minhas relações amorosas foram todos meio fracassadas".

Conceição tem muito a nos contar sobre sua inserção no mercado afetivo, suas relações anteriores e seu namoro atual (naquela época da entrevista) com uma mulher branca, relacionamento que na época do nosso encontro já havia completado dois anos e meio.

> [...] ela é mais nova que eu, 4 anos, ela tem 24, a gente se conhecia da faculdade, a gente tinha amigos em comum, e aí a gente começou a conversar mais, ela não é daqui, é de uma cidade pequena, no Sul de Minas. Na época tinha uma relação complicada com os pais, agora tem melhorado muito, tem umas questões também com faculdade, de ficar muito ansiosa e travada com relação as avaliações da faculdade, mas também de muito medo que ela tem de formar e ter que voltar para a cidade dela, que ela odeia a cidade dela muito.

> [...] ela estuda na UFMG também, ela faz Engenharia Civil, só que ela é uma pessoa muito de humanas (risos), apesar de ser da Engenharia. Aí ela tem essa relação meio problemática com os pais, mas que tem melhorado, acho que por causa da independência financeira também, que agora ela está trabalhando, e aí vira a chave né. E aí desde quando a gente começou a se relacionar foi bem tranquilo, eu era meio cética sobre relações, então ela ficou muito, acho que com medo deu sair fora a qualquer momento, e eu também, e aí a gente tentou levar isso de um jeito bem leve mesmo, e tamo aí até hoje, mas ela é ótima, ela é muito companheira, me ajuda muito com várias coisas. É isso.

Conceição nos apresenta sua namorada e um pouco da dinâmica de sua relação que se mostra conectada por uma variedade de fatores, incluindo diferenças de idade, origens

geográficas, dinâmicas familiares, desafios acadêmicos e profissionais, bem como pelas próprias inseguranças e expectativas pessoais. Inicialmente ela nos mostra algumas características importantes do seu namoro. Enquanto conversamos, pedi que me descrevesse um pouco mais sua relação pontuando como que era para ela estar naquela relação interracial.

> Ah, eu acho a nossa relação bem tranquila e a gente conversa muito sobre isso também né, eu tenho alguns medos mais referentes a família dela do que sobre ela de fato, que eu ainda não conheci, eu conheci a irmã dela que veio aqui ano passado, o irmão eu conheço pela internet e os pais dela eu não conheço, eles sabem de mim, ela falou para eles no ano passado, que foi uma grande questão a saída dela do armário, aconteceu de um jeito muito ruim, meio imposta, e ai ela evitava meio que tocar nesse assunto. E aí no ano passado ela meio que falou que estava sentindo essa necessidade, até porque ela convive muito com a minha família aqui em casa, ela está sempre aqui, que eu moro com a minha avó agora né, a minha mãe faleceu tem uns anos, então eu cuido da minha avó alguns fins de semana, quando minha tia vai sair, aí as vezes eu preciso ficar em casa e ela vem para cá.

A fala de *Conceição* sobre seu relacionamento e a dinâmica familiar de sua namorada aciona-nos o olhar para as intersecções entre orientação sexual, raça e dinâmicas familiares, presentes em sua vida e de maneira específica na sua relação amorosa. Ela descreve a relação como "bem tranquila", mas destaca que há preocupações, especialmente em relação à família de sua parceira, que ela ainda não conheceu pessoalmente.

> [...] Aí ela sentiu essa necessidade, conversou com os pais dela, com a mãe principalmente, e agora a mãe dela está falando de vir para cá, esses dias, aí eu fico meio assim, receosa de conhecer ela, porque eu acho que são dois estigmas: uma da filha dela namorar uma mulher e o outro de não ser uma mulher branca, sendo que a cidade dela é uma cidade muito branca também. Essa cidade no Sul de Minas é uma cidade muito branca.

A hesitação em conhecer a mãe de sua parceira, devido aos "dois estigmas" que ela identifica – a parceira estar em um relacionamento homossexual e o fato de *Conceição* não ser branca – aponta para as preocupações sobre como o preconceito e a discriminação podem

impactar sua relação. Isso também se apresenta em sua fala quando destaca o fato de a cidade da namorada ser "muito branca".

A saída do armário da namorada de *Conceição*, descrita como "muito ruim" e "meio imposta", mostra as dificuldades que muitas pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam ao revelar sua orientação sexual para a família, especialmente em contextos que podem não ser totalmente acolhedores ou compreensivos. As preocupações com a aceitação familiar, as nuances da orientação sexual, as questões raciais, especialmente em contextos predominantemente brancos e a dinâmica de poder dentro do relacionamento se entrelaçam, criando um cenário adverso que *Conceição* e sua namorada enfrentam juntas. Essa narrativa nos mostra que em um relacionamento interracial lésbico, os atravessamentos individuais e coletivos exercem extrema força na maneira como pares se conectam e se relacionam.

Eu me lembro daquela parte da nossa conversa. *Conceição*, com um olhar preocupado, compartilhou sua ansiedade sobre conhecer a família de sua namorada, especialmente a mãe. Aquelas palavras pesaram em mim, desencadeando uma reflexão. Enquanto observava *Conceição* fumar seu cigarro, comecei a ponderar sobre o papel intrincado que a família desempenha nas relações amorosas, especialmente quando entrelaçadas com questões raciais.

Houve um momento por exemplo que a grande questão para ela, era o fato de estar com tranças no cabelo e o quanto suas tranças acentuavam seus traços negroides e no efeito que isso teria para a mãe de sua namorada, como seria vista por ela. Essa narrativa reflete como as dinâmicas familiares podem intensificar os desafios de um relacionamento interracial.

Particularmente, comecei a pensar sobre como uma família branca, com suas nuances e preconceitos, muitas vezes inconscientes, pode afetar a relação entre duas mulheres, uma negra e outra branca, especificamente pelos atravessamentos raciais incrustados no imaginário social que colocam pessoas negras no lugar de inferioridade em relação a pessoas brancas. *Conceição* me explicou como estes atravessamentos raciais vão muito além da relação entre elas, influenciando de maneiras que muitas vezes passam despercebidas.

Posteriormente pedi que *Conceição* me contasse um pouco sobre o início da sua vida amorosa, as relações que viveu antes do seu namoro atual (naquele momento). E assim seguimos:

> Tá, o começo das minhas relações amorosas foram todos meio fracassadas, eu sofria muito porque as pessoas não queriam ficar comigo, ou queriam ficar comigo escondido, esses tipos de coisa. E aí eu comecei a ficar com o Mateus tinha 13 anos, 14, e ele tinha mais ou menos a idade, ele era um ano mais velho que eu, e a gente começou a namorar

> muito rápido. A gente já se conhecia de vista, porque ele estudava na escola de umas amigas minhas, eu fui no Mineirão com umas amigas e aí na hora de entrar no estádio, eu acho que foi a primeira vez que eu fui no Mineirão até, aí na hora de entrar no estádio eu tive que entrar com ele. Ai depois a gente ficou conversando, encontramos e ficamos e com 1 semana a gente já estava namorando em casa e tudo. Só que o rolê eu fui muito preocupada com a minha formação e eu sempre fui muito fixa do que eu queria fazer da minha vida, e ele achava tudo muito exagerado, ele queria casar com 18, 19 anos, e eu queria outras coisas para a minha vida. E aí também a família dele pesava muito nuns rolê de ter filho e tal, nessa época eu já não queria muito ter filho, eu continuo não querendo, mas nessa época eu ficava assim: hum, não. E ele era muito ciumento, aí eu me afastei de várias amizades por causa dele, por causa de ciúmes, quando a gente fez 1 ano de namoro a gente já estava meio assim, e aí eu esperei 6 meses e depois de mais uma briga eu terminei.

O encontro com *Conceição* sem dúvidas me provocou em diversos sentidos. Quando ainda na feitura do projeto discutíamos as características das interlocutoras que comporiam esta pesquisa, gênero e orientação sexual faziam muito sentido, mas eu realmente não imaginava que seria extremamente contemplada com a participação de mulheres que romperam e ainda rompem com vários padrões que circunscrevem as relações amorosas.

Conceição nos dá a oportunidade de entrarmos em contato com sua singularidade, como vimos no excerto anterior. Nos convida a ficarmos atentas em sua trajetória amorosa que intersecciona gênero, raça e classe e que moldam não somente a maneira como se relaciona com seus pares, mas na maneira como se relaciona consigo mesma.

Ao descrever suas primeiras tentativas de romance como “fracassadas”, *Conceição* utiliza um termo comum em outras esferas da vida para expressar sua percepção sobre sua inserção no mercado afetivo-sexual. Ela menciona o fracasso ligado à relutância de meninos em se relacionar publicamente com ela, contrastando com sua primeira relação formal aos 14 anos com um menino negro. Essa experiência aciona uma discussão importante sobre como muitas mulheres negras enfrentam o desafio de não serem escolhidas como parceiras públicas.

Apesar de *Conceição* relatar um namoro que começou “precocemente”, a considerar sua idade, a menção ao período em que ficou sem relacionamentos nos faz pensar sobre o lugar socialmente destinado às mulheres negras, que muitas vezes não são inseridas em nenhuma relação amorosa formal como o namoro.

Durante nossa conversa ela relata também que sua primeira relação sexual com penetração aconteceu aos 20 anos de idade, “mas das outras coisas foram muito cedo, foram 11 e 12, com esse cara muito mais velho inclusive.”

Ainda tangenciando suas relações amorosas, seguimos nossa conversa, Conceição me contou como foi a suas trajetórias de relacionamentos após o término do seu primeiro namoro formal.

> Depois dele, e a gente nem chegou a transar também, depois dele, ah depois dele eu piriguetei muito, nu, eu tinha um ficante para cada dia da semana. É... deixa eu ver, depois eu passei por um momento de abstinência sexual consciente, que eu senti que as minhas relações estavam me fazendo muito mal tanto pela forma que elas aconteciam quanto pela forma que elas me faziam sentir. E aí já estava na análise nessa época, e eu resolvi parar, e aí eu só parei, eu tinha ficado com um menino aqui perto de casa, um tempo antes, e tinha ficado me sentido mal também. E eu acho que desde a minha primeira experiência sexual assim com penetração e tudo o mais, já foi uma experiência ruim de homem não querer usar camisinha, e eu sempre surtei muito com gravidez. Ai eu só parei e fiquei pensando muito sobre isso, e de um jeito que depois eu fiquei com medo de voltar para essa mesma coisa. Mas daí quando eu voltei eu já era outra pessoa, uma pessoa muito mais que não me sentia usada nessas relações, sei lá, eu acho que foi um trabalho de inverter isso mesmo.

No contato com sua narrativa, vemos como experiências de relacionamentos estão atreladas ao seu processo de autoconhecimento. Em um primeiro momento vemos o processo de experimentação sexual, *Conceição* se permite viver as trocas sexuais que se mostraram disponíveis para ela naquele momento de vida. Posteriormente vivendo um período que ela nomeia como “abstinência sexual” de maneira consciente, como uma escolha. Esta fase foi marcada por reflexões sobre a maneira como se sentia afetada naquelas relações e a necessidade de buscar seu bem-estar emocional. *Conceição* explicita isso em sua fala, tomando para si a responsabilidade de seguir em busca de algo que fizesse mais sentido para ela. Ela inclusive menciona a importância do seu processo analítico para seu autoconhecimento.

E sua narrativa sobre suas experiências seguem:

> E antes da S. eu fiquei com outro, esse menino que eu tinha ficado antes do meu período de abstinência eu voltei a ficar com ele, ele era um menino negro, mais velho que eu, ele é tipo uns 30 anos agora, L., ele morava aqui perto de casa e era uma relação assim,

> cômoda, a gente frequentava o mesmo bar, então sempre que a gente se via a gente ficava, não necessariamente um dormia na casa do outro. Ele gostava muito de mim, tinha muita confiança em mim e tal, mas eu também sabia que ele não era apaixonado por mim e nem eu por ele, mas a gente sempre teve uma relação muito boa, assim, a gente não ficava conversando pelo telefone, nem nada, mas quando a gente se via se tivesse algum problema a gente discutia e tudo o mais. E aí eu fiquei com ele por muito tempo, fiquei com ele por uns 3 anos nessa dinâmica mesmo, até eu fui terminar com ele quando eu comecei a namorar com a S.

Neste trecho somos apresentadas às suas relações casuais, com destaque para um homem negro, mais velho que Conceição descreve como confortável, com muita confiança e que apesar de não terem um relacionamento mais profundo, era significativo.

Conceição também reflete sobre suas experiências com outros homens e posteriormente com mulheres:

> Aí tiveram mais uns outros, vários, desses mais relevantes acho que foi o M., o Luan. C. também era um homem negro, mas ele era meio malandro no sentido não de malandro, pejorativamente, mas o malandro o estereótipo de malandro, ele é... E, eu não sei, eu não sentia confiança no geral, ai eu também fui parar de ficar com ele quando eu comecei a ficar com a S., que a gente foi levando essa relação, e antes dela tiveram 2 mulheres, as duas brancas, uma que eu já conhecia de quando eu era adolescente, de amigos em comum, e ai eu comecei a ficar com ela e ela era dependente química, ai foi muito complicado para mim, essa relação foi logo de quando eu comecei a fazer análise, foi em 2013, foi um ano que estava muito difícil para mim de depressão e compulsão alimentar. Ai entrar nessa relação e já ter que lidar com uma mulher dependente química foi um ano meio difícil, ela foi para reabilitação, e quando ela foi a gente meio que terminou sem terminar. Eu tinha ficado de ir ver ela e tudo o mais, e isso foi mais para o final do ano, e quando foi o Réveillon eu liguei para os avós dela para saber como que ela tava e ela já tinha saído, da reabilitação e tal, depois ela me procurou para falar o que tinha acontecido, tentou me chamar para sair, mas aí eu não quis mais. E a outra relação que eu tive com outra mulher branca foi com a Ju, que era amiga de uma amiga minha que a gente começou a ficar, e foi ficando, e ficou o carnaval inteiro, e ela botava muita pilha de umas coisas que me assustava, de tipo, ela achava muito ruim deu não querer

> dormir na casa dela, as vezes no domingo tinha alguma coisa lá, ai as amigas dela perguntavam o porquê que eu não estava lá, e ai eu ficava meio assim: uai, é porque eu tenho minha casa né. E aí a gente foi levando, e aí ela tinha muito dessas pilhas e eu ficava me sentindo meio sufocada e pensando também que eu ia fazer algum mal para ela se eu continuasse mantendo isso, tendo em mente que eu ia fazer algum mal para ela se eu continuasse mantendo isso, tendo em mente que eu não estava com a mesma ideia que ela naquele momento.

Interessante quando ela nomeia um dos seus parceiros como "malandro", mas rapidamente explica que não o enxergava de maneira pejorativa, explicitando o motivo de usar esta terminologia. Apesar de usar um termo que geralmente é associado a homens negros, *Conceição* demonstra consciência dos estereótipos raciais que muitas vezes se apresentam em nossa linguagem cotidiana.

Conceição também relatou como foi sua primeira relação com uma mulher branca, detalhou como que esta relação coincidiu com o momento bem difícil de sua vida. Sua parceira enfrentava a luta contra a dependência química, enquanto ela lutava contra a depressão e a compulsão alimentar. Interessante como a temática saúde mental aparece em diversos momentos no nosso encontro.

Sua segunda relação com mulher branca, como ela mesmo pontua, lhe fazia sentir "pressionada" e "sufocada", principalmente pelas expectativas que sua parceira nutria pelo relacionamento. Esse contexto lhe trouxe medo de não conseguir cumprir com os requisitos da relação. Podemos ver que *Conceição* se mostrou aberta para viver suas relações, ao mesmo tempo em que também se mostrou negociando sua identidade, seus desejos e limites. Demonstrou cuidado com seu bem-estar, mas também com o bem-estar da outra pessoa, quando por exemplo acreditou que o fim do relacionamento seria melhor para a saúde de sua parceira.

Vimos o quanto que raça, gênero, orientação sexual, saúde mental e independência, interagem na dinâmica de poder e afeto. Sua narrativa nos mostra o quanto sua postura em se permitir experimentar a vida, lhe trouxe experiências ricas e diversas, contribuindo para seu processo de autoconhecimento.

5.3.2 O amor é cuidado: acho que eu chamaria muito de cuidado.

Como o amor é tema central desta pesquisa, agora vamos ver um pouco como Conceição vê e nomeia o amor. Para nós importa a percepção que nossas interlocutoras teriam do amor na sua intersecção com raça, gênero e classe. Quando perguntei a respeito da relação de amor com a cor conceição disse:

> No... ah eu acho que o amor é meio cuidado, acho que eu chamaria muito de cuidado. - Ah... porque tem, é muito nítido, principalmente considerando que eu defini o amor como cuidado, as vezes falta o cuidado para pessoas que não são brancas, destinado a essas pessoas. E aí em relação a isso, afetivas ou não.

Conceição identifica a discrepância no cuidado dispensado às pessoas com base na cor da pele, a literatura (Ana Lemos Cláudia Pacheco, 2013; bell hooks, 2020) também nos aponta que pessoas não brancas frequentemente experimentam uma ausência de cuidado em suas relações, sejam afetivas ou não.

Ao considerar o amor como cuidado, *Conceição* aponta para a ideia de que a intersecção entre amor e justiça social deve se estender equitativamente a todas as pessoas, independentemente de sua raça.

Conceição nos leva a questionar e refletir sobre as maneiras pelas quais a cor e o cuidado interagem no contexto do amor. Ela desafia a noção de que o amor é um campo de jogo nivelado, mostrando que as desigualdades raciais podem afetar profundamente como o amor é expresso e recebido. Sua fala reforça a ideia de que o amor genuíno requer um compromisso com a equidade e o reconhecimento das injustiças sociais que afetam a capacidade das pessoas de cuidar umas das outras de maneira justa e amorosa, mesmo quando as diferenças raciais, de gênero e de classe se apresentam como barreiras a serem transpostas.

Em nosso encontro, *Conceição* relata sobre como percebe o amor em relação ao gênero. Pensando em suas trajetórias de relações heterossexuais e não heterossexuais, foi interessante ouvir sua perspectiva:

> Ah... ah eu acho que no geral as pessoas acham mais fácil gostar de homens, só que assim... não é mais fácil sabe, para mim. E aí quando eu falei inclusive de não saber minha sexualidade, no momento, é que depois de 2 anos e meio em uma relação com uma mulher eu não sei se eu consigo me relacionar afetivamente com um homem mais, não sei. Aí eu tenho pensado isso. Não que eu queira, porque eu não quero terminar (risos), mas é uma coisa que eu penso, mas é uma coisa que não faz sentido na real né,

> que é mais difícil gostar de homem, mas ao mesmo tempo acho que as pessoas preferem, até os próprios homens.

A reflexão de *Conceição* sobre sua sexualidade e a facilidade de gostar de homens toca em uma questão fundamental relacionada às normas sociais e à heteronormatividade. Ao dizer que "as pessoas acham mais fácil gostar de homens", ela aponta para a pressão social que incentiva as relações heterossexuais, o que é percebido como o padrão ou a expectativa predominante em muitas culturas. Pensando no processo de colonização brasileira, em que mulheres negras eram tratadas como reprodutoras de escravizados e cuidadoras/mães dos filhos brancos de seus senhores, a lógica heteronormativa imposta aos corpos de mulheres negras e não negras está dada em nossa sociedade.

Sua perspectiva de amor em intersecção com gênero revela a profundidade das suas reflexões, que inclusive condiz com sua postura durante toda a nossa conversa. Conceição nos convida a olhar para como as normas de gênero influenciam na expectativa do amor. Sua fala nos convida a reconhecer a diversidade das experiências afetivas e a respeitar as diferentes maneiras como as pessoas compreendem e vivenciam o amor, além dos padrões heteronormativos.

Ainda nas intersecções com amor, para *Conceição* a classe também é um fator determinante. Depois que perguntei para ela a respeito, experienciamos uma longa pausa, um silêncio e um suspiro antes da sua resposta:

> [Após silêncio] ah eu acho que no sentido de, igual, eu vejo o tratamento que meus alunos recebem, que eu trabalho agora em uma escola, no Nova Gameleira, mas que meus alunos são todos do Cabana, e ai eu vejo o tratamento que eles recebem em comparação com alunos de outra escola que eu dava aula, que era na Alípio de Melo, e eu fico muito assim. Igual eu estava sofrendo sobre isso ontem, que eu tenho uma turma muito, muito difícil, e que ai as vezes quando eu fico contando os minutos para a aula com eles acabarem sabe, e ai eu fico me sentindo culpada depois, me sentindo culpada porque eu não consigo desenvolver uma atividade porque eles não deixam, e pela forma como eu me sinto com relação a eles. E eu acho que tem a ver também com o lugar de onde eles vêm e com a classe que eles ocupam, e isso que me deixa mais frustrada, porque eu queria fazer um trabalho muito doido com eles, mas ao mesmo tempo as vezes

> o jeito como eu fico, do tipo "aí acabou, agora vou embora deitar" aí eu fico culpada também, eu já me senti assim.

Já falamos sobre a perspectiva do amor para *Conceição* que se relaciona com o cuidado e com algo que extrapola a relação afetivo-sexual, isso fica ainda mais explicitado em sua fala. *Conceição* se vê confrontada com a realidade em educar crianças de classes sociais distintas, nos mostrando como que são percebidos e tratados de formas distintas por ocuparem lugares sociais diferentes. A culpa se apresenta no discurso de *Conceição* que transita entre a consciência das diferenças entre os dois grupos de alunos, ao mesmo tempo que deseja o término da aula quando está com sua turma "difícil". Não é uma tarefa fácil amar, ensinar e transgredir a norma.

Apesar das dificuldades, no contexto educacional, em que *Conceição* deseja oferecer o melhor para seus alunos, ela se depara com realidades diversas que moldam a experiência de ensino e aprendizagem. A classe social de seus alunos se torna uma barreira não só em termos de recursos e oportunidades, mas também em termos de criar um ambiente de apoio e compreensão mútua. Ela nos desafia a refletir sobre nossas próprias respostas emocionais às desigualdades sociais e a buscar maneiras de transcender essas barreiras para criar um compromisso mais igualitário e compassivo com todos, independentemente de sua origem ou classe social.

Voltando para sua relação atual, perguntei para Conceição se entre a sua família e a família de sua namorada ela também percebia diferenças de classe:

> Não, eu acho que isso é importante. Assim, ela, a mãe dela é professora, eu acho que um pouco, a mãe dela é professora, o pai dela é mecânico, eu acho que no sentido de estrutura familiar ela está mais bem amparada do que eu. Minha mãe era analfabeta, a minha avó também, as duas recebiam pensão do meu vô, e eu sou mais, assim, independente, tirando a casa, eu ganho meu salário desde quando minha mãe morreu, e eu que cuido de mim assim, e ela tem mudado assim aos poucos. Quando a gente começou a se relacionar, todo o dinheiro que ela recebia era dos pais, e agora ela tem estágio, ela trabalha, ela faz outras coisas também, ela dá aula particular, e se for pensar em nós duas a minha situação financeira é melhor que a dela, mas o conjunto familiar a minha é pior, mas também não tem uma diferença muito discrepante não, eu acho que isso é importante, eu gosto de umas coisas mais simples, de uns botecos mais copo sujo,

> de uns trem assim. E me relacionar com uma pessoa que não gostasse desses espaços ia ser meio um problema.

Interseccionando classe social e relacionamento amoroso, *Conceição* reflete sobre como as origens familiares e as condições econômicas afetam as dinâmicas de apoio e independência. Ela compara sua situação familiar e financeira com a de sua parceira, observando diferenças e semelhanças que são significativas na maneira como cada uma se relaciona com o mundo e com a relação.

Conceição descreve a família de sua parceira como tendo uma estrutura mais tradicional em termos de emprego e educação — com uma mãe professora e um pai mecânico — o que ela percebe como um tipo de segurança que difere da sua própria experiência. Ao mencionar que sua mãe era analfabeta e que ela e sua avó recebiam pensão, *Conceição* destaca sua própria trajetória de maior independência financeira e responsabilidade pessoal, adquiridas após a morte de sua mãe. *Conceição* também relata em nossa conversa como se sente afetada pela ausência da figura de seu pai. Pessoa que ela nunca conheceu, a parte negra da sua família. Em alguns momentos alternou comigo sua fala que descrevia a dor e a decepção em relação ao abandono do pai, ao mesmo tempo em que relatava seu desejo em conhecê-lo.

O discurso sobre independência é reforçado pela menção de que *Conceição* cuida de si mesma, enquanto sua parceira passou por uma transição de depender financeiramente dos pais para ganhar seu próprio dinheiro através de estágio e dar aulas particulares. Esta mudança é vista por *Conceição* como um passo positivo, sugerindo que valoriza a autonomia e a capacidade de autossustento.

Outra coisa interessante na fala de *Conceição* que podemos perceber é que ela entende que a classe social não é apenas uma medida de recursos financeiros, mas também um conjunto de práticas culturais e preferências que afetam as interações sociais e amorosas. A capacidade de compartilhar e valorizar espaços e atividades semelhantes é parte integrante da compatibilidade e da satisfação no relacionamento. *Conceição* reconhece que, embora as diferenças econômicas entre ela e sua parceira possam existir, é a capacidade de apreciar juntas as alegrias simples da vida que fortalece seu vínculo. Isso fica explícito em sua fala, quando destaca sua preferência por "coisas mais simples", como botecos simples e a importância de compartilhar esses gostos com sua parceira que indicam, para além das questões financeiras, as afinidades em termos de estilo de vida e lazer são fundamentais para a harmonia do casal.

Por último, pelo menos por enquanto, gostaria de destacar uma reflexão provocada por *Conceição*, no fim da nossa conversa. Deixei o espaço em aberto para que ela pudesse destacar algo que até então nós não havíamos conversado e ela me disse:

> Uma coisa que eu pensei e gostaria de falar é que uma coisa que eu fritei muito também, recentemente também, é que minha família toda gosta muito da S, muito, minha avó, as minhas tias. No mês passado teve casamento de uma prima, essa prima convidou a S. também e foi a primeira vez que ela esteve em uma festa da minha família e tal, e eu fiquei muito pensando que como seria essa relação se a S. não fosse branca, se eles seriam tão tranquilos assim.

Ao parar para refletir e analisar a narrativa de *Conceição* naquele momento final do nosso encontro, ficou perceptível suas perspectivas sobre interações sociais e amorosas que nos apresenta um panorama no qual, raça, gênero e aceitação familiar se entrelaçam. A preocupação de *Conceição* sobre a receptividade da sua família em relação à sua parceira S., que é branca, sugere uma conscientização das dinâmicas raciais que afetam as relações interraciais. Ela se questiona se a aceitação de sua família teria sido tão calorosa se S. não compartilhasse da mesma cor de pele, apontando para o privilégio racial que ainda permeia as estruturas sociais e familiares.

> Acho. Eu acho que as mulheres brancas com quem eu me relacionei, elas... ah não sei, eu acho que tinha um cuidado maior com essa questão do que com os homens. Tipo, eu não lembro de passar por algumas situações muito ruins igual a que eu passei com o G. com outros homens brancos de hipersexualização, de me sentir assim meio objetificada, eu não lembro de sentir isso com as mulheres brancas com quem me relacionei e nem com as mulheres negras, mas de sentir com homens brancos e até com homens negros também. Eu acho que essa é uma questão muito, a principal para mim, que foi muito disso também que me fez passar por meu período de abstinência, foi de tentar não me sentir objetificada.

Quanto às suas experiências amorosas com mulheres brancas, *Conceição* destaca um contraste significativo na maneira como ela se sentiu tratada em comparação com seus relacionamentos com homens, independente da cor. Ela fala da objetificação e hipersexualização que enfrentou em relações com homens, tanto brancos quanto negros, uma experiência que não se repetiu em seus relacionamentos com mulheres. Este contraste não

apenas sublinha as diferentes dinâmicas de poder entre gêneros, mas também enfatiza como o gênero pode interagir com raça e sexualidade para moldar de maneiras distintas as experiências de ser objeto de desejo e afeto. Fica evidente que suas experiências são marcadas por um profundo entendimento das nuances de identidade e poder.

Conceição demonstra uma percepção de como as estruturas de privilégio e preconceito afetam as relações humanas tanto dentro quanto fora do espectro amoroso. Suas histórias nos desafiam a considerar como a interseccionalidade das identidades de raça, gênero e classe influenciam não apenas quem somos e como nos vemos, mas também como somos vistos e aceitos pelos outros. Através de sua narrativa, *Conceição* articula a necessidade contínua de diálogo, empatia e reflexão crítica para navegar e transformar essas realidades em busca de um entendimento e conexão mais profundos.

5.4 *Izildinha Baptista Nogueira*[21]: sua origem e a origem do seu amor

> *Se tivessem me dado uma definição clara de amor mais cedo em minha vida, não teria levado tanto tempo para me tornar uma pessoa amorosa. Se eu tivesse compartilhado com outros uma compreensão comum do que significa amar, teria sido mais fácil cultivar o amor (bell hooks, 2021, p.53).*

Figura 4

Izildinha Baptista Nogueira

[21] Mulher de 43 anos de idade, preta, solteira, heterossexual, mãe de uma adolescente de 15 anos, psicóloga e naquele momento não se encontrava em um relacionamento afetivo-sexual interracial.

Izildinha Baptista Nogueira (https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/psicanalista-e-pesquisadora-isildinha-baptista-nogueira-abre-o-1o-semestre-letivo-de-2023-neste-sabado-4-na-sede-bras-da-sp-escola-de-teatro)

Meu nome é Izildinha Baptista Nogueira: Então, Izildinha Baptista, ... a mais velha de quatro irmãos estou com 43 anos, sou Psicóloga, tenho 15 anos de formação, de formada, e desde muito cedo, dentro do meu processo eu identifiquei isso né, a minha mãe é de pele branca, casou com meu pai que é um homem negro. E hoje eu entendo que assim a construção de amor deles, o conceito do casamento, ainda é do século passado. Então minha mãe se casou com meu pai com vinte e poucos anos, e com 25, um pouquinho antes que eu já tinha entrado na faculdade com essa idade, ela tinha 3 filhos e um casamento já dançado. Ele, o meu pai, era bonito, hoje ele está mais doentinho, ele era um morenão bonito né, e aí faz jus a todos os adjetivos né, que a sociedade bota né de homem bonito, alto, forte, sabe, assim, imponente, cheio de poder mesmo. E o casamento foi permeado por traições ne, por meu pai era muito mulherengo, ele era motorista, então sempre via essa confusão lá em casa. E quando eu chego na adolescência, ela era muito apaixonada pelo meu pai, para ela nunca foi uma questão separar do meu pai mesmo com a frequência e com a recorrência das traições. E quando eu chego na adolescência eu me lembro de um episódio: que a minha tia caçula, irmã dele por parte de pai do segundo casamento, que a minha avó paterna faleceu muito cedo, ela ficou grávida, ela tinha 20 e poucos anos, a diferença da minha tia para meu pai era de quase 15 anos. E aí ela devia ter uns 20 e poucos anos quando ela ficou grávida, e aí o meu pai bateu no namorado dela, na época, por ter engravidado a irmã dele. Eu venho de uma confusão assim, uma confusão que o meu pai tinha entrado lá com o advogado, e aí a minha tia casou com esse cara e foi um casamento também que muito tóxico e violento na época. E aí ela se separa, volta a morar com meu pai, e foi a tia que eu era mais próxima e que eu confidenciou várias coisas.

Izildinha Baptista Nogueira - Aquela que veio antes de mim

Isildinha Baptista Nogueira, nascida no ano de 1954 é mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Fez sua formação nos Ateliers de Psychanalyse, em Paris, com Radmila Zygouris, uma das fundadoras da instituição.

Em 2022, foi indicada ao Prêmio Jabuti por sua obra Cor do Inconsciente: Significações do Corpo Negro que explora as interseções entre raça, corpo e psicanálise.

É psicanalista e pesquisadora. Desde 2022 é conselheira da Adaap, Associação dos Artistas Amigos da Praça), gestora da SP Escola de Teatro.

No dia 21 de fevereiro de 2022 acontecia meu quarto encontro, agora com *Izildinha.* Também nos encontramos pela plataforma ZOOM e foi um longo bate papo. Naquele momento *Izildinha* estava com 43 anos de idade. Psicóloga, com 15 anos de formação e com muita história para nos contar.

Izildinha se declarou como preta solteira, com uma filha, heterossexual e naquele momento não se encontrava em um relacionamento afetivo-sexual inter-racial. Reside na cidade de Belo Horizonte, sendo filha de pai negro e mãe branca.

Nos contando um pedacinho de sua história de vida, *Izildinha* nos narra:

> Então, eu sou Izildinha, estou com 43 anos, sou psicóloga, tenho 15 anos de formação, de formada, e desde muito cedo, dentro do meu processo eu identifiquei isso né, a minha mãe é de pele branca, casou com meu pai que é um homem negro. E hoje eu entendo que assim a construção de amor deles, o conceito do casamento, ainda é do século passado. Então minha mãe se casou com meu pai com vinte e poucos anos, e com 25, um pouquinho antes que eu já tinha entrado na faculdade com essa idade, ela tinha 3 filhos e um casamento já dançado. Ele, o meu pai, era bonito, hoje ele está mais doentinho, ele era um morenão bonito né, e aí faz jus a todos os adjetivos né, que a sociedade bota né de homem bonito, alto, forte, sabe, assim, imponente, cheio de poder mesmo. E o casamento foi permeado por traições ne, por meu pai era muito mulherengo, ele era motorista, então sempre via essa confusão lá em casa. E quando eu chego na adolescência, ela era muito apaixonada pelo meu pai, para ela nunca foi uma questão separar do meu pai mesmo com a frequência e com a recorrência das traições. E quando eu chego na adolescência eu me lembro de um episódio: que a minha tia caçula, irmã dele por parte de pai do segundo casamento, que a minha avó paterna faleceu muito cedo, ela ficou grávida, ela tinha 20 e poucos anos, a diferença da minha tia para meu pai era de quase 15 anos. E aí ela devia ter uns 20 e poucos anos quando ela ficou grávida, e aí o meu pai bateu no namorado dela, na época, por ter engravidado a irmã dele. Eu venho de uma confusão assim, uma confusão que o meu pai tinha entrado lá com o advogado, e aí a minha tia casou com esse cara e foi um casamento também que

muito tóxico e violento na época. E aí ela se separa, volta a morar com meu pai, e foi a tia que eu era mais próxima e que eu confidenciava várias coisas. E a família do meu pai era uma família assim, sempre tinha o almoço assim, não tinha festa, mas os irmãos, filhos, maridos e esposas juntas eles davam umas 30 pessoas, então o almoço sempre foi festa, e tinha esse desconforto quando o meu pai chegava sabe, assim, meu pai sempre que mandava, tinha que comer aquilo que ele gostava, era uma coisa assim, e minha mãe nunca falou nada. E quando eu chego na adolescência eu me lembro, o que era educativo né, que eu não podia ficar grávida, eu não podia ficar grávida, não podia ficar grávida, não podia ficar grávida, sem ainda entender como era esse relacionamento afetivo, como que se ficava grávida, e à medida que minhas amigas iam ficando grávidas, assim, eu achava que se ficasse perto eu ia ficar grávida também. É, e aí a minha mãe, que tinha a 4ª série de grupo, começa a falar comigo que era importante que eu estudasse, então ela sempre veio falar que tirava notas boas, que eu lia, tinha desenvoltura, fazia trabalho, tinha muita gente na escola que queria fazer parte do meu grupo porque eu sempre fazia tudo. E aí com 17 para 18 anos eu começo a trabalhar, e aí as coisas começam a degringolar lá em casa, porque até os 17 eu só saia se eu pudesse, se meu pai me desse dinheiro e me desse a permissão. Quando eu começo a trabalhar eu já não faço isso mais né, então eu saia sexta feira para trabalhar, trabalhava o dia inteiro, e as vezes no final de semana eu ia pro sítio, eu ia passear, coisa que eu não fazia que eu sou a mais velha de 4 irmãos né. Então assim a gente comprava as coisas assim, no período escolar, um tênis um pouco maior para durar o ano inteiro porque meu pai não tinha condições de ficar comprando muitos tênis. E quando eu começo a trabalhar isso muda, e aí meu pai vira o meu carrasco, porque ele me proibia de sair, mas ele não tinha mais controle, eu tinha dinheiro, e aí eu lembro que uma vez ele trocou a chave, o segredo da fechadura do apartamento que a gente trocava para eu não entrar, porque ele já tinha falado para eu não sair e eu saí e não voltei. E aí quando eu cheguei a minha mãe estava desesperada, que ele não deixava eu entrar, que se eu entrasse eu ia apanhar, aquela confusão. E aí ele fala comigo que era para eu voltar a estudar, ou eu estudava ou eu ajudava em casa, e aí eu achei aquilo tão sem cabimento, aí eu falei “então ta bom, eu vou estudar”, depois de muitas brigas, muitas discussões, se eu chegasse de madrugada ele não me deixava dormir, uma confusão.

A narrativa de *Izildinha* sobre sua família e suas experiências pessoais fornece um exemplo vívido das dinâmicas familiares interraciais e dos papeis de gênero, experimentados por nossa interlocutora. Sua descrição do casamento de seus pais, que ela considera ainda estar ancorado em concepções do século passado, ilustra as tensões entre as normas tradicionais e as expectativas contemporâneas, muitas vezes subjacentes nas relações afetivas-sexuais.

O fato de sua mãe, uma mulher branca, ter se casado jovem com seu pai, um homem negro, e ter tido três filhos em uma relação marcada por traições, aponta para as dinâmicas de poder e identidade dentro de um casamento interracial. O comportamento de seu pai, descrito como mulherengo e dominador, reflete as normas de masculinidade que muitas vezes são impostas aos homens negros, enquanto a mãe de *Izildinha* permaneceu na relação apesar das infidelidades. O que nos chama à reflexão a respeito do comportamento das mulheres que muitas das vezes, aderem às expectativas tradicionais do papel do gênero feminino no modelo tradicional de casamento.

Suas experiências na adolescência, incluindo as advertências constantes contra a gravidez e as instruções para focar nos estudos, mostram como as normas de gênero e as expectativas em relação às jovens mulheres são moldadas por preocupações com a reputação e o futuro. A ênfase de sua mãe na importância da educação chama a atenção. Um reconhecimento de que o sucesso e a independência podem ser alcançados através dos estudos, contrário aos desafios que ela própria enfrentou durante sua trajetória de vida.

Seu relato sobre a transição para a vida profissional e a independência financeira marca um ponto de virada significativo em sua vida e na dinâmica com seu pai. O esforço de seu pai para controlar suas ações, até o ponto de mudar a fechadura da casa, evidencia um conflito entre a busca por autonomia de *Izildinha* e as tentativas do pai de manter o controle tradicional sobre a filha. Essa tensão reflete as lutas mais amplas que muitas mulheres enfrentam ao desafiar as estruturas patriarcais e buscar sua própria independência.

Pensando a história de vida de *Izildinha* e pensando o contexto de amor na perspectiva interseccional e em relações interraciais no qual esta pesquisa se propõe, podemos destacar a interação entre raça, gênero e classe na formação de sua identidade e nas experiências dentro de sua família. Suas experiências pessoais nos mostram as múltiplas camadas que surgem na interseção dessas identidades, revelando como as normas sociais e familiares moldam e às vezes restringem as trajetórias de vida das pessoas, principalmente quando se trata de famílias interraciais.

Izildinha nasce em uma família em que muitas e muitos de nós no Brasil também nascemos. Que o Brasil é um país miscigenado, já sabemos. Que as culturas indígenas,

portuguesas e africanas resultaram no que nos tornamos hoje também já sabemos, mas será que compreendemos verdadeiramente o que isso resultou enquanto subjetividades, pertencimentos e vivências individuais e coletivas de povos tão distintos?

A seguir podemos entender melhor essa dinâmica na fala da própria *Izildinha:* ser filha de um casal interracial, composto por um homem negro e uma mulher branca se apresenta como um grande desafio para que a filha encontre no mundo seu lugar, sua raça, seu espaço.

> Aí eu fiz um curso pré-vestibular e fiz, e aí eu tentei entrar na Federal e fui passar na PUC. Ai eu começo com uma outra construção que é a identificação, né de uma outra... jovens, negras, periféricas, e aí a falar desse lugar de resistência mesmo, né, porque a gente tinha que repetir uma história que a gente já sabia que não dava certo, que eu falava com os meus pais que o casamento dos meus pais tinha dançado mesmo. Bem como das minhas tias né, dessa tia por exemplo, que era a mais próxima né, que casou, o marido dela era muito agressivo, ela separou, e separou com o menino, e aí uma confusão. E aí eu percebo que lá na minha família era tudo muito público, o povo discutia essas coisas na mesa do almoço no domingo, sabe? E isso começou a me incomodar. Eu concluo a faculdade, ainda com muitos perrengues né, que eu trabalhava para pagar a faculdade e era uma confusão, e dentro do movimento da juventude negra e do favelado, eu começo com algumas relações, né, afrocentradas, que eu tinha certeza assim que era aquilo que me correspondia, mas tive muitas decepções também né.

Construir uma identidade racializada, em um país que vende e cultua o mito da democracia racial e não se reconhece enquanto um país racista é uma tarefa arriscada principalmente quando estamos falando de pessoas negras nascidas de relacionamentos interraciais entre pessoas brancas e negras.

A narrativa de *Izildinha* revela a progressão de sua consciência sobre sua identidade racial e social, e como isso influenciou suas escolhas e experiências de vida. A menção ao curso pré-vestibular e à entrada na PUC (Pontifícia Universidade Católica) marca o início de um novo capítulo em sua vida, momento em que ela começa a se envolver mais profundamente com questões de raça, classe e resistência.

Ela fala sobre a identificação com outras jovens negras e periféricas, mencionando a importância de falar "desse lugar de resistência". O que nos aponta para a conscientização sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas negras e de baixa renda, e a necessidade de desafiar as histórias e trajetórias predefinidas. Ela reconhece que seguir os caminhos tradicionais, como

o casamento de seus pais e de suas tias, muitas vezes marcados por relacionamentos problemáticos e abusivos, não era o que desejava para si. O que também nos leva a refletir sobre a importância dos modelos de relacionamentos que podem ser seguidos e afirmados ou refutados para a criação de outras perspectivas que estejam de acordo com o desejo individual.

Izildinha destaca que as questões familiares eram discutidas abertamente durante os almoços de domingo, o que começou a incomodá-la. Isso aponta para uma certa transparência dentro de sua família para as discussões sobre problemas pessoais, mas também revela seu desejo de buscar um caminho diferente que tangencia mais autonomia e liberdade pessoal.

Concluir a faculdade apesar dos "muitos perrengues" de trabalhar para pagar a instituição, representa uma conquista significativa para sua vida, reforçando seu compromisso com a educação como um meio de mudança e empoderamento. Sua participação no movimento da juventude negra e favelada e nas relações afrocentradas nos aponta na direção da importância de sua identificação com a comunidade negra e um desejo de explorar relações que refletissem sua identidade e valores.

No entanto, ela também menciona "muitas decepções", nos afirma que suas experiências nesses espaços e relacionamentos nem sempre atenderam às suas expectativas ou necessidades. Isso nos mostra o quanto as relações íntimas afetivas, mesmo em ambientes coletivos de vivência comunitária de identidade enfrentam desafios, embora compartilhem certas identidades e experiências, podem ter diferentes perspectivas, objetivos e dinâmicas internas.

Sua jornada, conforme narrada nesta parte da entrevista, ilustra a interseção de questões de raça, classe e gênero em sua vida. Ela busca ativamente resistir aos padrões e expectativas impostos pela sociedade e por sua própria família, buscando construir um caminho que seja autêntico e significativo para ela, mesmo diante de desafios e decepções.

Ainda sobre sua vida e sobre como viveu seu primeiro romance com um homem branco, *Izildinha* segue com sua narrativa:

> E aí quando eu estava com 27 para 28 anos eu conheço o pai da minha filhinha, eu já conhecia quando a gente tinha morado no mesmo bairro, e depois a gente se reencontra, ele é um cara branco, e aí vem com toda aquela coisa do amor romântico, estabelecido ainda na adolescência, a gente se envolve e aí eu tenho uma filha com ele. Mas também aí só depois, dentro desse relacionamento com ele eu percebo que eu não era respeitada, hoje eu já fiz a transição né, mas na época eu era doida para fazer a transição e ele gostava mais do cabelo escovado, quando eu engordei em alguns momentos com ele, ele gostava mais da minha cintura quando era mais fininha, tinha essa coisa muito do

objeto, do fetiche sexual, hoje eu entendo mais isso. E aí vem a M. C. e todos os outros problemas, né, assim, quando a M. C. chega também era a primeira filha dele, mas começam várias coisas, do tipo: ele não queria que ela estudasse na escola que era uma escola muito, é, era muito simples a escola, e ele queria que ela se relacionasse com outras pessoas, e isso começou a me incomodar até que o casamento veio ao fim. E ai eu consigo entender que em nome do amor romântico, vinculado, está ai nas propagandas, das novelas e etc., eu ainda não tinha encontrado essa representação, sabe, mas na relação com ele eu também entendo que como uma mulher negra, bonita, gostosa, com todos esses apetrechos assim, eu era apresentada como um troféu, e era um lugar também que eu não tinha percebido ou vivido nas relações afrocentradas que tive sabe, eu era mais uma namorada, eu era mais uma , eu era aquela menina, eu era aquela peguete, sabe. Mas eram relações que eu não precisava ficar explicando do meu cabelo, por exemplo, sabe? Porque que eu gostava de ficar usando uma roupa colorida, porque até isso também, depois dos tombos que eu percebi né, assim, os tons das minhas roupas foram ficando cinzas dentro desse relacionamento sabe? Porque o amarelo era muito cheguei, o verde com vermelho era muito florido, era destacado, e aí eu fui me moldando nesse relacionamento que era quase cópia e cola do relacionamento dos meus pais, que foi quando a gente se separou e aí veio todos os outros problemas. Mas para mim, assim, quando eu vi o título da sua pesquisa, me interessou que ainda no relacionamento que, é, afrocentrado, que eu posso dizer assim, a gente ainda não tem espaço, a gente molda ainda sim o que o olhar branco quer dar gente né. Passou pelo meu cabelo, passou pela cor do batom que eu usava, passou pela roupa que eu usava, sabe, ainda não era eu, então isso mexeu muito comigo, que foi quando o relacionamento acabou. E eu acho que é isso (risos), respondi?

A narrativa de *Izildinha* sobre seu relacionamento com o pai de sua filha oferece uma perspectiva crítica sobre as interseções de raça, gênero e amor romântico especialmente no contexto de um relacionamento interracial. Ela descreve inicialmente o relacionamento como envolto no "amor romântico" tradicional, mas com o tempo começa a perceber formas de desrespeito e objetificação dentro da relação.

Ela ressalta que seu parceiro, sendo branco, tinha preferências específicas sobre sua aparência, como o cabelo alisado e a cintura fina. Esses aspectos revelam a problemática da

objetificação e do fetiche sexual que afeta especialmente as mulheres negras em relacionamentos interraciais. A literatura nos mostra que as mulheres nascidas das relações entre homens brancos e mulheres negras foram historicamente tratadas como carne a ser consumida, objetos sexuais que se aproximavam mais da brancura do que da negritude e, por isso, eram mais aceitas como objetos de desejo. Essa discussão é aprofundada em minha dissertação de mestrado[22].

A chegada de sua filha, M. C, trouxe novas tensões, particularmente em relação às expectativas de seu parceiro sobre educação e socialização e com isso traz para Izildinha um sentimento de incômodo pelas questões que se apresentam como no fato de o pai de M. C.: *"[...]não queria que ela estudasse na escola que era uma escola muito, é, era muito simples a escola, e ele queria que ela se relacionasse com outras pessoas".*

Izildinha também compara esse relacionamento com suas experiências anteriores em relações afrocentradas, notando uma diferença significativa na maneira como era vista e tratada. Nas relações afrocentradas ela se sentia mais como uma parceira igual, sem a necessidade de explicar ou justificar aspectos de sua identidade racial, como seu cabelo ou preferências de vestuário.

A mudança na cor de suas roupas e a adaptação a um padrão que não refletia sua verdadeira identidade são simbólicas da perda de autonomia e do esforço de conformidade dentro do relacionamento interracial, ser aceita pelo par branco. Ela reconhece que, de maneira semelhante ao casamento de seus pais, moldou-se para se encaixar nas expectativas de seu parceiro, um processo que acabou por desencadear o fim do casamento.

Izildinha conclui sua reflexão reconhecendo que, mesmo em relações afrocentradas, ainda há uma luta para manter a autenticidade e resistir às expectativas moldadas pela sociedade dominante reconhecendo o papel do modelo de amor romântico nas vivências amorosas. Seu relato sublinha como as questões de raça, gênero e padrões de beleza se entrelaçam de maneiras que podem restringir a expressão do amor e os desafios que podem surgir nesta dinâmica. Em sua narrativa, ela desafia a perspectiva de amor romântico tradicional e destaca a importância

[22]No ano de 2017 defendi minha dissertação sob o título: As "mulatas de Di Cavalcanti", neste trabalho discuto o quanto o termo "mulata" foi difundido na história do nosso país principalmente através da arte/ cultura e os efeitos dessa difusão para a vida de mulheres negras nascidas de relacionamentos inter raciais entre pessoas brancas e negras.

Disponível para ser acesso em:
https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32308/1/Andrea%20Regine%20Marques%20Chamon.pdf

de reconhecer e confrontar as dinâmicas de poder que podem estar presentes em relações amorosas, especialmente aquelas que cruzam as fronteiras raciais.

5.4.1 Izildinha e seu par branco

Minha conversa com Izildinha seguia um fluxo rápido diante da sua facilidade em narrar para mim a história de sua vida. Considerei importante avançar um pouco mais com ela no entendimento da importância daquela relação em sua vida. Ainda não havíamos entrado diretamente na temática do amor, mas sua narrativa a respeito do relacionamento com o pai de sua filha, um homem branco, nos traz muitas questões importantes que não poderia deixar de apresentar a vocês, então segue sua fala:

> Então, era um cara muito legal, muito bacana, inclusive se você ver você vai falar "é um cara muito bacana, legal, pena que não dê para..." Então tinha muito disponibilidade quando a gente começou a se relacionar, muito afetivo, muito amoroso, gostava de uns programas que eu também gostava então a gente assistia filme, né, ainda não tinha essa coisa de maratonar né, a gente assistia filme em DVD. Então tinha o programinha no sábado à tarde, tinha o programa do domingo de tardezinha, de noite, era uma coisa bacana. Mas eu vi também um movimento de quanto mais a gente, o tempo foi passando, assim, com um ano de namoro a gente fazia determinados programas, sábado à noite a gente saia para encontrar os amigos. Depois isso foi parando de sair para encontrar os amigos, depois eu fui ganhando cada vez mais presentes de sex shop, depois eu fui cada vez menos vendo filmes, a gente já não via filme, a gente transava três vezes no dia, três vezes na noite e ai eu fui me dando conta, e ai quando eu começo a me dar conta disso, isso começa a me machucar, acho que ele não olhava para mim, para a *Izildinha*, ele olhava para uma noite de sexo fenomenal que muitas vezes, que hoje eu consigo ver também, que estava só na cabeça dele, sabe? Então tinha uma coisa, a gente ainda idealiza né, um relacionamento convencional, com fetiche, com a imagem que as pessoas têm da preta que ainda é boa de cama, eu acho que isso ficou muito marcado para mim nesse relacionamento.

A narrativa de Izildinha sobre seu relacionamento revela uma evolução nas dinâmicas do casal que reflete problemas comuns em muitas relações, especialmente aquelas marcadas

por estereótipos raciais e de gênero. Inicialmente, ela descreve o parceiro como "muito legal, muito bacana", indicando que o relacionamento começou de forma positiva, com ambos compartilhando interesses e desfrutando de atividades juntos, como assistir a filmes em DVD e passar tempo juntos nos fins de semana. No entanto, com o passar do tempo, *Izildinha* observa uma mudança significativa no comportamento do parceiro e na natureza do relacionamento. As atividades compartilhadas, que antes incluíam sair com amigos e assistir a filmes, começaram a diminuir, sendo substituídas por um aumento no número de presentes de sex shop e uma maior ênfase no sexo.

Izildinha expressa desconforto com essa mudança, sentindo-se cada vez mais como um objeto de desejo sexual em vez de uma parceira valorizada pelo que ela é. Ela percebe que o parceiro não a via como "*Izildinha*", mas sim como um meio para realizar fantasias sexuais, muitas vezes baseadas apenas em suas próprias percepções e desejos. Esse reconhecimento é doloroso para *Izildinha*, pois revela uma desconexão entre como ela se vê e como é vista pelo parceiro. Pude sentir em sua fala, na sua gesticulação e principalmente em seu olhar, o quanto aqueles fatos narrados lhe faziam acessar sua dor.

Ela também identifica a influência de estereótipos raciais em seu relacionamento, particularmente a imagem da mulher negra como "boa de cama". *Izildinha* sente que esse estereótipo influenciou a forma como seu parceiro a via e interagia com ela, reduzindo-a a um fetiche sexual em vez de uma parceira de vida. Esse aspecto do relacionamento é especialmente problemático pois não apenas desvaloriza a identidade e a individualidade de *Izildinha,* mas também reforça estereótipos raciais e de gênero que objetifica corpos negros desde o Brasil Colônia até os dias atuais.

Em resumo, a experiência de *Izildinha* com esse relacionamento destaca os desafios enfrentados pelas mulheres negras em relações interraciais no qual estereótipos raciais e de gênero podem moldar as expectativas e comportamentos de seus parceiros de maneira negativa. A história de *Izildinha* é um lembrete poderoso da importância de reconhecer e desafiar tais estereótipos. Nos atenta também para que possamos pensar nas dificuldades que estes estereótipos criam para que as pessoas se sintam verdadeiramente amadas e respeitadas em suas relações amorosas.

> Que ai muda também consideravelmente, radicalmente, com a chegada da M. C, M. C. mamou até um ano de idade, então, e eu trabalhava, então quando, quando o sexo começou a mudar, né, e eu entendia que era uma coisa do tipo, do amadurecimento do casal, né, para mim isso era uma coisa que era natural, assim, principalmente porque a

> gente pensava, assim, não, ele pensava em ter mais filhos, para mim era uma coisa que ia saindo dessa coisa doida, né, assim de você querer transar de manhã, de tarde e de noite. Mas essa ideia ainda estava, era muito presente para ele sabe, depois eu fui me dando conta que ele gostava de falar isso assim sabe, de o quanto que ele não tinha problema da mulher dele para transar com ele, mas ele gostava de sexo demais. Então eu vi isso 1 vez, eu ouvi 2, eu ouvi 3, eu ouvi 4, e aí isso começou a a não... eu acho que quanto mais ele falava menos eu estava né, menos o sexo para mim era atrativo sabe.

A narrativa de *Izildinha* sobre as mudanças no relacionamento após o nascimento de sua filha, M.C., destaca as tensões frequentes que podem surgir em relações amorosas em torno da sexualidade especialmente após eventos significativos como a maternidade. Ela relata uma mudança na frequência e na natureza do sexo com seu parceiro, o que ela inicialmente interpreta como uma evolução natural do relacionamento. A ideia de que o desejo sexual diminuirá ou mudará com o tempo, particularmente após o nascimento de uma (um) filha (o) é comum e muitas vezes esperada levando em consideração todas as mudanças corporais, hormonais e mentais que uma mulher vivencia no período do puerpério. No entanto, a percepção de seu parceiro sobre essa mudança parece ser diferente. Ele expressa repetidamente seu alto interesse por sexo, o que começa a criar um desconforto para *Izildinha*.

O fato de *Izildinha* ter amamentado até sua filha completar um ano e estar trabalhando implica que ela estava lidando com as demandas da maternidade e da vida profissional o que pode afetar a libido e a energia disponível para atividades sexuais. A ênfase contínua do parceiro no sexo, ao ponto de se gabar sobre a disponibilidade da sua parceira para sua satisfação sexual, chama a atenção para pontos importantes que já foram discutidos anteriormente, principalmente como que muitas vezes, mulheres negras são tratadas como objeto de satisfação do homem branco.

> E aí, a gente tem mais ou menos a mesma idade, tinha né, eu nunca sei por que é tão passado para mim né, que para mim é como se tivesse morrido (risos), eu não lembro mais ou menos a idade eu estava com 20 e poucos, 27, ele devia estar com 31, mais ou menos, eu sei que era mais ou menos a mesma idade. E aí ele falava disso, de quanto era ótimo, de quando tinha muito tinha demais, tinha que sempre, as vezes depois de amamentar três vezes na madrugada eu queria era dormir. E foi... eu desmamei M. C. com 1 ano, porque eu já estava cansada mesmo da rotina, que eu sempre tive muito leite então ela sempre mamou muito, ela sempre foi cheinha, então quando eu fui para o

> trabalho, quando eu voltei a trabalhar, que ela tinha 5 meses, a Pediatra dela ela era aquela Pediatra adepta a amamentação condicional, ai ela falou: oh mãe ela vai crescer e tal, mas você tem muito leite né, assim, se você conseguir. Mas assim, ela ficava o dia inteiro na escola, e comia bem, alimentava conforme o peso, mas depois que a gente chegava em casa ela mamava de duas em duas horas, e eu tinha leite, eu tinha febre porque passava o dia inteiro sem amamentar e o peito enchia muito. Então eu colocava a bombinha, eu tirava o leite, jogava o leite fora, trocava de blusa porque a minha blusa ficava... eu me sentia uma vaca leitera. E aí ela mamava 7 da noite, mamava 9, mamava 11, mamava 2 horas da manhã, mamava 3h, mamava 4h, 3 horas eu dava ela peito, trocava ela e deixava ela dar uma cochiladinha para eu tomar banho, e ajeitar as coisas para eu trabalhar. E ai nesse momento as cobranças aumentam, e ai eu vejo ele mudando muito, e ai o casamento já não fica bom, e ai já começam as cobranças, ai ele começa a me cobrar né, porque já não tinha mais a libido que eu tinha, podia estar com algum problema, porque isso não era uma coisa normal né, na minha idade, que não sei o que, e eu só pensava o quanto de coisa que eu tinha que fazer, tirar peito, preparar as coisas, fazer bolsa para levar para a escola, quando a menina tinha febre, e era uma confusão. E aí a M. C. devia estar com 3 para 4 anos quando a gente se separou, porque aí ele começa a se envolver com outras pessoas né, e aí eu vejo aquilo se repetir, e eu me dei conta que ele não era nem um terço bonito de como meu pai era bonito, então. Ele era simpático, ele era gentil, era atencioso, um superpai, mas, né, a cozinha era eu que arrumava, a comida era eu que fazia, a roupa era eu que lavava, e aí eu falei "não, eu não vou mais repetir a história da minha mãe". E aí quando eu depois trabalhando com mulheres é muito legal né, a gente aprende, aí depois a gente separa da pessoa que a gente conhece ela de verdade né (risos).

Nossa interlocutora *Izildinha* descreve um cenário em que, apesar de inicialmente parecer um parceiro atencioso, o marido falha em compreender e empatizar com as demandas físicas e emocionais que enfrentava como mãe recém-nascida. Relata que, enquanto cuidava intensamente da filha, M.C., especialmente durante o período de amamentação, o marido continuava a ter expectativas sexuais altas. Esta desconexão entre as realidades de *Izildinha*, que estava exausta e sobrecarregada, e os desejos do marido, revela um desequilíbrio nas responsabilidades parentais e domésticas, bem como uma falta de sensibilidade às necessidades e ao bem-estar de *Izildinha*.

O detalhe de *Izildinha* se sentindo "como uma vaca leitera" é particularmente impactante, pois ilustra a objetificação e a desumanização que ela sentia. Sua descrição da rotina de amamentação e de cuidados com a filha em contraste com a falta de apoio e compreensão do marido, demonstra a carga desproporcional que muitas mulheres enfrentam em cuidar de filhos e gerenciar a casa, as múltiplas jornadas de trabalho que muitas de nós assumimos no cotidiano sem que nossa jornada seja sequer contabilizada como trabalho remunerado.

Izildinha associa a separação à sua escolha de não reproduzir a história de sua mãe: “não, eu não vou mais repetir a história da minha mãe”. Demonstra o seu desejo de romper com um ciclo de relacionamentos que ela identifica insatisfatórios e desiguais (em alguns momentos da nossa conversa ela menciona a história da vida amorosa de sua mãe com seu pai, as traições e a maneira como a relação de seus pais a afetava. Ela demonstra, rejeitar de maneira consciente os padrões de relacionamento que ela observou em sua família, estabelecendo para si mesma outros caminhos a serem seguidos em sua trajetória.

É importante destacar que seu relato sobre o relacionamento com seu ex-companheiro mostrou-se em vários momentos como algo que lhe trazia muitas emoções, depois de afirmar que não gostaria de seguir os passos de sua mãe em suas relações afetivas, Izildinha segue contando um pouco mais sobre sua história com “o pai da minha filha”:

> [...] quando eu descobri a primeira traição a gente se separou, mas a Maria era muito pequena, e aí ele volta né choroso, dizendo que estava arrependido, queria voltar e que era a mulher da vida dele, cheia de promessas. Eu estava tão esgotada, emocional e fisicamente que eu aceito aquela condição naquele momento. E aí quando aquela coisa vai se repetindo eu vou tendo cada vez mais certeza que não é o que eu quero para mim, não queria continuar com aquele relacionamento. E aí ele se envolve com uma outra pessoa e resolve sair de casa, e aí eu, como eu já não tinha mais, ela tava um pouquinho maior, ela andava, quando da primeira vez ela nem andava ainda, então era colo mesmo, colo, boca, colo, bolsa ônibus, e para mim era desesperador. E aí quando ela estava um pouquinho mais autônoma, já tinha saído da fralda, já dormia a noite toda, ele falou “ah desse jeito eu não gosto, eu acho que não vai dar certo”, eu falei “ótimo, então você pode pegar as suas coisas e ir embora”. E para mim estava resolvido, e aí quando as coisas começam a complicar quando a gente começa com a visitação né, que ele tem direito a visitar a M. C. a cada 15 dias, e aí esse espaço vira um espaço de cobrança, de tentativa de controle na verdade. Ele quer pegar a M. C., mas ele quer pegar a M. C. no sábado 6h da tarde, e quer me entregar no domingo meio-dia, e aí eu falei que ele não

> ia fazer isso, que ou ele pegava de manhã e me entregava de noite ou ele não pegava. Ai assim fez várias ameaças né, ele foi uma vez atrás de mim, ai noh, foi desesperador, e eu estava chegando em casa, mas eu não enxergo, a minha visão é muito ruim, eu estava saindo em um sábado à noite e ai ele me ligou e falou assim "você está em casa?" e eu falei "não, por quê?", ai ele falou "não, é que eu queria ver a M.", ai eu falei "mas oh hoje não é seu dia, eu não estou em casa e amanhã na hora que eu estiver em casa eu te ligo". Ai começou a perguntar se eu estava em casa, onde é que eu estou, que queria ver a M. C., que não sei o que, e ai a gente tinha terminado de pedir alguma coisa para comer e eu resolvi vir embora, estava a gente com os amigos, e ai quando eu chego na rua da minha casa ele estava na esquina me esperando, só que eu não vi que era ele, eu só abri o portão e entrei e fui e vi que era ele, daí ele começou a gritar onde que eu estava com a M. C., que eu estava bebendo na rua, que não sei o que. E aí eu fico mais assustada, M. C. também fica muito assustada, e foi naquele momento que eu resolvi fazer de uma maneira oficial, jurídica mesmo, para regularizar visita e pensão né, porque não dava para discutir com ele. E daí para lá eu vim tendo muitos problemas, muitos, e ai eu fui combinar com ele de entregar a M. C. às 6h do domingo e ele chega meio dia e começa a me ligar, aonde que eu estou, aonde que eu estou, o que eu estou fazendo, quando que eu vou voltar, eu mudei de Belo Horizonte, hoje eu moro em Vespasiano, eu mudei de Belo Horizonte para Vespasiano assim no fim de semana, que ela estava comigo, para ele não saber para onde que eu estava indo, e ele foi atrás de mim, descobriu onde que eu morava.

A narrativa de *Izildinha* detalha o processo de dissolução de seu relacionamento após o nascimento de sua filha, M.C., e as subsequentes questões de custódia e visitação. Ela menciona uma tentativa de reconciliação após descobrir uma infidelidade por parte de seu parceiro, que se mostra arrependido e deseja reatar o relacionamento. Apesar da tentativa inicial de reatar por sentir-se emocional e fisicamente esgotada, Izildinha eventualmente conclui que o relacionamento não atende às suas expectativas ou necessidades.

O parceiro de *Izildinha* manifesta o desejo de manter o relacionamento, mas repete padrões de comportamento que já haviam causado problemas anteriormente. Com o tempo, a dinâmica entre Izildinha e seu parceiro sofre mudanças, especialmente após o nascimento de M.C., que impactam a frequência e a natureza de suas interações.

A questão da visitação de M.C. torna-se um ponto de tensão com o ex-parceiro de Izildinha utilizando as visitas como uma oportunidade para exercer controle e influência sobre

Izildinha, incluindo tentativas de ditar os horários das visitas de forma que interfiram em sua rotina e autonomia.

Izildinha opta por tomar medidas legais para estabelecer formalmente os termos de visitação e pensão, uma decisão motivada por episódios de comportamento intrusivo por parte de seu ex-parceiro, incluindo um incidente em que ele a espera fora de sua casa. Essa abordagem legal visa proteger os direitos e o bem-estar tanto de *Izildinha* quanto de M.C. *Izildinha* me disse que a mudança de cidade era uma maneira que encontrou para tentar criar uma barreira física e emocional entre ela e o ex-parceiro, em busca de um ambiente mais seguro para si e sua filha.

Este relato destaca as dificuldades envolvidas na gestão da co-parentalidade após o término de um relacionamento, especialmente em situações que envolvem tentativas de um dos parceiros de manter controle ou influência sobre o outro. Sua narrativa também reflete sobre as medidas que indivíduos podem sentir-se compelidos a tomar para assegurar sua segurança e bem-estar e o de seus filhos após a separação. Sendo o Brasil um país em que as mulheres, muitas vezes sofrem feminicídio por terminarem seus relacionamentos, podemos entender a preocupação de *Izildinha* em buscar segurança distante do seu ex.

Enquanto narrava estas situações, se emocionava e por vezes foi necessário pausar para que ela conseguisse seguir com maior tranquilidade, era perceptível o quanto ela havia sofrido com todo o processo de sua relação. Fui comovida em diversos momentos com seu relato, pensava o quanto que términos de relacionamentos podem ser extremamente dolorosos e o quanto eu me identificava com o seu relato, enquanto uma mulher negra que também vivenciou violências em um término de relacionamento com um homem branco. Enquanto pesquisadora não consegui me distanciar nesse momento, estava naquele encontro com *Izildinha* imersa em sua história de vida.

E nossa interlocutora seguiu narrando sua história de vida, especificamente sobre os desafios que enfrentou com a separação:

> Até que no ano passado, 2020? O ano da Pandemia?
>
> Depois de muita briga também eu falei com ele: então você pode levar a M. C. e você cuida dela e eu pego ela a cada 15 dias. E ai ele achou que eu não ia ter coragem de fazer isso, ai ele veio e buscou para a visita e eu não voltei para casa, e ai ele começou a me ligar, para Conselho Tutelar, me denunciar, que eu não tinha recebido a M.C., e ai quando o Conselheiro Tutelar me ligou eu falei: olha, ela não está em risco, ela não está

> na zona, ela não está sendo abusada, ela não está dentro do bar, ela está com o pai dela, estando com o pai dela ela está em segurança igual está comigo, então eu não vou voltar para casa, eu não vou voltar nunca mais se eu não quiser, e eu vou entrar em contato com a minha advogada e a gente vai regularizar a mudança de domicílio fixo. Eu achei que eu estava livre de problemas, quando eu vi tinha outros problemas. Ai por um período a gente, eu consegui buscar minha filha, a cada 15 dias eu passava o final de semana com ela, era ótimo, levava ela no domingo, mas ai ela começou a ter problemas com a mulher dele, ai ela quando ela começa a ter problemas com a mulher dele ele, né, pede arrego, e fala: olha, não dá mesmo, a M.C. vai ficar com você e tal, não é porque ela precisa de referência, sabe, inclusive eu vou te ajudar mais financeiramente. Primeiro que eu já não acredito mais nisso né, então ela volta a morar comigo, não desfiz de nada dela, nem do quarto, nem das coisas dela que tinha aqui, mas ai começa a ter outros problemas com ele, e ai agora ele é bloqueado do meu telefone, eu já não falo mais nada com ele, ela já está maiorzinha né, de 11 para 12 anos, então ela liga e fala "pai você vai me buscar esse fim de semana?", combina o horário, vai visitar numa manhã que pode chegar às 6h, e foi a forma que eu tive de garantir também a minha sanidade mental, sabe, eu não dou conta mais de, sabe? Ah ele vai fazer o depósito da pensão? Ótimo, e se ele não fizer também ele que... vá para a merda, desculpa (risos), porque eu falei com ela né: a gente vai fazer o que o dinheiro da mãe dá pra gente fazer né. A gente consegue passear uma vez por mês, a gente consegue comer pizza uma vez, né, no mês né, a gente vai intercalando coisas legais para a gente fazer, não vou cobrar, não vou esperar que o seu pai ajude a gente, nem coisas do tipo material e escolar, não vou, a gente vai usar esse caderno que é possível comprar agora, vamos usar essa mochila. Ela não fica muito feliz não, ela fala "nossa você trabalha tanto e você não pode nem comprar uma mochila nova para mim?" e eu falo "não, esse mês não vai ter mochila, a mochila está nova, você ficou 2 anos sem usar a mochila, a mochila está novinha", até que eu queria dar, mas quando o dinheiro for possível (risos).

A situação descrita por *Izildinha* evidencia os desafios enfrentados na reorganização das responsabilidades parentais e financeiras após a separação, especialmente em contextos de co-parentalidade. Vemos a decisão de Izildinha de inverter o arranjo de custódia, propondo que o pai de M.C. assuma o cuidado primário, uma decisão que ele inicialmente duvidava que ela cumpriria. Este movimento estratégico por parte de Izildinha não apenas testa a disposição do

pai em participar ativamente do cuidado de M.C., mas também serve como um meio de Izildinha reafirmar seu controle sobre sua própria vida e bem-estar, além de desafiar as expectativas do pai.

A reação do pai, ao buscar auxílio do Conselho Tutelar, sugere um esforço para contestar ou inverter a narrativa de *Izildinha*, apresentando-a como irresponsável. No entanto, a resposta de *Izildinha* ao Conselho Tutelar destaca sua perspectiva de que, desde que M.C. esteja segura e bem cuidada, a localização física dela (com o pai ou com Izildinha) não deveria ser uma questão de disputa. A assertividade de *Izildinha* em lidar com as autoridades e sua prontidão para legalizar o nova arranjo de custódia demonstram sua determinação em proteger seus direitos e os de sua filha.

Aqui uma questão importante para pensarmos, nossa sociedade, organizada historicamente de maneira machista patriarcalista impõe papéis de gênero às pessoas e isso se apresenta de maneira peculiar na fala de *Izildinha,* quando ela nos narra a situação em que o conselho tutelar entra em contato para dizer que sua filha estava em situação de risco, uma vez que, no momento, ela não estava responsável pela guarda da criança, mas sim o pai. Quantas histórias já ouvimos ao longo da nossa vida sobre as relações parentais que muitas vezes não são assumidas pelo genitor das crianças, quantas crianças são privadas do convívio da figura paterna inclusive em seus documentos. Quantas famílias são mantidas única e exclusivamente por mulheres, já que muitos genitores abdicam de suas paternidades. Enfim, isso me faz pensar no papel das instituições quando cobram mães e pais de suas obrigações de maneiras tão distintas, imprimindo mais uma vez a responsabilidade total do cuidado das crianças à figura feminina materna.

Quando M.C. volta a viver com Izildinha devido a conflitos com a nova parceira do pai, a comunicação direta de M.C. com o pai sobre visitas reflete uma evolução na dinâmica familiar, permitindo que *Izildinha* se distancie da negociação direta com o pai e focar em sua relação com a filha e sua própria saúde mental.

A abordagem de Izildinha em relação à pensão alimentícia e ao suporte financeiro — adaptando-se às contribuições do pai, ou à falta delas, e priorizando a autonomia financeira — ressalta uma aceitação pragmática das circunstâncias. Ao ensinar M.C. a viver dentro dos meios disponíveis, *Izildinha* não apenas gerencia as expectativas da filha, mas também inculca valores de resiliência e independência.

Este trecho ilustra como as negociações de custódia e suporte financeiro após a separação podem ser emocionalmente desgastantes, requerendo dos pais que negociem

continuamente o bem-estar dos filhos, as responsabilidades financeiras e a comunicação eficaz, enquanto também buscam manter sua própria sanidade mental.

5.4.2 Izildinha e seus outros “amores”.

> Então, eu fui aquela menina que fui a última a beijar na boca, do grupo. Perdi a virgindade com 18 ou quase com 18 eu acho, mas foi com um cara legal, foi com um cara muito bacana.
> Um homem negro, é, na verdade a maioria dos meus relacionamentos, eu lembro de 3, eu lembro de 3 rapazes com quem eu me relacionei que não eram negros. O pai da M., um outro irmão de uma amiga e um professor de natação que eu tive que ele era caucasiano, até de olho claro assim. Mas todos os outros estão na nossa, todos os outros estão floridos, paleta de cores que eu amo. Então eu me relacionei muito tempo com E., meu namorado com quem eu perdi minha virgindade, e o E. ele foi assassinado, ali para os 19 anos. Eu não tenho registro de que ele usasse droga, mas é isso na favela todo mundo usa droga, e mesmo que ele fosse um usuário eu não tenho esse registro. Mas teve alguns amigos que de alguma maneira envolveram muito com droga. Quando o E. veio a falecer foi uma coisa muito esquisita assim, porque apesar de ter feito 18, 17 para 18, ele não tinha nem alistado ainda, 17 para 18, ele tinha uma amizade com um cara que era do (time de futebol, grifo nosso), e ele andava muito, e o cara era responsável pela segurança do time, e como ele era forte, não parecia que tinha 18 anos, que tinha 17, em algum momento eu lembro que ele falava que ele tinha feito uma... tinha acompanhado esse amigo para fazer segurança dos jogadores do time, na casa dos jogadores do ... e etc. Mas aquilo dali para mim não era uma coisa assim presente para mim, eu já estava fazendo vestibular, sabe, eu estava estudando, então para mim não era uma coisa com o que me ocupar, e aí ele, em uma segunda feira saindo para trabalhar a gente recebe uma de que ele tinha sido assassinado com um tiro na boca. Isso deu uma comoção no meu bairro assim, ele era muito querido, ele era da galerinha popular, e tudo mundo ficou muito sensibilizado e tal, e depois eu ainda fui, eu acho que umas duas vezes na Polícia Civil para poder fazer, prestar depoimento, perguntando se eu sabia de alguma coisa, e eu “não sei, a única coisa que eu sei é isso, é isso”, até que o inquérito foi arquivado. E até hoje ainda falam que esse cara com que ele andava era um cara que tinha alguns contatos, antes não era Milícia né, eram pessoas da Milícia, que

> ele estava devendo muita coisa e que foi um aviso para ele. Todo mundo que a gente encontra ainda fala isso. Depois eu fui para a faculdade e na faculdade eu nadava de braçada né, nossa, acho que era a época que eu mais namorei na minha vida, e eu estudei na PUC-São Gabriel e a PUC-São Gabriel tinha uma coisa muito legal, era um campus novo, eu fui da segunda turma do São Gabriel.

A realidade apresentada na narrativa de *Izildinha,* infelizmente não é um caso isolado. Já sabemos que mulheres negras são tardiamente inseridas no mercado afetivo e muitas vezes sequer são consideradas enquanto possível para um relacionamento formal como podemos ver a partir do trabalho de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013). A menção de que ela foi a última de seu grupo a iniciar experiências românticas e sexuais nos aponta para como a racialização das relações afetivas pode influenciar o desenvolvimento pessoal e afetivo de jovens negras.

Suas escolhas por parceiros predominantemente negros, exceto em três ocasiões, nos mostra sua consciência social e cultural e uma preferência por relações dentro de sua própria "paleta de cores", ou afrocentradas (relações que acontecem exclusivamente entre pessoas negras).

A morte trágica de seu namorado E., um jovem negro, aos 19 anos, destaca a interseção de raça e violência dentro do contexto da necropolítica, um termo cunhado por Achille Mbembe para descrever as formas em que a própria dinâmica política social decide quem pode viver e quem deve morrer (Achille Mbembe, 2003)[23]. A natureza de sua morte, com um tiro na boca e a suspeita subsequente que recai sobre seus amigos, revela a vulnerabilidade dos jovens negros à violência e à criminalização, independentemente de seu envolvimento pessoal com atividades ilícitas. Izildinha nos apresenta e nos chama a atenção para as realidades das redes de poder e violência que afetam as comunidades negras, onde as linhas entre proteção, ameaça e dívida são frequentemente borradas.

---

[23] Achille Mbembe usa esse conceito para analisar as maneiras pelas quais "a morte social" é administrada nas sociedades contemporâneas, especialmente em relação às populações consideradas descartáveis pelo Estado e outros poderes soberanos. Ele examina como certas vidas são marcadas para a morte ou para a exposição à morte em várias arenas geopolíticas, incluindo a África pós-colonial, mas o conceito também tem sido aplicado a outros contextos globais.

O trabalho de Achille Mbembe é fundamental para os estudos pós-coloniais, teoria crítica, estudos de paz e conflito, e para a compreensão das dinâmicas de violência e poder na modernidade global. Seu pensamento sobre a necropolítica oferece uma lente crítica através da qual podemos examinar as formas extremas de violência e marginalização que caracterizam o mundo contemporâneo, incluindo as intersecções de raça, gênero e classe que moldam quem é considerado digno de vida e quem é relegado ao espaço da morte.

O processo de luto de *Izildinha* e sua visita à Polícia Civil, em que o inquérito é eventualmente arquivado sem resolução, exemplifica a impunidade frequentemente encontrada em casos de violência contra negros na qual a justiça permanece inacessível e as narrativas sobre as vidas negras são suprimidas ou ignoradas. Esta experiência não apenas marca um momento de perda pessoal significativa para *Izildinha*, mas também reflete as realidades mais amplas enfrentadas por muitas famílias negras que enfrentam o trauma da violência racializada com poucas esperanças de justiça ou reconhecimento.

Seguimos com nosso papo sobre as relações afetivas e Izildinha, após uma pausa depois de narrar a história de vida de E. e se mostrar muito emotiva segue seu relato:

> E aí eis que eu encontro o F., que hoje é o presidente da C. né. e aí é lindo, um negócio gente, ele é lindo, lindo, agradável e tal, e aí a gente começa a ficar junto, mas eu não ia namorar né. Mas aí a gente começa a ficar junto, ficar junto, sair no final de semana, a gente se encontrava, eu ia com ele para os shows, não sei o que, ligava, hoje a gente vai se apresentar em tal lugar: vem pra cá. Aí eu articulava com as meninas, ia, não sei o que, era uma festa. Só, que apesar de todo mundo falar que a gente tinha que namorar porque a gente era certo, e nananâ (3x), eu descobri que ele tinha uma namorada no A. V. C., não era namorada, era noiva. E aí eu fiquei arrasada, eu já estava naquele ponto "eu acho que a gente vai", e eu não namoro. E eu lembro que nossa eu fiquei muito baqueada com esse término dessa relação que não existiu, mas... e aí eu fui encontrar com ele muito tempo depois, eu acho que até já tinha a M.C., e aí eu não tenho outra, além dos amores né, platônicos, eu não tenho um outro relacionamento afetivo assim, presente, significativo, os outros foram relações sexuais mesmo, uma pegada você sai, pega alguém, só isso. Até que quando eu encontro com o pai da M. C. eu já tinha terminado a graduação e estava fazendo uma pós, então eu tinha tempo livre (risos), e aí aconteceu assim, ficava muito apaixonada por ele, mas também entendi que era uma coisa muito, daria certo se a gente não tivesse tido se unido sabe, aí cada um ia fazer suas coisas, entende? Mas como relacionamento estável, como companheiro para você contar não era... não era o que se apresentava. Acho que foi isso assim.

Cada amor é um amor, cada relação é única, pude ver e ouvir isso na narrativa de *Izildinha,* suas experiências e expectativas no processo de enamoramento transbordam em sua

fala e na maneira como se emociona com cada relato. A narrativa de Izildinha em torno de sua relação com F., ilustra um pouco as dinâmicas afetivas e as expectativas sociais em torno dos relacionamentos amorosos. Este trecho revela diversas camadas de interação social e pessoal, quando questões de confiança, fidelidade e a busca por relacionamentos significativos se entrelaçam com as experiências cotidianas de sociabilidade, cultura e identidade.

Inicialmente, a descrição de F. como "lindo, agradável" e a participação ativa de *Izildinha* em sua vida social e profissional acompanhando-o em shows, nos mostra sua conexão intensa e uma admiração mútua que poderia, na visão de observadores externos, evoluir para um relacionamento formal e comprometido. A resistência inicial de *Izildinha* ao namoro, apesar da proximidade crescente com F., aponta para uma cautela, apesar de cada relação ser única na vida de uma pessoa, podemos pensar na bagagem que carregamos em cada uma das nossas experiências e o quanto elas nos atravessam. Com Izildinha não seria diferente, suas relações anteriores a levaram até aquele ponto, e não teria como não imaginar o quanto os parceiros anteriores e sua dificuldade em manter relações formais se conectam com a insegurança.

A descoberta de que F. mantinha uma relação estável com outra pessoa, descrita como "noiva", representa um ponto nodal emocional para *Izildinha* (as lágrimas estavam ali mais uma vez). Essa revelação não apenas desafia sua confiança em F., mas também desestabiliza a narrativa de um romance florescente que era socialmente endossado por seus pares. O impacto dessa descoberta é acentuado pelo uso da expressão "fiquei arrasada", destacando o profundo efeito emocional dessa traição percebida.

No entanto é importante destacar que em seu reencontro com F., em sua fala foi possível ver que não havia ali ressentimento, demonstrou-se reflexiva, mas seu relato também trazia leveza, que se mostrou em seu sorriso. Contudo, a reflexão de Izildinha sobre a natureza de suas conexões afetivas subsequentes — caracterizadas por encontros sexuais casuais em detrimento de parcerias afetivas profundas — evidencia uma continuidade na busca por um relacionamento significativo que ainda não se concretizou.

Isso me remeteu novamente à toda a história narrada anteriormente sobre sua relação com o pai de M.C., descrita como apaixonada, mas fundamentalmente inadequada para um compromisso a longo prazo, ressalta a discrepância entre o desejo por uma conexão emocional profunda e a realidade de parcerias que falham em oferecer suporte e estabilidade. Essa discrepância reflete não apenas as experiências pessoais de *Izildinha,* mas também temas mais amplos de amor, desejo, e a dificuldade de estabelecer relacionamentos duradouros e significativos em um contexto social que frequentemente valoriza a novidade e a intensidade

emocional em detrimento da compatibilidade a longo prazo e do compromisso mútuo. O que ficou de forte em toda sua narrativa é que *Izildinha* sempre esteve disposta para o amor.

Em síntese, sua história com F. e suas reflexões subsequentes sobre o amor e os relacionamentos fornecem uma janela para o campo da intimidade moderna, em que as expectativas sociais, a busca por autenticidade e a realidade das interações humanas se entrecruzam de maneiras frequentemente imprevisíveis e desafiadoras.

5.4.3 “O meu ideal de amor.... é a minha menina.”

A jornada de Izildinha nos conduz por um caminho de introspecção e nos conduz a uma jornada pessoal e coletiva que nos conecta com diversas questões importantes. No ponto de nosso encontro em que eu perguntei para ela o que seria o amor e ela me disse:

> Ai... hoje? Eu era até capaz de dizer para você que o amor não existe, esse amor romântico que a gente espera, que a gente vê nas novelas, mas mais do que, estou até emocionada, o... uma projeção real do conceito eu acho que o amor é ele é companhia sabe, presença, fazer as coisas, dividir a vida, dividir problemas, as resoluções dela, construir um caminho. E aí hoje eu pensando isso não sei se, pelo que eu entendo como amor se é uma coisa que acaba um conceito sabe? Porque eu aprendi o amor romântico, esse amor que a gente faz tudo, que a gente... que tudo suporta, que tudo, que faz sacrifício, mas eu acho que é meio sacanagem da gente pensar um amor assim. Então o caminho hoje, o meu ideal de amor... é a minha menina. Uma coisa que vai correr, que a gente não explica, mas que vai acalentar esse furacão que sabe, as vezes me pega..., mas sei também que não é mais o amor de homem.

A resposta de *Izildinha* à indagação sobre o que é o amor mostra sua reflexão sobre a natureza deste sentimento e sua manifestação na vida cotidiana. Ao expressar inicialmente uma dúvida sobre a existência do amor romântico — aquele amplamente idealizado e propagado por narrativas de novelas e contos de fadas — *Izildinha* toca em um ponto crítico da percepção contemporânea do amor. Sua emoção ao discutir o tema sugere que essa reflexão não é meramente teórica, mas profundamente enraizada em experiências pessoais e desilusões.

Izildinha articula uma reconceituação do amor, distanciando-se das concepções tradicionais que enfatizam a paixão avassaladora e o sacrifício incondicional. Para ela, o amor

verdadeiro se manifesta na companhia, na presença constante, no compartilhamento das trivialidades da vida, problemas e suas soluções, bem como na construção conjunta de um caminho a seguir. Esta visão nos apresenta uma perspectiva em que o amor, em sua essência, é mais sobre parceria, apoio mútuo e cumplicidade do que sobre grandes gestos ou a intensidade emocional frequentemente associada ao romance.

A linha contínua do pensamento de *Izildinha* reflete uma crítica ao amor romântico como um "conceito" que, ao ser questionado, desmorona diante da realidade das relações humanas, que são diversas e multifacetadas. Ela identifica uma "sacanagem" na idealização de um amor que tudo suporta e sacrifica, apontando para a desonestidade emocional que tais expectativas podem gerar.

Central em sua narrativa é o amor por sua filha, que ela identifica como seu "ideal de amor". Este amor é apresentado como um antídoto para as tempestades emocionais, uma fonte de alegria e contentamento incondicional, que não necessita de justificativa ou explicação. A menção de que este amor transcende "o amor de homem" desloca-nos para uma compreensão de que os laços familiares, especialmente o vínculo maternal, oferecem uma forma de amor mais consistente, confiável e satisfatória do que as relações românticas.

Nesta análise, o relato de *Izildinha* desafia as normas sociais sobre amor e relacionamentos, ao mesmo tempo em que reafirma a importância da família e da maternidade como espaços de realização emocional. Através de sua experiência, é possível observar como as concepções de amor são influenciadas por fatores culturais, sociais e pessoais, e como a maternidade pode ser uma poderosa lente através da qual o amor é redefinido e vivenciado.

Seguindo na relação próxima que havíamos desenvolvido até aquele momento, perguntei para Izildinha se ela se imaginaria vivendo um novo relacionamento interracial e após uma longa pausa ela me respondeu:

> Hoje eu não sei se toparia mais, porque é isso, é precisar ensinar um cara coisas básicas né, assim, eu não sei se hoje eu tenho saco para isso. Na época que eu estava com o pai da Maria, era uma coisa. Até que eu tivesse consciência de que eu era um troféu era uma coisa bacana, porque eu acho que era tratada como uma rainha, entende? Para mim era, mas eu era tratada como um troféu, acho que é isso. Muitas vezes né, as vezes que eu atendo, as pessoas que eu atendo falam disso né, desse lugar de troféu assim, aquele negão bitelo, aquela negona fogosa. Não está ligado ao carinho, sabe. Eu atendo um rapaz, preto, que aí eu estava trabalhando que as coisas que o empoderavam né, porque ele falou que ficou um tempão sem fazer terapia porque ele estava querendo fazer terapia

> com um profissional negro e tal, por ter passado por algumas, algumas coisas ligadas ao manejo que para ele era desconfortável, e aí eu perguntei para ele: o que que te empodera na vida hoje? Aí ele fala do trabalho, dos filhos, aí ele fala “da relação com a minha preta”. Aí ele fico assim: hoje depois de com 20 anos, eu me relaciono com uma pessoa preta e estou apaixonado por ela. Eu achei isso tão bonito, porque o que eu vejo, tirando essa fala dele, nos relacionamentos inter-raciais que eu percebo, ainda está no campo da objetificação. A gente olha a história, aquele que tem virilidade, aquela que é boa de cama, ainda está nesse campo sabe, do fetiche.

A reflexão de *Izildinha* sobre a possibilidade de engajar-se novamente em relacionamentos interraciais revela uma perspectiva crítica acerca das dinâmicas raciais e afetivas que permeiam essas relações. Ao ponderar sobre a "necessidade de ensinar um cara coisas básicas", ela aponta para a exaustão emocional gerada pela obrigação de educar parceiros brancos sobre questões raciais, um esforço que muitas vezes é esperado de pessoas negras em contextos interraciais. Esse cansaço evidencia a carga desigual que recai sobre os indivíduos negros, que são forçados a assumir o papel de professores de suas próprias vivências e traumas ao mesmo tempo em que navegam em suas relações pessoais.

A menção ao fato de ter sido tratada "como uma rainha”, mas, ao mesmo tempo, reconhecer-se como um "troféu" dentro do relacionamento, ilustra algumas realidades das relações interraciais, nas quais o afeto pode ser contaminado por dinâmicas de objetificação. *Izildinha* identifica uma dualidade na forma como era percebida: apesar do tratamento aparentemente elevado, subjaz a problemática de ser valorizada não por quem ela é, mas como um objeto de desejo que reforça o status social do parceiro branco. Esta percepção é reforçada pela sua experiência profissional, em relatos de pacientes negros sobre suas relações afetivas revelam padrões semelhantes de objetificação, remetendo aos estereótipos raciais de "virilidade" e "fogosidade" atribuídos a corpos negros.

O relato do paciente de *Izildinha*, que expressa empoderamento através de sua relação com uma mulher negra, contrasta significativamente com as narrativas de objetificação presentes em relacionamentos interraciais. O que ela relata mostra como as relações afrocentradas vêm sendo cada vez mais expressadas no circuito do afeto. Ao mencionar esse caso, Izildinha sublinha a beleza e a força encontradas em relações em que ambas as partes compartilham experiências raciais similares, criando um espaço de compreensão, apoio e amor livre dos estigmas raciais.

Seu relato evidencia características inerentes aos relacionamentos interraciais, marcados tanto por nuances de poder e objetificação quanto por potenciais de conexão e empoderamento. *Izildinha*, ao refletir sobre essas dinâmicas, expressa uma preferência por relações que se afastam da objetificação e se aproximam de uma valorização mútua mais profunda e empática, baseada na identificação e no respeito pelas experiências compartilhadas de raça.

Seguindo no intuito de compreender como Izildinha pensa as intersecções de amor com outras categorias sociais, seguimos nossa conversa a respeito de amor e seu ponto de conexão com a classe social e como anteriormente ela se coloca disponível para seguir com seu relato:

> Ah, para a gente que é da classe baixa, o amor está para a gente mesmo né, eu assisto pouco, mas eu estava vendo aquela novela, as vezes em alguns vinte minutos que eu tenho de apatia diante alguma coisa, aí eu vou ver novela. E eu estava vendo aquela treta, eu não sei falar muito não, que é uma treta de uns irmãos gêmeos que foi criado um por uma família rica e outro por uma família pobre. Ai um morreu e o outro assumiu o lugar, morreu o irmão rico e o irmão pobre assumiu o lugar dele, e a relação com a mãe dele que é rica é... eu acho que essa coisa da classe vale mais para quem está na classe A, que eles só se relacionam com eles mesmos, entende. Para a gente é... não sei te falar, e hoje menos né essa coisa que o meu pai que define com quem que eu caso e coisa e tal, da fortuna né, eu não sei te falar se tem classe né.

A reflexão de *Izildinha* sobre a intersecção do amor com a classe social traz sua percepção aguçada sobre as dinâmicas de relacionamento afetivo dentro de diferentes estratos sociais. Ao mencionar a trama novelística como metáfora, ela aborda a divisão entre classes sociais e como isso afeta as relações amorosas, especialmente acentuando a distância entre as expectativas e realidades vividas por aqueles nas classes A e nas classes consideradas baixas.

Izildinha sugere que, para as classes mais altas, o amor parece circunscrever-se dentro de seus próprios limites, em que as relações são estabelecidas não apenas com base em afetividades, mas também em considerações de status, patrimônio e manutenção do capital social e econômico. Há, portanto, um aspecto de autopreservação e continuidade da classe dentro dessas relações, pela qual o amor pode ser visto como uma extensão das estratégias de manutenção do status quo social e econômico.

Por outro lado, ao ponderar sobre a classe baixa, da qual faz parte, em sua fala *Izildinha* indica uma abordagem mais autêntica e menos condicionada por esses imperativos sociais e econômicos. Ela observa que, nesse contexto, o amor é mais imanente e menos suscetível às

pressões de manutenção de classe, sugerindo que as relações afetivas são formadas com base em laços emocionais genuínos, independentemente de ganhos materiais ou sociais. Isso aponta para uma liberdade maior nas escolhas afetivas, desvinculadas das obrigações de perpetuar um determinado status social através do casamento ou de relações formais.

No entanto, *Izildinha* também reconhece um ponto nodal dessa liberdade, indicando que, apesar da aparente autonomia nas relações amorosas entre as classes mais baixas, ainda existem desafios significativos que moldam essas experiências. A referência à novela e à troca de identidade entre irmãos gêmeos de classes sociais opostas ilustra a fluidez com que o amor pode atravessar as barreiras de classe, mas também destaca as tensões e conflitos que emergem quando essas barreiras são transgredidas.

Assim, sua análise sobre amor e classe não apenas desafia a noção de que o amor é universal e incondicional, mas também sublinha como as estruturas de classe influenciam profundamente as experiências amorosas e as escolhas de vida das pessoas. Essa perspectiva interseccional permite uma compreensão mais rica das dinâmicas de poder e privilégio que permeiam as relações amorosas, demonstrando que o amor, longe de ser uma experiência homogênea, é profundamente matizado pelas realidades sociais e econômicas dos envolvidos.

> Sim, eu queria te falar que para mim o amor tenha cor, porque hoje eu não aceito nada menos que eu mereço sabe, e eu não consigo acompanhar também não, mas o reboliço dos meninos do BBB, do menino Douglas falando né, que uma das meninas pretas também era rainha né, na África né, que essa fala dele hoje né fala do lugar que eu ocupo assim sabe, da minha vida, da minha história sabe, então o amor tem a minha cor, sabe, e se não for para ser assim eu fico bem me amando mesmo sabe, eu não abro mão de nada, nem um pouquinho, nem dos meus cabelos brancos.

A declaração final de *Izildinha* na entrevista evidencia um posicionamento sobre amor, identidade e autovalorização, tecendo considerações profundas sobre como a raça influencia suas experiências afetivas. Ao afirmar que "o amor tem a minha cor", ela não apenas reivindica a importância de se relacionar com indivíduos que compartilhem de sua identidade racial e cultural, mas também destaca uma recusa em se conformar com padrões amorosos que não respeitem ou valorizem sua totalidade, incluindo sua herança e sua história.

Essa perspectiva é reforçada pela referência ao comentário de Douglas Silva no BBB (lembrando que estávamos no ano de 2021), ao qual ela se identifica, vendo-o como uma afirmação do valor e da dignidade inerentes às mulheres negras, frequentemente marginalizadas

ou objetificadas nas narrativas dominantes sobre amor e beleza. *Izildinha* posiciona-se contra a invisibilidade e a desvalorização, celebrando sua identidade negra como central, não apenas para sua própria autoimagem, mas como critério para o amor romântico.

Ao enfatizar que "não abro mão de nada, nem um pouquinho, nem dos meus cabelos brancos", *Izildinha* articula uma compreensão de amor-próprio que transcende a mera aceitação. Ela fala de uma celebração da própria existência em sua plenitude, resistindo à pressão de conformar-se a padrões estéticos ou relacionais que negam sua identidade e experiência vivida como mulher negra. Essa fala mostra sua autenticidade e uma demanda por respeito e reconhecimento que não se limita a concessões superficiais ou simbólicas.

Vemos em sua narrativa as intersecções de raça, gênero e idade no contexto do amor romântico. *Izildinha*, ao destacar a cor como elemento indissociável do amor que deseja e merece, desafia as estruturas de poder que historicamente têm silenciado e marginalizado as vozes e os corpos negros. Ela reivindica um espaço onde o amor, em todas as suas manifestações, honre e reflita a riqueza de sua identidade negra, uma posição que é tanto pessoal quanto política, refletindo um entendimento mais amplo de justiça social e equidade.

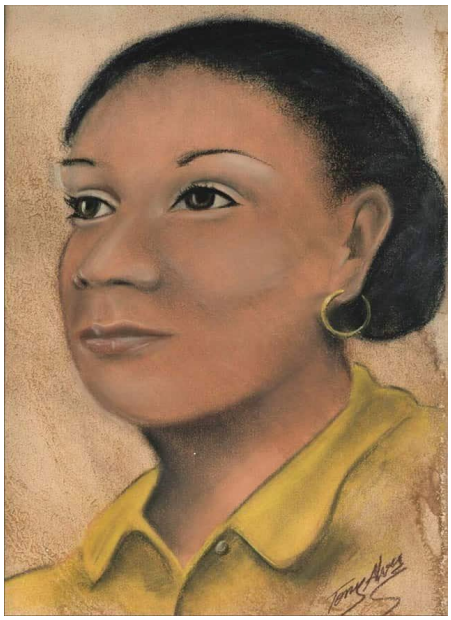
5.5 *Maria Firmina dos Reis*[24]: "Aí que mais sobre mim?

> *Várias vezes, quando falo com alguém sobre abordar o amor com vontade e intencionalidade, ouço a manifestação do medo de que isso acabe com o romance. Simplesmente não vai. Abordar o amor romântico a partir de uma base de cuidado, conhecimento e respeito na verdade intensifica o romance. Ao dedicarmos tempo para nos comunicarmos com um parceiro em potencial, não ficamos mais aprisionados pelo medo e pela ansiedade subjacentes às interações românticas que acontecem sem conversa ou compartilhamento de intenções e desejos (bell hooks, 2021, p.203).*

Figura 5

Maria Firmina dos Reis

[24] *Maria Firmina* se declarou como mulher Cis, heterossexual preta casada, com uma filha e um filho. Naquele momento se encontrava em um relacionamento afetivo-sexual interracial. Professora de geografia, Mestra e Doutoranda da área.



Maria Firmina dos Reis *(*https://imagoi.com/maria-firmina-dos-reis/)

Meu nome é Maria Firmina dos Reis: Tá, meu nome é Maria Firmina dos Reis, eu sou filha do Joaquim e da dona Ilza, eles vieram de Almenara, do norte de Minas, e minha mãe veio, ambos vieram para trabalhar, mas eles não se conheciam, se conheceram aqui em Belo Horizonte. Ela veio trabalhar como doméstica e ele trabalhou como trocador de ônibus, eu sei que motorista, acho que ajudante de mecânico, ele fez muitas coisas, e os dois se encontraram e se casaram aqui em Belo Horizonte. Sou filha, a terceira filha deles, eles perderam um, e hoje eu sou a segunda mais velha, mas eles perderam um, e nós somos 4 ao todo, tenho 3 irmãos, sendo duas mulheres e um homem. Eu sou a segunda mais velha, estou tipo no meio né. Mais novo do que eu tem 2. Ai que mais sobre mim? Eu passei a maior parte da minha vida na região metropolitana de Belo Horizonte, na cidade de Santa Luzia, ali na região do São Benedito, me casei no ano de 2003, esse ano eu completo... engraçado foi no ano de 2003 mesmo? 18 anos de casada agora que eu faço dia 14, dia 12 de Setembro. Ai o que mais que sou eu? Eu não estudei, eu estudei no colégio do bairro Londrina mesmo, ali no São Benedito mesmo, até o sexto ano, do sétimo ano em diante eu fiz na região que em Santa Luzia chamava de Centro Histórico né, estudei lá no Geraldo Teixeira que era uma escola melhor, na época não tinha particular. Essa escola pública era referência, considerada uma das melhores, ela e uma outra. E quando eu fiz 15 anos meu pai faleceu, às condições econômicas da gente piorou, nessa situação financeira piorou, e aí eu tive que voltar, mas aí foi uma escolha minha, minha mãe tentou me manter lá nessa escola,

mesmo pública, mas era melhor, mas era distante e tinha um gasto, eu achei melhor trabalhar. Então antes dos... é, eu acho que com 17 anos eu já estava trabalhando, eu trabalhava no Centro de Belo Horizonte, não durou muito tempo lá no Centro era como vendedora de rua. Voltei para o ensino médio para perto de casa, fiz ensino médio lá no finalzinho e depois, é... depois dessa fase aí foi mesmo trabalhar, aí toda oportunidade que surgia eu dava um jeitinho de fazer um curso gratuito que tinha na época, alguma política pública de alguma formação, Secretária, Recepcionista, custos tecno... não é técnico, são cursos muitos elementares, mas eu fiz esses cursos, tudo que ia aparecendo: Datilografia, na época nem era informática ainda. Eu mudei de emprego, fui trabalhar em uma autoescola como Recepcionista, mas eu fiquei como Recepcionista no máximo uns 3 meses, fui para a sala de aula, dei aula de Legislação de Trânsito mesmo sem ter habilitação (risos). Depois eu tirei a minha carteira, dei aula de moto.

Maria Firmina dos Reis – Aquela que veio antes de mim.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão, em 11 de outubro de (1825 – 1917), "filha natural" da escrava alforriada Leonor Felippa dos Reis, tendo como avó a também escrava alforriada Engrácia Romana da Paixão e, como tio, o professor, gramático e filólogo Sotero dos Reis, pertencente ao ramo branco da família e com forte atuação nos círculos letrados da capital maranhense.

Em 1847, é aprovada em concurso público para a Cadeira de Instrução Primária na vila de São José de Guimarães, no município de Viamão, situado no continente e separado da capital pela baía de São Marcos, conforme registram seus biógrafos Nascimento Morais Filho (1975) e Agenor Gomes (2022).

Segundo Morais Filho, ao se aposentar, no início da década de 1880, a autora funda, na localidade de Maçaricó, a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras do país. O feito causou grande repercussão na época e por isso foi a professora obrigada a suspender as atividades depois de dois anos e meio.

A professora foi presença constante na imprensa local, publicando poesia, ficção, crônicas e até enigmas e charadas.

Maria Firmina dos Reis é uma figura pioneira na literatura brasileira e um símbolo de resistência e inovação cultural. Sua obra tem sido redescoberta e valorizada por estudiosos

contemporâneos, destacando sua importância na formação da identidade literária e cultural do Brasil.

Com *Maria Firmina* me encontrei em duas datas distintas. Nossa primeira conversa aconteceu no dia 01 de setembro de 2021 e nossa segunda conversa aconteceu no dia 09 de março de 2022. Também nos encontramos pela plataforma ZOOM e foi um longo bate papo, que precisou ser realizado em duas datas pela extensão de sua narrativa e pela dificuldade em conseguirmos agendarmos uma data na sequência da primeira conversa. Naquele momento *Maria Firmina* estava com 41 anos de idade. Professora de geografia do ensino fundamental 2, Mestra e Doutoranda, a história da sua vida é densa e fiquei extremamente agradecida por sua disponibilidade em compartilhar conosco suas particularidades de maneira tão genuína.

Maria Firmina se declarou como mulher Cis, heterossexual preta casada, com uma filha e um filho. Naquele momento se encontrava em um relacionamento afetivo-sexual interracial. Reside na cidade de Belo Horizonte, sendo filha de pai preto e mãe parda (mas que segundo a própria Maria Firmina, sua mãe durante muito tempo foi lida enquanto uma mulher branca). Seus pais migraram da cidade de Almenara, norte de Minas, para a cidade de Belo Horizonte. Sua mãe trabalhadora doméstica e seu pai desempenhou muitas atividades como trocador de ônibus, motorista, ajudante de mecânico. Seus pais se encontram em Belo Horizonte e se casam.

Agora vou deixar que ela mesma conte sua história de vida:

> Ai que mais sobre mim? Eu passei a maior parte da minha vida na região metropolitana de Belo Horizonte, na cidade de Santa Luzia, ali na região do São Benedito, me casei no ano de 2003, esse ano eu completo... engraçado foi no ano de 2003 mesmo? 18 anos de casada agora que eu faço dia 14, dia 12 de setembro. Ai o que mais que sou eu? Eu estudei no colégio do bairro Londrina mesmo, ali no São Benedito mesmo, até o sexto ano, do sétimo ano em diante eu fiz na região que em Santa Luzia chamava de Centro Histórico né, estudei lá no Geraldo Teixeira que era uma escola melhor, na época não tinha particular. Essa escola pública era referência, considerada uma das melhores, ela e uma outra. E quando eu fiz 15 anos meu pai faleceu, as condições econômicas da gente piorou, nessa situação financeira piorou, e aí eu tive que voltar, mas aí foi uma escolha minha, minha mãe tentou me manter lá nessa escola, mesmo pública, mas era melhor, mas era distante e tinha um gasto, eu achei melhor trabalhar. Então antes dos... é, eu acho que com 17 anos eu já estava trabalhando, eu trabalhava no centro de Belo Horizonte, não durou muito tempo lá no centro era como vendedora de rua. Voltei para

> o ensino médio para perto de casa, fiz ensino médio lá no finalzinho e depois, é... depois dessa fase aí foi mesmo trabalhar, aí toda oportunidade que surgia eu dava um jeitinho de fazer um curso gratuito que tinha na época, alguma política pública de alguma formação, Secretária, Recepcionista, custos tecno... não é técnico, são cursos muitos elementares, mas eu fiz esses cursos, tudo que ia aparecendo: Datilografia, na época nem era informática ainda. E mudei de emprego, fui trabalhar em uma autoescola como recepcionista, mas eu fiquei como recepcionista no máximo uns 3 meses, fui para a sala de aula, dei aula de Legislação de Trânsito mesmo sem ter habilitação (risos). Depois eu tirei a minha carteira, dei aula de moto, conheci o meu marido na autoescola, ele era um aluno de lá, e a gente se conheceu e a gente praticamente namorou um ano, noivou um ano e no terceiro a gente já estava casado já, a gente já conseguiu casar e a gente foi morar em Londrina mesmo, o quintal da minha mãe era muito grande então a gente tinha uma loja inacabada então a gente construiu em cima. De lá eu mudei para o bairro Itapoã, a R. já devia estar com 8 anos e o J. com uns 3, aí eu saí dessa região do São Benedito e fui para perto da UFMG. A essa altura eu já estava fazendo Mestrado, né, eu já tinha feito minha graduação, mas eu entrei para a universidade já depois de casada, e trabalhando como instrutora de autoescola. E financeiramente tinha um retorno razoável, para a época era até bom, mas meu salário sempre foi abaixo dos homens, nunca tive um salário igual ao deles mesmo depois de ter feito o curso de instrutora, eles sempre alegavam que eu estava aprendendo, que era uma oportunidade, que eu devia aproveitar. Aí eu peguei e saí da autoescola e fui para a bolsa de iniciação científica aí falei ahhh eu vou, eu acho que vou me dedicar mais aos estudos mesmo, e entrei para o curso de Geografia. Abandonei a autoescola e desde então fiz essa trajetória mais da iniciação científica e do Mestrado, e me tornei professora da Educação Básica da Rede Municipal de Belo Horizonte e hoje estou no Doutorado. E com dois filhos, uma com 14 anos, e o Joaquim com 10, nesse minuto. Esse é um pouco da minha trajetória (risos).

Para analisar a narrativa de *Maria Firmina* na perspectiva interseccional sobre amor, raça, gênero, sexualidade, e classe social, precisamos contextualizar os elementos apresentados em sua narrativa, desde sua descendência até suas relações familiares que se constituíram a partir do seu casamento com um homem branco. *Maria Firmina*, ao compartilhar sua história, nos chama para mergulhar nas diversas camadas de sua identidade e experiência que são fundamentais para entender as dinâmicas interseccionais presentes em sua vida amorosa e profissional.

Inicialmente, a menção ao seu local de criação e educação, a região metropolitana de Belo Horizonte, especificamente na cidade de Santa Luzia e a mudança de escolas por questões financeiras destacam a intersecção entre classe social e acesso à educação. A escolha por trabalhar ao invés de continuar em uma escola de maior prestígio ressalta uma decisão influenciada pela necessidade econômica, uma realidade para muitas famílias brasileiras que enfrentam dificuldades financeiras após a perda de um provedor, como foi o caso da morte de seu pai.

A entrada precoce no mercado de trabalho e a subsequente trajetória profissional de *Maria Firmina* mostram as barreiras de gênero e classe que ela enfrentou, especialmente quando menciona a disparidade salarial em relação aos colegas homens na autoescola, um reflexo das desigualdades de gênero persistentes no Brasil. Essa experiência ressalta como as mulheres, particularmente as mulheres negras são frequentemente subvalorizadas e enfrentam realidades desiguais no trabalho, refletindo a interseção de gênero, raça, e classe social.

O relato de seu casamento e a formação de sua própria família introduzem a dimensão do amor e das relações afetivas em sua vida. Casar-se e construir um lar em cima da loja inacabada no quintal da mãe não apenas fala de seu empreendimento pessoal e familiar, mas também de uma prática comum em muitas comunidades, quando a família extensa desempenha um papel crucial no apoio às novas unidades familiares.

A decisão de *Maria Firmina* de perseguir a educação superior após o casamento e com filhos reflete uma quebra de expectativas sociais em torno do gênero e da maternidade. Sua jornada para se tornar professora e, posteriormente, iniciar o doutorado enquanto cria dois filhos, ilustra uma narrativa de resistência e determinação frente às normas sociais que frequentemente limitam as aspirações educacionais e profissionais das mulheres, especialmente após a maternidade.

A história de *Maria Firmina*, portanto, nos oferece a oportunidade para explorar as intersecções de raça, gênero, classe social, e dinâmicas familiares. Sua narrativa destaca as múltiplas adversidades enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil, ao serem atravessadas por expectativas de gênero, desigualdades de classe, e o desafio constante de equilibrar as responsabilidades profissionais e familiares. Seu relato, também nos diz muito sobre o amor como uma força motivadora para superar obstáculos e buscar uma vida melhor, não apenas para si mesma, mas também para sua família.

Outra coisa interessante na fala de *Maria Firmina*, que acredito ter dado a tônica do nosso encontro, foi o fato dela deixar sublinhado sua proximidade com a abordagem interseccional em seu trabalho e em sua maneira de ver o mundo:

> Sou Geógrafa, sou uma professora antirracista, na Educação Básica eu trabalho muito com Interseccionalidade, trabalho muito com gênero, com raça, com meus estudantes, e a Geografia tem muito campo para isso, tem uma leitura enorme para pensar população, para pensar cultura, educação, trabalho, mercado de trabalho, então assim eu me sinto realizada por estar na educação básica, gosto de trabalhar com adolescentes, meu incômodo maior é só o financeiro mesmo, acho que a gente não tem o retorno que essa profissão merece. E não é muito, eu acho que a gente tem o problema financeiro que é... eu acho que a gente tem uma qualificação, eu me sinto assim uma pessoa muito qualificada, que está fazendo um trabalho bacana, mas que o monetário, que o retorno, eu acho que é muito baixo.

A narrativa de *Maria Firmina*, ao identificar-se como geógrafa e professora antirracista atuante na Educação Básica, nos mostra a relação entre sua identidade profissional e seu compromisso com a justiça social, especialmente em termos de raça e gênero. Ao trabalhar com interseccionalidade com seus estudantes, Maria exemplifica o papel crucial que os educadores desempenham na formação de futuras gerações para reconhecer e desafiar as desigualdades sistêmicas e estruturantes que colocam grupos minoritários em situação de violência, violação de direitos etc. Sua abordagem pedagógica, fundamentada na geografia, oferece uma plataforma rica para explorar questões de população, cultura, educação e mercado de trabalho, refletindo seu desejo de contribuir para uma sociedade mais equitativa.

Ao mesmo tempo, a insatisfação de *Maria Firmina* com a remuneração na área de educação aponta para uma problemática mais ampla relacionada à valorização dos profissionais de ensino no Brasil. Essa questão se aprofunda quando consideramos a interseccionalidade de gênero e raça, visto que a maioria dos professores da Educação Básica no país são mulheres, muitas das quais são negras. A precarização do trabalho docente, portanto, não apenas reflete apenas as desigualdades de classe, mas também as de gênero e raça, evidenciando como essas categorias interagem no cotidiano dessas profissionais.

Sua percepção sobre sua qualificação e o valor de seu trabalho em contraste com a compensação financeira que recebe destaca a desconexão entre a importância social da educação e o reconhecimento econômico dos educadores. Isso reforça a necessidade de repensar as estruturas de valor na sociedade que subestimam e subfinanciam a educação, especialmente em contextos marcados por desigualdades profundas.

Assim, a experiência de *Maria Firmina* como professora antirracista na Educação Básica ilustra as tensões entre a paixão pelo ensino e as limitações impostas pela realidade socioeconômica. Sua história enfatiza a urgência de abordagens educacionais que sejam conscientemente interseccionais, ao mesmo tempo em que chama a atenção para a necessidade crítica de valorizar adequadamente o trabalho dos educadores, reconhecendo sua contribuição essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

5.5.1 Compromisso: o amor e o seu casamento

Foi um encontro intenso, longo e que me fez refletir muitas coisas. *Maria Firmina* seguiu com seu relato de forma contínua, quase sem interrupções. Sua narrativa quase que linear não só me apresentou o início da sua relação com seu esposo S., mas me deu uma mostra do que nosso encontro seria, sua disponibilidade em dizer e se emocionar com cada frase e a facilidade como conseguia retomar os detalhes da sua história, como se cada fato acontecesse exatamente naquele momento. Manter os trechos de sua entrevista sem interrupções aqui no texto faz sentido para compreensão da dinâmica do nosso encontro e mostra o quanto que mulheres precisam e podem falar de si mesmas através de suas próprias histórias:

> Então, eu conheci o S. na autoescola, ele era aluno de legislação e eu era professora né? Então tem uma questão ética e profissional ali né, a gente não se relacionar com o estudante, com o cursista ali naquele momento, mas houve uma abertura no sentido de que os documentos dele sempre estavam dando problemas, então eu tinha que tentar solucionar esse problema e eu tinha que ver ele mais vezes na autoescola, e teve um momento que eu não era só instrutora de autoescola, eu era também Office-Girl, eu também trabalhava ali na parte administrativa, financeira, e ai quando eu precisei ir para o DETRAN resolver esse problema que era da própria conta dele, ele me acompanhou porque eu já ia para lá resolver outras coisas e se ele estava disponível, ele trabalhava a noite como garçom, já que ele estava disponível ele podia me acompanhar. Então nós fomos juntos, conversamos na ida, conversamos muito na volta, almoçamos juntos na verdade ali no Centro, e rolou aquela coisa assim de querer conhecer mais, um ao outro. E como ele era garçom e trabalhava a noite, tinha uma certa disponibilidade durante o dia, então as vezes uma ou duas vezes por semana ele me chamava para almoçar perto do meu local de trabalho. Então no meu horário de almoço a gente saia, conversava

muito, e começamos então depois que ele já tinha terminado a legislação a gente começou a namorar.

Ai também era a mesma situação, mas voltando ao que eu estava dizendo, a gente se conhece na autoescola mesmo, aí teve esse problema da pauta dele, e eu tive que resolver outros problemas também que é próprio do serviço de Office-Girl, que eu prestava também na autoescola, tinha várias funções lá. Na verdade, uma sobrecarga de funções, e a gente foi dentro do ônibus conversando, a gente voltou também conversando, a gente almoçou por lá, depois por causa da disponibilidade que ele tinha por ser garçom e trabalhar a noite então ele tinha disponibilidade durante o dia. Ele passou a me chamar para almoçar no horário de almoço, eu fui algumas vezes, e a gente foi se conhecendo. Depois chegou um momento mesmo que a gente falou "ah", praticamente começamos a namorar, e chegou em um momento que a gente queria viajar então ele foi até a minha casa para poder conversar com a minha mãe, para dizer que a gente ia viajar, por que naquela época eu devia ter quantos anos? Ah, sei lá, uns 19, 20, no máximo, porque eu vou casar com 21 para 22, então eu devia estar com 19 anos. Eu morava com a minha mãe e com meus irmãos, e aí ele foi conversar, e então uma família muito tradicional, então eu não tinha tanta liberdade assim para entrar e sair de casa no horário que eu quisesse, inclusive quando a gente saia tinha horário marcado para a gente chegar, sempre teve, antes de me casar. Então ele foi conversar com a minha mãe, para a surpresa da minha mãe, ou não, eu acho que rolou uma surpresa sim porque pelo fato dele ser branco, porque o único assunto talvez que eles tocaram, e talvez assim o mais importante, foi ligado a questão racial. Ele demorou mais ou menos uns 3 a 4 anos para me contar o conteúdo dessa conversa, porque eles... eu não fiquei na sala, então só os dois conversaram. E a mãe é aquele tipo de mulher que fala baixinho, olha no fundo dos seus olhos, diz tudo que precisa dizer (risos), então ela parece que não mediu esforços em, né, e disse que no fato deles não ter pais, o fato dela ser uma mulher viúva, ter visto depois que ele me contou né, de ter visto o... porque o que ele me relatava é que foi uma conversa que tinha tido a ver com cuidado, que ele deveria ter cuidados comigo, no sentido de não pisar na bola, de ser respeitoso, de não... tipo assim, de me colocar em uma situação de risco.

Então ele vai me contar 3, 4 anos depois do que foi de fato o conteúdo da conversa, não era só um cuidado com a *Maria Firmina*, que era nova, ele até parecia um pouquinho mais velho, mas é pouca coisa, a diferença da gente é de um 1 ano e meio mais ou

> menos, mas eu sempre aparentei muito mais jovem. E eu acho que não foi por causa da questão de idade, foi um cuidado que minha mãe teve e a conversa foi mais ou menos assim: eu estou vendo que você é branquinho, sei que provavelmente seu pai e sua mãe também deve ser, sua família, a *Maria*, eu não sei como ela me descreveu, eu deveria perguntar para o S. de novo porque eu não me lembro, mas ela vai se referir ao fato deu não ser branca e o risco da família dele me discriminar em função da minha cor. Então o que ela dizia para ele que era para tomar muito cuidado, que não queria saber de qualquer situação que por ventura fosse de cunho racial, deu ter sido discriminada de alguma maneira ou maltratada de alguma maneira. Que ela tem medo sim, que do fato dela estar indo, que de fato eu não te conheço, mas eu estou aqui te dando esse voto de confiança, estou deixando a *Maria* viajar contigo, mas fique esperto, é mais ou menos a conversa nesse sentido, né, arregalando o olho dele, como diz na minha família, arregalando o olho até no branco para ver se, né, se não corria o risco. E aí a viagem transcorreu tranquila, não teve nenhum perrengue em relação a isso não, a família dele era do interior mesmo, lá chama Datas, a cidade, antes era Distrito de Diamantina e hoje chama Cidade Emancipada, com população bem baixa mesmo, e uma população branca e negra. Os brancos descendentes dos que foram minerar, né, de portugueses que foram para lá, mas também de italianos, é um pessoal... e também tem uma população negra que quase não se vê muito na cidade, que no geral são mais Quilombolas mesmo e no geral ficaram mais afastados. Então tem uma certa segregação na cidade, mas nada que nem eles puderem, ou até o próprio S. depois de anos que tem que a gente tem de convivência, que não pudesse ter percebido durante ao longo da vida. São leituras mais tarde que a gente vai fazer por causa da minha entrada no campo das relações étnico-raciais.

A história de *Maria Firmina* e seu companheiro S. nos conta um pouco das dinâmicas sociais e raciais subjacentes aos relacionamentos interraciais no Brasil. Desde o início, a relação desafia normas éticas e profissionais, dada a origem de seu encontro numa autoescola onde *Maria* era professora e S., aluno. A interação inicial entre eles, marcada pela necessidade de resolver questões burocráticas, evolui para uma conexão pessoal que transcende o contexto profissional ressaltando como relações podem se formar em circunstâncias inesperadas.

O encontro com a família de S., especialmente a conversa decisiva entre ele e a mãe de *Maria*, é emblemático nos desafios enfrentados por casais interraciais. Essa conversa, centrada no cuidado e no respeito, reflete a preocupação materna com a possibilidade de discriminação

racial. A mãe de *Maria*, ao enfatizar a importância de S. ser "branquinho" e os possíveis preconceitos que *Maria* poderia enfrentar de sua família destaca a realidade palpável do racismo estrutural que afeta relações interraciais.

A visita à família de S. em Datas, uma cidade com histórico de segregação racial e onde a população negra é predominantemente Quilombola e marginalizada, fornece um pano de fundo para compreender as nuances da interseccionalidade de raça e classe social. A segregação espacial e social da população negra na área reflete as persistentes desigualdades raciais no Brasil, mesmo em regiões que desempenharam um papel central na história da mineração e na economia colonial.

Através dessa narrativa, *Maria Firmina* não apenas compartilha sua jornada pessoal de amor e relacionamento, mas também nos mostra seu envolvimento com questões étnico-raciais, tanto pessoal quanto profissionalmente, o que reforça seu compromisso com a conscientização e a luta contra o racismo, destacando a importância da educação e do diálogo contínuo sobre essas questões críticas e o quanto sua postura atravessa suas relações.

E *Maria Firmina* segue com sua história de amor:

> Então a gente começou assim, que ele foi meu aluno de autoescola, começamos almoçando, nos encontrando, até que a gente firmou mesmo namoro e fizemos essa viagem. E desse período assim do início o que eu gostei muito, muito, no S., é que nossos projetos de vida estavam muito semelhantes, eu queria muito independência financeira, independência, não é só financeira, eu queria era sair de casa, eu queria ter mais liberdade, eu queria ter minha própria casa, e ele era um rapaz que veio do interior, estava morando com 2 amigos, com 1 amigo, era só 1, e já tinha passado por experiência de morar com mais, mas ele já tinha rompido com esses outros colegas, ele só estava com 1 mesmo. Mais maduro, mais experiente, apesar da pouquíssima idade, é porque ele começou a trabalhar na infância né, o trabalho infantil fez parte da vida dele, é comum na cidade dele, aos 8, 9 anos você já estar no garimpo. Então ele foi garimpeiro praticamente até os 16, 17 anos, porque esse era o nicho, era a única forma de renda para a maior parte da população daquele município. Mas trabalhou na fábrica de bloco e quando ele veio aqui para Belo Horizonte ele veio com uma promessa de trabalhar como Copeiro num restaurante, o que não deu certo de imediato, essa vaga não saiu, e ele trabalhava, quando eu conheci, tinha trabalho, quando eu conheci ele já tinha trabalhado na Braúnas, que é o local onde faz tijolos, lá em Ribeirão das Neves, e ele morava no Copacabana, mas morou bem pertinho de Neves. Quando eu conheci ele

estava como um garçom em um restaurante, ele já tinha passado pela experiência de Copeiro e ele já tinha chegado a de ocupação de garçom. Ai depois que a gente se conhece foi tudo muito rápido, então eu vi que ele tinha o desejo de casar, ele tinha essa intenção, e eu que nunca tinha pensado na possibilidade de casar, era uma coisa que eu não queria, nem filhos, eu já me via assim construindo o projeto junto com ele. E uma das coisas que ele conseguiu me convencer que a gente estava junto nesses projetos foi quando ele tirou a carteira, ele comprou o carro mesmo sem ter uma garagem, o carro ficou comigo. Então na verdade ele comprou o carro quando eu tirei a minha carteira, e ele ainda nem tinha, e aí o carro ficava comigo, eu sempre que ele precisava de alguma coisa eu levava e tal. Depois a gente decidiu casar a gente foi conversar com os nossos pais, a minha mãe aceitou bem melhor, a mãe dele já achou que estava muito cedo, ficou assim: aí vocês tem certeza? E a gente ficou magoado com isso de perguntarem se a gente tinha certeza, hoje a gente vê que era só um cuidado dela, preocupação no sentido de que éramos muitos jovens mesmo, a gente estava com 20 anos de idade, eu casei com 22, acho que quando a gente anunciou que ia noivar, que era depois de 1 ano de namoro eu tinha 20, então eles "nossa, mas não está muito cedo?", então rolou essa pergunta que eu fiquei insatisfeita, mas eu sei que foi do cuidado. Para a minha mãe também ficou meio assim assustada, mas já sabia um pouco assim da minha maturidade, sabia mesmo da minha responsabilidade, o que eu entendida da instituição, minimamente o que é a Instituição Casamento, né. E aí nesses próximos um ano, que foi dos 20 aos 21 anos de idade, dos meus, foi aquele ano de construir. Como eu estava na autoescola e já estava dando aula de moto, eu tinha uma renda melhor, e ele como garçom de um restaurante renomado de Belo Horizonte ele também tinha uma renda muito boa. Então não foi difícil naquela época de construir rápido, tipo assim, levantar parede, de bater laje, a gente já tinha o assoalho que era loja, a gente ia construir em cima, então foi mais fácil. E terminamos a nossa casa assim, com cerâmica, rebocada, pintada por dentro, por fora e nem rebocada por fora, mas por dentro estava pintada, com cerâmica, a cozinha toda também preparadinha. Entrei assim, sem sofá, sem televisão, mas cama, cozinha e banheiro tudo arrumadinho, a gente conseguiu fazer tudo, e ele sempre fez poupança, ele sempre foi um cara muito responsável com dinheiro, e eu particularmente, que foi uma coisa que as pessoas olham e pensam: louca. Eu jogava praticamente meu salário todinho para ele, e confiava, porque aí ele ia administrando para comprar para a obra, e pelo fato de pedreiro ser muito caro ele mesmo trabalhava, não dava conta obviamente de fazer tudo ele era ajudante, então durante o dia ajudante. E para investir mais na obra

> a gente vendeu esse carro, compramos uma moto, ele não tinha carteira de moto aí ele virou meu aluno de aula de moto e eu pilotava, então eu levava ele pro serviço a 17h, 17:30h da tarde, trabalhava até 17:30h eu montava na moto e levava ele para o restaurante, e aí quando desse 2h da manhã, mais ou menos que ele estava saindo, eu saia lá de Santa Luzia e buscava ele. Nesse momento de construção da casa ele já estava morando na casa da minha mãe, a gente já estava morando na casa da minha mãe, porém em quartos separados, então eu dormia com as minhas irmãs e ele dormia com o meu irmão, que é bem aquela coisa da família tradicional mineira, então cada um no seu quadrado, não podia ficar até tarde conversando e namorando, não tinha liberdade para poder sair e viajar na hora que eu quisesse, chegar na hora que quisesse, nada disso era permitido, era bem tradicional mesmo. Então foi uma liberdade para a gente o casamento, sabe, e foi um casamento que eu considero que foi perfeito, porque S. pela vivência da família dele, o pai dele é alguém que trabalha fora muito tempo, mas ajudava dentro de casa. Ele ficava muitos dias fora, o meu pai também, que era caminhoneiro, mas o pai dele trabalhava no DER, que é esse departamento de estrada e rodagens, então ele estava sempre na estrada, fazendo manutenção de estrada, serviço muito penoso, fica em sol, em chuva limpando, capinando, e pintando, meio fio, essas coisas. Mas era um pai que quando chegava em casa ajudava, cozinhava, e o meu pai também. Então eu acho que ele aprendeu um pouco disso com o pai dele também e ele tinha ideias que eu considerava muitos progressistas para um rapaz do interior, então eu tinha medo de usar a expressão feminista, porque eu achava que não... e até hoje eu tenho dúvida, não sei se um homem pode ser considerado feminista, mas ele foi feminista, e foi uma pessoa que me apoiou em tudo das situações que eu vivi de discriminação, especialmente racial, quando eu chegava em casa chorando e dizendo o que um professor falou, o que aconteceu. Ele me ouvia, me aconselhava, pedia sempre para que eu não me calasse, que me posicionasse, isso foi uma cena forte do nosso casamento, dele falar "olha, não aguento mais ver você chegar chorando, você vai chegar e vai falar alguma coisa para esse professor, você vai trancar essa disciplina".

A narrativa de *Maria Firmina* revela uma história de amor e cumplicidade que transcende as convenções sociais e desafia as estruturas tradicionais de poder e gênero. O início de seu relacionamento com S., marcado por um contexto profissional que rapidamente se transformou em um vínculo afetivo simboliza não apenas a quebra de uma barreira ética e profissional, mas também a construção de um projeto de vida compartilhado baseado em desejos e aspirações comuns. A convergência de seus projetos de vida, centrados na busca por

independência e na construção de um lar, reflete uma parceria igualitária em que os papeis de gênero atribuídos socialmente são negociados para que ambos sigam o caminho de construção não só do lar, mas da própria relação.

A trajetória de S., marcada pelo trabalho infantil e pela migração em busca de melhores oportunidades, contrasta com o desejo de *Maria Firmina* por autonomia e liberdade, ilustrando como diferentes histórias de vida podem se entrelaçar em um projeto comum. A decisão do casal de se casar jovem, apesar das hesitações e preocupações familiares, destaca a maturidade e a seriedade com que ambos encaravam seu relacionamento e seus planos futuros.

O processo de construção de sua casa, um esforço conjunto que envolveu sacrifícios financeiros e pessoais, simboliza a materialização de seus sonhos e a consolidação de seu compromisso mútuo. A confiança de *Maria Firmina* em S., exemplificada por sua decisão de confiar-lhe seu salário para a administração dos recursos da obra e a capacidade de S. de gerir esses recursos de maneira responsável, refletem uma dinâmica de relacionamento baseada na confiança, no respeito e na igualdade. Lembro do brilho no olhar de *Maria Firmina*, enquanto me contava detalhadamente sobre a relação com seu esposo.

A escolha do casal de enfrentar juntos os desafios impostos pela tradição e pelas expectativas familiares, buscando a independência e a realização de seus projetos de vida, demonstra uma parceria forte e resiliente. O apoio de S. às aspirações profissionais e pessoais de *Maria Firmina*, encorajando-a a se posicionar diante das discriminações e desafios, evidencia um relacionamento que transcende a parceria amorosa, tornando-se um espaço de acolhida e resistência.

Essa narrativa, mostra-nos um pouquinho da realidade das relações interraciais no Brasil, em que estas estarão expostas há muitos desafios que nem sempre estarão explícitos para quem as vive. Ao mesmo tempo *Maria Firmina* também aponta, a partir de sua vivência, a possibilidade de construir relações amorosas que são ao mesmo tempo espaços de afeto, apoio mútuo e crescimento conjunto. A história de *Maria Firmina* e S., oferece uma perspectiva afetiva, a luta conjunta e a construção de uma vida compartilhada que desafia as normativas sociais e celebra a diversidade de experiências e identidades.

Segui naquele momento escutando o relato de nossa interlocutora, que narrava a construção da relação com seu companheiro e do seu papel em algumas situações difíceis que enfrentou, especificamente algo que lhe aconteceu no ambiente acadêmico, enquanto se graduava. O trecho a seguir dá sequência ao trecho anterior.

> Mas eu tinha muito medo de ser jubilada, porque achava que não podia dar uma resposta ríspida, inclusive para alguém que estava sendo racista, machista, homofóbico, lesbofóbico, uma coisa horrorosa de um professor que atravessou a minha trajetória e que estava ali na faculdade de Educação. Eu era do IGC, da Geografia, mas eu fiz Licenciatura, então ele me deu força nesse momento, teve que abrir mesmo um inquérito de investigação, foram dias bem difíceis, foram mais de um ano de sempre sendo chamada para fazer depoimento, arrumar testemunha, e isso foi na Vara mais interna, não foi nem cível e nem foi aqui fora. Depois ele me acionou na justiça por Danos Morais, por ter causado isso para ele, mas também prescreveu depois de 5 anos não foi uma coisa que foi para a frente não, mas era sempre muito desgastante, mas o S. sempre muito do meu lado, me apoiando.

O trecho em destaque revela uma série de aspectos relevantes, especialmente considerando o contexto acadêmico e social. *Maria Firmina* relata uma experiência traumática, marcada por racismo, machismo, homofobia e lesbofobia, evidenciando a interseccionalidade das opressões enfrentadas. Como se sabe interseccionalidade, é um conceito fundamental nos estudos de raça e gênero, classe e outros eixos subordinadores, refere-se à sobreposição de várias formas de discriminação ou desvantagem que atravessam a vida de grupos sociais (Carla Akotirene, 2019).

Primeiramente, o medo de *Maria Firmina de* ser "jubilada" (termo usado no contexto acadêmico brasileiro para indicar a expulsão de um aluno por não cumprir com os requisitos necessários dentro de um determinado tempo) aponta para a vulnerabilidade dos estudantes diante de autoridades acadêmicas, especialmente quando essas autoridades abusam de seu poder. Isso se torna ainda mais complexo quando o abuso envolve discriminações interseccionais, quando se trata de mulheres negras, pessoas transexuais e travestis etc.

O processo de enfrentamento dessa situação, que incluiu a abertura de um inquérito e a necessidade de coletar depoimentos e testemunhas, ilustra a dificuldade de buscar justiça em contextos institucionais. Esses processos são frequentemente longos, desgastantes e psicologicamente difíceis para as vítimas de discriminação. O fato de o professor ter posteriormente acionado *Maria Firmina* na justiça por danos morais, ainda que tenha prescrito, evidencia uma tentativa de inverter a narrativa, colocando a vítima em posição de ré. Isso reflete uma dinâmica comum em casos de abuso de poder, em que o agressor tenta se posicionar como vítima para descredibilizar e silenciar aqueles que o denunciam.

O suporte de seu companheiro, mencionado por *Maria Firmina*, destaca a importância do apoio emocional e prático durante os períodos de luta contra injustiças. Este suporte é fundamental para a resiliência e a continuidade da luta por direitos e reconhecimento.

Maria Firmina segue seu relato, apresentando mais um pouco de sua trajetória com seu companheiro, seu processo gestacional e outras situações de sua vida como tópicos importantes a serem destacados:

> Mas lá no início desse casamento eu inventei, cismei, eu falo hoje que talvez foi um reloginho biológico, eu fiquei com muita, muita vontade de ser mãe. Então eu fui mãe no 3° período, não foi gravidez indesejada, não foi porque eu não quis a gravidez, pelo contrário, a gente se cuidou no sentido de ir no Ginecologista, eu vi que não estava conseguindo engravidar e ele também foi no médico. E eles falaram: não é porque vocês estão muito ansiosos, e tal, e depois rolou mesmo, a R. veio, e hoje está com 14 para 15 anos, agora em setembro ela faz 15, e é claro que eu não tinha dimensão do que ia ser mãe sendo estudante universitária, eu não tinha dimensão. Ele me dizia o tempo todo: *Maria Firmina*, eu acho que, eu não estou dizendo que eu não queira, eu quero, mas eu acho que vai pesar muito para você, porque de noite quem amamenta é você, não sou eu, eu não vou estar aqui durante o dia. Ele já trabalhava, nesse momento ele já fazia faculdade já, ele fez pela rede privada, ele fez Administração, então ele me dizia: eu vou para a faculdade, eu vou para o trabalho, eu não vou ter tanto tempo, tem certeza? Não, eu tenho certeza. E foi uma gravidez muito gostosa, muito, do ponto de vista dos cuidados que a gente teve, foi muito bom, pude fazer Hidroginástica, pude fazer Meditação, procurei um parto natural, foi tudo assim, foi bem legal essa experiência. Mas em relação ao contexto de, eu não estava trabalhando, eu estava com uma bolsa da FUMP, que era de manutenção e em alguns momentos eu acho que depois que ela nasceu que a situação financeira ficou ruim, e porque eu realmente não tinha dimensão do quanto que era pesado né, e depois eu fui sofrendo né lógicas de preconceito, professores me discriminaram pelo fato de ser mãe, pelo fato de estar grávida dentro da faculdade, eu não sabia que as pessoas iam olhar para mim com tanto nojo, com tanto desprezo. Ouvir piadas do tipo que eu estou povoando o mundo, que absurdo você grávida nessa idade, eu não sabia que ia passar por isso, eu sabia do racismo, que eu poderia vivenciar, mas para mim a maternidade era um passo mesmo do que eu gostaria de viver, era algo que eu queria, só não sabia que ia ter professor que não ia me deixar

> fazer trabalho de campo porque eu estou grávida, como se eles pudessem fazer, fossem médicos e pudessem decidir até onde eu posso ir e não ir entendeu?
>
> Mesmo eu demonstrando atestado e dizendo que estava competente para fazer a disciplina eles sempre davam um jeitinho de me tirar. Mas o S. sempre foi um apoio muito grande. Então assim a nossa relação sempre foi de muita amizade, de muita cumplicidade, de aprender junto coisas que a gente não sabia a gente foi aprendendo junto, um aprendendo com o outro. Então assim, é um relacionamento que eu sei que em uma sociedade machista, racista, é difícil de dizer disso, é como se isso não existisse, porque em todo círculo de amizade que a gente tem são de referências de "ah o casamento é uma coisa que a gente tem que levar né", e não é isso, eu não acredito nisso. Ou então tem muitas amigas que tem parceiros que não são legais, que não faz a parte deles, seja no trabalho doméstico, seja na relação um com o outro, e o S. sempre fez, o S. sempre morava sozinho né, então o que a gente faz é dividir as tarefas. Eu adoro cuidar de roupa, deixar uma roupa limpinha, lavada, cheirosa, agora ele não, ele já curte fazer a comida, ele já gosta de uma comida cheirosa, uma comida bem temperada, uma comida bem gostosa, então ele faz essa parte e cada um faz a parte que gosta sabe. Mas eu sei que na real, com os passar dos anos desses 18 anos que a gente está junto a gente não vê muito casamento, das pessoas que estão próximas da gente, muito nessa vibe não, de cumplicidade, de amizade que a gente tem não.

A narrativa de *Maria Firmina* nos mostra um cenário interpelado por suas experiências atravessadas pelas questões de raça, gênero, maternidade e apoio conjugal dentro do contexto acadêmico e social. Primeiramente, a decisão consciente de *Maria Firmina* de tornar-se mãe durante o período universitário destaca uma escolha pessoal significativa, que, embora planejada e desejada, a expõe a novos desafios e preconceitos.

A gravidez na academia, um espaço tradicionalmente dominado por valores que frequentemente não acolhem integralmente as necessidades de estudantes que são mães, coloca nossa interlocutora em uma posição vulnerável, sujeita a discriminações específicas. A rejeição e o desprezo que ela enfrenta por estar grávida, manifestados tanto em atitudes explícitas quanto em práticas institucionais, como a negativa de participação em trabalhos de campo, ilustram a persistência de estigmas sociais em torno da maternidade, mesmo em ambientes, como a universidade pública que deveria garantir segurança e ambiente acolhedor para todos os corpos independente de raça, gênero, classe, orientação sexual etc. Essas experiências reforçam a

necessidade de uma reflexão crítica sobre as estruturas de apoio disponíveis para estudantes grávidas e mães nas instituições de ensino superior, bem como a importância de políticas inclusivas que reconheçam e acomodem suas necessidades específicas.

O papel do parceiro, S., emerge como fundamental no relato de *Maria Firmina*, evidenciando uma dinâmica de relação baseada na cumplicidade, no apoio mútuo e na divisão equitativa de responsabilidades domésticas e parentais. Esta relação contrasta com as normativas sociais de gênero que frequentemente atribuem às mulheres a maior parte do trabalho doméstico e dos cuidados, mesmo em contextos em que ambas as partes trabalham ou estudam. A parceria de *Maria Firmina* e S. serve como um exemplo positivo de como as relações podem ser construídas sobre bases de igualdade e respeito, desafiando os papeis de gênero tradicionais e oferecendo um modelo alternativo de convivência conjugal e parental.

Este caso ilustra as tramas das teias de experiências vividas por mulheres negras no contexto acadêmico brasileiro, marcadas pela interseccionalidade de gênero, raça e maternidade. Aponta para a necessidade de um olhar mais atento às diversas formas de discriminação que podem afetar sua trajetória acadêmica e pessoal, bem como a importância de estruturas de suporte que reconheçam e valorizem a diversidade de experiências estudantis. Além disso, destaca a relevância de relações conjugais baseadas na igualdade e no apoio mútuo como fundamentais para o enfrentamento dos desafios impostos por uma sociedade ainda marcada por profundos preconceitos e desigualdades.

Do ponto de vista acadêmico, esta narrativa é rica em temas de estudo, como a interseccionalidade das opressões, o papel das instituições de ensino na perpetuação ou combate à discriminação, e as dinâmicas de poder dentro do ambiente acadêmico. Também abre espaço para reflexões sobre os processos de justiça e reparação para vítimas de discriminação e abuso de poder. Esta análise ressalta os desafios enfrentados por indivíduos que se encontram na interseção de múltiplas identidades marginalizadas, bem como a importância do suporte comunitário e institucional na superação desses desafios.

5.5.2 Não, ele não foi meu primeiro namorado

As trajetórias afetivas das nossas interlocutoras nos importa, uma vez que buscamos compreender como a noção de amor que elas possuem, foi construída ao longo das suas experiências afetivas. *Maria Firmina* nos apresentou importantes características do seu atual companheiro e agora nos permite conhecer um pouco mais da trajetória anterior a essa relação.

Como ela trouxe muita coisa da sua relação, considerei importante perguntá-la se ele teria sido seu primeiro namorado e ela seguiu:

> Não, ele não foi o meu primeiro namorado, eu estava namorando na época quando eu conheci o S., era um rapaz assim que eu gostava muito, mas eu fiquei muito apaixonada pelo S., pelos projetos assim de, as ideias dele tinham muito a ver comigo. Então eu fiquei assim muito apaixonada com as ideias, com as atitudes, com a coragem dele de ter vindo do interior, eu achava aquilo ali o máximo, de morar sozinho, ser mais independente. Meu outro namorado não tinha essa mesma experiência de vida, embora fosse de uma família também de migrantes que tinham chegado aqui em Belo Horizonte quando ele ainda estava muito pequeno. Eu sei por que também vim de Belo Horizonte, então minha família também é migrante, vem do Norte de Minas, e a família desse ex-namorado também. E depois, antes desse namorado que eu estive firme, a o restante foi mais assim de ficar, de ter um relacionamento muito mais curto, a gente até brinca, eu brinco muito com isso, eu dizia assim que eu casei para namorar, porque a minha mãe era muito fechada, então ela não admitia muito essa ideia de ter muitos namorados, de sair de casa para uma festa e chegar depois da meia noite, mesmo eu já sendo, mesmo eu estando, apesar que eu casei muito cedo né, mesmo estando com 18, 19, entre 19 e 20, entre 18 e 19 eu estava com o anterior, depois 20 e 21, acho que eu estava com 20 anos eu comecei a namorar com o S., com 21 a gente casou.

Sua narrativa sobre a transição entre relacionamentos anteriores e o início de sua relação com S. revela aspectos importantes sobre escolhas afetivas e construções de identidade pessoal e relacional em contextos específicos. Sua decisão de encerrar um relacionamento para iniciar outro com S. foi fortemente influenciada por uma conexão ideológica e de vida, apontando para a importância de alinhamentos em projetos de vida, valores e aspirações como fundamentais na escolha de parceiros.

O fato de S. ter vindo do interior, morar sozinho e apresentar uma independência maior foram aspectos que a atraíram, contrastando com seu relacionamento anterior que, apesar de envolver sentimentos, não possuía o mesmo grau de alinhamento em termos de experiências de vida e projetos futuros. Essa diferença destaca a relevância das trajetórias pessoais e das experiências individuais na formação de laços afetivos duradouros. O valor dado à

independência e à capacidade de construir uma vida própria nos mostra sua busca por parceiros que compartilhassem de uma determinada visão de mundo e de autonomia.

A menção de *Maria Firmina* ao seu contexto familiar, assim como o de seu ex-namorado, ambos provenientes de famílias migrantes em Belo Horizonte, introduz a dimensão da identidade coletiva e da história familiar na formação das escolhas afetivas. Essa referência nos aponta o quanto que as relações afetivas, são influenciadas não apenas por afinidades imediatas, mas também por histórias de vida e trajetórias familiares que moldam as percepções e expectativas individuais.

O comentário de *Maria Firmina* sobre "casar para namorar" devido às restrições familiares em sua juventude destaca as tensões entre desejo individual e normas sociais ou familiares. Ela nos apresenta sua estratégia de negociação entre seus desejos pessoais e as expectativas culturais e familiares sobre relacionamentos e autonomia feminina. Isso reflete as dinâmicas de poder e controle social que permeiam as escolhas individuais, especialmente em contextos nos quais as mulheres enfrentam expectativas restritivas sobre comportamento e relacionamentos.

Através da experiência de *Maria Firmina*, observa-se como as escolhas afetivas são entrelaçadas com questões de identidade pessoal, alinhamento de valores, experiências de vida e negociações com o contexto social e familiar. O relacionamento com S., marcado pela cumplicidade, apoio mútuo e compartilhamento de tarefas, surge como um contraponto às normativas sociais e familiares mais restritivas, oferecendo um espaço de realização pessoal e construção conjunta em que igualdade e equidade se apresentam aos pares.

> [...]eu fui para uma escola muito longe que era no Centro Histórico de Santa Luzia, era uma escola muito boa, ela tinha qualidade, na época não tinha escola particular, na época inclusive a elite de Santa Luzia estudava nessas duas escolas estaduais que tinha lá, uma estadual e uma municipal, e ali eu não consegui me relacionar com quase ninguém. Mas eu tenho um agravante também porque até os 16, 17 anos, eu acho que com 15 a minha menstruação veio, então eu tinha nem corpo de mocinha sabe, eu era um corpo de criança. Brinquei de boneca até os 15 se deixar então assim, eu realmente era um pouco preterida pelos meninos ali na escola. Tem a questão racial sim, mas tinha a questão do corpo também, das minhas inseguranças, quando cheguei a mudar de escola, quando eu saí dessa escola e fui para a escola perto da minha casa, que era o último ano do 3° ano, e eu fui porque meu pai já havia falecido e as nossas condições financeiras caiu muito, e... (silêncio). E aí eu fui procurando emprego e falei com mãe: mãe, quero estudar aqui

> perto de casa mesmo até para eu não ficar onerando com passagem né, para estudar fora, e de dia eu vou trabalhar. Eu fui procurar emprego e consegui, a primeira experiência foi como vendedora de roupa, e aí nesse período quando eu mudo para essa escola as coisas mudam um pouco também, em relação a esse campo afetivo. Como novata na escola embora moradora do bairro eu não era muito presente no bairro, então eles me viram, e muitos colegas que eu vi criança já na condição de jovens né, então rolou interesse, mas houve também uma coisa muito ruim que foi um rapaz que era sósia de um jogador de futebol na época, que fazia muito sucesso que era o Marcelinho Carioca, esse rapaz era sósia dele, e ele fez uma aposta com uns colegas lá da escola de que ficaria comigo, mas eu não acho que era ficar só de beijo e abraço não, era para transar mesmo. Então eu não sabia disso, ele chegou a me enganar né, na época ir na minha casa, a gente começou a namorar, pediu a minha mãe para a gente namorar, e eu só achava estranho que na escola ele não me procurava muito. Então, mas eu ainda estava entendendo as regras da escola, a escola ainda estava muito recente e eu perguntava "onde você está" "ah eu estava lá na sala, não pude sair", e ai depois essas coisas eu vou percebendo que era uma aposta, porque quando alguém me pergunta "você tem namorado, quem é seu namorado?", eu falei o nome dele, uma menina que era da sala falou assim "mas tem alguém que namora com ele e não é você".

No campo do afeto, *Maria Firmina* também enfrentou desafios pessoais, sociais e emocionais. A transição de uma escola distante, onde se sentia isolada, para um ambiente mais próximo, após a morte do pai e a consequente mudança econômica da família, trouxe tanto oportunidades quanto adversidades no campo afetivo.

Inicialmente, a descrição de sua infância e adolescência destaca uma maturação física tardia e um prolongado envolvimento com brincadeiras infantis, fatores que contribuíram para o seu sentimento de preterimento pelos seus colegas, exacerbado por inseguranças pessoais e possivelmente pela dinâmica racial dentro do contexto escolar. Esses elementos, combinados, ilustram um cenário de exclusão social e emocional, que muitas mulheres negras vivenciam em suas trajetórias de afeto, a solidão da mulher negra que se apresenta enquanto um desafio a ser enfrentado não somente nas relações afetivas sexuais como nos apontou Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013).

A troca de escola para ficar mais perto de casa, em um momento de dificuldade financeira, foi um marco importante. Essa mudança trouxe novas possibilidades afetivas, mas também novos perigos. A história do namoro com um rapaz que a enganou como parte de uma

brincadeira cruel nos revela um pouco, algumas dinâmicas presentes no relacionamento na adolescência, incluindo a manipulação emocional e a quebra de confiança. Esse episódio evidencia a objetificação e a misoginia presentes em certos meios sociais, bem como a fragilidade das jovens a essas dinâmicas, especialmente quando recém-chegadas em um contexto ou quando já têm inseguranças anteriores.

A experiência de *Maria Firmina com* esse rapaz reflete não apenas uma traição pessoal, mas também uma violência simbólica, ao ser usada como objeto de uma aposta, o que sublinha a importância de discutir e abordar questões de consentimento, respeito e dignidade nas relações afetivas. Além disso, a história ressalta a importância do apoio familiar e comunitário como rede de segurança para jovens em situações de vulnerabilidade emocional e social.

Em síntese, o relato de *Maria Firmina* sobre sua trajetória afetiva enfatiza a interseção entre maturidade emocional, contexto socioeconômico, dinâmicas de poder nas relações de gênero e a busca por autenticidade e respeito nas interações pessoais. É importante também destacar a necessidade de abordagens sensíveis para prevenir e combater a violência sexual durante a adolescência, um problema grave e persistente que afeta desproporcionalmente meninas e jovens mulheres.

> E aí essa pessoa pegou e narrou que não seria isso, falou “você ta louca, ta namorando ele em casa e tal, todo final de semana a gente está junto na semana também”. E ai era engraçado que a gente não descia para a rua principal, que era do bairro, a mais movimentada, a gente sempre subia para as ruas de cima, e ele vinha, arruma bicicleta para dar volta para o bairro, e a gente ia, vivia fazendo coisinhas que namorado faz. Ai um dia a gente foi para um bairro vizinho ele insistindo para ir mais longe, e eu “ai, não vou”, e acabou que a gente foi ainda mais um pouco e chegou aonde ele queria que chegasse, que era uma casa, ai naquele momento ele pediu para mim entrar, ai eu falei assim “ah não, eu não me sinto confortável para entrar na casa de uma pessoa que eu não conheço”, e ele “não a gente vai beber só um refri, uma água”, e eu falei assim “não estou afim, não quero”, e ele foi insistindo, insistindo, e eu falei assim “então tá, eu só vou beber e estou saindo. Eu entrei e ele trancou a porta, ai eu falei assim “oh, vamos embora, eu não estou gostando disso”, e ai ele foi insistindo mais e tal, ai a gente até chegou a deitar em uma cama, ele me beijando e tal, mas quando eu vi que ele estava passando do limite ai eu peguei e falei assim “ai você está errado, você não está entendendo o que eu quero com você, e eu não estou entendendo o que você quer

> comigo, acaba aqui, terminou aqui". Aí ele pega e deu um murro na parede bem forte, perto do meu rosto, e eu fiquei muito, muito assustada, aí ele pediu milhões de desculpas e tal, aí a gente voltou a ter experiências, uma delas foi essa. Ainda naquele ano eu ia conhecer esse namorado que eu fiquei uns 2 anos, que foi dos 18 aos 20, mais ou menos. Naquele ano eu fui apaixonada por outro rapaz também, que esse que eu narrei a história era um rapaz negro, depois eu fiquei, e eu já era apaixonada desde o 5° ano, 3ª série, sei lá desde criança eu era apaixonada por um menino que chamava D., na rua de casa, que era um menino, que virou um rapaz que era negro também. Eu era apaixonada cegamente por ele, achava ele muito inteligente, muito bonito. Na adolescência eu não estudava lá, mas ele chegou a chamar para ir à igreja dele, mas só que minha mãe é muito católica, eu também, aí a minha mãe até ficou com o pé atrás e falou assim: não vem aí com isso de que você vai para a igreja evangélica não. Porque eu iria para acompanhá-lo, se eles fossem me convencer de alguma coisa ia ter muita dificuldade. Ai naquele ano também, já tinha esse rapaz de muito tempo, só que tinha esse empecilho da questão religiosa, e também eu acho que nunca teve nenhuma atração por mim não, eu acho que ele sempre me considerava uma colega, uma amiga no máximo, eu que era apaixonada com ele. E um outro rapaz também que era de azarasão mesmo, de passar e achava ele bonito, a gente chamava ele de chocolate que era outro rapaz negro.

Este trecho, traz questões como consentimento e a intersecção de raça e gênero em suas experiências de namoro. A tentativa de um parceiro de forçar uma situação mais íntima, contrariando os desejos e limites estabelecidos por *Maria* Firmina, ilustra uma violação do consentimento que é um tema recorrente nas discussões sobre relações de poder e violência de gênero. A reação agressiva do parceiro, embora não diretamente contra ela, serve para intimidar e manipular, uma tática comum em relacionamentos abusivos que buscam controlar ou coagir as mulheres. No Brasil são muitos os casos em que mulheres são coagidas, violentadas e muitas vezes assassinada pelo próprio companheiro, ou ex-companheiro, quando este não aceita o fim do relacionamento ou a negativa da mulher para um pedido ou tentativa sexual forçada.

A paixão de infância por D., marcada pela inocência e o desejo de proximidade, contrasta com a experiência anterior mais ameaçadora. A questão religiosa surge como uma barreira adicional nas relações sociais e afetivas, refletindo como fatores externos à relação em si que podem influenciar ou restringir as interações pessoais. Além disso, a menção à atração por "chocolate", um apelido que, embora possa parecer elogio, uma maneira carinhosa de tratar

alguém também pode ser interpretado como uma forma de fetichização da cor da pele, revela as nuances da racialização da atração e objetificação do corpo do homem negro.

O relato de *Maria* sobre suas experiências afetivas destaca dinâmicas de poder dentro das relações amorosas, particularmente para mulheres negras. A questão do consentimento, violada na situação com o rapaz que se mostrou agressivo, aponta para a necessidade de discutir e enfatizar o quão importante a conscientização do "Não é Não"[25] para os homens, precisa cada vez mais ser disseminada.

Essas experiências, embora pessoais e únicas para *Maria*, refletem questões mais amplas sobre como as mulheres negras navegam relações afetivas em meio a expectativas sociais e pessoais, enfrentando desafios que incluem violência de gênero, racismo e pressões sociais relativas à religião e à comunidade. A maneira como *Maria Firmina* articula essas histórias oferece insights valiosos sobre as intersecções de identidade e experiência, contribuindo para uma compreensão mais rica das realidades vividas por mulheres negras em contextos de namoro e relacionamentos.

5.5.3 O amor é construção? E a tal da palmitagem[26]

Podemos afirmar que o amor é singular? Que possui apenas um significado e que sempre estará atrelado a uma relação afetiva sexual? Nos meus dois encontros com *Maria Firmina* a relação afetivo-sexual construída com seu parceiro (um homem branco) se fez muito presente. Ela conseguiu descrever em muitas palavras como se conhecerem e como estavam naquele momento, vivendo o casamento e criando dois adolescentes, frutos daquela relação.

Chegou o momento em que perguntei para ela como via o amor e seguindo sua maneira expressiva de falar, *Maria Firmina* seguiu generosamente com sua história:

---

[25]A expressão "não é não" é um slogan amplamente utilizado em campanhas de conscientização sobre a violência de gênero, especialmente em contextos que abordam o consentimento sexual. Originada como uma resposta direta e intransigente às justificativas frequentemente usadas para desculpar ou minimizar comportamentos sexuais não consensuais, esta frase sublinha a importância de respeitar as decisões das mulheres sobre seus próprios corpos e espaços pessoais. Ao afirmar "não é não", enfatiza-se que qualquer forma de coerção, pressão ou insistência após uma negativa é inaceitável e constitui uma violação dos direitos individuais. Essa expressão serve como um lembrete crucial de que o consentimento deve ser claro, entusiástico e contínuo, e que a falta dele deve sempre ser respeitada sem questionamentos.

[26] Este tem sido utilizado na maioria das vezes pela própria população negra para se referir às pessoas que são negras e que se relacionam com brancas e brancos. Em uma alusão ao "palmito" (alimento obtido do miolo de palmeiras, pupunha, açaí, etc. Nas redes sociais, o termo geralmente aparece acompanhado de discussões calorosas, em que você encontra pessoas contrárias às relações interraciais e pessoas a favor destas relações. É importante destacar o quanto as relações interraciais no Brasil contribuíram para a construção do Mito da Democracia Racial. Mais importante que isso é relembrar que as primeiras relações sexuais entre pessoas homens brancos e mulheres indígenas e negras no Brasil ocorreram via violência sexual, estupro e com o passar do tempo, das gerações isso foi sofrendo alterações que nos trouxeram até o presente momento.

> Nossa, se você perguntasse a 10 anos atrás, principalmente no início do relacionamento, eu falava que amor é construção, é construir uma relação com afeto, com respeito, com carinho, com cuidado, com querer bem, aí já, essa era sempre a minha resposta, construção. Ai agora eu queria até entender porque eu falava tanto o que era construção, eu acho que bem naquela ideia de subverter e de superar a ideia do amor romântico que tinha na época quando eu era adolescente, porque tinha um tal de você encontrar sua alma gêmea, que não sei o que, então eu não acreditava, eu não queria acreditar nisso, principalmente depois que eu conheci o S., porque eu falei assim: eu gosto dele, eu sinto atração por ele, ele me respeita, me coloca para cima, é isso, nós vamos seguir juntos. Então eu não acreditava naquela época do amor à primeira vista, essas coisas, hoje, engraçado, eu acho que hoje até sim, eu acho que é possível essa coisa de pessoas, de conexão, de outras vidas, de outros momentos, de outras experiências, eu acho que consigo ampliar um pouco mais, mas na época era bem essa ética em relação a isso. Mas ainda continuo acreditando que amor é uma conexão que a gente pode construir, mas hoje eu não acho que é só construída não, você pode encontrar alguém que... com que você tenha uma carga de afinidade muito grande, de afinidade, de sintonia, de energia, acho que é muito mais que construção. É também construção, mas tem algo mais nessa questão do amor.

A resposta de *Maria Firmina* sobre o amor nos aponta uma mudança significativa em sua percepção ao longo do tempo. Anteriormente, ela caracterizou o amor primordialmente como uma "construção", realizando o papel do esforço conjunto, do respeito mútuo e do carinho na edificação de uma relação afetiva sólida. Esse conceito reflete uma contraposição à ideia de amor romântico, muitas vezes idealizado e pautado na noção de encontrar uma "alma gêmea", uma crença predominante durante sua adolescência e juventude. Contudo, com o passar dos anos, *Maria Firmina* passou a considerar e valorizar também a existência de uma "conexão" espontânea que pode emergir entre pessoas, demonstrando que o amor pode transcender a mera construção deliberada para incluir elementos de camadas e sintonia naturalmente alinhadas. Assim, embora ainda considere o amor como algo que se constrói, ela agora admite que há um componente de atração e compatibilidade que complementa e enriquece a experiência amorosa.

Pensei exatamente na contradição, ou melhor dizendo na beleza da dialética que aparece na maneira como *Maria Firmina* nos apresenta sua percepção sobre o amor. Ela nos mostra um amor enquanto uma prática consciente e deliberada de construção de relacionamentos

significativos e um amor enquanto experiência espontânea e intuitiva de conexão e reconhecimento. Ela ilustra como as experiências pessoais, a reflexão e o amadurecimento ao longo da vida podem moldar e remodelar nossa compreensão do amor, demonstrando que ele, o amor, não se restringe a uma única definição ou abordagem, mas é uma feição rica e dinâmica que engloba tanto um caminho de construção diária quanto a descoberta de conexões profundas.

Seguindo com nossa conversa em um dado momento, enquanto ainda discorria sobre sua percepção a respeito do amor, *Maria Firmina* traz um ponto nodal para aquele momento. Ela começa a descrever como se sente em relação a maneira como a mídia aborda a questão das relações interraciais, muitas vezes violenta, principalmente quando se trata da mulher negra. Maria Firmina comentava a respeito da função da rede social *Instagram*, que muitas vezes é utilizada como espaço de disseminação de ódio, discriminação, violência etc. E seguiu dizendo de um perfil de um homem que oferecia cursos sobre pautas raciais:

> Esse curso começa nesse final do mês, mas eu tinha, eu sempre vou seguindo o conteúdo, as coisas que vão aparecendo que é dele, mas eu já escrevi para ele dezenas de vezes no privado as coisas que me incomoda e apaguei, e eu não mando, não tenho coragem de mandar, porque eu acho que o... ser mal interpretada ali naquele espaço do virtual é muito fácil, e ele tem um certo.... não é que é deboche, mas do riso, ele fala muito sério, mas ao mesmo tempo ri, e a coisa da palmitagem me machuca, me dói, ver pessoas da luta antirracista usando esse termo, ver pesquisadores que estão em formação, ou que já estão formados usar essa expressão. Não são pesquisadores-professores, que eu vejo isso muito na Militância de pessoas mais jovens, mas eu não excluo a possibilidade, que a gente sabe que o próprio movimento negro, de algumas décadas atrás algumas coisas serem até muito mais violentas do que hoje. Aliás, violentas em que nível né, porque eu acho que na época, a algumas décadas atrás, as pessoas não diriam isso na cara do outro, hoje as pessoas usam as redes sociais para piada, um vídeo, uma situação para poder rir dessa coisa da palmitagem, então é uma coisa que me incomoda. Ai eu me inscrevi para fazer esse curso dele porque eu quero ver como ele abarca essa situação no campo das relações raciais, pelo que eu li da descrição que ele colocou ali ele falou que da primeira vez que ofertou o curso não conseguiu aprofundar, ai na Ementa dele dá a entender no final que o sentimento pode estar acima das barreiras da relação racial em si, ou seja, a relação racial de certo modo tende a mediar as nossas, o nosso viver, por isso que chama as relações étnico-raciais, as relações mesmos do cotidiano que a gente tem, e isso faz com que em certos lugares

> dependendo de onde eu estou, dependendo de com quem eu me relaciono, dos meus famílias, em que família eu nasci, tudo isso tende a influenciar na escolha.

Quem é negra(o) e se relaciona ou já se relacionou com pessoas brancas, em algum momento da vida escutou ou leu em algum lugar a palavra palmitagem. A forma de *Maria Firmina* abordar as questões raciais, no que tange às relações afetivas, mostra um ponto delicado, especialmente quanto ao emprego do termo "palmitagem" e como ele ecoa nas comunidades antirracistas e acadêmicas. Seu dilema interno, demonstrado pela indecisão em se comunicar com o professor que ministra um curso sobre relações raciais, mostra-nos sua preocupação com a facilidade de confusões no ambiente virtual, que podem ocorrer principalmente quando se trata de pautas sociais importantíssimas como está em questão, no qual aspectos fundamentais podem se perder e se tornar discussões esvaziadas de sentido e relevância.

O riso, mencionado por ela como uma característica do professor, a deixa desconfortável. O termo "palmitagem", usado para descrever relacionamentos interraciais no qual pessoas negras se relacionam afetivamente com pessoas brancas carrega, em si, um peso significativo, apontando para discussões sobre preferências afetivas influenciadas por estruturas raciais.

Seu desconforto é expresso ao ver indivíduos engajados na luta antirracista usando o termo de maneira que parece desconsiderar seu impacto e gravidade. Ela identifica uma mudança geracional na abordagem referentes às questões raciais, no qual as redes sociais agora servem como um espaço onde críticas e comentários dolorosos são mais visíveis e, em alguns casos, apresentados de maneira leviana.

Ao mencionar o curso, *Maria Firmina* demonstra um desejo de entender melhor como o professor aborda a intersecção entre amor e barreiras raciais, especialmente a ideia de que o sentimento pode superar tais barreiras. Ela busca por uma análise mais profunda das dinâmicas de poder e preferência dentro das relações interraciais, destacando como essas escolhas são influenciadas por fatores sociais e históricos mais amplos.

A preocupação de *Maria Firmina* com o tema nos mostra sua consciência crítica sobre como a racialização das relações afetivas se entrelaça com discursos mais amplos de poder, identidade e resistência, apontando para a necessidade de diálogos mais cuidadosos e reflexivos sobre essas questões dentro dos espaços de militância e academia. Se pensarmos as dinâmicas de relações que se estabeleceram no Brasil, desde o processo de colonização até o nosso tempo atual, não podemos negar que historicamente a população negra foi subjugada e desumanizada

e com isso perdeu inclusive o seu direito de viver o afeto com os seus pares. Famílias inteiras foram separadas durante a escravização e isso durou por séculos. As coisas mudaram muito desde então, mas ainda vivemos em uma sociedade que desumaniza corpos negros e que prioriza a vida de pessoas brancas e que mantêm em curso um projeto genocida de extermínio da população negra, basta ver os números que anualmente são apresentados pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada 2015, 2016, 2017, 2018) em sua pesquisa a respeito da violência no Brasil, em que vêm denunciando o quanto a população negra é alvo de extrema violência. Por isso a importância de falarmos sobre as pautas raciais (inclusive as que envolvem questões afetivas-sexuais) de maneira séria e com responsabilidade.

Sobre a intersecção do amor com a cor e com a classe, *Maria Firmina* continuou expondo suas reflexões:

> Mas eu não acredito que o amor tem cor, eu acho que ele poderia ter acontecido, por exemplo, para mim com pessoas negras ou com pessoas brancas, inclusive tinha menos chance de acontecer com pessoas brancas, porque embora eu tenha estudado numa escola que majoritariamente era branca, no ensino fundamental e médio, eu sofria racismo, então eu tinha muita raiva dos meninos brancos também. Então eles falavam que eu tinha caído num poço de piche, e eu tinha que devolver um... um xingamento, uma afronta desse tipo também, discriminando-os, lembrando que não é racismo que eles sofrem né, tentava me defender xingando também. Até encontrei com esse rapaz, o M. era um rapaz, por exemplo, que me xingava muito no ensino fundamental, eu encontrei com ele na UFMG, foi supersimpático, estava completamente constrangido com a minha presença, mas querendo estar perto de mim, querendo conversar, e a gente lembrando, eu acho que daquele passado horroroso que a gente viveu. Mas foi uns 2, 3 encontros assim muito rápido e eu senti que a gente poderia até ter uma amizade ali, mas eu, eu... eu fiquei assim lembrando mesmo de toda aquela experiência negativa. Mas assim, se o amor tem cor, eu acho que ele não tem, mas até você conseguir construir, uma ideia de amor é uma construção também, né, não é só energia, não é só troca, eu acho que fica complicado. Ai não sei se você conseguiu me entender.

A resposta de *Maria Firmina* à pergunta sobre se o amor tem uma reflexão importante: o encontro entre raça e relações afetivas. Embora ela afirme não acreditar que o amor possui cor, sua narrativa evidencia como experiências de racismo no contexto escolar influenciam sua

percepção e interações com pessoas brancas durante sua formação. As lembranças dolorosas de racismo vividas por *Maria*, especialmente os insultos raciais, se colocam como desafios importantes para o desenvolvimento das relações afetivas.

Ao mencionar um reencontro com um antigo colega que a havia ofendido racialmente, *Maria Firmina* revela uma abertura para reconstruir relações a partir de um novo contexto, como o universitário, que propicia encontros mais maduros e reflexivos. No entanto, a memória das agressões sofridas impacta sua capacidade de se abrir completamente para novas amizades com indivíduos que participaram dessas experiências negativas.

Sua narrativa nos mostra que, mesmo que o amor em si, não seja afetado diretamente pelas diferenças raciais, as trajetórias pessoais, marcadas por dinâmicas de poder racial, influenciam profundamente as possibilidades afetivas. A noção de *Maria Firmina* de que o amor é uma construção aponta para o entendimento de que relações amorosas são moldadas por experiências sociais, culturais e pessoais, que incluem a maneira como enfrentamos e integramos experiências de racismo em nossas vidas.

Portanto, analisar seu depoimento é crucial para reconhecer como as dinâmicas raciais moldam as interações sociais afetivas. Sua reflexão sobre a possibilidade de amizade após experiências passadas de racismo mostra um desejo de construir relações que superem preconceitos, apesar dessas experiências continuarem a afetar como os relacionamentos são percebidos e vividos.

Seguimos com a reflexão proposta por *Maria Firmina*:

> Porque de outro modo, Andréa, eu estou buscando essa resposta: o amor tem cor? Eu também estou buscando entender isso, não é uma resposta dada para mim também não, ela não... Inclusive era duas colegas minhas aqui, a umas duas semanas atrás mais ou menos, e eu e o S. fomos perguntando sobre isso e falando, né, coisas que a gente pensa sobre a questão, porque muito se constrói, não é só uma questão de imaginário, são de dados mesmo, da violência racial, no Brasil, do Feminicídio de mulheres negras morrerem mais e etecetera, mas o que eu vivo é uma exceção, talvez, ai é difícil, é muito ruim a gente se assumir enquanto exceção, não quer ser exceção, queria que fosse mais comum. Inclusive eu compreendo e respeito, comerciais por exemplo não mostrarem famílias negras com negras, famílias brancas com brancas, por questões assim, se você vai a um laboratório eu fico olhando as imagens, eles sempre colocam as imagens de mulher, laboratório que eu falo esse de fazer coleta de sangue, urina, essas coisas, ai sempre tem um núcleo familiar negro, o núcleo familiar branco, mas o casamento

interracial é muito mais parece desenhado nas novelas né, especialmente da Globo, e ai é o momento que eu consigo me sentir um pouco representada. Mas eu torço pelo amor negro, que as pessoas possam ter esse direito, porque eu sei o que o racismo fez, ele violentou de tal maneira que famílias negras não é algo que é, digamos, não está no horizonte, eu falo e lembro isso sempre para os meus filhos, meus estudantes, os alunos, eu falo com eles: olha, constituir uma família negra, no período da colonização era uma coisa quase impossível para aqueles que estavam em cativeiro, não podia constituir família, havia umas exceções, ai o Gilberto Freire vai narrar essas exceções e a gente acha que tem um impacto né, uma democracia racial, mas não existiu não, era muito difícil, e um povo tão violentado, que sofreu tanta, teve tanto sofrimento, para ele se relacionar sem ser atravessado pela própria violência é complicado, é muito difícil, você ter um homem e uma mulher negra unido sem ninguém fazer perguntas se eles são irmãos, se eles são da mesma família, porque não acho nem que é porque a novela induz só a um casamento inter-racial não, é porque a gente não está acostumado a ver famílias negras em espaços de visibilidade. Eles estão sempre mais periféricos né, então a mídia na hora de fazer uma entrevista de casal não vai procurar um casal negro para responder, então eu compreendo tudo isso. Mas eu acho que a gente precisa avançar e entender que há casamentos inter-raciais, eles existem, e existe amor ali, existe um núcleo familiar que é também machucado quando as pessoas, não só por racismo né, que atravessa a minha família, então as pessoas vão me perguntar se os meninos realmente são meu filho, mas não por isso, mas tem gente que vai dizer que eu estou com um trunfo na mão, ah você tem um menino branco, como se eu estivesse clareando a raça, e hoje eu já até vi pesquisadores que eu amo, pessoas que eu gosto, me mandar foto de pessoas negras, bonitas, ok, que pessoas negras bonitas é outra, outra situação, outra, ai (suspiro), outra discussão, mas eu ter que ligar para a pessoa e falar assim que meu marido não é negro, e você está me mandando foto de homens negros, eu não sou nem solteira, não está legal. Ai a pessoa ter que pedir mil desculpas, sem graça né, e você tem que respeitar o S. E quando essas pessoas se aproximam do S. e vê nosso núcleo familiar e nos conhecem ai elas mudam de ideia, ai elas conseguem perceber, por exemplo, aquilo que os dados estatísticos acabam forçando, como que eu vou dizer, os dados estatísticos meio que manipulam também essa visão de que se eu estou em um casamento interracial ele certamente é desigual, ele certamente estou sendo oprimida, eu certamente estou passando por situação de violência, ele homem não deve respeitá-la, deve fazer piada do cabelo dela, e é justamente o contrário que eu vivo, mas é muito

> ao contrário, muito. Ai as pessoas quando se aproximam aí beleza, aí essa pessoa é aceitável dentro desses núcleos negros dentro da universidade, mas é isso.

Podemos ver na fala de *Maria Firmina* uma trajetória afetivo-sexual com o parceiro que é um homem branco, uma realidade que como ela mesma afirma, se diferencia da maior parte das relações interraciais em comparação a realidade social brasileira e os desafios que muitas de nós, mulheres negras enfrentamos nos relacionarmos com pessoas brancas. Sua reflexão a partir de sua experiência com seu companheiro nos coloca uma questão importante que é: como que a sociedade lida com relacionamentos interraciais que na prática cotidiana "dão certo"? Ao discutir a temática das relações interraciais com seu esposo e com amigos próximos, ela expressa o desejo de que sua experiência, embora possa parecer uma exceção, se torne mais comum na vida de pessoas negras. Ela faz uma crítica à representação limitada das famílias nas mídias e valoriza as representações de casais interraciais em novelas como momentos de identificação com a sua própria história.

Vemos o quanto a discussão sobre o amor e a cor, reflete não apenas a questão pessoal de *Maria Firmina,* mas também uma indagação cultural e social mais ampla, em que as dinâmicas raciais influenciam as relações afetivas e familiares. A menção às famílias retratadas na mídia, contrastando com a representação de casamentos interraciais nas novelas, destaca uma falta de representatividade que repercute no imaginário social sobre como as famílias devem ser configuradas.

A busca de *Maria Firmina* por compreensão não é isolada, mas compartilhada em diálogos com o parceiro e amigas, isso nos mostra que esta reflexão contínua sobre como raça e amor se entrelaçam em suas vidas, se apresenta como importante no seu relacionamento. A preocupação com a perpetuação de estereótipos raciais, como a ideia de "clareamento" da raça através de relacionamentos interraciais, sublinha múltiplas facetas do racismo e suas implicações para indivíduos e famílias que buscam existir em uma sociedade estruturalmente racista. Maria expressa desconforto com o uso do termo "palmitagem" e com a simplificação dos casamentos interraciais a narrativas de desigualdade e opressão, refutando essas noções com sua própria experiência de respeito e igualdade em seu casamento. O que me fez refletir sobre a importância de levarmos em consideração a capacidade de agenciamento das mulheres negras, conscientes das questões macrossociais que atravessam suas existências, mas que não as define enquanto sujeitas únicas no mundo.

O que vemos na narrativa de *Maria Firmina* é um alerta para que possamos realmente olhar para relações afetivas interraciais, como relações não se inscrevem apenas no campo

coletivo social, mas também nas esferas da vida privada e subjetiva de cada sujeita (o). Ela também nos mostra como as interseções de raça e amor são vividas e constantemente negociadas e nos destaca a importância do reconhecimento das diversidades das experiências afetivas e familiares. Sua relação com seu companheiro desafia, como ela mesma disse algumas vezes em nossa conversa, os estereótipos formatados para as configurações afetivas interraciais, em diversos aspectos. O que nos convida para uma reflexão sobre a importância de pensarmos experiencias de amor como múltiplas possibilidades.

E a conversa não se encerra, seguimos:

> É, e a coisa fica em um dilema de um jeito de que... Ah tá uma coisa que aconteceu, entre essa entrevista e aquela anterior e essa agora, é que um professor me perguntou: *Maria Firmina*, você defende a luta antirracista, mas você é casada com um branco. Então assim, e ele é um cara que não entende nada da questão racial, mas ele é muito aberto, e por ser aberto ele vai buscando sempre as informações, ele vai se informando pelas redes sociais. Então me ascendeu esse alerta também em relação as pessoas, as demais pessoas que nunca pararam para pensar na questão racial e quando se depara que bom né, está lá nas redes sociais, mas entendendo a forma, não é que eu estou tentando controlar, de jeito nenhum, que a comunicação deva ser a respeito da temática, não é isso, mas a informação que ele teve ali "então pera ai, a *Maria Firmina* que eu admiro, que faz esse movimento legal na escola é uma pessoa atrapalhada né, que ela fala uma coisa e faz outra", como se ter casado com uma pessoa branca diminuísse então a minha potência na luta antirracista ou enquanto sujeito humano. É uma pessoa que, por exemplo eu já escutei coisas também de colegas da pós-graduação que do tipo ter casado com uma pessoa branca não é só clarear a raça, é aumentar o número de brancos no Brasil, como assim? Então... ah tá, não era só aumentar o número de brancos, estava como se fosse "matando a minha descendência negra", que me deu exemplos de... como é que eles chamam gente, o Ministro da Cultura, É, Gilberto Gil. E aí pega e me mostra uma foto da família do Gilberto Gil e olha... cachorro sai daí, desculpa Andréa, aí ele fala assim: olha o que o Gilberto Gil fez. O cara é fantástico, inteligentíssimo, um compositor majestoso, elogia ele, e olha só o que ele fez, ele casou com uma pessoa branca, teve filhos brancos e agora ele tem netos brancos, ele matou ali a negritude, entendendo a negritude não, pelo menos culturalmente não estivesse vivendo ali com aquelas pessoas brancas ou com qualquer contribuição que não tenha feito do ponto de

> vista “biológico (aspas colocadas pela entrevistada)”. Ai não sei se você está conseguindo entender, porque isso é muito doido.
>
> Eu penso e fiquei assim e fico ainda em choque com essas coisas Andréa que eu vou vendo, ouvindo, ou seja, isso ainda é muito sintomático que ainda é aqui no Brasil, e que bom que você está fazendo essa pesquisa, tema muito urgente e a única pessoa que eu tenho para desabafar sobre esses assuntos é o meu marido. E aí eu desabafo com ele e falo olha aí, talvez a gente seja uma exceção, né, talvez não só os dados, mas as experiências que eles estão aí vendo de casamento inter-racial não está legal, e eles acham que a gente está indo por esse lado. Então aí ele vai me dando esse suporte de tipo não fritar muito com isso, mas não tem como não fritar, né, porque se fosse com pessoas que não tem conhecimento de causa, que buscasse compreender bem o campo das relações interraciais a gente tem até paciência, mas pessoas não..., Mas são pessoas que são pesquisadoras e que tem posicionamentos assim bem estranhos em relação a esse assunto.
>
> Aí eu acho que é aquilo que eu te disse sobre os dados do IBGE, os pretos casam com os pretos, os brancos casam com brancos, mas é por causa do, é que como Geógrafa eu fico e pensando muito, não é só o lugar que você ocupa socialmente, mas territorialmente os pretos vão se encontrar, os brancos vão se encontrar nos territórios deles. Então os casamentos não são mais inter-raciais, mas isso não impede, tanto que tem brancos que são pobres, no caso o meu marido, a gente vai se encontrar e vai se relacionar.

A fala de *Maria Firmina* nos mostra um pouco as contradições enfrentadas por indivíduos engajados na luta antirracista que estão em relacionamentos interraciais. Nossa interlocutora destaca a dificuldade de lidar com as expectativas e críticas externas que questionam a autenticidade de seu compromisso com o ativismo antirracista devido ao seu casamento com uma pessoa branca. Esse questionamento revela uma tensão entre as percepções públicas da integridade antirracista e as escolhas pessoais no âmbito afetivo, invalidando muitas vezes o compromisso de uma pessoa negra com a luta contra o racismo pelo fato dela estar se relacionando com uma pessoa branca. Questiona a capacidade de agenciar vida privada e vida coletiva/pública de pessoas que se encontram nesta encruzilhada.

A preocupação expressa por um colega, indicando uma suposta incongruência entre a defesa da luta antirracista e o casamento interracial de *Maria Firmina*, aponta para uma visão simplista e redutora das relações interraciais, que muitas vezes invalidam as capacidades

individuais e coletivas, das sujeitas e sujeitos existirem no mundo. Tal visão falha ao não reconhecer que o compromisso com a justiça racial pode coexistir com relações afetivas que transpassam as barreiras raciais, sem que uma dimensão invalide a outra.

As críticas que ela recebe, inclusive de colegas da pós-graduação, refletem um entendimento problemático e simplificado sobre "clarear a raça" e perpetuam a ideia de que casamentos interraciais de alguma forma traem ou diluem a "negritude". Essa perspectiva ignora a autonomia dos indivíduos negros em suas escolhas afetivas e reforça uma noção biológica de raça que é incompatível com uma compreensão mais profunda das identidades raciais como construções sociais, históricas e culturais.

Além disso, *Maria Firmina* aponta para a importância de considerar o contexto geográfico e social em que os relacionamentos se formam. A geografia dos relacionamentos, na qual indivíduos tendem a se relacionar dentro de seus próprios territórios sociais e raciais, é um reflexo das estruturas de segregação e desigualdade presentes na sociedade. No entanto, isso não exclui a possibilidade de relações interraciais significativas e genuínas, que desafiam essas divisões.

Sua narrativa ilustra a necessidade de uma abordagem interseccional ao discutir relações interraciais, reconhecendo as múltiplas dimensões que influenciam as identidades e escolhas pessoais, sem reduzi-las a categorias fixas ou julgamentos simplistas sobre autenticidade e compromisso com a justiça social.

E nossa interlocutora segue com sua fala

> Eu acho que a gente vive uma questão, pensando a questão de gênero, eu acho que a gente vive uma heteronormatividade compulsória, eu acho que a gente poderia amar as pessoas independente, se tipo assim, se homem ou se fosse mulher, fosse não-binária. Minha filha, ela no momento ela se relaciona com menina, ela não tem interesse e desejo por menino, acho que eu e meu marido leva com muita naturalidade, embora semana passada quando eu levei no Ginecologista, Ginecologista não na Pediatra, ainda é Pediatra, ela está com 15, mas é o mesmo profissional, quando ela ficou sozinha com a Rafa ela falou “fala com sua mãe”, não, ela falou assim “como é que faz para a minha mãe escutar as coisas que eu quero dizer pra ela a respeito da minha namorada?” Porque eu não queria saber no mês de janeiro porque ela tinha CEFET para fazer a prova, e isso que aconteceu foi em fevereiro, então depois da prova tudo bem, mas é que ela estava se envolvendo muito com ela,

Então para mim eu penso que não tem gênero, na verdade eu acredito que a gente não teria essa tendência de namorar com pessoa oposta ao nosso sexo se não fosse algo historicamente construído. Eu sei que tem pessoas que pensam completamente diferente de mim, e que estão na luta LGBTQIA+, mas esse é o meu modo muito íntimo, não é de leitura, não é, digamos assim, não é porque eu fui me aprofundar nesse assunto, não fui, gênero não é a minha pauta de discussão, eu sei muito pouco sobre gênero embora tenha feito e faço cursos de formação para professores porque eu tenho lidado cada vez mais com estudantes Trans dentro de sala de aula, então eu vou buscar informação tal, mas eu sei o que eu penso, pelo menos eu não vi nos cursos, ta ai uma coisa que eu tenho me perguntado, que eu penso assim que a gente é capaz de sentir afeto, a atração independente do gênero, você amar independente do gênero. E em relação a classe eu acho que ela é uma barreira, acho que é uma barreira do ponto de vista material mesmo, não só porque esses grupos vão se encontrar muito pouco, e quando se encontram são em lugares socialmente desiguais, então vamos supor a pessoa que trabalha como recepcionista e o outro é um médico né, então eles estão em lugares diferentes eles tendem a não se relacionar, mas e vão sofrer assim como o casamento inter-racial acho que vai sofrer cobranças, por estar ou não estar juntos. Então eu não teria, eu acho que o amor pode acontecer independente da classe, mas eu não teria nenhuma chance por causa do cerceamento que acontece socialmente para que essa pessoa se aproxime ou não de alguém que é da classe social superior ou inferior. Então pode ser uma mulher rica que se o rapaz é pobre ela vai sofrer, aí é no caso até de gênero o fato dele ser pobre e o masculino. A gente tende achar que ele tem que ter as condições materiais e a mulher ser submissa a essas condições, na verdade tem sérios problemas em relação a isso, mas eu acho que o amor atravessa essas questões, são atravessamentos muito fortes que eu não sei se os pares, a pessoa ali naquele relacionamento vai ter a força que se é preciso desprender para continuar juntos, porque eu e S. teve que desprender uma energia para continuar juntos, muitos colegas dele diziam “ah você tem que ficar com ela, mas não necessariamente casar, você está sendo bobo, está casando muito cedo” né, “você vai construir no lote da casa dela e vai virar para ela aquela casa, você vai embora e você vai perder tudo”, pensando somente na questão material né. Então a gente tem que ir superando as adversidades que são próprias desse tipo de sociedade estruturalmente desigual, mas eu acredito que possa acontecer, mas eu não sou muito ingênua para acreditar na questão de classe não, eu acho que pensando na questão de classe que rico continua casando com rico e pobre com pobre.

A narrativa de *Maria Firmina* sobre amor e gênero evidencia uma conscientização e abertura para a fluidez das identidades e relações afetivas, contrapondo-se à normatividade heterossexual compulsória que historicamente tem moldado as expectativas sociais sobre amor e parcerias. Sua reflexão sobre a experiência da filha e o questionamento feito pela pediatra ilustra as tensões e os desafios que jovens LGBTQIAPN+ enfrentam ao buscar aceitação e compreensão dentro de suas próprias famílias e a sociedade mais ampla. *Maria Firmina* destaca a importância de um ambiente familiar que acolhe e respeita as escolhas afetivas dos filhos, demonstrando um compromisso com a aceitação e o amor incondicional.

Sua visão sobre a ausência de gênero nas relações amorosas sugere uma perspectiva inclusiva, reconhecendo que a capacidade de amar não se limita nem se define pela identidade de gênero das pessoas envolvidas. Esse entendimento desafia as normas sociais e culturais rígidas sobre quem deve amar quem, abrindo espaço para relações baseadas em afetividade, respeito e entendimento mútuo, independentemente do gênero. Nos diz também do direito legítimo que todas as pessoas têm de amar e serem amadas.

No tocante à interseção do amor com a classe social, *Maria Firmina* aponta para as barreiras materiais e sociais que podem influenciar e, em alguns casos, restringir as relações amorosas. As desigualdades de classe podem criar obstáculos significativos para relacionamentos entre pessoas de diferentes estratos socioeconômicos, devido ao preconceito e às pressões sociais. Ela reconhece a existência dessas barreiras, mas também acredita na capacidade do amor de superá-las. Ao mesmo tempo, ela não ignora a realidade de que as estruturas sociais e econômicas em que vivemos frequentemente perpetuam a segregação de classe nos relacionamentos, com ricos geralmente se emparelhando com ricos e pobres com pobres.

Maria *Firmina* e seu companheiro S., em sua própria relação, enfrentaram desafios relacionados não apenas à raça, mas também à classe e às expectativas sociais. Eles tiveram que mobilizar uma energia significativa para superar os obstáculos impostos por uma sociedade estruturalmente desigual. A história deles destaca a necessidade de resistir a pressões externas e internas para manter um relacionamento baseado em respeito mútuo, amor e valores compartilhados.

A análise da experiência de *Maria Firmina* oferece um olhar sobre como as normas de gênero, as estruturas de classe e o racismo interseccionalmente afetam as relações amorosas. Revela a urgência de desmantelar essas barreiras para permitir que todas as formas de amor floresçam, livres das restrições impostas por preconceitos sociais obsoletos.

5.6 "Ah então tá bom então, é, acho que eu vou começar mesmo assim: que meu nome é" *Maria Beatriz do Nascimento*[27].

Como nos atrevemos a sair de nossas peles? Como nos atrevemos a revelar a carne humana escondida e sangrar vermelho como os brancos? É preciso uma enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós invisíveis (Glória Anzaldúa,200, p.231).

Figura 6

Maria Beatriz Nascimento

Maria Beatriz Nascimento (http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1422-beatriz-nascimento)

Meu nome é Maria Beatriz Nascimento: Ah então tá bom então, é, acho que eu vou começar mesmo assim: que meu nome é Maria Beatriz Nascimento, que é um nome que ultimamente tem causado muita polêmica: mas é só? E é só gente, é pequenininho mesmo assim. E sim eu tenho 40 anos, tenho 2 filhos virando homens já, um de 20 e um de 18, crio eles sozinha, estou sozinha com eles desde que o menor tinha 6 meses, que o pai deles foi embora pro Sul, então estou sozinha com eles nesse caminho. Hoje eu

[27]Mulher cis negra, solteira, mãe de dois filhos do sexo masculino. No momento do nosso encontro se encontrava em um relacionamento aberto com um homem que segundo ela se autodeclara como homem negro, mas socialmente é lido coo um homem branco.

faço Psicologia, que é um curso que eu sonho fazer a muitos anos, até mesmo pelo envolvimento que eu tenho com outras mulheres negras, então eu sempre busquei formas de ajudar outras mulheres negras que passam pelas mesmas coisas que eu, tem os mesmos sofrimentos que eu, mas de repente não tem os mesmos meios que eu tenho de manter a cabeça boa, não todos os momentos, mas na maioria deles. Hoje eu trabalho com Recursos Humanos, que é uma área também assim que você deve imaginar que não é uma área fácil, que é uma área majoritariamente de mulheres brancas, então você chega lá uma mulher preta de nariz empinado não é fácil, então é bem complicado. Eu moro com a minha mãe, com meus 2 filhos, ah eu acho que é isso.

Maria Beatriz do Nascimento - Aquela que veio antes de mim

Maria Beatriz nasceu em Aracaju, no dia 12 de julho de 1942 e faleceu no dia 28 de janeiro de 1995 na cidade do Rio de Janeiro. Seus pais, Rubina Pereira do Nascimento, uma dona de casa, e Francisco Xavier do Nascimento, um pedreiro, tiveram dez filhos, sendo Maria Beatriz a penúltima filha. Em 1949 migrou com a família para o Rio de Janeiro, realizando a viagem de barco a partir de Salvador e estabelecendo-se em Cordovil, na Zona da Leopoldina. Entre 1968 e 1971, cursou História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Durante esse período, fez estágio em pesquisa no Arquivo Nacional, sob a orientação do historiador José Honório Rodrigues, e ingressou na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, onde lecionou História na escola estadual Roma, em Copacabana. Em 1978, iniciou uma pós-graduação lato sensu em História na Universidade Federal Fluminense, concluindo-a em 1981. Sua pesquisa focou em sistemas alternativos organizados exclusivamente por negros, abrangendo desde quilombos até favelas modernas.

Meu encontro com *Maria Beatriz* aconteceu no dia 19 de março de 2022. Como nos outros encontros, nossa conversa também aconteceu pela plataforma ZOOM. Após darmos o início à nossa conversa, pedi para que ela se apresentasse e me contasse um pouquinho da sua vida. *Maria Beatriz* se autodeclara como uma mulher cis negra, solteira, mãe de dois filhos do sexo masculino. No momento do nosso encontro se encontrava em um relacionamento aberto com um homem que segundo ela se autodeclara como homem negro, mas socialmente é lido como um homem branco. Nasceu na cidade de Belo Horizonte e naquele momento residia na região metropolitana, no município de Ribeirão das Neves.

> Ah então ta bom então, é, acho que eu vou começar mesmo assim: que meu nome é *Maria Beatriz do Nascimento*, que é um nome que ultimamente tem causado muita polêmica: mas é só? E é só gente, é pequenininho mesmo assim. E sim eu tenho 40 anos, tenho 2 filhos virando homens já, um de 20 e um de 18, crio eles sozinha, estou sozinha com eles desde que o menor tinha 6 meses, que o pai deles foi embora pro Sul, então estou sozinha com eles nesse caminho. Hoje eu faço Psicologia, que é um curso que eu sonho fazer a muitos anos, até mesmo pelo envolvimento que eu tenho com outras mulheres negras, então eu sempre busquei formas de ajudar outras mulheres negras que passam pelas mesmas coisas que eu, tem os mesmos sofrimentos que eu, mas de repente não tem os mesmos meios que eu tenho de manter a cabeça boa, não todos os momentos, mas na maioria deles. Hoje eu trabalho com Recursos Humanos, que é uma área também assim que você deve imaginar que não é uma área fácil, que é uma área majoritariamente de mulheres brancas, então você chega lá uma mulher preta de nariz empinado não é fácil, então é bem complicado. Eu moro com a minha mãe, com meus 2 filhos, ah eu acho que é isso.
>
> Minha mãe tem o orgulho tremendo de falar que só se envolveu com um homem negro na vida, isso para ela é orgulho, sabe?
>
> Meu pai é um homem branco, casado, que engravidou a minha mãe, desapareceu, e não quis me assumir (risos), é bem uma história padrãozinho, sabe, ou seja, não tive contato com ele, não sei quem é.

Maria Beatriz nos narra sua jornada repleta de desafios, superações e uma busca contínua por crescimento pessoal e profissional. Sua experiência como mãe solo, criando dois filhos, destaca sua força, resiliência e dedicação, sua realidade retratada diz da história de muitas mulheres negras brasileiras que vivenciam a maternidade solo e todos os atravessamentos sociais que esta experiência carrega. Sua decisão em perseguir o sonho de estudar Psicologia, motivada pelo desejo de ajudar outras mulheres negras que enfrentam adversidades semelhantes, reflete seu compromisso com o empoderamento e o suporte à comunidade negra feminina. A escolha de sua carreira em Recursos Humanos, um campo dominado predominantemente por mulheres brancas, evidencia os obstáculos adicionais que ela enfrenta como uma mulher negra em um ambiente profissional. *Maria Beatriz* busca não apenas avançar em sua carreira, mas também fazer a diferença na vida de outras mulheres negras.

Sua narrativa é um importante lembrete das barreiras sistêmicas que mulheres negras frequentemente enfrentam, tanto em contextos pessoais quanto profissionais. Além disso, ilustra a importância de espaços de suporte e solidariedade que permitem às mulheres negras compartilharem experiências, estratégias de sobrevivência e caminhos para o empoderamento. Sua trajetória, embora única, é representativa dos desafios interseccionais que muitas mulheres negras enfrentam, incluindo racismo, sexismo e as dificuldades associadas à maternidade solo. *Maria Beatriz*, enfrenta desafios que se entrelaçam com sua identidade de gênero, raça e status socioeconômico, além de seu papel como mãe solo.

No relato de Maria Beatriz, podemos destacar três dimensões importantes: a maternidade solo, vivenciada nas duas gerações, tanto de sua mãe quanto a sua. A outra questão importante é a narrativa racial intergeracional, tanto *Maria Beatriz*, quanto sua mãe tiveram filhos com um homem branco, ambas foram abandonadas por seus parceiros assumindo a maternidade solo. É forte o relato de *Maria Beatriz* ao afirmar que “Minha mãe tem o orgulho tremendo de falar que só se envolveu com um homem negro na vida, isso para ela é orgulho, sabe?”

Outro ponto importante está relacionado com a ausência do pai. Maria Beatriz descreve a ausência do pai com um certo sarcasmo, expressamente através de um riso que parece mascarar uma história dolorosa de abandono e exclusão. A casualidade de sua linguagem - "é bem uma história padrãozinho, sabe" - poderia ser interpretada como uma maneira de minimizar a dor associada a esta eliminação, mas também sinalizando a prevalência de tais narrativas na comunidade mais ampla, lembrando que são inúmeros os casos de mulheres negras que se tornam mães solo por abandono dos seus parceiros.

No geral, este depoimento serve como uma janela para as experiências entrelaçadas de raça, gênero e família na sociedade brasileira contemporânea, destacando as formas como as mulheres negras negociam e reconfiguram as experiências com o afeto, identidade e pertencimento em meio a desafios significativos. Essas histórias não são apenas específicas de experiências individuais, mas também servem como um testemunho que aponta para uma realidade em que mulheres negras coletivamente são vistas como fortes e resilientes e que, portanto, não precisariam ser amadas e cuidadas.

Através da psicologia, ela busca não apenas um caminho profissional, mas também uma ferramenta para promover mudança social e apoio àqueles que compartilham de suas lutas. Sua história nos mostra, da importância da educação e do impacto positivo que um indivíduo podem ter ao se dedicarem à causa do bem-estar coletivo e ao enfrentamento das injustiças sociais.

5.6.1 “Então, o que acontece, não é nem um namoro, não é nem um casamento”: Maria Beatriz e os relacionamentos.

Por diversas vezes durante os encontros com minhas interlocutoras, me questionei a respeito do que nós entendemos por relacionamento afetivo-sexual. Me questionei se quando falamos dessa temática não perpetuamos o modelo heteronormativo, branco, cristão do que seria socialmente aceito e aprovado e considerado enquanto um relacionamento, mais especificamente o amor. No encontro com *Maria Beatriz*, estas perguntas se evidenciaram ainda mais para mim.

Nesse sentido te faço um convite importante: se permita entrar em contato com a narrativa da nossa interlocutora e tente assim como eu, ultrapassar os limites impostos por nosso imaginário social e reduz as possibilidades afetivas, que se baseiam em um modelo em que grupos minoritários que se encontram à margem do circuito afetivo difundido em nossa sociedade, racista, machista, sexista, homofóbica e tantas outras características que poderiam ser citadas não se encaixam e muitas vezes sequer terão seus direitos ao amor respeitados e ou validados.

Vamos ouvir Maria Beatriz?

> Estou, nesse momento eu estou com um homem que é um homem que se identifica como homem negro, mas ele não é lido como homem negro, ele tem até muitos conflitos com isso assim, mas eu também o enxergo como um homem negro, mas ele tem muitos conflitos que as pessoas não enxergam ele como homem negro, as pessoas falam que ele é no máximo moreninho. Inclusive até nesse momento ele está em uma aula no curso de Pós-Graduação lá em São Paulo e ele trata sempre desses temas de raça e gênero assim.
>
> Então, o que acontece, não é nem um namoro, não é nem um casamento, o que acontece, eu venho de relações muito sofridas, muito, muito, relações abusivas assim ao extremo, e quando eu cheguei em uma fase da minha vida que eu falei assim “não quero mais ninguém, chega, acabou, cansei de ser traída, trocada, descobri que sou amante, ser trocada por alguém, não quero mais isso” aparece M., que na verdade eu conheci ele até pelo Insta, ele mora em São Paulo, e é muito engraçado que a gente começou a conversar justamente no, não sei se você lembra que teve uma chacina no baile funk lá em São Paulo que entraram e mataram vários garotos negros, que se não me engano foi em Dezembro de 2019, se não me engano.

Esse eu fiz um post falando sobre linkando esse acontecimento com o acontecimento da Boate Kiss, e ele comentou e aí a gente começou a conversar e estamos aí, digamos que eu escolhi viver um relacionamento digamos que aberto, embora eu só me envolva com ele, então se ficou aberto ficou para ele, porque eu me envolvo só com ele, porque eu acho que é uma forma de eu me blindar de eu não sofrer. Se um dia eu descobrir que "aí ele se envolveu com outra pessoa, está com outra pessoa", eu não vou ficar com aquela velha situação de "aí mais uma vez eu fui trocada, mais uma vez eu fui traída", então eu escolhi esse método de relacionamento aberto para me blindar.

Mas é muito bom, porque nós temos, e é engraçado porque eu passei tanto por essa fase de relacionamento aberto, acho que o M. eu estou em relacionamento que eu tenho uma pessoa, olha para você ver ele mora em outro Estado, mas de todos os relacionamentos que eu tive até hoje o M. é o cara que mais fica do meu lado, que mais me apoia, ele está comigo assim para tudo, para tudo, sempre me entende, tentar nunca me questionar, mas sempre me apoiar em qualquer decisão que eu tenha. Que foi até um relacionamento que no princípio foi muito difícil eu aceitar porque eu não estou acostumada com isso, não estou acostumada ter alguém para cuidar de mim, eu não estou acostumada com alguém para falar "olha e se seguisse por esse caminho, mas se você seguir por esse também está bom". Eu nunca tive com ninguém isso, e aceitar isso nossa, para mim foi muito difícil, tinha brigas com ele assim intermináveis, brigas loucas assim de achar "porque esse cara está cuidando de mim desse jeito, porque ele está me dando atenção desse jeito?". Hoje eu estou mais confortável em sentir que tem uma pessoa que cuida de mim assim.

Porque o que acontece, os pais dele, a mãe dele é branca e o pai dele é negro, então basicamente a única coisa de traços negro que ele puxou do pai é o cabelo, só que ele é um homem careca que como ele perdeu bastante essa parte do cabelo ele está careca. Então as pessoas olham para ele e não vê traços de uma pessoa negra, mas ele mesmo fala que o dia D que ele se descobriu como homem negro foi na adolescência, quando uma menina falou com ele que não tomava nem café para não dar confiança para preto. Diz ele que foi naquele momento que ele se descobriu um homem negro e que aí passou a procurar, a estudar e a entender mais o que é essa miscigenação no Brasil, como que ele chegou até o ponto que ele estava. E ele, ele é um homem que ele vive no meio que acredito eu que basicamente branco assim, porque ele é um Publicitário em São Paulo, trabalha em uma empresa multinacional, ele mesmo fala que

> na empresa dele ele é a única pessoa negra, na Pós-Graduação dele mesmo ele foi a única pessoa negra da turma, então ele, até mesmo os lugares que ele frequenta não são lugares assim que tem uma população negra efetiva ali. Então acho que isso tudo leva a não ser identificado como um homem negro, porque a gente está sempre acostumado a ver homem negro em cargos subalternos né, em cargos menores, e ai você vê o homem negro, você vê o homem frequentando os lugares que ele frequenta, fazendo as viagens que ele faz, ai que as pessoas não vão enxergar ele mesmo como um homem negro, e ai ele fica nessa batalha de se posicionar: não, eu sou um homem negro, eu venho de origem negra, o meu lugar é esse, assim, até mesmo acho que é por isso que ele foi para o meio acadêmico, porque também a gente sabe que quanto mais a gente vai estudando menos pessoas negras a gente vai encontrando, então para ele chegar e falar eu sou um homem negro que eu estou aqui.

A narrativa de *Maria Beatriz* sobre seu relacionamento atual desdobra-se em várias questões significativas, refletindo os intricamentos das identidades e experiências afetivas interraciais. O relacionamento de *Maria* com M., um homem que se identifica como negro, mas frequentemente não é reconhecido como tal, ilustra as nuances da percepção racial no Brasil, onde a cor da pele e os traços fenotípicos podem influenciar a leitura social da identidade racial de uma pessoa. Esse fenômeno reflete a histórica miscigenação brasileira e como a identidade negra pode ser percebida de maneira fluida, dependendo do contexto social e das interações individuais.

A escolha de *Maria Beatriz* por um relacionamento aberto, motivada por experiências passadas dolorosas com relações abusivas, revela uma estratégia de autoproteção. Ao optar por esse modelo de relacionamento, *Maria* busca evitar a repetição de traumas anteriores, tentando se blindar contra possíveis decepções amorosas. Essa decisão, embora pessoal e específica para sua situação, levanta questões mais amplas sobre confiança, vulnerabilidade e as formas como experiências passadas moldam nossas expectativas e abordagens em relação aos relacionamentos.

O apoio e cuidado que M. demonstra por ela contrastam com suas experiências anteriores, oferecendo um exemplo de como a afetividade e o respeito mútuo podem ser fundamentais para a construção de um relacionamento saudável. Esse apoio não apenas fortalece *Maria Beatriz* individualmente, mas também fortalece o vínculo entre eles.

A discussão sobre a identidade racial de M. e sua vivência enquanto homem negro em espaços majoritariamente brancos toca em pontos cruciais sobre visibilidade, representatividade e o desafio constante de afirmar sua identidade em um contexto que frequentemente a nega ou questiona, a máxima: branco demais para ser negro, preto demais para ser branco? O envolvimento de M. com estudos de raça e gênero em seu curso de pós-graduação, além de sua experiência pessoal com o racismo, sublinha a relevância do diálogo contínuo e da educação sobre questões raciais e de identidade, tanto dentro quanto fora das comunidades negras. O letramento racial se apresenta para pessoas negras o caminho do autoconhecimento, mas também desloca sujeitas e sujeitos de seus lugares comuns, de possíveis zonas de conforto.

Ouvindo, vendo e lendo o que disse *Maria Beatriz* é possível reconhecer como a interseccionalidade — a sobreposição de diversas identidades e experiências — desempenha um papel significativo na compreensão dos desafios e dinâmicas presentes em relacionamentos interraciais. Seu relato oferece insights valiosos sobre o amor, a identidade, a resiliência e a complexidade das relações humanas, refletindo tanto sobre as barreiras quanto sobre as possibilidades de conexões afetivas.

Seguimos falando das suas relações anteriores:

> Então, assim, na minha adolescência, eu sempre me vi, me imaginava casando com homem negro, eu nunca quis ter relacionamentos com homens brancos assim, não era meu foco. Então eu sempre me envolvi, sempre os homens que me chamavam a atenção eram os homens brancos. Mesmo eu fui criada pela minha avó e a minha...
>
> Homens negros, não sentia nenhuma atração por homem branco mesmo a minha avó me criou falando assim: não se envolva com homem preto porque homem preto não presta. Era sempre esse discurso que eu ouvia, mas eu sempre gostei de homem negro, assim, eu lembro que o meu primeiro namorado ele era a cara, não sei se você vai lembrar do Salgadinho do Katinguelê.
>
> O meu primeiro namorado era a cara dele, quando eu mostrei a foto dele para a minha avó a primeira coisa que a minha avó falou foi: ele é preto. Então para ela era muito inadmissível assim uma filha, uma neta se envolver com homens negros. E o mais curioso é que de todas as filhas, de todas as netas delas eu sou a única que se envolvia com homens negros, mas mesmo assim sempre tendo essa questão com homens negros, desde a minha adolescência não era relações saudáveis, mesmo os homens negros que eu me envolvia com eles. Porque é muito estranho, eu sempre me envolvia com homens

> negros que buscavam mulheres brancas, então eu era só ali para poder passar um tempo até ele achar a loira que ele queria.

O relato de *Maria Beatriz* sobre seus relacionamentos anteriores traz à tona as encruzilhadas, abordando raça, gênero e as normas sociais que influenciam as preferências e escolhas afetivas. Sua atração por homens negros, contrariando os conselhos de sua avó, destaca um aspecto significativo da identidade racial e das expectativas familiares em relação ao amor e às escolhas de parceiros.

O padrão de relacionamento que *Maria Beatriz* observou em sua vida, no qual homens negros buscavam mulheres brancas, aponta para importantes nuances das dinâmicas de atração e relacionamento dentro de contextos raciais. Essa preferência dos seus parceiros pelas mulheres brancas pode ser vista como influenciada pelo racismo estrutural e pela valorização de padrões eurocêntricos de beleza, que permeiam a sociedade e afetam profundamente as relações íntimas e a autoestima das mulheres negras.

Esse fenômeno, muitas vezes referido como "palmitagem" no contexto brasileiro, evidencia como as estruturas de poder raciais e as noções de desejo são moldadas por um legado colonial e por ideologias racistas que privilegiam a branquitude. Para mulheres negras, como *Maria Beatriz*, isso pode resultar não apenas em experiências dolorosas de rejeição e exclusão, mas também em questionamentos sobre sua própria valorização dentro de seu grupo racial e na sociedade como um todo.

Maria Beatriz ajuda a aumentar o conhecimento sobre os efeitos do racismo nas relações amorosas e sociais, ao compartilhar sua vivência. Ela nos convida a pensar sobre como as regras de raça e gênero afetam quem é visto como atraente ou merecedor de amor. Sua narrativa é um lembrete poderoso da necessidade de desconstruir essas normas e promover uma maior inclusão e reconhecimento da diversidade de experiências e identidades dentro das comunidades negras e na sociedade em geral.

E Maria segue relatando como iniciou relações com parceiros brancos:

> Mas até aí eu não sei, destino, acaso, sei lá, como é que a gente chama isso, eu acabei me envolvendo com um rapaz branco, que é o pai dos meus dois filhos. Ai que foi bem mais abusivo assim, porque era muito nítido que a família dele não me aceitava, eu não tive contato com a mãe dele porque logo quando a gente começou a se relacionar assim a mãe dele faleceu, e já no velório as pessoas ficavam muito espantadas quando me via com ele assim, era nítido o espanto das pessoas com ele, comigo e com ele, mas ele foi

> um cara que meio que comprou essa questão assim de estar com uma mulher negra, eu via assim que para ele realmente isso não era nenhum problema, ele não tinha, eu não sentia que ele tinha vergonha disso, ele sempre me apresentou para todo mundo, não sentia que isso era um problema para ele não. Até quando o P., o meu mais novo, ele estava com 6 meses, e a família dele é toda do Rio de Janeiro, ele foi para o Rio de Janeiro visitar o pai, isso tem 18 anos, ele foi para visitar o pai e ele nunca mais voltou, porque ele chegou lá e se envolveu com uma mulher branca e nunca mais voltou. Aquela velha história do pai que foi comprar cigarro e não voltou né, ele foi para visitar o pai e não voltou, e se envolveu com uma mulher branca e por lá ficou, e ficou por isso assim. E aí mais uma vez eu fiquei com aquele pé atrás de "nossa, não dá para me envolver com homens brancos".

A história de *Maria Beatriz* sobre como ela se relacionou com o pai de seus filhos, um homem branco, e como ela sofreu rejeição e abandono depois, revela as intrincadas relações entre raça e amor. A aceitação inicial por parte do parceiro, contraposta à explícita rejeição e ao preconceito racial por parte de sua família, ressalta as tensões raciais que podem permear relações interraciais. A surpresa e o espanto da família do parceiro ao vê-la com ele se entrelaçam com as expectativas sociais e as normas raciais arraigadas que moldam as percepções e as atitudes em relação à miscigenação.

O fato de o parceiro ter abandonado *Maria Beatriz* e seus filhos para se envolver com uma mulher branca no Rio de Janeiro não apenas reforça os estereótipos raciais e as preferências pela branquitude, mas também evidencia a vulnerabilidade das mulheres negras em contextos amorosos, na qual podem ser vistas como temporárias ou substituíveis. Esse episódio ressalta a realidade dolorosa do racismo e do sexismo entrelaçados, quando a valorização das mulheres, em particular, pode estar profundamente enraizada em padrões raciais.

Esse abandono não só impactou *Maria Beatriz* emocionalmente, mas também reafirmou suas preocupações anteriores sobre se envolver com homens brancos, destacando como experiências pessoais negativas com racismo podem influenciar escolhas e percepções futuras sobre os relacionamentos. Esse evento em sua vida ilustra como as dinâmicas de poder racial e as hierarquias sociais penetram às relações íntimas, no qual a branquitude é frequentemente situada como o ideal desejável, deixando marcas profundas e dolorosas nas vidas daqueles que são relegados à margem dessas normativas sociais.

Esse relato nos permite entender melhor como o racismo, o sexismo e as relações afetivas se cruzam, destacando a importância de abordagens que levem em conta como essas

categorias de diferença funcionam em conjunto, influenciando experiências, identidades e relações de forma estrutural e frequentemente danosa.

Partimos para o momento em que Maria se lança sobre sua história com seu ex companheiro, também pai de seus dois filhos:

> Então, quando eu engravidei do mais velho, eu fiquei muito naquela dúvida se realmente ele era o homem que eu queria para mim, que era um cara meio bronco, meio ignorante, e eu já tinha essa ânsia de "aí eu quero estudar, eu quero vencer na vida" e ele não tinha muito isso assim. Então ali durante a gravidez eu já comecei a pensar um pouco se era aquilo que eu queria. E aí durante a minha gravidez ele precisou trabalhar um tempo no Rio, que ele ficou desempregado aqui, e aí ele ficou o restante da minha gravidez trabalhando para o Rio, veio quando a criança nasceu e voltou para juntar um dinheiro. Quando ele voltou definitivo para cá o mais velho já estava com 8 meses, e já não tinha espaço para ele na minha vida mais assim, a minha vida era eu e o meu filho, eu não conseguia espaço para ele. Só que aí ele é que passou não aceitar a separação assim, foi aí que começaram as agressões físicas mesmo, tanto físicas quanto psicológicas, daquela coisa assim "ah, o que você vai fazer com o filho, ninguém vai te querer". No fim eu fui levando a situação porque eu tinha muita vergonha de ser uma mulher, de ser mãe solteira, aquele estigma da mãe solteira, eu tinha vergonha disso. Então eu não quis casar, eu desisti do casamento na hora que a gente estava indo com os documentos para marcar o casamento no civil, eu desisti e desfiz, e acho que isso gerou uma mágoa muito grande nele, mas ali eu sabia que não ia dar certo sabe. Mas eu fui levando em pouco tempo, porque eu não sabia como que minha mãe ia aceitar essa questão de eu com o filho e ela separada, eu não sabia se ela ia aceitar essa situação bem. E até, mais assim, a gente estava junto, mas a gente não tinha nenhum tipo de relação, não tinha nada assim, briga 24h por dia, até que um dia uma recaída, uma bobeira assim, uma situação até mesmo forçada, ele forçou uma situação para que a gente ficasse junto, a gente acabou transando naquele dia e eu acabei engravidando novamente. E aí com essa segunda gravidez acho que foi aí que eu tomei mais raiva dele, e mesmo assim eu já falava que não queria, e aí que o racismo ele brotou, porque eu lembro que ele sempre me falava assim: você vai separar de mim, quem é que vai querer uma mulher preta com dois meninos, preta não, quem vai querer uma neguinha com dois meninos? E eu peguei aquilo como verdade: realmente, vai ser difícil para mim assim, então eu vou ter que tentar levar isso aí. Tentei levar a relação e a gravidez, tentando, mas era muito difícil porque eu literalmente tinha nojo dele assim, literalmente quando ele se aproximava meu estômago embrulhava. Ai o P. nasceu, a gente até tentou

mais uma vez assim, mas não dava, eu lembro que teve um dia que eu literalmente vomitei em cima dele assim, o cheiro dele me dava nojo, que juntava tudo que ele me falava, antes da gente tentar alguma coisa, que eu acho que quando ele se aproximava de mim lembrava de tudo que ele me falava, que dava vontade, nojo assim, e não acontecia, mas eu realmente não queria nada com ele e a única que ele tinha de tentar se aproximar era na força bruta mesmo. Então assim, apanhei um tantinho bom, muita porrada mesmo assim, mas eu não pedi ajuda, não contava pra ninguém, eu tinha muita vergonha da situação, muita, além de que eu tinha 21 anos.

Você não tem maturidade nenhuma, e naquela época também a 18 anos atrás que informação que a gente tinha, que você pode procurar ajuda, não existia isso. Então eu fui levando lá apanhando, com tentativa de sexo a força, eu fui levando até o dia que graças a deus ele foi visitar o pai e nunca mais voltou, isso para mim foi assim eu só entendi que ele nunca mais ia voltar 2 anos depois, que eu ainda... é loco isso né? De uma certa forma eu fiquei dependente dessa relação assim sabe. Então eu ainda levei 2 anos para entender que ele realmente não iria voltar, só quando o pai dele falou comigo: olha *Maria Beatriz* a mulher já está até grávida, ele arrumou uma mulher aqui, ela está grávida. E eu lembro até que a frase do pai dele foi assim "ah, mas ele arrumou até uma mulher, ah uma mulher muito bonita, uma branquinha do cabelo na cintura, ela é muito bonita". Aquele momento que você fala assim "então eu devo ser feia né", já que ele fez tanta questão de frisar que ela era bonita porque tem o cabelo na cintura eu devo ser feia né. Mas por outro lado assim foi um grande alívio, ir embora e não ter voltado, eu acho que ele fez um grande, acho que no fundo ele fez isso para me punir, então assim "eu vou deixar ela lá sofrendo", mas acho que nem ele tem ideia do favor que ele fez para mim e para os meus filhos.

Não sei te falar, tem algumas datas, algumas coisas da minha relação com ele que eu apaguei. Eu lembro que eu conheci ele eu tinha 14 anos, mas nós ficamos um bom tempo entre ida e vinda, terminava, eu envolvia com outras pessoas, ele também, aí voltava. Mas assim, não sei te falar assim, dessa última vez que a gente voltou, que eu engravidei eu não sei te falar quanto tempo que isso durou, eu não lembro o quanto de idade que eu tinha, eu realmente não lembro, apaguei assim.

O relato de *Maria Beatriz* sobre seu relacionamento com o pai de seus filhos ilustra a interseccionalidade das opressões vivenciadas por mulheres negras. Sua experiência destaca não apenas o racismo e o sexismo, mas também a violência doméstica, e como essas formas de

opressão se entrelaçam não apenas em sua história de vida pessoal, mas também nas vidas de tantas outras mulheres.

A pressão para não se tornar uma "mãe solteira" e o estigma associado a isso revelam as normas sociais e culturais rígidas que regem o comportamento feminino, especialmente para mulheres negras. A coerção e a violência física e psicológica empregadas pelo parceiro, sobretudo a manipulação racial para mantê-la em um relacionamento abusivo, mostram como o racismo é usado como uma arma de controle e dominação. A desvalorização e objetificação do corpo negro feminino são evidenciadas na cruel comparação feita pelo pai de seus filhos, questionando quem desejaria uma "neguinha" com dois filhos, além do comentário do pai dele, enfatizando a beleza da nova parceira branca em contraste implícito com *Maria Beatriz*.

A decisão de *Maria Beatriz* de permanecer nesse relacionamento, apesar do abuso e da violência, é complicada pela vergonha social, pelo medo do julgamento e pela falta de recursos e informações disponíveis na época para mulheres em situações semelhantes. Sua jornada rumo à libertação do relacionamento abusivo, apesar de marcada por sofrimento e desafios, culmina em um sentimento de alívio quando o parceiro a abandona definitivamente, embora as cicatrizes emocionais e psicológicas permaneçam. Durante seu relato se mostrava estar emocionada com o tema, suas pausas e lágrimas mostravam para mim uma dor, que também me deixou emocionada.

Sua história destaca a necessidade urgente de abordagens interseccionais na compreensão da violência doméstica, que considerem como raça, gênero e classe social se intercruzam para criar experiências únicas de opressão. A história de *Maria Beatriz* sublinha a importância de criar espaços seguros, recursos acessíveis e redes de apoio para mulheres negras enfrentarem e superarem a violência doméstica, além de desafiar e transformar as normas sociais que perpetuam tais opressões. Vale relembrar que as mulheres negras sofrem mais feminicídios, ainda somos 67,4% do total de mulheres que sofreram feminicídio no Brasil no ano de 2021 (Atlas da violência, 2023) e que a violência engendrada pelo racismo e pelo sexismo nos colocam constantemente em lugar de múltiplas violações. Essa interseção entre racismo e sexismo cria um terreno fértil para formas específicas de violência que afetam diretamente as mulheres negras, não apenas física, mas emocional e psicologicamente. Assim, o enfrentamento a essas violências demanda políticas públicas e ações comunitárias que não apenas reconheçam a especificidade dessas opressões, mas que também trabalhem ativamente para desmantelá-las. É imperativo que se criem espaços seguros, acessíveis e acolhedores que permitam às mulheres negras expressarem suas vivências, buscar justiça e receber o suporte necessário para superar as cicatrizes deixadas por tais violências. A luta contra o racismo e o

sexismo é, portanto, fundamental para garantir a dignidade, a liberdade e a segurança de todas as mulheres, especialmente aquelas que se encontram na interseção dessas opressões.

Após relatar sua jornada com o pai de seus filhos, *Maria Beatriz* acrescentou uma questão interessante. Nesse momento eu havia perguntado se ela gostaria de falar sobre outros relacionamentos que ela considerava terem sido significantes em sua vida e ela seguiu:

> Ah não, eu acho que tiveram assim, a partir disso, acho que eu passei assim uns 10 anos da minha vida buscando relacionamentos, aí eu passei, aí eu parei de enxergar a cor das pessoas, então aí eu passei a me envolver mais com homens brancos. Mas assim, todos, sem exceção, foram relacionamentos muito complicados assim. Eu lembro que quando eu conheci o Ma. mesmo eu passei 11 meses com o Ma., era um cara aqui de BH, e era um cara que a gente se via toda semana, a gente saia todo final de semana, ele viajava muito, e eu tinha, eu sempre tinha o telefone do hotel que ele estava, as vezes eu até viajava com ele, até então para mim era uma relação que eu falava "nossa agora vai fluir né". Me tratava muito bem, esse não era do tipo que me ligava só de madrugada, ou que me procurava só quando não tinha nada para fazer, eu pensei assim "ah acho que esse vai né". Até que quando a gente fez 11 meses que a gente estava junto eu descobri que o cara era casado, eu descobri isso em uma segunda feira que ele era casado com uma mulher branca e que o filho deles tinha nascido na quinta feira anterior assim. E era uma coisa que até hoje eu não entendo como que ele conseguiu esconder essa esposa durante 11 meses, que eu nunca, não passava nem uma brecha assim para desconfiar, nada, nada, nada. Assim, todos os relacionamentos que eu tive com homens brancos ou eu sempre descobria que ele era casado, ou então ele estava comigo e assim ele ia bem de quebradinha, meio escondidinho, e dali a pouco eu descobria que ele estava para lá com uma loira, enfim, não tenho muita saudade de relacionamentos com homens brancos não.

Maria Beatriz descreve uma fase em que a escolha afetiva se ampliou, não se limitando mais à cor da pele dos parceiros, sugerindo uma tentativa de estabelecer conexões além das fronteiras raciais. No entanto, essa abertura não evitou que as relações fossem consistentemente afetadas por infidelidades e frustrações, evidenciando como o racismo opera de maneira sutil, mas impactante nas relações, influenciando tanto o início quanto o término desses vínculos.

A descoberta de que um relacionamento aparentemente promissor com um homem branco estava fundamentado em uma mentira — ele era casado e acabara de ter um filho — reitera a vulnerabilidade emocional e o lugar de objetificação frequentemente imposto às

mulheres negras nos relacionamentos interraciais, que muitas das vezes ocuparão o lugar de amante "concubina", assim como foram tratadas durante e após o processo escravagista brasileiro. Este incidente reflete não apenas a traição individual, mas também a continuidade de um padrão de invisibilização e marginalização de mulheres negras em relações amorosas, em que elas são frequentemente vistas como 'alternativas' temporárias ou segredos a serem escondidos.

Tal padrão de comportamento dos parceiros brancos de *Maria*, mantendo suas relações com ela em segredo ou relegando-a a uma posição secundária em suas vidas, ressoa com a histórica desumanização e objetificação de corpos negros. Além disso, a surpresa e a dor de descobrir-se envolvida em um triângulo amoroso involuntário, sem indícios ou suspeitas prévias, aponta para uma teia de traição que vai além do pessoal para tocar em questões raciais e de gênero mais amplas.

Essas experiências de *Maria* ilustram a necessidade de uma análise interseccional que considere como as estruturas de racismo e patriarcado se entrelaçam para afetar de maneira única as experiências amorosas de mulheres negras. Elas estão frequentemente sujeitas a estereótipos raciais e de gênero que moldam as expectativas e comportamentos de seus parceiros e da sociedade em geral, impactando profundamente sua vivência do amor, da confiança e do pertencimento.

5.6.2 "Às vezes quando eu falo que eu quero ser tratada como uma mulher branca, não é que eu quero ser uma mulher branca, mas é que eu quero ter os mesmos direitos que uma mulher branca tem": Maria Beatriz e o amor.

Falar sobre o amor deveria ser sobre romances de novela, poemas e finais felizes? Foi me defrontar com as realidades das mulheres negras que se dispuseram a escrever comigo uma história bem diferente daquelas contadas nos filmes de romance. Com *Maria Beatriz* o encontro não foi diferente. Durante nossa conversa ela articula um desejo profundo por igualdade e reconhecimento dentro das relações amorosas. Assumo que quando a escutei dizendo que gostaria de ser tratada com uma mulher branca, me trouxe um gosto amargo na boca. É importante circunscrever que sua afirmação não é um anseio por transformação identitária, mas um clamor por equidade nos direitos e tratamentos dispensados às mulheres, independentemente da cor da pele. Este comentário introduz uma reflexão crítica sobre como o amor, frequentemente idealizado como uma força livre de preconceitos, está imbricado em estruturas sociais que perpetuam desigualdades. Através desta perspectiva, *Maria Beatriz* nos

convida a repensar o amor e suas manifestações, demandando um olhar mais atento às nuances de poder que moldam as relações afetivas, especialmente para mulheres negras que enfrentam uma dupla camada de marginalização. Nos apresenta o que ela entende por amor e como percebe os intercruzamentos das categorias sociais de subordinação nas dinâmicas amorosas, quando se trata de mulheres negras:

> Então, eu já tive muito uma visão romântica de amor, aquela visão de desenho da Disney, para mim hoje, hoje, porque amanhã posso mudar de ideia...
> Para as outras pessoas existam, mas para mim eu acho que amor para mim é só aquilo que eu tenho com os meus filhos assim, em relações amorosas assim hoje eu não acredito em amor mais assim não. Eu acredito em interesse, algum tipo de interesse, ou é uma amizade mesmo, mas amor assim eu não acredito mais não.
> Acho, até mesmo olhando a minha volta assim, eu tenho amigas negras de peles retintas que estão no celibato há cerca de 20 anos, e eu não tenho nenhuma amiga branca assim, as pessoas, as mulheres brancas que eu convivo com elas estão todas elas são casadas, aquele relacionamento bem margarina, bem vidinha tranquila assim. Já as mulheres negras que eu convivo, acho que só a minha tia que é casada, o resto todas ou estão nesse lugar de amante, literalmente, que sabem que são e ta tudo bem, ou então estão sozinhas, ou batendo cabeça em Tinder, em bar, procurando uma coisa que elas não acham. Então para mim se existe o amor ele é para mulher branca, ele não é para mim não.

A perspectiva de *Maria Beatriz* sobre o amor, está marcada por uma desilusão significativa e uma reavaliação das expectativas românticas. Sua visão do amor, anteriormente influenciada por ideais românticos ao estilo Disney, se transformou numa crença de que o amor verdadeiro e incondicional é exclusivamente o que compartilha com seus filhos. Para ela, o amor nas relações amorosas parece estar irremediavelmente entrelaçado com interesses ou amizades, mas não com a paixão ou conexão profunda que antes imaginava.

Mais do que uma reflexão pessoal sobre desilusões amorosas, o comentário de *Maria Beatriz* reflete uma observação sobre como a raça e a cor da pele influenciam as dinâmicas de relacionamentos amorosos. A constatação de que suas amigas negras têm experiências substancialmente diferentes das de suas amigas brancas em relação ao amor e aos relacionamentos nos diz sobre uma divisão racializada do amor romântico. Enquanto mulheres brancas parecem viver relações estáveis e de "margarina" – uma metáfora para a idealização de

relações familiares perfeitas promovidas pela mídia –, as mulheres negras em seu círculo social enfrentam o celibato prolongado, relações marginais ou a constante busca por parcerias satisfatórias.

A declaração de que "se existe o amor, ele é para mulher branca, ele não é para mim não" é um ideal explícito da interseccionalidade do racismo e do sexismo, apontando para a exclusão das mulheres negras de narrativas de amor romântico e relações estáveis. Isso sublinha a realidade de que as opressões raciais e de gênero não apenas permeiam as estruturas sociais mais amplas, mas também se infiltram nas esferas íntimas e pessoais, afetando profundamente as expectativas e experiências de amor. Através deste relato, *Maria Beatriz* ilustra como o amor, um conceito frequentemente idealizado como universal e acessível a todos, é na verdade mediado por estruturas de poder que marginalizam e excluem com base na raça e no gênero.

> É, eu acho que a palavra é essa mesmo, é perverso assim. No princípio quando eu comecei a entender isso, nossa, foi muito difícil assim, e foram textos da Claudia assim que me ajudaram muito assim, por isso que eu te falei que lia textos dela as vezes assim e eu chorava horrores assim, porque é bem isso, assim. E eu acho que muitas vezes quando eu vejo as mulheres negras que por um acaso estão em uma relação, é uma relação muito abusiva, e eu não estou mais disposta a aceitar isso, cheguei em um ponto que eu não, obvia, a minha cabeça hoje é outra, a minha informação é outra, mas eu hoje eu não vou mais aceitar ficar com um cara que me agride por vergonha, igual eu aceitei do pai dos meninos. Eu não tenho mais essa vergonha do título de mãe solteira que as pessoas dão pra gente de forma pejorativa, hoje eu não aceito, mas o que eu mais vejo são mulheres negras que aceitam ficar em relacionamentos abusivos assim, terríveis, por medo de ficar sozinha e por vergonha de ficar sozinha, porque eu acho que toda mulher negra ela tem na, pelo menos, na família uma mulher que está ali no celibato, que está ali sozinha, que nunca encontrou ninguém, e eu vejo que ai elas tem vergonha de serem essa mulher, a tia velha da família que não casou. Então por isso assim, tais coisas absurdas, e eu não quero ficar nessa, a minha mãe mesmo ela é assim, a minha mãe está em um relacionamento com um homem branco, e é uma coisa abusiva assim que você fala "meu deus do céu, porque está passando por isso?". Mas está passando pelo simples fato de eu não vou dar o braço a torcer de que eu estou sozinha, e eu não quero ser mais essa mulher, eu não quero me tornar essa mulher não.

Este trecho da entrevista de *Maria Beatriz* aciona as camadas de opressão que mulheres negras enfrentam no contexto das relações amorosas. A referência a Claudia (Ela fez referência a Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) e seu livro: Afetividade e solidão da mulher negra.) destaca a importância da literatura e do pensamento crítico na formação de uma consciência sobre essas dinâmicas opressivas. *Maria Beatriz* descreve um processo doloroso de reconhecimento da realidade perversa de muitos relacionamentos em que mulheres negras se encontram, frequentemente marcados pelo abuso e pela violência.

Ela expressa uma recusa em aceitar relacionamentos abusivos, a partir da sua própria experiência pessoal. Contudo, aponta para uma realidade mais ampla em que muitas mulheres negras permanecem em relações tóxicas por medo da solidão e do estigma de se tornarem a "tia velha da família que não casou". Essa percepção reflete não apenas o medo do isolamento social, mas também a pressão cultural e o estigma associados ao status de "mãe solteira" ou mulher solteira, particularmente no contexto das comunidades negras.

A menção de sua mãe, que está em um relacionamento com um homem branco, ilustra como a questão transcende gerações e como o medo de estar sozinha pode levar mulheres a tolerar situações prejudiciais. Esse relato reforça a presença do racismo e do sexismo, mostrando como as mulheres negras enfrentam desafios únicos que são moldados tanto pela cor da pele quanto pelo gênero.

O que *Maria Beatriz* escancara é uma crítica ao modo como as estruturas sociais e raciais influenciam as experiências amorosas e afetivas das mulheres negras. Sua fala desafia a romantização das relações amorosas e chama atenção para a necessidade de uma conscientização e empoderamento que permitam às mulheres negras rejeitarem padrões abusivos de relacionamento. Sua narrativa, enquanto experiência pessoal, também traz questões macrossociais que já estamos discutindo ao longo de todo o nosso texto. Ela nos mostra a urgência em tratarmos as relações interraciais de maneira responsável, já que estas também escancaram as desigualdades de gênero e raça que atravessam a vida de mulheres negras em todos os âmbitos de suas vidas.

Para seguirmos na compreensão das dinâmicas da sua história de vida, precisamos seguir mergulhando na realidade de Maria Beatriz:

> Eu sou filha única, e minha família na verdade é muito pequena, porque minha avó teve 5 filhos, dos 5 filhos só 2 tem filhos, que é a minha mãe, que me teve, e minha tia de São Paulo que teve 3 filhos, os outros não tiveram filhos. Que aí eu vejo muito dessa composição da nossa família que assim como minha avó criou todo mundo falando “não

> se envolva com homens brancos, com homens negros", os meus tios casaram com mulheres negras, mas elas não tiveram filhos, mas todos eles casaram com mulheres negras, mulheres negras de pele retinta assim, sem problema algum. Mas as mulheres da minha família todas elas só se envolvem com... com homens brancos, e eu fiquei assim muito passada, que minha prima esteve aqui, uma semana depois do carnaval, e aí eu conversando justamente isso com ela porque ela ficou 8 anos em um relacionamento com um homem branco, 8 anos sem falar em casamento, ele terminou com ela e 6 meses depois ele estava casado com uma menina branca. E ela se fechou para o mundo a partir disso, enfiou na igreja, para não sentir essa dor ela está nisso assim, aí ela nunca mais se envolveu com ninguém. Eu acredito que já tenha uns 12 anos que eles terminaram. E aí eu conversando com ela e fui perguntar do porquê não, gente, olha uns preto maravilhoso que você está arrumando, aí ela "preto, deus me livre, preto é tudo safado, eu não me envolvo com preto". Você ouvir uma mulher preta falando isso também é [palavra prolongada em sua pronúncia], é tenso, senti que ela estava falando assim do meu avô, dos meus tios, então assim, para as mulheres da minha família a única que já se envolveu com homem negro sou eu, o restante ninguém. Minha mãe tem o orgulho tremendo de falar que só se envolveu com um homem negro na vida, isso para ela é orgulho, sabe? Minha tia também é casado com um homem branco, minhas primas só se envolveram com homens brancos, então tem muita, eu vejo que a minha família tem muita essa idealização do homem, eu falei "nossa, vocês gostam muito do colonizador viu". Elas tem essa idealização de que o homem perfeito é o homem branco, eu vivo nesse...

O relato de *Maria Beatriz* sobre as relações amorosas e familiares mostra a assimilação de normas raciais e de gênero, que afetam as decisões afetivas de mulheres negras em sua família. Esta parte da entrevista explicita como falas racistas são mantidas e aceitas, até mesmo dentro de comunidades racializadas, afetando as relações entre raças e a sensação de valor dentro dessas comunidades. Não estamos aqui afirmando que pessoas negras são racistas, estamos destacando o quanto sistema racista, interfere na existência das pessoas negras, que estando no mesmo sistema racista, machista e patriarcalista, reproduzem pensamentos e atitudes que as colocam em lugares subalternos.

A realidade apresentada na insistência da avó de *Maria Beatriz* em evitar relacionamentos com homens negros e a subsequente escolha de mulheres na família de se envolverem exclusivamente com homens brancos, refletem a persistência de estereótipos

negativos associados aos homens negros. Estes estereótipos são alicerçados em noções de desvalorização racial que têm raízes profundas no legado colonial e na escravidão, onde a branquitude é associada a atributos positivos, enquanto a negritude é estigmatizada.

O relato sobre a prima de *Maria Beatriz*, que depois de um longo relacionamento não resultou em casamento com um homem branco seguido de uma rejeição explícita a se envolver com homens negros, ilustra a dor e a desilusão que podem resultar dessas dinâmicas interseccionais. A decisão da prima de se retirar para a igreja como forma de lidar com essa dor se mostra como um mecanismo que pode ser utilizado por mulheres negras frente às desilusões amorosas e às expectativas sociais.

Sua percepção sobre a idealização do "homem perfeito" como sendo branco em sua família aponta para uma crítica da valorização da branquitude sobre a negritude. Sua observação de que as mulheres de sua família "gostam muito do colonizador" não apenas desafia essa idealização, mas também coloca em questão as estruturas de poder que moldam preferências amorosas e identidades raciais.

Essa discussão no contexto da família de *Maria Beatriz* reflete as tensões mais amplas presentes na sociedade brasileira, em que relações interraciais são muitas vezes atravessadas por histórias de opressão racial e sexismo. *Maria Beatriz* contribui para uma compreensão rica dessas interseções, mostrando como as expectativas sociais em torno de raça e gênero moldam as experiências amorosas de mulheres negras e influenciam suas trajetórias de vida, de amor, de existência.

Seguimos conhecendo um pouco mais da história de vida de *Maria Beatriz*:

> [...] assim, eu esperava eu literalmente tinha aquele sonho de princesa, de bonequinha, não aconteceu, foi muito doído para mim ver que a família dele também assim não me aceitava. Eu vim literalmente fazer as pazes com a família dele, que a família dele mora aqui no meu bairro, a família dele por parte de mãe dele, eu vim realmente fazer as pazes com as famílias dele, que ele foram me aceitar, foi no velório na bisavó dos meus filhos, que deve ter uns 4 anos. Foi ali que eles vieram me pedir desculpa por tudo que me falaram, pelos olhares tortos, pelos bate-bocas no meio da rua. Aí acho que por um lado também eu ficava muito pensando assim: poxa, minha avó sempre falou que eu devia me envolver com homem branco, eu me envolvi e olha no que deu. Minha avó é o ponto de referência muito grande assim para mim, eu sempre escutei muito as coisas que ela me falava, e olha no que deu assim. Então foi uma relação, eu era muito nova, eu era uma menina, eu tinha 21 anos, e eu saí totalmente destruída, totalmente desacreditada, em tudo assim. Esses 2 anos que eu demorei para entender que o relacionamento da

> gente tinha acabado, foi 2 anos que eu passei dentro de casa. As pessoas do meu bairro não sabiam que eu estava morando aqui, achavam que eu estava no Rio de Janeiro com ele, que ninguém me via, eu tinha muita vergonha da minha situação, muita. Então eu já sai dali muito machucada, e de uma certa forma, não sei te explicar como, mas eu sei que levei essa dor também para os outros relacionamentos, eu sei que já entrava nos outros relacionamentos assim achando que ou o cara ia me agredir, ou que do dia para a noite o cara ia juntar as coisas e ir embora. Então eu sei que também eu levei muito isso, e era muito difícil para mim também porque antes de, antes de eu engravidar eu era dançarina de Axé, eu saia muito, eu vivia muito, e aí eu tipo meio que abri mão dos meus sonhos assim para ficar com ele assim. Eu cheguei a ser finalista do concurso do É o Tcham, da época assim, então eu poderia ter tido uma coisa bacana para mim assim, e ai eu abri mão de tudo assim, e isso dá uma frustração [palavra prolongada em sua pronúncia] danada assim porque eu não tive esse retorno, e várias vezes eu escutava, e eu acho assim que o que mais me dói também, de qualquer forma, que ele me largou e a vida dele seguiu, ele conseguiu outra pessoa, e a frase que ele me falava "quem vai querer uma negrinha com dois filhos pequenos, ele não estava errado". Acho que isso assim foi o que mais doeu, foi ver que ele realmente estava certo, que ele nunca quis a negrinha com dois filhos para poder criar, embora eu nunca procurei pai para os meus filhos não, eu sempre fui mulher o suficiente para cuidar dos dois, mas as pessoas veem isso, as pessoas acham que a gente está procurando um pai para os filhos da gente. E eu acho que uma das minhas dores maiores assim é essa, ver que ele estava certo, que a maioria dos homens quer a neguinha gostosa ali, né, eu levava muito apelido de Globeleza, era sempre esses apelidos de cunho sexual, aí eu servia para isso, para isso eu era legal, mas compromisso não. A frase dele ninguém vai querer uma negrinha com dois filhos foi verdade.

Os desafios dolorosos de uma mulher negra que vive a maternidade dentro do contexto amoroso e familiar se mostram presentes no relato de *Maria Beatriz*, no seu olhar enquanto narrava os fatos, nas pausas e lágrimas que se mostraram em diversos momentos da nossa conversa. Sua experiência com o pai de seus filhos revela não apenas a rejeição pessoal e familiar, mas também o estigma profundo enfrentado pelas mulheres negras na sociedade brasileira. As desculpas da família dele no velório representam um momento tardio de reconhecimento do preconceito e da dor causada, sublinhando o longo caminho para a reparação

de tais injustiças que abriram feridas que ainda se mostram presentes, é possível notar a dor no embargo da voz de *Maria*.

A influência de sua avó, embora bem-intencionada, ecoa e escancaram dinâmicas de preferência racial que permeiam a comunidade afro-brasileira, evidenciando como os legados coloniais ainda moldam as percepções de desejabilidade e valor. A avó, ao desaconselhar o envolvimento com homens negros, inadvertidamente perpetua um ciclo de idealização da branquitude que afeta profundamente as escolhas afetivas de *Maria Beatriz* e outras mulheres negras em sua família.

A dor e a desilusão de *Maria Beatriz* ao perceber que as advertências do ex-parceiro sobre sua suposta indesejabilidade como "uma negrinha com dois filhos" pareciam se confirmar, destacam a cruel realidade do racismo e do machismo que desvalorizam as mulheres negras, reduzindo-as a estereótipos hipersexualizados enquanto simultaneamente as marginaliza de relações amorosas significativas e respeitosas.

Isso me fez recordar duas imagens que circularam e ainda circulam em nosso imaginário social que ou coloca as mulheres negras e principalmente àquelas de pele mais clara no lugar de hipersexualização na figura da “mulata” ou da “mãe preta” celibatária no qual seu único direito é o de criar a prole dos seus “senhores”. A reclusão de *Maria Beatriz* e o impacto devastador na sua autoestima e aspirações revelam o custo emocional e social que as mulheres negras frequentemente enfrentam ao estarem em relacionamentos íntimos em uma sociedade estruturada por hierarquias raciais e de gênero.

A trajetória de *Maria Beatriz* revela a importância do uso das lentes interseccionais para analisar as relações amorosas e familiares, mostrando a necessidade de identificar e desmontar as várias opressões que afetam negativamente a vida das mulheres negras. Suas narrativas ressaltam a relevância vital de confrontarmos as normas opressivas de raça e gênero, que atravessam as experiências afetivas-sexuais deste grupo e a responsabilidade que devemos assumir ao discutirmos em nossos trabalhos acadêmicos, questões como as que estamos discutindo aqui. Essa abordagem não só evidencia as dificuldades específicas vividas por elas, mas também indica caminhos possíveis de empoderamento, letramento e reconhecimento, essenciais para se pensar uma sociedade igualitária, inclusive nas possibilidades de experimentação das diversas perspectivas de amor.

Aproveitando a disposição de *Maria Beatriz* em trazer não só suas próprias experiências afetivas, mas também de ilustrar sua fala com situações parecidas de mulheres negras próximas a ela, perguntei se ela conhecia mulheres negras que sofreram discriminações ao se relacionarem com pessoas brancas e ela voltou a narrar:

Nossa, conheço várias assim, acho que o principal que eu vejo mais assim é a minha prima, e ela, só que ela não enxerga isso até hoje assim, eu vejo muito o relato de outras pessoas me contando. Era um homem branco, filho único, totalmente mimadinho pela mãe, e ele tinha muita vergonha dela, e é engraçado que minha prima é o tipo de mulher que eu falo que ela não é desse mundo, ela é muito alta, ela tem uma boca gigante, ela tem peito, ela tem bunda, ela tem coxa, porque na verdade sempre te falta alguma coisa né, ela não, ela tem tudo, ela é uma mulher muito bonita, uma mulher muito cheirosa, que chama muito atenção. Mas é muito nítido que o cara tinha vergonha dela assim, ele não saia com ela, o relacionamento dos dois era somente dentro da casa dele, em 8 anos de relacionamento eles saíram pouquíssimas vezes, era muito nítido que ele não queria, e dizem que as brincadeiras eram sempre assim: ah sua beiçuda, sabe? Coisas assim bem pejorativas, mas aí também você pensa: uma mulher negra, beirando os 30 anos, virgem, nunca tinha conhecido ninguém, porque como ela tem os traços negroides muito fortes, embora o tom de pele dela seja mais claro que o meu, mas se você for olhar os traços o nariz dela é maior que o meu, a boca dela é maior que a minha, ela tem os traços mais fortes que o meu, as pessoas, os homens têm uma certa resistência com ela. Ai você pensa: uma mulher com quase 30 anos, ainda virgem porque com quase 30 anos ela tinha quase beijado na boca uma vez na vida, aparece um cara branco, bonito, né, se dizendo apaixonado por ela, ela caiu, e passou 8 anos nessa relação que eu acredito que ela tinha esse pensamento de "nossa, se eu separar dele acabou para mim", e realmente acabou para ela, ela separou dele e nunca mais aconteceu assim. Em 8 anos de namoro eu não conheço ele, porque ele não ia na casa dela também, literalmente o relacionamento dos dois era só do portão da casa dele para dentro, do portão da casa dele para fora não existia relacionamento com ela, não tinha foto, que é outro ponto também que eu acho muito engraçado para nós mulheres pretas. O cara quando começa a namorar uma mulher branca ele posta um bilhão de fotos, cada momento que ele tem com essa mulher é um click que está ali nas redes sociais, com a gente não, eles não postam. E ele era a mesma coisa, ele tinha foto da ex no facebook dele, mas não tinha foto com ela, e ai você vê que ele terminou com ela com 8 anos de relacionamento, não falou em casamento e nem nada, e 6 meses depois ele estava casando na igreja e tudo bonitinho com outra menina com um monte de foto. Então assim é um racismo escancarado, não tem nem, mas ela ainda não consegue enxergar ainda assim, ela acha

> que a menina deu algum golpe para ficar com ele e não foi, ele escolheu uma menina que para ele para casar tem que ser uma mulher branca.

O que podemos dizer do trecho acima é o quanto a descrição evidencia como a vergonha e a ocultação pública são utilizadas como ferramentas de controle e discriminação, perpetuando estereótipos raciais e mantendo as mulheres negras à margem da visibilidade afetiva e social.

A diferença no tratamento dado às parceiras brancas, contrastando com o sigilo e o desrespeito direcionado a parceiras negras, reflete não apenas o racismo individual dos parceiros, mas um problema sistêmico que desvaloriza e objetifica mulheres negras. Além disso, a dificuldade da prima em reconhecer essas dinâmicas como racismo, nos mostra outras facetas do amor e das relações interraciais, em que o desejo de pertencimento e aceitação pode ofuscar a percepção de comportamentos discriminatórios. Esse caso exemplifica a necessidade crítica de conscientização e discussão sobre como o racismo se manifesta nas relações amorosas e o impacto devastador que pode ter na autoestima e na percepção de valor próprio de mulheres negras.

Sobre a intersecção de amor com gênero e classe *Maria Beatriz* refletiu:

> Não, gênero, na verdade eu nunca tinha parado para pensar nisso assim. Mas eu acho que gênero não, cor sim, porque eu vejo, ah menina agora não sei por que eu vejo também alguns amigos meus que são negros que estão em relacionamentos com mulheres brancas, e que eles também não se sentem amados, se sentem usados, mas amados não se sentem. Então eu acho que não, gênero não, eu acho que é cor mesmo.
> [...] Porque eu fico vendo, por exemplo, se a gente pega casos de muitas mulheres negras famosas, por exemplo, ricas, que estão em um patamar financeiro muito bom que ou estão no celibato ou estão em situações de abuso. Então eu não acho que tenha classe não. A gente pega um grande exemplo de Whitney Houston, por exemplo, olha aquilo ali, uma mulher rica, famosa, que estava tendo um relacionamento com um homem até negro, mas que apanhava, que morreu sozinha em uma banheira assim, então eu acho que nem classe e nem gênero não.

Já vimos que a perspectiva de *Maria Beatriz* sobre o amor aciona uma análise crítica das interseções entre raça, gênero e classe nas relações amorosas. Ao negar que gênero e classe determinam a capacidade de sentir ou receber amor, ela centraliza a questão racial como o fator determinante nas dinâmicas amorosas, especialmente no contexto brasileiro. A observação

sobre amigos negros em relacionamentos com mulheres brancas e a menção a celebridades negras em situações de abuso ilustram características dessas relações, quando a presença de amor genuíno é questionada em meio a dinâmicas de uso e abuso.

Ela destaca como, apesar de avanços financeiros ou sucesso, mulheres negras ainda enfrentam desafios significativos em suas relações afetivas-sexuais, sugerindo que o racismo se atualiza e supera barreiras de classe e se manifesta independentemente do status social ou econômico. Ao mesmo tempo, a especificidade da questão racial nas relações interraciais aponta que, para mulheres negras, a cor da pele de seus parceiros pode influenciar profundamente a percepção de aceitação e afeto dentro dessas relações.

Sua visão aponta que, enquanto gênero e classe influenciam as experiências amorosas, a questão racial desempenha um papel crítico nas vulnerabilidades e desigualdades enfrentadas por pessoas negras em contextos amorosos. Seu relato reitera a urgência de dialogar sobre como o racismo afeta a capacidade de pessoas negras de formar relações amorosas que sejam validadas pessoalmente e socialmente em nossa realidade brasileira.

Finalmente antes de finalizarmos nossa conversa, perguntei para Maria se ela gostaria de acrescentar algo, apesar de inicialmente dizer não, seguiu:

> Não, eu acho assim que a afetividade da mulher negra é uma coisa que eu tenho lido muito, que eu tenho procurado muito entender, porque por mais que eu sei que tem coisas que a gente não entende, mas a gente precisa pelo menos saber como que começou para a gente poder acabar. Eu trabalho muito com mulheres negras, eu tenho um projeto pequenininho assim, só com mulheres negras, e dificilmente chega uma mulher negra assim para mim que está satisfeita emocionalmente bem, que está feliz, e isso me preocupa muito assim, de ver que não é só comigo que acontece, porque antigamente eu achava que era. Depois quando eu passei a entender que não, que não é só comigo, então é um problema muito maior que a gente pode estar pensando. Então é um problema que eu quero muito entender, por que eu não quero... eu acho que hoje em dia a gente está em uma obrigação de planejar o mundo para quem está vindo aí para a frente, e eu não quero que essas meninas negras que estão chegando agora, que amanhã quando elas chegarem numa fase de relacionamento elas passem pelas coisas que eu sempre passei. Eu tenho amigas que tiveram filhos com homens brancos também, que tiveram meninas, que eu não quero ver essas meninas passando por isso assim também, de ser sempre preterida, de estar sempre em primeiro lugar de qualquer coisa. Então eu quero entender o que está acontecendo para tentar ajudá-las para que elas não aceitem

> ficar no lugar dessa posição, porque as vezes por mais que ficar sozinha é difícil ficar sozinha, é ruim, você olhar para o lado e ver todo mundo de casalzinho, todo mundo sozinho e só você não. Isso é difícil sim, falar que não é eu vou estar mentindo, mas mostrar para elas que é melhor sim a gente ficar sozinho do que se meter em um relacionamento só porque a gente acha que aquilo ali vai ser melhor. Tem aquele livro do Fanon, Peles Negras Máscaras Brancas, acho que é isso mesmo o título, que tem uma parte que ele dedica muito a isso que muitas vezes a mulher negra muitas vezes tem o preconceito com o homem negro, ela também quer o homem branco ao lado dela, e a gente tem que acabar com isso também, que a gente não pode colocar só a culpa no homem. Ah todo homem quer mulher branca, não, tem homem que ele quer uma mulher negra, preta também, mas ele só encontra uma mulher negra que quer homem branco. Então a gente tem que combater isso é dos dois lados e começar a entender que o ser humano preto ele também é bonito, ele também é digno de receber amor e não receber só migalha. Acho que a gente precisa parar de aceitar migalha, eu particularmente ando muito cansada de aceitar migalha, eu não quero aceitar migalha mais. As vezes quando eu falo que eu quero ser tratada como uma mulher branca, não é que eu quero ser uma mulher branca, mas é que eu quero ter os mesmos direitos que uma mulher branca tem, e também quero ser vista, eu quero ser enxergada, eu quero ser amada, eu quero ser desejada. Ah é só amor eu não quero ser desejada, não, eu quero ser desejada também, mas não quero que seja só isso, sabe. Eu não sei como, mas eu espero muito que essas meninas que estão chegando por aí agora não encontrem tanta dificuldade de ter um relacionamento bacana quando eu vejo as mulheres da minha idade, mais velhas do que eu tem, independente de serem classificadas como um relacionamento com homem branco, preto, azul, amarelo, não interessa, mas tenham conseguido ter um relacionamento saudável com qualquer pessoa assim.

Maria Beatriz, ao refletir sobre a afetividade das mulheres negras, toca em um ponto crítico que ultrapassa suas experiências pessoais, expandindo-se para uma questão coletiva que afeta profundamente a comunidade negra feminina. Sua narrativa destaca o padrão recorrente de insatisfação emocional e a busca constante por compreender e interromper ciclos de desvalorização e preterimento no âmbito dos relacionamentos amorosos. Ao liderar um projeto focado em mulheres negras, *Maria* percebeu que a problemática da insatisfação emocional não é isolada, mas sim uma experiência compartilhada, o que a motiva a buscar soluções que possam beneficiar futuras gerações.

Seu desejo de garantir que meninas negras não enfrentem as mesmas adversidades nos mostra preocupação e compromisso com a transformação social e a emancipação afetiva de mulheres negras, ressaltando a importância de repensar padrões de relacionamento que perpetuam a marginalização e a objetificação. *Maria* também critica a dinâmica de desejo racializado que afeta tanto homens quanto mulheres negras, enfatizando a necessidade de uma valorização mútua dentro da comunidade negra para combater a internalização de ideais racistas e colonialistas que desvalorizam os próprios parceiros potenciais negros.

Em conclusão, o encontro com *Maria Beatriz* e sua história de vida nos fornece uma visão valiosa sobre os desafios enfrentados por mulheres negras no campo dos relacionamentos amorosos, destacando a importância de reconhecer e valorizar o amor-próprio e a dignidade e a própria identidade acima da aceitação de migalhas afetivas. Ao mesmo tempo, aponta para a urgência de uma mudança cultural que promova relações baseadas em uma perspectiva igualitária, na valorização da beleza negra e na igualdade de direitos afetivos, de modo que as futuras gerações de mulheres negras possam experimentar relações mais saudáveis e satisfatórias.

5.7 "Raízes de Resistência: A História de Sueli Carneiro[28], Entre Quilombos e Favelas"

> *É desnecessário dizer que não consegui o amor que desejava. O que consegui foi permanecer num lugar já conhecido, um lugar de luta familiar. Nós nos envolvemos numa guerra de gênero privada. Nessa batalha, eu lutava para destruir o modelo Marte e Vênus, para que pudéssemos romper com ideias preconcebidas de papéis de gênero e sermos honestos com nossos desejos profundos (bell hooks, 2021, p.181)*

Figura 7

Sueli Carneiro

[28] Mulher Cis, preta, heterossexual mãe de um filho de 3 anos de idade e estava vivenciando um processo de separação com seu companheiro e naquele momento não se encontrava em um relacionamento afetivo-sexual interracial. Cientista Política, Mestra e Doutora em Ciência Política. Nasceu na Nicarágua na cidade de Venezuela, se mudando para Belo Horizonte para concluir seus estudos.

Sueli Carneiro - Iara Venanzi / Divulgação – Prêmio Jabuti, (https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2022/11/com-premio-para-ilustrador- gaucho-jabuti-elege-tambem-guardamos-pedras-aqui-de-luiza-romao-o-livro-do-ano clawhhsig001z01704tiiygjv.html)

Meu nome é Sueli Carneiro: Tá, bom, eu nasci em Nicarágua, em Venezuela, sou favelada, minha família é toda favelada, meus avós eles vieram de uma comunidade, de um município de Aracuí, Aracuí é um Estado da Venezuela, um Estado, e nesse Estado tem um município que eu, um município que é de principalmente de negro, preto, e ele pode ser considerado um Quilombo, se você tomar a nomenclatura brasileira, você poderia considerá-lo um Quilombo Afro-indígena. E meus avós vieram de lá, foram de lá para Caracas a capital, e compraram e conseguiram comprar, moraram primeiro de aluguel nos lugares e conseguiram comprar esse terreiro lá nessa que não era uma favela na época, né, mas foi se construindo como uma favela. Então a gente morou, mora a minha família ainda está ali, uma parte dela, eu fui criada em casa com minha avó e meu avô, minha mãe ela nos primeiros anos não estava na minha casa, e ela foi morar conosco quando eu tinha uns 8 ou 9 anos. Eu tenho um irmão que tem 39 anos, e eu fui muito formada pelo meu avô e pela minha avó. Meu avô sempre falava para nós, para as suas filhas e para as suas netas assim: você precisa estudar muito para você não cair na mão de um babaca. Então eu acho que no meu caso eu levei isso muito a sério (risos), eu estudo muito mesmo (risos), é... e minha avó era um pouco mais conservadora, minha avó falava para mim que eu não sabia fazer afazeres de casa, e aí

ela falava para mim que eu iria ser devota né, porque já que eu casasse eu ia ser devolta, não sabia fazer as coisas de casa.

... Aí, que mais? Então eu saí primeiro para a Colômbia, voltei para casa, e aí assim eu fiquei 1 ano em casa com a minha avó, e depois vim para Brasília em 2011, eu fui para Brasil e conheci meu companheiro que foi, ele nasceu na Colômbia e ele é um homem branco. Então a gente veio junto para o Brasil. Quando eu cheguei aqui no Brasil meu avô, você vai ver que meu avô assim ele foi muito importante para mim sempre, e aí meu avô cantava uma música para mim que era assim: eu já tenho a casinha, vou tentar traduzir para o português, eu já tenho a casinha que eu tanto prometi para você, hoje ela está cheio de maguiaridas, é margaridas, aquela flor assim oh, hoje cheia de margaridas para você e para mim. Ai meu avô sempre cantava essa música e eu sempre falava para esse meu companheiro que meu avô cantava essa música e quando eu cheguei no Brasil ele já tinha alugado um apartamento para a gente morar e ele comprou margaridas para me recepcionar, foi muito bacana isso dele ter lembrado e ter feito a questão de trazer as margaridas. Então eu morei, eu cheguei aqui em 2011, e com esse relacionamento desde 2004, que a gente se conhece, a gente se conheceu e não começou namorando, a gente nos primeiros 1 ano a gente só se pegava. E aí desde 2004, mais ou menos em 2005, 2006, a gente começou a namorar mesmo, porque fomos para a Colômbia em 2009, eu acho, viemos aqui para o Brasil em 2011, final de 2011, e aí a gente morou junto, compramos inclusive uma casa juntos agora em Dezembro, Dezembro de 2021. Eu vim para o Brasil, então eu vim para o Brasil morar com eles, sim, a gente tentou junto, fazer uma estrada aqui, aí no primeiro ano eu não consegui e aí ele veio primeiro, aí no segundo ano eu consegui e aí eu cheguei também. Então eu tinha um plano, e ele também de fazer estudo de Pós-Graduação no Brasil, mas a gente fez, como se diz, a gente fez os planos para a gente morar juntos também, no Brasil. Teve um pouco de uma decisão pessoal, de continuar a formação, mas teve um pouco também da gente entender que vir para o Brasil juntos seria uma forma de conseguir estar juntos, porque o Brasil oferecia bolsa, o Brasil oferecia coisa que nosso país não oferecia para nós dois. Então a decisão foi um pouco das duas coisas, não foi só essa de individual, de progressão, senão também teve essa questão estratégica de olhar "lá a gente consegue ficar junto". Então eu fiz aqui Mestrado, e depois, pouco depois eu fui no Doutorado, tenho um filho que nasceu aqui no Brasil, acho que é isso. Agora eu fiz toda a minha formação foi na UFMG, lá em Minas Gerais, e hoje eu estou morando

em Salvador. Eu me separei dele em Dezembro, e eu decidi, eu sempre quis muito morar em Salvador e ele não se interessava tanto por Salvador.

Sueli Carneiro - Aquela que veio antes de mim

Sueli Carneiro é uma intelectual destacada, escritora e ativista brasileira, notória por sua luta incansável em prol dos direitos das mulheres negras e contra a discriminação racial e de gênero. Nascida em São Paulo, no dia 24 de junho em 1950, Carneiro é fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, uma organização que se dedica a combater o racismo e a promover os direitos das mulheres negras no Brasil. Fundado em 1988, foi a primeira organização negra e feminista independente da cidade de São Paulo.

Em 1992 criou o Projeto Rappers, a partir da visita de um grupo de cantores de rap da periferia, que buscavam proteção por sofrerem recorrentes agressões policiais. No projeto os jovens denunciam as violências sofridas e se tornam multiplicadores da consciência de cidadania para a juventude.

Formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e com doutorado em Educação também pela USP, ela tem uma trajetória acadêmica robusta, articulando sua produção intelectual com a militância no movimento negro. Ao longo de sua carreira, publicou diversos livros e artigos que analisam e discutem questões de raça e gênero na sociedade brasileira.

Além de seu trabalho acadêmico, Sueli Carneiro também é reconhecida como uma líder comunitária influente, utilizando sua voz e sua escrita para defender mudanças significativas no tratamento das comunidades negras e das mulheres no Brasil. Seu legado é um marco na luta por uma sociedade mais igualitária e justa, sendo uma fonte de inspiração para diversas gerações de ativistas e intelectuais

No dia 10 de abril de 2022 acontecia o encontro com *Sueli Carneiro.* Assim como ocorreu com as outras interlocutoras, a conversa aconteceu pela plataforma ZOOM. Naquele momento *Sueli* estava com 41 anos de idade. Doutora em Ciência Política, pesquisadora em igualdade racial, gênero e dos direitos de domésticas.

Sueli se declarou mulher preta, heterossexual mãe de um filho de 3 anos de idade e estava vivenciando um processo de separação com seu companheiro e naquele momento não se encontrava em um relacionamento afetivo-sexual interracial. Nossa interlocutora, nasceu na Nicarágua na cidade de Venezuela, se mudando para Belo Horizonte para concluir seus estudos.

A partir de agora deixo ela mesma contar sua história e trajetória de vida:

> Tá, bom, eu nasci em Nicarágua, em Venezuela, sou favelada, minha família é toda favelada, meus avós eles vieram de uma comunidade, de um município de Aracui, Aracui é um Estado da Venezuela, um Estado, e nesse Estado tem um município que eu, um município que é de pincipalmente de negro, preto, e ele pode ser considerado um Quilombo, se você tomar a nomenclatura brasileira, você poderia considerá-lo um Quilombo Afro-indígena. E meus avós vieram de lá, foram de lá para Caracas a capital, e compraram e conseguiram comprar, moraram primeiro de aluguel nos lugares e conseguiram comprar esse terreiro lá nessa que não era uma favela na época, né, mas foi se construindo como uma favela. Então a gente morou, mora a minha família ainda está ali, uma parte dela, eu fui criada em casa com minha avó e meu avô, minha mãe ela nos primeiros anos não estava na minha casa, e ela foi morar conosco quando eu tinha uns 8 ou 9 anos. Eu tenho um irmão que tem 39 anos, e eu fui muito formada pelo meu avô e pela minha avó. Meu avô ele sempre falava para nós, para as suas filhas e para as suas netas assim: você precisa estudar muito para você não cair na mão de um babaca. Então eu acho que no meu caso eu levei isso muito a sério (risos), eu estudo muito mesmo (risos), é... e minha avó era um pouco mais conservadora, minha avó falava para mim que eu não sabia fazer afazeres de casa, e aí ela falava para mim que eu iria ser devota né, porque já que eu casasse eu ia ser devoluta não sabia fazer as coisas de casa.

A trajetória de *Sueli* nos guiará por suas experiências, marcadas por sua origem em um contexto de comunidade negra e indígena na Venezuela, evidenciando as dinâmicas de identidade, resistência e sobrevivência. A referência ao seu local de nascimento e a descrição de sua família revelam parte de sua história de luta e de pertencimento a um espaço que, embora marcado pela marginalização, se constitui como um território de resistência cultural e social.

Sua narrativa nos coloca em contato com experiências afrodiaspóricas, no qual os elementos da identidade, resistência e legado familiar se entrelaçam com as narrativas pessoais. Nascida e criada em um contexto marcado pela migração e pela favelização, *Sueli* traz em sua história os ecos de uma Venezuela quilombola, destacando intercruzamentos de raça, espaço e memória coletiva.

Seus avós, oriundos de um município predominantemente negro e considerado um quilombo afro-indígena, simbolizam a resistência e a busca por melhores condições de vida ao migrarem para a capital. A favela, vista muitas das vezes como espaço de marginalização, mas

também de comunidade e sobrevivência, serve como cenário para a formação de *Sueli*, evidenciando como o ambiente físico e social contribui para a construção de identidades.

A ênfase dada por seu avô à educação como ferramenta de emancipação reflete um entendimento da educação como um meio de superar opressões e evitar dependências prejudiciais. Em contrapartida, a preocupação de sua avó com os afazeres domésticos e a adequação aos papeis de gênero tradicionais revela as tensões dentro das próprias comunidades afrodiaspóricas sobre o papel das mulheres, educação e casamento, explicitando a realidade de muitas famílias brasileiras em que na divisão social do trabalho doméstico, o gênero feminino se encontra no centro, a expectativa de que as mulheres são responsáveis pelo trabalho doméstico, atravessa a vida de muitas de nós e nos coloca em desvantagens em relação ao gênero masculino, como por exemplos as duplas, triplas jornadas de trabalho.

A narrativa de *Sueli* ressalta a importância do conhecimento e da formação educacional não apenas como meio de ascensão social, mas também como uma importante ferramenta na luta contra as diversas estruturas sociais opressivas. Sua história também é um lembrete de que a luta contra o racismo e a discriminação é também uma luta por direitos iguais, reconhecimento e a capacidade de definir o próprio destino.

Seguindo a conversa com *Sueli*, vamos conhecendo um pouco mais de sua vida, de sua chegada no Brasil e sua relação com o país que passou a também ser seu:

> Devolvida, isso. E, mas a minha avó também me criou por um tempo porque tinha esse interesse por estudar, e mesmo que ela, eu acho que ela tinha uma, eu acho que ela sentia que era responsabilidade dela me criar mulher, e que eu soubesse fazer todas as coisas que as mulheres fazia, e eu acho que ao mesmo tempo ela percebeu que eu queria outra coisa, e ela sempre me deixou muito livre para fazer outras coisas. Por exemplo eu, alguém tinha que lavar a louça depois do almoço, e quase nunca eu era chamada para lavar a louça, porque inclusive ela foi percebendo que eu iria fazer outro caminho e ela viu uma forma menos direta que meu avô, ela sempre apoiou. Quando eu fui viajar para o, primeira vez que eu saí do Venezuela foi para a Colômbia, quando eu saí para o Colômbia ela chorou muito, chorou horrores, chorou e chorou demais, porque eu estava saindo de casa e não estava saindo de casa com meu companheiro da época. E ela chorou muito, e eu morei um ano na Colômbia e eu voltei para casa da minha avó, aí nessa volta meu companheiro ligou para ela e falou para a minha avó que eu precisava voltar para casa que se ela podia me receber de novo na casa dela, mas que era uma questão temporária, que ele iria voltar por mim que a gente iria morar junto. Ai minha avó,

> sempre falou, minha avó já é falecida, sempre falou disso com muito orgulho, do fato de eu ter um que ligou para ela e pediu para permissão para mim voltar para casa e falou para ela, fez o compromisso para ela que ele iria voltar. Minha vó sempre se ressentiu muito que as filhas dela não conseguiram um marido que desse casa para elas, meu avó era um homem negro e minha avó era é negra, e meu avó deu para a minha avó casa, deu casa, deu comida, deu todas essas comodidades, minha avó nunca precisou nunca trabalhar, porque meu avô cuidou da minha avó e cuidou dos meus... meu avô teve 7 filhos, e minha avó já tinha 2 filhos de outro casamento com homem branco, que o homem branco fugiu e nunca mais ninguém soube dele. E meu avô assumiu esses 2 filhos que não eram dele, biologicamente, inclusive foi ele que foi e afeiçoou com o sobrenome, e cuidou de todos os outros filhos dele. Então minha avó sempre se ressentiu muito que nenhuma das filhas dela, as 5 filhas, conseguisse um homem que desse casa para elas, era uma coisa que ela sempre falava dessa forma: não tem ninguém que dê casa para vocês, que desse casa para vocês, não é possível que minhas filhas são tão lindas e elas não conseguem nenhum homem que dê casa para elas. E aí elas casam... tiveram filhos, tudo isso, mas nenhum homem que assumisse, e acho que era o que a minha avó falava no final era que não tinha nenhum homem que assumisse elas e que se formasse uma família com elas. E aí que esse meu companheiro ligasse para ela e desse esse "eu quero formar uma família com ela, mas nesse momento eu não consigo" para ela foi muito importante, tanto que ela sempre falou isso e falou para a minhas próprias primas de como que meu companheiro era maravilhoso e os delas não prestava (risos). Não só esse, mas tem outras questões ali também de o porquê ele foi tão aceito na família, eu acho, mas esse aí foi um ponto alto.

Interessante a maneira nossa interlocutora vai narrando sua história de vida, nos apresentando as(os) personagens importantes que marcaram sua trajetória. Este trecho revela as expectativas e os papeis tradicionais de gênero dentro da família de Sueli, bem como as dinâmicas intergeracionais de cuidado e de relações afetivas. A avó, embora tivesse expectativas tradicionais para sua neta — esperando que ela aprendesse tarefas domésticas e se preparasse para um papel convencional de mulher —, reconheceu e apoiou as aspirações de *Sueli* por educação e independência. Esse apoio contrasta com a preocupação da avó sobre o casamento de suas filhas, refletindo as expectativas em torno do casamento e da segurança econômica proporcionada por um parceiro masculino.

A narrativa de *Sueli* sobre sua avó chorando por ela estar partindo sozinha para a Colômbia e a reação da avó ao seu companheiro pedindo permissão para que ela retornasse à casa familiar ilustram as tensões entre as expectativas tradicionais e as escolhas individuais de mulheres dentro de um contexto familiar. O orgulho da avó pelo compromisso do companheiro de *Sueli* em querer formar uma família, mesmo que temporariamente distante, aponta para a importância atribuída à família e ao casamento como instituições valorizadas dentro da estrutura social.

Além disso, o relato de que a avó se ressentia porque suas filhas não encontraram um parceiro que "desse casa", juntamente com a aceitação do companheiro de *Sueli* pela família, destaca a importância dada para as relações que trazem estabilidade econômica e social, que possam garantir segurança material e reconhecimento dentro da comunidade. A aceitação do companheiro de Sueli por parte da família, em contraponto à rejeição do pai branco que abandonou os primeiros filhos da avó, ilustra a expectativa de que homens em relações heterossexuais assumam o papel de provedores e protetores. Esse fenômeno transcende o âmbito familiar de Sueli, refletindo uma norma social mais ampla que atribui aos homens a obrigação de sustentar e cuidar de suas parceiras, ressaltando as convenções de gênero enraizadas em nossa sociedade que determinam os papeis que devem ser desempenhados pelo masculino e pelo feminino.

Essas experiências narradas por nossa interlocutora, oferecem uma janela para entender como as normas de gênero, as expectativas familiares e a busca por independência e formação familiar se entrelaçam, moldando as experiências de mulheres negras em contextos específicos de migração, raça e classe social.

5.7.1 Amor em Trânsito: relacionamentos, migração e a busca por pertencimento na narrativa de Sueli.

Como em todos os outros encontros, a conversa seguiu e nos levou ao tema do amor, não que não estivesse presente em outros momentos da sua narrativa, mas aqui vamos conhecendo melhor a história de amor que Sueli viveu e vai compartilhar conosco.

> Ai, que mais? Então eu saí primeiro para a Colômbia, voltei para casa, e aí assim eu fiquei 1 ano em casa com a minha avó, e depois vim para Brasília em 2011, eu fui para Brasil e conheci meu companheiro que foi, ele nasceu na Colômbia e ele é um homem branco. Então a gente veio junto para o Brasil. Quando eu cheguei aqui no Brasil meu

avô, você vai ver que meu avô assim ele foi muito importante para mim sempre, e aí meu avô cantava uma música para mim que era assim: eu já tenho a casinha, vou tentar traduzir para o português, eu já tenho a casinha que eu tanto prometi para você, hoje ela está cheio de margaridas, é margaridas, aquela flor assim oh, hoje cheia de margaridas para você e para mim. Ai meu avô sempre cantava essa música e eu sempre falava para esse meu companheiro que meu avô cantava essa música e quando eu cheguei no Brasil ele já tinha alugado um apartamento para a gente morar e ele comprou margaridas para me recepcionar, foi muito bacana isso dele ter lembrado e ter feito a questão de trazer as margaridas. Então eu morei, eu cheguei aqui em 2011, e com esse relacionamento desde 2004, que a gente se conhece, a gente se conheceu e não começou namorando, a gente nos primeiros 1 ano a gente só se pegava. E aí desde 2004, mais ou menos em 2005, 2006, a gente começou a namorar mesmo, porque fomos para a Colômbia em 2009, eu acho, viemos aqui para o Brasil em 2011, final de 2011, e aí a gente morou junto, compramos inclusive uma casa juntos agora em dezembro, dezembro de 2021. Eu fiz vir para o Brasil, então eu vim para o Brasil morar com eles, sim, a gente tentou junto, fazer uma estrada aqui, aí no primeiro ano eu não consegui e aí ele veio primeiro, aí no segundo ano eu consegui e aí eu cheguei também. Então eu tinha um plano, e ele também de fazer estudo de Pós-Graduação no Brasil, mas a gente fez, como se diz, a gente fez os planos para a gente morar juntos também, no Brasil. Teve um pouco de uma decisão pessoal, de continuar a formação, mas teve um pouco também da gente entender que vir para o Brasil juntos seria uma forma de conseguir estar juntos, porque o Brasil oferecia bolsa, o Brasil oferecia coisa que nosso país não oferecia para nós dois. Então a decisão foi um pouco das duas coisas, não foi só essa de individual, de progressão, senão também teve essa questão estratégica de olhar "lá a gente consegue ficar junto". Então eu fiz aqui Mestrado, e depois, pouco depois eu fui no Doutorado, tenho um filho que nasceu aqui no Brasil, acho que é isso. Agora eu fiz toda a minha formação foi na UFMG, lá em Minas Gerais, e hoje eu estou morando em Salvador. Eu separei dele em dezembro, e eu decidi, eu sempre quis muito morar em Salvador e ele não se interessava tanto por Salvador. Primeiro eu acho que tem a ver com preconceito, com os brasileiros, pelo menos com os mineiros né, tem muito preconceito contra Salvador, então ele sentia na cabeça falando porque é Salvador ou Rio de Janeiro, ele falava muita besteira, que lá é perigoso, que lá nossa, que não sei o que, lá é muito sujo, lá é muito sujo, o povo é preguiçoso, não gosta de trabalhar. Também tinha na nossa cabeça de preconceito contra cariocas de serem puritanos. É muito forte, é muito forte,

> inclusive as pessoas nunca foram, inclusive amigos nossos que nunca foram para a Bahia e falam horrores da Bahia, então é depois ele conheceu, ele veio, eu vim primeiro para os Congressos, coisas assim, e depois ele veio e gostou muito também da Bahia. Só que o trabalho dele já estável no mercado e o trabalho dele precisava muito descer lá em Minas Gerais.

Neste trecho da entrevista com *Sueli,* é possível vermos a interação de gênero, raça e expectativas familiares no contexto afro-latino, uma realidade que não está distante das famílias brasileiras. A experiência de ser criada pelos avós, com o avô enfatizando a educação como meio de evitar relacionamentos abusivos e a avó preocupada com a preparação para os papeis tradicionais de gênero, reflete as dinâmicas de poder presentes na estrutura social machista e sexista que estão postas tanto para mulheres brasileiras quanto para venezuelanas. A preocupação da avó com a capacidade de suas filhas de encontrar um parceiro que ofereça segurança e estabilidade, tal como o avô fez, destaca a persistência de normas de gênero que valorizam a dependência financeira das mulheres em relação aos homens e na figura do homem que deve ser o provedor material.

Sua jornada educacional e migratória, primeiro para a Colômbia e depois para o Brasil, com o apoio emocional e material de sua família, especialmente sua avó, ilustra como o amor e o cuidado familiar podem ser uma importante rede de apoio fundamental para o empoderamento individual. A história do pedido de permissão de seu companheiro à avó para que *Sueli* voltasse para casa sugere uma valorização dos laços familiares e da aprovação familiar em relacionamentos, que ainda ressoa fortemente na cultura latino-americana como parte das tradições culturais e sociais.

A mudança para o Brasil, impulsionada pelo desejo de formação acadêmica avançada e pela construção de uma vida conjunta com seu parceiro, mostra como as decisões pessoais são frequentemente influenciadas por fatores estruturais, como oportunidades de educação e imigração. A menção à escolha de morar em Salvador, contrastando com o preconceito percebido de seu companheiro e conhecidos mineiros em relação à cidade, introduz uma complexidade adicional à história, abordando as nuances do preconceito regional dentro do Brasil. Este trecho também evidencia as dificuldades enfrentadas por imigrantes na busca por estabilidade e aceitação em uma nova cultura bem como os desafios específicos impostos pelas diferenças raciais e preconceitos existentes dentro de uma relação interracial.

Então, é porque eu acho que a gente teve um relacionamento muito bacana por muito tempo, e um relacionamento muito particular, muito especial, muito especial, particular, muito nosso, o nosso foi dessa forma. A gente não teve um relacionamento marcado pelo gênero, por exemplo, não foi uma questão de que eu cuido da casa enquanto você trabalha, no, inclusive ele cozinha muito melhor do que eu. A gente tinha uma cumplicidade entre nós dois, a gente tinha um relacionamento muito bacana, e foi ai que ele viu que para ele não estava legal, foi ele que verbalizou que para ele não estava legal, não estava legal e que ele precisava mais cuidado da minha parte, que ele precisava mais de mim, E foi isso, ele falou que precisava mais de mim, e eu sabia que eu não estava interessada em dar mais, eu achei eu sempre achei que eu tinha dado tudo o que eu tinha parar dar em um relacionamento afetivo, e que não conseguia dar mais do que isso, dar mais do que isso, para mim, era tipo... não era mais ser eu, não era mais ser eu, era falso.

[...] então. Acho que ele queria de forma explícita maior cuidado da minha parte, tipo, que eu conseguisse acordar mais vezes para conseguir fazer o café de manhã, ou que eu conseguisse ir com ele nos encontros dos amigos dele com maior frequência, ou que eu desse um jeito na casa. A gente sempre teve um debate, porque ele sempre quis contratar alguém para fazer a faxina na casa, ele sempre quis contratar alguém e eu nunca quis contratar, por quê? Porque eu sou uma mulher preta, eu não vou trazer outra mulher preta para explorar na minha casa, então eu preciso que esse homem branco que está comigo faça as coisas da casa, porque eu não vou trazer outra mulher preta para ser porque ele não quer fazer. Então esse sempre foi um ponto assim de discursão entre nós, porque ele não queria fazer, porque ele trabalha todo dia, trabalha um trabalho pesado, tem que viajar, volta cansado e tal, e ele não queria fazer, e eu também não iria fazer sozinha. Então acho que teve um pouco isso, um pouco "vamos contratar alguém ou você faz, ou como que a gente vai manter a casa organizada" (risos), né. O que mais? Eu acho que o meu problema para te explicar é porque as coisas que ele demandou eu sempre achei que eu fazia, como cuidar dele, eu sempre achei que era uma coisa que eu fiz muito, de uma forma muito especial, a gente tem um menino de 3 anos e desde que ele virou pai, meu companheiro, meu ex-companheiro virou pai, eu sempre fiz o presente do dia dos pais para ele, eu nunca comprei o presente, eu sempre fiz o presente para ele e ele chorou todas as vezes de tanto que eu sei que ele quer, que ele gosta, que vai mexer com ele afetivamente, ele sempre chorou com os presentes que eu dei para ele. Então essas sempre foram as formas que eu cuidei pra ele, eu fiz uma comida

> Colombiana para ele, no Dia dos Pais, que é supercomplicada de fazer, eu fui e fiz. No Natal a mãe dele morreu recentemente, e a morte da mãe dele também foi um momento que mexeu muito com o nosso relacionamento. Eu nunca deu certo, meu relacionamento com a família dele, nunca deu certo, nunca deu certo, eu morei um ano na casa da família dele, morei um ano lá, e eles foram muitos corteses, corteses não é a palavra, mas eles são muito...

O relato de *Sueli* sobre seu relacionamento interracial traz à tona importantes reflexões sobre cumplicidade, expectativas de gênero, e questões raciais dentro de um contexto doméstico compartilhado. Ela descreve uma relação marcada pela igualdade e pela recusa em aderir aos papeis de gênero tradicionais, como a divisão convencional do trabalho doméstico, ressaltando que ambos os parceiros desempenhavam funções além das normas heteronormativas. A capacidade de seu companheiro em assumir tarefas como cozinhar, melhor até do que ela, exemplifica uma quebra dessas expectativas.

No entanto, a narrativa se aprofunda ao revelar os conflitos emergentes das demandas por "maior cuidado" expressadas pelo parceiro, que ela interpreta como pedidos por um maior envolvimento nas tarefas domésticas e na vida social. Essa dinâmica evidencia uma tensão entre a necessidade de manter a autenticidade e a pressão para ajustar-se às necessidades emocionais e práticas que foram apresentadas por seu parceiro.

Particularmente chama a atenção o debate sobre a contratação de uma auxiliar doméstica, ideia a qual *Sueli* se opõe fundamentada em sua conscientização sobre questões raciais e de classe. Sua recusa em "explorar outra mulher preta" na sua casa destaca uma resistência contra a perpetuação de estruturas opressivas dentro de seu próprio lar. Esse ponto de discórdia entre o casal destaca o quanto que intersecções de raça e gênero, mesmo em relações que se esforçam para evitar dinâmicas de poder desiguais, se apresentam como barreiras difíceis de serem enfrentadas no cotidiano de casais interraciais, principalmente quando existe a consciência das diferenças sociais entre os pares.

Sueli também menciona gestos de cuidado que considerava significativos, como a confecção de presentes personalizados para o dia dos pais, como uma maneira de demonstrar o afeto que tinha pelo seu companheiro. Essas ações, que ela via como expressões de amor e cuidado, contrastam com as expectativas de seu companheiro, indicando uma discrepância nas linguagens de amor dentro da relação.

A separação, provocada pela sensação de *Sueli* de não poder ou não querer atender às demandas adicionais sem perder sua essência, evidencia os desafios enfrentados pelos casais

em negociar suas necessidades individuais e expectativas mútuas. Ademais, a dificuldade de relacionamento com a família do parceiro e o luto pela perda da mãe dele adicionam outra camada à sua experiência conjugal, ressaltando como fatores externos e lutas internas podem afetar profundamente as relações amorosas.

Nossa interlocutora nos convida a refletir sobre a importância da comunicação, do respeito às diferenças individuais e da consciência das estruturas sociais e raciais que moldam nossas relações íntimas. Revela, igualmente, como as diversas linguagens do amor – se encontram ou se desencontram no entrecruzamento das questões raciais e de gênero e como estas circunscrevem a maneira como nos relacionamos.

Em seguida ao trecho anterior, *Sueli* segue destacando características da família do seu companheiro que ela elencou como importantes para a dinâmica da sua relação amorosa:

> Ah, são muito corteses, legais, muito educados, muito corretos, com bom dia, aí eles sentam todos na mesa e eles falam assim, eles vão comer na mesa e eles falam assim: mãe ficou muito gostoso, muito obrigada. Eles falam isso todos os dias, em todos os almoços: mãe ficou muito gostoso, muito obrigada. Minha família não é assim, minha família fala: [elevação no tom da voz] nossa vó isso aqui ficou uma delícia, maravilhoso. Ou a gente vai falar: porque você fez isso aqui, porque você botou aqui ficou esquisito sabe. Eles não, eles vão falar: muito obrigado mamãe, ficou muito gostoso. E depois por trás vão falar "nossa porque minha mãe fez isso, não gosto quando minha mãe faz essa comida". Então eu nunca gostei disso da família dele e eu nunca quis isso para a minha família. Quando a mãe dele morreu ele começou a demandar dele isso, ele começou a falar "você não é obrigado a comer a comida que eu faço", eu falei "não, eu falei que estava muito gostoso", "mas você não falou obrigado". A forma que ele queria pronunciar era pronunciar a forma que acontecia na família dele depois de 14 anos, 15 anos morando junto e fazendo de outra forma.

Aqui podemos notar sutilezas nas interações familiares que vão delineando relações atravessadas pelas diferenças raciais e culturais, adentrando no território das normas de comunicação e expressão de gratidão dentro de um contexto familiar. O contraste entre a maneira como a família de *Sueli* e a do seu companheiro expressam apreço pela comida, serve como metáfora para as diferenças mais profundas em suas respectivas culturas e dinâmicas sociais que vão afetar diretamente a convivência do casal.

Sua preferência por uma comunicação mais direta e expressiva, característica de sua família, destaca a importância da autenticidade nas interações. Por outro lado, a cortesia formal e o comportamento contido da família de seu companheiro refletem uma abordagem diferente, que *Sueli* percebe como menos genuína, especialmente quando contrastada com as críticas feitas em privado. Este choque de culturas revela como expectativas não ditas e suposições sobre comunicação e gratidão podem criar tensões dentro de relações íntimas e familiares.

> Eu acho que o assunto comigo, eu vou tentar te contar se, porque eu sou migrante, e ele também é migrante, e ele é migrante de um país que também é a Colômbia, ele não é um branco europeu, então ele no país dele ele é branco, mas no Brasil ele é colombiano, então ele sofreu muita discriminação aqui, muito preconceito aqui por ele ser Colombiano, dos nossos vizinhos eles chamam ele de narcotraficante, de maconheiro, né. Então a branquitude dele não era suficiente para o contexto brasileiro, então muita questão que ele não tinha vivenciado no país dele, onde ele seria simplesmente branco, ele passou a vivenciar aqui. Então eu acho que tem várias questões, primeiro com relação as discriminações eu sei que além dele ser uma pessoa espetacular e maravilhosa que ele é, o fato dele ser branco permitiu para ele uma abertura maior na minha família, permitiu que a minha família abrisse os braços para ele com maior tranquilidade pelo fato dele ser um homem branco. Tenho primas que namoraram homens pretos e os defeitos deles sempre apareceram mais do que qualquer defeito do meu companheiro. Eu lembro inclusive de um dia, a minha prima, a minha prima é um ano mais nova que eu, claro que o relacionamento dela (risos), é muito complicado, mas ela é um ano e além do mais ele ser um homem preto ele era primo nosso, ele é primo nosso, ele é primo tipo terceiro, quarto, um primo assim muito distante, mas para a minha família era todo mundo família, você não namora com seu primo sexto, da sexta geração (risos). Então isso sempre teve, isso sempre marcou o relacionamento dela, mas eu lembro que era semana santa, e eu e meu companheiro sempre estivemos namorando na época, estava ainda estava de namorado, comunado os dois de namoro, e eles também. E aí nós duas levamos seu namorado, ela levou seu namorado preto, que além do mais era primo, e eu levei esse meu namorado branco. E aí minha avó fez a comida da Semana Santa, que fez para todo mundo, sopa de peixe, caldo, bacalhau, um monte de comida era peixe, e ela serviu para meu namorado, salmão, que era um peixe muito caro, e ela fez questão de servir salmão para ele, e para eles só, e não para as outras pessoas que estavam na

> mesa. Minha prima sempre fala disso, minha prima sempre fala, minha prima sempre fala “ah pro A. teve salmão e tal”. E aí eu também sempre acho, e sempre achei que ali tinha uma coisa errada nessa preferência que ele recebeu na minha família. Só que está todo junto e misturado, porque além da branquitude dele ele soube sempre muito bem fazer as coisas, tipo ele chegou em casa com um presente para a minha avó, ele sempre chegou em casa com algum presente para a minha avó, assim, ele sempre focou sempre na minha avó, mais do que na minha mãe. Então ele sempre chegou com algum presente para a minha avó, esse outro namorado preto ele chegou para comer e não levou nada para casa, esse A. ele nunca teria chegado de mãos vazias, ele sempre teria levado uma bebida para todo mundo, uma sobremesa para todo mundo, alguma coisa para todo mundo. Então ele tem a obra por detrás dele e tem essas outras coisas que ele soube fazer. Ele se sentava para conversar com a minha vó na sala, e os outros companheiros não fazia, inclusive agora que eu estou pensando, uma das minhas tias casou com um homem branco que era odiado na minha família na verdade, porque ele nunca fez isso, e ainda ele entrava direto, ele chegava e entrava direito para cozinha e metia a mão na panela, minha avó ficava revoltada com isso, ficava revoltada: como que ele ousa chegar até a minha casa, entrar na minha cozinha e meter a mão na minha panela. Então ele mesmo sendo um homem branco ele tinha formas que minha avó considerava muito grosseira, a minha avó nunca aceitou. Ele casou com a minha tia, até hoje junto, ele nunca foi aceito, nunca foi aceito, ele deitava na camarinha da minha avó, e minha avó ficava assim, putaça, e isso como que esse homem, a já o meu companheiro ele nunca passou da sala, então para a minha avó ele era assim perfeito (risos).

Como vimos *Sueli* e seu companheiro, não são brasileiros, mas nos seus países de origem também reconhecidos como um casal interracial. Ela, mulher negra e ele, um homem branco. O trecho acima destaca uma dinâmica importante que nos leva a pensar de maneira mais amplificada, quando o assunto interracialidade surge a partir de outras histórias de vida fora do nosso circuito brasileiro. A experiência do parceiro de Sueli, que, apesar de ser branco na Colômbia, enfrenta discriminação no Brasil por sua nacionalidade, destaca como a "branquitude" não é um escudo universal contra o preconceito, variando significativamente de acordo com o contexto social e geográfico. Em seu país de origem a branquitude se apresentava como fator importante que o colocava em lugar de privilégios, mas no Brasil a leitura de sua brancura não se deu da mesma forma.

A descrição de como a família de *Sueli* acolheu seu parceiro branco, contrastando fortemente com o tratamento dado a parceiros negros de outras membros da família, ilustra como preconceitos raciais e estereótipos podem influenciar as dinâmicas familiares, valorizando uns em detrimento de outros baseados em raça e origem.

Além disso, ela reflete sobre as ações de seu companheiro, como trazer presentes e nunca ultrapassar certos limites espaciais na casa da avó, o fizeram ser bem recebido pela família. Isso demonstra que, além da cor da pele, os comportamentos e a capacidade de navegar 'adequadamente' nas expectativas sociais e familiares desempenham um papel significativo na aceitação dentro do núcleo familiar.

Esse relato também evidencia a percepção de *Sueli* sobre as preferências e preconceitos de sua família, questionando o tratamento diferenciado dado ao seu parceiro branco e refletindo sobre como essas atitudes se entrelaçam com normas culturais e expectativas familiares. A análise de *Sueli* sobre a aceitação de seu parceiro branco, em contraste com a rejeição a um membro da família por comportamentos considerados inaceitáveis, revela como a aceitação não é determinada unicamente pela raça, mas também por uma combinação de comportamentos, etiqueta social e a capacidade de se alinhar às expectativas familiares do grupo que você insere.

Seguimos nossa conversa com *Sueli.* Quero destacar um ponto importante e peculiar na vida da nossa interlocutora. Como vimos ela narra sua história de vida que se dá no limítrofe de entre países, culturas, conflitos e estes compuseram sua história de amor. Por isso trazer os trechos que apresentam estas nuances nos ajudará a compreender melhor as características que são peculiares em sua história, mas que também se conectam com as das outras coirmãs que já se apresentaram até aqui. Por isso seguimos como momento em que ela vai nos apresentar um pouco mais a relação com seu país de origem e com sua relação inicial com a família de seu companheiro:

> Então vamos chegar lá, então a gente tem esse contexto na Venezuela, e aí a gente trabalhava no mesmo prédio também, a gente trabalhava no mesmo prédio e então eu conheci os colegas dele de trabalho, a gente trabalhava em instituições diferentes, mas era o mesmo prédio. Então eu conhecia os companheiros de trabalho dele e ele conhecia os meus, então eu nunca senti uma discriminação de parte dos amigos dele, muito pelo contrário, os amigos dele sempre gostaram muito de mim. E aí quando eu fui morar para a Colômbia foi muito diferente não apenas... assim, eu nunca senti assim discriminação da parte da família dele, nunca senti mesmo, né, nunca senti. Mas a família dele é uma família Colombiana conservadora, de uma região da Colômbia que seja talvez a região

> mais branca da Colômbia que é Moçam, que é na Colômbia. Então uma família muito conservadora, eles tem ditados, por exemplo, eles vão falar, por exemplo, para falar de alguém que é burro eles vão falar "ele é muito índia", sabe? Eles vão fazer esse tipo de comentários. Eles nunca fizeram esse tipo de comentário para mim, eu nunca senti que eu estava tendo um trato diferente, um trato ruim, mas eu senti e sei que eles como família tem toda essa influência. Eles vão considerar que as pessoas da Colômbia que mora nas regiões mais pobres, são pobres porque são preguiçosos, daí não trabalham, porque eles, né, eles vão fazer tudo isso, esses pensamentos, eles são esses tipos de pessoas.

Aqui podemos nos conectar com as interações sociais e familiares apresentadas por *Sueli,* dentro do contexto de sua relação afetiva interracial e os atravessamentos interculturais que se apresentam constantemente como desafios importantes a serem confrontados. Sua experiência transita de um ambiente de trabalho compartilhado na Venezuela, onde ela se sentia acolhida pelos colegas de seu parceiro, para um contexto familiar na Colômbia, marcado pelo conservadorismo e preconceitos raciais e culturais enraizados.

A aceitação pessoal de Sueli pelos amigos e pela família de seu parceiro, apesar de positiva, contrasta com as atitudes subjacentes de preconceito e racismo da família dele, baseadas em estereótipos negativos associados a povos indígenas e a regiões empobrecidas da Colômbia. Esse contraste destaca uma forma sutil de discriminação, no qual *Sueli*, embora pessoalmente não se sinta discriminada, reconhece as estruturas de preconceito presentes na mentalidade da família do parceiro.

Este cenário ilustra um ponto importante para refletirmos – Quando falamos das dinâmicas de relacionamentos interraciais, precisamos de um olhar apurado de letramento para ler as entrelinhas. O fato de no ciclo familiar ou de amigos encontrarmos uma aceitação individual, não necessariamente reflete a ausência de racismo no nível coletivo e/ou familiar mais íntimo. Vemos como as identidades intercruzadas entre Sueli – uma mulher negra e um homem branco colombiano de uma região conservadora – atravessam diversas camadas da relação, ora de aceitação, ora de discriminações sutis. Sua narrativa nos convoca a desvelar e discutirmos, coletivamente, como que o racismo estrutural se apresenta entranhado mesmo em ambientes e relações que aparentemente se mostram acolhedoras.

Este relato reforça a importância de não apenas celebrar os avanços individuais em termos de aceitação e integração em relações interraciais, mas também de continuar desafiando

e questionando as atitudes e crenças preconceituosas que persistem em níveis familiares e sociais mais amplos.

Para entender melhor as diferenças territoriais que compõem a história de vida de nossa interlocutora *Sueli,* foi importante aprofundar nossa conversa, era importante conhecer melhor as diferenças e nuances entre a região no qual ela nasceu e a região do seu companheiro:

> Não, não, da Colômbia, nesse caso é da Colômbia. Ah sim, pensando nesse paralelo sim, as regiões da Colômbia tipo Palenque, tipo Chocó, são regiões tradicionalmente negras, são também Palenque, Palenque é a palavra para colombiano para um Quilombo, então tem todo um preconceito, um estereotipo sobre as pessoas que moram, que são pretas e moral nesses lugares, que são as comunidades mais pobres, que são mais vulnerabilizadas. Então na cabeça deles eles vão argumentar que eles são pobres não porque tem um histórico de exploração, ou porque a terra foi retirada deles, eles vão falar que são pobres porque eles não gostam de trabalhar, eles são preguiçosos: ah não quando eu fui para lá eles estavam todos deitados, eles não queriam servir, por exemplo. Eles falam esse tipo de coisa. É... mas teve um dia que a gente estava na mesa e o Alejandro, meu companheiro, ele fez tipo uma brincadeira de gritar para mim, de me gritar na mesa com toda a família dele, de me gritar e falar alguma coisa, não sei o que exatamente, mas foi alguma coisa do tipo "vai lá lavar a louça", né, uma coisa assim. A mãe dele se levantou da mesa e falou "você não trata ela assim, você não trata ela assim, você respeita, e se você ficar de bobeira você vai embora, você sai fora, você não fica com um cara assim", falou assim. E quando foi a tarde, passou essa tarde, o período da tarde, ela me contou que ela, o pai dele, que também não foi presente, mas que quando ele era um bebezinho o pai foi maltratar ele e ela e quase, o seu filho né, o meu companheiro, e ela foi contar para mim uma situação de violência de gênero que ela vivenciou, para firmar esse assunto: que você não permita essa situação na sua vida, nem sequer do meu filho né. E eu achei isso muito bacana. Então, os seres humanos são complexos, então ao mesmo tempo que ela fez essa coisa comigo... Ai então na Colômbia, quando eu fui morar na Colômbia, tinha muito problema entre Venezuela e Colômbia, que são dois países fronteiriço, pensa no Brasil e no Paraguai, então tem todo esse Venezuelanos, tem todo esse estereótipos contra Colombianos, e Colombianos contra Venezuelanos, apesar de que a gente passou e namora a muito tempo e tem milhões de Colombo-Venezuelanos, mas ai tem muito, ainda tem ainda uma disputa territorial, pelas fronteiras, e pela forma com que nossa sociedade construiu. Então nesse

> momento os conflitos nos países estava muito mais acirrados, muito mais fortes, então o que eu sofri na Colômbia foi mais no sentido de violência política mesmo, das perseguições das pessoas, falarem para mim do presidente na época, do Comunismo da Venezuela, era muito mais.

Somos convocadas por Sueli, para adentramos em um terreno de entrelaçamentos em que raça, cultura, nacionalidade, território, classe se atravessam em sua vida pessoal e sua experiência de amor. Ao nos detalhar sua experiência migratória da Venezuela para a Colômbia e, posteriormente, para o Brasil, ela toca em pontos delicados de discriminações e preconceitos que extrapolam as fronteiras geográficas, ilustrando como que questões que muitas vezes são lidas e interpretadas apenas no campo das relações íntimas, se apresentam como estruturas macrossociais presentes em culturas diferentes, em países irmãos.

O preconceito enfrentado por *Sueli* e seu companheiro A. na Colômbia, e depois no Brasil, sublinha os desafios enfrentados pelas identidades migrantes. Enquanto A., identificado como branco na Colômbia, enfrenta estigmatização no Brasil por ser colombiano, *Sueli* é reconhecida como mulher negra nos três países em que viveu e lida com camadas adicionais de preconceitos raciais e de origem de nacionalidade. Essas experiências evidenciam como a discriminação se entrelaça com contextos históricos e sociais específicos, afetando pessoas de maneiras distintas dependendo de sua interseção de identidades.

A narrativa de *Sueli* sobre o incidente na mesa de jantar, onde A. fez uma 'brincadeira' que foi repreendida por sua mãe, destaca não apenas as expectativas de gênero e as dinâmicas de poder dentro das relações familiares, mas também a possibilidade de solidariedade e suporte contra abusos. A atitude da mãe de A., ao compartilhar sua própria experiência de violência de gênero e advertir *Sueli* contra a tolerância de tal comportamento, revela as tensões nas atitudes familiares que vão além de meras aparências de cortesia e educação formal. Vemos também a capacidade que a categoria gênero possui em alguns momentos de aproximar mulheres, principalmente a partir de suas dores compartilhadas, ainda que a diferença racial ainda esteja lá, circunscritas.

A reflexão de Sueli sobre a complexidade dos seres humanos e as nuances de suas experiências com discriminação e violência ilustra o quão importante é pensar as relações macro e microssociais pela ótica interseccional. Sua jornada, marcada por deslocamentos geográficos e culturais, desafia análises de narrativas que não contemplem pessoal e coletivo, e aponta para a riqueza de experiências encontradas na interseção de diversas identidades.

Ainda seguimos no entrelaçamento narrado por *Sueli*, como que sua vida se conecta em diversos pontos com questões impostas pela realidade social de uma imigrante negra no Brasil e como que as leituras sociais feitas sobre seu corpo, sua identidade racial e seu lugar no mundo, são atravessadas por questões que se localizam de diversas maneiras a depender do espaço em que circula.

> Sozinha sim, sozinha sempre foi mais comum, ou com outros pretos, sempre foi mais comum, não era muito comum acontecer quando eu estava com ele, não era muito comum, agora que eu penso, o restaurante que eu seria impedida de entrar, eu entrava com ele. Inclusive eu tenho uma amiga que ela namorou um homem negro, um homem negro brasileiro, e aí um homem negro super alto, 1,90, preto e tal, e aí ele estava conversando, passou na frente de um restaurante, e eu falei com ela: nossa eu fui para esse restaurante, com meu companheiro, foi muito legal, foi muito bacana. E ela falou para mim também: eu fui com o meu companheiro e não me deram atendimento, a gente ficou uma hora ali e ninguém se aproximou da nossa mesa. Então eu estava com um homem branco e ela com um homem preto, então uma forma é lógico porque a gente é mulher, os garçons não estavam falando comigo, estavam falando com ele, com aquele homem branco, e no caso com ele lá naqueles garçons falar com aquele homem preto, então ela não teve o mesmo atendimento, não teve a mesma experiência lá, nesse restaurante que eu tive. Então era uma forma deu estar, com a branquitude dele, eu acho que de alguma forma me permitia transitar nos espaços. Eu não sei de que forma as pessoas me liam, sabe, eu não sei se as pessoas faziam a leitura de "olha, ele achou uma mulata nesse carnaval", porque o Brasil é cruel dessa forma, ou se eles me viam como a esposa dele, eu não sei que tipo de leitura que as pessoas faziam, o que eu sei é que não tinha, uma vez teve na verdade, agora que eu tô te contando. Uma vez na Venezuela ainda uma vez que a gente ainda namorava, a gente foi junto para um hotel, e aí a gente não achava hotel disponível, estava todo lotado, não teve local nenhum e a gente teve que passar por vários, e a gente entrou em um que era um hotel muito ruim, muito barato, e a gente entrou, e o cara que estava na porta falou para ele assim: quando você terminar com ela você me passa.

O relato de *Sueli* sobre experiências de racismo vivenciadas na presença do seu companheiro branco destaca o impacto da branquitude em espaços sociais e a maneira como ela pode alterar o tratamento recebido por pessoas negras. Uma mulher negra ser tratada de

maneira cordial em espaços tidos como espaços brancos, por estar acompanhada de um homem branco escancara a sutileza e o refinamento do racismo, já que em um primeiro momento nossa interlocutora não vislumbra nenhuma situação de racismo vivenciada na presença do seu companheiro. No entanto quando compara sua vivência com a de outra mulher negra que estando acompanhada de um homem negro, não recebeu o mesmo tratamento dado a ela e seu parceiro branco. A comparação das duas situações que são distintas, reforça como o racismo sistêmico se manifesta de maneiras variadas, dependendo da composição racial das pessoas presentes. Isso implica em como a presença de uma pessoa branca pode atuar como um "passe" para pessoas negras em determinados contextos sociais, proporcionando um tratamento diferenciado e, por vezes, maquiando possíveis manifestação do racismo explícito.

Além disso, a forte cena ocorrida no hotel na Venezuela sublinha o sexismo entrelaçado ao racismo, quando a objetificação da mulher negra é evidenciada pela fala depreciativa do homem na porta, sugerindo que Sueli poderia ser "passada" ao próximo como se fosse um objeto, e não uma pessoa. Essa interação é profundamente desumanizadora e reflete estereótipos raciais e sexuais arraigados que veem mulheres negras como hipersexualizadas e disponíveis para o consumo dos homens, principalmente os brancos, perpetuando e naturalizando a maneira como nós mulheres somos tratadas desde a colonização até os dias em que vivemos.

O que é particularmente significativo nessas narrativas e nos gera incômodo é a posição de Sueli, que, apesar de se beneficiar temporariamente da branquitude de seu companheiro em certos contextos, ainda enfrenta a violência de ser reduzida a um estereótipo racial e sexual em outros. Isso destaca a natureza insidiosa do racismo e do sexismo, que não são mitigados pela proximidade a indivíduos brancos. Ao contrário, tais interações ressaltam a aos olhos a persistência de preconceitos e a maneira como a cultura racista, machista e sexista se intercalam nas posições de poder, se sobrepondo e influenciando as experiências das mulheres negras nos processos discriminatórios e dos homens brancos na validação dos seus privilégios.

Este paradoxo ilustra como a proximidade com a branquitude não apenas falha em proteger os indivíduos negros dessas agressões, mas também pode intensificar a consciência dos preconceitos arraigados. A relação entre *Sueli* e seu companheiro branco não suaviza as arestas do racismo e do sexismo, pelo contrário, serve como um lembrete vívido de sua onipresença. Evidencia-se, assim, a forma como a discriminação e os privilégios se entrelaçam, destacando a realidade implacável enfrentada por mulheres negras que navegam por essas interseções de opressão, enquanto homens brancos inadvertidamente reforçam suas posições de poder.

E as observações contundentes de *Sueli* seguem seu caminho:

Claro, teve uma vez por exemplo que um homem, eu estava na rua da minha casa e um homem se aproximou de moto, um homem preto inclusive se aproximou de moto, e perguntou meu endereço para mim, o endereço de um posto de saúde que fica muito próximo, e ai eu indiquei e falei para ele ir aqui e não sei o que, e ai ele continuou fazendo que ele não estava entendendo, e ai eu peguei e fiquei muito assustada, e ai mas eu continuei explicando onde ficava o posto, ai ele falou para mim que "ah é porque eu machuquei" ele levantou a camisa e mostrou o pinto que estava com o pinto para fora e mostrou o pinto para mim e ai eu falei muito babaca e ele foi embora. Essa é uma situação que nunca teria acontecido logicamente do lado do A., mas teve outras assim que no ônibus eu fui chamada por uma mulher branca de angolana fedorenta, e isso nunca teria acontecido, isso nunca aconteceu estando com o A. É... eu acho que na praia, na praia eu estando na praia do Rio de Janeiro.

Tá, lá na praia do Rio de Janeiro, pessoas estrangeiras, tipo argentinos e uruguaios, e principalmente brasileiros de São Paulo, na praia, pedem para tirar foto comigo, sabe, eu acho que eles acham que eu parte do pacote turístico no Brasil. Eles ah, é porque tem isso, eu tenho um estereótipo da mulata da exportação brasileira né, eu encaixo nesse estereótipo da mulata tipo exportação, e as pessoas estrangeiras e brasileiras me leem como parte desse discurso que o Brasil construiu de que a mulher preta faz parte do pacote né, do pacote do carnaval, do pacote turístico. Então as pessoas me leem como isso, e as pessoas, quando eu estou sozinha na praia, eu sofri esse tipo de violência, que eu não sofri com ele, mas aí é o que eu te falo, eu não sei se eu não sofri essa violência com ele porque eles leem que eu sou a esposa dele, ou porque eles entendem "ah ele já pegou sua mulata, essa mulatinha já está ocupada por outro homem branco". Mas é tipo isso. Mas aí voltando para a casa da família dele, porque aí quando o meu filho nasceu, a família dele veio para cá para o Brasil, então veio, é supercomplicado, tem que ter muitas, fazer muitas leituras das entrelinhas para a gente conseguir entender onde mora o racismo né. Mas eles vieram para cá no Brasil quando meu filho nasceu, e eu fiz questão que a mãe dele viesse, né, e a mãe veio e os tios dele cismaram que eles queriam vir, e eu não queria que eles viessem, eu não queria que ninguém da família dele além da mãe que eu conviver viesse, e aí eles falaram "ah estamos de férias vamos". Ai meu companheiro ficou muito empolgado falando "nossa como você é linda, nasceu meu filho e minha família quer vir conhecer ele", e eu falei com ele "seu filho nasceu no Brasil, tipo, ele não está vindo não só para conhecer seu filho, eles estão vindo para o

> Brasil, eles estão vindo para tirar férias no Brasil", e ai a gente tem todo um imaginário sobre o que o Brasil, que é o Brasil é um destino turístico super atraente para nós, e ele nasceu em Dezembro e tal, muito próximo da época do carnaval e tal. Então eles vieram né, e ai meu companheiro falou "não, eles estão vindo para te ajudar, estão vindo para te ajudar", e eu falei "não, não está vindo para me ajudar, está vindo para curtir o Brasil", inclusive fala para eles que essa cidade aqui não é tão interessante, que é lá em Belo Horizonte, e que é melhor eles comprarem passagem para Rio de Janeiro também, porque eles estão vindo ai, eu sabia assim, eles estão vindo ai para verão, praia, caipirinha, eles não estão vindo para ficar numa casa cuidando do meu período de resguardo. Então teve isso lá e eles decidiram que viriam e ficariam um tempo na casa minha, e um tempo eles iriam para Rio de Janeiro. E aí, quando estava nessa negociação para Rio de Janeiro, a tia dele, a tinha dele é uma mulher de 60 anos, a mãe tinha 70, essa idade, é uma idade em que as mulheres fazem bes... eu não sei se no Brasil fala resguardo.

A narrativa de *Sueli* sobre as violências raciais e sexistas que experimentou, tanto na presença quanto na ausência de seu companheiro, nos mostra cenas cotidianas de violação do direito à existência como ser humano. As situações que ela relata, desde a exposição obscena por um homem na rua até ser objetivada por turistas na praia, ilustram como o corpo da mulher negra é frequentemente hipersexualizados e desumanizado, percebido como parte do "pacote turístico" brasileiro, perpetuando estereótipos raciais e sexuais coloniais que não foram superados ao longo dos séculos.

A presença de seu companheiro branco, em certos contextos, parece oferecer a *Sueli* um escudo temporário contra o racismo explícito, permitindo-lhe acesso a espaços e tratamentos que, sozinha ou acompanhada por pessoas negras, lhe seriam negados. Isto nos chama a atenção para os riscos que corremos, quando na presença destas cenas acreditamos no comprometimento de pessoas brancas nas lutas antirracista, ou ainda quando usamos situações como estas para validarmos os comportamentos individuais de pessoas brancas para afirmar que as coisas estão melhores, quando não estão. Exaltando a dinâmica de poder em que a branquitude confere "privilégio" e proteção, mesmo que precária, a indivíduos racializados quando estão em proximidade com ela. No entanto, essa proteção é condicional e não desmantela as estruturas subjacentes de opressão racial e de gênero; ao contrário, sublinha a natureza performativa e a precariedade dessas interações.

Além disso, a expectativa de que *Sueli* adote comportamentos submissos e agradecidos, exemplificada pelo choque cultural com a família de seu companheiro e pela demanda dele por mais atenção doméstica, destaca a persistência de normas de gênero tradicionais que esperam das mulheres negras não apenas a resistência ao racismo, mas também uma subjugação a papéis de gênero restritivos, a mulher preta que serve seus "donos brancos".

O contraste entre a recepção calorosa de seu companheiro pela família de *Sueli* e a marginalização de relacionamentos anteriores dela com homens negros pela mesma família também revela uma reprodução de racismo internalizado e preferência pela branquitude, mesmo dentro de comunidades negras. Estas características apontam para a necessidade de desmantelar os legados coloniais que valorizam a branquitude e desvalorizam a negritude, perpetuando ciclos de violência e exclusão.

> Tem todo um cuidado, tem todo o cuidado das mais velhas, com relação aos outros você não pode cozinhar, não pode ficar perto do fogão, não pode lavara o cabelo, tem todo uma mística ali. Então as mulheres mais velhas ainda acreditam em tudo isso, e a família dele, as tias dele com isso, com 60, 70 anos. Então ela viram para cá quando meu filho estava com 2 e 3 meses. E aí estavam pensando em uma viagem para o Rio de Janeiro, e aí a tia dele falou para ele assim, falou para ele que estava comprando passagem para eles, que a gente não iria né, e a tia fala assim "não, mas como a gente vai se virar lá sozinho no Rio de Janeiro, você tem que vir com nós, você tem que vir com nós". A proposta da tia dele com 60 e pouco e tantos anos era: deixa a sua mulher e seu filho de 3 meses sozinho em uma casa, porque eu não tinha família no Brasil, deixa eles e vem conosco curtir Rio de Janeiro. Assim eu fiquei assim: eles teriam feito isso com outra mulher? Porque esse momento do nascimento de um filho é super sagrado para as mulheres mais velhas, ele é cuidado, afirmado, outras vão para a casa para cuidar dessa mulher, então elas que deveriam ter vindo para cá cuidar de mim, mas a ideia delas não era cuidar de mim, elas não vieram cuidar de mim, e além elas achavam que o meu companheiro não devia cuidar de mim, ele devia me deixar largado e curtir o carnaval no Rio de Janeiro. Então se eu nunca sofri uma discriminação explícita, eu acho que tem aí umas questões de talvez no olhar delas eu não merecesse cuidado, que elas teriam dado para mulher, que são as mulheres tipicamente frágil assim, sei lá. E aí enquanto a família deles estavam aqui teve um episódio que foi, que o tio dele e a mãe dele estavam falando de alguma coisa que ele considerava que era mal caráter, que essa pessoa era

mal caráter, que isso, que sei lá, estavam falando dele, e que no momento, sei lá, a mãe dele estava falando assim que a pessoa tinha feito uma coisa muito ruim, uma coisa assim muito desprezível.

Isso, que eles dois conheciam, eles estavam falando de uma terceira pessoa que fez uma coisa muito desprezível, e aí a forma que a mãe encontro para explicar que era desprezível foi falar assim: pessoa muito negrada, ele fez uma negrada, ela falou assim ele fez uma negrada. Poxa eu estava passando nesse momento, eu estava passando nesse momento, eu estava passando, ai eu não consegui responder para ela, eu tremi o corpo todo, o corpo todo tremeu assim, acabou todo essa merda (risos), e ai eu falei para o meu companheiro: olha eu passei para a cozinha e tua mãe estava falando com seu tio e tua mãe falou isso aqui, que é muita negrada, e ele não falou assim "não, a minha mãe está errada" não, ele falou: oh *Sueli* me desculpa, desculpa mesmo, eu vou falar com ela. Tipo era uma coisa (risos), que ele sabia que era possível de ouvir da boca da mãe dele né, daí ele foi e falou com ela né, eu falei para ele, mentira, eu vou falar com ela, ai ele sentou todo mundo na mesa e eu falei "oh, eu não quero que você use essa linguagem na minha casa, porque isso é uma expressão racista, você não tem que falar dessa forma e porque eu não quero que meu filho aprenda a falar dessa foram". Ai eles todos inventaram desculpas, "não, não tem nada a ver falar, é que na Colômbia é diferente", tipo na Colômbia não tem esse significado que você está dando. E eu falei "não, tem sim" e aí teve essa questão deles falarem que os próprios negros são os mais racistas, foi uma merda aquela conversa, e aí no final da conversa ela falou assim: mas foi muito interessante. Porque ela assumiu corporalmente, ela ficou super perua, ficou super perua, sentada assim, aquela coisa e falou assim "bom, se eu ofendi alguém, peço desculpas", sabe, não sei se eu consigo passar para você o que essas desculpas significaram, não foram desculpas, foram assim dentro da minha superioridade eu posso falar desculpa, não tem problema, né. Então foi esse tipo de coisa que eu vivenciei com a família dele, e ai esse dia eu fiquei super, porque a conversa parou, não tinha como avançar mesmo, eu fiquei super brava, incomodada nesse dia, e ai eu lembro que fui conversar com o meu companheiro e ai ele foi conversar comigo na verdade, e ai eu falei para ele, eu lembro que falei com ele: é esse o preço que eu pago por me envolver com brancos (risos). Falei isso para ele (risos).

Precisamos encarar que famílias são grupos sociais e que, portanto, representam extratos da nossa macro sociedade. Dito isso vamos olhar para os relatos de *Sueli,* na tentativa apreender

também a dinâmica social estabelecidas nas relações pessoais das pessoas que compõem este grupo. As expectativas e normas raciais e de gênero que se mostram evidenciadas na família do parceiro, especialmente em relação ao cuidado no pós-parto e à participação dele nas férias sem consideração pelo bem-estar de *Sueli* e seu filho recém-nascido, ilustram realidades que muitas mulheres passam durante o período do puerpério. Somos colocadas no papel de cuidadoras e quando precisamos do cuidado, do apreço e da possibilidade de descanso, somos abandonadas. A maternidade e os papéis bem delimitados para as mulheres, corroboram ainda mais para a perpetuação do machismo e do sexismo. Pensando especificamente nas mulheres negras, que historicamente são descritas como fortes, que dão conta de tudo, esta realidade é ainda mais perversa.

A descrição de *Sueli* sobre como a mãe de seu companheiro usa a expressão "negrada" como sinônimo de algo desprezível, e a ocorrência subsequente da família quando ela enfrenta esse racismo, sublinha a persistência da tentativa de sempre desacreditar uma denúncia desse tipo de violência. A justificativa da família, alegando diferenças culturais na Colômbia para minimizar o impacto de suas palavras, juntamente com a acusação de que "os próprios negros são os mais racistas", reflete uma tentativa de desviar a responsabilidade pelo preconceito racial e invalidar a experiência de *Sueli*. Assim como historicamente o povo preto é acusado de ser responsável pela colonização e escravização de povos africanos.

Novamente foi possível identificar na fala de *Sueli,* o quanto as dinâmicas que sustentam o racismo se mostram de maneiras às vezes tão sutis, que causam dúvidas. O racismo tem a capacidade de refinamento, se mostra nas relações muitas vezes como algo bom, ou sem intenção, quando na verdade continua perpetuando a violência contra pessoas negras. A diferença está em sua qualificação, na forma como a branquitude firmou um pacto que segue protegendo seus privilégios, enquanto inferioriza e desumaniza pessoas negras.

Sua fala *serve* como um lembrete doloroso de que o racismo, em suas várias manifestações, continua a afetar nossas vidas, nos violando e nos desumanizando. Ao compartilhar e enfrentar sua história *Sueli* entra em contato com suas dolorosas vivências e em sua fala, e expressões corporais, demonstra a importância de revisitarmos as cenas do passado, para buscar melhor compreensão da dinâmica social que nos circunda e que vai criando ferramentas cada vez mais sofisticadas, que embasam nosso olhar diante do fenômeno racismo.

Saindo da relação de *Sueli*, com o ciclo familiar do companheiro e as dinâmicas subjacentes, seguimos a rota de sua narrativa que traz novamente para a cena a sua íntima relação com A.:

Quando a gente começou a namorar a gente teve um problema e a gente terminou, e aí ele falou para mim "você acha que é uma princesa, você não é uma princesa", e eu falei "eu sou uma princesa sim, e eu estou procurando alguém que me trate como uma princesa, se você não conseguiu me tratar como princesa vai embora, pode ir embora tranquilamente, mas eu sou uma princesa sim", falei com ele. E depois ele voltou e voltou e foi tentar me conquistar e tal, e eu acho que essa questão deu falar para ele que eu era muito especial sim marcou muito o nosso relacionamento, e eu acho que ele passou a aceitar que eu era muito especial sim, e que ele precisava ser muito especial comigo também, se ele queria estar comigo, que ele precisaria ser muito especial também. E ele foi sempre foi muito especial, muito lindo, muito cuidadoso, muito protetor, muito bacana, muito parceiro. Eu não, assim, tudo que eu consegui na vida foi porque eu construí junto com ele, eu construí junto com ele desses 7 anos, foi ele que me ensinou a dirigir, carro, foi por ele que eu consegui comprar uma casa, sozinha eu não teria conseguido, foi ele que me ensinou a investir o meu dinheiro, por exemplo, eu sozinha eu não teria sido capaz de fazer esse jogo de cuidar do dinheiro igual ele sabe fazer, e ele fez para mim. Ainda hoje a gente se separou, eu falei com ele que eu queria morar em Salvador, mas aí ele falou "como que você vai ir para Salvador sozinha, você não pode ir sozinha", e eu vou sozinha. Ai mesmo assim ele comprou uma passagem para ele também, aí a gente foi junto, ele me ajudou a me instalar, a gente se separou e é claro que eu tenho um filho dele, então também ele não pode me deixar largada, eu tenho um filho dele, mas tipo ele garantiu que eu e o filho dele tivesse um lugar onde morar mesmo a gente se separou. Então ele sempre fazia assim comigo, ele foi sempre muito cuidadoso, muito, eu fiz do Mestrado e Doutorado durante o Doutorado eu já estava com meu filho, ele já estava, ele já tinha nascido, e o pai ficava com o meu menino, ficava com o menino desde cedo, de manhã, ele só voltava para casa para o menino amamentar, eu dava peito, e ele se virava com o menino de novo para eu conseguir fazer minha Tese. Então ele sempre foi um grande companheiro para mim, eu não tenho nada de ruim que possa falar dele, que ele sempre foi um grande companheiro, e além de ser um grande companheiro eu sempre consegui ser livre com ele, sempre consegui ser muito livre, deu viajar sozinha quando eu precisei viajar sozinha, ou de sair de noite sozinha, sempre foi um relacionamento muito bom. E ai meus relacionamentos anteriores, com ele foram nesses 7 anos, então é muito tempo né, passou que eu não tive muitos relacionamentos antes, mas eu tive alguns relacionamentos, mas foram muito curtos também, foram relacionamentos muitos curtos, na adolescência, que eu acho que

> também foram muitos bacanas, de homens que eu sabia que me queriam muito, mas talvez eu não queria tanto eles, e ai, ai pensando na raça deles, eram meninos negros e eram meninos negros que não eram... que naquela época da adolescência, então na época da adolescência eu queria muito estudar, queria muito passar no vestibular para ir para a universidade, e era menino que não estava nessa, se eles não queriam estudar, eles queriam ficar na festinha, né, então eu sempre me desprendi deles, porque para mim era importante estar com alguém que me dissesse para estudar, era isso que eu pensava naquela época, que era importante o companheiro, ele também me disse para estudar. E eu acho que cresci um pouco, como eu sou favelada, eu cresci um pouco com medo, não, eu cresci com muito medo, de ficar grávida, de ficar grávida, tanto que meu filho nasceu quando eu estava em 3 anos, e eu estou com 41 anos, então eu sempre tive esse temor de engravidar. Eu vinha minhas vizinhas engravidar com muito novas, muito novas, e minha mãe também engravidou nova, e a vida dela foi muito difícil pelo fato dela ter engravidado de mim. Então eu nunca quis engravidar e esses meninos não me passavam muita confiança, e aí acho que eu também tenho que fazer essa crítica do quanto classe também determina nossas escolhas, que eu fui escolhida, tipo, se a gente como mulher, de repente gosta de alguém, de um homem, mas se o homem não gostou da gente, a gente não dá o primeiro passo né, então a gente está muito dependendo que os homens gostem muito da gente.

A maneira como Sueli enfatiza determinadas características de seu relacionamento com o companheiro branco nos faz refletir sobre o direito que as mulheres negras pleiteiam de agenciamento de suas próprias vidas. Enfatizando a fluidez e a individualidade de suas experiências, ainda que se conectem com tantas outras histórias. Sua narrativa além de revelar disparidades entre sua negritude e a branquitude colombiana de seu companheiro, mostra uma relação afetiva genuína, que foi sendo construída ao longo do tempo. Também nos faz pensar no quanto que relacionamentos interraciais, ainda que na convivência privada possam construir espaços mais igualitários de raça, gênero e classe, serão bombardeados pelas relações macrossociais, a dinâmica perversa do racismo, machismo e sexismo que irão confrontar as características genuínas da vida privada dos casais.

Sueli valoriza profundamente a cumplicidade, o companheirismo e o respeito mútuo no relacionamento, sublinhando que, apesar dos desafios externos, a essência de sua conexão transcendia essas adversidades. Sua história ilustra a importância de não generalizar experiências amorosas interraciais, reconhecendo a capacidade dessas relações serem relações

genuínas como bem aponta Audre Lorde (2019) mesmo diante de expectativas e normas sociais restritivas e muitas vezes violentas.

Por fim, a decisão de Sueli de buscar sua própria felicidade e realização pessoal, mesmo que isso signifique fazer escolhas difíceis, como a separação, ressalta novamente sua capacidade de agenciamento individual, na busca de seus desejos. Ela enfatiza o direito de cada pessoa a buscar relacionamentos que não apenas proporcionem amor e respeito, mas também permitam que ambas as partes mantenham sua integridade e liberdade.

5.7.2 O amor para Sueli: sua cor, sua classe, seu gênero.

Assim como nas outras narrativas das nossas interlocutoras, chegou o momento de saber de *Sueli*, como ela mesma nomeia o amor e como avalia a interseção deste sentimento com raça, classe e gênero. Para Sueli o amor é:

> Para mim o amor é cuidado, para mim o amor é cuidado para mim assim, eu acho que o amor é isso, é cuidar do outro, é alimentar o outro, de todas as formas, da barriga e também do espírito. Para mim é isso.

A concepção de amor de *Sueli*, centrada no cuidado, reflete uma compreensão profunda do amor como um ato de nutrição mútua, tanto física quanto espiritual. Esse entendimento vai além de noções românticas tradicionais, abraçando o amor como uma prática diária de atenção, suporte e proteção. Para Sueli, o amor transcende a mera afeição ou atração, situando-se nas ações concretas que afirmam e sustentam a vida do outro. Podemos também refletir a respeito da influência da perspectiva de relacionamento/casamento valorizada por sua família em que o material é parte extremamente importante na construção de uma vida afetiva de um casal. Ela acentua e valoriza a relação amorosa que tenha como premissa básica a garantia da segurança material.

Sobre a cor do amor, *Sueli* no diz:

> Assim, eu acho que o amor tem cor, eu acho que o amor tem cor, eu acho que... igual eu te falando desses primeiros relacionamentos que amor, digamos, de adolescência, de rapaz pretos. Na universidade eu tive dois, não dá para chamar namorados, eram 2 homens brancos que me pegavam no escuro, né, e depois eu tive mais um namorado branco, depois eu tive mais um cara que me pegava no escuro preto, branco, era amante

> dele, ele era casado, e aí depois quando eu conheci o companheiro que eu fiquei todo esse tempo. É, o amor, eu traduzi o amor como cuidado, então esse amor de que você quer cuidar do outro... ele pode ser... eu acho que ele tem cor sim, eu acho que ele tem cor, é... talvez nos meus relacionamentos afetivos eu fui muito, não... no meu último relacionamento, não... no meu relacionamento. Tem relacionamento e tem todos esses casos que não foram relacionamentos. Então eu fui muito cuidada, e talvez eu poderia argumentar que não, que não tem cor porque eu fui muito cuidada, muito querida, muito amada, mas também enquanto as minhas colegas do ensino meu, assim, da escola, elas conseguiam namorar com muita facilidade, eu não conseguia. Essa idade de 14, 15 anos, desses 6 anos mesmo o meu primeiro namorado acho que foi com 20, 21 anos. Então todo nesse primeiro período todo mundo namorava, e eu percebia que todo mundo, todas essas meninas eram creditadas, procuradas por outros meninos e eu não era. Na festa eu não era procurada por ninguém.
>
> Ah não, elas eram brancas, elas eram brancas, com certeza, e eu era preta assim: eu era preta, magrinha, era cobra mesmo, tinha eu não alisava o cabelo, tinha um monte de coisas que fazia com que eu não fosse procurada pelos meninos. Então... então digamos que eu tive essa primeira experiência que eu posso dizer que eu não tive homens jovens com interesse de me cuidar e de amar, eu não tive jovens com interesse de me cuidar e de amar, eu não tive. Depois tive a experiência da universidade, que eu tive homens com interesse de me comer, mas não com interesse de me cuidar, e ai era complicado porque eu acho que eu justificava do tipo “ai eu também eu não quero”, mas é difícil que eu também não quero é complicado, era lógico que eu queria, todo mundo quer alguém que cuide bem da gente, tanto que depois eu tive um namorado que eu fiquei com ele muito tempo também, não lembro quanto tempo mais, 5 anos talvez, 3, não sei, mas a gente ficou um tempo junto e foi um amor muito bom, e depois tive esse último que foi desses 7 anos.

O pensamento de *Sueli* sobre a interação do amor e da cor revela como as relações raciais afetam muito as vivências de afeto e cuidado nas conexões interpessoais. A diferença entre ser desejada e ser cuidada, principalmente em relação à sua cor, mostra um modelo de invisibilidade e objetificação que mulheres negras frequentemente sofrem em ambientes sociais permeados pelo racismo. Enquanto ela define o amor em seus termos mais ideais como cuidado e atenção especial, ela também admite que seus relacionamentos amorosos foram dificultados por normas raciais e sociais que privilegiam as mulheres brancas e desprezam as negras.

Sueli aponta para uma lacuna significativa em sua juventude, um período em que relações afetivas se formam e ideias sobre amor e desejabilidade são construídas, marcado pela ausência de interesse amoroso dos rapazes, contrastando com as experiências de suas colegas brancas. Este padrão persiste na universidade, onde a atenção que recebe de homens brancos está contaminada por objetificação e a falta de um desejo genuíno de estabelecer uma relação de cuidado mútuo. Mesmo em seus relacionamentos posteriores, em que se sentiu cuidada e amada, *Sueli* continua a interrogar as facetas do amor interracial, ponderando sobre a influência da cor na forma como é percebida e valorizada por seus parceiros. Portanto, sua narrativa acentua a maneira como racismo estrutura as possibilidades de amor e cuidado para mulheres negras. *Sueli* enfatiza a necessidade de reconhecimento e cuidado que consiga superar as barreiras raciais, apontando para uma aspiração por relações em que mulheres negras possam ser vistas, valorizadas, e amadas plenamente, sem ressalvas.

Sobre sua vida afetivo-sexual após processo de separação:

> Os dois. Então, eu... hum... eu acho que eu sinceramente, assim, eu vou começar sabe agora que eu estou solteira, mas eu percebo que os homens negros do Brasil gostam de mim, eu percebo que eles gostam de mim, toda a experiência no Brasil, nesses 11 anos que eu estou no Brasil, os homens pretos se aproximam de mim na rua, se aproximam de mim no Samba, querem conversar comigo, querem pegar meu telefone, e eles querem ter alguma coisa comigo, eu percebo que eu sou interessante, que eu sou atraente para os homens pretos no Brasil, principalmente. Talvez eu não esteja aberta para os homens brancos talvez da forma que eu estive aberta, tanto para eles isso também influencia, eu não vou trocar olhar com um homem branco hoje, é muita coisa que aconteceu já devida a experiência, militância. Hoje eu só vou trocar olhares com homem preto, mas eu percebo que os homens pretos se aproximam muito de mim, inclusive, eu estou solteira nesses 3 meses, nesses 3 meses solteira, meio separada assim, e eu já entrei no Tinder, então eu só curti homem preto, só estou interessada em conhecer homem preto, não quero saber mais de homem branco, não quero saber mais de homem branco só estou interessada em homem preto, e eu só curti homem preto, e ai eu tive muitas curtidas de homens preto, muitas mesmo. Claro que eu não consegui me encontrar com eles porque eu tenho um filho de 3 anos, não tenho com quem deixar meu filho, aí não rola, não rola. Sim, está nessa situação. Mas eu tive muita curtida de homem preto e tive muito homem preto conversar bonito comigo, conversar assim na sutileza, queria me xavecar, está sendo muito bacana, está sendo uma experiência muito legal. E na rua também, na rua

> sempre aconteceu, desde o primeiro dia que eu cheguei aqui, sempre aconteceu, só que eu estava em um relacionamento, eu não estava aberta para essa experiência, então eu não saberia dizer se esses homens pretos querem me cuidar, ou se querem me comer, eu não consigo dizer isso até hoje. Talvez aqui para a frente eu consiga saber disso, mas hoje eu não sei se eles estão interessados. Mas eu consegui sair com um menino, preto, e ele me manda uma mensagem muito legal, muito bacana, mandou uma mensagem linda, linda, linda que inclusive eu mandei para as minhas primas, que inclusive a gente tem essa questão da gente permanecer em relacionamentos ruins porque a gente tem muito medo de ficar sozinha para sempre, então com minhas primas algumas delas podem estar acontecendo isso, delas estarem em um relacionamento com um homem que maltrata elas, não maltrata fisicamente, mas maltrata psicologicamente, chama de gorda, feia, aquele cabelo, e ela não sai desse relacionamento porque tem medo de ficar sozinha. Então eu mandei aquela mensagem para as minhas primas, falando "olha, tem vida depois do divórcio, tem homens bacanas por ai", a gente precisa se abrir para conhecer eles, porque ele mandou uma mensagem super linda assim, super empolgado, muito "nossa, melhor coisa que aconteceu na minha vida foi te conhecer, eu queria te conhecer mais, você é maravilhosa, uma coisa assim", um homem preto assim. Então, é, sei lá né, porque a gente também sabe como as coisas são (risos).

Após se separar, *Sueli* observa uma mudança na sua percepção sobre quem demonstra interesse nela, especialmente notando uma maior aproximação de homens negros. Esta observação sinaliza não apenas uma mudança em sua própria abertura para relacionamentos, mas também reflete sobre como a militância e as experiências vividas moldaram suas preferências e disponibilidade afetiva.

Sua decisão de focar em homens negros em suas interações no Tinder e na vida cotidiana, excluindo homens brancos das suas considerações afetivas, é um exemplo de como as experiências pessoais e a consciência política podem influenciar as escolhas amorosas. Através dessa escolha, ela busca criar espaços de relacionamento mono-raciais com pares pretos de maneira consciente. Sua experiência no aplicativo de relacionamentos, marcada por várias interações positivas com homens negros, e a mensagem particularmente encorajadora de um deles, serve como um lembrete de que existem possibilidades de encontros afetivos significativos possibilitados pelas redes sociais e aplicativos de encontros.

Mas *Sueli* continua cuidadosa e consciente de que ainda está aprendendo sobre essas novas dinâmicas relacionais e que o tempo vai aos poucos lhe mostrar possibilidades diversas. Ela conta seus desejos pessoais, suas expectativas sociais e a busca por novas conexões e parcerias. Sua história mostra um momento de mudança e descoberta, desde sua chegada em Salvador.

E a classe? Para Sueli o amor tem Classe? E Gênero como ela percebe estas intersecções:

> O amor tem classe, com certeza, com certeza tem classe e aí eu vou voltar o assunto para, sim, eu vou voltar ao assunto para o Tinder. Eu estou no Tinder né, e aí eu fui primeiro com o intuito de curtir todo mundo que fosse preto independente se ele era bonito, se era feio, se era preto padrão, preto não-padrão, não, eu falei assim: eu quero conhecer as pessoas, aí curti todo mundo. Eu curti mulheres também porque tinha assim, eu falei "eu sou heterossexual, mas no momento tinha umas mulheres tão lindas que eu falei assim uh, preciso conhecer essa mulher", aí até mulheres eu fui curtindo. E aí eu, mas, depois a gente faz uma filtragem e eu preciso reconhecer que a questão de classe voltou para mim, assim, essa questão que estava lá na adolescência ela voltou, tipo, se o preto está de moto por exemplo eu já não vou querer, porque eu faço associações tipo "ah, esse cara motoqueiro, acho que não". Ou, sei lá, determinadas roupas que a gente associa a favela, ah eu acho que não vou querer, eu sei, eu preciso ser sincera também, eu sei que classe é uma questão, é uma questão para mim, se eu quero um cara, eu terminei o Doutorado, e eu ganho um dinheiro bom, e eu quero um cara preto que eu possa fazer as coisas que eu quero fazer, que eu gosto de fazer. Então não é necessariamente, eu acho que ele tem que ter uma capacidade aquisitiva, uma capacidade de gastar dinheiro comigo, junto comigo, não é gastar dinheiro me manter, né, acho que ele tem capacidade de gastar dinheiro junto comigo, e ele tem que ter uma certa trajetória assim intelectual para a gente conseguir dar certo. E a gente está no Brasil, e a gente sabe como as igualdades aparecem no Brasil, então tem essa lá. Mas eu estava pensando agora que eu estava falando muito com um cara que ele inclusive tem a foto dele que é na casa dele que a casa é na favela, e eu curti ele achando ele muito bonito, e aí a gente foi conversando muito. Inclusive eu achei a casa dele muito bonita, porque são essas casas de favela que tem terreiros, sabe, essa configuração é muito nossa né, essas casas com terreiros, acho essas casas muito bonito, e eu continua falando com ele, e no processo ele arranjou um namorado (risos), aí me largou. Mas porque eu continuei falando com ele sabendo que ele era morador de favela? Porque ele tinha uma

> capacidade cultural superinteressante para mim, ele, não sei se ele era formado, mas ele era um cara muito inteligente, muito consciente, era um cara muito consciente, não era um cara alienado, era um cara muito consciente, então eu gostei muito dele. E era desempregado também, lembro, mas eu continuei falando com ele por causa desse outro fator. Então eu continuei falando com ele por causa desse outro fator, mas se fosse preciso eu considerar ele como parceiro de convívio, talvez essa questão dele ser desempregado e favelado ia pesar mais. E aí eu ia desistir desse relacionamento.

A reflexão de *Sueli* sobre como o amor se entrelaça com questões de classe e gênero revela as características inerentes às escolhas afetivas em uma sociedade estratificada como a brasileira. A maneira como ela aborda a interseção entre amor, classe e gênero indica uma consciência sobre as limitações e os privilégios moldados por essas categorias sociais. Sua experiência no Tinder serve como um microcosmo dessa dinâmica, quando as decisões iniciais de estar aberta a conhecer pessoas, independentemente da aparência física, do gênero ou status socioeconômico, eventualmente colidem com as realidades práticas e expectativas pessoais relacionadas à classe social e trajetória de vida.

O processo de filtragem que *Sueli* descreve, influenciado por indicadores visuais de classe como o tipo de transporte ou vestimenta, reflete os desafios existentes nos relacionamentos românticos em um contexto no qual a classe social influencia profundamente as interações sociais. A admissão de *Sueli* sobre suas hesitações em se relacionar com homens negros que apresentam certas associações de classe, ressalta uma tensão entre seus ideais de abertura e as realidades de buscar parceiros com quem ela compartilhe interesses e estilos de vida similares.

A narrativa de *Sueli* destaca, portanto, como as noções de amor são influenciadas por uma rede de fatores socioeconômicos e culturais. Seu engajamento com um homem desempregado e morador de favela, motivado por uma conexão intelectual e cultural, ilustra como o amor pode ultrapassar barreiras de classe, ainda que essas mesmas barreiras possam eventualmente limitar o potencial de um relacionamento a longo prazo. Essa dualidade sugere que, enquanto o amor tem o potencial de desafiar as divisões de classe, essas divisões ainda exercem uma influência significativa sobre as escolhas afetivas e as possibilidades de relacionamento.

Em última análise, a perspectiva de *Sueli* sobre amor, classe e gênero nos convida a refletir sobre as maneiras pelas quais nossas próprias posições dentro dessas categorias sociais moldam nossas expectativas, escolhas e experiências afetivas. Ao destacar sua jornada pessoal

e as nuances de suas interações, *Sueli* contribui para uma compreensão mais matizada das dinâmicas de amor e desejo dentro de um tecido social complexo.

Nosso encontro com Sueli está terminando. Mas antes de finalizarmos o encontro, pelo menos por hora, perguntei se ela gostaria de acrescentar alguma coisa em sua narrativa e ela acrescentou:

> Hum.... é... não, acho que, acho que é isso, acho que é isso. E acho que... eu acho que é o que eu te falei né, de quantas esse amor do tanto tempo que eu tive, desse relacionamento mais estável, esses relacionamentos mais no escuro, eu te falei como os brasileiros gostam de mim e querem mesmo me conhecer, ficar comigo, me namorar, são muitos, ai eles sempre fazem coisas bacanas para sair comigo, sabe, comidas bacanas, usam roupas legais, tipo, há um investimento ali do preto brasileiro para me conhecer e para me conquistar. Teve um cara que mandava mensagem de bom dia todas as manhãs, todo os dias de manhã, todos os dias de manhã ele estava ali ligadaço, eu vou conquistar essa preta. Eu acho isso muito bacana, isso é muito diferente da experiência de minhas amigas pretas, mais escuras, gordas, com menos instrução, menos educação, de cabelo afro, por exemplo, é muito diferente das minhas amigas, eu sou estrangeira, é diferente da experiência das brasileiras de pele mais retinta, é diferente das minhas amigas africanas, Haitianas, eu tenho amigas Haitianas que tem 10 anos no Brasil e não fala português direito, porque não se relaciona com brasileiro, e brasileiro não querem conhecer elas, não querem saber delas, não querem amizade, não querem nada com elas. Então eu sei que tem elementos em mim que me tornaram aceitável, que me tornaram aceitável, e por isso minha experiência é essa, por isso minha experiência é mais interessante talvez, né, as pessoas, e tem... né e eu preciso falar que eu fui muito formada para isso, sabe. Eu fui... está me escutando?
>
> Eu fui muito minha mãe ela fez um investimento para que eu fosse essa pessoa, ela me colocou em escola particular, ela fazia toda a minha roupa, eu sempre fui uma bonequinha, ela fazia toda a minha roupa. Eu sei usar talheres, tipo, sabe, de eu sei usar talheres como normalmente se usa talher, uma coisa que ninguém faz no mundo eu sei fazer. Eu fui formada para... eu li determinados livros, então para eu conseguir ter determinado tipo de conversa. Teve algum investimento da parte da minha mãe, da parte dos professores, inclusive da parte de alguns namorados da minha mãe porque se eu fosse uma mulher negra, que conseguisse se encaixar muito bem no mundo branco. Não foi por acaso, foi assim eles fizeram esse investimento, eu caminho, o meu caminhar é

> de uma forma, eu não vou encurvada pelo mundo, eu fiz passarela, teve um investimento em mim para que eu conseguisse me encaixar muito bem nesse mundo dos brancos, e os pretos também gostam disso em mim, eu não sou branca na pele, mas tem, tem coisa em mim que é branca. Sabe? Não sei se consegui explicar direito, mas tem coisa em mim que é branca, tem uma forma de falar, tem uma forma de me colocar, não estou falando disso com orgulho, falando assim com uma coisa que eu compreendi recentemente, de uma forma deu me colocar no mundo, pelo fato deu fiz Doutorado, já viajei para, sei lá quantos países, que os brancos também gostam disso, me conservo magra. Inclusive eu não sei se conseguiria romper com isso, eu acho que eu preferia me engordar é uma grande tragédia para mim, seria um fracassou, eu fracassei, agora sou obesa, não tenho mais futuro na minha vida. E eu falo isso assim, como questão que eu sei que está em mim, que eu sei que foram colocadas em mim, que minha mãe... Teve um dia que eu postei uma foto de minissaia e minha mãe falou para mim: você ta muito linda. Sei lá. Aí eu respondi pra ela: sim, mas olha ali, eu tava, eu passei 2h me depilando, porque vocês faziam muito bullying comigo porque eu tinha cabelo nas pernas. Minha família toda fazia bullying comigo, na família não nascem cabelos no corpo deles, nem em homem e nem em mulher não nasce cabelo, só eu que tinha. Aí eu falei para ela "ah, foi você que fez muito bullying comigo para eu depilar as pernas, aí eu perdi 2h da minha vida fazendo essa besteira, cada um tem o direito de ter o seu corpo como quiser", mas para mim isso da boca para fora, porque para dentro eu perco 2h depilando. Então eu falei isso para ela, mas ela respondeu para mim "ainda bem que eu fiz isso, porque você tem umas pernas muito lindas para estar cabeluda para o mundo" (risos).

Sueli expande a análise de sua experiência afetiva e sexual, abordando a diferença marcante nas interações que tem com homens negros no Brasil, em comparação com suas amigas de tonalidade de pele mais escura retinta, com menos acesso à educação ou que não se encaixam nos padrões estéticos predominantes. Ela reflete sobre como elementos específicos de sua identidade e apresentação pessoal, que foram cuidadosamente moldados por sua família, a tornam mais aceitável ou atraente tanto para homens negros quanto brancos. Sueli menciona o investimento significativo feito por sua mãe para assegurar que ela pudesse navegar com sucesso nos espaços dominados pelos brancos, destacando habilidades e comportamentos aprendidos, como o uso adequado de talheres e a habilidade em manter conversas baseadas em leituras recomendadas.

Este investimento para que *Sueli* se encaixasse em ambientes predominantemente brancos também tem um apelo para homens negros, indicando como a atratividade é percebida e valorizada através das lentes de raça e classe. Ela traz à tona a questão de que, embora sua pele seja negra, certos aspectos de sua personalidade e comportamento são vistos como "brancos", refletindo sobre a ambiguidade dessa percepção tanto em si mesma quanto pelos outros.

Sua consciência sobre o papel da aparência física, especialmente a magreza, como um componente de seu valor percebido, revela uma crítica interna às expectativas sociais impostas sobre as mulheres, particularmente as mulheres negras. O diálogo com sua mãe sobre a depilação e a apresentação de suas pernas ilustra a pressão contínua para aderir a certos padrões estéticos e como essa pressão é internalizada, mesmo quando reconhecida criticamente.

Essa reflexão de *Sueli* sobre as expectativas estéticas e comportamentais impostas às mulheres negras e como elas moldam a percepção de atratividade e valor em contextos amorosos e sexuais, destaca a intersecção de raça, gênero e classe em suas experiências pessoais. Ao mesmo tempo, ela expressa uma nova abertura para explorar relacionamentos com homens negros após sua separação, uma busca por conexões mono-raciais com seu próprio povo, além das construções sociais de atratividade e sucesso.

Em suma, o relato de Sueli fornece uma visão penetrante sobre as nuances de como a raça, a classe e o gênero influenciam as experiências de amor e desejo, destacando o papel significativo das expectativas sociais e familiares na formação da identidade pessoal e na e na trama do contato com pessoas diversas.

E por fim:

> É. Então eu acho que no momento de pensar em mim, e na minha entrevista, eu acho que todas essas questões precisam ser consideradas como eu sou olhada como uma preta diferente sabe, é uma coisa muito cruel comigo, muito de merda comigo, mas eu fui criada para ser uma preta diferente, era a preta favelada que meus vizinhos chamavam de burguesinha. Então eu fui criada para ser a preta diferente por muito tempo. Eu achei valor em ser a preta diferente, a única preta nos espaços brancos, por muito tempo eu achei valor nisso, mas eu não acho valor mais, hoje eu só quero estar também no povo preto, e eu percebo uma diferença inclusive no meu coração, na minha alma, é muito diferente você entrar em um lugar onde só tem branco, ao você entrar no lugar onde só tem o seu povo lá, onde está seu povo, seu povo está te esperando, seu povo está te abraçando, seu povo está te beijando, eu não quero saber mais de, ah faz muito tempo

> né, que eu não quero saber mais desses espaços que são espaços brancos, são espaços de exclusão, são espaços de merda que você posa para tentar se encaixar. Mas eu fui criada para isso, para eu me encaixar muito bem no mundo branco e ser a única preta, a preta diferente, e isso está em mim, ainda muito internalizado, e eu te falei desse menino que mandou essa mensagem todo empolgado, da maravilha que foi me conhecer, mas depois ele foi falando e foi colocando algumas questões, do tipo "você se veste muito bem, você tem bom gosto para se vestir". Ah tá, isso que ele achou maravilha é um pouco isso que é você performar.
>
> Isso, e não é a experiência de outras mulheres migrantes negras, se você entrevistar mulheres Haitianas, mulheres africanas você vai perceber que o Brasil é muito mais cruel com elas do que o Brasil foi comigo, porque está sendo comigo, porque com elas você vê ainda muito mais cruel, do que está sendo comigo.

Na reflexão final de *Sueli*, ela aborda os elementos de sua identidade como uma mulher negra criada para se destacar em espaços dominados por brancos. Ela descreve um processo de autoconhecimento e crítica ao valor que anteriormente atribuía ao ser "a preta diferente" nos espaços brancos, uma posição isolada que, com o tempo, ela passou a reavaliar. *Sueli* contrasta a solidão desses espaços com a sensação de pertencimento e acolhimento que sente ao estar entre seu próprio povo, destacando uma mudança significativa em suas aspirações e no que valoriza em seu entorno social.

Ela reflete sobre o investimento feito em sua formação e aparência para se encaixar nos padrões brancos de aceitabilidade e sucesso, e como esses esforços foram percebidos positivamente por outros, inclusive em suas interações no contexto amoroso. No entanto, Sueli critica essa performance, reconhecendo que ela está enraizada em uma busca por validação em espaços que, em última análise, representam exclusão e alienação para pessoas negras.

Ao comparar sua experiência com a de outras mulheres migrantes negras no Brasil, *Sueli* observa que o racismo e a xenofobia se manifestam de maneira ainda mais cruel para aquelas que não se encaixam ou não podem se encaixar nesses padrões de aceitabilidade negra "diferente". Ela destaca como o tratamento dispensado a essas mulheres é mais severo, apontando para as camadas adicionais de discriminação enfrentadas por mulheres negras migrantes que não têm os mesmos recursos ou não performam a negritude de maneira que seja palatável para a sociedade branca.

Essa análise de Sueli enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar as múltiplas facetas da identidade negra, definitivamente não somos todas(os) iguais, resistindo às pressões

para se conformar a um molde que minimiza a riqueza e a diversidade das experiências negras. Ao mesmo tempo, ela aponta para a importância de criar espaços de aceitação e amor-próprio, onde as pessoas negras possam se afirmar e se apoiar mutuamente, longe das expectativas e julgamentos de uma sociedade racista. *Sueli* termina sua reflexão destacando a dura realidade enfrentada por mulheres negras migrantes no Brasil, chamando atenção para as estruturas de opressão que continuam a marginalizar e desvalorizar suas vidas e experiências.

5.8 "Amores Ocultos: A Luta de Cidinha da Silva[29] por Reconhecimento e Visibilidade"

> *É a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: "o negro é o outro do belo". É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (Neusa Santos Sousa, 2021, p.59)*

[29] Mulher negra, Cis, heterossexual, com 22 anos de idade, estudante de Psicologia, residente em Belo Horizonte e naquele momento não se encontrava em um relacionamento interracial.

Figura 8

Cidinha da Silva

Cidinha da Silva (https://www.flip.org.br/autores/cidinha-da-silva/)

*Meu nome é Cidinha da Silva: Meu nome é Cidinha da Silva, tenho 22 anos, estou no indo para o 7° período de Psicologia, sou estagiária de psicologia organizacional na Superintendência de Desenvolvimento da Capital, que inclusive, tem vagas exclusivamente para negros e pardos, entre outras minorias. Moro com minha mãe e meu tio. Tive um relacionamento com interracial com um menino branco, sendo eu, uma mulher negra, que na época estava terminando o ensino médio. Ele demorou 2 anos para me assumir para a família, era extremamente tóxico e eu sempre fui dependente emocional em todos meus relacionamentos afetivos, precisando sempre de aprovação masculina. Minha mãe foi casada com meu pai por 10 anos, sendo meu pai negro e minha mãe branca. Foi um casamento extremamente tóxico por conta do meu pai ser muito possessivo. Não tive demonstração de amor paterno por meio de afeto, apenas com presentes, dinheiro e viagens. Minha mãe se separou definitivamente dele em 2005, porém continuaram mantendo contato por minha causa e da minha irmã mais velha de 26 anos. Pelo fato da minha mãe ser branca, as pessoas não disfarçam o estranhamento ao saber que ela é minha mãe, já ouvi "brincadeiras" do tipo "você é adotada?", *você é linda porque tem traços finos igual sua mãe".*

Cidinha da Silva - Aquela que veio antes de mim

Maria Aparecida da Silva (nascida em Belo Horizonte, em 1967) é uma renomada escritora brasileira, cuja obra tem se destacado no cenário literário nacional. Com uma trajetória marcada por um profundo compromisso com a literatura e a cultura brasileira, Maria Aparecida desenvolveu uma carreira prolífica que abrange diversos gêneros literários, incluindo romance, conto e poesia. Ela graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também concluiu seu mestrado em Literatura Brasileira, com uma dissertação que explorava as narrativas de autoria feminina no Brasil.

Ao longo de sua carreira, Maria Aparecida publicou várias obras que foram amplamente reconhecidas pela crítica e pelo público. Seu primeiro romance, publicado na década de 1990, já revelava seu talento para criar personagens complexos e tramas envolventes. Desde então, ela tem se dedicado a explorar temas como identidade, resistência e a experiência das mulheres negras no Brasil, trazendo à tona questões de grande relevância social e histórica.

Além de sua produção literária, Maria Aparecida da Silva tem participado ativamente de eventos literários e acadêmicos, tanto no Brasil quanto no exterior. Maria Aparecida da Silva continua a residir em Belo Horizonte, onde segue escrevendo e contribuindo para a literatura brasileira. Sua obra permanece uma fonte de inspiração e reflexão, destacando-se como uma voz significativa na narrativa contemporânea do país.

No dia 25 de março de 2022 acontecia o encontro com *Cidinha da Silva.* A conversa aconteceu pela plataforma ZOOM e foi gravada como nas anteriores. Naquele momento *Cidinha da Silva* estava com 22 anos de idade. Estudante de psicologia cursando o sétimo período. Estagiária de Psicologia Organizacional na Superintendência de Desenvolvimento da capital

Cidinha se declarou mulher negra, cis, heterossexual, naquele momento não se encontrava em um relacionamento afetivo-sexual interracial. Filha de pai negro e mãe branca nossa interlocutora, nasceu e reside na cidade de Belo Horizonte.

Diferente das outras interlocutoras, Cidinha não falou muito, demonstrou dificuldades inclusive em nomear o que é o amor, por isso seu texto não está dividido em mais seções apenas esta.

Agora iremos conhecer um pouco da história de *Cidinha*:

> Ah tá (risos), é (risos), é que assim eu comecei a ter, né, e eu já percebi que a forma deles me tratar é diferente das meninas brancas, né, no caso, que era sempre no sigilo, sempre no "ah não fala com ninguém", é... Eu quando eu namorei foi o que mais me marcou também foi o fato de que quando ele me namorava ele demorou 2 anos para me assumir, para me levar para conhecer a família dele, também no caso né, e quase não postava foto comigo, eu não achava que poderia ser por, assim, por causa da minha cor e tudo o mais. Mas só que a partir do momento que a gente terminou o relacionamento e ele começou a namorar com menina branca ele fazia tudo que ele não fazia comigo ele estava fazendo com ela pelo que eu tinha percebido, há um ano atrás que a gente terminou, postar foto, tudo, ele já apresentou ela para a família um mês depois, começou a namorar com ela 1 mês depois de ter terminado comigo. A maioria dos meus relacionamentos foram, é, mais sexuais do que afetivos mesmo assim, eu só tive um relacionamento só, de 3 anos, mas assim foi muito conturbado, tanto que eu faço terapia, comecei a fazer terapia quando eu terminei porque foi bem difícil. E é isso assim até o momento que eu tenho para falar antes de começar com você.

Já sabemos que o Brasil é um país estruturado nas mais profundas raízes coloniais e marcado pelas hierarquias de raça, gênero e classe. Por isso, pessoas negras que se relacionam com pessoas brancas enfrentam desafios que são inerentes às relações amorosas. O relato de Cidinha evidencia não apenas a dor do não reconhecimento, mas também a luta silenciosa por visibilidade e aceitação dentro do espaço íntimo dos relacionamentos afetivos. Ao compartilhar sua experiência, *Cidinha* traz à tona uma realidade frequente, porém muitas vezes invisibilizada, nas dinâmicas de relacionamentos interraciais: a marginalização afetiva de mulheres negras. A espera de dois anos para ser apresentada à família do parceiro, contrastando com a rápida aceitação de uma nova parceira branca, reflete não apenas uma questão pessoal, mas um padrão de comportamento enraizado nas estruturas sociais e familiares que privilegiam e normalizam relações com base na cor da pele.

A discrepância no tratamento recebido por *Cidinha* em comparação com a sucessora branca do seu ex-parceiro aponta para a valoração da branquitude em detrimento da negritude no âmbito das relações amorosas. Esse cenário é agravado pela objetificação e sexualização das mulheres negras, relegando-as a papeis secundários e não oficiais, enquanto parceiras brancas são elevadas a um status de maior respeitabilidade e dignidade.

A necessidade de *Cidinha* recorrer à terapia após o término do relacionamento enfatiza o impacto emocional e psicológico dessas experiências de desvalorização. Esse aspecto

sublinha a importância de reconhecer e abordar as camadas adicionais de complexidade que mulheres negras enfrentam não apenas no espectro social mais amplo, mas também nas esferas íntimas e pessoais de suas vidas. Vemos a partir de seu relato como operam as forças do racismo e do sexismo no que tange as relações interraciais, como se apresentam concomitantemente para moldar as experiências afetivas de mulheres negras e os efeitos das dinâmicas entrelaçadas nestas categorias sociais que afetam inclusive a saúde mental de nossa interlocutora, que busca o processo psicoterapêutico para lidar com o fim da sua relação e com os atravessamentos advindos desta.

> No momento eu estou só ficando mesmo com um menino, né, não estou me envolvendo amorosamente, assim, em um relacionamento amoroso mesmo não, no caso eu sou hétero, e é isso. Eu achava que por eu estar com vários, assim, tendo vários meninos eu me sentia amada, mas na verdade eu estava sendo usada por eles no caso porque eles não queriam saber de relacionamento sério comigo. E é isso assim, eu sou, no caso, meu pai ele é negro e minha mãe é branca, as vezes eu, por justamente por isso, as pessoas fazem aquelas brincadeiras de quando ver minha mãe fala "nossa você é adotada né". Assim, é coisas que eu não falo nem na terapia porque eu nem achava relevante, comecei a ter contato com essa questão de vida amorosa da mulher negra pelo twitter, que eu comecei a identificar pelas histórias assim, das mulheres que participaram de relacionamentos afetivos e sofreram essas coisas.

No trecho anterior, acompanhando a reflexão de *Cidinha* sobre suas experiências amorosas e sexuais, que evidenciam como é ser mulher negra nascida de um relacionamento interracial. Em sua fala ela vai destacando uma série de encontros casuais que, inicialmente, pareciam fornecer uma sensação de amor e aceitação. No entanto, com o tempo, *Cidinha* reconhece que essas interações superficiais eram mais exploratórias do que genuínas, revelando uma realidade no qual ela se sente mais usada do que realmente valorizada.

A mistura racial de *Cidinha*, sendo filha de pai negro e mãe branca, introduz outra outros aspectos em sua identidade e como ela é percebida pelos outros, inclusive dentro de seu próprio círculo familiar e social. A menção às brincadeiras sobre ser adotada quando está ao lado de sua mãe branca sublinha a frequente invalidação de sua identidade e experiência vivida, uma realidade dolorosa que ela hesita em trazer até mesmo para a terapia.

Este relato destaca o impacto das dinâmicas raciais e de gênero em suas experiências de relacionamento, apontando para a internalização da solidão e da insegurança que muitas

mulheres negras enfrentam. *Cidinha* também toca em uma descoberta importante através das redes sociais, onde encontra eco e validação em histórias compartilhadas por outras mulheres negras que enfrentam desafios semelhantes em suas vidas amorosas. Esta conexão digital se torna um ponto de inflexão para *Cidinha*, permitindo-lhe reconhecer e nomear suas próprias experiências dentro de um contexto mais amplo de racismo e sexismo.

Seguimos na interação com nossa interlocutora que nos apresenta um pouco mais da história familiar:

> Ele era branco, e a família dele também, mas só que assim, ele era muito agressivo no sentido de perder a paciência facilmente, dele já, assim, não chegou a me agredir forte assim de chegar a bater mesmo, mas ele me agrediu foi me pegando pelo pulso, né, e me sacudindo. Fazia umas piadinhas assim, em questão de "ah que nossa eu não vou namorar agora não, e tudo o mais", eu achava que ele não me levava a sério. Eu achava que era pela minha idade, porque eu tinha 21, eu tinha 16 e ele 21, na época que a gente se conheceu. Ele era muito passivo-agressivo, ele fazia umas piadas e falava "aí eu estou brincando, aí eu", assim, e isso acabava mexendo muito com o meu psicológico. Agora na parte de me assumir, ele só me assumiu quando em um dos vários e vários términos que a gente teve, términos entre aspas que a gente se dizia ficante né, ele e eu comecei a sair com outros homens, ele ficou... minha cachorra está chorando arranhando a porta, pera aí. E aí só por esse fato de ver eu saindo com outros ele falou que ia me assumir, e colocou a aliança, mas ele não levava a aliança, ele não usava a aliança.

O relato de *Cidinha* expõe uma realidade que se manifesta através do comportamento de seu parceiro branco, evidenciando controle e uma forma sutil de violência. A hesitação dele em tornar o relacionamento público e suas atitudes manipuladoras, especialmente marcadas pela indecisão em se comprometer seriamente até perceber que *Cidinha* poderia se interessar por outros, ilustram um desequilíbrio de poder influenciado pela intersecção de raça e idade. A decisão dele de finalmente "assumir" o relacionamento, condicionada pela possibilidade de perdê-la, e o uso inconsistente da aliança, destacam uma valorização diferenciada dos relacionamentos afetivos mediados pela cor da pele.

Esse comportamento reflete um padrão mais amplo de desvalorização e objetificação de mulheres negras, cujas experiências amorosas são frequentemente desconsideradas. Agressões verbais e controle, mesmo sem chegar à violência física explícita, constituem abusos que impactam negativamente o emocional, minando a autoestima e a sensação de valor pessoal.

> É, e me deu assim parecendo que eu estava forçando sabe. O relacionamento eu senti que foi forçado, foi só pelo fato dele me ver saindo com outros e assim foi meio que assim ego ferido mesmo. Eu lembro que já vi no twitter um, tinha umas amigas dele também que uma delas postaram “ah nossa o B. falando que namorando estava com preguiça, que está fazendo trabalho com a namorada dele porque tem preguiça de ver ela”, então ele falava de mim com essas amigas dele. O fato de também da escola, essa questão da escola no primeiro ano do ensino médio.

A fala de *Cidinha* está sempre carregada de muita emoção, por vezes chora e é necessário pausar. Ela demonstra em sua fala que à medida que foi tomando consciência das questões raciais, foi compreendendo melhor as dinâmicas presentes em seu relacionamento.

A experiência de *Cidinha* com seu relacionamento anterior destaca uma percepção de inautenticidade, mostra o quanto o compromisso assumido pelo parceiro foi motivado mais por uma reação ao ciúme e ao orgulho ferido do que por um desejo genuíno de estar com ela. Esta sensação de estar em um relacionamento forçado, apenas para satisfazer o ego do parceiro, ressalta uma dinâmica preocupante de posse e controle, em vez de parceria e respeito mútuo.

As interações dela com as amigas de seu ex-parceiro e o conteúdo compartilhado nas redes sociais reforçam essa narrativa de desvalorização. A menção desdenhosa sobre fazer "trabalho com a namorada" por preguiça de "ver ela" revela não só uma falta de respeito pela relação, mas também uma desconsideração pela própria *Cidinha*, reduzindo a sua importância a uma conveniência ou obrigação. A referência às dinâmicas sociais da escola e o impacto dessas interações nas percepções de autoestima e valor nos relacionamentos apontam para como os contextos sociais mais amplos e as pressões de grupo podem influenciar as experiências amorosas, especialmente quando entrelaçadas com questões de raça e gênero.

> É, que foi bem pesado para mim porque a maioria das meninas não gostavam de mim, e isso também né, levava que os meninos também não gostassem, e atoa, eu nunca tinha feito nada, eles falavam... o que me marcou muito foi o fato de um menino conversando com uma das meninas falar “nossa mas para achar, gostar da *Cidinha* tem que estar drogado, achar a *Cidinha* bonita, tem que estar drogado e tal”, e isso eu lembro que eu quase não ia para a aula no primeiro ano do ensino médio porquê... ai só de falar já dá... já dá assim, dava para perceber que era pelo fato deu ser negra.

A experiência de *Cidinha* durante o primeiro ano do ensino médio é um exemplo de como o racismo e a discriminação racial se entrelaçam nas interações sociais cotidianas, afetando profundamente o bem-estar e a autoimagem dos indivíduos. O comentário feito por um colega, sugerindo que apenas sob o efeito de drogas alguém poderia achar *Cidinha* atraente, destaca a crueldade e a natureza degradante do racismo que as pessoas negras, especialmente as mulheres negras, enfrentam regularmente.

Esse tipo de agressão verbal não só perpetua estereótipos raciais prejudiciais, mas também serve para isolar e marginalizar ainda mais os indivíduos dentro de seus próprios espaços sociais, como a escola, que deveria ser um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor. O impacto dessas experiências na autoestima e na disposição de *Cidinha* para frequentar as aulas denuncia o efeito emocional e psicológico que tais incidentes podem ter.

Seu relato sublinha a necessidade urgente de endereçar e combater o racismo e a discriminação dentro das escolas e na sociedade em geral. Educação sobre diversidade, inclusão e respeito mútuo deve ser uma prioridade, com o objetivo de criar um ambiente não violentos para as pessoas que não se enquadram nas normas da branquitude, da heteronormatividade etc., também possam se sentir valorizados e respeitados, independentemente de sua raça ou aparência física. A história de *Cidinha* é um lembrete de que o caminho para a igualdade e a justiça ainda é longo e requer compromisso contínuo de indivíduos e instituições para garantir mudanças significativas.

> Mas eles tinham essa implicância, tinha essa listinha do Ensino Fundamental de “ah a menina mais bonita” e de menina mais feia, e eu sempre estava no primeiro e no segundo. Eu nunca usei meu cabelo, eu nunca gostei de usar o meu cabelo natural, isso aqui é progressiva, e isso já não era só por questão estética, também é pelo meu cabelo ser cacheado ele embolava muito e aí eu me sentia, eu comecei a me sentir mais bonita porque eu via que era um padrão lá na escola, as meninas de cabelo liso. E aí foi isso, assim, eu comecei a simplesmente alisar o cabelo para tentar me sentir bonita, porque eu via que os meninos ficavam mais a fim das meninas que tinham cabelo liso, tinha um certo padrão de beleza, mas assim eu não, eu estava meio que em negação, eu não sabia também que era por causa da minha cor. Eu comecei a ficar ciente disso tempo depois, que a todos meninos que eu me envolvo e me envolvi não costumam falar de relacionamento sério. Isso foi durante o ano de 2020 que eu terminei o meu relacionamento, eu fiquei em quarentena e aí eu instalei a rede social Tinder só para

> conversar, porque eu não estava saindo, e aí é, eu via que os meninos ficavam mais com aquela questão superficial... agora minha cachorra está querendo entrar (risos). É na terapia que eu faço online também ela fica desse jeito, pera aí só um minuto. E eu vejo que hoje, eu lembro que mesmo que completou 1 ano, ano passado, que eu via, eu não estava tendo contato com o meu ex, que eu vi que ele postou foto, ele nunca tirava nem foto assim, nem stories direito ele postava comigo, que sumia em 24 horas, que ele estava com foto de perfil com a menina branca, no Whatsapp, mesmo que já tinha 1 ano terminado comigo isso mexeu muito comigo, porque eram coisas que eu ficava cobrando e que ele não fazia, não fazia. No segundo e no terceiro ano, eu já me enturmei mais então não sofri bullying, na escola, mas o que mais me marcou que eu não estava indo na aula direito, minha mãe começou a achar estranho e eu contei para ela que era porque eu estava sofrendo bullying, contei essa fala desse menino que até hoje ecoa na minha cabeça, sabe, para gostar da Cibelle, no sentido assim, de gostar, ficar com a Cibelle, tem que estar drogado, isso ecoa até hoje em mim. E o que eu cheguei a falar abertamente para a minha mãe sobre essa questão que eu sofro, que eu não tinha ciência de ser pela minha cor, coisas que as vezes até pelos meus próprios amigos fazem sem querer, que igual uma amiga minha falou "é, você é linda e tal porque você tem os traços de branquinha", assim, eu me senti extremamente desconfortável porque foi uma fala extremamente racista, como se eu puxasse os traços do meu pai, que tem lados mais grossos, o nariz maior, eu seria feia assim, para ela, ela queria falar como se tivesse amenizando as coisas...

A vivência de *Cidinha* nos apresenta uma série de desafios entrelaçados com as percepções de beleza, cor e aceitação social. Desde a escola, ela se vê confrontada com uma realidade onde seu valor e atratividade são medidos por critérios raciais e estéticos que favorecem padrões brancos. A prática de alisar o cabelo, que inicialmente parece ser uma escolha pessoal pela estética e conveniência, na verdade, reflete uma pressão mais profunda para se enquadrar em um ideal de beleza que não apenas exclui, mas também desvaloriza suas características fenotípicas afrodescendentes.

A experiência com o namoro, em que seu parceiro branco demonstra comportamentos ambíguos e reticentes em assumir o relacionamento publicamente, contrastando fortemente com sua postura em um relacionamento subsequente com uma menina branca, destaca uma realidade, já que historicamente mulheres negras são preteridas e ou trocadas por mulheres brancas nas relações afetivas. As ações dele, evitando mostrar afeto ou reconhecimento público

por *Cidinha*, não apenas agravam suas inseguranças pessoais, mas também refletem as dinâmicas de cor e aceitação pessoal e coletiva, que acaba não sendo validada nos grupos sociais que ela circula.

Sua jornada no Tinder durante a quarentena e a observação das dinâmicas de relacionamento ali reiteram essa busca por reconhecimento e afeto, que, no entanto, parece estar perpetuamente em conflito com as expectativas raciais e estéticas da sociedade. A reflexão sobre os comentários de amigos e as palavras que "ecoam até hoje" em sua mente são um reflexo do impacto duradouro das estruturas de racismo e sexismo em sua autoestima e percepção de si.

A menção ao sofrimento causado pelo bullying na escola e a luta para encontrar aceitação revela o quanto as normas sociais penalizam aqueles que desviam do padrão dominante de beleza. A fala de uma amiga, sugerindo que sua beleza se deve a "traços de branquinha", encapsula a problemática valorização de características próximas à branquitude, mesmo dentro de comunidades mistas ou racializadas, perpetuando estereótipos nocivos e hierarquias de beleza.

Ao examinar a narrativa de *Cidinha*, torna-se evidente o quão profundamente as questões de cor, classe e gênero estão interligadas em sua experiência de vida, inclusive nas relações afetivas-sexuais. Sua história destaca a necessidade crítica de desafiar e reimaginar as normas sociais e estéticas que continuam a marginalizar e desvalorizar as identidades negras e seguem perpetuando as exclusões e violências frutos da colonização.

E Cidinha segue falando de suas relações e a maneira como se via em seus envolvimentos com homens brancos:

> E assim, eu sinto que essa questão de relacionamento me desanima porque é muito raro eu encontrar um menino que fala sobre isso e quando fala é só na empolgação do momento, e depois já perde o interesse, é só para conquistar e depois não quer mais saber. E eu soube, principalmente na minha adolescência, eu achava que por eu estar conversando com vários meninos eu tive que estar sempre ficando com alguém para eu me sentir bem, sempre tive essa dependência afetiva de meninos para ter essa validação, para eu me sentir bonita, para eu sentir autoestima eu tive que estar sempre com alguém, apesar de ser também pelo fato deu não ter muito a presença masculina na minha vida. Porque a questão assim do meu pai, por exemplo, ele não mora comigo.

> [...] e aí ele assim... eu sofria assim muito, mas não sabia que não era porque era questão de dependência, eu achava que aí é só... igual a minha mãe falava: é só a adolescência dela mesmo. Tipo eu sofria muito (risos), era toda vez eu estava sofrendo por algum menino, por quê? Porque eu achava que para eu me sentir bem, para eu ter autoestima eu devia estar com algum menino, para eu me sentir, e geralmente todos brancos, eu me envolvia (risos).... minhas amigas me chamavam de palmiteira inclusive, porque todos esses meninos que eu me envolvi eram brancos justamente acho que pelo fato de acabar me prejudicando porque a maioria assim quer namorar, igual o meu ex que era branco, e vai usar, né, apenas do meu corpo igual fizeram durante toda a minha adolescência, eu... Até hoje eu fico meio que dependente de quem eu me envolvo, eu tenho que estar com alguém, e isso não tanto agora que estou fazendo estágio e a faculdade é presencial, e eu não estou preocupando tanto com isso efetivamente, mas a todo momento, desde os meus 13 anos eu tinha que estar com algum menino ficando, porque namorar eles não queriam. Mas mesmo que conversando alguma coisa assim para eu me sentir bem, sempre relacionamentos extremamente tóxicos... 3 anos porque eu olhava para a aliança, que ele nem usava a dele direito, e me sentia bem por estar em um relacionamento, né, mesmo que seja extremamente ruim para o meu psicológico, mas para mim, nossa, era uma conquista.

Ouvindo *Cidinha* narrar sua história é perceptível o quanto ela buscou em sua trajetória validação afetiva através de relações amorosas, frequentemente marcadas pela superficialidade e pela falta de comprometimento genuíno. Desde a adolescência, ela experimentou uma série de interações com meninos, predominantemente brancos, que parecem reforçar a ideia de que a aceitação e o afeto estão condicionados à presença masculina em sua vida. Esta busca por aprovação e a consequente “dependência afetiva” revelam não apenas a luta por autoestima, mas também pelo reconhecimento de sua identidade de racial, de mulher negra.

A referência ao ser chamada de "palmiteira" pelas amigas aponta para a tensão entre as expectativas raciais ligadas aos grupos raciais aos quais pertencemos e as escolhas pessoais que fazemos nos nossos relacionamentos amorosos. Enquanto a escolha por parceiros brancos pode ser vista como uma tentativa de navegar dentro de um espectro de aceitação social mais amplo, pode ser lida pelo seu grupo racial como uma traição à raça, como as discussões que circulam nos grupos de pessoas negras que muitas vezes questionam as relações interraciais. Também reflete as pressões internas e externas que moldam a percepção de *Cidinha* sobre o amor, a beleza e o valor.

O relato sobre o relacionamento de três anos, em que a presença de uma aliança serve como um símbolo de status e realização pessoal, apesar da falta de uso correspondente por parte do parceiro, ilustra a relação da autoestima ligada à validação externa. Isso se apresenta como uma contradição dolorosa: a necessidade de afirmação dentro de um relacionamento é ao mesmo tempo uma fonte de sofrimento psicológico.

Para ela, o foco nas suas obrigações acadêmicas e profissionais significa um passo em direção à independência e ao autoconhecimento. Porém, ao pensar sobre sua trajetória de relacionamentos, ressurge um problema constante: a dificuldade em achar parceiros que deem um reconhecimento e afeto reais, sem se basear em expectativas raciais e de gênero. Sua história é um alerta da importância de se valorizar a capacidade de mulheres negras se auto agenciarem em todos os campos de suas vidas. Sabemos que o racismo estrutura todas as nossas relações e que infelizmente as mudanças são lentas. Nesse sentido agenciamos nossas escolhas também é um ato de resistência e sobrevivência.

Depois de conversarmos inicialmente sobre alguns pontos importantes de sua vida, chegamos no ponto do encontro que *Cidinha* vai nos dizer sobre o amor:

> Eu nem sei dizer assim, porque a não ser pela minha família eu não... graças a deus a minha mãe sempre foi de demonstrar o carinho, agora eu receber amor de outro, de um parceiro, eu não sei o que é.
> É... eu não sei dizer.

O relato de *Cidinha* sobre sua incapacidade de definir o amor fora do contexto familiar nos mostra o quanto dizer sobre o amor, pode ser extremamente difícil para algumas pessoas e grupos sociais. A gratidão expressa pelo carinho recebido de sua mãe nos diz de um forte vínculo familiar, que serve como sua principal referência para afeto e apoio emocional. No entanto, a dificuldade em reconhecer ou experimentar o amor de um parceiro amoroso mostra uma lacuna em sua experiência afetiva.

Essa ausência de referência para o amor romântico pode ser entendida como o resultado de uma série de relações marcadas por superficialidade, falta de compromisso e, possivelmente, a desvalorização de sua identidade e necessidades pessoais. Para *Cidinha*, o amor parece estar condicionado a um contexto familiar seguro, enquanto o mundo dos relacionamentos amorosos permanece uma terra desconhecida, sem as mesmas garantias de carinho incondicional.

Essa declaração abre espaço para uma reflexão sobre as expectativas em torno dos relacionamentos amorosos e como a falta de experiências positivas pode influenciar nossa

capacidade de compreender e aceitar o amor de parceiras e parceiros. Para *Cidinha*, assim como para muitas outras pessoas, o desafio não é apenas encontrar amor, mas aprender a identificá-lo e confiar nele fora do ambiente familiar. Seu testemunho evidencia nuances dos desafios de se amar na nossa vida que é tão contemporânea, mas que ao mesmo tempo carrega em sim tantas características ultrapassadas. Destacando a importância do reconhecimento e da validação do outro para vivenciar, reconhecer e saber nomear o que é o amor.

Sua dificuldade em nomear o amor é preenchida com outras questões que ela foi apontando ao longo da nossa conversa:

> Foi, eu tinha 16 anos (voz com sinais de pranto), foi nos 16 anos que eu tive minha primeira relação inclusive que aí os homens as vezes aproveitavam mais, né, que... e aí eu fui que sosseguei, quando ele conheci ele pelo aplicativo, inclusive pelo *Tinder*. A gente começou a conversar, e como sempre os homens costumam falar, principalmente por eu ser negra assim, eles acham que o fato de falar de relacionamento vai conquistar a gente mais rápido. Então foi isso que ele fazia, falava sobre isso, saia, a gente saia e tudo o mais, se relacionava, mas chegou um momento que ele falou "ah, não estou pronto para um relacionamento, eu não quero", aquela desculpa, "aí eu não..."
>
> Isso foi no início, no início que a gente se conheceu, eu acho que foi uns dois meses depois, porque quando foi, no momento que a alguém chegou a falar de relacionamento eu fiquei muito empolgada, e ai eu achei que era porque eu estava muito no pé dele e tudo o mais, ai eu ficava me culpando: nossa desculpa se eu te pressionei muito e tudo o mais, eu me sentia culpada por ele não estar querendo mais o que ele queria no início, e aceitei ficar com ele e mesmo ele ficando com outras pessoas, porque para mim ele gostava de mim, na minha assim visão. E ai eu continuei, continuei, mas quando a gente saia era somente para o motel, a gente as vezes, as vezes a gente ia para uma lanchonete depois, mas era somente para o motel e depois a gente... ele me levou e demorou para me levar para conhecer a família dele, foi também quase 1 ano e meio eu conheci a família dele, eu cobrava isso dele porque eu, né, achava isso estranho "nossa já tem 1 ano e meio, por mais que a gente já tenha", aquela palavra, aquele termo horroroso, de ficar sério, para mim eu era novinha, então, para mim era normal. Nunca cheguei a conhecer a família dele, a gente conversava todo dia e tudo o mais, ai foi somente quando eu, eu, tive iniciativa própria, eu sabia onde ele morava, eu fui atrás dele porque eu ficava no pé, eu acho que ele me humilhava muito, eu vi que a mãe dele estava na calçada, eu me apresentei como... ela perguntou se eu era amiga dele, eu falei que sim,

que, né, não tinha nada séria com ele. E depois desse momento a gente continuou, foi com muitos términos, ele sempre ficava me culpando: olha isso não é da sua conta, eu não quero ficar, então eu vou terminar. E aí quando eu ia pedir alguma coisa "posta tal foto" todas essas questões normais, né, ele brigava comigo, mas era muita briga, todos os dias, e aí quando eu comecei a... Ah tá e em uma desses términos, que eu estava em 2019, no meu ano de pré-vestibular, eu conheci um menino que foi apresentado por outros, outros amigos meus do cursinho pré-vestibular, que eu fazia, e foi aí que também foi só uma relação casual, eu ficava meio que jogando na cara dele que eu estava com outros para ver se ele voltava comigo, porque nesse momento a gente estava terminando. Aí ele veio aqui, e ficou falando "ah então vamos namorar" e tudo o mais, falou de aliança, e aliança assim, que ele já estava querendo meio, quando ele comprou ele já estava até indo atrás querendo usar, e realmente quando eu chegava lá ele estava sem aliança e a aliança não estava nele, não estava com a aliança. Não postava foto... sei que todo mundo considera algo como "nossa, não precisa isso, de postar", que segundo ele, ele não gostava de usar essas redes sociais, né, e eu "nossa posta lá né" e tal, mas ele é muito tímido, então deve ser por isso, né. Eu ficava... eu queria postar foto no Feed com ele, igual as minhas amigas, só que como ele não postava eu "ah, eu não vou fazer isso". E, mas eu sempre estava lá postando uns stories, e ele nem aí, ele não gostava que interagia com ele no Twitter, daí quando chegou o momento deu, que eu ia para lá na casa dele no final de semana, um dos tios dele falou, né, segundo o tio era brincadeira "ah Breno, quem era aquela loira que você estava"? Ah não, tipo na minha frente, querendo fazer essas brincadeiras de mal gosto, eu percebia que a tia dele não gostava muito de mim porque no natal de 2019, ele, a gente estava na sala, e tudo o mais, estava a família dele, e a tia dele começou a perguntar da ex dele na minha frente: Ah, e como está a Ju, B.? E aí eu comecei, eu fui e fiquei brava né, eu não falei nada, fiquei só incomodada, foi constrangedor, e na hora que a gente foi, a casa dele é do lado da tia dele, fui para casa eu falei com ele, questionei ele e ele ficava nervoso quando eu ia questionar: aí quem que é ela que ela perguntou? Ele começava a falar que eu estava escutando coisas, que ela falava nada disso. Ele fazia que eu duvidasse da minha sanidade, várias coisas que ele fazia, por eu ter ansiedade "já esse desespero seu", TDAH e ansiedade generalizada, mas eu não sabia que tinha TDAH ainda. Ele sabia que eu tomava remédio e as vezes ele jogava isso na minha cara, ele falava "nossa, você está... você e esses remédios seu está te deixando meio doida, porque você está vendo coisa onde não tem". E aí, nossa, estou falando isso assim e nem na terapia eu trabalho

> tanto essas questões e falar disso o tempo inteiro, é... eu... em uma época eu começava a perceber a diferença de mim no relacionamento, de mulheres brancas que postavam no Instagram e saiam de mãos dadas, coisa que os homens não faziam, segundo ele "ah eu não gosto". Ele não andava de mão dada comigo, de jeito nenhum, as vezes eu pegava na mão dele e ele fingia que ia coçar a cabeça e tal na rua assim, não andava. Não gostava de me abraçar assim em público, essas coisas, eu ia abraçar ele e ele "aí, está calor e tudo o mais". Agora dentro de quatro paredes era diferente, era outra coisa. E foi isso até que chegou o momento que ele terminou comigo, eu já estava totalmente, nossa, em uma ansiedade que nem remédio estava adiantando somente, comecei a fazer a terapia após o término, um mês depois descobri que ele estava namorando, assim, quando eu vi ele só estava ficando ainda. E aí, postou foto com essa menina, colocou, tudo que ele não fazia comigo, colocou no... como eu não vi ele pessoalmente eu não vejo com era pessoalmente o relacionamento, mas tudo que ele não fazia comigo ele fez com essa menina que era branca, aí eu chorei no dia, né, eu chorei quando eu vi. Eu já tinha superado o relacionamento, mas eu chorei mais por eu ver a forma, a diferença do tratamento que eu recebia para o tratamento que a menina branca recebia.

Cidinha compartilha uma jornada dolorosa marcada pela manipulação emocional em seu primeiro relacionamento significativo. Iniciado na adolescência, esse capítulo de sua vida revela como as expectativas e promessas não cumpridas podem deixar cicatrizes significativas que serão acionadas ao longo da vida. Ao ser apresentada a um ambiente de relacionamento através de aplicativos como o *Tinder*, *Cidinha* encontra-se com a promessa de uma conexão afetiva genuína que rapidamente se dissolve em realidades mais sombrias.

A demora de seu parceiro em formalizar o relacionamento, contrastando com a rapidez com que ele assumiu um novo relacionamento com uma mulher branca após o término, é uma realidade narrada inclusive por outras mulheres negras, da interação do racismo com as dinâmicas de relacionamentos afetivo-sexuais. A descrição de *Cidinha* sobre como era mantida em segredo, relegada a encontros escondidos e privada do orgulho público compartilhado por casais, destaca uma desvalorização de sua identidade e uma preferência implícita por parceiras que se alinham com normas raciais e estéticas predominantes.

As ações de seu ex-parceiro, que variavam de desdém à agressão física leve e manipulação psicológica, não apenas invalidaram a experiência de *Cidinha* como pessoa digna de amor e respeito, mas também contribuíram para uma erosão de sua autoestima e percepção de autovalor. As comparações desfavoráveis com a nova parceira branca de seu ex, juntamente

com a exclusão e a indiferença por parte da família dele, reforçaram a mensagem de que sua cor da pele a colocava em uma posição de inferioridade dentro do espectro dos relacionamentos desejáveis.

Seu relato é uma narrativa pungente sobre a busca por amor e aceitação em um mundo que frequentemente coloca barreiras intransponíveis baseadas em preconceito racial e normas sociais excludentes. Sua história sublinha a necessidade crítica de reconhecimento, validação e igualdade nas relações amorosas, destacando a jornada muitas vezes solitária em busca da 'cura' de relacionamentos que ferem profundamente o senso de valor e pertencimento de uma pessoa que existe e vive neste mundo.

Cidinha segue falando de sua percepção em relação às situações de discriminação que sofreu:

> Ah de, assim, indiretamente por parte de, principalmente, por parte da tia dele que eu vi, assim, que não gostava de mim por um motivo, assim, que eu nunca cheguei a conversar com ela, com essa tia dele, eu nunca, assim, ela só cumprimentava e só. A mãe dele dava para ver também... a minha cachorra roubou o... ela fica querendo chamar a atenção principalmente nas terapias que eu faço também né. Não tinha, nunca é diretamente né, a gente vê pelo olhar da pessoa. Com ele eu já começava a sentir rejeitada, deve ser isso, no jeito dele, eu só comecei, infelizmente, eu só comecei a perceber a discriminação por parte das pessoas, após eu ter esse contato, né, com outras meninas negras que contam sobre suas histórias no Twitter depois que eu terminei, nessa Pandemia, que eu terminei justamente no início da Pandemia, comecei a pesquisar sobre, e também até pelo fato do menino me chamar de morena.
>
> É, as vezes eles me chamam de morena, como se isso fosse um elogio, como se tivesse também amenizando "ah você também não é negra, você é morena", como se isso estivesse amenizando a situação, eu sempre via morena como bonita, não, eu sou negra. E assim, quando ele foi me apresentar para a família dele, uma das tias dele "nossa que morena bonita", nunca falam preta bonita, negra bonita. A mãe dele, tadinha, eu até revelo, ela contando que "ah não, nossa", fez uma brincadeira "ah que nosso cachorro aqui ele é racista, ele não gostava", ele tinha morrido, o cachorro tinha morrido, "ele não gostava de gente preta não". Era um cachorrinho, que já tinha morrido na época de quando eu fui lá, e eu "ah, eu imagino" e tal, fiquei sem graça. É um, nossa, são questões assim que mexeram muito, acho que a minha está, acho que 90% da minha adolescência

> girou em torno de homem. Eu acho que para eu me sentir validada eu tinha que estar com um homem, e eu infelizmente eu ah, eu só me sentia atraída por homens brancos (risos), infelizmente mesmo (risos). Porque assim a maioria é racista, mesmo que não demonstre dá para sentir assim, só quem é sabe, quem é negro sabe, sente isso na pele, "ah fulano não é racista não, é bobeira", mas só a gente que sabe como é, só receber o carinho dentro de quatro paredes né. E... é isso assim, essa questão que... não doí, mas é algo que só na terapia eu já comentei, eu não, tenho vergonha de comentar com minhas amigas, dói muito eu falar, eu, na época que eu namorava eu tendo que mentir para as minhas amigas que eu estava feliz, passar a imagem de um relacionamento feliz sendo que no fundo eu estava triste, eu tinha vergonha de comentar essas questões para as minhas amigas. É isso assim, eu vejo que, eu lembro que quando eu era pequena, eu hoje lembro que minha mãe conta rindo como se fosse assim algo engraçado, na época ela chegou e falou "nossa você já chegou", eu perguntei para a minha mãe: mãe, na outra vida eu fui uma escrava? Porque os meninos do fundamental estavam falando das meninas negras falando que a gente era escrava, porque... aí ela "não, não, por que você pensa isso"? Aí eu fui e falei: não, por causa da minha cor. Então eu achava que era um defeito, o fato deu ser negra era um defeito, eu sempre vi essas questões raciais, o fato deu ser negra na escola eles usavam simplesmente uma coisa de ser de outra cor, de cor diferente para fazer bullying. Eu vi que eles chamavam os outros de preto, de macaco, essa questão sempre foi muito para mim algo que eu abafava muito, essa questão, quando eu sofria isso por parte de... quando eu era criança mesmo eu abafava isso, eu preferia negar isso, que eu estava sofrendo naquilo, porque eu me sentia envergonhada. É... e é isso assim, minha vó, por parte de mãe, meu pai é negro né, mas minha avó por parte de mãe, da minha família por parte de mãe é branca, era racista a minha avó, tanto que ela falava para o meu pai "ah é favelado", e ela custou a aceitar meu pai também.

A experiência de *Cidinha* mostra a dinâmica entrelaçada de racismo e misoginia que permeia tanto seus relacionamentos íntimos quanto às interações familiares e sociais. As nuances do preconceito racial, sutilmente codificadas nas terminologias "morena" em vez de "negra" e nas reações ambivalentes de sua família e amigos, denunciam a constante negociação de identidade a que *Cidinha* se vê forçada a enfrentar. Este padrão de desvalorização e marginalização baseado na cor da pele e na origem étnica não só prejudica seu senso de autoestima, como também molda suas interações e expectativas em torno do amor e do pertencimento.

A demora de seu parceiro em apresentá-la à sua família, junto com a relutância em publicizar o relacionamento, contrasta dolorosamente com a prontidão e o entusiasmo com que ele passa a um novo relacionamento com uma parceira branca. Essas ações não apenas refletem uma preferência racial implícita, mas também reiteram uma hierarquia de desejabilidade que coloca Cidinha e, por extensão, outras mulheres negras, em uma posição inferior. O comentário casualmente racista sobre o cachorro da família que "não gostava de gente preta" adiciona outra camada de desumanização e exclusão, destacando a normalização do racismo nas dinâmicas familiares cotidianas.

Cidinha também traz à tona o impacto devastador dessas experiências em sua percepção de si mesma e em seu desenvolvimento emocional. Desde a infância, ela se vê confrontada com mensagens de que ser negra é, de alguma forma, um "defeito", levando-a a questionar seu valor e lugar no mundo. Essa internalização do racismo a leva a buscar validação em relacionamentos que muitas vezes são superficiais e prejudiciais, perpetuando ciclos de dependência afetiva e desvalorização pessoal.

A reflexão de *Cidinha* sobre sua atração por homens brancos, e o reconhecimento da frequente concomitância de racismo nessas preferências, destaca uma luta contínua com a intersecção de raça e desejabilidade. Sua jornada é marcada por um desejo de ser amada e aceita por quem ela é, enquanto navega por um campo minado de expectativas raciais e de gênero que frequentemente a desvalorizam.

Esta narrativa nos aponta a maneira como o racismo e o sexismo se entrelaçam e moldam as experiências de vida de mulheres negras, influenciando profundamente sua autoimagem, suas relações e sua capacidade de ver e receber amor. A história de *Cidinha* é um chamado à reflexão sobre como práticas discriminatórias são perpetuadas dentro das esferas pessoais e sociais, e sobre a necessidade urgente de reconhecer e desafiar essas injustiças.

> Sim, é, meus amigos nunca cheguei a sofrer nada por parte deles, deles, mas pelo que eu vi, eu nunca cheguei a conviver muito tempo com minha avó porque ela morreu, por parte de mãe, que ela morreu quando eu tinha 3. O meu pai mora na Pedreira Padro Lopes, e quando ele foi conhecer a minha avó, a minha avó não gostou dele simplesmente pelo fato dele morar na Pedreira, e pelo fato também dele ser negro, só isso, é o motivo da reprovação. Eu relevava quando a minha mãe contava, eu falava ah é coisa de povo antigo né, e tudo o mais, só que eu só comecei a me aprofundar depois dessas questões e é difícil assim eu comentar com alguém sobre. Eu tinha vergonha não de não só de ser negra, mas de sofrer o racismo e a forma... quando eu estava no Ensino

> Fundamental é, as vezes como eu, a nossa pele, a minha pele sempre foi muito seca e tal, ai as vezes eu não passava o creme, se eu deixava de passar o creme uma vez a minha pele ficava muito ruim, ai eles só ficavam falando que “ah, nossa a *Cidinha* não toma banho e tudo o mais”, ficavam falando essas coisas, e as vezes era amigo meu na época, amiguinho meu de 2ª série, é... e sempre foi assim essa relação de amizade de ter um, um, uma certa discriminação, nunca é diretamente, assim. Igual essa minha amiga que eu contei no início de estar falando de “você ter os traços de branquinha”. Então é “te acho linda” ...

A narrativa de *Cidinha* mostra como o racismo se manifesta de formas variadas e muitas vezes sutis em sua vida, impactando suas relações familiares, de amizade e relacionamentos afetivos sexuais. A rejeição inicial de seu pai pela avó, fundamentada tanto no preconceito de classe quanto no racial, reflete como estereótipos e discriminações são enraizados e perpetuados dentro das próprias famílias. Apesar de *Cidinha* tentar minimizar esses comportamentos como “coisa de povo antigo”, ela reconhece, com o tempo, a profundidade e a persistência dessas atitudes preconceituosas em sua vida.

O desconforto de *Cidinha* em discutir suas experiências de racismo, mesmo entre amigos, mostra o quão difícil é lidar com este fenômeno. As brincadeiras feitas por colegas sobre sua higiene, baseadas na aparência seca de sua pele são um exemplo de como o racismo pode ser trivializado e mascarado como zombaria inofensiva apesar de ter um impacto profundo e duradouro no bem-estar emocional de quem o sofre.

A menção aos comentários de uma amiga, que elogia *Cidinha* por ter "traços de branquinha", ilustra ainda mais a internalização de padrões de beleza eurocêntricos e como eles moldam as percepções de valor e beleza dentro das comunidades negras. Este tipo de comentário, embora possa ser intencionado como um elogio, demonstra uma valorização de características associadas à branquitude em detrimento da beleza negra, reforçando assim a ideologia racista de que ser mais próximo ao branco é ser mais atraente ou aceitável.

Cidinha, ao partilhar sua história, desenha um retrato vívido da discriminação racial em sua vida, desde o lar até as interações cotidianas com amigos. Seus relatos servem como um lembrete crítico de que o racismo não é apenas um problema sistêmico e estrutural, mas também profundamente pessoal e íntimo, afetando as relações mais básicas e a autoestima das pessoas negras.

No final do nosso encontro Cidinha nos diz algo muito importante:

> É, que nunca eu me envolvi com homens negros, mas eles assim, até o momento, foi só com relações inter-raciais, e sempre foi essa dependência afetiva como questões centrais de sofrimento, eu sempre sofria, estava sofrendo por alguém por estar dependente afetivamente de alguém.

A experiência de vida de nossa interlocutora destaca um aspecto significativo do impacto das relações interraciais sobre sua vida afetiva, marcada por uma "dependência emocional", como ela mesma menciona. Seu relato de nunca ter se envolvido com homens negros e sua trajetória nas relações interraciais refletem a ideia de como a identidade racial e as preferências pessoais são influenciadas por um contexto social mais amplo.

A constante necessidade de validação afetiva de parceiros, predominantemente brancos, nos diz de um lugar delicado para as suas experiências de vida, principalmente no que tange sua identificação com a raça negra e a dificuldade em nomear o que para ela seria o amor, como vimos anteriormente. Esse padrão pode ser visto como uma manifestação das estruturas sociais que valorizam a proximidade com a branquitude, tanto esteticamente quanto socialmente. Além disso, o sofrimento contínuo de *Cidinha* nos mostra uma dinâmica de poder desigual nas relações interraciais, em que as questões de aceitação e pertencimento são negociadas na intersecção de raça e gênero.

O fato de *Cidinha* não ter se envolvido com homens negros até então também levanta questões sobre como as normas sociais e os ideais de beleza branca influenciam as preferências românticas de pessoas negras. Isso pode refletir uma internalização inconsciente de padrões de beleza e de valor associados à branquitude, o que, por sua vez, molda suas escolhas amorosas.

Sua narrativa nos mostra a importância de reconhecer e confrontar as características específicas das relações interraciais, não apenas como questões de preferência pessoal, mas como reflexos de padrões sociais produzidos pela branquitude que influenciam a forma como o amor e o afeto são vivenciados e expressos por nós. A luta de *Cidinha* por encontrar amor e aceitação dentro dessas relações reflete sobre a jornada muitas vezes dolorosa de conhecer e reconhecer a identidade racial, quando esta, é muitas vezes invalidada pelas relações que desenvolvemos ao longo de nossa trajetória. Sua dor também é a dor de muitas mulheres negras que buscam o reconhecimento mínimo de suas existências enquanto seres humanos.

6 O AMOR E SUAS ENCRUZILHADAS

> *Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e criar-se em suas potencialidades. (Neusa Santos Souza, 2021, p.46).*

No presente capítulo, busquei apresentar às nossas leitoras(es) alguns pontos importantes de conexões partilhados por nossas interlocutoras. Se no capítulo anterior apresentei as narrativas individuais de cada uma das mulheres, aqui a proposta foi a de buscar as convergências e os destaques que possam de alguma maneira facilitar o entendimento das trajetórias individuais que confluem na direção das encruzilhadas coletivas.

Primeiramente considero importante retomar algo que já havia sido mencionado anteriormente na análise das narrativas individuais. Foi importante durante os encontros com nossas interlocutoras, compreender as trajetórias e dinâmicas familiares que serviram de espaço sócio-histórico para desenvolvimento de suas identidades e a noção de pertencimento. Entendo que as composições familiares afetam sujeitas e sujeitos de diversas maneiras. No nosso caso foi necessário trazer à tona como que as relações afetivo-sexuais dos pais das mulheres negras podem têm um papel fundamental, não só para a formação das suas identidades raciais, mas inclusive na maneira como moldam suas noções sobre amores e relacionamentos amorosos.

Em um país formado pela mistura das raças - negra, indígena e branca - reconhecer-se, identificar-se e amar-se é uma tarefa difícil com inúmeros desafios. Isso nos coloca em uma constante perspectiva de olhar para nossas trajetórias individuais e coletivas, compreendendo-nos através das vidas e escolhas dos nossos consanguíneos e ancestrais que nos trouxeram até aqui.

6.1 Pai preto, mãe preta; mãe branca, pai negro; mãe negra, pai branco.

Recordando que das oito mulheres que escrevem esta tese comigo, apenas *Lélia* se declara nascida de uma família mono-racial, constituída por mãe preta e pai preto as outras sete descendem de relacionamentos interraciais

Em certos momentos da nossa conversa, ela realça o fato de ser integrante de uma família preta. Nascida de um par mono-racial de pele escura, *Lélia* não só tem firmeza na sua identidade negra, mas também a exalta de forma evidente ao salientar a formação da sua "família preta". A família preta, nesse contexto, não é somente uma caracterização racial, mas um gesto político e afetivo. Ao optar por essas palavras, ela destaca a força e resistência que brotam de uma família com raízes totalmente negras, diante de um cenário social que frequentemente desumaniza e exclui a negritude e que ainda celebra a branquitude enquanto raça pura, padrão de beleza, bondade, inteligência. Em uma sociedade estruturalmente racista que arquitetou um projeto de higienização, de genocídio da população negra e indígena, unir-se em laços familiares com a mesma raça “preta” é um ato de resistência.

Lélia mulher preta, historiadora de profissão, mulher lésbica, dentre as oito mulheres enfatiza sua realidade distinta em viver em uma família mono-racial. Raça, gênero e orientação sexual se intercruzam em sua vida, mas o fato de ter pais pretos dá a ela uma a segurança do sentimento de pertencimento racial. Essa constituição familiar oferece um contexto particular para explorar o que significa ser uma mulher negra, lésbica e acadêmica no Brasil. Dentro dos muros domésticos, onde seu pai e sua mãe também são pretos, o amor e o entendimento têm tonalidades específicas que não podem ser facilmente traduzidas em um contexto interracial ou mesmo branco. A presença de pais "vivos, presentes e trabalhando" oferece um contraponto vital às narrativas dominantes que muitas vezes associam famílias negras à ausência parental ou à instabilidade. Aqui, a estabilidade não é apenas econômica, mas emocional e cultural, proporcionando um terreno fértil para a construção de identidades fortes e engajadas socialmente.

Assim, ao falar de sua "família preta", *Lélia* não apenas delineia os contornos de sua identidade, mas também desafia os estereótipos e as preconcepções que muitas vezes acompanham discussões sobre raça, família e pertencimento no Brasil. A família será o primeiro grupo social para nós, independentemente de sua configuração, por isso a importância de olharmos para as nuances que se apresentam na fala de *Lélia,* ao nomear sua família como preta. Pensando no papel do grupo familiar enquanto facilitador ou dificultador de formação e percepção de identidade racial:

> Essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social etc. Esses elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus novos territórios (Kabengele Munanga, 2019, p.17).

Isso nos faz refletir que a identidade, como algo que muda, que é construída pelos elementos que estão nos grupos sociais, no ambiente, nas relações etc. especialmente de pessoas negras em contextos de diáspora, em que a identidade pode ser formada pelos elementos que sobreviveram ao deslocamento ou que foram adotados nos novos territórios - se identificar com o outro - e se perceber como um igual - terá um impacto significativo para viver a vida. Em uma sociedade multicultural como o Brasil, que mesmo assim tem uma única raça como modelo de referência dominante, as dinâmicas de exclusão e inclusão muitas vezes convivem e moldam experiências individuais e coletivas.

Na contramão da experiência de *Lélia,* quatro de nossas interlocutoras nasceram de outra configuração familiar, *Conceição Evaristo, Izildinha, Maria Firmina e Cidinha da Silva*, descrevem a composição racial de suas famílias, destacando a união de pais negros com mães brancas, um contraste que ressalta um marcador importante de suas identidades raciais. Esta combinação de heranças, materna e paterna, serve como uma fonte constante de reflexão para elas, influenciando profundamente como se veem e como são vistas dentro de seus contextos familiares e sociais. A análise dessas narrativas não apenas sublinha como essas experiências são percebidas individualmente, mas também ilustra como são moldadas por, e reagem a, estruturas sociais mais amplas.

Em contraste com a experiência de *Lélia*, que discute sua identidade dentro de uma 'família preta', quatro de nossas interlocutoras nasceram em uma configuração familiar interracial, na qual a mãe é lida socialmente[30] como branca e o pai como negro. É importante destacar que, apesar de terem nascido de um casal interracial e compartilharem alguns aspectos de suas experiências, cada uma delas é um sujeito único com suas próprias singularidades. Entre

[30] Importante destacar aqui o uso da palavra lida. No caso de Maria Firmina, a raça de sua mãe não havia sido registrada no momento do nosso encontro, posteriormente fiz o contato novamente e a perguntei como que sua mãe se declarava racialmente. Ela me afirmou que para a sua leitura sua mãe era uma mulher parda, mas que provavelmente era lida enquanto mulher branca. Como sabemos que a nomeação racial no Brasil passa, em sua maioria pelo crivo do outro, como nos lê e nos enxerga, considerei então que na análise manteria Maria Firmina na composição de mãe branca e pai negro.

as mulheres entrevistadas, encontramos uma particularidade no caso de *Conceição*: ela nunca conheceu seu pai, e seus pais não chegaram a se casar. Em contraste, *Izildinha, Maria Firmina e Cidinha da Silva* cresceram em um ambiente familiar onde os pais eram casados.

Outro ponto a ser mencionado, enquanto *Conceição* relata ter sido criada exclusivamente por sua mãe e avó, ambas brancas, sem contato com o pai, as outras mulheres mencionam uma presença paterna em diferentes capacidades. Esse detalhe não apenas mostra a variedade de experiências familiares entre elas, mas também destaca como a presença ou ausência de figuras parentais pode influenciar a formação da identidade racial.

Além disso, a conexão com a família materna é um tema recorrente nos relatos, o que reforça a influência predominante das mães em suas vidas. Através de suas histórias, foi possível perceber como essas interações contribuem para a percepção de si e do outro no tecido social mais amplo.

Este exame das experiências de mulheres nascidas em famílias interraciais não apenas amplia nossa compreensão da identidade racial como um processo contínuo, mas também nos ajuda a reconhecer a diversidade de como essas identidades podem ser vivenciadas, expressas e reconhecidas.

Vimos na literatura que os casamentos interraciais em sua maioria acontecem entre o par: pai negro e mãe branca, quando se refere à configuração entre mulher negra e homem branco os números mostram que os casamentos não acontecem com a mesma frequência. Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) abordou isso em sua tese de Doutorado. A autora apresenta em suas discussões algumas pesquisas importantíssimas que contribuíram para a produção científica que se debruça sobre a temática das relações raciais no Brasil. Aqui daremos destaque ao que a autora selecionou da pesquisa de Elza Berquó que estudou os dados demográficos e censitários decorrentes do período 1960 a 1980 para pensar o cenário matrimonial no Brasil.:

> i) A miscigenação vem sendo realizada muito mais pela preferência afetiva de homens negros por mulheres brancas do que de mulheres negras com homens brancos; ii) as mulheres negras (pardas + pretas) são as menos preferidas para uma união afetiva estável pelos homens negros e brancos, e, por isso, perdem na disputa matrimonial-afetiva para as mulheres brancas; iii) como resultante desta disputa, haveria um excedente de mulheres negras solitárias, sem parceiros para contraírem uma união (Pacheco, 2008, p.5).

Realizando uma breve busca na plataforma Google Acadêmico, em busca de estudos atuais a respeito da temática – encontrei uma monografia de conclusão de curso intitulada: *O padrão dos casamentos inter-raciais no Brasil ao longo das últimas décadas*. Em seu trabalho Braziliano (2022) em que analisa dados do PNAD dos anos entre 1992 e 2015 apresenta alguns dados relevantes, segundo o autor em 1992, casamentos inter-raciais entre brancos e pardos ou pretos eram relativamente comuns, correspondendo a cerca de 19% de todos os casamentos. A tendência de brancos casarem mais com pardos do que com pretos persiste, com um aumento de 17% em 1992 para 27% em 2015.

Nos primeiros nove anos do período analisado, a proporção de casamentos entre homens brancos e mulheres pretas manteve-se abaixo de 1%, mas mostrou uma tendência crescente de 2002 a 2015, atingindo 2,5% nos últimos anos. Em contraste, as uniões entre mulheres brancas e homens pretos aumentaram de 0,9% em 1999 para 3% em 2015.

Os casamentos inter-raciais mais frequentes são entre pardos e brancos. Nos últimos anos, houve um aumento nas uniões com pessoas pretas. Para homens pardos, o aumento foi de 1% em 1992 para 3% em 2015. Para mulheres pardas, o aumento foi de 2% em 1992 para 4% em 2015. Notavelmente, para mulheres pretas, esse tipo de união tornou-se mais significativo a partir de 2006. No entanto, os relacionamentos com pessoas brancas, mais comuns entre homens pretos do que mulheres pretas, demonstraram um aumento contínuo ao longo do tempo Como já apontava Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013); Laura Moutinho (2004) Zelinda Barros (2003).

Gostaria de destacar alguns pontos que considero importantes a partir dos relatos das minhas interlocutoras. Devemos entender que em uma configuração familiar que traz em seu cerne a mescla de mãe branca e pai negro, nos deparamos com uma realidade intricada de experiências e entendimentos que vão além da simplicidade dicotômica de "branco" e "negro". Tal conjunção racial desemboca em uma multiplicidade de vivências que, ainda que nasçam da mesma raiz interracial, não se permitem ser amarradas por um único fio narrativo.

Cada mulher, nascida desse entrelaçamento racial, carrega consigo uma singularidade que desafia as categorias simplistas e os rótulos impostos pelo olhar social dominante. A pele pode ser um pergaminho onde se tenta escrever histórias de pertencimento e alienação, mas a tinta, mistura da ancestralidade e das vivências individuais, recusa a se conformar em traços previsíveis.

Nesse cenário, a relação com a mãe branca torna-se um palco onde se encenam múltiplas formas de branquitude — algumas vezes como privilégio invisível, outras como cumplicidade inconsciente, em outros momentos como a relação que deflagra várias situações de racismo, ou

até mesmo como uma aliada na luta antirracista. A figura do pai negro, por sua vez, é uma lente através da qual se exploram diversas manifestações de masculinidade negra, que podem variar de uma fortaleza de resistência e orgulho a uma arena de vulnerabilidades e desafios.

A relação entre pai e mãe fara parte do imaginário social das mulheres nascidas nesta configuração de relacionamento interracial, mesmo que não tenham convivido com os dois, ou com o pai ou com a mãe, elas possuem consciência do quanto que suas vidas foram moldadas a partir desta relação e o quanto que o que se apresentou enquanto presença ou ausência de amor contribuiu para a compreensão deste em suas vidas.

Sabemos que o Brasil se constituiu inicialmente – a partir do processo de colonização – na mistura entre os povos indígenas que aqui viviam, os brancos portugueses e os africanos que vieram posteriormente roubados de suas nações em África. Kabengele Munanga (2019) nos mostra que a mestiçagem dos três povos neste momento e de outros que aqui foram chegando transformou o nosso Brasil em uma sociedade multicultural, multirracial. No entanto o autor nos alerta o quanto que o processo de branqueamento e higienização da população brasileira foi deixando suas marcas nas nossas identidades individuais e coletivas.

Kabengele Munanga (2019) discorre sobre o fracasso do processo de branqueamento físico no Brasil, mas ressalta a permanência dos ideais da branquitude e de seus mecanismos ainda presentes no "inconsciente coletivo"[31]. Para ele tal ideal persiste influenciando negros e mestiços a aspirarem a identidade branca, considerada por eles como superior, o que compromete a formação de uma identidade baseada na valorização da negritude e da mestiçagem.

Nossa irmã *Conceição* vai nos conectando com esta realidade apontada por Munanga (2019), quando relata sua dificuldade em se reconhecer enquanto mulher negra. Em sua

[31] É importante destacar que a expressão utilizada por Kabengele Munanga (2019) está inserida também na Psicologia. O autor e expoente da Psicologia Analítica Junguiana – Carl Gustav Jung, buscando delimitar as diferenças importantes de sua abordagem da Psicanálise, constrói o conceito de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo: "Essa descoberta significa mais um passo à frente na interpretação, a saber: a caracterização de duas camadas no inconsciente. Temos que distinguir o inconsciente pessoal do inconsciente impessoal ou suprapessoal. Chamamos este último de inconsciente coletivo, porque é desligado do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte, o que obviamente não é o caso dos conteúdos pessoais. O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassaram o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência." (Jung, 2019, p. 77 § 103). Segundo Jung (2019) refere-se a um componente da mente que transcende a experiência pessoal, constituindo-se de uma herança ancestral comum a todos os seres humanos. Essa dimensão do inconsciente é povoada por arquétipos - imagens, padrões e ideias fundamentais que emergem em diversos aspectos culturais, como mitos, sonhos e símbolos. Jung acreditava que o inconsciente coletivo exerce uma influência significativa sobre as experiências e comportamentos individuais, influenciando como interpretamos e interagimos com o mundo, além de conectar pessoas de diferentes épocas e culturas através de um substrato comum.

narrativa ela nos mostra que sua autoidentificação enquanto mulher negra só se torna possível com a sua inserção no ambiente acadêmico, quando passa a questionar várias questões a respeito dos seus traços, seu cabelo etc. No seu caso além da configuração interracial entre pai negro e mãe branca, não foi possível o contato com seu pai e consequentemente com o núcleo negro da família. Seu contato foi restrito a família branca de sua mãe.

Kabengele Munanga (2019) enfatiza a dificuldade que as pessoas negras enfrentam na construção de suas identidades, não só enquanto indivíduos, mas também enquanto grupos, coletivos. em sua análise dos movimentos negros contemporâneos, destaca o esforço destes para formar uma identidade única, centrada nas características específicas do seu grupo. Essa identidade é moldada pela história de seus antepassados africanos escravizados, pela experiência de serem um grupo racialmente marcado e estigmatizado, e por sua exclusão de posições de liderança na sociedade, uma sociedade que se beneficiou do trabalho não remunerado de seus ancestrais. Kabengele Munanga enfatiza que este processo de construção identitária também envolve reconhecer e valorizar a negritude, tanto em termos físicos quanto culturais, resgatando e afirmando a humanidade e a riqueza cultural que historicamente foram negadas a este grupo étnico-racial. Ele reconhece que essa tarefa é desafiadora, principalmente devido às barreiras históricas e contínuas enfrentadas por pessoas negras.

Assim como afirma Kabengele Munanga (2019), acredito que apesar do processo de branqueamento não ter obtido sucesso, na expectativa de brancura física total) o ideal da brancura imposto pelo processo, está incrustrado no inconsciente coletivo, no imaginário social brasileiro e desvincular-se desta ideia é um processo contínuo, doloroso e eu exige muito esforço físico e mental das pessoas.

Portanto, é vital rejeitar a tentação de homogeneizar essas experiências em um discurso único. Devemos, ao invés disso, dar espaço para a pluralidade dessas vozes e histórias, ainda que possamos encontrar similitudes que convergem para um mesmo ponto. É somente ao mergulhar de maneira despretensiosa, em suas narrativas que poderemos começar a desvendar as múltiplas camadas de suas identidades, pertencimentos e estranhamentos que coexistem nessa encruzilhada de mãe branca e pai negro. E talvez, apenas talvez, possamos começar a rabiscar um novo léxico para compreender e reconhecer essa diversidade intrincada.

6.2 Mãe negra, pai branco.

Reconhecer identidades raciais – estando em uma configuração familiar em que a dualidade se faz presente pode ser um grande desafio para pessoas que se autodeclaram negras em algum momento de suas vidas. Das oito interlocutoras, três nasceram de um par composto por mãe negra e pai branco.

Analisando conjuntamente as narrativas já apresentadas anteriormente podemos pensar algumas dinâmicas subjacentes à história de vida de *Carolina e Maria Beatriz,* já apresentadas em suas narrativas anteriores. Ambas refletem a diversidade das relações familiares interraciais brasileiras. Sabemos que no Brasil as relações interraciais mais frequentes se dão na configuração – homem negro – mulher branca. Como apontam Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008, 2013), Lia Vainer Schucman (2018) e Laura Moutinho (2004) e Zelinda Barros (2003). As mulheres negras (pretas e pardas) seriam menos escolhidas tanto por homens brancos, quanto por homens negros para estabelecerem uma união afetiva estável. O que se reflete na descendência/formação familiar do grupo entrevistado em que das oito interlocutoras, apenas três nasceram de pais brancos e mães negras.

Para Ana Cláudia Lemos Pacheco (2003) esta realidade se dá por diversas variáveis como raça, gênero, classe, mas a combinação entre o racismo e o sexismo estabeleceram ao longo da história, um imaginário social em que mulheres negras estariam em desvantagens no mercado afetivo, já que em comparação a outros grupos raciais estas possuem menor poder de "escolha".

Em contrapartida podemos acionar os pensamentos de Frantz Fanon (2008) que afirmava que a mulher negra na sua busca incessante pela brancura, mesmo tendo consciência dos riscos de não se relacionar com os homens negros, seguiam buscando um amante, um marido branco com o intuito de atender seus desejos de branqueamento, por conta do seu complexo de inferioridade sendo a pessoa negra colonizada e o branco colonizador. Vale destacar que a obra Fanoniana Pele Negra Máscaras Brancas aborda questões sobre a identidade racial, colonialismo e psicologia da colonização predominantemente no contexto entre os anos de 1940 e 1950 a partir de suas próprias experiências e observações, sendo ele um homem negro que também viveu um relacionamento inter-racial vivendo entre França e Argélia. O período espaço/tempo fora marcado pelo domínio colonial francês e pelas lutas anticoloniais.

Interessante que na realidade de *Carolina de Jesus,* a única das três mulheres em que seus pais constituíram uma relação afetiva formal. Vale destacar que no caso do pai de *Carolina,* ainda que ele mesmo se identifique enquanto um homem branco, sua naturalidade

nordestina coloca sua branquitude em perspectiva, já que sabemos que o nordeste brasileiro traz em si características regionais importantes que podem influenciar como sua identidade é percebida e vivenciada tanto pessoalmente quanto pelos outros. No Brasil, a noção de cor e raça é frequentemente atravessada por nuances regionais, onde o conceito de "branquitude" pode variar significativamente. Portanto, mesmo que o pai de *Carolina* se leia como branco, as percepções e as experiências sociais relacionadas à sua cor podem ser impactadas pela sua origem nordestina, uma região com uma história rica e complexa de mestiçagem racial.

Por outro lado, os relatos de *Maria Beatriz* e de *Sueli Carneiro* escancaram a ausência e o abandono paterno. O pai branco que desaparece após engravidar a mãe negra, reflete padrões de desigualdades raciais e de gênero que colocam mulheres negras à frente da criação de suas filhas e filhos, muitas vezes sozinhas e sem redes de apoio, por outras vezes compartilhando esta função com outras mulheres negras da família. É importante notar também que, embora *Sueli* não tenha nascido no Brasil, mas na Venezuela, ela compartilha uma realidade semelhante à de *Maria Beatriz*. Ambas são mulheres negras, filhas de mães negras, e foram abandonadas por seus pais brancos.

A correlação entre as três histórias de vida destaca a maneira como que raça, gênero, regionalismo/nacionalidade configuram experiências familiares e pessoais. Ainda que a configuração familiar possa variar, as questões raciais e as consequências das relações interraciais persistem como fatores significativos na construção da identidade e na experiência vivida por mulheres negras no Brasil e em terras irmãs como a Venezuela. Em uma sociedade extremamente desigual, importa a maneira como cada família responderá aos desafios impostos por raça, gênero, classe e outras categorias sociais, na busca por existências que sejam possíveis.

6.3 No final das contas: todo amar é amor, todo amor é amar.

No presente momento, a partir do que se buscou responder em nosso objetivo geral que destacava: Considerando os saberes socialmente construídos e compartilhados pelos grupos e a “encruzilhada” de marcadores sociais interpostos, na qual a mulher negra encontra-se centralizada (Kimberlé Crenshaw, 2002; Carla Akotirene, 2018), pretendeu-se identificar e analisar os significados e as práticas de amor para mulheres negras que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo-sexual com homens ou mulheres brancas apresento às nossas leitoras e leitores a maneira como nossas interlocutoras nomeiam o amor a partir de suas experiências de vida e de seus relações afetivo-sexuais.

Vale a pena aqui, retomarmos a discussão em que a ideia de amor frequentemente difundida socialmente e que permeia nosso imaginário social é a de amor romântico. A construção social do amor romântico como foi apresentada em nosso texto, mostra o quanto esta perspectiva se ancora em valores e normas sociais heteronormativas, sexistas e racistas. Acredito que para falar de amor para mulheres negras foi necessário considerar que a ideia que se difundiu a respeito do amor e a maneira como ele se desenvolveu ao longo da história, excluiu os nossos corpos pretos e muitas vezes a nossa capacidade de encontrar outras maneiras de definirmos ou de construirmos o que para nós realmente é o amor. Enquanto o conceito de amor romântico era construído socialmente, mulheres e homens negras (os) ainda buscavam o reconhecimento de sua humanidade. Já reconhecemos em algumas instâncias que no Brasil de maneira específica a dita liberdade para as pessoas escravizadas, ainda que tenha sido publicizada no ano de 1888, não possibilitou às pessoas negras acessarem espaços de socialização adequados. Saúde, educação, moradia e consequentemente os espaços de relacionamentos afetivo-sexuais não fizeram parte de um planejamento sistemático para acolher toda a população que havia sido liberta, isso acarretou séculos de desigualdades sociais, violações de direitos e o inacesso ao circuito afetivo.

Destacamos que o amor se formatou enquanto um fenômeno humano e multifacetado, permeado por aspectos íntimos pessoais, mas também pelas características sociais e culturais. Encontra-se situado na história e assim como ela foi criando formas, sentidos que ainda se fazem presentes na maneira como o vemos e o vivenciamos.

Quando falamos do amor romântico, enquanto uma construção social, devemos pensar nos processos individuais e coletivos que por sua vez se apresentam nas convicções que são compartilhadas entre pessoas e grupos sociais – que se formam durante toda a nossa trajetória, desde a nossa inserção em um grupo familiar até os diversos grupos que nos conectamos a medida em que nos desenvolvemos enquanto sujeitas e sujeitos adultas (os).

No que tange nossa pesquisa, a partir do exposto anteriormente poderíamos criar uma expectativa de que as mulheres negras que participaram desta pesquisa e que nos apresentaram suas narrativas a respeito do amor, teriam suas experiências que estariam de acordo com o que já descrevemos em nosso texto sobre a ideia do amor romântico, mas como nos narrou *Carolina de Jesus, Lélia, Izildinha, Maria Beatriz*, *Maria Firmina* existe uma construção que reconhece socialmente as características atreladas ao amor romântico, ao mesmo tempo em que reconhecem uma impossibilidade da vivência deste amor, sendo elas mulheres negras .

6.4 Amor romântico

Nossas interlocutoras também reconhecem o amor romântico enquanto uma construção social que atravessa suas vidas. A medida em que avancei no entendimento de que este amor, enquanto um constructo social se apresenta em nossos discursos de várias formas, minhas expectativas em relação às narrativas produzidas pelas mulheres negras foram sendo deslocadas para caminhos que inicialmente não havia sido previstos e isso foi uma ótima surpresa do processo. Enquanto pesquisadora acredito ser importante salientar que os caminhos que desenhamos antes do início da prática real da pesquisa, na maioria das vezes serão redesenhados, principalmente quando nosso movimento se coloca contrário a maré.

Compreendo que a academia formatada pela branquitude, que prevê a neutralidade, o distanciamento entre sujeitas e suas práxis, que valoriza os números e que não considera os saberes localizados, com o discurso de que trabalhos advindos desse locus são puramente identitários, busca a manutenção do *status quo*, em detrimento do reconhecimento de saberes que desafiam a matriz colonial produtora de saber. Coadunando com Carla Akotirene (2019) e Patricia Hill Collins (2021) que apresentam a perspectiva do feminismo negro interseccional de maneira sistematizada, acredito na premissa de que toda a escrita em alguma medida é identitária. Somos todas sujeitas (os) racializadas (os), com nossos gêneros, nossas condições de classe, com nossas sexualidades, em nossos territórios, pertencentes às histórias que foram sendo construídas ao longo dos séculos e que infelizmente por muito tempo foram sendo contadas a partir do privilégio branco – hoje não mais.

Nossas coirmãs que nos contam suas histórias nesta tese, traçaram seus caminhos, suas perspectivas, suas narrativas e de maneira altruísta cederam a nós um pouquinho de tudo que consideraram importante para dizer sobre o amor e seus desafios. Mulheres reais, contando histórias reais.

Dito isso, podemos agora conhecer e reconhecer o que estas mulheres apresentam em suas trajetórias, como enxergam e vislumbram o amor. Elas negam a existência do amor romântico, dos contos de fadas, das novelas, dos filmes da Disney? Vimos em suas narrativas que não, mas sim que – ainda que o reconheçam enquanto construção social, não se enxergam no centro desta possibilidade, se veem à margem deste e buscam circunscrever outras possibilidades.

Voltando para as nossas interlocutoras e suas narrativas sobre a experiência com o amor, foi possível circunscrever que elas nos apresentam uma análise crítica significativa sobre o

conceito de amor romântico, frequentemente idealizado em mídias como novelas e filmes. Esse amor é muitas vezes retratado como universal e emancipatório, mas, como apontam *Carolina de Jesus* e *Lélia*, não necessariamente se aplica ou é acessível às mulheres negras devido às intersecções de raça, gênero e classe que moldam suas experiências.

Carolina de Jesus destaca que o amor romântico não foi "vendido" para mulheres negras, confirmando a nossa literatura que discorre sobre preterimento da mulher negra (Ana Cláudia Lemos Pacheco, 2013; Zelinda Barros 2003; Laura Moutinho, 2004; Lia Vainer Schucman 2018; bell hooks 2021) que elas foram historicamente excluídas dessa narrativa idealizada, que promove uma versão de amor frequentemente inatingível e desconectada de suas realidades. Essa exclusão não é apenas um esquecimento, mas parte de uma estrutura social que frequentemente marginaliza e desvaloriza as mulheres negras, fazendo com que as expectativas de amor romântico pareçam distantes ou até irrealistas. Assim como *Ana Cláudia Lemos Pacheco* que encontrou em sua pesquisa o indicativo de que mulheres negras são excluídas do "... "mercado afetivo" na disputa com as mulheres brancas". (2013, p.349), nossas interlocutoras apontam essa realidade em suas trajetórias.

Segundo Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), mulheres negras muitas vezes são vistas como inaptas para relacionamentos estáveis, como namorar ou casar. Essa perspectiva revela as várias pressões sociais e estigmas associados a relações que fogem aos padrões tradicionais, seja por questões de cor, classe social ou estigmas ligados à sexualidade feminina.

Lélia, por outro lado, reconhece como internalizou essas noções românticas e como elas influenciaram suas expectativas e experiências em relacionamentos. A ideia de "transbordar" e "receber" sem contagem ou comparação que ela menciona pode ser vista como uma tentativa de redefinir o amor de uma maneira que se afasta das transações emocionais muitas vezes presentes no amor romântico tradicional, buscando uma forma mais equilibrada e menos condicional de conexão emocional.

Izildinha Baptista e Maria Firmina expressam uma significativa mudança em sua compreensão do amor, passando de uma concepção idealizada para uma mais pragmática que se distancia da idealização romântica. Izildinha enfoca a companhia e a partilha da vida como essências do amor, rejeitando as fantasias de um romance de conto de fadas em favor de uma parceria mais substancial. *Maria Firmina*, refletindo sobre suas experiências passadas e a influência da cultura popular em sua juventude, chega a desacreditar no amor romântico como algo viável ou desejável em sua vida adulta, ela vai mostrar que suas expectativas agora se focam em relações práticas.

Essas reflexões coletivas indicam um reconhecimento da falha do amor romântico em atender às necessidades e realidades das mulheres negras, levando-as a buscar definições e experiências de amor que são mais aterradas, realistas e alinhadas com suas próprias vivências e identidades. A conversão dessas ideias reflete uma rejeição consciente da idealização do amor romântico e uma reivindicação de autonomia na definição de suas próprias narrativas amorosas.

Nos interessa aqui destacar um ponto de intercruzamento entre o pensamento das mulheres que podemos chamar de consciência racial. A negação da ideia do amor romântico, ainda que exista a consciência da influência de tal perspectiva em suas experiências e expectativas, parte da consciência de que elas são mulheres negras e como esta identidade racial as atravessa inclusive na maneira como enxergam o amor.

Nossas interlocutoras denunciam às pressões socioculturais que frequentemente são impostas às mulheres para priorizarem o amor romântico como o auge da realização pessoal feminina, muitas vezes em detrimento de outras formas de amor e relacionamentos que podem ser igualmente gratificantes.

Outra questão relevante que se apresentou no discurso das mulheres, de maneira mais específica para *Isildinha e Maria Beatriz* é o fato de considerarem relação com seus filhos como um espaço onde o amor, tal como elas o entende, ainda existe. Isso pode apontar para uma visão do amor como algo incondicional e altruísta, qualidades que as duas relatam encontrar mais prontamente nas relações parentais do que nas românticas. O amor na relação parental entre mães e filhos pode representar para as duas um tipo de amor puro, desprovido de interesses secundários, um sentimento possível, disponível para elas. O celibato presente na vida destas mulheres que ao não acessarem relações afetivas amorosas com parceiros, depositam nos filhos a esperança de viver e sentir um novo tipo de amor.

Novamente recorro a bell hooks que nos aponta a importância da relação entre adultos e crianças, pais – mães e filhos na construção do que realmente seria uma relação de amor.

> Não pode haver amor sem justiça. Até que vivamos numa cultura que não apenas respeite, mas assegure direitos civis básicos para as crianças, a maioria delas não conhecerá o amor. Essa nossa cultura, o lar da família nuclear é uma esfera institucionalizada de poder que pode que pode ser facilmente autocrática e fascista.... Em contraste com as mulheres, que podem se organizar e protestar contra a dominação machista, exigindo direitos iguais e justiça, as crianças só podem contar com os adultos bem-intencionados que eventualmente as ajudem caso sejam exploradas e oprimidas em casa. (2020, p.62)

As reflexões de *Isildinha e Maria Beatriz* sobre o amor parental, juntamente com as ideias de bell hooks (2020) sobre as relações entre adultos e crianças, revelam uma importante relação entre amor, justiça e direitos civis. Enquanto *Isildinha e Maria Beatriz* veem em suas relações com os filhos um refúgio para um amor altruísta e incondicional, bell hooks (2020) critica a estrutura da família nuclear por seu potencial de autocracia, destacando a vulnerabilidade das crianças diante das injustiças sociais e domésticas. Para bell hooks, a verdadeira experiência do amor é inseparável da justiça, destacando que sem a garantia de direitos civis e uma proteção efetiva contra a opressão, tanto crianças – quanto adultos enfrentam barreiras significativas para vivenciar o amor plenamente. Essa ligação entre o amor experienciado por nossas irmãs e a análise de bell hooks ressalta a necessidade de um ambiente no qual o amor seja não apenas uma questão de vínculo emocional, mas também de práticas sociais e familiares justas e equitativas.

6.5 Amor como ato político

bell hooks (2021) em sua obra: Tudo sobre o amor nos apresenta uma inovadora proposta para pensarmos o amor. Pensar o amor não somente enquanto um sentimento, uma emoção, mas principalmente como uma ação e uma forma de política. Argumenta que para se amar verdadeiramente é necessário o trabalho, a responsabilidade e compromisso e para que isso seja possível a dominação não poderá existir. A perspectiva apresentada por ela redimensiona a nossa compreensão de amor e nos desloca do lugar socialmente construído como pouso do amor romântico. Somos convocadas a nos afastarmos das idealizações romantizadas que frequentemente dominam as discussões sobre o tema.

Ao contextualizar o amor como uma forma de política, bell hooks sugere que a prática amorosa pode e deve ser incorporada em todos os aspectos da vida social e pública, desde relações interpessoais mais íntimas até formas mais amplas de engajamento social e político. Por exemplo, ela aborda como as dinâmicas de poder desiguais, muitas vezes moldadas por fatores como raça, gênero e classe social, podem impedir a prática genuína do amor. Neste sentido, o amor se torna um ato radical de resistência contra sistemas opressivos e a premissa: não existe justiça sem amor e amor sem justiça passam a balizar a vida de sujeitas e sujeitos, grupos e sociedade.

Apenas *Carolina de Jesus* foi enfática ao determinar que para ela amar se tratava de um movimento de ato político, ao mencionar sua consciência no início de sua vida adulta, quando determinou para si que só se relacionaria com pessoas negras.

O amor enquanto um ato político em que a consciência racial, de gênero e de classe se mostram como ferramentas importantes para mulheres negras que buscam vivenciar o amor não só como prática individual romântica, mas também como força motriz de mudança social coletiva.

Redefinir o amor como uma prática ativa e política, distanciando-se das noções tradicionais de amor romântico para abraçar um compromisso com trabalho, responsabilidade e um desafio à dominação se apresenta como uma possibilidade tanto nos estudos de bell hooks (2020) como na narrativa de *Carolina*, que relata seu despertar político através do movimento Hip Hop e sua decisão consciente de se relacionar apenas com homens negros. Para Carolina, amar torna-se uma extensão de seu ativismo, uma maneira de reafirmar sua identidade e promover solidariedade racial. Ao associar o amor a questões de raça, gênero e classe, tanto bell hooks quanto *Carolina* tratam o amor não apenas como emoção, mas como uma força poderosa capaz de desafiar estruturas sociais opressivas e fomentar transformações coletivas. Ambas propõem uma visão do amor que transcende o pessoal para influenciar o social, incentivando um amor que é ao mesmo tempo curativo e revolucionário.

6.6 Amor como cuidado

Nossas interlocutoras também nomearam o amor enquanto cuidado. Ao retomar os relatos para buscar as conexões entre suas vidas e perspectivas próximas sobre o amor, me chamou a atenção que três das nossas interlocutoras utilizam o termo cuidado quase que como sinônimo do amor. bell hooks (2020) estabelece o cuidado como uma das dimensões importantes do amor assim como o "compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento" — em nosso cotidiano" (bell hooks, 2020, p.130). bell hooks enfatiza ainda: "Ressalto que o cuidado é uma dimensão do amor, mas somente cuidar não significa que estamos amando (2020, p.50)."

Compartilho do entendimento da autora de que o amor em sua complexidade ética compreende várias nuances e dimensões e que cada uma delas terá sua importância. Já nossas interlocutoras apresentam em suas narrativas o cuidado como o princípio fundador do amor: Os relatos de *Conceição Evaristo*, *Maria Firmina e Sueli Carneiro* colocam em perspectiva uma concepção de amor fundamentalmente associada ao cuidado. *Conceição Evaristo* destaca a visibilidade do cuidado, ou a falta dele, especialmente em contextos raciais, onde indivíduos não brancos podem sentir uma ausência de cuidado que transcende as relações pessoais, afetando suas experiências sociais e emocionais. Ela reconhece o amor como uma prática de

cuidado que deveria ser universal, mas que é muitas vezes negado com base em discriminações raciais.

Ainda que elas compreendam o amor a partir da mesma palavra – cuidado, formulam esta percepção com características distintas. *Maria Firmina e Sueli Carneiro*, por outro lado, enfatizam o amor como uma construção ativa e uma prática diária que envolve respeito, afeto e cuidado mútuo. *Maria Firmina* usa o termo "construção" para descrever o amor, destacando que ele é algo que se edifica e se fortalece através do esforço contínuo e da dedicação às relações. Ela vê o amor não apenas como uma emoção, mas como um conjunto de ações – em que o cuidado se apresenta e que cultivam e mantêm laços afetivos.

Já *Sueli Carneiro* ecoa esse sentimento, concebendo o amor como uma forma de nutrição abrangente que alimenta tanto o físico quanto o espírito, reforçando a ideia de que o amor é tanto dar quanto receber em igual medida. Ela sublinha a importância de um cuidado recíproco que sustenta as relações saudáveis.

Portanto, ao abordar o amor como cuidado, destacam a importância de uma reciprocidade e uma prática de amor que seja inclusiva e abrangente, ressaltando que o verdadeiro cuidado deve ultrapassar as barreiras sociais e raciais, promovendo um bem-estar compartilhado. Essa visão desafia novamente as narrativas tradicionais de amor romântico, colocando o foco na ação cotidiana e no impacto transformador do amor individual e coletivo.

bell hooks (2020) ainda a respeito do cuidado nos leva a refletir sobre a maneira como desde as relações familiares, temos a presença, a ausência e muitas vezes o uso inadequado deste nas relações afetivas. Ela destaca que a presença do cuidado em uma relação não isenta a existência de disfunções emocionais. A autora observa que, mesmo em relações longevas ou laços familiares no qual o cuidado é evidente, pode haver uma tendência de se ignorar problemas subjetivos e tantos outros advindos das interações afetivas.

bell hooks (2020) questiona as imagens populares de amor, frequentemente baseadas em uma atração pelo desconhecido e o mistério, que podem afastar do entendimento do amor como uma relação formada por conhecimento e compreensão mútua. Ao invés de aderir a imagens distorcidas do amor que favorecem o lucro midiático, bell hooks propõe uma reflexão sobre como desenvolver relacionamentos realmente amorosos através do conhecimento e da comunicação aberta:

> Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor — “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” — em nosso cotidiano. Só podemos fazer isso de modo bem-sucedido ao cultivar a consciência. Estar

> consciente permite que examinemos nossas ações criticamente para ver o que é necessário para que possamos dar carinho, ser responsáveis, demonstrar respeito e manifestar disposição de aprender. Entender o conhecimento como um elemento essencial do amor é vital, pois somos diariamente bombardeados com mensagens que nos dizem que o amor está relacionado ao mistério, ao que não podemos conhecer. Vemos filmes nos quais as pessoas são representadas amando alguém com quem nunca conversam, indo para a cama sem nunca discutir sobre seu corpo, suas necessidades sexuais, do que gostam e do que não gostam. De fato, a mensagem recebida da mídia é de que o conhecimento torna o amor menos interessante; que é a ignorância que dá ao amor seu caráter erótico e transgressor. Essas mensagens geralmente são trazidas até nós por produtores em busca de lucro, que não fazem a menor ideia de como é a arte de amar, que apresentam suas visões mistificadas porque não sabem de fato como representar genuinamente uma interação amorosa. (p. 130-131)

A partir da visão de amor a partir do cuidado e da crítica feita por bell hooks (2020) em seu trabalho, considero eloquente adentrar em uma esfera delicada: o papel que as mulheres negras foram obrigadas a assumir desde a colonização. A palavra "cuidado" ressoa de maneira no mínimo intrigante na história das mulheres negras, especialmente quando consideramos o legado da colonização e a construção de papéis de gênero racializados. Desde o período colonial, as mulheres negras foram frequentemente relegadas ao papel de cuidadoras, seja nos trabalhos domésticos ou na criação dos filhos de seus “donos”, muitas vezes assumindo a responsabilidade pelo bem-estar de famílias que não eram suas e a impossibilidade de cuidarem dos seus iguais. Esse papel foi imposto e explorado dentro de um sistema que simultaneamente desvalorizava suas próprias necessidades e humanidade.

Penso que nesse sentido o cuidado, enquanto expressão de amor e devoção, torna-se assim ambíguo. Por um lado, é uma habilidade e uma força, refletindo a resiliência e a capacidade das mulheres negras de nutrir e sustentar comunidades, mesmo em face de adversidades extremas. Por outro lado, esse papel de cuidadora foi e muitas vezes ainda é uma imposição que perpetua uma dinâmica de subserviência e exploração. Essa expectativa histórica relegou as mulheres negras a uma esfera de trabalho não remunerado ou mal remunerado, marcado pela falta de reconhecimento e pela invisibilidade.

No contexto contemporâneo, o cuidado continua sendo uma questão central na vida das mulheres negras, mas agora também emerge como um campo de reivindicação de direitos e de redefinição de identidades. Movimentos sociais liderados por mulheres negras têm reivindicado

o reconhecimento do cuidado como um trabalho valioso e necessário, exigindo justiça econômica e social para aquelas que historicamente foram confinadas a esses papéis.

Além disso, há uma crescente conscientização sobre a necessidade de as mulheres negras cuidarem de si mesmas, de suas comunidades e de suas famílias como forma de empoderamento e fortalecimento das identidades. O cuidado, nesse sentido, é reimaginado como uma prática de liberdade e resistência, uma maneira de curar as feridas deixadas por séculos de marginalização e de reafirmar a dignidade e o valor das mulheres negras. Já que no passado tivemos o direito ao cuidado negado para nós mulheres negras, faz sentido hoje clamarmos por ele – destacando-o enquanto a imagem do nosso amor.

6.7 Os relacionamentos

Durante o contato com as narrativas, foi possível compreender o quanto as perspectivas de amor apresentadas por nossas interlocutoras convergem para suas histórias de relacionamentos afetivos inter-raciais e mono-raciais. Das oito mulheres que dedicaram tempo, energia, emoções e sensações para que o trabalho pudesse realmente acontecer quatro se encontravam naquele momento sem qualquer relacionamento afetivo-sexual: *Lélia, Izildinha Baptista, Sueli Carneiro e Cidinha.* Já *Carolina de Jesus* estava namorando com um homem branco, *Maria Firmina* se encontrava casada com um homem branco, *Conceição Evaristo* se encontrava namorando uma mulher branca e *Maria Beatriz* estava em relacionamento aberto com um homem negro.

Foi importante durante o processo de análise das narrativas identificar a dinâmica da intersecção entre raça, gênero, classe e sexualidade, principalmente no que tange as relações afetivo-sexuais de nossas interlocutoras e a maneira como estas foram ao longo de suas vidas formatando a ideia de amor descrita por elas. Como vocês puderam acompanhar ao longo das narrativas individuais, a construção do significado amor, se deu ao longo da vida das mulheres, não somente a partir das suas relações afetivas-sexuais, mas também a partir das próprias relações dos seus pais e outros familiares e de como estas outras experiências serviram de modelo para as suas próprias expectativas.

Nesse momento aproveito o ensejo para discutirmos um pouco a respeito de alguns pontos importantes:

Para isso é essencial tecer os fios que conectam as diversas narrativas e análises apresentadas anteriormente, oferecendo uma compreensão holística das experiências de mulheres negras em relacionamentos interraciais. As histórias compartilhadas por elas, revelam

uma realidade interseccionada, na qual o amor e o afeto são constantemente moldados e influenciados por dinâmicas raciais que são interpostas muitas vezes pela violência, pela dor, decepção, abandono, tristeza, raiva e por outras vezes, pela esperança, felicidade, carinho afeto, desejo etc. A partir de suas narrativas, observamos como a intersecção de raça e gênero, classe e sexualidade não só configura as experiências individuais em relacionamentos amorosos, mas também como afeta a maneira como essas mulheres são percebidas e tratadas por suas famílias, amigos, pares e pela sociedade em geral.

a) O quanto o modelo de amor/relacionamento dos pais se apresenta nas experiências/expectativas de amor das nossas interlocutoras.

No contexto das histórias narradas, observa-se uma influência significativa dos modelos de amor e relacionamento vivenciados pelos pais nas experiências e expectativas amorosas dessas mulheres. A partir das análises realizadas nas entrevistas e depoimentos colhidos, foi possível identificar como as relações familiares moldam e refletem as dinâmicas afetivas das interlocutoras.

Primeiramente, percebe-se que as figuras parentais desempenham um papel crucial não apenas na formação inicial de como o amor é percebido, mas também na maneira como as expectativas em relação aos relacionamentos são construídas. Para nossas entrevistadas, os modelos de amor presenciados na infância, seja na forma de carinho e suporte, na presença paterna e materna, na formalidade da relação dos pais ou através de dinâmicas de abandono, de desconhecimento da figura do pai, do preterimento experienciado pela mãe, pela ausência de relação formal entre os pais, pelo discurso em favor do relacionamento com homens brancos em detrimento dos relacionamentos com homens negros, servem como um molde inicial para suas próprias relações amorosas, mas sempre em busca de outros referenciais e outras possibilidades. Por exemplo, quando *Cidinha* relata o quanto a ausência do seu pai em sua vida (ele homem negro) fez falta para ela já que o relacionamento dele com sua mãe foi dissolvido e como isso afetou sua visão de amor, nossa interlocutora não conseguir nomear o amor durante a entrevista. Cidinha também acrescenta que o término do relacionamento dos seus pais a levou a ter dificuldades em se aceitar enquanto alguém que também merece ser amada.

Além disso, a influência do modelo parental estende-se à maneira como as interlocutoras percebem e internalizam as expectativas raciais e de gênero dentro de seus relacionamentos. Elas discutem como a racialização de suas experiências afetivas está profundamente entrelaçada com as narrativas e expectativas que viram e viveram em suas famílias.

Importante destacar também que, para algumas das interlocutoras, a falta de um modelo parental positivo ou a presença de modelos negativos incitam uma reconfiguração consciente de suas expectativas e comportamentos em relacionamentos. Isso é evidente em relatos que expressam o desejo de transcender as dificuldades vivenciadas pelos pais, buscando relações que rompam com ciclos de abuso, displicência ou desigualdade racial e de gênero.

Portanto, os modelos de amor e relacionamento dos pais não apenas ecoam nas experiências amorosas dessas mulheres, mas também impulsionam uma reflexão crítica e, em muitos casos, uma redefinição de suas expectativas e práticas amorosas. Esse processo de reflexão e adaptação é crucial para entender as nuances dos relacionamentos inter-raciais e as estratégias que as mulheres negras empregam para agenciamento das suas relações, para que que sejam ao mesmo tempo amorosas, respeitosas e que as permitam realmente se sentirem amadas.

b) A experiência do preterimento nas trajetórias de afeto.

Sobre a experiência do preterimento nas trajetórias de afeto, foi possível identificar nas narrativas conexões importantes com aquilo que foi estudado por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), quando aborda em seu livro a solidão das mulheres negras, não somente em suas relações afetivo-sexuais, mas em outros campos de suas trajetórias de vida. A autora aborda a complexa interseção de raça, gênero e afetividade que molda as experiências de solidão vivenciadas por mulheres negras. Pacheco argumenta que, devido a persistentes estruturas de poder racializadas e sexistas, mulheres negras frequentemente enfrentam um isolamento afetivo em sua vida social e romântica.

Segundo Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) mulheres negras em sua maioria, são vistas como inaptas para relacionamentos formais e estáveis, como o namoro, o casamento. Seu trabalho revelou as diversas pressões sociais enfrentadas por mulheres negras. São vários os estigmas que se associam ao fato destas mulheres não ocuparem socialmente o *locus* dos padrões estéticos tradicionalmente difundido pela branquitude. A cor da pele escura, a classe social, a orientação sexual que se localizam fora destes padrões e que se encontram na margem, colocam mulheres negras em situação de preterimento quando o assunto é relacionamento afetivo.

bell hooks (2020) também nos chama à reflexão, quando reconhece que a prática do amor está intrinsicamente ligada ao reconhecimento e à valorização plena da humanidade do outro, algo que estruturalmente é negado às pessoas de cor devido a maneira como o racismo

se sistematizou ao longo dos séculos. Isso me remete novamente a autora Audre Lorde, quando enfatiza que o racismo, o machismo a heteronormatividade e a homofobia são “formas de cegueira humana (2019)”, que emergem da mesma matriz, da dificuldade que temos em reconhecer as diferenças enquanto força dinâmica presente na humanidade, reconhecer estas diferenças para Audre seria muito mais enriquecedor do que ameaçador para a existência humana, enquanto definição de indivíduo com os mesmos objetivos, o de existir.

Nos encontros realizados com nossas interlocutoras foi possível identificar também o quanto que os estereótipos raciais, de gênero e sexualidade não só marginalizam as mulheres negras, mas também distorcem suas representações na mídia e nas narrativas sociais, contribuindo para uma visão distorcida de sua desejabilidade e valor. Essa marginalização se manifesta em diversos contextos, desde a dificuldade em estabelecer e manter relacionamentos íntimos até a invisibilidade em espaços públicos e na mídia.

Assim como Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), que estudou a solidão na vida das mulheres negras de Salvador, também foi possível acessar esse fenômeno na narrativa das nossas interlocutoras. Mesmo que a palavra solidão não tenha sido dita por elas, mas os relatos se mostraram carregados de afeto, de tristeza em alguns momentos, principalmente quando traziam as suas experiências com a ausência de parceiras ou parceiros, os relacionamentos tardios, as relações não formadas, na maioria das vezes não nomeadas e não assumidas.

Nas narrativas individuais que também denunciam situações coletivas foi possível perceber a maneira como as mulheres negras experimentam ao longo de suas vidas, situações em que se sentem incapazes de serem amadas, principalmente quando falamos de relações afetivas formais. A experiência de preterimento nas trajetórias afetivas das mulheres negras é um tema recorrente que se manifesta de diversas formas em suas narrativas. As histórias compartilhadas por *Lélia Gonzáles, Maria Beatriz, Carolina de Jesus, Cidinha e Izildinha Baptista* ilustram as várias dimensões desse preterimento, que vai desde a marginalização em relacionamentos amorosos até o enfrentamento de relações abusivas.

Lélia relata como suas relações iniciais foram marcadas pelo sigilo e pela rejeição, um padrão doloroso que revela não apenas o racismo, mas também a misoginia que impacta diretamente as mulheres negras em suas tentativas de formar conexões amorosas. Esse ocultamento é um reflexo de como o amor e o afeto são negados a essas mulheres dentro de um contexto social que valoriza padrões brancos de beleza e desejabilidade.

Maria Beatriz expande essa discussão ao destacar a tolerância das mulheres negras em relação a relacionamentos abusivos, impulsionada pelo medo do isolamento e pelo estigma do celibato. Essa aceitação, conforme descrita, surge de uma pressão cultural para evitar tornarem-

se a "tia velha" não casada, evidenciando como as pressões sociais moldam suas escolhas afetivas de maneiras profundamente problemáticas.

Outro ponto importante que marca a reflexão de *Maria Beatriz é* a realidade apresentada em sua narrativa sobre as disparidades raciais nas experiências afetivas e românticas, principalmente no que tange a relação formal. Ela observa uma diferença marcante entre as trajetórias amorosas de suas amigas negras retintas em comparação com as mulheres brancas de sua convivência – enquanto estas parecem desfrutar de uma estabilidade e casamentos duradouros, descritos metaforicamente como “relacionamentos margarina” – que coaduna com um imaginário social de harmonia e felicidade doméstica, em que os papéis de gênero são estabelecidos binariamente -, as mulheres negras em seu círculo social enfrentam uma realidade bem diferente.

Maria Beatriz aponta que a maioria das mulheres negras que conhece estão solteiras, envolvidas em relações em que são marginalizadas como amantes, ou constantemente em busca de parcerias significativas através de aplicativos de namoro e interações sociais, sem sucesso. Esta descrição não apenas sublinha a solidão e a marginalização, mas também ressalta a persistência dessas mulheres em buscar o amor, apesar das adversidades.

O contraste nítido entre as experiências de amor vivenciadas por mulheres brancas e negras, conforme descrito por *Maria Beatriz*, exemplifica a interseção entre raça e gênero que define o campo das relações afetivas e matrimoniais, como bem apontado pelos estudos de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008, 2013); Lia Vainer Schucman (2018); Laura Moutinho (2004) e Zelinda Barros (2003) que correlacionam raça e gênero com a dificuldades que mulheres negras encontram no mercado afetivo-sexual e matrimonial. Isso reflete padrões mais amplos de desigualdade e preconceito que permeiam a sociedade, em que o racismo e os estereótipos raciais influenciam profundamente quem é considerado desejável ou digno de amor e compromisso a longo prazo.

A afirmação final de *Maria Beatriz* — "Então para mim se existe o amor ele é para mulher branca, ele não é para mim não" — é uma expressão crítica que pode chocar, em um primeiro momento, mas que diz muito das suas experiências nas relações afetivas e que conversa com narrativas coletivas de outras mulheres negras. Ela desafia a narrativa convencional do amor universal e incondicional, apontando como as estruturas sociais e raciais moldam as oportunidades e percepções do amor. Ela nos convoca a pensar que que o amor, tal como é socialmente reconhecido e valorizado, parece reservado exclusivamente para mulheres brancas, excluindo mulheres negras de um dos aspectos mais fundamentais da experiência humana.

Por outro lado, *Carolina* expressa uma resignação antecipada em relação ao sentimento de abandono experimentada em seus relacionamentos, independentemente da cor do parceiro, o que nos aponta para uma internalização do preterimento tão profunda que a expectativa de rejeição se torna uma premissa para suas interações afetivas. Esse sentimento é corroborado por sua experiência de ser reconhecida como uma parceira potencial somente depois dos 30 anos, o que enfatiza a invisibilidade e a marginalização prolongadas enfrentadas por mulheres negras.

Cidinha oferece um olhar sobre como a desvalorização afetiva se entrelaça com ataques diretos à sua aparência e identidade racial, ilustrando como o racismo se manifesta de maneira crua nas dinâmicas sociais e afetivas. Suas experiências na escola, onde foi alvo de comentários depreciativos sobre sua atratividade, mostram como a desumanização começa cedo e se infiltra em todas as áreas da vida. A solidão e o preterimento não se apresenta apenas nas relações afetivas-sexuais e *Cidinha* nos narra isso.

Finalmente, ainda que a narrativa de *Izildinha Baptista* oferece um vislumbre de uma experiência um pouco mais positiva, ao dizer de sua primeira relação sexual, considerada positiva, ela menciona o tardio beijo dado apenas com 18 anos. Vale destacar aqui o quanto a experiência coletiva dentro dos grupos sociais, aos quais pertencemos terá um papel fundamental na maneira como nos relacionamos com o mundo. Ao se comparar com as outras meninas de seu grupo *Izildinha* afirma que ela foi a última a beijar. Ainda que para meninas negras o afeto não chega da mesma maneira que para meninas brancas as cobranças para se encaixar no grupo se apresentam para estas meninas, tornando a sensação de ser preterida ainda mais dolorosa.

Essas narrativas individuais, mas também coletivas apontam para a necessidade urgente de reavaliar e desafiar as normas sociais e raciais que continuam a limitar severamente a capacidade das mulheres negras de experimentar o amor e o afeto de maneira plena e fluida.

No que tange os relacionamentos inter-raciais e seus desafios, poderíamos elencar vários pontos que consideramos compor um terreno espinhoso para mulheres negras que se relacionam com pessoas brancas.

Primeiramente acho importante destacar que das oito mulheres negras que contaram suas histórias, apenas três estavam envolvidas em relacionamentos inter-raciais no momento do nosso encontro. *Carolina (*estava se relacionando com um homem branco*), Conceição Evaristo (*estava namorando com uma mulher branca*) e Maria Firmina (*estava casada com um homem branco*). Izildinha* era a mulher que estava sem se relacionar com nenhum parceiro há mais tempo. Inclusive em sua narrativa ela pontua e identifica a impossibilidade de viver um amor romântico, optando pelo celibato, até que seu amor, que tenha a sua cor seja possível, enquanto

isso afirma que o amor possível para ele naquele momento seria apenas o que tinha por sua filha. O que me fez pensar muito nas mulheres negras escravizadas, que foram impossibilitadas de amar seus próprios filhos, quando eram separadas deles e obrigadas a cuidarem dos filhos dos seus "donos".

Dito isso, um desafio que podemos elencar está no fato de que todas as mulheres exceto a *Sueli Carneiro* narram a dificuldade que encontraram ao longo de suas vidas em formalizar ou manter as suas relações.

c) Os relacionamentos inter-raciais e seus desafios.

Os relacionamentos inter-raciais carregam uma série de desafios que são frequentemente amplificados pelas dinâmicas de poder, de gênero e preconceito racial. Nas entrevistas analisadas, as mulheres negras compartilham suas experiências e reflexões sobre esses relacionamentos, ilustrando as tensões específicas que surgem quando elas se envolvem amorosamente com parceiras (os) de outra cor, especialmente brancos.

Um dos desafios mais evidentes é a negociação de identidades e a maneira como o racismo estrutural impacta essas relações. Frequentemente, as mulheres negras em relacionamentos inter-raciais enfrentam não apenas o racismo externo, mas também dinâmicas raciais complicadas dentro da própria relação. Por exemplo, algumas relatam que seus parceiros brancos podem não reconhecer ou validar suas experiências de racismo, ou podem inadvertidamente perpetuar comportamentos racistas.

Frantz Fanon (2020) quando aborda no capítulo dois do seu livro *Pele Negras, Máscaras Brancas* as relações afetivas entre mulheres negras e homens brancos, enfatiza o quanto esta relação será atravessada por questões inclusive de ordem psíquica que devem ser consideradas importantes. O autor explora a dinâmica destas relações e enfatiza que muitas vezes a mulher negra será objetificada e exotificada pela sociedade dominante branca, sendo vista através de uma lente ampliada de estereótipos raciais e sexuais.

Para o autor esta objetificação está enraizada na história colonial em que o desejo do homem branco pela mulher negra é simultaneamente um ato de dominação e de fascínio pelo "outro". Ele apresenta uma discussão importantíssima sobre o impacto psicológico que estas relações têm sobre as mulheres negras, que muitas vezes internalizam sentimentos de inferioridade e alienação. Frantz Fanon (2020) crítica a ideia romântica de que essas relações possam ser vistas como uma forma de superação das barreiras raciais. Em vez disso, ele argumenta que elas frequentemente reforçam as hierarquias raciais e de poder existentes.

Sobre a questão da objetificação dos corpos negros, todas as nossas interlocutoras narram alguma situação em que se sentiram objetificadas principalmente por homens em oposição àquelas que relatam uma diferença significativa quando a relação era com outra mulher.

As narrativas de *Conceição* e *Izildinha* ilustram a problemática da objetificação e do fetichismo que permeiam muitas relações inter-raciais, refletindo as análises de Frantz Fanon em "Pele Negra, Máscaras Brancas". *Conceição* compartilha sua experiência pessoal, destacando uma diferença no tratamento que recebeu de parceiras brancas em comparação com homens brancos e negros. Ela observa que, enquanto não se sentiu objetificada pelas mulheres com quem se relacionou, a hipersexualização e objetificação foram predominantes em seus relacionamentos com homens, independentemente da raça. Ela nos apresenta uma dinâmica de poder influenciada por gênero e raça, no qual em se tratando de relacionamentos com mulheres, estes podem oferecer um espaço de interação menos marcado por estereótipos sexuais.

Isso nos leva a reflexão apresentada por Audre Lorde (2019) que conceitua heteronormatividade como: “A crença da superioridade inerente a um padrão de amor, o que implicaria seu direito à dominância” (p.55)”. Essa heteronormatividade compulsória que muitas vezes colocam mulheres – umas contra as outras, mantendo o *status quo* em que os homens seguem com o poder de dominação dos nossos corpos.

Concordo com a autora, quando em sua análise das relações afetivas entre mulheres enfatiza que as mulheres negras que estabelecem suas próprias metas e aspirações para além do contexto do envolvimento sexual possuem uma notável habilidade para impulsionar qualquer iniciativa, contribuindo para a formação de pessoas íntegras e, consequentemente, fortalecidas.

Ainda sobre a contribuição de Audre Lorde (2019) que se declara:

> Como mulher lésbica negra, feminista e socialista de 49 anos, mãe de dois, incluindo um menino, e integrante de um casal interracial, eu geralmente me percebo como parte de algum grupo definido como outro, desviante, inferior ou simplesmente errado (p.141).

Em seu livro *Irmã Outsider* a autora nos convoca para uma importante reflexão ao abordar as relações lésbicas entre mulheres negras e o quanto a lesbianidade é encarada muitas vezes como ameaça tanto por mulheres negras, como por homens negros. Também interseccionando raça, gênero e sexualidade ela discute amplamente as dinâmicas de poder,

identidade e as lutas contra as opressões múltiplas, que são muito pertinentes ao contexto brasileiro.

A autora também enfatiza o quanto que mulheres negras lésbicas dentro do movimento LGBTQIAPN+ enfrentam camadas adicionais de marginalização. Como vimos dentre as mulheres negras que participaram desta pesquisa apenas três se relacionaram com outras mulheres e destacaram pontos importantes de suas relações. Dito isso corroborando com as discussões de Audre Lorde (2019) enfatizo o quanto esta discussão sobre a lesbianidade é relevante para as discussões sobre relações inter-raciais, já que vimos o quanto a dinâmica de poder machista atravessa nossas experiências e trajetórias de vida enquanto mulheres e o quanto nossos afetos são atravessados pelas questões raciais, de gênero e de orientação sexual.

Gostaria de destacar ainda o quanto as discussões a respeito dos relacionamentos entre lésbicas, mesmo entre mulheres negras ainda se encontram apagados em nossa história. Entre nossas interlocutoras *Carolina de Jesus* se apresenta enquanto mulher bissexual, apenas *Conceição Evaristo* se apresenta inicialmente como bissexual, mas durante nosso encontro diz não saber mais se é bi ou lésbica, já que não se vê mais em relacionamentos com homens *e Sueli Carneiro* se autodeclara lésbica. Em alguma medida há um reconhecimento das três que nas relações com mulheres a questão de gênero traz alguns pontos importantes. *Carolina* por exemplo enfatiza que apesar de compreender que nas relações com mulheres estas questões pontuadas podem facilitar as relações afetivas lésbicas, reconhece também que no que diz respeito à raça, assim como os homens brancos às mulheres brancas não alcançam as dimensões raciais e a dinâmica racista posta para pessoas negras e isso atravessa qualquer relação inter-racial entre pessoas negras e brancas.

Por outro lado, Izildinha Baptista fala diretamente sobre a persistência de estereótipos raciais e sexuais em relações inter-raciais, em que indivíduos negros são frequentemente vistos através de lentes fetichistas, reduzidos a estereótipos de virilidade ou competência sexual. Essa visão ressalta a continuidade das percepções coloniais que Frantz Fanon (2020) critica, relações inter-raciais que são marcadas por um desequilíbrio de poder e uma superficialidade que impede o reconhecimento da plena humanidade dos indivíduos negros.

Essas observações revelam como as dinâmicas de poder, raça e gênero se entrelaçam de maneiras estruturais em contextos inter-raciais. Ainda que haja nuances nas experiências individuais, como indicado pela diferença entre as relações de *Conceição* com mulheres versus homens, o tema comum é a objetificação racial. Essa discussão reforça a necessidade de uma reflexão crítica sobre como as relações amorosas podem reproduzir ou desafiar as estruturas de poder racializadas, conforme sugerido por Fanon.

Considero importante acrescentar nesta análise outro ponto que pode nos ajudar a traçar outros caminhos possíveis. Como vimos histórias de vida individuais que de alguma forma também tratam de trajetórias coletivas, se faz necessário pontuar que ao longo de nossos encontros encontramos relatos que diziam da capacidade de cada uma das nossas interlocutoras realizarem uma autocrítica de suas vidas, suas relações afetivas e a maneira como viveram ou não a experiência do amor.

Dito isso, cabe mencionar que as histórias que nos foram narradas também nos diz da capacidade de mobilidade social e sobretudo do direito ao agenciamento de suas próprias vidas e desejos. Nossas interlocutoras demonstraram o agenciamento de suas próprias vidas, de seus afetos e escolhas amorosas. Em se tratando da discussão sobre os relacionamentos inter-raciais que elas viveram podemos nos conectar com o que disse Patricia Hill Collins (2019): caracterizar o sexo inter-racial puramente em termos da vitimização das mulheres negras seria uma distorção, porque essa representação priva as mulheres negras de agência (2019, p.276). O agenciamento de suas próprias vidas, de seus próprios desejos é imprescindível para que mulheres negras sejam realmente livres, decidir como, quando e com quem se relacionar pode ser uma arma potente de enfrentamento as mais diversas formas de violências impostas por intersecções entre raça, gênero, classe e sexualidade.

De volta aos desafios podemos citar também, a questão da aceitação familiar como um ponto crítico. Nossas interlocutoras relatam que as famílias de suas parceiras (os) brancas (os) podem demonstrar resistência ou aberto preconceito contra elas. Esse aspecto é particularmente doloroso e desafiador, pois coloca as mulheres negras em situações em que precisam constantemente se defender ou provar seu valor em ambientes que deveriam ser acolhedores e de suporte emocional.

Outra camada de desafio nos relacionamentos inter-raciais é a expectativa de que as mulheres negras se conformem diante dos padrões de comportamentos ou beleza que são culturalmente brancos. Isso não só perpetua a marginalização das identidades negras, mas também pressiona essas mulheres a negarem partes essenciais de si mesmas para serem aceitas ou amadas. Este fenômeno é um reflexo de como os padrões de desejabilidade são moldados por uma hierarquia racial que valoriza a brancura.

Além disso, a questão da solidão e do isolamento é outro tema recorrente. Mesmo dentro de relacionamentos amorosos, nossas interlocutoras negras se sentem isoladas devido à falta de compreensão ou apoio em enfrentar o racismo cotidiano. Esse isolamento pode ser exacerbado quando seus parceiros, não compartilhando a mesma identidade racial, falham em reconhecer ou confrontar as dinâmicas raciais que afetam suas parceiras.

A construção de um relacionamento inter-racial requer um compromisso constante com a reflexão crítica, a empatia e a ação antirracista. Para as mulheres negras, negociar essas relações significa navegar um campo minado de micro agressões, preconceitos internalizados e desigualdades sistêmicas que podem desgastar o tecido do amor e da parceria.

Portanto, enquanto os relacionamentos inter-raciais têm o potencial de serem espaços de compreensão mútua e crescimento conjunto, sem um compromisso firme com a justiça racial e a igualdade, eles podem também reproduzir e perpetuar as mesmas estruturas de opressão que buscam superar.

Outra questão a se considerar é fato de que algumas mulheres negras se tornaram mães de filhos da união com homens brancos. *Izildinha* tem uma filha nascida do seu casamento que naquele momento completaria 18 anos de idade, *Maria Firmina* um casal de filhos uma adolescente de 15 anos e outro adolescente de 10 anos de idade, *Maria Beatriz* dois rapazes negros de 20 e 18 anos de idade e *Sueli Carneiro* um menino com 3 anos de idade.

Foi possível também – a partir da análise das narrativas identificar as encruzilhadas em que raça e identidade atravessam as experiências de maternidade das mulheres negras que se relacionaram com homens brancos. Maria Firmina e Izildinha Baptista compartilham vivências em que a percepção pública sobre a maternidade e identidade racial são distorcidas por estereótipos estruturalmente racializados.

Izildinha relata incidentes que mostram como as identidades são frequentemente lidas através de lentes raciais estereotipadas. As suposições de que ela poderia ser a babá de sua própria filha, em vez de sua mãe, refletem expectativas raciais enraizadas que associam mulheres negras a papéis subalternos. Além disso, a experiência compartilhada sobre a frustração de sua filha em não encontrar representações de mães negras em revistas para uma atividade escolar destaca a falta de representatividade e a invisibilidade das mulheres negras em muitas áreas da vida pública e cultural.

Como pontuado Silvio Almeida (2018) o racismo estrutural se apresenta em todas as áreas das vidas de pessoas negras e não seria diferente nas relações afetivas e familiares. Mães de crianças nascidas de relacionamentos inter-raciais que precisam lidar com o racismo perpetrado contra elas mesmas no exercício da maternidade e ainda nas violências raciais que suas filhas e filhos passam me faz pensar novamente na realidade colonial em que mães pretas alimentavam os filhos brancos de seus donos, mas não podiam alimentar seus próprios filhos, muitas vezes arrancados de seus braços para serem vendidos como mercadoria. Que possamos seguir o alerta dado por Audre Lorde (2019): “concentrar nossas atenções na luta contra as

verdadeiras forças econômicas, políticas e sociais que estão no coração dessa sociedade e que nos destroem, destroem nossas crianças e nossos mundos (p.56-57).”

Esses relatos sublinham o desafio contínuo enfrentado pelas mulheres negras em afirmar sua identidade e maternidade em uma sociedade que frequentemente distorce e marginaliza suas experiências por meio de lentes raciais. A mestiçagem nesses contextos não dilui as realidades do racismo; pelo contrário, ela complica ainda mais as interações sociais ao introduzir dinâmicas de cor de pele e ascendência que influenciam como as pessoas são percebidas e tratadas. A experiência dessas mães revela como o racismo não é apenas uma questão de preconceito individual, mas um problema enraizado em estruturas sociais mais amplas que afetam as relações familiares, a interação social e o acesso a direitos e reconhecimento de identidades individuais e coletivas, como bem apontou Kabengele Munanga (2019).

Este capítulo explorou a concepção de amor para mulheres negras, articulando-a com as intersecções de raça, gênero, classe e sexualidade. A análise revelou que, para essas mulheres, o amor é frequentemente atravessado por dinâmicas de poder e opressão, refletindo as complexidades de suas identidades e experiências vividas.

As narrativas compartilhadas pelas entrevistadas destacam uma série de desafios em suas trajetórias afetivas. O amor, muitas vezes idealizado e difundido midiaticamente como um refúgio seguro contra as adversidades do mundo, revela-se para as mulheres negras um campo minado de exclusões e preterimentos. Este fenômeno é particularmente evidente no contexto dos relacionamentos inter-raciais, sobretudo porque o racismo e o fetichismo surgem como barreiras adicionais, complicando ainda mais a busca por conexões que sejam validadas.

A discussão também trouxe à tona o preterimento afetivo e o celibato compulsório também apresentado por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008, 2013), uma realidade dolorosa que muitas mulheres negras enfrentam. As histórias de amor e relacionamento dessas mulheres não são apenas narrativas pessoais como pode ser constatado na revisão da literatura; são também reflexos de uma sociedade que constantemente marginaliza e desvaloriza, objetifica, escraviza os corpos negros, especificamente aqui os femininos. O amor romântico, frequentemente celebrado como universal e acessível, é, na prática, uma experiência que muitas mulheres negras encontram ser permeada por processos excludentes.

Além disso, as interlocutoras descreveram o amor não apenas como uma emoção, um afeto, mas como um ato de resistência e uma necessidade de redefinir o amor de maneiras que afirmem sua dignidade e humanidade. Como bem nos aponta bell hooks (2020) O amor é ação, afeto, responsabilidade, é um ato de vontade, é movimento é cuidado, é apoio, o amor é político e impossível de ser concebido sem justiça social. Isso inclui o reconhecimento de que o cuidado,

uma dimensão central do amor, deve ser descolonizado e desvinculado das expectativas raciais e de gênero que historicamente relegaram as mulheres negras a posições de servidão emocional e física.

Encerrando, este capítulo não apenas delineia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras em suas experiências amorosas, mas também celebra a sua resiliência e a capacidade de reimaginar, reinventar, ressignificar o amor. Este reimaginar é uma forma de resistência contra as estruturas opressivas, um caminho para a libertação pessoal e coletiva. Ao fazer isso, as mulheres negras não apenas desafiam as narrativas dominantes sobre o amor e o desejo, mas também traçam novos caminhos para entender o amor como um pilar fundamental para a justiça social e a transformação.

7 CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SE PROPÕEM SEREM FINAIS...

Não Quero Mais Amar a Ninguém

Não quero mais amar a ninguém
Não fui feliz, o destino não quis
O meu primeiro amor
Morreu como a flor, ainda em botão
Deixando saudades/espinhos que dilaceram meu coração

O que dou prefereza hoje em dia
É viver com bastante alegria
E que o sorriso que será para esconder
Saudades, que me faz sofrer!

Semente de amor sei que sou desde nascença
Mas sem ter a vida e fulgor, heis minha sentença
Tentei pela primeira vez um sonho vibrar
Foi beijo que nasceu e morreu, sem se chegar a dar

Às vezes dou gargalhada ao lembrar do passado
Nunca pensei em amor, nunca amei nem fui amado
Se julgas que estou mentindo, jurar sou capaz
Foi simples sonho que passou e nada mais

Não quero mais amar a ninguém
Não fui feliz, o destino não quis
O meu primeiro amor
Morreu como a flor, ainda em botão
Deixando saudades/espinhos que dilaceram meu coração

Composição: Carlos Cachaça / Cartola / Zé da Zilda.

A tecitura desta tese teve como objetivo principal – considerando os saberes socialmente construídos e compartilhados pelos grupos e a "encruzilhada" de marcadores sociais interpostos, na qual a mulher negra encontra-se centralizada (Kimberlé Crenshaw, 2002; Carla Akotirene, 2018), pretendeu-se identificar e analisar a experiência de amor para mulheres negras que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo-sexual com homens ou mulheres brancas e especificamente: retomar e discutir a noção de amor enquanto uma construção histórica, social e psicossocial a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas;

compreender como gênero, raça, classe, afetividade e sexualidade impactam as noções de amor dessas mulheres.

Ao longo de todo o processo desde a escolha do tema até estas palavras que aqui estão sendo registradas, foram muitos os desafios para que fosse possível a concretização do sonho inicial de se compreender o amor a partir das narrativas de mulheres negras coirmãs que se dispuseram doar parte de suas histórias de vida para que a pesquisa realmente pudesse acontecer.

Impelida pela proposta epistemológica e metodológica do feminismo negro interseccional busquei ao longo dos 6 longos anos de doutorado, atravessados pelo fenômeno social chamado COVID-19, me conectar com cada uma das histórias narradas por nossas oito interlocutoras e consequentemente com minha própria história de vida, enquanto uma mulher negra que também vivencia um relacionamento interracial com um homem branco e que também buscava nomear sua própria concepção sobre o amor.

A COVID-19 nos forçou sairmos da nossa zona de conforto em todos os sentidos, nossas vidas nunca mais serão as mesmas pós a catástrofe que assolou a vida de tantas pessoas no mundo inteiro. Nós perdemos amigas (os), familiares, amores que se foram e que nunca mais voltarão. A irresponsabilidade do governo do período nebuloso que vivemos entre 2018 e 2022, desmantelou a ciência e tirou o direito de milhares de brasileiros que poderiam ter se vacinado e provavelmente ainda estariam em nosso meio.

Por vezes eu desacreditei que continuaria viva e que seria realmente possível terminar a tese. Foram longos anos desde o primeiro *Lockdown* até a primeira vez que pude me sentar em uma cadeira de bar para tomar uma cerveja gelada com amigas e amigos, sem precisar me preocupar em usar máscaras. Foram longos anos entre a qualificação do meu projeto de doutorado que ocorreu em outubro de 2020 até o presente ano de 2024 e foram longos anos desde o primeiro contato com minha primeira entrevistada *Carolina* até a escrita destas considerações que não se propõem serem conclusões finais.

Inicialmente a proposta era que fossem realizadas doze entrevistas com mulheres negras que seriam divididas em dois grupos: seis mulheres deveriam ser autodeclaradas heterossexuais e seis não heterossexuais. O critério de escolha para alcançarmos este número era o critério *bola de neve*. Nesta proposta a partir da primeira participante outras seriam acessadas, por indicação sucessiva à medida que fossemos avançando com nossos encontros. Infelizmente a estratégia não funcionou naquele momento exatamente por conta da pandemia. A pesquisa não prosseguiu por um período até que foi decidido que as entrevistas aconteceriam de maneira remota e seriam gravadas a partir de uma plataforma de conversas online.

A medida em que o tempo passou e algumas participantes que já haviam sinalizado o interesse em participar, declinaram do convite, por motivos diversos, como por exemplo o fim do relacionamento durante a pandemia, as opções para contactar as mulheres foram ficando escassas, até o momento que resolvi utilizar a rede social *Instagram* para fazer uma postagem sobre minha pesquisa e para convidar mulheres negras acima de dezoito anos de idade, que residissem em Belo horizonte ou na região metropolitana, que estivessem ou que já haviam se relacionado com homens e/ou mulheres brancas por no mínimo seis meses.

Além da postagem no *Instagram,* foram elaboradas uma carta convite para ser enviada para as participantes e o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que constarão em anexo no final do texto.

Para a produção das narrativas foi imprescindível o encontro, ainda que de forma virtual, com cada uma das minhas interlocutoras. Digo encontro pelo fato de que seria na encruzilhada de raça, gênero, classe, sexualidade e afetividade que se dariam nossas produções das histórias. Tanto eu quanto minhas coirmãs compartilhamos de experiências de vida que apesar de terem sido vividas nas individualidades, produzem e reproduzem trajetórias coletivas afrodiaspóricas.

Esta tese aconteceu nas encruzilhadas entre amor, raça, gênero, classe, sexualidade, afeto, dor, raiva e tantos outros elementos que se apresentam na vida das mulheres negras e em suas histórias. Escutar cada uma das minhas coirmãs e aos poucos acessar suas versões do amor, no enfoque da interseccionalidade e na maneira como histórias são formatadas a partir de relações micro e macrossociais, me colocou várias vezes em perspectiva. Precisei por vezes acessar minhas próprias histórias para dar conta de escutá-las.

Quando nasceu a proposta desta tese, eu realmente não fazia ideia do quão difícil seria a tarefa de mergulhar a vida das mulheres negras para buscar compreender como elas construíram suas versões do que nomeamos como amor ao longo da história. Não imaginava que os encontros seriam repletos de afeto, de pausas, de dores, tristezas, mas também de alegria, sorrisos e outros bons sentimentos.

Para dar conta daquilo que havia sido proposto no projeto de qualificação, escolhas tiveram que ser feitas. O material produzido por cada uma das entrevistas/encontros, com cada uma das oito mulheres é amplo e muito denso e aborda muitas temáticas que extrapolam os objetivos traçados inicialmente, ainda no ano de 2020, quando ainda estávamos no auge da pandemia da COVID-19. Inclusive, aproveito o ensejo para trazer às minhas leitoras (es) algo que pensei durante toda a minha escrita, mas que só agora consegui tracejar.

Este trabalho buscou compreender as múltiplas camadas de amor, raça, gênero, classe e sexualidade nas experiências de mulheres negras que se relacionam ou se relacionaram com

pessoas brancas. As narrativas detalhadas forneceram um vasto campo no qual essas interseccionalidades moldam as relações afetivas e a autopercepção dessas mulheres dentro de um espectro social que frequentemente marginaliza suas vozes e vivências.

As narrativas coletadas destacam uma realidade já apresentada na revisão da literatura: o amor romântico, enquanto ideal amplamente celebrado, muitas vezes se revela inacessível ou distorcido quando filtrado pelas lentes de raça e gênero, o que fica explicito é que ao se tratar das mulheres negras, na maioria das vezes restará o celibato compulsório, a dedicação quase que exclusiva ao amor materno/fraterno, a dificuldade em se manterem em relacionamentos formais, o abandono do genitor de seus filhos, a violência perpetrada pelos próprios companheiros – como já pontuava Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013); Lia Vainer Schucman, (2018); Moutinho (2004).

Foi possível também identificar a importância do letramento racial, de gênero de classe para as mulheres negras que narraram suas histórias, inclusive para desenvolverem estratégias para o enfrentamento do racismo na vida cotidiana, inclusive nas situações que se apresentam dentro das suas relações familiares em suas próprias casas, no espaço educacional, no trabalho como já nos apontavam (Zelinda Barros, 2003; Laura Moutinho, 2004; 2006; Ribeiro, 2018).

A ideia do "amor para mulher branca", como expresso por uma das interlocutoras, encapsula a exclusão sistêmica das mulheres negras de um roteiro cultural de amor e relacionamentos que valoriza padrões eurocêntricos de desejabilidade e comportamento.

A discussão em torno dos relacionamentos inter-raciais e a constante objetificação e fetichização revelam as dinâmicas de poder desiguais em jogo. A hipersexualização das mulheres negras, tanto por parceiros brancos e por vezes também pelos parceiros negros, é uma realidade dolorosa que contrasta drasticamente com a ternura, o afeto, o cuidado e o respeito reservados às parceiras brancas, como demonstrado nas entrevistas.

A experiência de preterimento nas trajetórias de afeto foi outro tema crucial explorado. As mulheres negras descreveram uma sensação de serem constantemente colocadas em segundo plano, ou apenas escondidas dos olhares de aprovação social, não apenas em cenários românticos, mas também em interações sociais diárias. Essa marginalização afetiva não é apenas um reflexo de preferências pessoais isoladas; ela é sintomática de um tecido social que desvaloriza sistematicamente as mulheres negras que durante séculos foram tratadas como animais e não como seres humanos.

Isso me faz refletir o quanto que as mulheres negras experienciam e compartilham do sentimento de viverem relações “escondidas” que se apresentam apenas no ambiente privado. Me recordo da fala de uma amiga negra que certa vez, no auge seus 40 anos de idade, ressentida

de suas experiências amorosas me disse: “nas relações amorosas eu sou pantufa”. Para quem não sabe, pantufa são chinelos confortáveis em sua maioria feitos de pelúcia com desenhos e cores extravagantes e que são utilizados apenas em casa. A correlação que minha amiga faz de suas relações, com homens brancos, e as pantufas nos alerta sobre a dificuldade que as mulheres negras encontram para serem assumidas em um relacionamento por uma pessoa branca publicamente.

Importante destacar também que para algumas das nossas coirmãs são as relações de amor materno e comunitário que emergem como refúgios de aceitação e cuidado genuíno. Em contraste com a luta por reconhecimento e afirmação no campo romântico, essas relações são reconhecidas por fornecerem um espaço para as mulheres negras se sentirem valorizadas e amadas de forma verdadeira, para algumas delas inclusive o amor dedicado à família e de forma específica para filhas e filhos é o único considerado possível e acessível para elas.

Antes de finalizar estas poucas palavras retomo algumas das perguntas que orientaram o nosso caminho em direção aos significados de amor apresentados por nossas interlocutoras:

O processo sócio-histórico interfere na construção e percepção do que é amor para estas mulheres? Como a realidade imposta por nossa sociedade estruturalmente racista afeta as subjetividades das mulheres negras e de que forma, ou lançando mão de quais estratégias, estas mulheres subvertem a lógica racista excludente para vivenciarem relações amorosas?

Ao longo de todo o trabalho foi possível acessar nas histórias de vida das mulheres, o quanto que o processo sócio-histórico não só interfere em suas construções e percepções acerca do amor, como por muitas vezes impossibilita o reconhecimento de sua existência. Vimos também que em se tratando de uma sociedade extremamente racista as subjetividades das mulheres negras são drasticamente afetadas, inclusive considero importante em um outro momento dar sequência com o estudo, para discutir de maneira aprofundada o quanto que o racismo, a ausência do amor, a violência doméstica, a hipersexualização e tantas outras questões delicadas vividas pelas mulheres negras que buscam o amor, afetam a saúde mental destas mulheres. E sim podemos afirmar que várias estratégias vão sendo criadas por elas subvertendo a lógica racista excludente, que muitas vezes não as consideram como mulheres aptas para o amor e principalmente para as relações formais.

Dito estas palavras, posso finalmente afirmar o quão me senti honrada por poder compartilhar com vocês as narrativas que foram afetivamente compartilhadas primeiramente comigo. No momento sinto um misto de sensações, afinal de contas foram anos de caminhos tortuosos para chegarmos até aqui. É preciso gritar para o mundo que sim, mulheres negras amam e merecem ser amadas.

As considerações aqui expostas não pretendem ser conclusivas, até porque seguimos na luta, na resistência e na persistência em busca dos nossos amores, sejam elas (eles) quaisquer que sejam. Precisamos continuar falando sobre o amor, precisamos seguir na direção do desvendar novas formas e possibilidades de amar, principalmente àquelas que realmente incluam nossos corpos pretos. É fundamental que continuemos a explorar e desafiar as estruturas que perpetuam desigualdades, e trabalhar para uma compreensão mais inclusiva e equitativa do amor em todas as suas formas. Encorajo futuras pesquisas a expandir essas discussões, explorando mais profundamente como diferentes identidades e experiências moldam a realidade afetiva das mulheres negras em variados contextos sociais e culturais.

E por fim agradeço aos amores que encontrei ao longo da minha vida, os que vivi e aqueles que só ficaram na minha imaginação. Agradeço principalmente ao amor que encontramos no nascer da vida, no encontro com o primeiro respiro, que apesar de doloroso nos impulsiona a viver. Nanã e Iemanjá me carregaram até aqui e foi nas águas barrentas de Nanã e nas águas salgadas de Iemanjá que encontrei força para chegar neste ponto final.

Saluba Nanã.

Odoya Iemanjá.

REFERÊNCIAS

Akotirene, Carla (2018). *O que é interseccionalidade?* Coleção feminismos plurais. Belo Horizonte: Letramento.

Akotirene, Carla (2020). Ó pa í, prezada: racismo e sexismo institucionais tomando bonde nas penitenciárias femininas. São Paulo; Ed. Pólen.

Akotirene, Carla (2019). Ferramenta anticolonial poderosa: os 30 anos de interseccionalidade

Alencastro, Luiz Felipe. (2000). O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul. Companhia das Letras

Almeida, Sílvio (2018). *O que é racismo estrutural?* Coleção feminismos plurais. Belo Horizonte: Letramento.

Almeida, Sílvio (2018). Prefácio. In: Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor/ Lia Vainer Schucman. EDUFBA: Salvador.

Anzaldúa, Gloria. (1980). Falando em línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*. Ano 8. 1/2000.

APA Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Sistema Integrado de Bibliotecas. Orientações para elaboração de citações e referências: conforme a American Psychological Association (AP A) 7ª edição / elaboração: Fabiana Marques de Souza e Silva. Belo Horizonte, 2022. 57 p.: il.

Atlas da violência (2019). Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Arruda, Ângela. (2000). Feminismo, gênero e representações sociais. Feminismos: Teorias e Perspectivas. *Textos de História*, 8(1/2): 113-138.

Barros, Zelinda. S. (2003). *Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Disponível em: http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/14530

Baldin, N; Munhoz, E M. B. (2011). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf

Bardin, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

Bento, Maria Aparecida Silva (2014). Branqueamento e branquitude no Brasil. In: *Psicologia Social do Racismo*: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. (Org.). Iray Carone & Maria Aparecida Silva Bento

Braziliano, Patrick Aleixo (2022). O padrão dos casamentos inter-raciais no Brasil ao longo das últimas décadas. (Monografia de graduação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

Carneiro, Sueli (2003). Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, 17(49): 118-132.

Carneiro, Sueli (2023). Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. – 1 ed. – Rio de Janeiro - Zahar.

Castro, Ricardo. D. & Mayorga, Claudia (2019). Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. *Pesquisas e Práticas Psicossociais,* 14(3): 1-18.

Chamon, Andréa Regina Marques (2017). *As "mulatas" de Di Cavalcanti – um estudo em Psicologia Social*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Costa, Nathália Beatriz Almeida; Modesto João Gabriel. (2019). *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, 12(1): 100-115.

Corrêa, Mariza. (1996). Sobre a invenção da mulata. Cadernos Pagu (6-7): p.35-50. Recuperado de: http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1860

Crenshaw Kimberlé. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, 1: 171-88.

Collins, Patricia Hill. (2019). *Pensamento feminista negro*: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo.

Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma *(2021).* Interseccionalidade. Trad. Rane Souza. 1.ed – São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 2016).

Cunha, Maísa Faleiro. (2017). Casamentos mistos: entre a escravidão e a liberdade Franca-São Paulo/Brasil, século XIX. *R. bras. Est. Pop.*, 34(2): 223-242. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n2/0102-3098-rbepop-34-02-00223.pdf

Davis, Angela. (2019). Mulheres negras são raivosas e isso é bom, diz Ângela Davis em São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/mulheres-negras-sao-raivosas-e-isso-e-bom-diz-angela-davis-em-sao-paulo.shtml

Davis, Angela (2016). *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

Davis, Angela (2018). *A liberdade é uma luta constante*. Org. Frank Barat; Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

Fanon, Frantz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.

Fanon, Frantz (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu editora.

Figueiredo, Angela (2020). Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Tempo e argumento*, 12(29). dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102

Figueiredo, Angela (2018). Prefácio à edição brasileira. In. A liberdade é uma luta constante. Angela Davis. Org. Frank Barat; Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

Flauzina, Ana Luiza Pinheiro (2016). A medida da dor: politizando o sofrimento negro. In A. Flauzina & T. Pires (Orgs.), Encrespando - Anais do I Seminário Internacional: Refletindo a Década Internacional dos Afrodescendentes (ONU, 2015-2024) (pp. 63-74). Brasília: Brado Negro.

Flick, Uwe. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed.

Freeman, Elizabeth Hordge (2018). *A cor do amor*: características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras. Trad. Vitor Hugo Kebbe. São Paulo: EDUFSCAR.

Fraser, Márcia Tourinho Dantas. & Gondim, Sônia Maria Guedes. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia (ribeirão Preto), 14(28), 139–152. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004

García, Carlos Yela. (2002). *El amor desde la Psicologia Social*: ni tan libres, ni tan racionales. Ediones Piramides. Madri.

Giacomini, Sônia Maria. (1988). Mulher e escrava – uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes.

Giddens, Anthony. (1993). *A transformação da intimidade*: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades Modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, (Biblioteca básica).

Godoy, Arilda Schmidt (1995). Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. *Revista de administração de empresas*, 35(3): 20-29.

Gonzales, Lélia. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244.

Grijó, Wesley Pereira. (2016). A ideologia da mestiçagem nas telenovelas brasileiras. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0800-1.pdf

Guimarães, Antônio Sérgio Alfredo. (2002). *Classes, raça e democracia*. São Paulo: Ed. 34.

Guimarães, Antônio Sérgio Alfredo. (1995). Racismo e anti-racismo no Brasil. *Novos estudos-CEBRAP*, 43: 26-44.

Haraway, Donna. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5: 7-41.

Harding, Sandra (1998). *Existe un método Feminista?* Trad. Gloria Elena Bernal. Disponível em: https://urbanasmad.files.wordpress.com/2016/08/existe-un-mc3a9todo-feminista_s-harding.pdf

hooks, bell (2019). *Erguer a voz*: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante.

hooks, bell (2019). *Olhares negros*: raça e representação. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.

hooks, bell (2010). Vivendo de amor. Disponível em: http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf

hooks, b. (2021). Tudo sobre o amor: Novas perspectivas (M. Menezes, Trad.). Editora Elefante. (Original publicado em 2000).

Houaiss, Antônio & Villar, Mauro de Salles. (2011). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss. Objetiva.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2023) Censo Demográfico 2022 Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade. Rio de Janeiro – Brasil.

Jovchelovitch, Sandra; Bauer, Martin W. (2002). Entrevista Narrativa. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); Trad. Pedrinho A. Guareschi. 13. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes. P 93-113).

Kaufmann, Jean-Claude. (2018). A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Trad. Thiago de Abreu e Lima Florêncio; revisão técnica de Bruno César Cavalcanti. Petrópolis, RJ; Maceió, Al: Edufal. 2020 p.

Kozinets, Robert V. (2014). *Netnografia*: realizando pesquisa etnográfica online. Trad. Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso.

Kilomba, Grada (2019). *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jessé de Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.

Lima, Marcus Eugênio Oliveira (2003). Normas sociais e racismo: efeitos do igualitarismo e do individualismo meritocrático na infra-humanização dos negros. Tese de Doutorado não-publicada. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Lima, Marcus Eugênio Oliveira, & Vala, Jorge (2002). Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo. *Análise Social*, 37: 181-207.

Lima, Marcus Eugênio Oliveira, & Vala, Jorge. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9(3): 401-411.

Lima, Marcus Eugênio Oliveira (2011). Preconceito. In: Torres, Ana Raquel Rosas; Camino, Leoncio; Lima, Marcus Eugênio Oliveira; Pereira, Marcos Emanoel (Org.). *Psicologia social*: temas e teorias (pp.451-500). Brasília: Technopolitik.

Lopes, Joyce Souza (2014). Branco(a)- Mestiço(a): problematizações sobre a construção de uma localização racial intermediária. *Revista da ABPN*, 6(13): 47-73. Disponível em: http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/150

Lorde, Audre (2018). Olho no olho: mulheres negras, ódio e raiva. *Revista Serrote*, 29.

Lorde, Audre (2020*). Irmã outsider*: ensaios e conferências. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica.

Marcussi, Alexandre Almeida. (2013). Mestiçagem e perversão sexual em Gilberto Freyre e Arthur de Gobineau. Estudos Históricos (rio De Janeiro), 26(52), 275–293. https://doi.org/10.1590/S0103-21862013000200002

Matos, Teresa Cristina Furtado (2013). Na Boca do Mundo: afetos racializados no cinema brasileiro. *Revista Latino-americana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, 5(11), 59-69.

Mbembe, Achille (2018). Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tra. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições.

Medeiros, Priscila Martins; Vieira, Paulo Alberto dos Santos (2015). Da mestiçagem à reconstrução diaspórica do pertencimento étnico-racial. *PLURAL*. Disponível em: http://www.periodicos.usp.br/plural/article/view/112455/110407

Moscovici, Serge (2012). Representação Social: um conceito perdido. In S. Moscovici. A psicanálise, sua imagem e seu público (Sonia Fuhrmann, trad., Coleção Psicologia Social). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1961, Cap. 1). p.39-75.

Moutinho, Laura (2004) Razão, "cor" e desejo. São Paulo, Editora Unesp.

Narita, Stella (2006). Notas de pesquisa de campo em psicologia social. *Psicologia & Sociedade*; 18(2): 25-31.

Nascimento, Beatriz (1990). A mulher negra e o amor. Jornal Maioria Falante. Fevereiro – março – 1990 Disponível em: https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-e-o-amor/

Noguera, Renato. (2020). Do amor romântico ao amor platônico. In: Porque amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil.

Oliveira, Fátima O. de; Werba, Graziela C. (2012) Representações sociais. In: Psicologia Social Contemporânea: livro/texto/ Marlene Neves Strey.1/2 et al. ½ 20. Ed. Petrópolis, RJ. P. 104-117.

Pacheco, Ana Cláudia Lemos (2013). *Mulher negra*: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013. (Coleção Temas Afro)

Pacheco, Ana Cláudia Lemos. (2008) "*Branca para casar, mulata para f.... e negra para trabalhar": escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia"*. Tese de Doutorado Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: https://www.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2015/09/PachecoAnaClaudiaLemos.pdf

Penrod, J., Preston, D. B, CAIN, R., & Starks, M. T. (2003). A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. *Journal of transcultural nursing*, 4(2): 100-107.

Priore, Mary Del (2015). *História do amor no Brasil*. 3.ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

Ribeiro, Djamila (2017). Lugar de fala. Belo Horizonte. Letramento: justificando. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

Ribeiro, Djamila (2018). *Quem tem medo do feminismo negro*? São Paulo: Companhia das Letras.

Ribeiro, Djamila (2019). Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro) 112 p.

Ribeiro, Manoel Pinto (2007). As formações discursivas sobre a mulher na música popular brasileira (1930-1945). Tese de Doutorado, Pós-graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense. Recuperado de: http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2008-02-27T140245Z-1331/Publico/Manoel%20Ribeiro-tese.pdf

Santos, Gisele Aparecida dos. (2005). A invenção do "ser negro": um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ.

Sawaia, Bader B. (1999). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes.

Souza, Neusa Santos (2008). Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social (2ª ed.). Graal.

Souza, Tatiana Machiavelli Carmo, & Sabini, Kelen (2015). Mas o que é o amor? Representações sociais em mulheres em contexto de violência doméstica. *Perspectivas em Psicologia*, 19(1), 162- 178.

Schucman, Lia Vainer (2018). *Famílias inter-raciais*: tensões entre cor e amor. Edufba: Salvador.

Silveira, Raquel da Silva. Nardi; Henrique Caetano Nardi. (2014). Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha. Psicologia & Sociedade; 26(n. spe.), 14-24.

Spivak, Gayatri Chakravorty. (2014). Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Xavier, Giovana (2017). "Feminismo: direitos autorais de uma prática linda e preta". *Folha de S. Paulo*, 19 jul. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/JVA9FJ>. Acesso em: 25 set. 2017

Vala, Jorge (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In: J. Vala; M. B. Monteiro (Orgs.) *Psicologia social* (6.ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vala, Jorge (2015). Racismos: representações sociais, preconceito racial e pressões normativas. In: *As representações sociais nas sociedades em mudança*. (Orgs). Jorge Correia Jesuíno; Felismina R.P. Mendes Manuel José Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes. (Coleção Psicologia Social) p. 153-183.

Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da Violência. Homicídio de Mulheres no Brasil. Brasília: Flacos Brasil. Recuperado de: www.mapadaviolencia.org.br.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CARTA APRESENTAÇÃO

Universidade Federal de Minas Gerais

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

Prezada participante,

Convido-lhe para participar da pesquisa “Então para mim se existe o amor ele é para mulher branca, ele não é para mim não”: significados e práticas de amor para mulheres negras que viveram relacionamentos interraciais. que está sendo desenvolvida pela pesquisadora Andréa Regina Marques Chamon, doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação acadêmica do Professor Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento e coorientação da Professora Drª Ana Cláudia Lemos Pacheco. Irão compor o estudo, mulheres negras heterossexuais e não heterossexuais, com a idade a partir de 18 anos, que estão ou já estiveram em relacionamento amoroso com homens e/ou mulheres brancas residentes em Belo Horizonte e na região metropolitana.

A pesquisa busca considerando os saberes socialmente construídos e compartilhados pelos grupos e a “encruzilhada” de marcadores sociais interpostos, na qual a mulher negra encontra-se centralizada, pretende-se identificar e analisar a representação social de amor para mulheres negras que estão ou já estiveram em um relacionamento afetivo-sexual com homens ou mulheres brancas. Retomar e discutir a noção de amor enquanto uma construção histórica, social e psicossocial a partir da perspectiva das mulheres entrevistadas. Compreender como gênero, raça, classe, afetividade e sexualidade impactam as representações sociais de amor dessas mulheres.

Esclareço que o presente estudo garantirá o direito de manifestação da liberdade e autonomia das informantes, respeitando sua vontade expressa de participação ou não. Para a realização das entrevistas, utilizaremos uma das plataformas como Skype, Google Meet ou qualquer outra da preferência da participante. Trata-se de uma pesquisa científica, sem relação lucrativa e a participação é voluntária, opcional e livre. As participantes podem interromper a

contribuição ou solicitar posteriormente que sua entrevista seja retirada do banco de dados da pesquisa e seu direito de abstenção será expressamente respeitado, poderá pular qualquer questão, se recusar a responder ou encerrar a entrevista a qualquer momento. A entrevista será realizada com cada participante individualmente, em um encontro com duração média de 50 minutos.

A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e para fins científicos e acadêmicos, o sigilo será mantido de modo a garantir que nenhuma participante seja identificada. Será feito o registro das informações através de gravação disponibilizado pela própria plataforma que será utilizada. Os dados obtidos serão transcritos na íntegra e posteriormente serão submetidos à apreciação de cada participante por meio de uma via impressa, com a finalidade de garantir a fidedignidade dos conteúdos expressos no momento da entrevista. O material obtido das gravações será armazenado pelo período de 5 anos, aos cuidados do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Considerando-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve riscos, os danos eventuais que este estudo poderá ocasionar-lhe é relacionado a um possível desconforto psicológico com relação à entrevista. O risco também pode ocorrer devido ao tempo de duração da entrevista, os danos previsíveis serão evitados. Se o mesmo ocorrer todo suporte será oferecido, uma vez que a pesquisadora tem ampla experiência com a clínica e com atendimentos realizados online, podendo identificar os possíveis casos que necessitam de acompanhamento e os encaminhando para o SPA-UFMG (Serviço de Psicologia Aplicada- Universidade Federal de Minas Gerais), pelo tempo que for necessário se trata de um serviço gratuito. À participante da pesquisa também é garantido o direito de procurar indenização por danos eventuais.

Asseguramos à Sr.ª o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo a participante, pelo tempo que for necessário.

Esse termo será impresso e assinado em duas vias, sendo uma entregue a cada participante como garantia dos seus direitos supracitados e a outra estará com a pesquisadora responsável como forma de garantia da autonomia de publicação dos dados construídos ao longo da pesquisa. No final da realização desta pesquisa, será realizado um contato com cada participante, com o intuito de realização de entrevista devolutiva.

Qualquer outro esclarecimento sobre a pesquisa poderá ser feito ao entrar em contato com a responsável pela pesquisa, Andréa Regina Marques Chamon – através do e-mail: andreachamon.psi@gmail.com, ou telefone (31) 99417-8195. Esclarecimentos e informações sobre as dúvidas éticas, também poderão ser obtidos a partir do contato com o Comitê de Ética

em pesquisa da UFMG através dos contatos: Telefone: 3409-4592 e-mail: coep@prpq.ufmg.br. Os demais contatos deverão ser realizados com a pesquisadora.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome: _____

Raça/cor_____

Idade: _____ Atuação profissional: _____Naturalidade: _____

Atesto que fui esclarecida sobre a pesquisa intitulada "Então para mim se existe o amor ele é para mulher branca, ele não é para mim não": significados e práticas de amor para mulheres negras que viveram relacionamentos interraciais. que estou ciente que para participar deste estudo terei que responder a uma entrevista. Declaro que fui esclarecida que poderei, a qualquer momento, desistir de minha participação sem sofrer nenhum tipo de consequência por esta decisão. Para isso entrarei em contato por e-mail com a responsável pelo projeto a pesquisadora Andréa Regina Marques Chamon. Também fui informada que este estudo tem caráter puramente científico e que meus dados pessoais serão mantidos em sigilo pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, sendo garantido meu anonimato em todas as publicações oriundas dessa pesquisa. Estou ciente de que minha participação é totalmente voluntária e não terei direito a remuneração.

_____, _____de _____de 2021

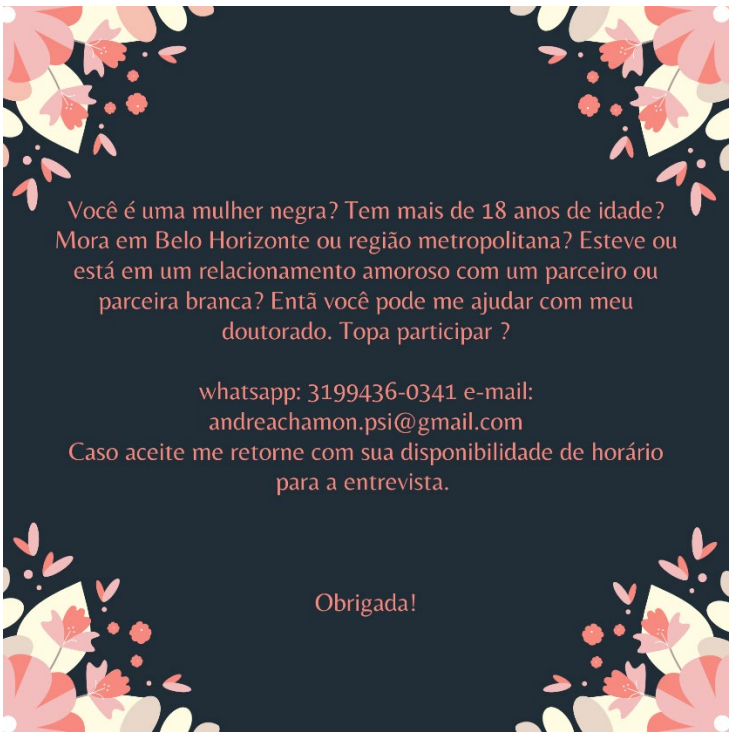
Telefone e e-mail para contato: (31) 99417-8195/ andreachamon.psi@gmail.com

_____ _____

Pesquisadora Responsável Colaboradora da pesquisa

ANEXO B

Arte do convite publicado no Instagram



ANEXO C

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Me fale um pouco sobre você, sua história.

B- Neste momento , você está em um relacionamento?

2. Me fale um pouco da (do) sua (seu) companheira (O).

3. Esse é um relacionamento inter-racial? Fale sobre esse relacionamento

4. Fale sobre o namoro, quando você começou a namorar?

5. Fale um pouco sobre seus relacionamentos amorosos?

6. Para você o que é o amor?

7. Para você o amor tem cor?

8. Me conte um pouco da sua relação inter-racial: Como se conheceram? Há quanto tempo se relacionam ou se relacionaram?

9. Como é viver em um relacionamento como o de vocês?

10. Me fale um pouco sobre a família de vocês, sobre os seus amigos.

11. Você considera ter vivido alguma situação de discriminação enquanto estava com este ou esta parceira? Qual foi a discriminação? Se disser que sofreu na família buscar mais informações sobre.

12. Você considera ter vivido alguma experiência de discriminação racial em espaços públicos por estar acompanhada com seu parceiro ou parceira branca/o?

13. Você já sofreu alguma discriminação racial em espaços educacionais- escolas- Universidades e/ ou em estabelecimentos comerciais públicos, por estar acompanhada com seu parceiro/a?

14. Você conhece algum caso de mulheres negras que já foram discriminadas por se relacionarem com parceiros/as de outra cor/raça e ou etnia diferente?

15. Lembra que eu te perguntei que o amor tem cor? Vou te fazer mais duas perguntas, você acha que o amor tem Gênero? O amor tem Classe?

16. Tem mais alguma coisa que você se lembrou durante nossa conversa e que gostaria de comentar?

PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS ENTREVISTADAS

1. Nome ou apelido: ou nome social
2. Idade:
3. Cor:
4. Estado conjugal: solteira e / ou mantém união formal – união estável- união consensual - coabitação – e sem coabitação- outro tipo de relação :
5. Origem: cidade de nascimento: Origem: rural (...) urbana (...)
6. Até que ano você estudou?
7. Profissão ou ocupação: _____ função _____ há quanto tempo exerce esta ocupação? Profissão/ocupação dos pais:
8. Renda individual: de ( ) 1 a 5 sl.mínimos ( ) de 5 sls a 10 ( ) de 10 a 15 ( ) + de 15 sls ( )
11.Têm filhos? _____ quantos? ___ dependentes_____
9. Tem alguma Religião ? É praticante?